UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

RILDO FERREIRA COELHO DA SILVA

SANTA ROSA DA LINHA E DA COR:
o passado presente por meio da escrita autobiográfica

João Pessoa
2018

RILDO FERREIRA COELHO DA SILVA

SANTA ROSA DA LINHA E DA COR:
o passado presente por meio da escrita autobiográfica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para obtenção do titulo de Mestre.

Linha de Pesquisa: Informação, Memória e Sociedade.

Orientadora: Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.

João Pessoa
2018

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586s Silva, Rildo Ferreira Coelho da.
Santa Rosa da linha e da cor: o passado presente por meio da escrita autobiográfica / Rildo Ferreira Coelho da Silva. - João Pessoa, 2018.
302 f. : il.

Orientação: Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCSA.

1. Ciência da informação. 2. Escrita de si. 3. Memória autobiográfica. 4. Tomás Santa Rosa - Repertório autobiográfico. I. Oliveira, Bernardina Maria Juvenal Freire de. II. Título.

UFPB/BC

RILDO FERREIRA COELHO DA SILVA

SANTA ROSA DA LINHA E DA COR:
o passado presente por meio da escrita autobiográfica

Aprovada em: 28/03/2018

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira
(Orientadora - PPGCI/ UFPB)

Profª Drª Izabel França de Lima
(Membro Interno - PPGCI/ UFPB)

Prof. Dr. Carlos José Cartaxo
(Membro Externo - CCTA/ UFPB)

Prof. Drª Maria Nilza Barbosa Rosa
(Membro Interno - PPGCI/ UFPB)

Prof. Drª Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano
(Suplente Externo - CCHLA/ UFPB)

"O mundo é feito para culminar num belo livro"
Stéphane Marllamé

A Josilene Coelho, minha amada esposa, companheira
e ajudadora. Ossos dos meus ossos e
carne da minha carne.
Dedico!

AGRADECIMENTOS

Ao Senhor Deus, fonte de toda boa dádiva e todo dom perfeito, por meio de quem efetuei tanto o querer quanto o realizar deste trabalho. A Ele toda a honra, todo o louvor e toda a glória!

A minha amada esposa Josilene Coelho, que sempre apoia, encoraja e incentiva cada projeto meu como se fosse dela, só existindo mesmo nosso.

Ao meu filho Teodoro Coelho, presente de Deus, que nasceu em meio a este trabalho acadêmico e tem me ensinado a administrar o tempo e as prioridades de uma maneira única.

Aos meus familiares, minha mãe Maria Hilda Ferreira, por sempre me apontar o caminho dos estudos, meu tio Luiz Fabrício Gomes, por cada livro que alicerçou minha formação e a minha avó Irene Ferreira, por me mostrar desde muito cedo o passado de uma maneira viva.

A minha orientadora professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, pelas ações de apoio e ânimo, quando eu tinha apenas um anteprojeto de pesquisa nas mãos. Suas contribuições ecoarão para sempre na minha formação acadêmica.

A Universidade Federal da Paraíba - UFPB, através de todos que integram o Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação - PPGCI/ UFPB, bem como todos os integrantes do Grupo de Estudos e Pesquisa em Cultura, Informação, Memória e Patrimônio – GECIMP.

A minha banca examinadora, nas pessoas da professora Bernardina Maria Juvenal Freire de Oliveira, professora Izabel França de Lima, professora Maria Nilza Barbosa Rosa e o professor Carlos José Cartaxo.

Aos colegas de turma de mestrado PPGCI/ UFPB - 2016, pelo companheirismo e parcerias importantes no ambiente de sala de aula.

A Editora UFPB, que para mim tem inúmeros rostos e mãos amigos, onde diariamente construímos juntos com muito trabalho, dedicação e parceria esse bem tão precioso, o livro. Destaco a minha equipe de Editoração, a diretora professora Izabel França de Lima e a secretária Geisa Fabiane pelo apoio constante.

A todos que compõem o Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional -NDIHR/ UFPB e ao Museu José Lins do Rego do Espaço Cultural José Lins do Rego, locais onde fui muito bem recebido com total apoio para a realização das pesquisas que resultaram neste trabalho.

RESUMO

A partir do repertório autobiográfico de Tomás Santa Rosa Júnior, é possível ressignificar as suas memórias e experiências pessoais, e ainda, o contexto social e político de acontecimentos históricos, da sua época, que faz parte da memória coletiva. Analisa-se a sua produção técnica e artística impressa, enquanto um espaço revelador de sua memória autobiográfica, por meio da escrita de si. Ao mapear essa produção, indaga-se sobre a memória autobiográfica enquanto escrita de si, presente nas cartas de Santa Rosa para José Simeão Leal, construindo uma trajetória de vida. Foca-se ainda na produção das capas dos livros de José Lins do Rêgo associada a outros documentos. Utiliza-se da abordagem qualitativa do tipo documental através do exame minucioso nos documentos, presentes nos arquivos, trazendo novas possibilidades de compreensão do objeto de estudo. O conjunto dos documentos analisados abrange as cartas de Tomás Santa Rosa a José Simeão Leal, do Arquivo Privado Pessoal de José Simeão Leal do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFPB), bem como as capas das primeiras edições dos romances escritos por José Lins do Rego da Biblioteca do Museu José Lins do Rego, no Espaço Cultural de João Pessoa, Paraíba, ilustradas e interpretadas por Santa Rosa. A memória autobiográfica, por meio da escrita de si, de Santa Rosa, transparece a personalidade do homem, rico em talento e profícuo em obras, construindo matéria prima do mais alto valor social e estético para nossas memórias.

Palavras chave: Memória de si. Escrita de si. Autobiografia. Tomás Santa Rosa Júnior.

ABSTRACT

Stemming from the autobiographic repertoire of Tomás Santa Rosa Júnior, it is possible to give new meaning to his personal memories and experiences, as well as the social and political context of his time, which is part of the collective memory. It is analyzed his technical and artistic printed production, as a revealing space of his autobiographic memory, through the self-writing. By mapping this production, it asks about the autobiographic memory as self-writing, present in the letters from Santa Rosa to José Simeão Leal, constructing a life trajectory. It still focuses on the production of book covers of José Lins do Rego associated with other documents. The qualitative approach of documental type is used through the detailed examination of documents, bringing new possibilities to understand the object of study. The set of the analyzed documents encompasses the letters from Tomás Santa Rosa to José Simeão Leal, of the Personal Private File of José Simeão Leal, of the Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFPB), as well as the covers of the first editions of the romances written by José Lins do Rego of the Library of the José Lins do Rego Museum, at the Espaço Cultural, in João Pessoa, Paraíba, illustrated and interpreted by Santa Rosa. The autobiographic memory, through the self-writing, of Santa Rosa, transpires the personality of the man, rich in talent and fruitful in works, constructing raw material with high social and aesthetic value to our memories.

Keywords: Self-memory. Self-writing. Autobiography. Tomás Santa Rosa Júnior.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Diagrama da pesquisa 18

Figura 2: Casa onde Santa Rosa nasceu 20

Figura 3: Santa Rosa com 18 anos 21

Figura 4: Santa Rosa, anos 1950 23

Figura 5: Roberto Assumpção, Santa Rosa, mulher indiana e Simeão Leal na recepção do Malden's Hotel Delhi (1956) 24

Figura 6: Paulo Mendonça, Roberto Assumpção, Santa Rosa e Simeão Leal na Índia (1956) 24

Figura 7: Pescadores (1943) 27

Figura 8: Lavadeiras da Paraíba (1945) 28

Figura 9: Sem Título (1952) 29

Figura 10: Músicos (sem data) 30

Figura 11: Lembranças de Chirico (1950) 31

Figura 12: Capa de livro - Jorge Amado 38

Figura 13: Páginas internas de livro 40

Figura 14: Capas diversas 41

Figura 15: Capa de livro - Graciliano Ramos 43

Figura 16: Cenário da peça Vestido de Noiva de Nelson Rodrigues 48

Figura 17: Figurino de teatro 49

Figura 18: Figurino de teatro 50

Figura 19: Carta n. 01, p. 1 56

Figura 20: Carta n. 01, p. 2 57

Figura 21: Carta n. 01, p. 3 58

Figura 22: Carta n. 01, p. 4 59

Figura 23: Carta n. 14, p. 1 60

Figura 24: Carta n. 14, p. 2 61

Figura 25: Carta n. 02, p. 1 63

Figura 26: Carta n. 02, p. 2 64

Figura 27: Carta n. 02, p. 3 65

Figura 28: Carta n. 07, p. 1 68

Figura 29: Carta n. 11, p. 1 e p. 2 71
Figura 30: Carta n. 11, p. 3 72
Figura 31: Carta n. 13, p. 1 74
Figura 32: Carta n. 13, p. 2 75
Figura 33: Carta n. 13, p. 3 76
Figura 34: Carta n. 13, p. 4 77
Figura 35: Carta n. 22, p. 1 79
Figura 36: Carta n. 08, p. 1 84
Figura 37: Carta n. 10, p. 1 85
Figura 38: Carta n. 15, p. 1 e p. 2 87
Figura 39: Carta n. 15, p. 3 e p. 4 88
Figura 40: Carta n. 15, p. 5 89
Figura 41: Carta n. 18, p. 1 91
Figura 42: Carta n. 18, p. 2 92
Figura 43: Carta n. 18, p. 3 93
Figura 44: Carta n. 18, p. 4 94
Figura 45: Carta n. 18, p. 5 95
Figura 46: Carta n. 18, p. 6 96
Figura 47: Carta n. 24, p. 1 99
Figura 48: Carta n. 24, p. 2 100
Figura 49: Carta n. 24, p. 3 101
Figura 50: Carta n. 24, p. 4 102
Figura 51: Carta n. 24, p. 5 103
Figura 52: Carta n. 24, p. 6 104
Figura 53: Carta n. 24, p. 7 105
Figura 54: Carta n. 30, p. 1 107
Figura 55: Carta n. 30, p. 2 108
Figura 56: Carta n. 35, p. 1 110
Figura 57: Carta n. 35, p. 2 111
Figura 58: Carta n. 35, p. 3 112
Figura 59: Carta n. 35, p. 4 113

Figura 60: Carta n. 37, p. 1 115
Figura 61: Carta n. 37, p. 2 116
Figura 62: Carta n. 39, p. 1 118
Figura 63: Carta n. 39, p. 2 119
Figura 64: Carta n. 39, p. 3 120
Figura 65: Carta n. 40, p. 1 122
Figura 66: Carta n. 40, p. 2 123
Figura 67: Carta n. 40, p. 3 124
Figura 68: Carta n. 40, p. 4 125
Figura 69: Carta n. 43, p. 1 127
Figura 70: Carta n. 43, p. 2 128
Figura 71: Capa de livro - Doidinho (1933) - José Lins do Rego 134
Figura 72: Capa de livro - Banguê (1934) - José Lins do Rego 136
Figura 73: Capa de livro - Menino de Engenho (1934) - José Lins do Rego 138
Figura 74: Capa de livro - Menino de Engenho (1935) - José Lins do Rego 140
Figura 75: Capa de livro - O Moleque Ricardo (1935) - José Lins do Rego 141
Figura 76: Capa de livro - O Moleque Ricardo (1936) - José Lins do Rego 143
Figura 77: Folha de Rosto - O Moleque Ricardo (1936) - José Lins do Rego 144
Figura 78: Capa de livro - Usina (1936) - José Lins do Rego 146
Figura 79: Capa de livro - Usina (1940) - 2° Ed. - José Lins do Rego 147
Figura 80: Folha de Rosto - Usina (1940) - 2° Ed. - José Lins do Rego 148
Figura 81: Capa de livro - Fogo Morto (1943) - José Lins do Rego 149
Figura 82: Capa de livro - Pedra Bonita (1938) - José Lins do Rego 151
Figura 83: Capa de livro - Pedra Bonita (1938) - 2° Ed. - José Lins do Rego 152
Figura 84: Capa de livro - Cangaceiros (1953) - José Lins do Rego 155
Figura 85: Ilustração de Histórias da Velha Totonia - José Lins do Rego 157
Figura 86: Capa de livro - Histórias da Velha Totonia - José Lins do Rego 158
Figura 87: Capa de livro - Pureza (1937) - José Lins do Rego 160
Figura 88: Capa de livro - Pureza (1940) - 2° Ed. - José Lins do Rego 161
Figura 89: Capa de livro - Riacho Doce (1939) - José Lins do Rego 163
Figura 90: Capa de livro - Àgua-Mãe (1941) - José Lins do Rego 165

Figura 91: Capa de livro - Eurídice (1947) - José Lins do Rego 166
Figura 92: Capa de livro - Menino de Eng. (2015) - 100° Ed. - José L. do Rego 170

SUMÁRIO

1 (RE)ENCONTRO COM O OBJETO: PRELIMINARES **12**
1.1 TRAÇOS METODOLÓGICOS 15
1.2 FORMAS DE EXAME E CRÍTICA DOS DOCUMENTOS 15
1.3 PISTAS, VESTÍGIOS E CONEXÕES 17

2 A TRAJETÓRIA DE TOMÁS SANTA ROSA **20**
2.1 UMA PAUSA NAS ARTES 22
2.2 DEDICAÇÃO ÀS ARTES 26

3 ARTE INVISÍVEL: A ARTE DE FAZER LIVROS **35**
3.1 ARCA DO TESOURO: MOSAICO 37
3.2 DO UNIVERSO BIDIMENSIONAL PARA O TRIDIMENSIONAL 45

4 MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA E A ESCRITA DE SI: CARTAS DE SANTA ROSA A JOSÉ SIMEÃO LEAL **52**
4.1 A INTERLOCUÇÃO COM JOSÉ SIMEÃO LEAL 55
4.2 O QUE SE TECE NA ESCRITA DE SI 82

5 A PRODUÇÃO TÉCNICA E ARTÍSTICA DE SANTA ROSA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO RÊGO **130**
5.1 IMAGENS, ARTE E SENSIBILIDADE, REFLETIDAS NAS CAPAS: PRIMEIRO CICLO 133
5.2 DO MISTICISMO AO CANGAÇO: SEGUNDO CICLO 150
5.3 TEMÁTICA LIVRE: TERCEIRO CICLO 156

6 ARTE FINAL: ACABAMENTOS **168**

REFERÊNCIAS **173**

ANEXOS **178**
ANEXO A - CATÁLOGO CORRESPODÊNCIAS/ NDIHR REMETENTE: TOMÁS SANTA ROSA JÚNIOR 179
ANEXO B - CARTAS DE TOMÁS SANTA ROSA JÚNIOR PARA JOSÉ SIMEÃO LEAL 186
ANEXO C - CATÁLOGO CORRESPODÊNCIAS/ NDIHR REMETENTE: JOSÉ SIMEÃO LEAL 242
ANEXO D - CARTAS DE JOSÉ SIMEÃO LEAL PARA TOMÁS SANTA ROSA JÚNIOR 245

1 (RE)ENCONTRO COM O OBJETO: PRELIMINARES

Tudo que se passa
No onde vivemos
É em nós que se passa.
Tudo que cessa
No que vemos
É em nós que cessa.
(Fernando Pessoa)

A epígrafe introdutória deste capítulo remete-nos a pensar no que vivemos e o que trazemos dessas vivências, especialmente, onde podemos e como queremos chegar. Assim, caminhamos em busca do objeto de estudo. Nesse caminhar retornamos ao passado como uma espécie de chamamento ao lugar de onde partimos, especificamente no meu caso, do lugar do designer de interiores, do designer de livros, profissão que exerço e na qual me formei. É salutar dizer que a área abraçada possui uma relação direta com a arte e com ela todos os movimentos que propiciam aos que dela fazem uso. Por outro lado, a arte que tenho desenvolvido com mais fertilidade é a arte da diagramação o que me aproximou, sobremodo de dois elementos: o livro e a informação.

O olhar sempre interessado por livros me fez atento quando visitei a IX Feira Literária de Pernambuco - Fliporto 2013 em Olinda, que tinha como homenageado naquele ano o escritor José Lins do Rego. Acontecia a 100° edição da sua obra icônica, Menino de Engenho (1932), e estava presente na capa deste livro comemorativo uma ilustração que capturou minha atenção por sua força em expressão gráfica, rapidamente busquei na ficha técnica o autor dessa ilustração, foi quando li pela primeira vez: Santa Rosa.

Motivado por essa relação deu-se um reencontro com o passado que se misturou, quase que, instantaneamente, com o presente. Busquei a Ciência da Informação e descobri a possibilidade de uma intersecção da relação livro, informação e memória. Outro elemento se agregou ao processo, nesse sentido, os fios do passado me levaram a pensar a história do livro moderno, especificamente no

Brasil que já se inicia de certo modo, tardio. Seus passos se dão bem no início do século XX, com a chegada de maquinário gráfico cada vez mais apropriado para um perfeito fabril de impressos, principalmente livros e mão de obra especializada no planejamento e execução desses trabalhos, o que me direcionou a conhecer e pesquisar sobre a produção gráfica brasileira do início do século XX (HALLEWELL, 1985), tornando um encontro possível com um nome, considerado um dos pais do livro moderno brasileiro, o paraibano Tomás Santa Rosa Júnior, ou simplesmente, Santa Rosa, como é conhecido.

Enquanto servidor da UFPB e atuante como designer gráfico na Editora UFPB tinha como ideia inicial trabalhar um tema que ligasse três pontos: livro, design gráfico e artes plásticas, tornando estes, o tripé sobre o qual pretendia apoiar minhas investigações. Tal intento possibilitou-me construir um projeto de pesquisa para mestrado no PPGCI/UFPB. Neste interim, cursei a disciplina Memória e identidade, na condição de ouvinte, o que me auxiliou a aclarar ideias e delinear o objeto de estudo que se volta para a relação informação, memória e acervos pessoais, tomando como foco os documentos de Santa Rosa.

Após ingressar formalmente no PPGCI e cursar as disciplinas ofertadas para a linha de pesquisa "Informação, Memória e Sociedade", a qual estou vinculado, associado a outras leituras paralelas, houve o que costumamos nomear de filtragem temática, advinda das inúmeras reflexões em sala de aula e fora dela, permanecendo, todavia, com o tripé livro, design gráfico e artes plásticas. Nesse tear, cores e formas foram se fortalecendo e Santa Rosa tornou-se ainda mais presente. Leitor ávido de sua vida e obra - ainda que escassa de material bibliográfico -, procurei descortinar de modo mais aprofundado os traços, as cores, os detalhes, os movimentos, enfim, a trajetória desse pessoense que tanto contribuiu para a produção técnica e artística brasileira e que acaba por se refletir nas Américas e no mundo Europeu. E parti então para mapear, de maneira exploratória, toda a produção sobre vida e obra de Santa Rosa, ou Santa, modo como seus amigos próximos também o chamavam; uma ação capaz de provocar impactos, considerando que, do levantamento realizado identificamos apenas as obras, por ordem de descoberta: O design brasileiro antes do design (2005) de Rafael Cardoso; Santa Rosa em cena (1982) de Cássio Emmanuel

Barsante; A vida ilustrada de Tomás Santa Rosa (1993), de Cássio Emmanuel Barsante; e Capas de Santa (2015), de Luís Bueno. Destas, poucas se revelam suficientes para conhecermos a "trajetória" de Santa Rosa, compreendida neste trabalho a partir da perspectiva de Bourdieu (1989), que torna possível conhecer aspectos mais particulares da trajetória de um indivíduo com base em pontos de interesse que resultam em disputas e conflitos, ponto de sustentação de nossa investigação.

Continuamos a busca incessante por outros documentos, o que foi possível, em acervos diversos, a exemplo das cartas de Tomás Santa Rosa a José Simeão Leal, disponíveis no Arquivo Privado Pessoal de José Simeão Leal sob a guarda do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFPB), além do conjunto de obras de artes (Pinturas) que pertencem ao Patrimônio do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), que vieram para a Unidade de João Pessoa, local em que fica sediado o INSS Cultural do País. Acrescente-se a esses documentos cartas pessoais, fotografias, recortes de jornais e suas ligações com outros intelectuais da história literocultural brasileira.

Ao mergulharmos, ainda que exploratoriamente, em documentos, livros e acervos, muitas indagações foram aflorando, dentre as quais, tomamos como questão norteadora dessa investigação, a seguinte pergunta: *Até que ponto a produção técnica e artística impressa de Tomás Santa Rosa pode revelar traços de sua memória autobiográfica, por meio da escrita de si?*

Com vistas a responder a esse questionamento traçamos como objetivo geral: Analisar a produção técnica e artística impressa de Tomás Santa Rosa enquanto espaço revelador de sua memória autobiográfica, por meio da escrita de si.

Para tanto, consideramos como objetivos específicos: a) Mapear a produção técnica e artística de Tomás Santa Rosa; b) Indagar sobre a memória autobiográfica enquanto escrita de si, nas cartas de Tomás Santa Rosa a José Simeão Leal; e c) Construir a trajetória de Santa Rosa considerando sua produção técnica e artística impressa na obra de José Lins do Rêgo associada a outros documentos.

1.1 TRAÇOS METODOLÓGICOS

Com vista a responder a indagação norteadora formulada nesta pesquisa e aos objetivos traçados, tornou-se necessário percorrer os caminhos da abordagem qualitativa do tipo documental, ajustando-a aos interesses específicos de nosso objeto. Desse modo, compreendemos a metodologia como uma possibilidade também prática que vai ao encontro do objeto e, não apenas, uma transcrição daquilo que se estabelece enquanto aspecto puramente teórico. Dessa forma, sentimos a necessidade de teorizá-la, mas, sobretudo, de descrever as fases e percursos que nos auxiliaram a traçar nosso encontro com o objeto.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, possibilita uma aproximação entre o sujeito e o objeto e nesse ponto tornou-se fundamental, pois foi através dela (tendo por base a análise dos motivos e intenções) que foram desveladas as ações e estruturas encontradas como mais significativas para o estudo. E, mesmo sendo, no campo das compreensões subjetivas que a abordagem qualitativa se desenvolve, consideramos para além de uma realidade introspectiva em si mesmo, com uma posição mais dialética, como a adotada pela abordagem qualitativa do tipo documental (MINAYO; SANCHES, 1993).

Para realizar uma pesquisa, de abordagem qualitativa do tipo documental, é necessário esgotar o maior número possível de rastros, que evoquem o que consideramos informações fortes (MORIN, 1986). O exame minucioso nos documentos presentes nos arquivos trouxe novas possibilidades de compreensão do nosso objeto de estudo, ou ainda mudanças em pressupostos considerados inicialmente (CELLARD, 2008), restando para tanto também flexibilidade no rigor da análise dos dados.

1.2 FORMAS DE EXAME E CRÍTICA DOS DOCUMENTOS

Ao nos aproximarmos dos documentos não podemos transformá-los. Faz-se necessário compor as fontes sobre as quais construiremos nossos dados e sobre os quais as informações irão emergir em conhecimento do nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, "a ideia de fonte adquire sua importância fundamental quando se repara que todo conhecimento há sempre algo para a quase inesgotável exploração de 'pistas'." (ARÓSTEGUI, 2006, p. 491).

Nos documentos selecionados para análise em nossa pesquisa, está a produção técnica e artística impressa de Santa Rosa na obra do José Lins do Rego. De maneira isolada, essa produção não se apresenta suficiente, mas para delinear sua trajetória foi necessária uma mescla de conteúdos que somados aos demais são capazes de revelar novas e plurais nuances do homem e do artista paraibano.

Recolhendo fatos que de certa maneira, devido à aproximação com o nosso objeto, já se apresentam como informações, seu agrupamento gerou o passo seguinte na construção dos relatos, numa sequência não exatamente cronológica, mas conduzida pelas diversas fases que um artista atravessa em sua carreira, influenciadas pelo contexto sociocultural brasileiro e mundial.

No conjunto dos documentos destacamos as cartas de Tomás Santa Rosa a José Simeão Leal, localizadas no Arquivo Privado Pessoal de José Simeão Leal do Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR/UFPB), o que nos colocam face a face com sua memória autobiográfica, ou seja, a escrita de si e per si, ou ainda informações do eu. Após ter estudado as cartas que Santa Rosa remeteu a José Simeão Leal, tentando levantar linhas biográficas que lhe completem o perfil conhecido. Essa correspondência compreende cartas iniciadas em torno de 1931 até a década de 1950.

Os sinais ou pistas encontrados durante a pesquisa serviram como signos (GINZBURBG, 2005), e possuem significados dentro da categoria em que estamos trabalhando: memória autobiográfica ou escrita de si ou informação do eu. Desse modo, parte da nossa pesquisa foi concluída frente à produção artística de design de livros, com base na pesquisa do professor Luís Bueno, e de telas de Santa Rosa que pertencem ao Patrimônio do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), ambas como fontes de multiplicidade documentais.

Na seleção documental, nossos esforços nos permitiram identificar o *corpus* da pesquisa, o que chamamos inicialmente de materialidade da pesquisa, composta de todos os documentos encontrados e que se apresentam relevantes para a análise

proposta. Buscamos em um segundo momento ver, nesse *corpus,* os indícios, os detalhes em sua produção, as pistas nas ilustrações das capas dos livros, e as verdades escritas pelo próprio Santa Rosa em suas memórias epistolares ou informações epistolares, assentadas na compreensão de Andrade (2014), ao conceituar informação epistolar como um conjunto de enunciados que expressa testemunhos, desabafos, sentimentos, confissões, desamores, amizades, negócios, histórias de vida, situadas no tempo, espaço, e movimento, determinados socialmente endereçados ao(s) destinatário(a)s real ou imaginário(a) recheado de significados que possibilitam interpretações.

1.3 PISTAS, VESTÍGIOS E CONEXÕES

A tarefa de encontrar elos que evoquem a memória e que contribuam de forma significativa no desenho da trajetória de vida é um processo que muitas vezes se assemelha a uma investigação de detetive, onde cada detalhe é considerado como fonte de informação. Para tal intento, será considerada uma compreensão de abordagem interdisciplinar, como diz Morin (2008), descrevendo o conceito de interdisciplinaridade, onde diferentes disciplinas seriam colocadas como numa mesa, havendo assim, entre as partes, trocas e cooperações.

O que ocorre a partir do paradigma indiciário de Ginzburg (1990) é uma maneira nova de fazer a História, indo além das restrições disciplinares, aumentando a perspectiva dos seus limites. Como vemos, "Ginzburg busca uma documentação diferente para a interpretação dos feitos históricos" (TINEM; BORGES, 2003, p. 84). Tinem e Borges (2003, p. 84) acreditam que, "entre outros, se lança mão de documentos iconográficos, edifícios, medalhas, moedas, atas judiciais e processos inquisitoriais, em geral tratados com certo preconceito por historiadores tradicionais".

A escolha dessa abordagem nos permitiu ver na trajetória de Santa Rosa, fenômenos aparentemente marginais de sua vida, fatos que não estão ligados ao tempo, ou ainda outros que foram esquecidos na formação literocultural de sua carreira. Assim o método indiciário permitiu, junto à pesquisa documental,

remodelar a complexidade de uma vida que vem sendo revisitada, com base em pistas, vestígios e conexões e desvelar uma nova ordem mais geral juntamente com fatos ainda mais robustos de épocas e fatos de um passado tão presente.

Veremos a seguir, uma síntese da diagramação da pesquisa (Quadro 1) a ser desenvolvida e suas partes constitutivas, como se correlacionam e em que métodos e teorias foram desenvolvidas:

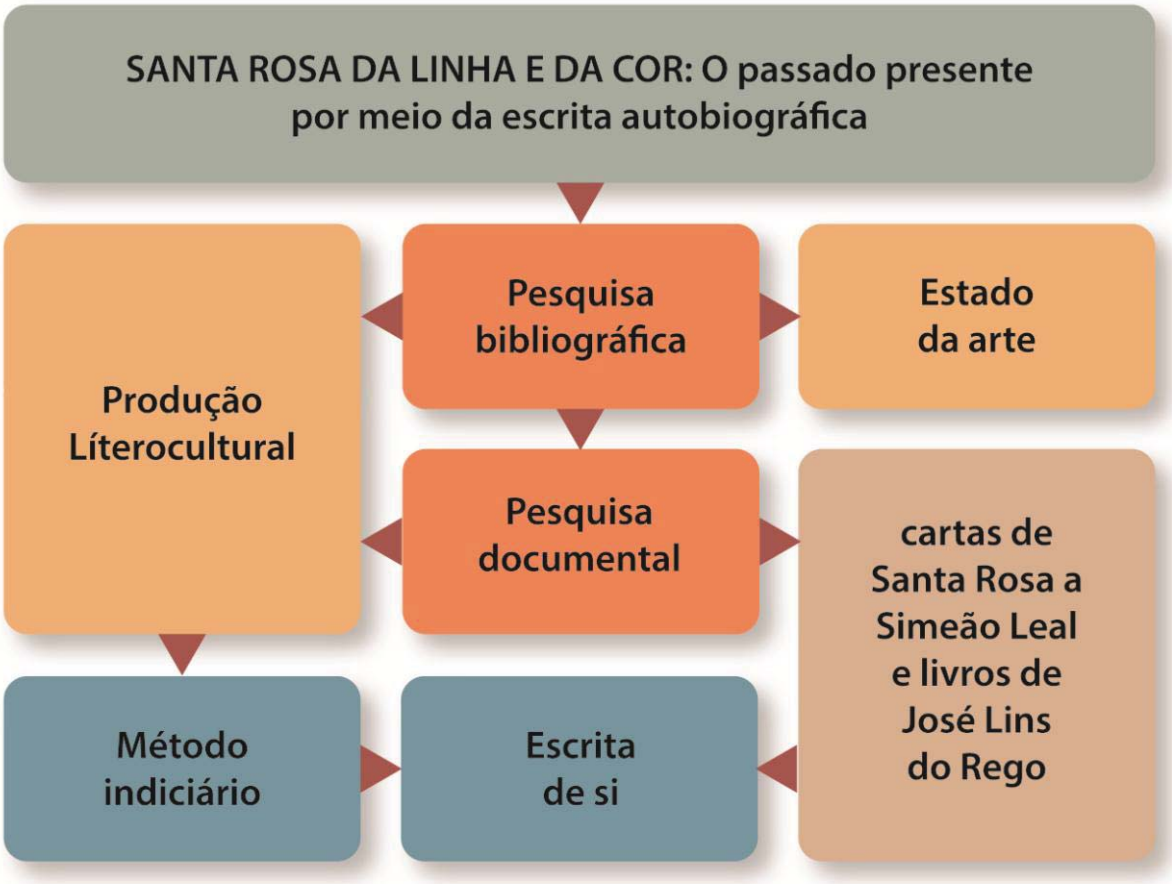


Figura 1: Diagrama da pesquisa.
Fonte: o autor, 2017.

Para fins de viabilidade deste trabalho, adotamos na construção da trajetória técnica e artística de Santa Rosa apenas uma pequena parte da sua produção impressa associada a outros documentos, entre eles, as cartas que escreveu a Simeão Leal, e que fazem parte do acervo de José Simeão Leal custodiados pelo Núcleo de Documentação e Informação Histórica Regional (NDIHR). Quanto aos livros, ilustrações e desenhos, utilizamos como critério de seleção para análise os que foram criados por Santa Rosa para o escritor José Lins do Rego. Intentamos assim, dar

visibilidade ao amplo legado de Tomás Santa Rosa cuja trajetória retrata momentos históricos, experiências, formas de vida e sensibilidades.

O primeiro capítulo apresenta o (re)encontro com o objeto, uma forma de obter elos que evocam a memória e que contribuíram de modo significativo no desenho teórico e metodológico deste estudo.

O segundo capítulo relata a trajetória de Tomás Santa Rosa, com destaque a sua dedicação às artes plásticas. Dentro desse cenário, suas memórias mais uma vez são evocadas por meio de sua produção artística e cultural, desenhos, ilustrações, atuação em diversos campos da expressão da arte, com variadas técnicas, em diversos estilos.

O terceiro capítulo procura mostrar a importância da capa na confecção do livro; uma atividade que abriu caminhos para a profissionalização dos capistas e o surgimento de uma nova profissão, o design gráfico, além da produção técnica e artística de Santa Rosa na obra de José Lins do Rêgo. Esse capítulo demonstra uma vertente de capas de livros, tendo como foco o apelo visual. A ilustração sobressai-se como legado das capas produzidas por Santa Rosa, revelando seu talento nessa arte.

O quarto capítulo apresenta a importância da memória autobiográfica e a escrita de si. Nesse sentido, estudamos as cartas de Santa Rosa a Simeão Leal e sua relação com o processo de ressignificação dessas cartas para leitura do texto e vice-versa. Nele é feita a análise dos elementos estéticos dentro do universo visual, além de fazer a relação da capa com o texto a partir da percepção e da interpretação do capista.

Por fim, Arte Final**:** acabamentos é o sexto capítulo e apresenta as ideias sintetizadoras da análise desenvolvida ao longo da pesquisa.

Reconhecemos que o assunto não está esgotado, no entanto esperamos despertar no leitor o desejo de seguir conosco esse trajeto; um caminho pelo mundo fascinante da vida e da arte de Tomás Santa Rosa. Mas, o que de fato pulsa através de todo o texto? A resposta é obvia: acreditamos ser a essência de uma vida; uma fragmentação na trajetória desse extraordinário artista paraibano.

2 A TRAJETÓRIA DE TOMÁS SANTA ROSA

Este foi Santa, o homem dotado de gênio artístico. Havia o outro Santa, homem que era do nosso coração.
(José Lins do Rego)

Neste capítulo exercitamos uma espécie de prelúdio da vida e obra de Santa Rosa, tal qual a sinfonia que requer ser devidamente introduzida de modo a nos prepararmos para recebê-la. Aqui faremos um voo de reconhecimento na vastidão de seus múltiplos talentos e detalhes da personalidade, e de uma vida de quem muito viveu.

O ano de nascimento de Santa Rosa é também o ano em que fora inaugurado um dos mais importantes teatros brasileiros, a saber, o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, lugar em que anos mais tarde serviria de espaço para seus trabalhos em cenografia e que, curiosamente, ele seria velado. Santa Rosa nasceu na Paraíba, na cidade de João Pessoa, na rua da Areia, número 320, em 20 de setembro de 1909, filho de Maria Alexina Santa Rosa e de Tomás Santa Rosa[1], e primogênito de uma família de três irmãos, além dele, duas irmãs, Cristina e Heliomar.

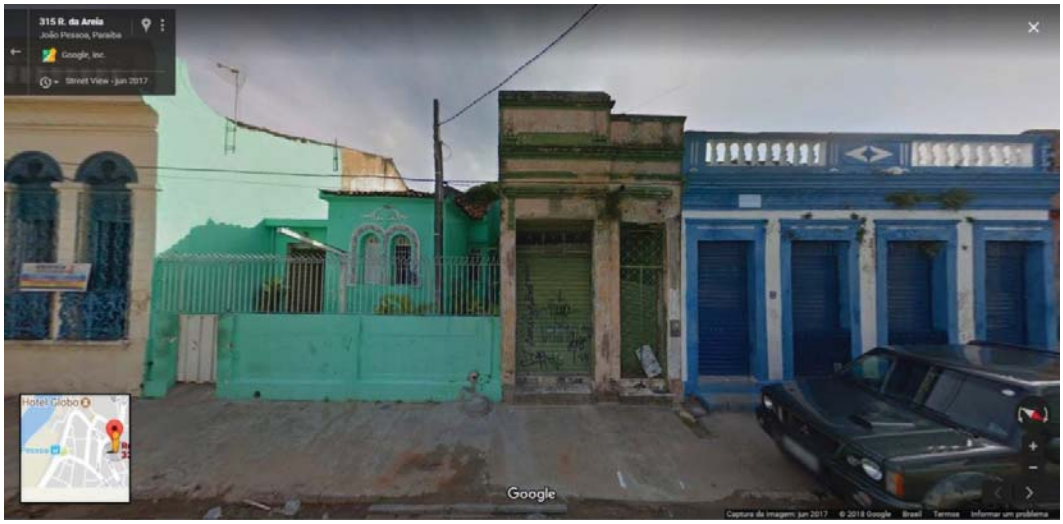


Figura 2: Casa onde Santa Rosa nasceu (sobrado amarelo e verde, ao centro).
Fonte: Google Maps, 2018.

[1] Sabe-se que seu pai, alfaiate de profissão, deixou a família para tentar a sorte no Amazonas e que só o reencontrou no final da sua vida (BARSANTE, 1982).

Seu talento começou a dar mostras cedo, aos cinco anos de idade, quando ele pintou painéis de grandes proporções, como as paredes de sua casa. Ainda na infância desenhou bandeiras dos países aliados do Brasil, após o fim da I Guerra Mundial, o que chamou a atenção do governador da Paraíba na época, Camilo de Holanda, que demonstrou o desejo de custear seus estudos na Europa. Sua formação tradicional foi iniciada na Quinta Cadeira Mista da Paraíba, logo após ele prestou exame de admissão no Grupo Escolar Tomás Mindelo e em seguida no Liceu Paraibano. Sua formação artística começou com o estudo de piano com a professora Alice Pereira, integrando-se em seguida ao coral da Matriz Nossa Senhora das Neves, também participou de outros importantes corais na cidade até seus 22 anos, como barítono.



Figura 3: Santa Rosa com 18 anos.
Fonte: BARSANTE, 1982.

Sua primeira participação em uma exposição de arte fora cedo também, com nove anos, em um docel de São Francisco Assis, pintado sob inspiração religiosa. Frei Joaquim, do Convento do Carmo fica admirado com o trabalho do pequeno Santa Rosa, no qual já se percebem suas tendências modernistas. Pouco depois foi convidado a desenhar a bandeira de um clube na cidade de Cabedelo e pintar sua fachada em estilo moderno.

2.1 UMA PAUSA NAS ARTES

Aos 14 anos Santa Rosa recebeu a visita do Dr. Álvaro de Carvalho e Lourenço Baeta Neves, dele recebeu o convite para trabalhar em um escritório de contabilidade, era o início de uma carreira com números. Ocupou cargo de chefia geral da Repartição do Saneamento da Paraíba, e de contabilista concursado do Banco do Brasil na cidade de Salvador, o que resultou na publicação de um livro sobre Contabilidade Bancária. Trabalhou também na cidade de Maceió e no Recife.

Santa Rosa casou-se oficialmente duas vezes, em 1935 com Maria da Glória Monteiro e aos 32 anos, em 1941, Santa Rosa casou com Nely Guimarães, desta vez no religioso, surpreendendo a todos. Mas foi com Oscarina Amorim que teve um filho, Luiz Carlos.

Voltando as artes, ele tenta prosseguir como cantor, uma de suas paixões. Descontente com a vida que levava, ele escreve para sua mãe dizendo: "Estou com a cabeça cheia de números; essa vida não é para mim".

Quando descrito por seus amigos, Santa Rosa aparece como uma pessoa extraordinária, e isso ele doa para o artista numa dinâmica que muitas vezes nos confunde entre um e outro. As declarações de seus amigos enchem nossos olhos de uma generosidade vinda de quem muito se doou ao seu trabalho. Leitor de três idiomas: português, inglês e francês, lia os clássicos, além de ser um profundo estudioso de pintura, desenho, cenografia, artes gráficas, música e teatro.

Seu grande autodidatismo causava assombro em quem o conhecia e o fazia se destacar, mesmo sobre catedráticos, vindo de sua inteligência bem ordenada. Mas o conhecimento e o reconhecimento não mudavam a simplicidade do nosso artista de perfil equilibrado e fraternidade de personalidade. Essa genialidade fez surgir encontros importantes, movimentos transformadores, no âmbito das artes e educação no Brasil, nesses anos em que tenazmente e/ou delicadamente atuou quando, por exemplo, representou o Brasil na reunião da UNESCO de artistas em 1952, e onde ministrou cursos de *Desenho Estrutural e Composição*, *Artes Gráficas* tanto na Fundação Getúlio Vargas, quanto no Museu de Arte Moderna. Na época ele foi precursor da profissão de designer, chamada de a arte de fazer *layouts*, o que era uma grande

novidade, não só na maneira de fazer como também na maneira de pensar, pois acompanhava uma observação crítica, justa e perceptiva.

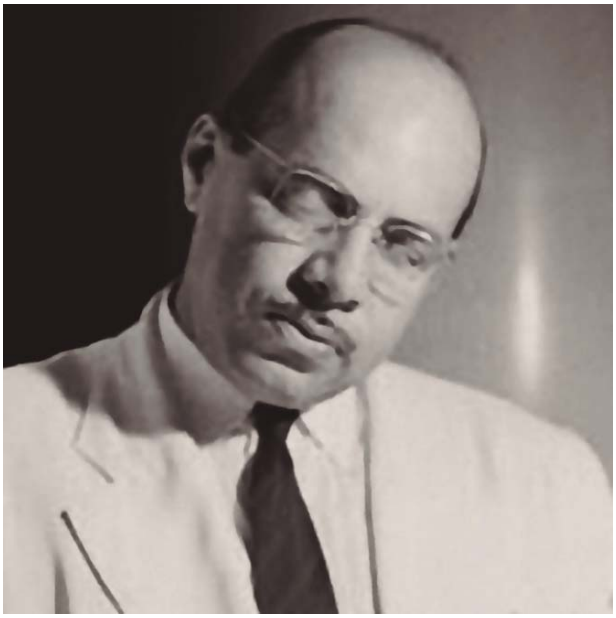


Figura 4: Santa Rosa, anos 1950.
Fonte: BARSANTE, 1982.

Houve ainda na careira de Santa Rosa cargos de destaque, como um convite do então Presidente da República, Getúlio Vargas, para compor uma comissão em que se discutiam problemas ligados à vida cultural do país, e ainda a Secretaria do Conselho Nacional de Teatro. Ele integrou também o júri da I e II Bienais de São Paulo, da Comissão Nacional de Belas Artes. Além disso, houve inúmeras exposições de seus trabalhos aqui no Brasil e algumas exposições internacionais, numa delas recebeu destaque em Paris, na Galeria Mirador, como um dos representantes brasileiros, em junho de 1955, como também em novembro desse mesmo ano na inauguração do Museu de Etnografia de Neuchâtel e na exposição Arts Primitifs et Modernes Brésiliennes. Museus ao redor do mundo como o MoMa de Nova Iorque, o Museu de Arte Moderna de Buenos Aires e o de La Plata possuem obras de Santa Rosa (BARSANTE, 1982).

Representando o Brasil na Conferência Internacional de Teatro, em Bombaim, Santa Rosa compôs a Delegação Brasileira na Conferência Geral em Nova Delhi, na Índia, e chegou a conhecer alguns centros artísticos por lá. Enquanto

visitava a Índia, ele adoeceu dos rins e da bexiga gravemente, com grande retenção de líquidos, seguida de fortes dores.

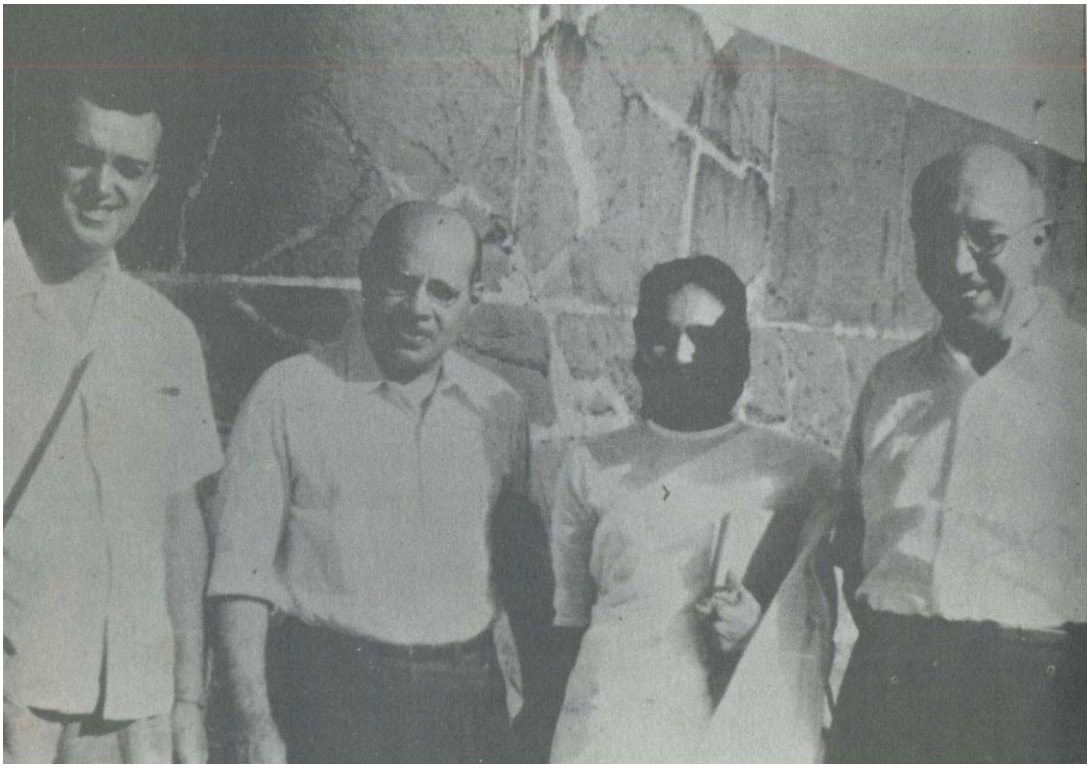


Figura 5: Roberto Assumpção, Santa Rosa, mulher indiana e Simeão Leal na recepção do Malden's Hotel Delhi (1956).
Fonte: BARSANTE, 1993.

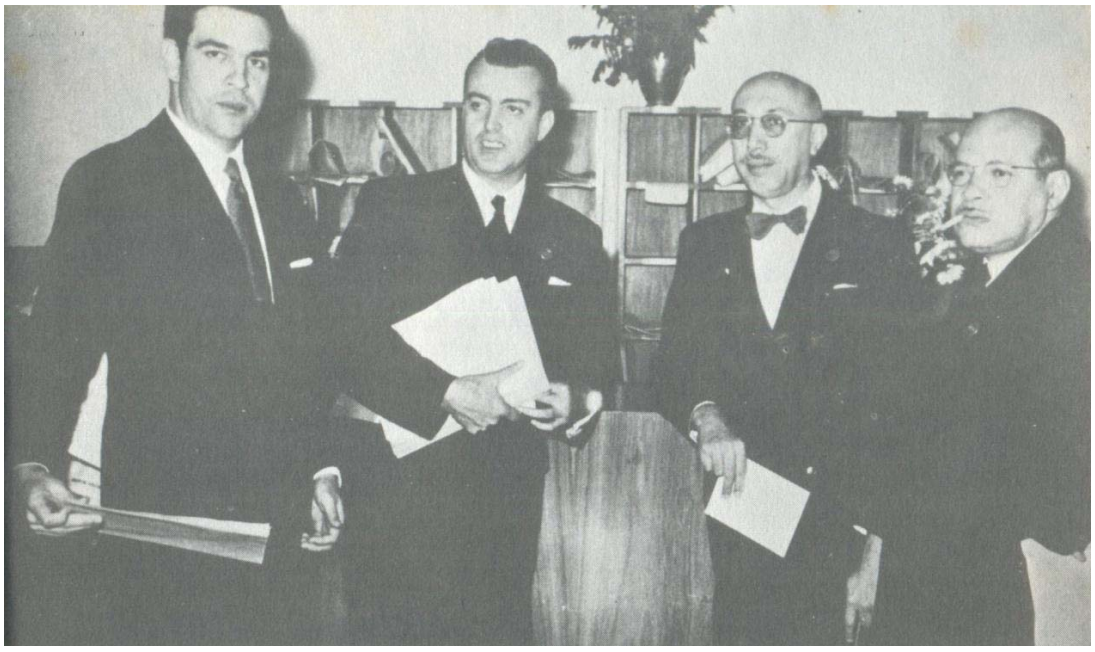


Figura 6: Paulo Mendonça, Roberto Assumpção, Santa Rosa e Simeão Leal na Índia (1956).
Fonte: BARSANTE, 1993.

Mesmo tendo sido devidamente assistido por equipes médicas indianas e acompanhado pelo Ministro Gustavo Capanema, chefe da delegação do Brasil, e mesmo havendo melhoras no seu quadro, no dia 28 de novembro de 1956 veio a falecer naquele local, vítima de um enfarte ou embolia séptica, conforme o último diagnóstico.

A saúde de Santa Rosa já vinha dando sinais de que não estava boa, pois ele havia tido anteriormente um enfarte ocasionado por problemas no cenário da ópera Carmem, no Teatro Municipal. Apenas no dia 16 de dezembro o corpo chegou da Índia ao Brasil. O então presidente da República, à época, Juscelino Kubitschek, compareceu ao velório que ocorreu com todas as honras, em um dos lugares onde Santa Rosa também teve notável destaque em seus trabalhos como cenógrafo, o Teatro Municipal no Rio de Janeiro.

Depois de sua morte, inúmeras ações foram feitas, como o pedido de Portinari e Drummond, para que uma rua no Rio de Janeiro recebesse o nome de *Rua Santa Rosa* ou ainda *Rua do Santa*. No Teatro Municipal do Rio de Janeiro uma placa em bronze, guardava a inscrição "*Aqui trabalhava Santa Rosa, artista, amigo de seus amigos*", em Ipanema o pequeno *Teatro Santa Rosa*, foi fechado em 1977. Além dessas ações houve uma exposição de aniversário por ocasião dos 25 anos de sua morte, todas no sentido de manter vivo o pensamento lúcido, criador e ativo de Tomás Santa Rosa Júnior, através de organizações de exposições de seus trabalhos, de prêmios e de teatros nacionais com seu nome.

Uma última crítica, um último traço, a pincelada derradeira, o cerrar das cortinas, o fechamento de mais um livro, silêncio do canto, o final de uma aula, nada disso fez por terminar a vida de Tomás Santa Rosa Júnior: um artista que atuou onde quis atuar, com toda a sua *mise-en-scène* de gênio artístico, uma das grandes personalidades da cidade de João Pessoa e da Paraíba.

Sua obra artística e cultural é sim um contínuo de sua vida, e sempre que um desenho, ilustração, quadro, livro, cenário ou seus textos são acessados, sua memória mais uma vez é evocada. Santa Rosa está presente. Dono de uma alma de artista lúcida, criadora e criativa torna-se árdua a tentativa de buscar através do texto resumir a grande produção artística de Santa Rosa. Isto porque, além do volume de

trabalhos por ele produzido atuou também em diversos campos da expressão da arte, com variadas técnicas, em diversas escolas e estilos.

2.2 DEDICAÇÃO ÀS ARTES PLÁSTICAS

Já morando em Salvador, Santa Rosa nutria um sonho de ir ao Rio de Janeiro. A partir de suas leituras, que eram muitas, além de contatos artísticos, a então capital federal parecia ser, para ele, o lugar mais apropriado para o desenvolvimento de suas habilidades artísticas. Baseado nisso, no ano de 1932, ele resolveu mudar-se para lá, aos 23 anos. Logo após a sua participação em uma exposição modernista, na cidade de Maceió, ele já não tinha dúvidas de que com os números ele não cumpriria sua missão por aqui. Então convicto, resolveu abandonar o seu emprego e partir para a "cidade maravilhosa". Recomeçar não foi fácil, muitos dos seus primeiros trabalhos na cidade do Rio foram de graça. Diante destas e de outras dificuldades ele buscou também explorar, como de costume, a sua voz, cantando para conseguir algum dinheiro para sobreviver, mas foi logo aconselhado a desistir porque não acharam sua voz tão boa, mas isso não o fez abandonar o seu interesse pela música, porém, seguir pelas artes plásticas parecia ser a melhor opção.

Vale destacar que uma de suas maiores amizades e influências na formação artística foi Cândido Portinari, pintando com ele inclusive alguns de seus murais. A amizade era tamanha que Santa Rosa casou-se com Maria da Glória Monteiro, sua primeira esposa, na casa de Portinari, em 1935, aos 26 anos.

Se seguir pelas artes plásticas já parecia mesmo ser uma boa opção, ainda mais, porque participaria de um concurso de cartazes para o símbolo do partido Autonomista. No qual Santa Rosa ganhou o primeiro prêmio, na moeda da época, dez contos de réis, representando cinco vezes o seu antigo salário no banco.

A dedicação de Santa Rosa às artes plásticas não ocorreu de maneira continua, mas sim periódica, principalmente pelo volume de atividades que ele desempenhava, paralelamente. Em algumas de suas pinturas seu estilo sofre influência de Portinari e Picasso. De Portinari ficam claras as questões sociais e

memórias afetivas da infância, como podemos perceber na tela, Pescadores (Fig. 7) e Lavadeiras da Paraíba (Fig.8).



Figura 7: Pescadores (1943).
Fonte: BARSANTE, 1993.

A tela, Pescadores, de Santa Rosa (óleo sobre tela) encontra-se no Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro, Brasil. Em visita ao Museu, vimos essa obra, o que nos remeteu direto às origens de Santa Rosa, uma vez que a pesca de arrasto com redes é tão comum nas praias de sua cidade natal, João Pessoa, nas águas de Tambaú e Manaíra.

Ao retratar em tela os pescadores talvez Santa Rosa estivesse pensando em fazer uma pintura de cunho social, seguindo as pegadas de Picasso e de Portinari; ou talvez quisesse apenas passar para a tela seu testemunho de uma cultura rica em detalhes; ou ainda, quem sabe, uma conexão com procedimentos de auto-documentação e preservação de registros da imagem pública (ARTIÈRES, 1998). De qualquer modo, esses indícios nos levam a crer que, na tela são retratadas as

experiências de sua infância em João Pessoa e de documentação de seu próprio trabalho para a construção da memória de si (GOMES, 2004).



Figura 8: Lavadeiras da Paraíba (1945).
Fonte: BARSANTE, 1993.

A arte muralista também foi contemplada pela interpretação artística de Santa Rosa, com temática regionalista, no afresco Lavadeiras da Paraíba, pintado com têmpera sobre argamassa, na década de 1940, que fica localizado em um apartamento da Avenida Atlântica, na praia do Leme, Rio de Janeiro-RJ.

Outro tema que não poderia faltar na pintura de Santa Rosa era a música, uma de suas grandes paixões, como representado na tela Sem Título, 1952 (Fig. 9), indicando realismo moderno.

Ter o olhar voltado para esses objetos, expostos nos museus e instituições públicas, revela que a memória do artista segue já com um filtro, reforçando a especificidade de ser um acervo de um indivíduo que se ocupou de sua memória e da sua imagem pública (ARTIÈRES, 1998). Assim, acreditamos que Santa Rosa foi aos poucos tecendo a escrita de si mesmo, e ao fazê-la trazia as características de seu tempo, suas facetas, suas contradições, como espaços de afirmação da imagem pública do artista, pautados pelas suas convicções artísticas (GOMES, 2004). E não foi diferente quando pintou a tela, sem título (óleo sobre tela), retratando uma seresta.



Figura 9: Sem Título (1952).
Fonte: Acervo INSS Cultural, Brasília.

Essa tela encontra-se no Museu INSS, Brasília-DF, Brasil e retrata com sensibilidade uma seresta, com flautista, violeiros, pandeiristas e cantoras. Uma cena emblemática da forte cena cultural da noite carioca; uma imagem que se formou em relações sociais, presentes na obra e nos percursos do artista Santa Rosa; uma cena

que ampliou o seu entendimento para a conexão entre os campos culturais da cidade do Rio de Janeiro.

Ainda na pintura ele caminhou por outros estilos, mais abstrato e cubista, como em Músicos (Fig. 10).



Figura 10: Músicos (sem data).
Fonte: Acervo INSS Cultural, Brasília.

As telas, Sem Título e Músicos pertencem ao acervo do INSS Cultural. Santa Rosa investiu também em temáticas metafísicas e surrealistas, pintando Lembranças de Chirico, anos 1950 (Fig.11).

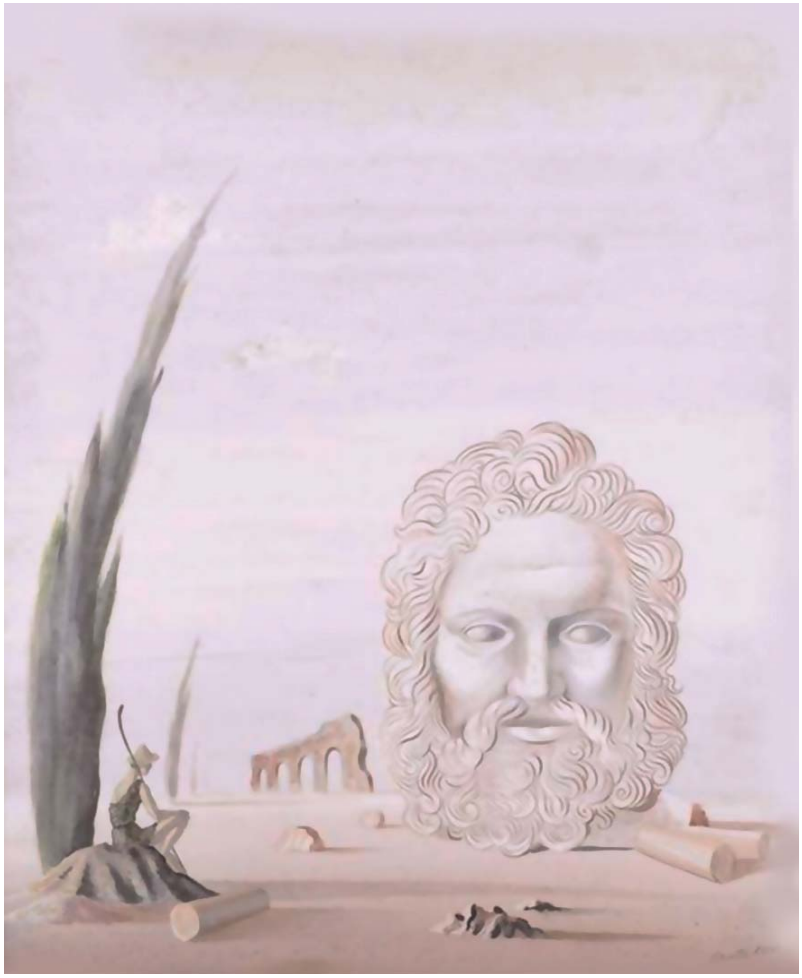


Figura 11: Lembranças de Chirico (1950).
Fonte: www.catalogodasartes.com.br.

Como prenuncia Foucault (2004), é preciso saber lidar com um tipo de arte que mantenha a intensidade de quando foi produzida, através da afirmação das experiências de seu criador naquele momento; ou, ainda, uma arte que intensifique a escrita de si e que insista na produção de conhecimentos que afirmem possibilidades de variação da vida. Mas nem sempre a escrita de si fazia coincidir o olhar ou a forma de perceber as coisas com aquele que se lançava sobre si mesmo ao comparar suas ações cotidianas com as regras ou formas de compreensão da vida (FOUCAULT, 2004).

Na esteira do pensamento de Foucault (2004), ressaltamos que a escrita de si é uma forma de se expor, fazer aparecer sua própria face perto do outro, dando o que se viu ou pensou a um olhar possível. Assim é que Santa Rosa, profundo estudioso de história da arte, se debruçou a pintar a arte metafísica, em Lembranças de Chirico, homenageando um de seus precursores, o italiano Giorgio Chirico (1888-1978). Nesta

obra percebemos influências do movimento surrealista, que se tornará mais visível em outros trabalhos de Santa Rosa.

As principais referências de Santa Rosa foram às obras de Pablo Picasso e de Portinari, principalmente na abordagem de temas sociais. Portinari, por sua vez, sofreu influência de Picasso, e realizou muitos painéis e pinturas murais, lembrando que, por volta de 1937 o governo brasileiro costumava encomendar esse tipo de pintura para colocar em prédios públicos. Portinari dizia que a pintura mural é a mais adequada para a arte social, porque o muro pertence à coletividade e ao mesmo tempo narra uma história interessando a um maior número de pessoas.

Devemos reconhecer que Pablo Picasso é, provavelmente, a figura mais importante do século 20, em termos de arte e movimentos que ocorreram durante esse período, inspirando e influenciando muitos artistas, dentre eles, Tomás Santa Rosa, que trabalhou como auxiliar de Portinari na feitura de acabamento de vários murais. O nome de Santa Rosa se reafirma como um dos mais criativos e influentes artistas do século XX e seu trabalho é facilmente reconhecido pelo domínio da forma no desenho e na pintura. A sociedade passa então a ter consciência de que já pode desfrutar da produção do nosso artista.

Ginzburg (1990) alerta que para captar os indícios é necessário examinar os pormenores, além de que essa prática ajuda no rastreamento de sinais, signos que remetem a algum evento, mas sem captá-lo em sua integridade. Para este autor, há uma forma de conhecimento que pode estar na fronteira entre o conhecimento que opera por demonstração e verificação empírica dos dados analisados, e as formas criativas, como a literatura, poesia, pintura, mitos. Entre essas duas instâncias, está o modelo, indiciário**,** que trabalha rastreando sinais que explicam uma trajetória vivida.

Ao observamos qualquer imagem procuramos sempre organizá-la e entendê-la visualmente quanto à sua forma, dimensão, tamanho e outros elementos. Também procuramos um sentido para a nossa observação, isto é, a direção que percebemos na imagem, e cada direção básica expressa um sentido próprio. Percorrendo uma imagem com os olhos, durante a observação estamos trabalhando também com o

elemento básico do movimento. O movimento funciona como uma ação que se realiza através da ilusão criada pelo olho humano.

Interessante destacar como o artista Santa Rosa, pintor, cenógrafo, decorador, figurinista, ilustrador, gráfico, gravador, professor e crítico de arte foi movido a estruturar um projeto de auto-documentação, um projeto de memória, formulando ideias e conceitos (ASSMANN, 2011), mesmo sem revelar uma preocupação teórica. A maneira como ele organizou sua produção inspirou seu espaço de viver e criar, além de estabelecer relações de parcerias e armazenamento de documentação de seu processo criativo, a isso podemos dizer que são manifestações de escrita de si (GOMES, 2004).

Ressaltamos a importância dessa produção como espaços de memória e de formulação de conhecimento, um modo natural de funcionamento de certos valores e características do existir de uma época, e ainda pela própria maneira como foram marcados em sua vida, pelo intenso desejo de viver suas expressões artísticas. Essa sensibilidade artística de Santa Rosa é também refletida na tela Músicos – Figura 9 (óleo sobre tela), revelando nos movimentos subjetivos o fluxo incessante do seu pensamento.

São telas que nossos olhos percorrem e nos transportam, provocam-nos; trazem-nos alguma ideia e, muitas vezes, nos deixam alguma inquietação. Talvez seja este o intuito do artista. Mas qual seria o intuito da arte em si? Talvez seja o de provocar algo que contém mais de um significado, preenchido pela procura das muitas realidades escondidas na vida do artista.

Todas essas produções marcaram a caminhada artística de Santa Rosa, motivando-o a exercer a escrita de si ao longo da vida (1909-1956). Este trabalho busca recuperar parte dessas memórias, vivências e sensibilidades de sua breve existência. Na prática de "arquivar a própria vida" (ARTIÈRES, 1998), consideramos que Santa Rosa foi um arquivista dos seus registros artísticos, entre eles, desenho, pintura, ilustração, quadro, livros, cenários, exorbitando os seus fazeres do âmbito privado para o público, mediante a socialização acadêmica.

Cabe destacar que a escrita de si mesmo (iniciada em 1918, quando tinha apenas nove anos de idade e finalizada em 1956, com o seu falecimento) perfaz 38

anos da memória de si. Porém, há intervalos e rupturas temporais e, deste modo, novas reconstruções e atualizações da memória, ao longo desses anos. Assim o passado não permanece cristalizado, pois a interpretação do que foi vivenciado anteriormente é atualizada e reconstruída de acordo com as experiências posteriores (POLLACK, 1992).

Para que nossos esforços não se percam é necessário fazer avançar a discussão. Por isso, trataremos no próximo capítulo da arte de Santa Rosa em "fazer livros", tarefa concebida como uma "arte invisível", e de todo seu talento como formador de estilos.

3 ARTE INVISÍVEL: A ARTE DE FAZER LIVROS

A comunicação entre épocas e gerações interrompem-se
quando um dado repositório do conhecimento
partilhado se perde.
(Aleida Assmann)

A memória individual, além de refletir as próprias experiências e sensibilidades, retrata também o contexto social da época do indivíduo e da sua geração, além de vivências e sentimentos coletivos. Portanto, é necessária a preservação da memória como fator identitário individual ou de um grupo social. No entendimento de Pollack (1992, p. 5), a memória é um elemento "constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si".

Refletiremos neste capítulo sobre o legado artístico de Santa Rosa, isto é, o momento em que ele deixa registrada sua arte e sua criação, nas capas dos livros de grandes autores brasileiros, revelando ali as suas sensibilidades pessoais, mesmo buscando retratar o conteúdo da obra do autor que a escreveu. Nisso há um pacto autobiográfico e reciprocidade entre escritor/capista/leitor (LEJEUNE, 2008).

A recorrente tarefa a partir da feitura das capas reforça a construção autobiográfica de Santa Rosa, na qual ele buscou sistematizá-la segundo sua inspiração, vivência e arte. "Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva" (BOURDIEU, 2005, p. 184).

As capas ilustradas estiveram sempre presentes no universo editorial de grande parte do mundo e, no Brasil, essa época exerceu tal prática, buscando ampliar o incentivo ao mercado editorial e gerar mais leitores. A Editora José Olympio apostou nessa ideia e investiu no acabamento cuidadoso de seus títulos, contratando artistas para realizar as ilustrações e as capas, além de iniciar uma cultura de projetar

o livro como um todo, detalhando inclusive partes da diagramação em um projeto editorial específico.

De acordo com Paixão (1998), José Olympio investiu fortemente na apresentação gráfica dos livros, quando isso acontecia devagarzinho no Brasil. "Teve ilustradores e capistas como Portinari, Luís Jardim, Tomás Santa Rosa, Poty, inaugurando o método da crítica nas 'orelhas' dos livros e modificou o formato usual dos volumes, que era de 18 x 12 cm, para 21,5 x 13,5 cm" (PAIXÃO, 1998, p. 84).

A Livraria Schmidt Editora também influenciou as produções de obras de autores iniciantes, com tratamento gráfico diferenciado. Foi para a Schmidt, segundo ponderações de Cardoso (2005), que Tomás Santa Rosa surgiu no cenário editorial, ilustrando a capa de Caetés, de Graciliano Ramos, em 1933. Em 1937 a Livraria Schmidt Editora foi vendida. A Civilização Brasileira e a Ariel são outras editoras de destaque, esta última se valendo do talento de Santa Rosa para assinar suas capas e projetos gráficos.

Por intermédio da reunião e análise da arte de ilustrar capa de livros, editados no início do século XX, podemos estudar as diversas interpretações iconográficas feitas pelo capista Santa Rosa, entendemos que a ilustração da capa é um elemento participativo do conteúdo da obra, tendo como investidura maior o apelo visual. As ilustrações revelam o uso dos prazeres e o cuidado de Santa Rosa nessa arte, apontando a experiência da escrita de si como um elemento de treinamento de si, e operando como prática processadora daquilo já idealizado, de modo a afirmar, reinscrever ou criar novos elementos de constituição de si e do outro (OLIVEIRA, 2009). Nesse sentido, a escrita de si seria então um exercício pessoal, através dela se poderia transformar o que estava sendo visto, observado e experimentado, além de se separar o quê desses elementos poderia ser considerado um bom alimento para constituir para si novos componentes, isto é, matéria-prima para a estilização de sua existência (LEJEUNE, 2008).

3.1 MOSAICO: ARCA DO TESOURO

Algumas áreas que Santa Rosa produziu como a arte do livro e mesmo a produção de cenários datam de uma época onde o Brasil começava a conhecer estes campos da arte. Nesse sentido, Santa Rosa não só foi pioneiro, como também formador de estilos, modernizando o livro e o teatro brasileiro (BARSANTE, 1982). Alguns dos caminhos percorridos por ele podem dar partes do mosaico que compunha este espírito admirável, este talento que tanto honra a Paraíba e o Brasil.

O momento histórico era propício para que Santa Rosa colocasse seus talentos a serviço de outra arte ainda não muito valorizada no Brasil. Trata-se da arte de fazer livros, também tida como uma arte invisível[2]. Nesse sentido, ele iniciou uma revolução e a arte de fazer livro foi suporte fecundo para todo o seu talento. Com sensibilidade e bom gosto no feitio mais preciso ele conseguiu traduzir todo o espírito das obras em que trabalhou, muitas vezes até ampliando-as. Nesse mercado editorial ele trabalhou também com outros impressos, tais como revistas e jornais, como o jornal *A Manhã*, o suplemento *Letras e Artes*, o *Diário de Notícias* e o *Diário Carioca*, a revista *Rio Magazine*, e várias revistas da *Editora Bloch*.

Santa Rosa não só fazia o planejamento gráfico dos impressos, como também escrevia artigos e desenhava as ilustrações. Seu nome como artista já existia, mas sua obra como artista gráfico o levava ainda mais longe, principalmente numa época em que a política, mais precisamente, o governo de Getúlio Vargas contribuía para um efeito multiplicativo, gerado pelas gráficas modernas. Ao todo, mais de 200 publicações só na Editora José Olympio[3], cuidando desde a paginação, diagramação criação de capa até as ilustrações (Fig. 8, 9, 10, 11).

Na figura 11, nos deparamos com a capa do livro *Suor,* de Jorge Amado, uma obra que revela a realidade de um velho sobrado na ladeira do Pelourinho (Salvador, BA), um lugar deprimente, com seus espaços pequenos onde sobrevivem centenas de

---

[2] "Se a impressão é *a arte* negra, o design do *livro* pode ser *a arte invisível*" (Richard Hendel, 2006, p. 1**).**

[3] Estabelecida no mercado desde 1931, a editora José Olympio é um dos pilares da cultura brasileira. Atravessou várias fases e boa parte da história editorial brasileira. Pelas mãos de seus colaboradores, muitos originais saíram do prelo para a posteridade, como o eterno Fogo morto, de José Lins do Rego. Integrando o Grupo Record desde 2001, a José Olympio restaura, com frescor e dinamismo, seu patrimônio editorial. Fonte: http://www.record.com.br/grupoeditorial_editora.asp?id_editora=3

pessoas, dentre elas, operários, mendigos, lavadeiras, prostitutas, desempregados, anarquistas, em meio aos muitos ratos e muitas baratas que também habitam o sobrado. Um panorama coletivo onde a personagem principal é o próprio sobrado; nele se amontoam moradores e suas histórias de vida.

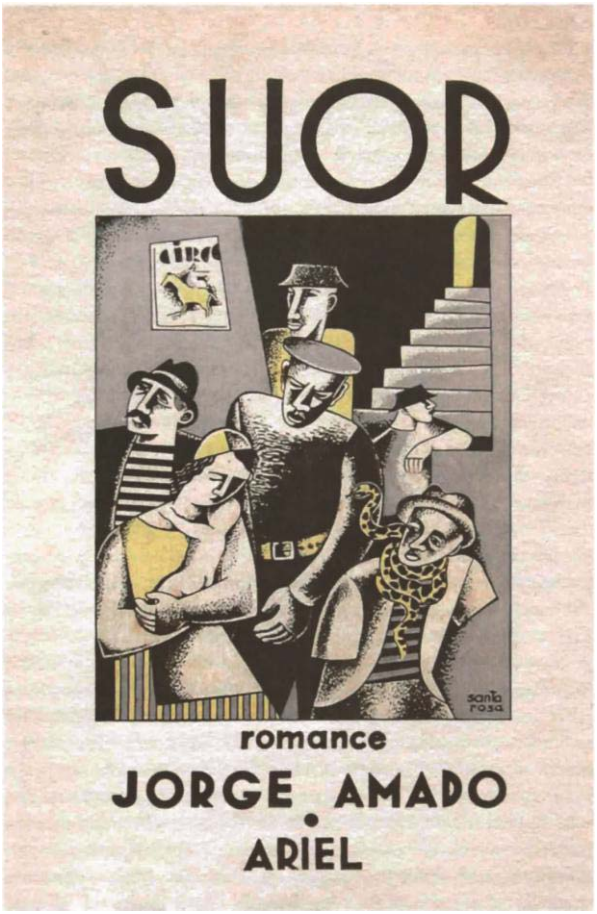
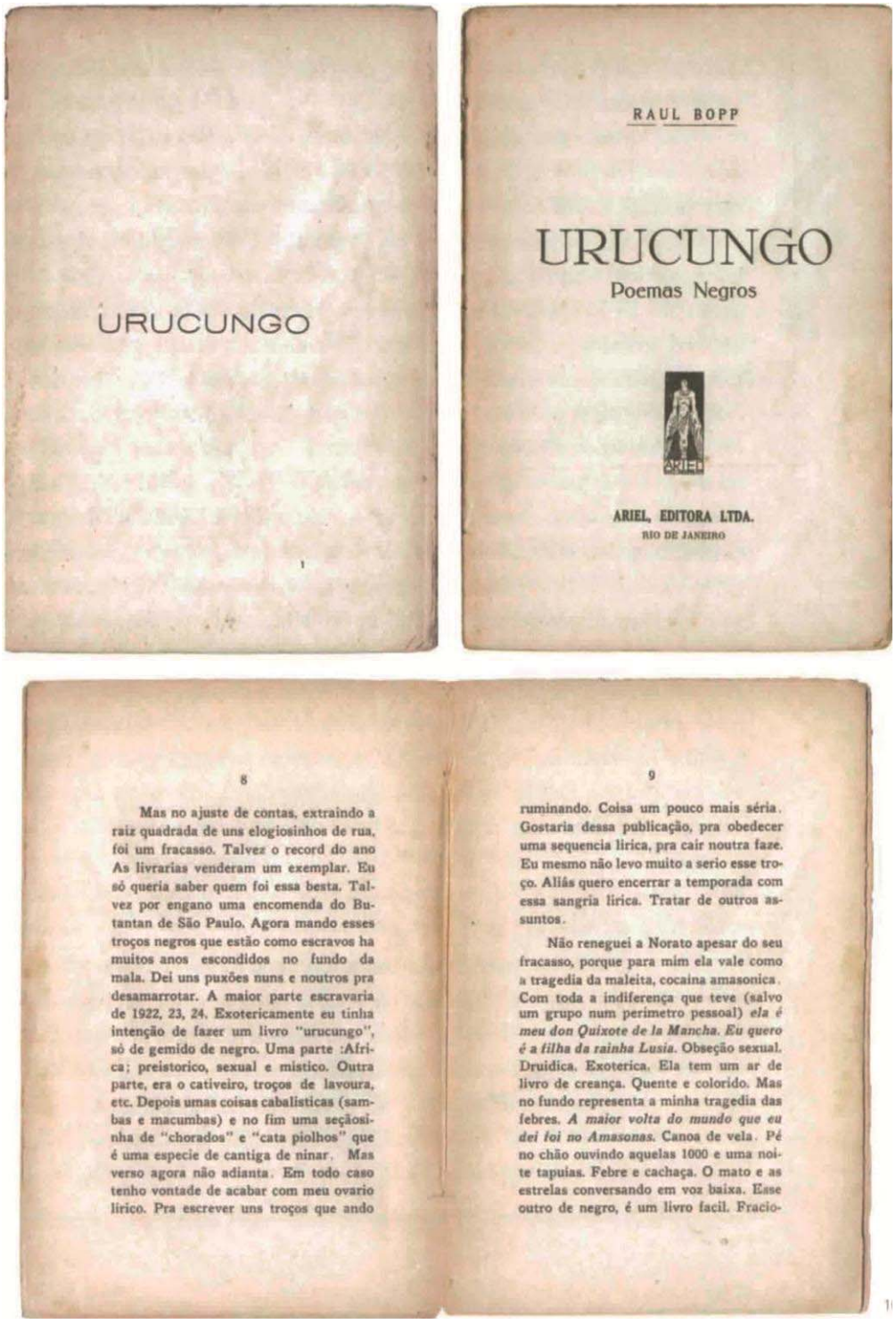


Figura 12: Capa de livro - Jorge Amado.
Fonte: CARDOSO, 2005.

A vida no sobrado no início dos anos 1930, descrito por Jorge Amado, é carregada de miséria, sofrimento e promiscuidade, onde o suor de cada vivente no Pelourinho é, ao mesmo tempo, objeto de exploração e desprezo; ali homens e mulheres vivem amontoados. Apesar da rudeza e inclemência do dia a dia, o humor e a solidariedade encontram espaços para se manifestar, e uma crescente consciência política se espalha entre alguns moradores do sobrado. Aproveitando-se dessas características, Santa Rosa soube bem captar a vida no cortiço e retratar na capa do

livro um contexto tão opressivo cuja realidade não pertence apenas ao mundo dos romances.

O mercado editorial no Brasil sempre foi bem visto por sua produção bastante significativa, especialmente a partir da década de 1930, e estava cada dia mais sólido em seus planos e pretensões, e mais estabilizado como veículo de disseminação de informação e conhecimento. Essa década foi marcada por sucessos editoriais, além de um aquecimento no mercado de livros tanto em sua comercialização quanto em sua estrutura visual (PAIXÃO, 1998). Santa Rosa aproveitou-se desse momento fértil em que se encontravam as editoras e continuou a idealizar as capas de livros, de grandes autores, dentre eles, Raul Bopp.


URUCUNGO

RAUL BOPP

URUCUNGO

Poemas Negros

ARIEL, EDITORA LTDA.
RIO DE JANEIRO

8

Mas no ajuste de contas, extraindo a raiz quadrada de uns elogiosinhos de rua, foi um fracasso. Talvez o record do ano As livrarias venderam um exemplar. Eu só queria saber quem foi essa besta. Talvez por engano uma encomenda do Butantan de São Paulo. Agora mando esses troços negros que estão como escravos ha muitos anos escondidos no fundo da mala. Dei uns puxões nuns e noutros pra desamarrotar. A maior parte escravaria de 1922, 23, 24. Exotericamente eu tinha intenção de fazer um livro "urucungo", só de gemido de negro. Uma parte :Africa; preistorico, sexual e mistico. Outra parte, era o cativeiro, troços de lavoura, etc. Depois umas coisas cabalisticas (sambas e macumbas) e no fim uma seçãosinha de "chorados" e "cata piolhos" que é uma especie de cantiga de ninar. Mas verso agora não adianta. Em todo caso tenho vontade de acabar com meu ovario lirico. Pra escrever uns troços que ando

9

ruminando. Coisa um pouco mais séria. Gostaria dessa publicação, pra obedecer uma sequencia lirica, pra cair noutra faze. Eu mesmo não levo muito a serio esse troço. Aliás quero encerrar a temporada com essa sangria lirica. Tratar de outros assuntos.

Não reneguei a Norato apesar do seu fracasso, porque para mim ela vale como a tragedia da maleita, cocaina amasonica. Com toda a indiferença que teve (salvo um grupo num perimetro pessoal) *ela é meu don Quixote de la Mancha. Eu quero é a filha da rainha Lusia.* Obseção sexual. Druidica. Exoterica. Ela tem um ar de livro de creança. Quente e colorido. Mas no fundo representa a minha tragedia das febres. *A maior volta do mundo que eu dei foi no Amasonas.* Canoa de vela. Pé no chão ouvindo aquelas 1000 e uma noite tapuias. Febre e cachaça. O mato e as estrelas conversando em voz baixa. Esse outro de negro, é um livro facil. Fracio-

Figura 13: Páginas internas de livro.
Fonte: CARDOSO, 2005.

A obra, *Urucungo* de Raul Bopp é dedicada à reflexão acerca da condição dos negros no Brasil. Nela o autor explora as "solidões da memória", das "coisas que ficaram no outro lado do mar" (BOPP, 1998, p.198). Como forma de chamar a atenção

do leitor, Santa Rosa usou todos os elementos, inclusive o título e o nome do autor, como dados visuais marcando seu estilo minimalista e ao mesmo tempo despojado.

Dentre as mais de 300 capas, ilustradas por Santa Rosa, selecionamos aleatoriamente as que seguem (Fig.14):



Figura 14: Capas diversas.
Fonte: CARDOSO, 2005.

A capa original de *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade, foi criada por Santa Rosa e permaneceu durante quase quarenta anos. A obra é composta por cinquenta e cinco poemas e foi escrita durante a Segunda Guerra Mundial. Em 218 páginas, *A rosa do povo* demonstra os anseios e sofrimentos dos seres humanos neste

momento da história. A rosa do povo "É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio" (Poema *A flor e a náusea*). Portanto, valendo-se do seu talento Santa Rosa assina a capa de *A rosa do povo*, um projeto gráfico no qual o artista consegue mergulhar no mundo poético de Drummond e materializar uma obra capaz de atrair o público leitor.

Outra produção que tem a marca de Santa Rosa na capa é *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego, e articula-se em torno do tema, a decadência dos engenhos nordestinos, com suas implicações sociais. É a última obra dos ciclos de José Lins do Rego: o da cana de açúcar (BOSI, 1994).

Em *Ar do deserto* (1948) Adalgisa Nery reflete sobre a condição da mulher em um mundo machista, tema até então inédito na literatura brasileira. Nesta obra, Santa Rosa promove uma capa sensível e imaginativa, tanto quanto foi a vida dessa poetisa modernista e jornalista brasileira.

Estrela solitária (1940), obra de Frederico Augusto Schmidt, também teve a capa idealizada por Santa Rosa. Schmidt foi poeta da segunda geração do Modernismo brasileiro, em seus poemas ele falou de morte, ausência, perda e amor (BOSI, 1994). Como editor, publicou livros importantes como *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freyre, e *Caetés*, de Graciliano Ramos.

Murilo Mendes escreve *O visionário* em 1941, em busca de uma poesia social, cósmica e mística, e Santa Rosa é o idealizador da capa. Poeta excêntrico, sua poesia foi fortemente marcada pela influência surrealista. Conforme pondera Bosi (1994), Murilo Mendes manifesta-se de um modo livre, apropriado à sua própria norma poética.

Por fim, *Assunção de Salviano* (1954), obra de Antonio Callado, que tem em sua 1ª edição Capa de Santa Rosa. Assunção de Salviano é o romance de estreia do escritor e jornalista Antonio Callado e conta a história de Salviano, marceneiro de Juazeiro, a princípio ateu, que tem ligações com Júlio Salgado, elemento do Partido Comunista, sendo ambos inimigos da Igreja e dos padres (BOSI, 1994).

O desejo de informação pela população torna o segmento editorial uma grande oportunidade de negócios e, de certa maneira, ajudou a promover verdadeira revolução no mercado editorial. Este, por sua vez, buscava trabalhar com artistas que

apresentavam linguagens visuais diversas, modernizando a imagem da editora (PAIXÃO, 1998).

Santa Rosa fez capas para quase todos os grandes autores do modernismo brasileiro, o que revela sua importância para o mercado editorial no século XX. Obras de grandes nomes da literatura brasileira receberam o cuidado de suas gravuras, traços e desenhos. Assim, as capas que criava se tornavam as primeiras motivações com que se depararam os leitores.

São Bernardo (1934), de Graciliano Ramos, é um desses exemplos. Essa obra situa-se na segunda etapa do modernismo brasileiro (BOSI, 1994), e conta a história do grande amor desencontrado de Paulo Honório por Madalena.

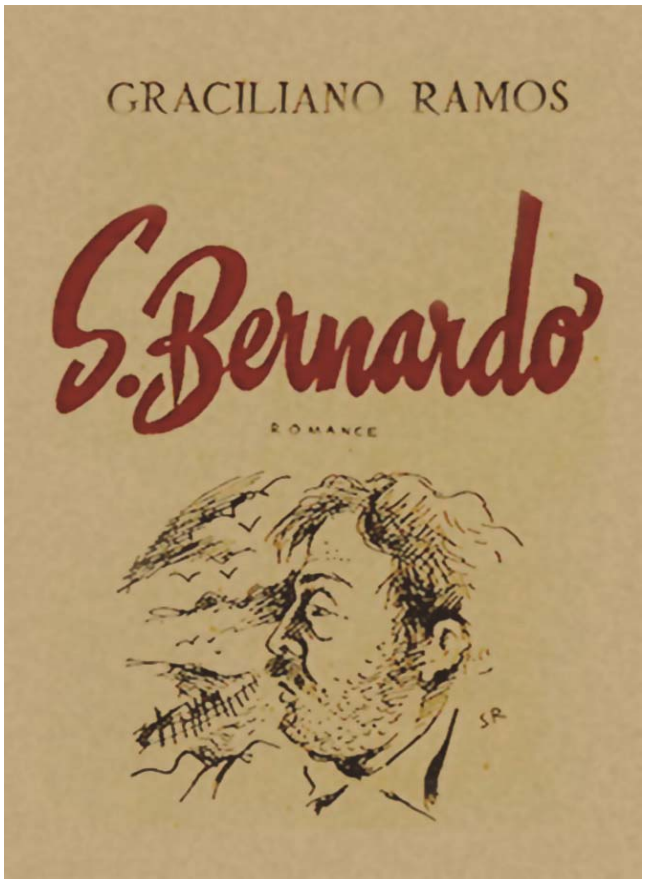


Figura 15: Capa de livro - Graciliano Ramos.
Fonte: Fonte: CARDOSO, 2005.

Como já foi mencionado, mais de 300 capas foram feitas por Santa Rosa entre 1933 até a sua morte. Um trabalho que ressalta a importância que o próprio Santa Rosa dava ao papel de artista gráfico. Era realmente "um leitor do que ilustrava",

reconheceu Otto Maria Carpeaux (1978), e suas capas faziam alusões que iam muito além dos títulos.

Santa Rosa teve grande influência na transformação estética do livro brasileiro nos anos 1930 e 1940. Ele foi um dos primeiros a entender que a revolução da arte moderna também cabia aos ofícios tidos como menores, como a cenografia, a ilustração e as artes industriais.

> Se não era nas exposições que se vulgarizava uma nova percepção da arte, era nos jornais, nas revistas, nos cartazes, nas capas de livros, nos cenários de teatro. Enfim: na rua. E Santa Rosa fez isso conscientemente, não como mero subproduto de uma faina cotidiana, derivado de uma atividade de aluguel, afirma o pesquisador (BUENO, 2015, p. 22).

Para Bueno (2015), alguns traços marcantes do estilo de Santa Rosa são a procura do elemento significativo, a exploração discreta da cor, o uso do espaço vazio. Em oito capítulos que analisam suas coleções, seu método e seu interesse pela literatura, Guedes (2016) pondera que Bueno consegue ver aí uma justiça poética e gráfica, finalmente ser alcançada para o "mestre das capas", isto é, para Tomás Santa Rosa.

Segundo Cardoso (2005), a partir do século XX se iniciou o uso de ilustrações nas capas para apresentar partes do conteúdo, ampliando a visibilidade nas prateleiras das livrarias. Com isso, a elaboração das configurações visuais do livro começou a fazer parte do projeto gráfico, responsável por definir tudo o que seja referente ao livro. Era o momento de o artista gráfico liberar sua criatividade, valendo-se de todos os recursos possíveis para compor uma capa que comunicasse ao leitor e o convidasse para a leitura daquela obra.

Sem dúvida, as capas dos livros formam um espaço visual importante, quando exploradas pelo artista gráfico de maneira criativa, produzindo um efeito visual diferenciado para a publicação, e a ilustração valoriza o título de modo a dar mais qualidade à obra.

3.2 DO UNIVERSO BIDIMENSIONAL PARA O TRIDIMENSIONAL

Apesar de interpretarmos a realidade a qual estamos inseridos como prova de que a existência se resume ao que nós podemos sentir, provar, enxergar, ouvir, percebemos o nosso Universo como um holograma bidimensional, embora interpretemos o ambiente ao redor como sendo tridimensional. Nesse entendimento, acentuamos a ideia de que toda informação sobre um volume de espaço a ser codificado em um limite bidimensional, isto é, um princípio holográfico, significa uma questão de perspectiva.

Em um mundo bidimensional as duas dimensões são comprimento e largura, em conjunto estabelecem uma superfície plana, sobre a qual podem ser dispostas marcas visíveis planas que não têm profundidade; e podem ser figurativas ou abstratas. O desenho, a pintura, a escrita são atividades que levam diretamente a formação do mundo bidimensional (ARNHEIM, 2005; PANOFSKY, 1989; SCOTT, 1970).

Quanto ao mundo tridimensional, vivemos de fato nele. Se tomarmos qualquer artefato em nossas mãos, o que podemos ver não é uma imagem plana, tendo somente comprimento e largura, mas um espaço com profundidade física. Cada movimento desse objeto pode evidenciar um formato diferente. É na mente humana que o mundo tridimensional ganha o seu significado (ARNHEIM, 2005).

De acordo com Castro (2002), as dimensões primárias abarcam comprimento, largura e profundidade; e possuem também cor, textura, ponto, linha, direção, posição e contrastes. Para este autor, a principal maneira de criar o efeito de profundidade é a perspectiva, podendo ser intensificado pelos efeitos de claro-escuro nos diferentes tons da imagem. A representação do espaço tridimensional numa superfície bidimensional, através da perspectiva, vai exigir uma série de regras e métodos estabelecidos tanto intuitivamente quanto matematicamente para iludir o olhar (CASTRO, 2002).

Em se tratando da representação de uma terceira dimensão numa superfície bidimensional, tudo vai depender da capacidade que o olho tem de se iludir quanto ao modo de perceber a imagem. Para Castro (2002) a linha funciona como o contorno

das formas obtidas que, por sua vez, são projetadas na superfície plana bidimensional de modo que pareçam estar em diferentes planos.

Mas, o que é bidimensional e tridimensional em um desenho? O que isso representa na criação artística de Santa Rosa?

Sobre essa questão Santa Rosa parecia entender bem, tanto que, ao criar seus desenhos, numa superfície plana, sabia que isso era totalmente bidimensional. A tridimensionalidade que ele expressava era produto de sedimentação de conceitos de linhas de ponto de fuga[4].

A representação pictórica está presente na arte de Santa Rosa, principalmente nas capas dos livros de José Lins do Rego. A representação pictórica é uma consequência da assimilação de convenções culturais, e Santa Rosa soube trabalhar com isso, com leis ditas universais, escolhendo ângulos inusitados para os seus planos de profundidade, e rompendo as tradições renascentistas.

Na obra de Santa Rosa vamos encontrar conflito-espaço-superfície, e também perspectiva. Unindo arte e tecnologia, o ilustrador subsidiou a produção periódica, por vezes em atuação mais importante que o próprio redator. Profissional do momento, a serviço da imagem, sua presença era imprescindível, fosse por reproduzir as novas técnicas ou por qualificar a publicação com seu traço, garantindo colocação no mercado (CARDOSO, 2005).

Santa Rosa buscava ampliar com a representação figurativa na arte, ou seja, sendo contra a cópia mais ou menos fiel da realidade, e depurava a imagem aos seus elementos básicos: linhas, formas, cores e ritmo numa composição que abandona a arte do natural e passa a seguir formas rígidas e geométricas. Composição com vermelho, amarelo e azul, como se pode ver nas capas dos livros *Usina* e *Histórias da velha Totonia*, de José Lins do Rego.

Santa Rosa, como todo artista de sua época, sofreu forte influência da arte abstrata ou não figurativa. Essa arte constitui uma das mais significativas correntes

---

[4] Machado (1974) esclarece que, nas perspectivas com um ou dois pontos de fuga, as retas perpendiculares à linha do horizonte são paralelas entre si, sendo o seu ponto de fuga um ponto impróprio. Ainda de acordo com este autor o ponto de fuga pode ser vertical, e surge da necessidade de representar as retas verticais como elementos convergentes do campo visual, por se afastarem do observador. Este sistema também é utilizado para situações em que os objetos têm o eixo principal oblíquo em relação ao quadro; e inclinado, que é uma variação do ponto de fuga vertical, utilizado quando o observador está descentralizado.

da arte moderna, desenvolvida no mundo ocidental, na primeira metade do século XX, principalmente na Europa, quando alguns artistas resolveram romper com a forma tradicional de representação da realidade através da mera cópia, como passaram a considerar a pintura acadêmica (BOSI, 1994; GULLAR, 1985; VENTURELLI, 2004).

Ao fazer sua arte, Santa Rosa soube trabalhar a textura e criar efeitos de impressões visuais das superfícies nas imagens, tais como: dimensão/plano em conjunto com a linha e com a forma para iludir o olhar do observador, criando um efeito tridimensional na imagem, que está numa superfície bidimensional, como se pode ver, por exemplo, na imagem representada na capa *O moleque Ricardo*. As três dimensões são: altura, comprimento e profundidade. Junto com o elemento da dimensão relacionamos o conceito de plano numa superfície, que é uma área da imagem que possui duas dimensões (comprimento e largura) e que, através de sua sobreposição, podemos obter uma ilusão de uma terceira dimensão: altura, comprimento e profundidade.

Como assevera Machado (1974), a ilusão de perspectiva pode ser causada de duas maneiras no desenho artístico: perspectiva linear, que tem como referência a linha do horizonte e um ou mais pontos de fuga localizados nesta linha para causar o efeito de profundidade; e perspectiva atmosférica, que usa diferentes tonalidades de cores, graduando conforme a distância que se quer representar. Quanto mais próxima do observador a figura está os tons são mais fortes, e quanto mais distante do observador os tons são mais fracos (MACHADO, 1974).

Santa Rosa transitou também no teatro, e sua presença na história do teatro brasileiro está associada a sua participação direta e no apoio e desenvolvimento de grupos teatrais importantes, formados por intelectuais e artistas da época, como *Os Comediantes* e outros grupos revolucionários, como o *Teatro Experimental Negro*. Algumas montagens marcaram a careira de cenógrafo de Santa Rosa, entre elas, *Vestido de Noiva* de Nelson Rodrigues, de 1943 (Fig.12), em que dois planos amarravam três tempos, o de cima realidade e o de baixo, memória e alucinação. Tudo isso se desenvolvia em uma narrativa não linear, ligada apenas pela concepção do cenário, rompendo muitas tradições dessa época para o teatro brasileiro.



Figura 16: Cenário da peça Vestido de Noiva de Nelson Rodrigues.
Fonte: BARSANTE, 1982.

No que diz respeito ao teatro, encontramos também Santa Rosa como um dilatador do espaço cênico, sua concepção de cenário criava na verdade mundos materializados, em que o trabalho com a luz, o uso das sombras, a criação das formas e a aplicação das cores estavam a serviço da renovação do teatro brasileiro, com qualidade superior na nossa cenografia. As formas podem evidenciar potenciais características de acordo com a intenção do criador da imagem, como exemplo, movimento, estabilidade e tensão.

No mundo dos palcos, Santa Rosa desenhou também figurinos (Fig. 17 e 18) para algumas peças, como para *Escola de Maridos* de Molière. Nela, Molière satiriza o conservadorismo da aristocracia representado na obra pela personagem de Sganarello, o qual mantém sua pretendida em cárcere temendo o adultério, que segundo ele, era uma tendência própria do sexo feminino (MOLIÈRE, 2005). Trata-se

de uma comédia sarcástica que critica os hábitos da sociedade francesa e também ataca o conservadorismo aristocrata.



Figura 17: Figurino de teatro.
Fonte: www.catalogodasartes.com.br.

Embora precisemos para realização desta pesquisa, de um recorte sobre a obra de Santa Rosa ela é contínua, isso porque, como diz Leite (2003) citando o designer Aluísio Magalhães, é uma das características da cultura, a continuidade. Não apenas pela forma como se insere no processo histórico ou ainda pela sua diversidade de elementos, mas principalmente pela sua capacidade de realimentação, a exemplo do que intentamos em realizar com a produção artística e

cultural de Santa Rosa, desta vez com base na escrita de si que revela a sua memória autobiográfica.

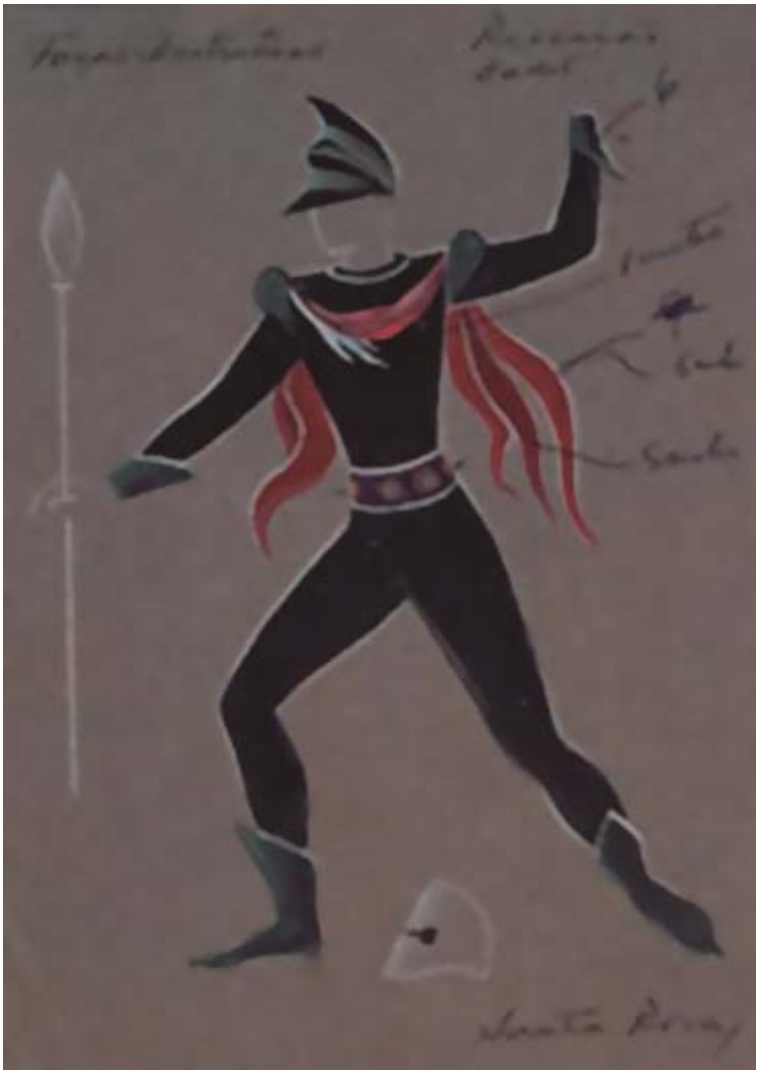


Figura 18: Figurino de teatro.
Fonte: www.catalogodasartes.com.br.

Ao tratarmos da obra, tratamos também do artista. A economia de palavras usada por Santa Rosa e citada por seus amigos, quando falava e se expressava, sobrava em força e potência criativa da expressividade de suas obras. Em se tratando de um artista visual, o conjunto de suas obras são essencialmente imagens, uma vez que a informação nelas contida é comunicada de maneira mais rápida, surgindo um número maior de detalhes da obra (BURKE, 2004). No caso das ilustrações nas capas dos livros, elas começaram a receber mais atenção no início do século XX,

principalmente pelas mãos de Santa Rosa, e deixam de ser vistas apenas como proteção para o livro, para integrarem também o texto.

Assim, Santa Rosa ia construindo sua autobiografia, firmando seus objetivos e perspectivas na construção voluntária ou involuntária do "eu". O que passa a importar "é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de 'dizer o que houve', mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento" (GOMES, 2004, p. 14). Os documentos históricos, sendo eles oficiais ou não, vão sendo registrados em determinado tempo, por esta razão, o que restou da memória de Santa Rosa está relacionado à sua vida, às suas atitudes e afazeres artísticos. São práticas da escrita onde ele reflete sobre si e o mundo em que está inserido.

No próximo capítulo apresentamos nosso olhar sobre a produção epistolar de Santa Rosa enviada a José Simeão Leal. A concepção de gênero epistolar se inscreve numa noção ampla que entende o epistolar como um gênero híbrido propício ao surgimento de outras formas literárias. Assim, selecionamos trechos de algumas cartas de Santa Rosa que podem servir de ponto de partida para pensarmos a sua vida, entendermos a sua história, enfim, a sua trajetória.

4 MEMÓRIA AUTOBIOGRÁFICA E A ESCRITA DE SI: CARTAS DE SANTA ROSA A SIMEÃO LEAL

A amizade duplica as alegrias
e divide as tristezas.
(Francis Bacon)

Ao observar catálogos de editoras e mesmo nas livrarias, percebe-se que, apesar do tempo virtual, muitas obras biográficas e autobiográficas vêm sendo produzidas, embora saibamos que a memória humana tem suas limitações biológicas e apesar disso há uma busca pelo registro de si, pela escrita do eu e informações de si. Ao evocar a memória, nos utilizamos dela como uma arca, preservada em "recipientes de memória" (ASSMANN, 2011); uma memória autobiográfica que, na compreensão de Gomes (2004), trata-se da escrita de si, e também se constitui como um lugar da memória. Assim o thesaurus, ou seja, a arca do tesouro se revela tanto pelo conteúdo como pelos recipientes. Uma vez carregada de discurso é capaz de transmitir significados, além de conter uma grande força de expressão, sendo, portanto *imagenis agente* (ASSMANN, 2011).

A memória é, pois, um "conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto" (AZEVEDO NETTO, 2016, p. 157). Nesse entendimento, a memória é então mediada pelos artefatos pertencentes e produzida por um sujeito, em uma gama enorme de suportes, compondo o que denominamos de cultura material, assim a memória se desvela no encadeamento desses bens culturais.

Os bens culturais, mesmo sendo criados individualmente passam a ter um caráter também coletivo, compondo um patrimônio cultural recuperado. Essa compreensão de memória, aproximando o objeto de estudo em micronarrativas de memória autobiográfica (AZEVEDO NETTO, 2007) contribuiu para compormos nesta seção, um *corpus* mais detalhado sobre a trajetória de Tomás Santa Rosa a partir da leitura e do entendimento das cartas que ele enviou ao também paraibano José

Simeão Leal, um homem que desenvolveu um trabalho decisivo para a história e à cultura brasileira no campo literário, cultural e artístico no universo intelectual brasileiro, tendo sido um dos grandes incentivadores e inauguradores do movimento editorial no setor público brasileiro (OLIVEIRA, 2009). Como assegura Gomes (2004), uma escrita que emerge em meio a documentos pessoais: diários, cartas, bilhetes, fotografias, em suma, uma escrita autobiográfica capaz de revelar traços importantes, mas ainda desconhecidos na história. Entrar em contato com estes documentos permite ao pesquisador uma sensação de viagem no tempo, um paralelo direto com as vivências presentes neles. Assim,

> [...] a escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a "sua verdade". [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento (GOMES, 2004, p.14).

Investigar o vasto universo da vida e obra de Santa Rosa, sua relevância no cenário histórico e cultural do nosso país, acessando sua produção literocultural, não indica que consideramos sua memória apenas como uma forma de armazenamento, o que nos traria um desmembramento da mente com o seu contexto social, "uma quebra do fluxo entre o indivíduo e seu entorno" (AZEVEDO NETTO, 2016). Seus contextos e relações pessoais, certamente em muito contribuíram para seu engrandecimento pessoal. A extensa produção artística de Santa Rosa pode revelar também sua variedade de interesses e que são, sobretudo, expressos em suas obras, tanto na pintura quanto nos desenhos e ilustrações em livros, bem como, na produção epistolar. Essas memórias contidas em diversos suportes são capazes de ressaltar a trajetória de um homem, constituída não de maneira linear, mas antes, com detalhes cotidianos, deslocamentos, vitórias, frustrações e convívios que contribuíram para a sólida formação de Santa Rosa como pessoa e como artista visual.

As cartas de Santa Rosa enviadas a Simeão Leal, naturalmente se consolidam no campo da escrita de si (OLIVEIRA, 2009) e nos ajudam a compor uma paisagem constituída pelos conteúdos simbólicos e subjetivos ali expressos. Suas cartas pessoais, presentes no arquivo privado de José Simeão Leal nos conduzem a buscar possíveis respostas para as perguntas norteadoras da nossa pesquisa, pois elas têm uma especificidade: são endereçadas a uma pessoa de destaque no País, além de amigo pessoal e estabelecem um contato, dando a conhecer sobre sua vida ou apenas reforçando suas expectativas. Elas informam sobre sua luta cotidiana pela estabilidade profissional e a possibilidade de sair da Paraíba, local que muitas vezes se referia como exílio, ou simplesmente, para agradecer a José Simeão Leal pelo envio de livros, ressaltando sempre sua opinião sobre as leituras. Mais do que informar sobre experiências vividas, as cartas nos permitem apreender os modos pelos quais o escrevente as narra. Tendo como foco as cartas, foi possível recuperar a trajetória de Santa Rosa, suas memórias, as experiências e sensibilidades, para tal utilizamos um total de 39 cartas, além de 02 telegramas e 03 bilhetes, sendo 02 manuscritos e 01 datilografado.

O *corpus* documental analisado nesta seção se refere à Correspondência Passiva de Tomás Santa Rosa, e compreende 19 cartas enviadas a Simeão Leal entre 1931 e 1951, e está compreendido em um período onde o remetente ainda residia em João Pessoa, ansiando novos lugares que o permitissem desenvolver suas aspirações e habilidades artísticas, até sua chegada e permanência no Rio de Janeiro. No conjunto de cartas redigidas por Santa Rosa encontra-se uma carta escrita quando ele esteve em São Paulo e outras quando já residia no Rio de Janeiro.

Ao conhecer São Paulo Santa Rosa a reconhece como uma "cidade antipática", e relata ao amigo em carta escrita em outubro de 1933, que ao chegar ao Clube dos Artistas Modernos, considerou aquele ambiente de maior inteligência que ele sentiu. (carta n. 03)

Acreditamos que essa produção, embora seja de fórum íntimo, subjetivo, adquire um caráter universal, de uma "ilusão de eternidade" (ARTIÈRES, 1998), por intermédio da autobiografia.

As cartas aqui analisadas seguem quando datadas em ordem cronológica em que foram escritas por Santa Rosa; as que não possuem data seguem a sequência em que foram arquivadas pelo NDHIR da Universidade Federal da Paraíba. Dentre todas as correspondências estão as que mais expressam a visão de Santa Rosa sobre si e sobre seu trabalho, pelo prisma de sua cosmovisão artística, revelando por meio da sua escrita de si uma profunda memória biográfica, construída linha a linha por si mesmo.

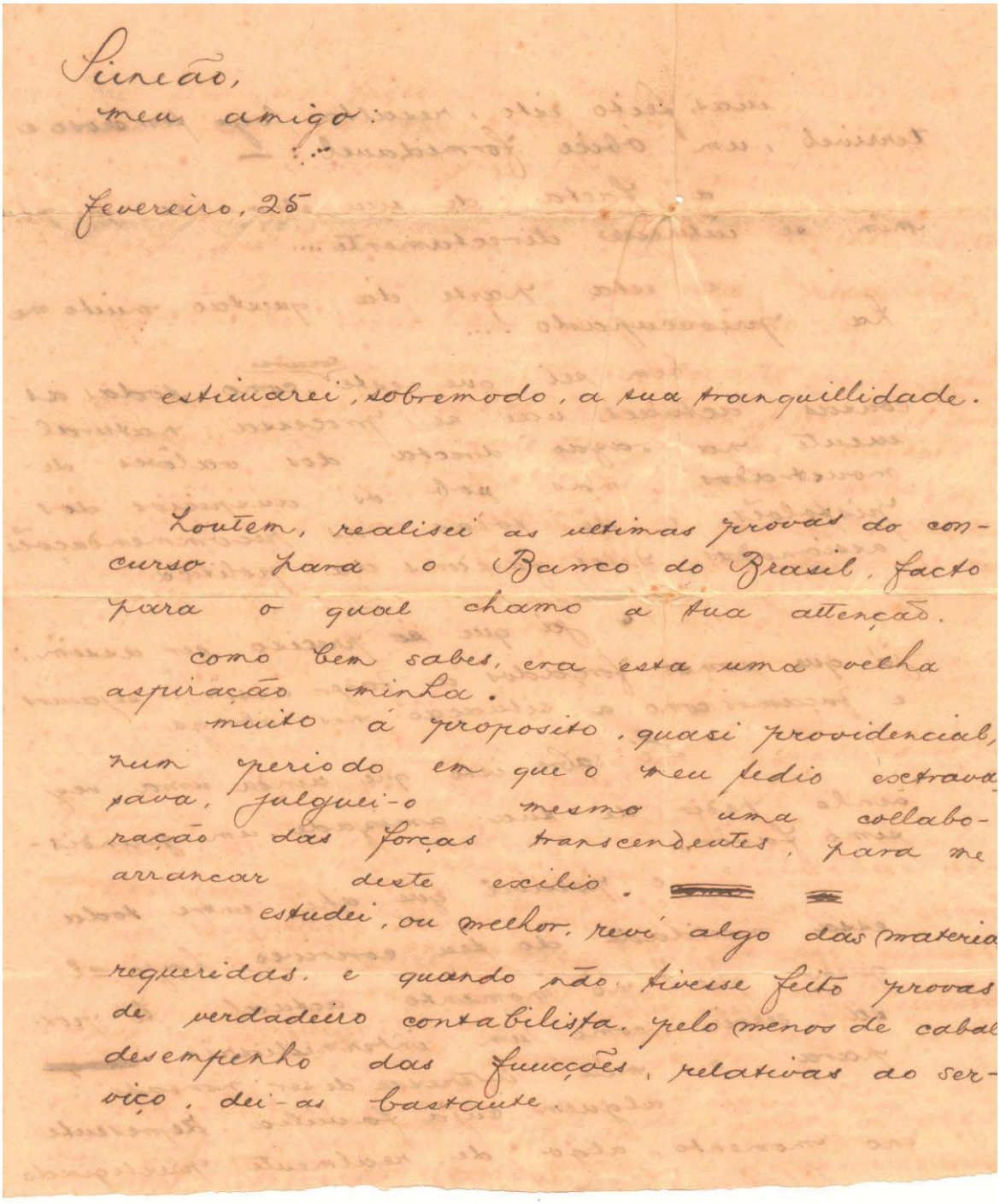
4.1 A INTERLOCUÇÃO COM JOSÉ SIMEÃO LEAL

As cartas de Tomás Santa Rosa inserem-se na Série Correspondência Passiva de José Simeão Leal. O conjunto é compreendido por 39 cartas (Anexo A), todas já estão catalogadas e seu catálogo encontra-se pronto no NDHIR. São 31 cartas manuscritas e 08 datilografadas, todas em tipos de papel semelhantes, geralmente em papel de seda rosado. Desse total de cartas, 06 foram escritas e/ou datilografadas em papel timbrado, a saber: Club Comercial de S. Paulo; 1ª Bienal – Museu de Arte Moderna de S. Paulo; Centro de Educação e Saúde; Livraria José Olympio Editora; Serviço Aéreo Condor; além de uma carta que traz, simbolicamente, a figura de um pássaro.

As cartas de Santa Rosa enviadas a Simeão Leal seguem um modelo não muito próprio do cerimonial epistolar, com texto precedido pela saudação, depois o local e a data, embora algumas nem indicassem o ano em que foram redigidas, seguido da despedida e da assinatura. Esses documentos foram escritos numa época em que a carta, o telegrama e o cartão postal eram as únicas formas de correspondência escrita entre as pessoas. Salientamos que no estudo das cartas foi respeitada a estrutura da escrita da época. Dentre as cartas selecionadas encontra-se uma que reforça a amizade e confiança que Santa Rosa deposita ao amigo e pede-lhe um favor:

Simeão, meu amigo,
fevereiro, 25, 1931

É possível que ahi entre toda essa mocidade do teu convívio, haja alguém que no momento actual te possa servir como intermediário para meu interesse de ser nomeado. Escreve o muito teu amigo, Santa Rosa júnior. (*Trecho da Carta n. 01*).


Simeão,
meu amigo:

fevereiro, 25

estimarei, sobremodo, a sua tranquillidade.

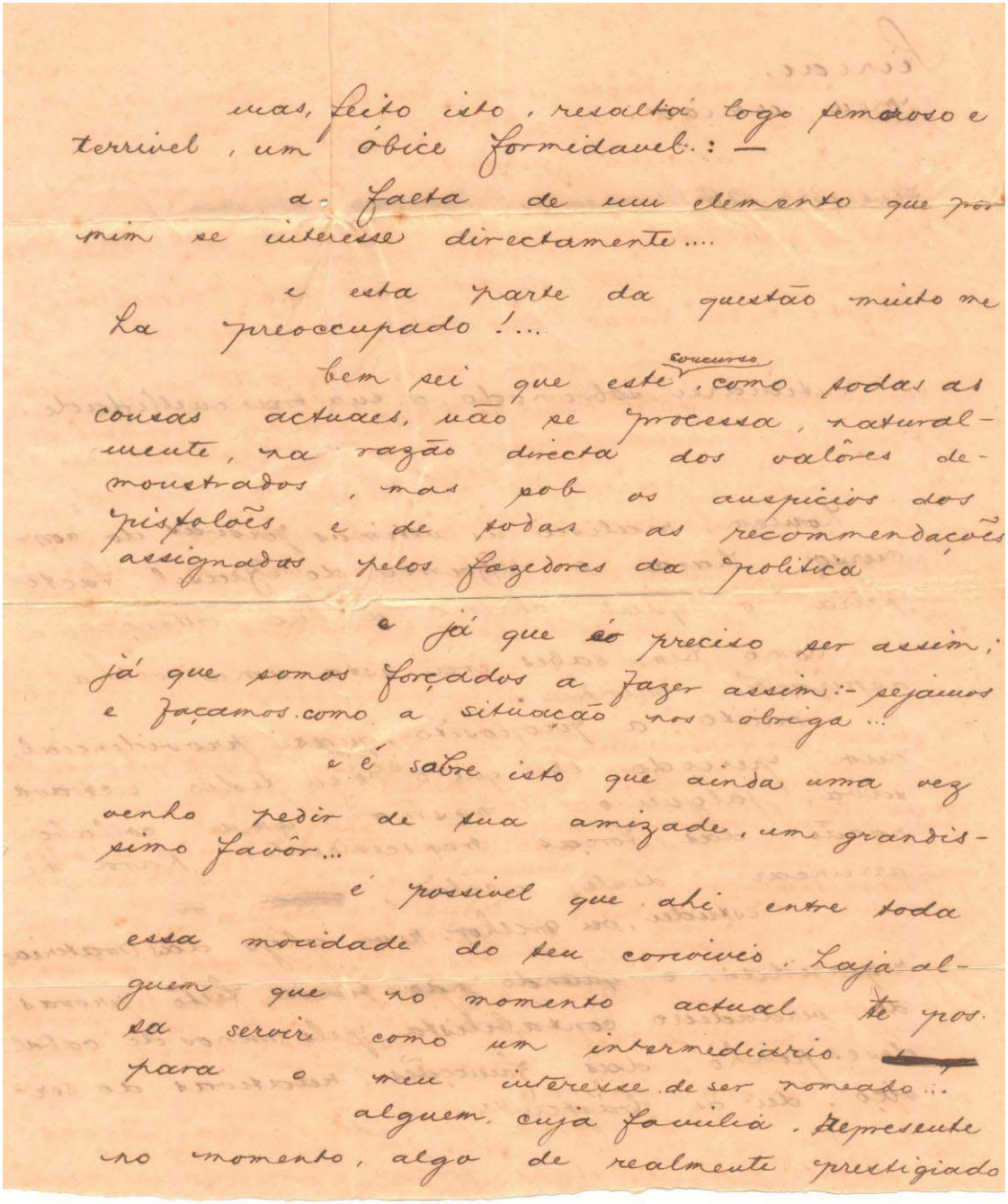
Hontem, realisei as ultimas provas do concurso para o Banco do Brasil, facto para o qual chamo a tua attenção.

como bem sabes, era esta uma velha aspiração minha.

muito á proposito, quasi providencial, num periodo em que o meu pedio estava, julguei-o mesmo uma collaboração das forças transcendentes, para me arrancar deste exilio.

estudei, ou melhor, revi algo das materias requeridas, e quando não tivesse feito provas de verdadeiro contabilista, pelo menos de cabal desempenho das funcções, relativas ao serviço, dei-as bastante.

Figura 19: Carta n. 01, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



mas, feito isto, resalta logo temeroso e terrivel, um óbice formidavel: —

a falta de um elemento que por mim se interesse directamente....

e esta parte da questão muito me La preoccupado!...

bem sei que este concurso, como todas as cousas actuaes, não se processa, naturalmente, na razão directa dos valôres demonstrados, mas pob os auspicios dos pistoloes e de todas as recommendaçoes assignadas pelos fazedores da politica

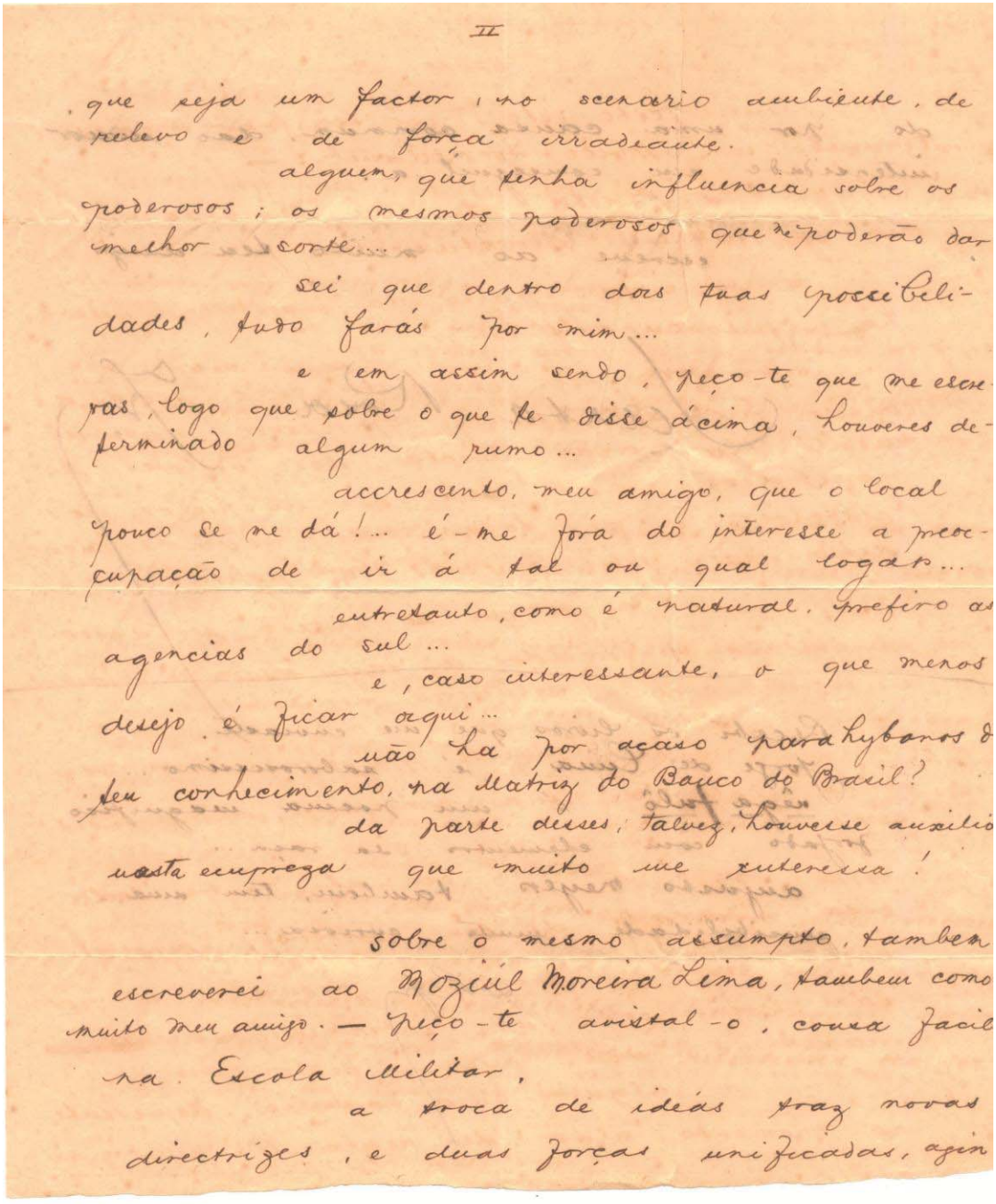
e já que é preciso ser assim; já que somos forçados a fazer assim:- sejamos e façamos como a situação nos obriga...

e é sabre isto que ainda uma vez venho pedir de sua amizade, um grandissimo favôr...

é possivel que ahi, entre toda essa novidade do seu convivio, haja alguem que no momento actual te possa servir como um intermediario para o meu interesse de ser nomeado...

alguem, cuja familia, represente no momento, algo de realmente prestigiado

Figura 20: Carta n. 01, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



II

. que seja um factor, no scenario ambiente, de relevo e de força irradiante.

alguem, que tenha influencia sobre os poderosos; os mesmos poderosos que me poderão dar melhor corte...

Sei que dentro das tuas possibilidades, tudo farás por mim...

e em assim sendo, peço-te que me escreras, logo que sobre o que te disse ácima, houveres determinado algum rumo...

accrescento, meu amigo, que o local pouco se me dá!... é-me fóra do interesse a preoccupação de ir á tal ou qual logar...

entretanto, como é natural, prefiro as agencias do sul...

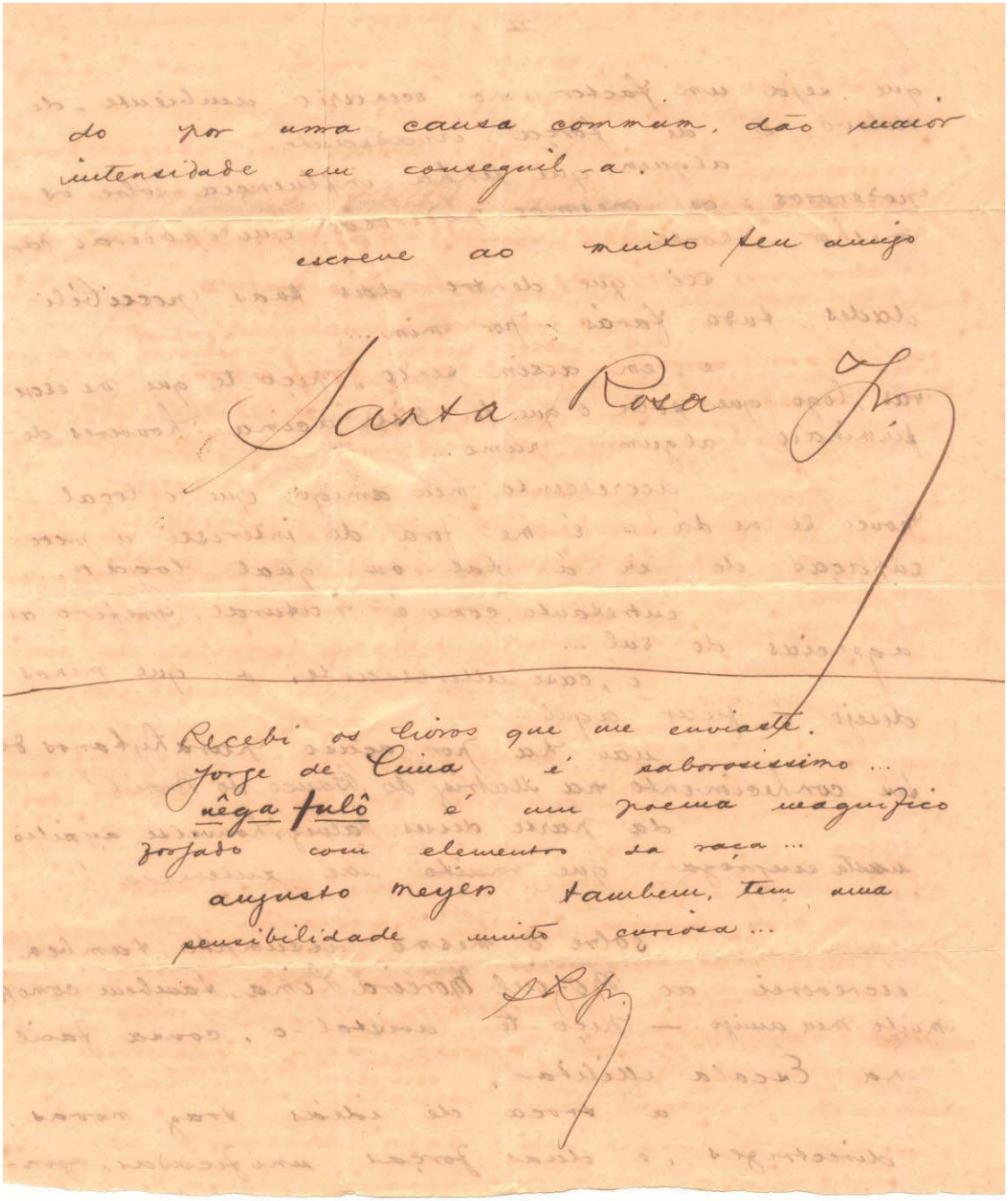
e, caso interessante, o que menos desejo é ficar aqui...

não ha por acaso para lybanos do teu conhecimento, na Matriz do Banco do Brasil? da parte desses, talvez, houvesse auxilio nesta empreza que muito me interessa!

sobre o mesmo assumpto, tambem escreverei ao Mozuel Moreira Lima, tambem como muito meu amigo. — peço-te avistal-o, cousa facil na Escola Militar,

a troca de ideás traz novas directrizes, e duas forças unificadas, agin

Figura 21: Carta n. 01, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.


do por uma causa commum, dão maior
intensidade em conseguil-a.

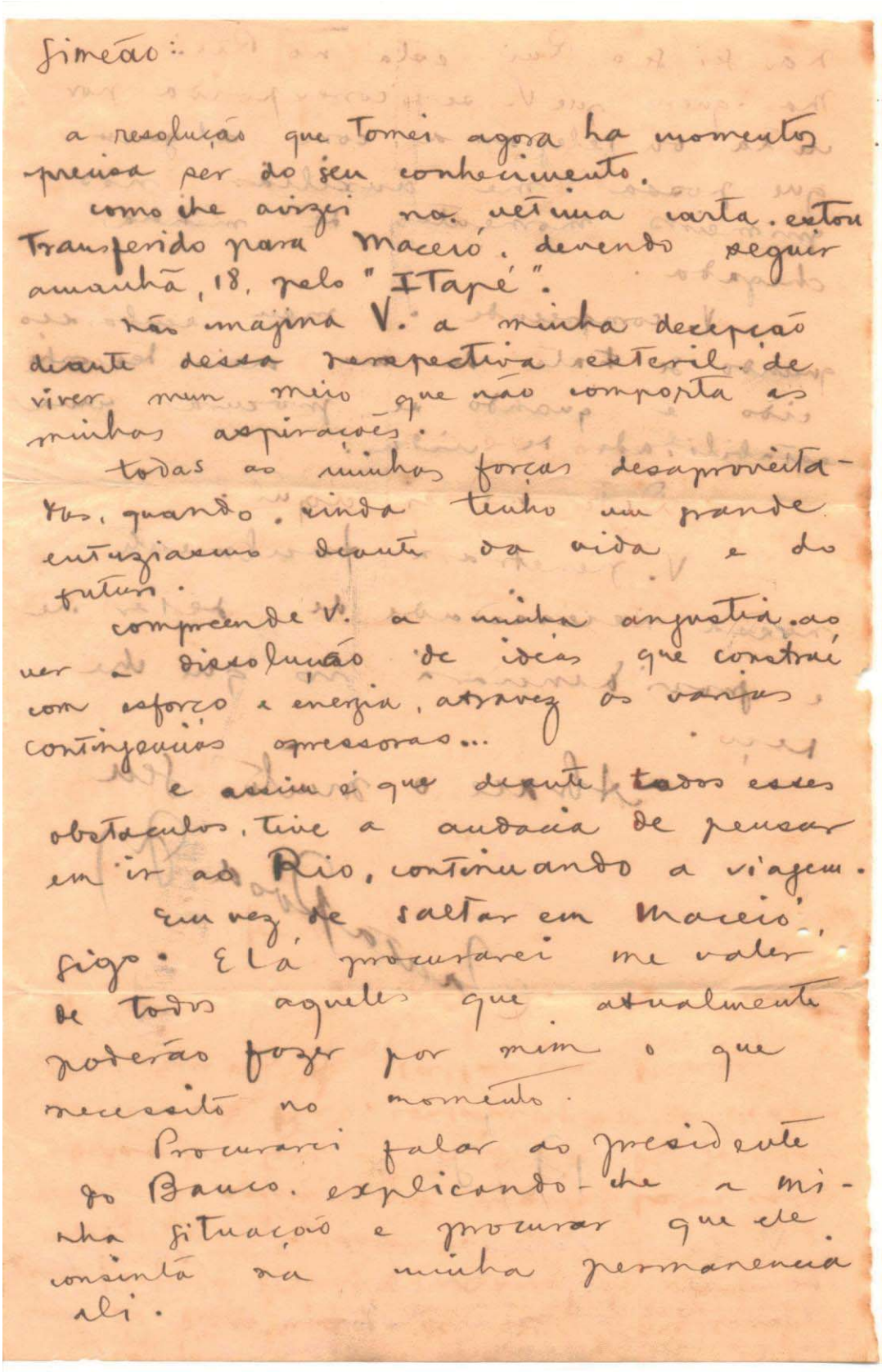
escreve ao muito seu amigo

Santa Rosa

Recebi os livros que me enviaste.
Jorge de Lima é saborosissimo ...
nêga fulô é um poema magnifico
forjado com elementos da raça ...
augusto meyer tambem, tem uma
sensibilidade muito curiosa ...

Figura 22: Carta n. 01, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

A saída de Santa Rosa da Paraíba não é recebida com tanta satisfação, isto porque ele estava indo para Alagoas, trabalhar no Banco do Brasil. Ele via também este Estado como estéril para suas ambições artísticas, e continua a solicitar favores de Simeão Leal, como podemos conferir em carta escrita no dia 17 de fevereiro de 1931, para pedir aos superiores do banco no Rio de Janeiro sua transferência. (carta n. 14)



Simeão:

a resolução que tomei agora há momentos precisa ser do seu conhecimento.

como lhe avisei na ultima carta, estou transferido para Maceió, devendo seguir amanhã, 18, pelo "Itapé".

não imagina V. a minha decepção diante dessa perspectiva estéril de viver num meio que não comporta as minhas aspirações.

todas as minhas forças desaproveitadas, quando ainda tenho um grande entusiasmo diante da vida e do futuro.

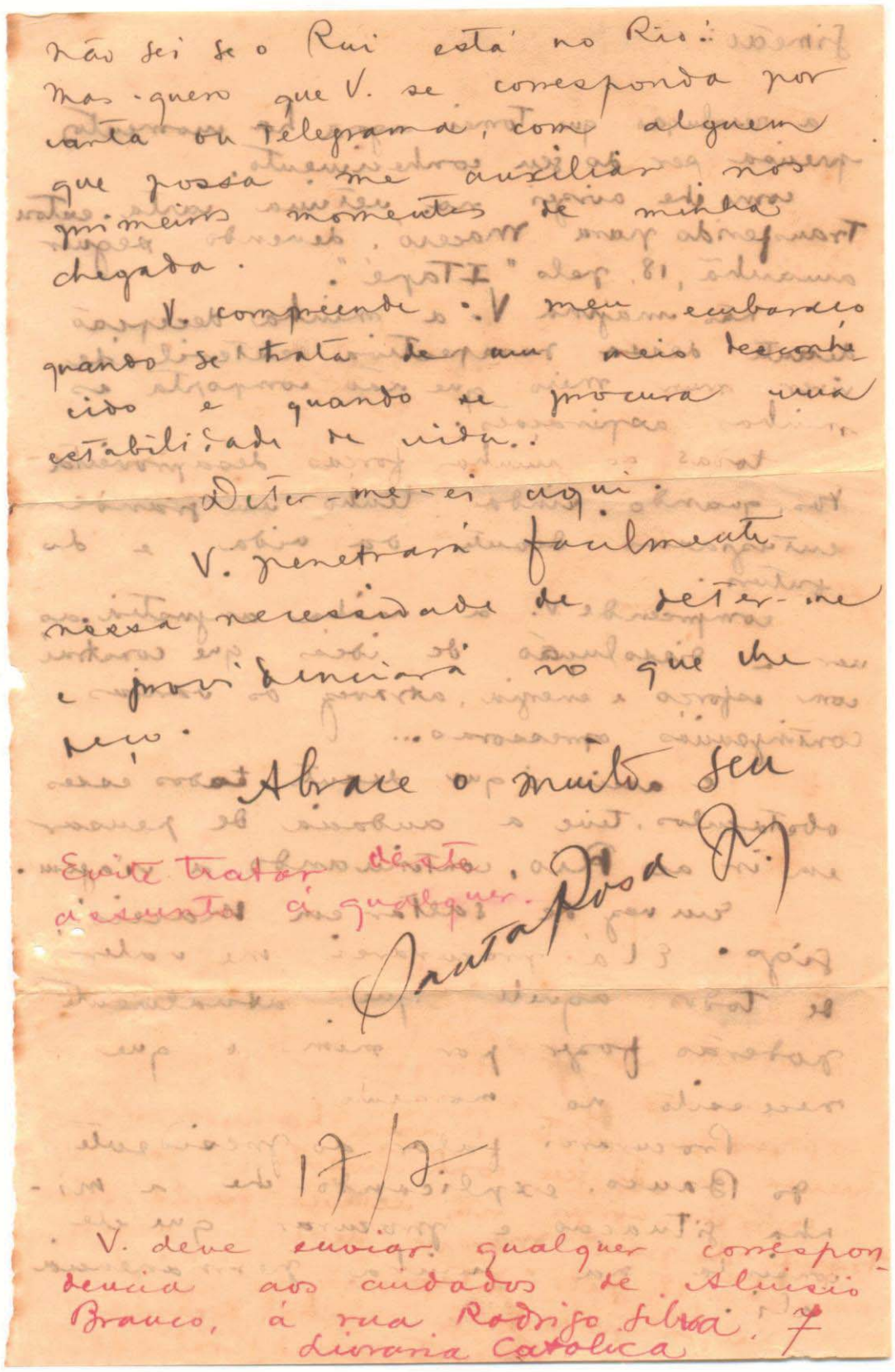
compreende V. a minha angustia ao ver a dissolução de ideias que construí com esforço e energia, através de varias contingencias opressoras...

e assim é que diante todos estes obstaculos, tive a audacia de pensar em ir ao Rio, continuando a viagem.

em vez de saltar em Maceió, sigo. Lá procurarei me valer de todos aqueles que atualmente poderão fazer por mim o que necessito no momento.

Procurarei falar ao presidente do Banco, explicando-lhe a minha situação e procurar que ele consinta na minha permanencia ali.

Figura 23: Carta n. 14, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Não sei se o Rui está no Rio. Mas quero que V. se corresponda por carta ou telegrama, com alguem que possa me auxiliar nos primeiros momentos de minha chegada.

V. compreende. V meu embaraço quando se trata de um meio desconhecido e quando se procura uma estabilidade de vida..

Detem-me-ei aqui.

V. penetrará facilmente nessa necessidade de deter-me e providenciará no que lhe pareça.

Abraço o muito seu

Evite tratar disto a estranhos à qualquer.

17/7.

V. deve enviar qualquer correspondencia aos cuidados de Alusio Branco, á rua Rodrigo Silva, 7 Livraria Catholica

Figura 24: Carta n. 14, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

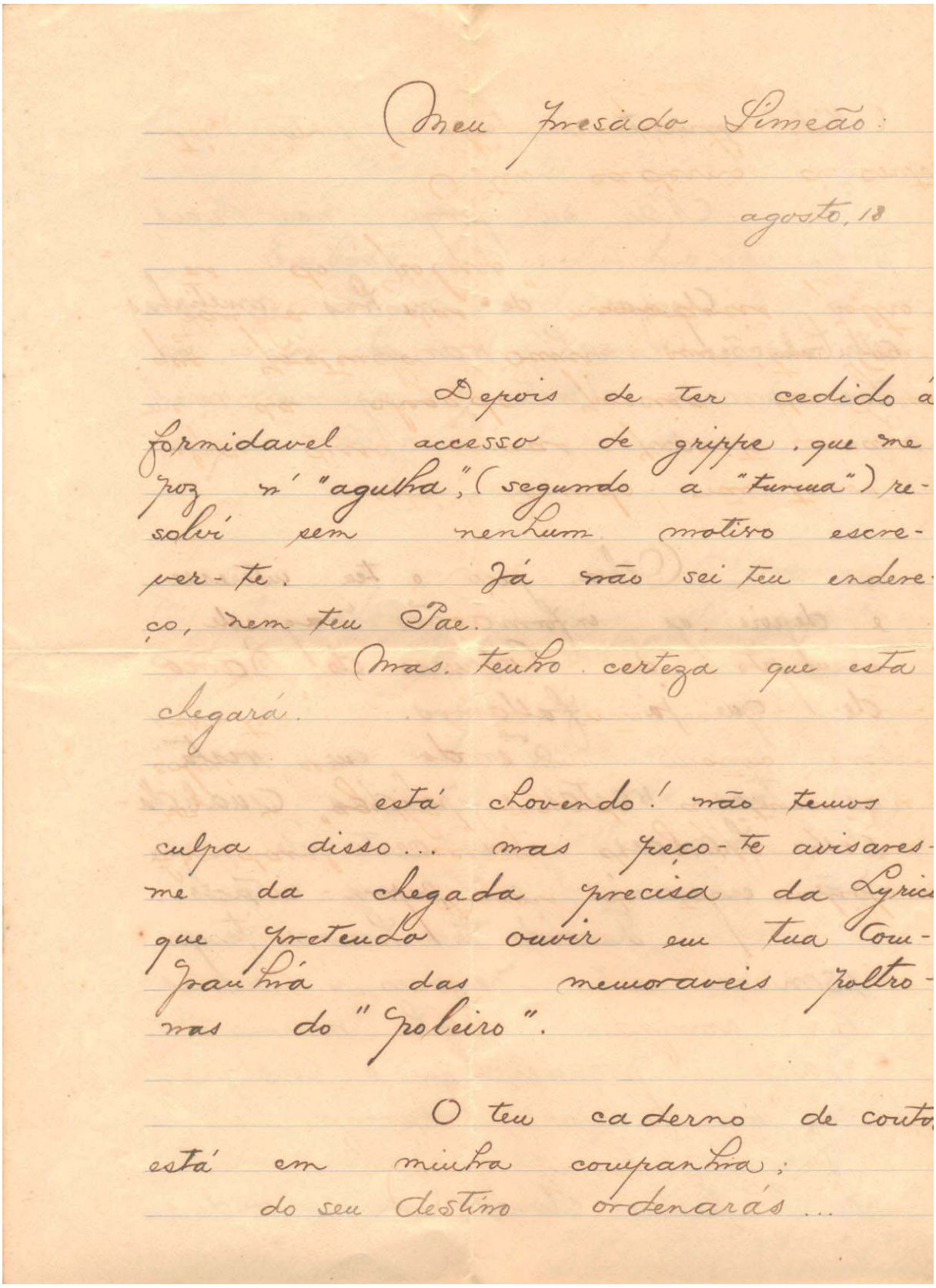
O desejo de ser nomeado para o concurso do Banco do Brasil era a realização de Santa Rosa em poder sair da Paraíba, local que muitas vezes ele se referia como exílio. Santa Rosa era sempre grato a José Simeão Leal pelo envio de livros, ressaltando sempre sua opinião sobre as leituras. Talvez para amenizar o discurso anterior, ele aproveita para dizer ao amigo que recebeu os livros e complementa:

> Jorge de Lima é saborosíssimo... Nega Fulô é um poema magnífico, forjado com elementos de raça. Auguso Meyeres também tem uma sensibilidade muito curiosa. (*Trecho da Carta n. 01*)

A leitura era realmente um dos grandes prazeres de Santa Rosa, nelas ele tinha fontes de inspiração, diante de tanta beleza presente nos livros.

Convém ressaltar que Santa Rosa prestou concurso para o Banco do Brasil em 1931, e foi nomeado para uma agência em Salvador, Bahia, tendo sido transferido posteriormente para Maceió, no estado de Alagoas e depois Recife, Pernambuco. Numa das cartas enviadas a Simeão Leal, Santa Rosa foi motivado a redigi-la, ainda em razão de sua aprovação para o Banco do Brasil, e solicita ao amigo sua intervenção:

> Meu presado Simeão,
> agosto, 18, 1931
>
> Olha, peço o teu interesse e depois a informação naquele assunto no Concurso do Banco do Brasil que já falamos, Tendo em vista as tuas vastas e polidas qualidades frontaes, estou certo de que não esquecerás o supra-citado. Quando te houver tempo, esmiúça este negócio, e com as tuas amizades ahi mesmo, no Banco, é possível que o consigas, com a maior clareza. Estou doido pra mandar àquele lugar essa tal história de burocracia. *(Trecho da Carta n. 02*).



Meu Presado Simeão:

agosto, 18

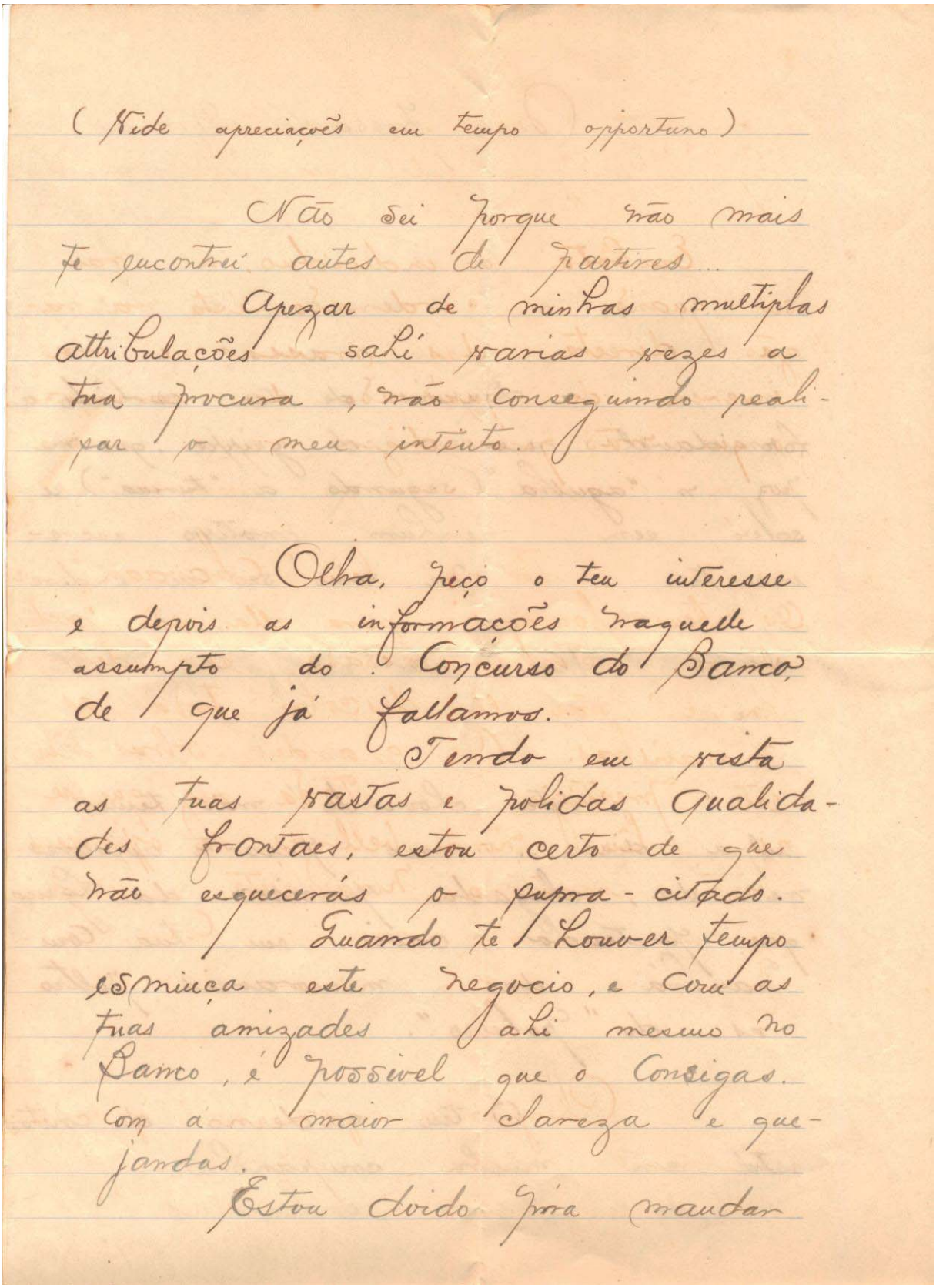
Depois de ter cedido á formidavel accesso de grippe, que me poz n' "agulha," (segundo a "turma") resolvi sem nenhum motivo escrever-te. Já não sei teu endereço, nem teu Pae.

Mas, tenho certeza que esta chegará.

está chovendo! não temos culpa disso... mas peço-te avisares-me da chegada precisa da Lyra que pretendo ouvir em tua companhia das memoraveis poltronas do "Polleiro".

O teu caderno de contos está em minha companhia; do seu destino ordenarás...

Figura 25: Carta n. 02, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



(Vide apreciações em tempo opportuno)

Não sei porque não mais te encontrei antes de partires...

Apezar de minhas multiplas attribulações sahi varias vezes a tua procura, não conseguindo realizar o meu intento.

Olha, peço o teu interesse e depois as informações naquelle assumpto do Concurso do Banco, de que já fallamos.

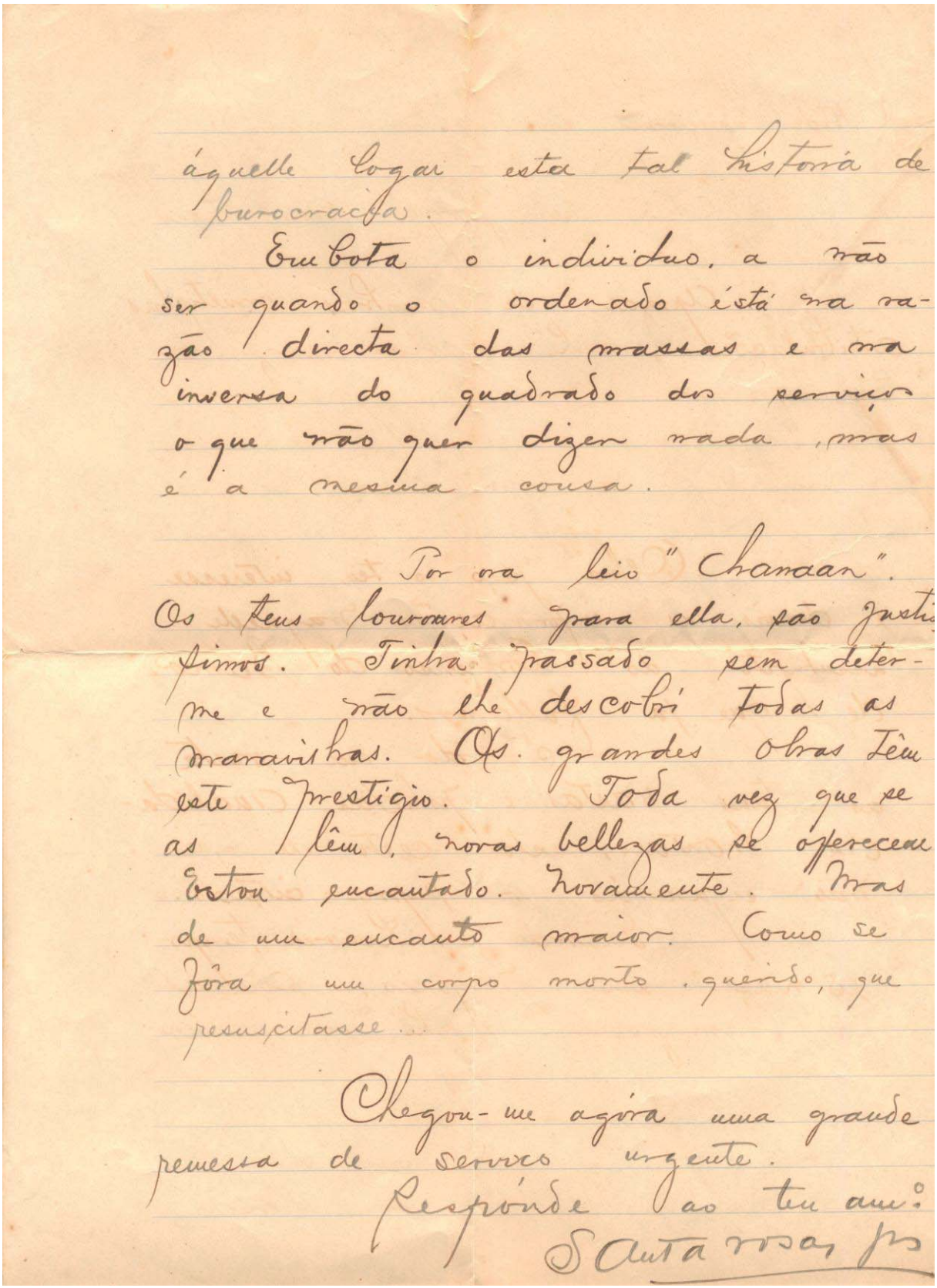
Tendo em vista as tuas vastas e polidas qualidades frontaes, estou certo de que não esquecerás o papra-citado.

Quando te Louver tempo esmiuça este negocio, e com as tuas amizades ahi mesmo no Banco, é possivel que o consigas.

Com a maior clareza e quejandas.

Estou doido pra mandar

Figura 26: Carta n. 02, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



áquelle logar esta tal historia de burocracia.

Em bota o individuo, a não ser quando o ordenado está na razão directa das massas e na inversa do quadrado dos serviços o que não quer dizer nada, mas é a mesma cousa.

Por ora leio "Chanaan". Os teus louvores para ella, são justissimos. Tinha passado sem determe e não lhe descobri todas as maravilhas. Os grandes obras têm este prestigio. Toda vez que se as lêm, novas bellezas se offerecem. Estou encantado. Novamente. Mas de um encanto maior. Como se fôra um corpo morto, querendo, que resuscitasse...

Chegou-me agóra uma grande remessa de serviço urgente.

Responde ao teu amº

S Luiz Rosas Jr

Figura 27: Carta n. 02, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

A boa relação entre o remetente e o destinatário é evidenciada nas cartas. As missivas demonstram isso, daí quase todas elas iniciarem como: *"Meu prezado Simeão"*, ou *"Simeão,*

meu amigo", ou *"Velho, Simeão"*. Tais expressões revelam traços de uma cultura escrita na qual o endereçamento da carta faz com que ela assuma uma determinada forma, expressa já na saudação, mas também no corpo do texto e na despedida, como se vê a seguir: *"Escreve ao muito seu amigo, Santa Rosa"*, ou: *"Abraços do amigo"*.

A amizade entre os dois foi sempre marcada por afinidades pessoais, culturais e intelectuais. Eles se conheceram em 1925 no Colégio Lyceu Paraibano, onde conviveram até a aprovação de José Simeão Leal para a Universidade do Recife no curso de Medicina. Como ressalta Oliveira (2009, p. 63), "a amizade, alimentada por razões pessoais e intelectuais, levou-os a partilharem experiências em diversas correspondências, até a separação definitiva, causada pela morte de Tomás Santa Rosa, em 1956".

Santa Rosa alimentou desde cedo o sonho de ir para o Rio de Janeiro aperfeiçoar sua vocação como artista plástico, tanto que abandonou o emprego no serviço público, em João Pessoa, e em junho de 1932 partiu para a Capital Federal. Logo que estabeleceu residência no bairro do Catete, entrou em contato com a pintura, a ilustração, a cenografia e o figurino, além de se dedicar também, ao ensino das artes. Como pontua Coli (1987, p. 8), através da arte "certas manifestações da atividade humana, diante das quais nosso sentimento é admirativo, nossa cultura detém uma noção que denomina solidariamente algumas de suas atividades e as privilegia".

As cartas evidenciam a admiração que Santa Rosa nutria por Simeão Leal e sabia reconhecer seu talento, sua trajetória de vida repleta de cultura e artes, como ressalta Oliveira (2009), firmando raízes na observância da cultura popular, das artes plásticas, da crítica literária, da edição de livros, tornando-se significativo editor público brasileiro.

Simeão Leal sabia descobrir e divulgar talentos, e foi assim com Tomás Santa Rosa, na década de 1950. Juntos editaram a Revista Cultura, mas esse foi apenas o início de uma pareceria, pois participaram da publicação de inúmeras outras revistas.

Num estilo informal se enquadra a missiva enviada por Santa Rosa a Simeão Leal, escrita numa linguagem de cunho pessoal, comentando sobre a vida cotidiana no Brasil da época, mais especificamente no Rio de Janeiro. Ele reclama da

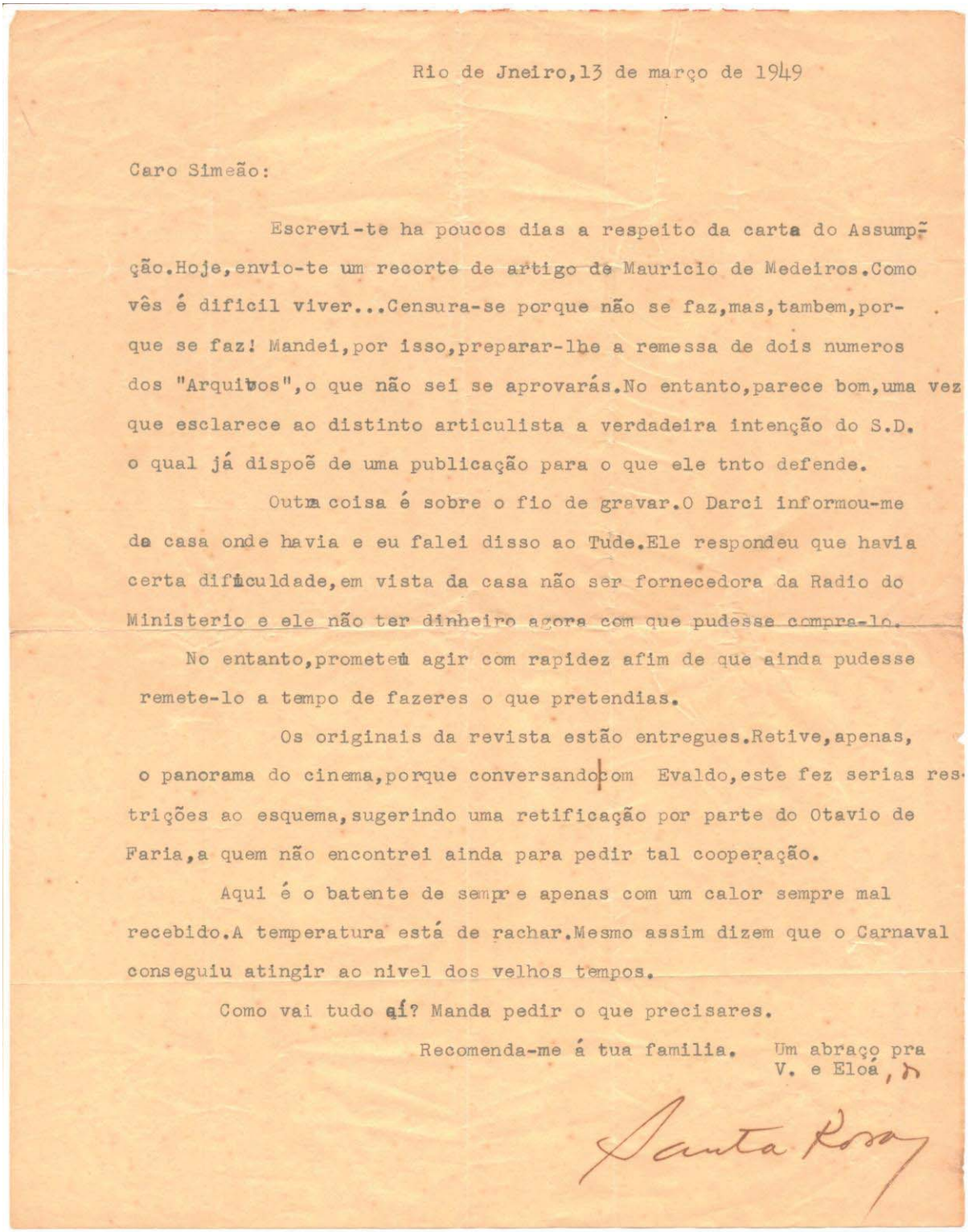
dificuldade de ser funcionário público, num país que explora física e moralmente o servidor. O panorama político e cultural daqueles tempos é discutido nas cartas por quem os viveu, dando-nos a medida dos acontecimentos:

> Meu presado Simeão,
> agosto, 18
>
> Embota o indivíduo, a não ser quando o ordenado está na razão das massas e uma inversão do quadrado dos serviços, o que não quer dizer nada, mas é a mesma coisa. (*Trecho da Carta n. 02*).

Como aponta Foucault (1992, p. 50), escrever cartas significa "mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro. E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volve para o destinatário [...], e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz". Esse "mostrar-se", muito já se havia estabelecido entre o remetente e o destinatário, parecendo haver certa cumplicidade entre ambos, mesmo que Santa Rosa não recebesse, com frequência, resposta às cartas enviadas ao amigo.

No trecho da carta a seguir, Santa Rosa faz um desabafo ao amigo dizendo:

> Rio de Janeiro, 13 de março de 1949
>
> Como vês, é difícil viver [...] Censura-se porque não se faz, mas também porque se faz. Mandei, por isso, preparar-lhe a remessa de dois números dos "Arquivos, o que não sei se aprovarás". (*Trecho da Carta n. 07*).



Rio de Jneiro,13 de março de 1949

Caro Simeão:

Escrevi-te ha poucos dias a respeito da carta do Assumpção.Hoje,envio-te um recorte de artigo de Mauricio de Medeiros.Como vês é dificil viver...Censura-se porque não se faz,mas,tambem,porque se faz! Mandei,por isso,preparar-lhe a remessa de dois numeros dos "Arquivos",o que não sei se aprovarás.No entanto,parece bom,uma vez que esclarece ao distinto articulista a verdadeira intenção do S.D. o qual já dispoẽ de uma publicação para o que ele tnto defende.

Outra coisa é sobre o fio de gravar.O Darci informou-me da casa onde havia e eu falei disso ao Tude.Ele respondeu que havia certa dificuldade,em vista da casa não ser fornecedora da Radio do Ministerio e ele não ter dinheiro agora com que pudesse compra-lo.

No entanto,prometeu agir com rapidez afim de que ainda pudesse remete-lo a tempo de fazeres o que pretendias.

Os originais da revista estão entregues.Retive,apenas, o panorama do cinema,porque conversando com Evaldo,este fez serias restrições ao esquema,sugerindo uma retificação por parte do Otavio de Faria,a quem não encontrei ainda para pedir tal cooperação.

Aqui é o batente de sempre e apenas com um calor sempre mal recebido.A temperatura está de rachar.Mesmo assim dizem que o Carnaval conseguiu atingir ao nivel dos velhos tempos.

Como vai tudo aí? Manda pedir o que precisares.

Recomenda-me á tua familia. Um abraço pra V. e Eloá,

Santa Rosa

Figura 28: Carta n. 07, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Nessa carta, Santa Rosa está se referindo aos trabalhos artísticos e informativos, com base em critérios morais ou políticos, que passavam obrigatoriamente pela censura, para avaliação sobre a conveniência de serem

liberados para apresentação ao público em geral. Ele reconhece que eram muitas as dificuldades decorrentes da época da repressão em relação à liberdade de expressão nos trabalhos editados na revista Cultura, mantida sob a observação direta de José Simeão Leal.

Na missiva abaixo é nítida a relação por meio da qual se constitui uma forma de sociabilidades entre Santa Rosa e Simeão Leal, e expressam afetos e sentimentos. Há nela uma relação verticalizada entre ambos, sendo que o remetente deposita no destinatário a esperança de que ele pudesse ouvi-lo e também auxiliá-lo:

> Simeão, meu amigo,
> fevereiro, 25, 1931
>
> [...] e é sobre isso que ainda uma vez venho pedir de sua amizade um grandessíssimo favor... é possível que ahi entre toda essa mocidade do seu convívio. (*Trecho da Carta n. 01*).

O fato de Simeão Leal estar sempre disponível, aberto para ler suas cartas, mesmo que na maioria das vezes não as respondesse, isso parece ter influenciado Santa Rosa a recorrer ao amigo, pedindo que se servisse como intermediário para o seu interesse de ser nomeado para o Banco do Brasil. Ao substantivar o seu pedido, Santa Rosa apela para a solidariedade do destinatário:

> Bem sei que este concurso, como todas as cousas actuaes, não se processa, naturalmente, na razão directa dos valores demonstrados, mas sob os auspícios dos pistolões e de todas as recomendações assinadas pelos fazedores da política. (*Trecho da Carta n. 01*).

Essa autodesculpa, essa justificativa está aliada ao que Santa Rosa escreve, sobretudo sobre a violência silenciosa, oculta que ele parece viver:

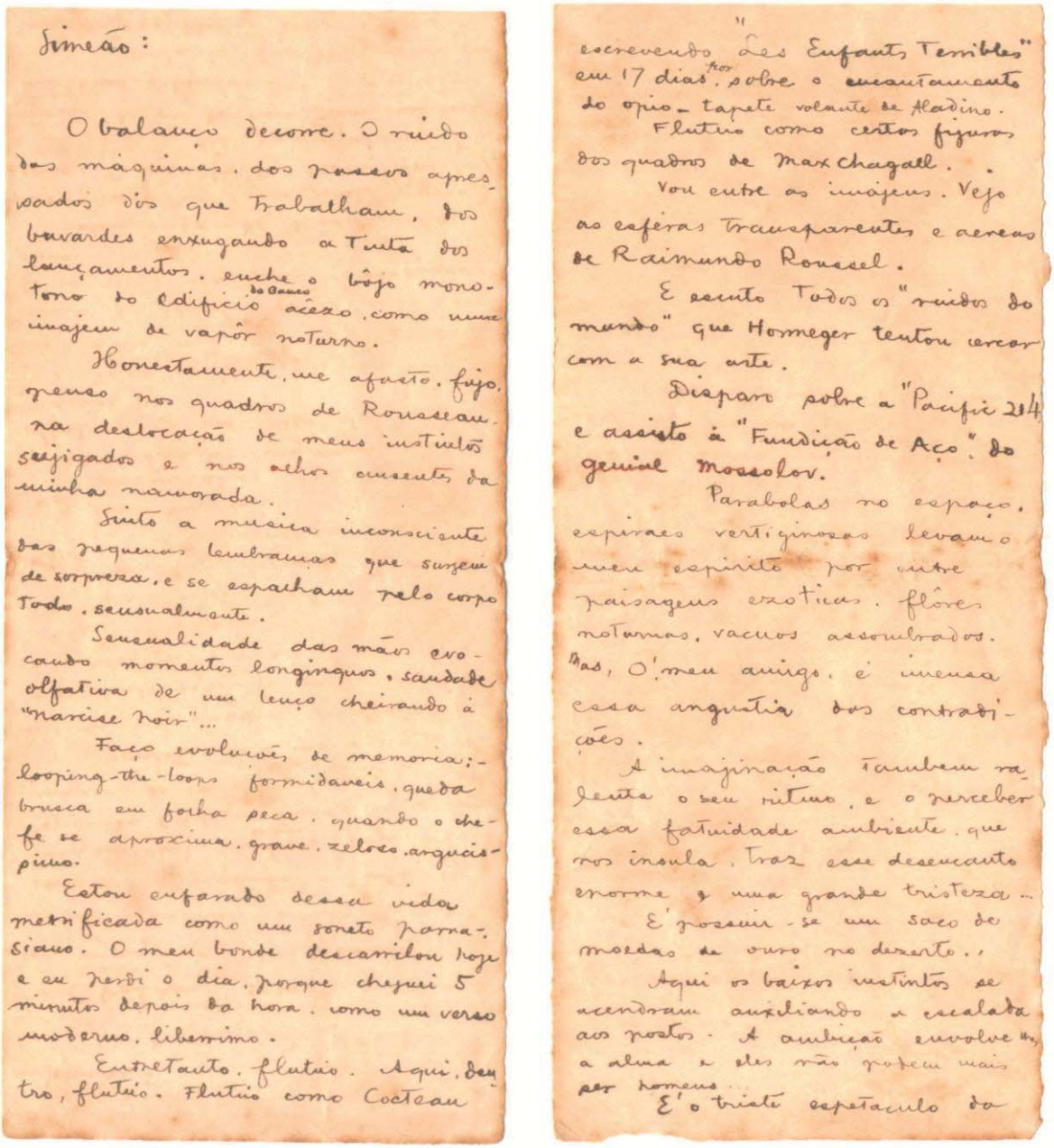
> [...] mas feito isso, realizei logo primoroso e terrível, um óbice formidável: a falta de um elemento que por mim se interesse directamente ... e esta parte da questão muito me há preocupado... (*Trecho da Carta n. 01*).

Santa Rosa sente-se incomodado em ter que pedir esse tipo de favor ao amigo, em causa própria, pois acredita não estar de acordo com seus princípios éticos. Mas

era sua sobrevivência que estava em jogo; era a sua estabilidade financeira e profissional que contava naquele momento. A menção de sua profissão lhe serve como argumento para fortalecer seu pedido, e suas palavras imprimem dignidade à escrita, que a seu ver não é tão digna, ou seja, a carta-pedido. Para não comprometer sua dignidade pessoal, ele faz questão de afirmar: "*e já que é preciso ser assim, já que somos forçados a ser assim: sejamos e façamos como a situação nos obriga*". (*Trecho da Carta n. 01*, segunda página).

Dessa vez Santa Rosa aproveita para narrar sobre suas leituras e reflexões a respeito das questões existenciais. Nelas há certa preocupação com a forma pela qual Simeão Leal iria interpretá-las, por isso um preâmbulo longo é escrito:

> Simeão:
>
> Vou entre as imagens. Vejo as esferas transparentes e aereas de Raimundo Roussel.
> E escuto todos os 'ruido do mundo' que Hermeges tentou cercar com sua arte.
> Dispam sobre a 'Pacific 214' e assisto à 'Fundição de Aço', do genial Mossolov".
> Parábolas no espaço, espiraes vertiginosas levam o meu espírito por entre paisagens esóticas, flores noturnas, vácuos assombrados.
> Mas, ó meu amigo, é imensa essa angustia das contradições"
> [...]
> É este meu amigo, o ambiente em que propusemos salvar o que nos coloca antípodas dessa 'vil vazza dannata'. (*Trecho da Carta* n. 11).



Simeão:

O balanço decorre. O ruido das máquinas, dos passos apressados dos que trabalham, dos bavardes enxugando a Tinta dos lançamentos, enche o bôjo monotono do Edificio do Commercio acêso, como uma imajem de vapôr noturno.

Honestamente, me afasto, fujo, penso nos quadros de Rousseau. na deslocação de meus instintos sujigados e nos olhos ausentes da minha namorada.

Sinto a musica inconsciente das pequenas lembranças que surjem de sorpreza, e se espalham pelo corpo Todo, sensualmente.

Sensualidade das mãos evocando momentos longinquos, saudade olfativa de um lenço cheirando à "Narcisse Noir"...

Faço evoluções de memoria:- looping-the-loops formidaveis, queda brusca em forma peca, quando o chefe se aproxima, grave, zeloso, angustiosíssimo.

Estou enfarado dessa vida metrificada como um soneto parnasiano. O meu bonde descarrilou hoje e eu perdi o dia, porque cheguei 5 minutos depois da hora, como um verso moderno, liberrimo.

Entretanto, flutuo. Aqui, dentro, flutuo. Flutuo como Cocteau escrevendo "Les Enfants Terribles" em 17 dias, sobre o encantamento do opio - tapete volante de Aladino.

Flutuo como certas figuras dos quadros de Max Chagall.

Vou entre as imajens. Vejo as esferas transparentes e aereas de Raimundo Rousel.

E escuto Todos os "ruidos do mundo" que Homeger tentou vencer com a sua arte.

Disparo sobre a "Pacific 214 e assisto à "Fundição de Aço" do genial Mossolov.

Parabolas no espaço, espiraes vertiginosas levam o meu espirito por entre paisagens exoticas, flôres noturnas, vacuos assombrados. Mas, O' meu amigo, é imensa essa angustia dos contradições.

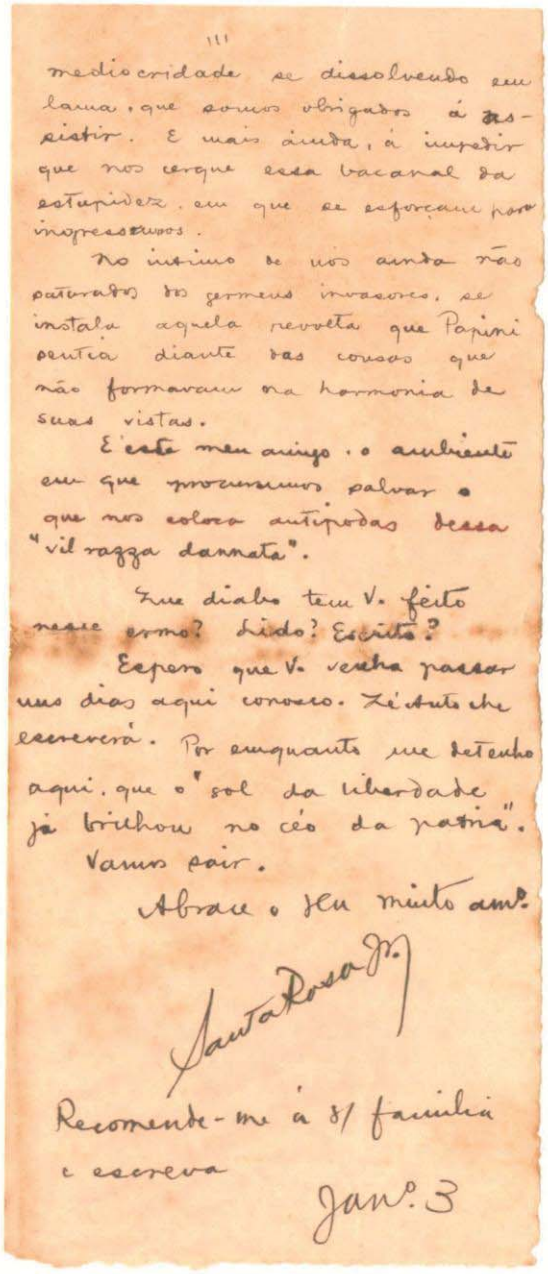
A imajinação tambem ralenta o seu ritmo, e o perceber essa fatuidade ambiente, que nos insula, traz esse desencanto enorme e uma grande tristeza...

E' possuir-se um saco de moedas de ouro no deserto.

Aqui os baixos instintos se acendram auxiliando a escalada aos postos. A ambição envolve a alma e eles não podem mais ser homens.

E' o triste espetaculo da

Figura 29: Carta n. 11, p. 1 e p.2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



111

mediocridade se dissolvendo em lama, que somos obrigados á assistir. E mais ainda, á impedir que nos erque essa bacanal da estupidez, em que se esforçam por nos precipitar.

No instinto de nós ainda não saturados do germens invasores, se instala aquela revolta que Papini sentia diante das cousas que não formavam na harmonia de suas vistas.

E' esta meu amigo, o ambiente em que procuramos salvar o que nos coloca antipodas dessa "vil razza dannata".

Que diabo tem V. feito nesse ermo? Lido? Escrito?

Espero que V. venha passar uns dias aqui conosco. Ze Auto che escreverá. Por emquanto me detenho aqui, que o "sol da liberdade já brilhou no céo da patria".

Vamos sair.

Abraço, seu muito amº.

Santa Rosa Jr.

Recomende-me á S/ familia e escreva

Janº 3

Figura 30: Carta n. 11, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

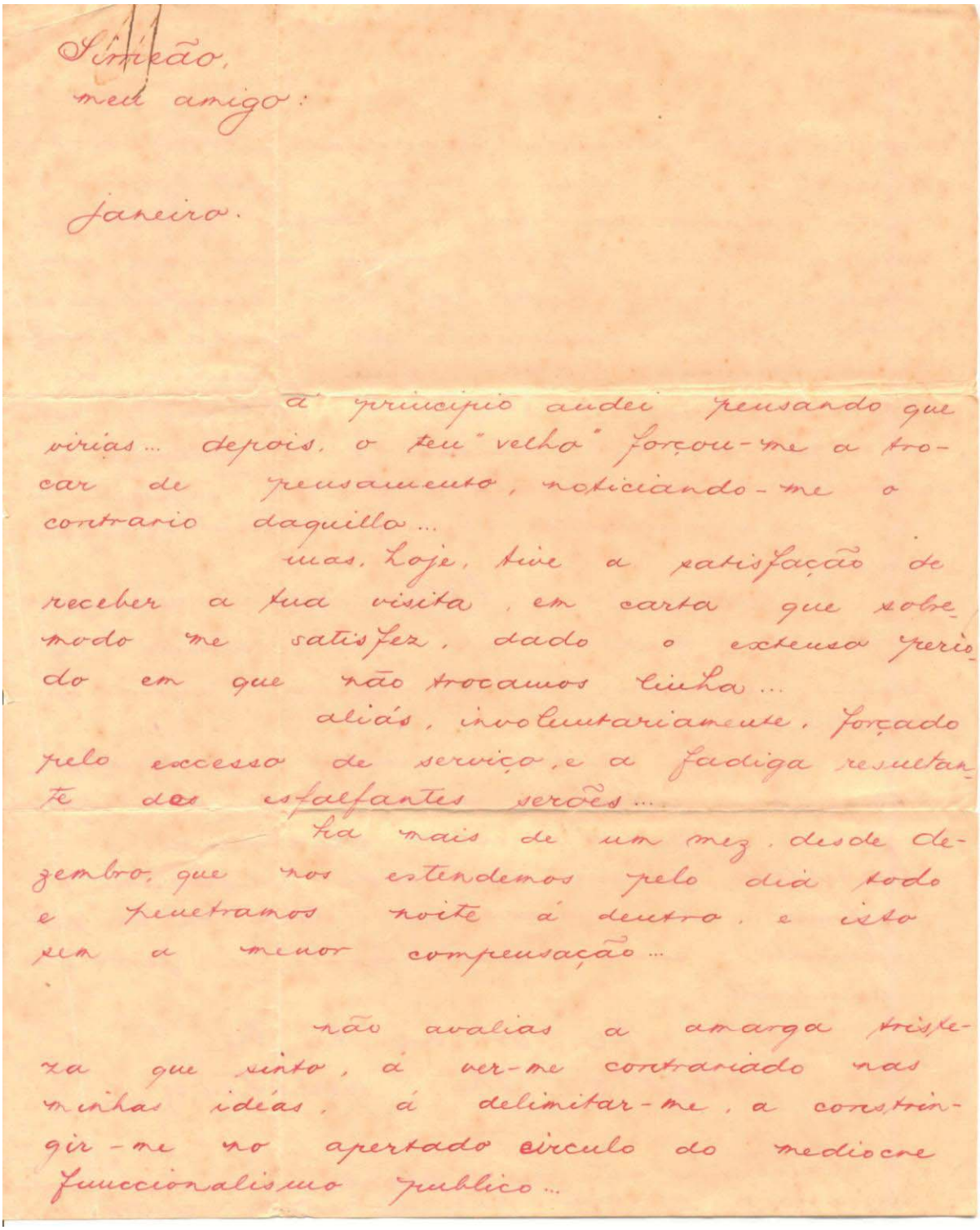
A estruturação e a escrita presentes nessa missiva demonstram a habilidade de Santa Rosa na redação, uma retórica que visava demonstrar seus conhecimentos filosóficos e artísticos além de evidenciar sua veia poética. Exatamente por isso é que ele tece tais considerações. Mas, imediatamente, num gesto de rompimento com suas digressões, Santa Rosa inquire ao amigo:

> Simeão:
> 3 de janeiro
>
> Que diabo você tem feito nesse ermo? Lido? Escrito?
> Espero que você venha passar uns dias aqui conosco.
> Por enquanto me detenho aqui, que o 'sol da liberdade
> já brilhou no CEO da pátria'.
> Vamos sair.
> Abrace o seu muito amigo. (*Trecho da Carta* n. 11).

A escrita poética conta toda a vida de Santa Rosa. Em sua profícua criatividade ele discorre para seu amigo Simeão o que se passa em sua mente, de maneira sensível e imaginativa pensando em quadros, música e tanto elementos que expressam o íntimo de sua alma. Sentia-se preso e lamentava muito, por isso comparava a ter "moedas de ouro no deserto".

Oliveira (2009) pesquisando o arquivo pessoal de Simeão Leal notou que ele não cultivava o hábito de responder às suas cartas, embora atendesse aos inúmeros e variados pedidos de amigos e conhecidos do círculo que frequentava. Talvez, por esta razão é que Santa Rosa buscou diversas outras estratégias narrativas, utilizadas para estabelecer um contato com o destinatário e reforçar sua amizade:

> Simeão,
> meu amigo,
> janeiro
>
> Hoje tive a satisfação de receber a tua visita, em carta que sobremodo me satisfez, dado o extenso período em que não trocamos linha..., aliás, involuntariamente, forçado pelo excesso de serviço, e a fadiga resultante dos estafantes serões. (*Trecho da Carta n. 13*).



Sirikão,
meu amigo:

Janeiro.

A principio andei pensando que virias... depois, o teu "velho" forçou-me a trocar de pensamento, noticiando-me o contrario daquillo...

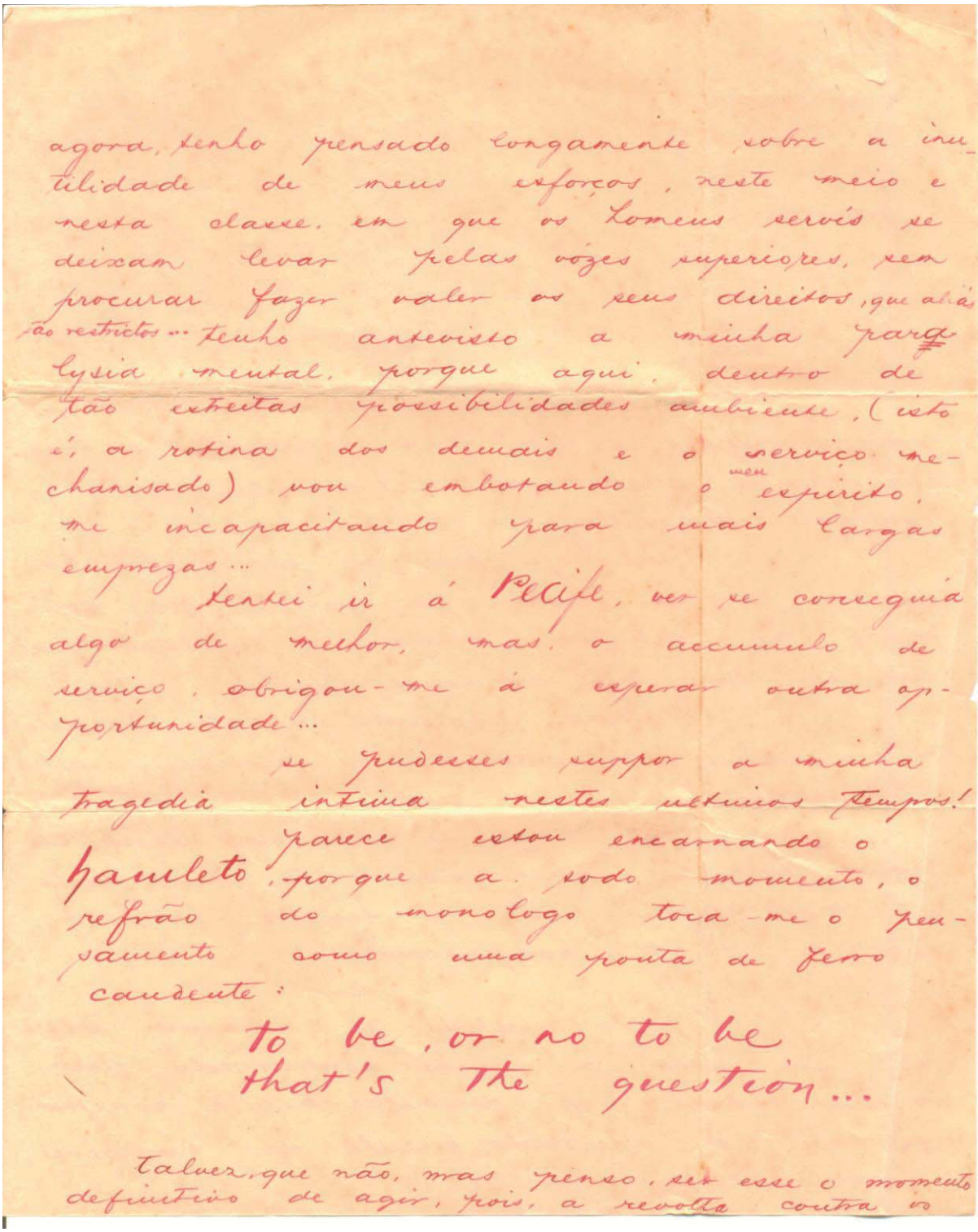
mas, hoje, tive a satisfação de receber a tua visita, em carta que sobre modo me satisfez, dado o extenso periodo em que não trocamos linha...

aliás, involuntariamente, forçado pelo excesso de serviço, e a fadiga resultante dos estafantes serões...

Ha mais de um mez, desde dezembro, que nos estendemos pelo dia todo e penetramos noite á dentro, e isto sem a menor compensação...

não avalias a amarga tristeza que sinto, á ver-me contrariado nas minhas idéas, á delimitar-me, a constringir-me no apertado circulo do mediocre funccionalismo publico...

Figura 31: Carta n. 13, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



agora, tenho pensado longamente sobre a inutilidade de meus esforços, neste meio e nesta classe, em que os homens servis se deixam levar pelas vozes superiores, sem procurar fazer valer os seus direitos, que aliás são restrictos... tenho antevisto a minha paralysia mental, porque aqui, dentro de tão estreitas possibilidades ambiente, (isto é, a rotina dos demais e o serviço mechanisado) vou embotando o meu espirito, me incapacitando para mais largas empregas...

Tentei ir á Recife, ver se conseguia algo de melhor, mas, o accumulo de serviço, obrigou-me á esperar outra opportunidade...

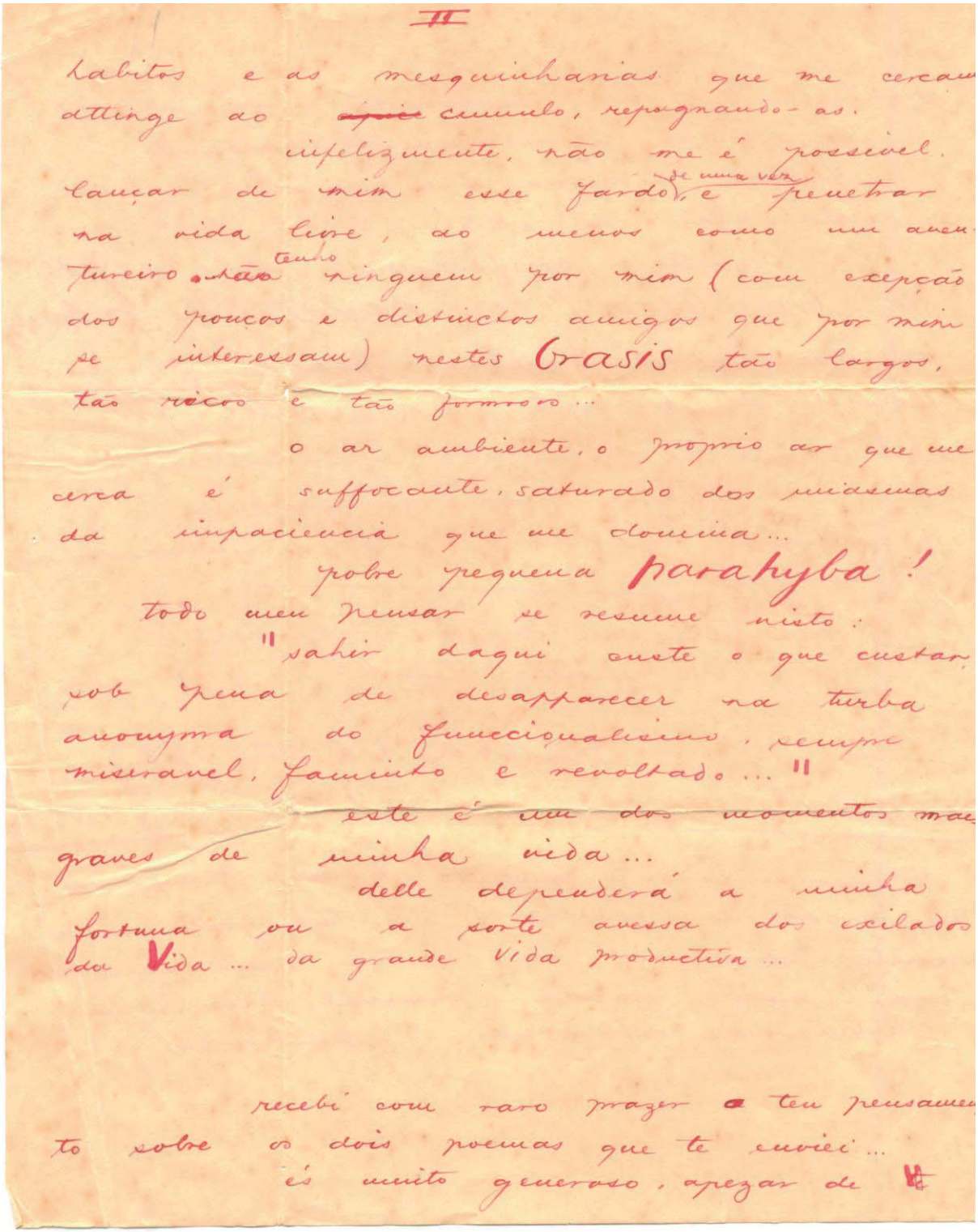
se pudesses suppor a minha tragedia intima nestes ultimos tempos!

Parece estou encarnando o Hamleto, porque a todo momento, o refrão do monologo toca-me o pensamento como uma ponta de ferro candente:

to be, or no to be
that's the question...

talvez, que não, mas penso, ser esse o momento definitivo de agir, pois, a revolta contra os

Figura 32: Carta n. 13, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



II

habitos e as mesquinhanias que me cercam attinge ao ~~apice~~ cumulo, repugnando-as.

infelizmente, não me é possivel. lançar de mim esse fardo, de uma vez e penetrar na vida livre, ao menos como um aventureiro. Não tenho ninguem por mim (com excepção dos poucos e distinctos amigos que por mim se interessam) nestes Brasis tão largos, tão ricos e tão formosos...

o ar ambiente, o proprio ar que me cerca é suffocante, saturado dos miasmas da impaciencia que me domina...

pobre pequena Parahyba!

todo meu pensar se resume nisto:

"sahir daqui custe o que custar, sob pena de desapparecer na turba anonyma do funccionalismo, sempre miseravel, faminto e revoltado..."

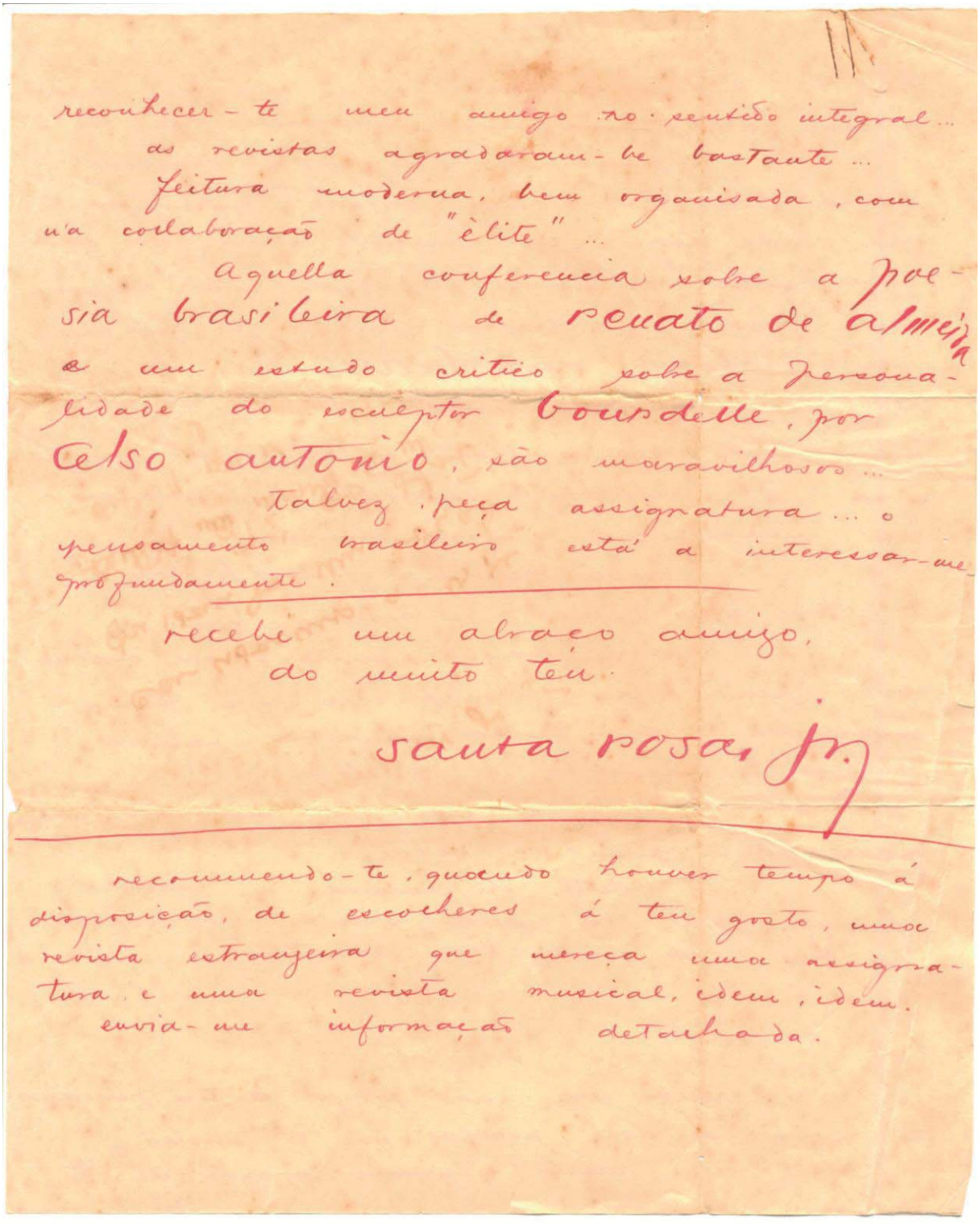
~~este é um dos momentos mais~~ graves de minha vida...

delle dependerá a minha fortuna ou a sorte avessa dos exilados da Vida... da grande Vida productiva...

recebi com raro prazer o teu pensamento sobre os dois poemas que te enviei...

és muito generoso, apezar de

Figura 33: Carta n. 13, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



reconhecer-te meu amigo no sentido integral...
as revistas agradaram-te bastante...
Leitura moderna, bem organisada, com
a collaboração de "élite"...
Aquella conferencia sobre a Poesia brasileira de Renato de Almeida
e um estudo critico sobre a Personalidade do escriptor Bourdelle, por
Celso Antonio, são maravilhosos...
talvez peça assignatura... o
pensamento brasileiro está a interessar-me
profundamente.

Recebe um abraço amigo,
do muito teu.

Santa Rosa, Jr.

recommendo-te, quando houver tempo á
disposição, de escolheres á teu gosto, uma
revista estrangeira que mereça uma assigna-
tura, e uma revista musical, idem, idem.
envia-me informação detalhada.

Figura 34: Carta n. 13, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Nessa mesma carta Santa Rosa escreve sobre as consequências das escolhas profissionais para sua vida em particular, e desabafa com o amigo e confidente:

> Não avalias a amarga tristeza que sinto, a ver-me contrariado nas minhas ideias, a delimitar-me, a constrangir-me no apertado círculo do funcionalismo público, agora, tendo pensado longamente sobre a inutilidade de meus esforços. Tentei ir à Recife, ver se conseguia algo de melhor, mas o acúmulo de serviço obrigou-me a esperar outra oportunidade. Se pudesses supor a minha tragédia íntima nesses últimos tempos. (*Trecho da Carta n. 13*).

As dificuldades de trabalhar como funcionário público atormenta Santa Rosa. Como ele mesmo cita, "o próprio ar que me cerca é sufocante", sentindo-se um exilado da vida, quando fala da Paraíba ao vê-la como pobre e pequena. Tenta ir a Recife em busca de novas oportunidades, mas devido ao excesso de trabalho não consegue. Alegra-se com o fato de ter uns poucos amigos que são seus amigos. Segue sempre agradecendo a Simeão Leal pelas revistas de arte e literatura, analisa a feitura das revistas como sendo moderna e cita William Shakespeare com a frase: "Ser ou não ser, eis a questão", cita inclusive em inglês.

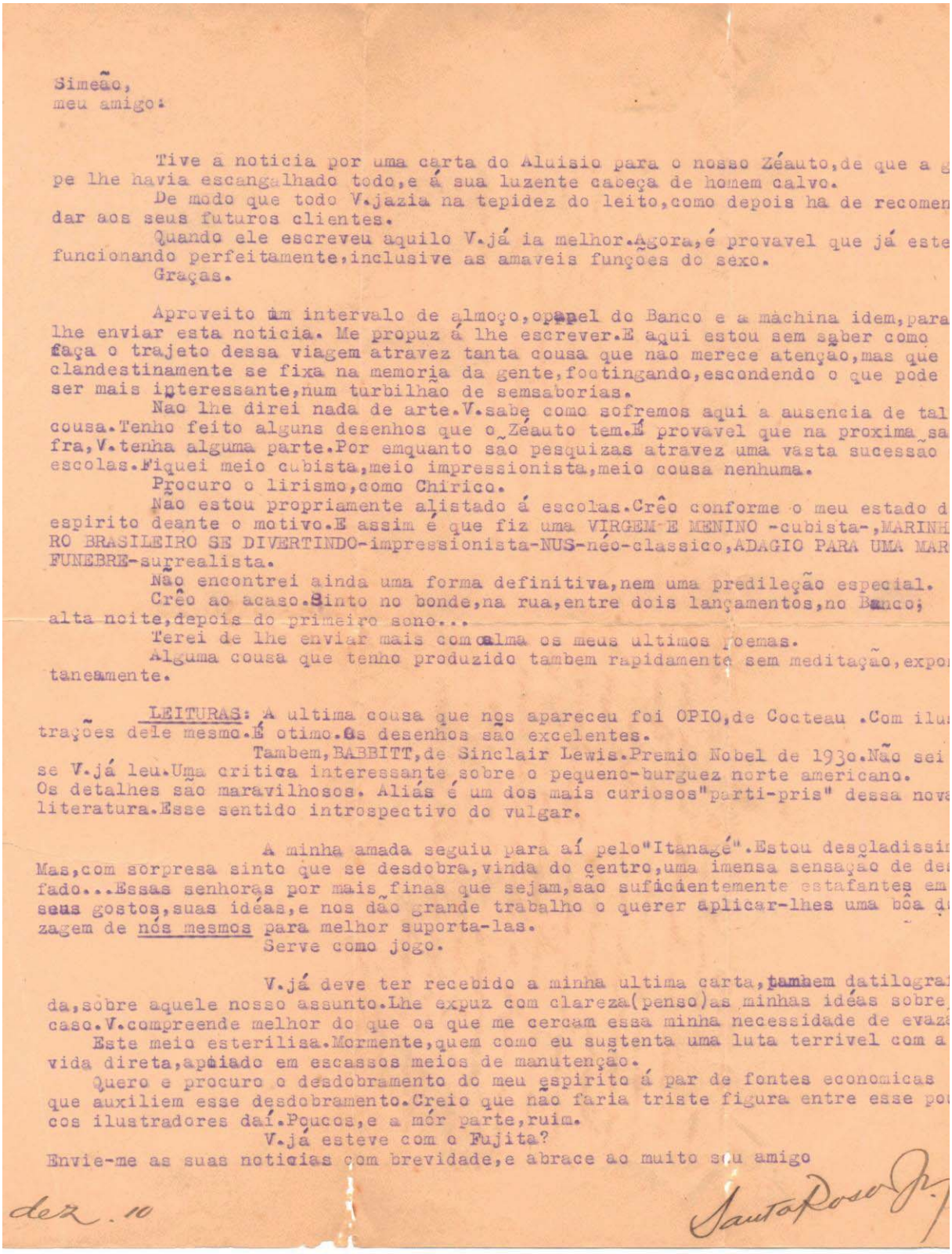
Santa Rosa teve que procurar se adaptar ao que lhe sucedia naquele momento e lutar pela sobrevivência, onde, muitas vezes, conviveu com a indiferença por parte dos estabelecidos. Para quem havia se dedicado à arte, era mesmo difícil se adaptar noutro contexto, sobretudo a trabalhar num banco. Por outro lado, o problema do desemprego era mais alarmante, e o jeito era se adaptar às novas condições de vida.

Eventos como esses, mencionados na carta, fundamentam seu pedido de ajuda, apelando para solidariedade do amigo, acreditando no companheirismo profundo e horizontal que havia entre eles, mesmo que separados por fronteiras espaciais.

Chama atenção uma carta de Santa Rosa enviada a Simeão Leal, que difere no início, das outras aqui analisadas. Na consciência da situação em que viveu o amigo, extravasa seus sentimentos da seguinte forma:

> Simeão,
> Meu amigo,
>
> Tive notícia por uma carta do Aloísio para o nosso Zéauto de que a gripe lhe havia escangalhado todo, e a sua luzente cabeça de homem calvo. De modo que v. jazia na tepidez do leito, como depois há de recomendar aos seus futuros clientes.

Quando ele escreveu aquilo, v. já ia melhor. Agora é provável que já esteja funcionando perfeitamente, inclusive as amáveis funções de sexo.
Graças. (*Trecho da Carta n. 22*).



Simeão,
meu amigo:

Tive a noticia por uma carta do Aluisio para o nosso Zéauto,de que a g
pe lhe havia escangalhado todo,e á sua luzente cabeça de homem calvo.
De modo que todo V.jazia na tepidez do leito,como depois ha de recomen
dar aos seus futuros clientes.
Quando ele escreveu aquilo V.já ia melhor.Agora,é provavel que já este
funcionando perfeitamente,inclusive as amaveis funçoes do sexo.
Graças.

Aproveito um intervalo de almoço,o papel do Banco e a machina idem,para
lhe enviar esta noticia. Me propuz á lhe escrever.E aqui estou sem saber como
faça o trajeto dessa viagem atravez tanta cousa que não merece atenção,mas que
clandestinamente se fixa na memoria da gente,footingando,escondendo o que pode
ser mais interessante,num turbilhão de semsaborias.
Não lhe direi nada de arte.V.sabe como sofremos aqui a ausencia de tal
cousa.Tenho feito alguns desenhos que o Zéauto tem.É provavel que na proxima sa
fra,V.tenha alguma parte.Por emquanto são pesquizas atravez uma vasta sucessão
escolas.Fiquei meio cubista,meio impressionista,meio cousa nenhuma.
Procuro o lirismo,como Chirico.
Não estou propriamente alistado á escolas.Crêo conforme o meu estado d
espirito deante o motivo.E assim é que fiz uma VIRGEM E MENINO -cubista-,MARINH
RO BRASILEIRO SE DIVERTINDO-impressionista-NUS-néo-classico,ADAGIO PARA UMA MAR
FUNEBRE-surrealista.
Não encontrei ainda uma forma definitiva,nem uma predileção especial.
Crêo ao acaso.Sinto no bonde,na rua,entre dois lançamentos,no Banco;
alta noite,depois do primeiro sono...
Terei de lhe enviar mais com calma os meus ultimos poemas.
Alguma cousa que tenho produzido tambem rapidamente sem meditação,expo
taneamente.

LEITURAS: A ultima cousa que nos apareceu foi OPIO,de Cocteau .Com ilu
trações dele mesmo.É otimo.Os desenhos são excelentes.
Tambem,BABBITT,de Sinclair Lewis.Premio Nobel de 1930.Não sei
se V.já leu.Uma critica interessante sobre o pequeno-burguez norte americano.
Os detalhes são maravilhosos. Aliás é um dos mais curiosos"parti-pris" dessa nova
literatura.Esse sentido introspectivo do vulgar.

A minha amada seguiu para aí pelo"Itanagé".Estou desoladissi
Mas,com sorpresa sinto que se desdobra,vinda do centro,uma imensa sensação de des
fado...Essas senhoras por mais finas que sejam,são suficientemente estafantes em
seus gostos,suas idéas,e nos dão grande trabalho o querer aplicar-lhes uma boa d
zagem de nós mesmos para melhor suporta-las.
Serve como jogo.

V.já deve ter recebido a minha ultima carta,tambem datilogra
da,sobre aquele nosso assunto.Lhe expuz com clareza(penso)as minhas idéas sobre
caso.V.compreende melhor do que os que me cercam essa minha necessidade de evaz
Este meio esterilisa.Mormente,quem como eu sustenta uma luta terrivel com a
vida direta,apoiado em escassos meios de manutenção.
Quero e procuro o desdobramento do meu espirito á par de fontes economicas
que auxiliem esse desdobramento.Creio que não faria triste figura entre esse po
cos ilustradores daí.Poucos,e a mór parte,ruim.
V.já esteve com o Fujita?
Envie-me as suas noticias com brevidade,e abrace ao muito seu amigo

dez. 10

Santa Rosa

Figura 35: Carta n. 22, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Isso foi só o preâmbulo, pois o oferecimento de informações não parava por aí, contudo, era condicionado a dizer que aproveitava:

> Simeão,
> meu amigo:
>
> Um intervalo do almoço, o papel do Banco e a machina idem, para lhe enviar esta notícia. [...].
> Não lhe direi nada de arte, v. sabe como sofremos aqui a ausência de tal cousa. Tenho feito alguns desenhos que o Zéauto tem. É provável que na próxima safra v. tenha parte. Por enquanto são pesquizas atravez uma vasta sucessão de escolas. Fiquei meio cubista, meio impressionista, meio cousa nenhuma.
> Procuro o lirismo, como o Chirico. (*Trecho da Carta n. 22*).

Como revela a carta, nos intervalos de almoço do banco onde trabalhava, Santa Rosa escrevia suas lamentações por não ter contato direto com a arte. Contudo, seguia estudando as escolas artísticas, sem uma ligação direta com elas. Suas investigações teóricas em arte buscavam inspirações no lirismo de Giorgio Chirico[5], desse modo produzia obras que iam do neoclássico até o surrealismo.

A obra de Santa Rosa não se vê listada em uma escola específica, ele pintava conforme seu estado de espírito diante do motivo a ser representado, na busca de uma forma perfeita ele ainda não havia encontrado uma ou sua predileção e então cria no que ele chamava de acaso. Qualquer lugar era lugar para despertá-lo de sua sensibilidade, ele então o fazia no bonde, no banco, em casa à noite e sempre depois do primeiro sono e, entre outras coisas seguia produzindo seus poemas.

Não consta mesmo nas cartas enviadas a Simeão Leal sua filiação a uma escola específica, pelo menos naquele momento, e afirma não ter encontrado "ainda uma forma definitiva, nem uma predileção especial", mas seguia conforme seu estado de espírito, tanto que fez uma "VIRGEM e MENINO – cubista -, MARINHEIRO BRASILEIRO SE DIVERTINDO – impressionista, NUS - neo clássico – ADÁGIO PARA UMA MARCHA FÚNEBRE – surrealista". (*Trecho da Carta n. 22*)

Muito embora a carta citada acima seja de teor breve e tenha sido datilografada, as informações são relevantes para adentrarmos a tendência artística

[5] Nasceu em 1888, Também conhecido como Népoli, foi um pintor italiano. Fez parte do movimento chamado Pintura metafísica, considerado um precursor do Surrealismo.

de Santa Rosa. E, se observarmos a forma como o remetente se dirige ao destinatário, uma questão chave se apresenta:

> Simeão,
> meu amigo:
>
> V. compreende melhor dos que me cercam essa minha necessidade de evazão.
> Este meio esteriista. Mormente, quem como eu sustenta uma luta terrível com a vida direta, apóiado em escassos meios de manutenção.
> Quero e procuro o desdobramento do meu espírito á par de fontes econômicas que auxiliem esse desdobramento. (*Trecho da Carta* n. 22)

As cartas de Santa Rosa para Simeão Leal aqui em análise permitiram apreender a força desempenhada pelos imaginários sociais na própria produção e envio de cartas. Pesavento (1995, p.24) considera que o imaginário engloba: "evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelhos onde o verdadeiro e o aparente, se mesclam; estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber". Para esta autora, "persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a representação do ser e parecer" (PESAVENTO, 1995, p. 24).

Assim, preservar o cultural sob a ótica do imaginário é também preservar a memória. Nessa construção é marcada no tempo a trama que nos constitui como ser e como indivíduo, ou uma "invenção" de si. Aí está a relação existente entre a escrita de si e a escrita de uma vida. A memória individual além de refletir as suas próprias experiências e sensibilidades retrata também o contexto social de uma época e de uma geração, além de vivências e sentimentos coletivos, pois, como ressalta Passerini (2011), a memória das emoções não possui apenas caráter privado.

Em virtude das questões aqui abordadas, acreditamos que o trabalho de Santa Rosa é capaz de prender a atenção do leitor por inovar a cada título, com intensidade e beleza, relacionando forma e função.

4.2 O QUE SE TECE NA ESCRITA DE SI

Ao narrar os acontecimentos o homem narra sua própria história, afirmando-se como indivíduo único, e por meio de seus relatos transmite ensinamentos e experiências. É o caso de Tomás Santa Rosa, que por meio das cartas que escrevia a Simeão Leal legou relatos de grande valor cultural, carregados não só de informações valiosas para o entendimento de sua produção, mas, também, por se estruturar ao gênero memórias. Como salienta Bosi (1994, p. 75), "ao lado da história escrita, das datas, da descrição de períodos, há correntes do passado que só desapareceram na aparência".

Fazemos uso da memória pessoal, tanto na composição das cartas quanto da autobiografia. É ela que torna possível o registro das histórias narradas, porém, "a própria memória pode ser afetada, em sua qualidade de registro de coisas vistas e acontecidas. Sendo grande a consciência de que essa metarrealidade é um parâmetro a que se ajusta todo o resto" (ZAGURY, 1982, p.95). Assim, as experiências e o imaginado se juntam e se transformam em verdade do escrevente. Seu papel é muito importante para a autobiografia, pois ao escrever se torna narrador de suas experiências, e estas experiências se misturam com a de vários grupos com os quais se relacionou.

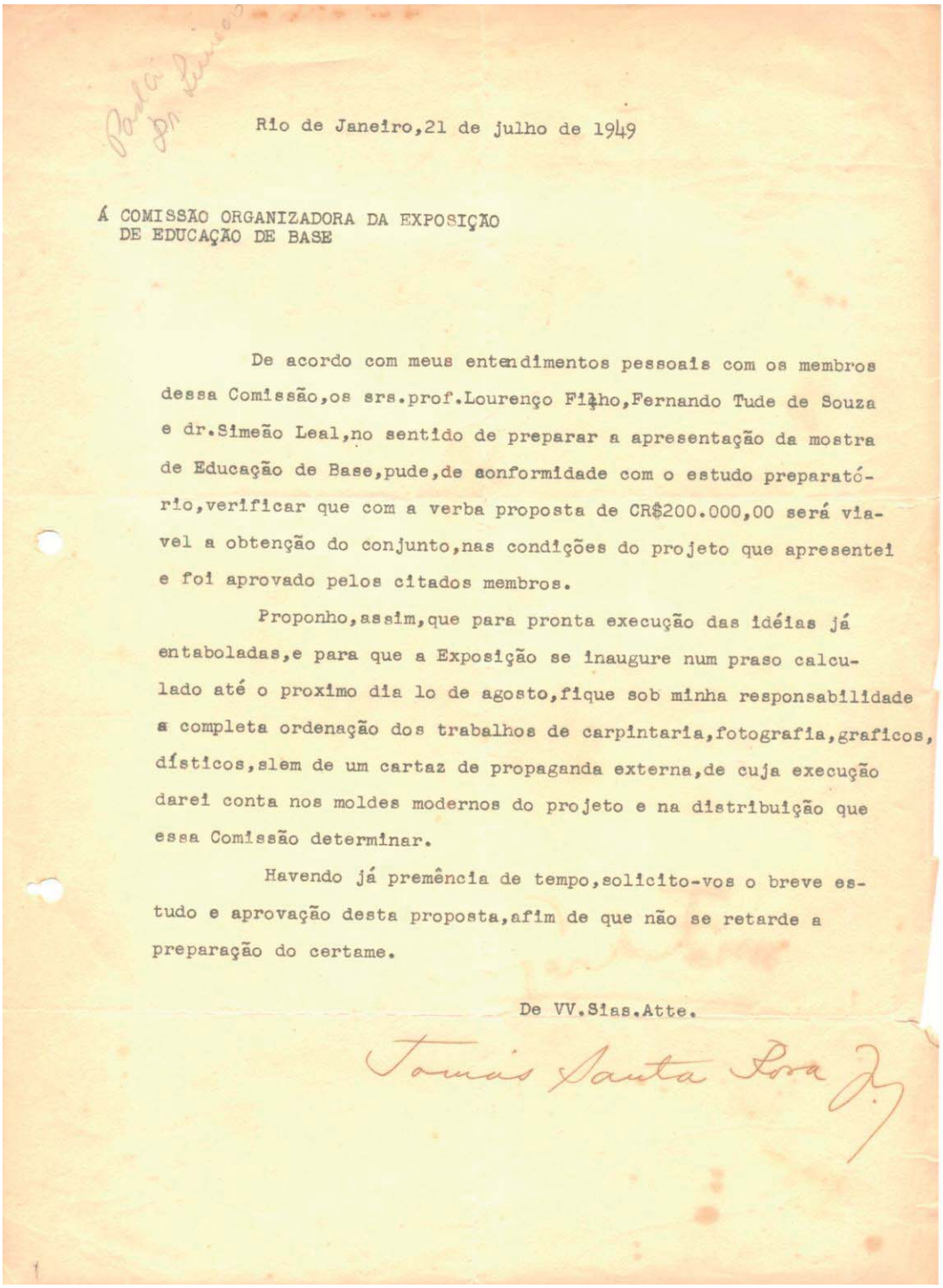
Nesse percurso observamos os relatos particulares de Santa Rosa e seus desdobramentos nas cartas enviadas a Simeão Leal, como forma de transmissão de conhecimento. Para Lejeune (2008, p.131), "os relatos autobiográficos, obviamente, não são escritos apenas para transmitir a memória", vão, além disso, e se constituem "o espaço em que se elabora, se reproduz e se transforma uma identidade [individual e] coletiva".

Transformar a vida em narrativa é simplesmente viver, diz Lejeune (2008). As narrativas de memórias, sejam elas individuais ou coletivas, se dão porque quem as escreve está inserido na história e na realidade social ao mesmo tempo em que as constrói. Com Santa Rosa isso não foi diferente, principalmente quando "focaliza sua história individual, em particular a história de sua personalidade", como diria Lejeune (2008, p. 14). A partir desse entendimento, podemos inferir que a

autobiografia seria o registro das experiências pessoais de um indivíduo, ou seja, conhecimentos apreendidos também na coletividade, que descreve o sujeito comprometido em narrar a sua história.

Como o ato da escrita autobiográfica se dá por meio da seleção de episódios e momentos marcantes para o sujeito, relatamos a seguir, algumas passagens descritas por Santa Rosa, extraídas das cartas enviadas a Simeão Leal.

> Simeão,
> 21 de julho - 1949
>
> Fique sob minha responsabilidade a completa ordenação dos trabalhos de carpintaria, fotografia, graficos, dísticos, além de um cartaz de propaganda externa de cuja a execução darei conta nos moldes modernos do projeto e na distribuição que essa Comissão determinar. (*Trecho da Carta n. 08*).



Rio de Janeiro, 21 de julho de 1949

Á COMISSÃO ORGANIZADORA DA EXPOSIÇÃO
DE EDUCAÇÃO DE BASE

De acordo com meus entendimentos pessoais com os membros dessa Comissão, os srs. prof. Lourenço Filho, Fernando Tude de Souza e dr. Simeão Leal, no sentido de preparar a apresentação da mostra de Educação de Base, pude, de conformidade com o estudo preparatório, verificar que com a verba proposta de CR$200.000,00 será viavel a obtenção do conjunto, nas condições do projeto que apresentei e foi aprovado pelos citados membros.

Proponho, assim, que para pronta execução das idéias já entaboladas, e para que a Exposição se inaugure num praso calculado até o proximo dia 1o de agosto, fique sob minha responsabilidade a completa ordenação dos trabalhos de carpintaria, fotografia, graficos, dísticos, slem de um cartaz de propaganda externa, de cuja execução darei conta nos moldes modernos do projeto e na distribuição que essa Comissão determinar.

Havendo já premência de tempo, solicito-vos o breve estudo e aprovação desta proposta, afim de que não se retarde a preparação do certame.

De VV. Sias. Atte.

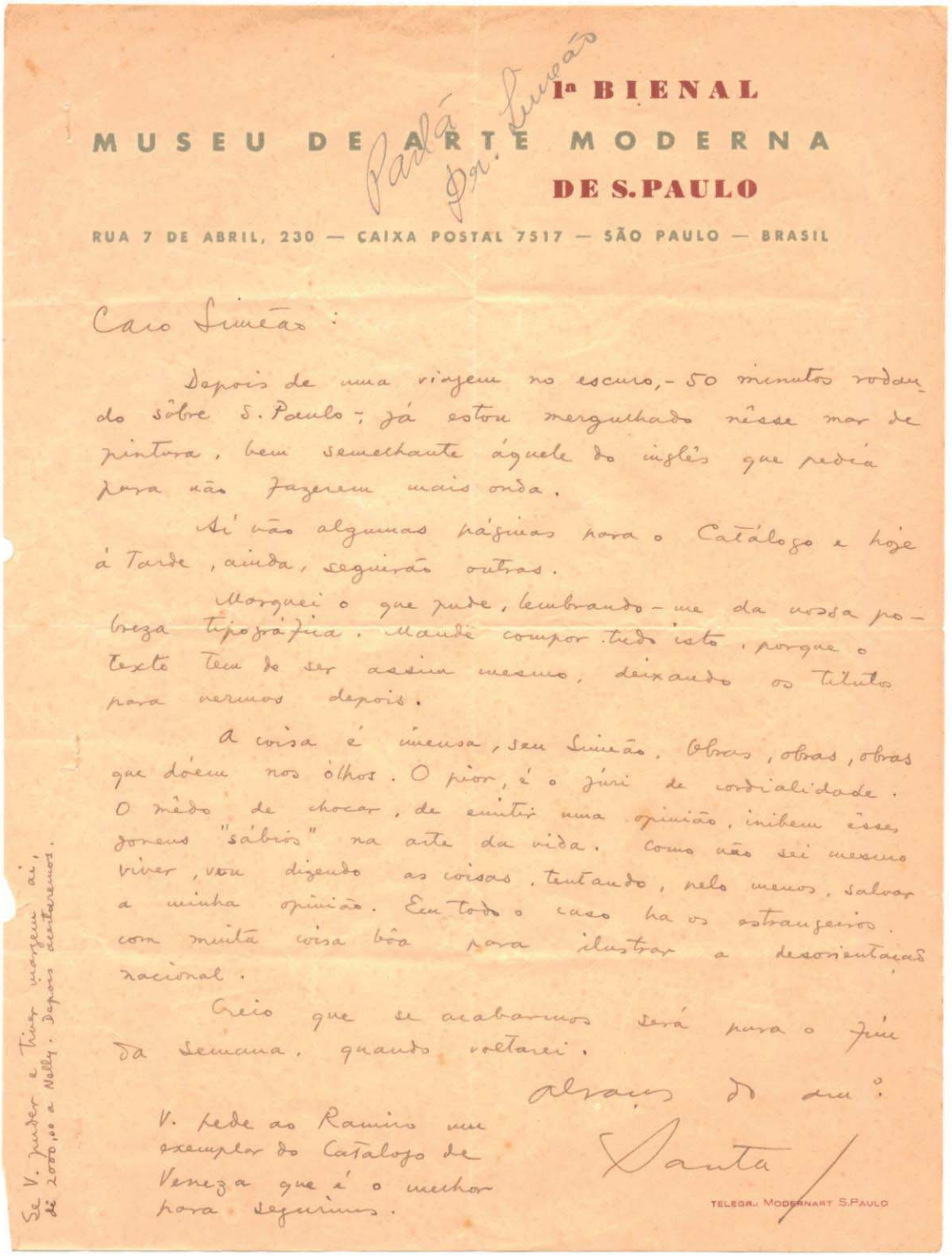
Tomás Santa Rosa Jr.

Figura 36: Carta n. 08, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Na montagem na mostra de Educação de Base, proposta por Santa Rosa em 1949, ele demonstra sua total destreza em ser responsável pelas diversas etapas da referida mostra, desde a carpintaria, fotografia, gráficos e do cartaz. Santa Rosa cita também que a estética adotada será nos "moldes modernos do projeto".

Caro Simeão,

O pior, é o júri de cordialidade. O mêdo de chocar, de emitir uma opinião, inibem êsses jovens "sábios" na arte da vida. Como não sei mesmo viver, vou dizendo as coisas, tentando, pelo menos, salvar a minha opinião. (*Trecho da Carta n. 10*).



1ª BIENAL

MUSEU DE ARTE MODERNA

DE S.PAULO

RUA 7 DE ABRIL, 230 — CAIXA POSTAL 7517 — SÃO PAULO — BRASIL

Caro Simeão:

Depois de uma viagem no escuro, - 50 minutos rodando sôbre S. Paulo -, já estou mergulhado nêsse mar de pintura, bem semelhante àquele do inglês que pedia para não fazerem mais onda.

Aí vão algumas páginas para o Catálogo e hoje à Tarde, ainda, seguirão outras.

Marquei o que pude, lembrando-me da nossa pobreza tipográfica. Mandei compor tudo isto, porque o texto tem de ser assim mesmo, deixando os títulos para vermos depois.

A coisa é imensa, seu Simeão. Obras, obras, obras que doem nos ôlhos. O pior, é o júri de cordialidade. O mêdo de chocar, de emitir uma opinião, inibem êsses jovens "sábios" na arte da vida. Como não sei mesmo viver, vou dizendo as coisas, tentando, pelo menos, salvar a minha opinião. Em todo o caso há os estrangeiros com muita coisa bôa para ilustrar a desorientação nacional.

Creio que se acabarmos será para o fim da semana, quando voltarei.

Abraços do amº

Sante

V. pede ao Ramiro um exemplar do Catálogo de Veneza que é o melhor para seguirmos.

Se V. puder e tiver urgência aí, dê 2000,00 a Nelly. Depois acertaremos.

TELEGR.: MODERNART S.PAULO

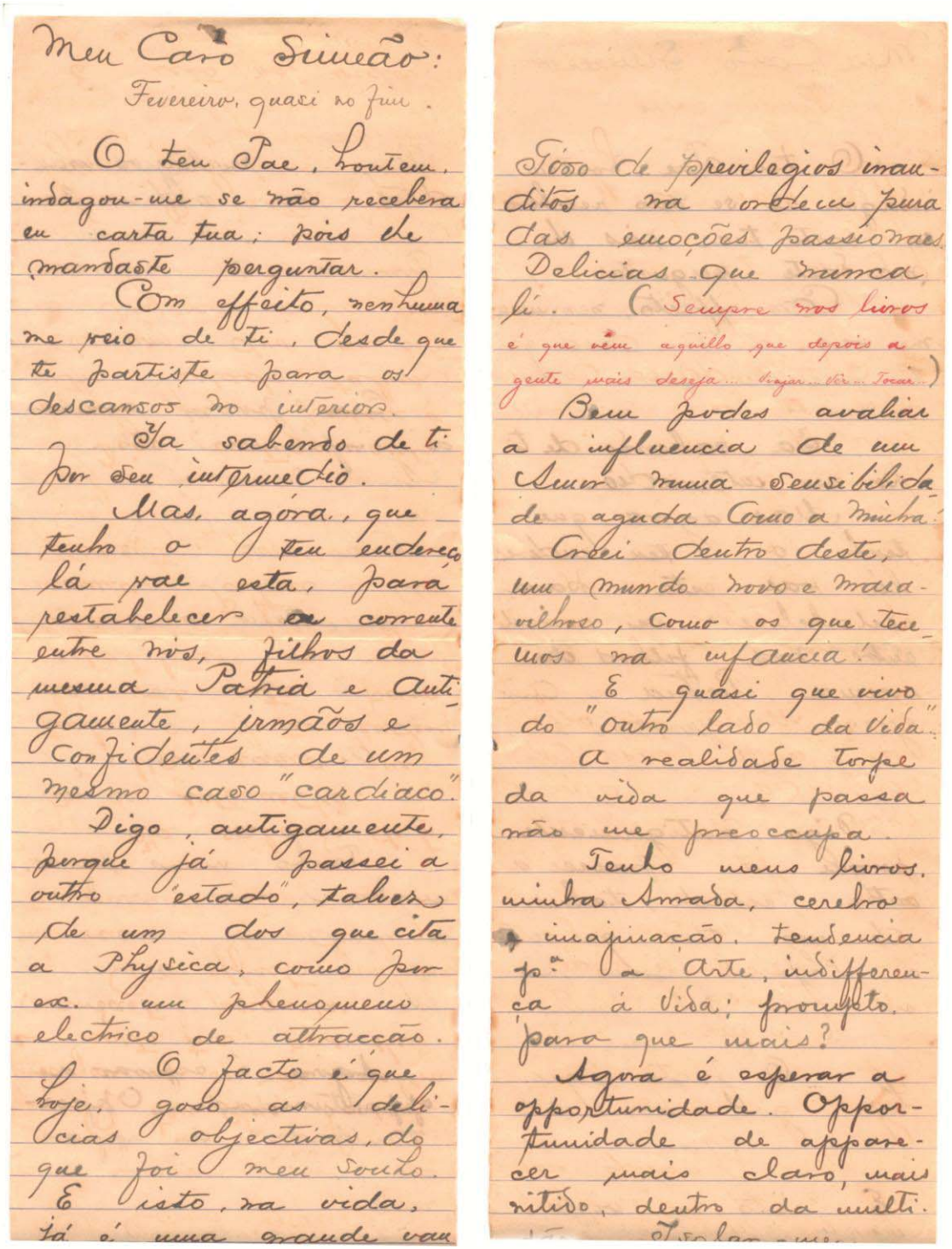
Figura 37: Carta n. 10, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

No trabalho de um Catálogo de arte moderna, Santa Rosa lamenta a escassez de tipografia para a produção editorial. Quanto à avaliação das obras que pertenceram ao catálogo, comenta que são muitas e que o júri é muito "cordial" em relação a ele, e a presença de obras estrangeiras colabora para demonstrar as diferenças com a produção nacional. Ele solicita de Simeão o catálogo de artes de Veneza, bem como um empréstimo em dinheiro para sua esposa Nelly.

> Se V. puder e tiver margem ai, dê 2.000,00 a Nelly. Depois acertamos. (*Nota lateral na carta n. 10*).

O interesse e a preocupação com o amigo Simeão Leal são constantes, e lamenta não mais ter o contato de irmãos e confidentes de outros tempos, recorrendo sempre às cartas ou as "estas linhas", como se refere a este meio de comunicação. A carta enviada ao amigo em fevereiro [sem data], é uma das mais extensas, chegando a seis páginas, no entanto o formato do papel é também menor:

> Meu caro, Simeão,
>
> Mas, o que é que. Tens feito?
> O que tens lido?
> O que tens visto? (*Trecho da Carta n. 15*.).



Meu Caro Simeão:

Fevereiro, quasi no fim.

O teu Pae, hontem, indagou-me se não recebera eu carta tua; pois elle mandaste perguntar.

Com effeito, nenhuma me veio de ti, desde que te partiste para os descansos do interior.

Ja sabendo de ti por seu intermedio.

Mas, agora, que tenho o teu endereço lá vae esta, para restabelecer a corrente entre nós, filhos da mesma Patria e Antigamente, irmãos e confidentes de um mesmo caso "cardiaco".

Digo, antigamente, porque já passei a outro "estado", talvez de um dos que cita a Physica, como por ex. um phenomeno electrico de attracção.

O facto é que hoje, gosto as delicias objectivas, do que foi meu sonho.

E isto, na vida, já é uma grande vau

Isso de privilegios inauditos na ordem pura das emoções passionaes. Delicias que nunca li. (Sempre nos livros é que vem aquillo que depois a gente mais deseja... Viajar... Ver... Tocar...)

Bem podes avaliar a influencia de um Amor numa sensibilidade aguda como a minha.

Creei dentro deste, um mundo novo e maravilhoso, como os que tecemos na infancia.

E quasi que vivo do "outro lado da vida".

A realidade torpe da vida que passa não me preoccupa.

Tenho meus livros, minha Amada, cerebro e imaginação. Tendencia p/ a Arte, indifferença á Vida; prompto. Para que mais?

Agora é esperar a opportunidade. Opportunidade de apparecer mais claro, mais nitido, dentro da multi-

Figura 38: Carta n. 15, p. 1 e p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

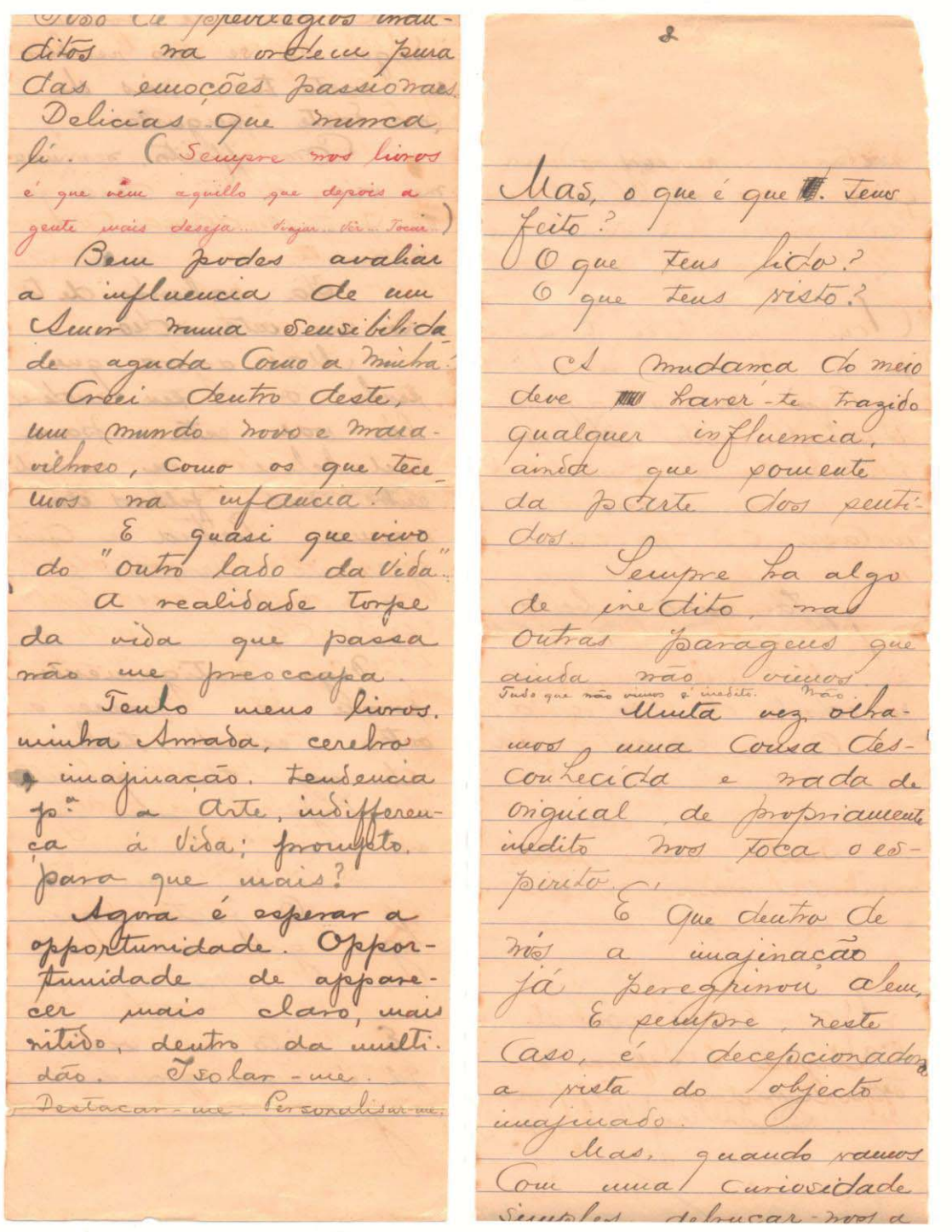
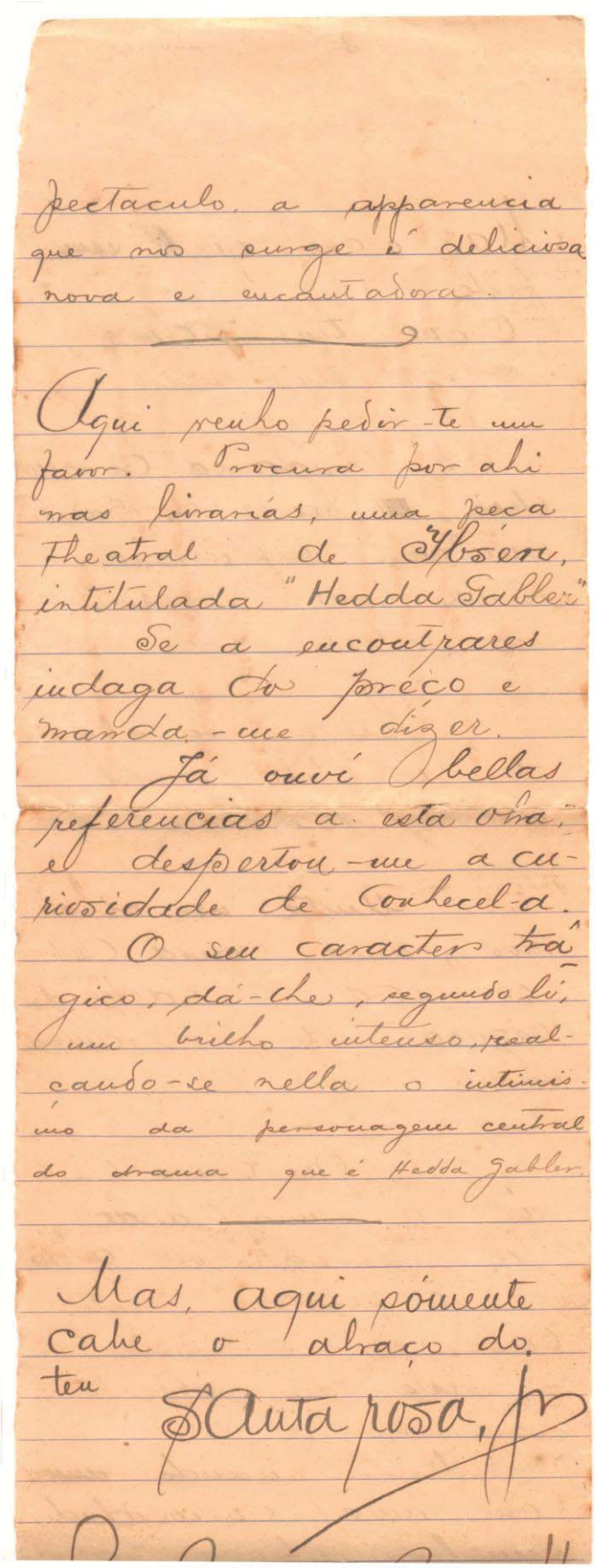


Figura 39: Carta n. 15, p. 3 e p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



pectaculo. a apparencia
que nos surge é deliciosa
nova e encantadora.

Agui venho pedir-te um
favor. Procura por ahi
nas livrarias, uma peça
theatral de Ybsen,
intitulada "Hedda Gabler"
Se a encontrares
indaga do preço e
manda-me dizer.
Já ouvi bellas
referencias a esta obra,
e despertou-me a cu-
riosidade de conhecel-a.
O seu caracter trá-
gico, dá-lhe, segundo li,
um brilho intenso, real-
çando-se nella o intimis-
mo da personagem central
do drama que é Hedda Gabler.

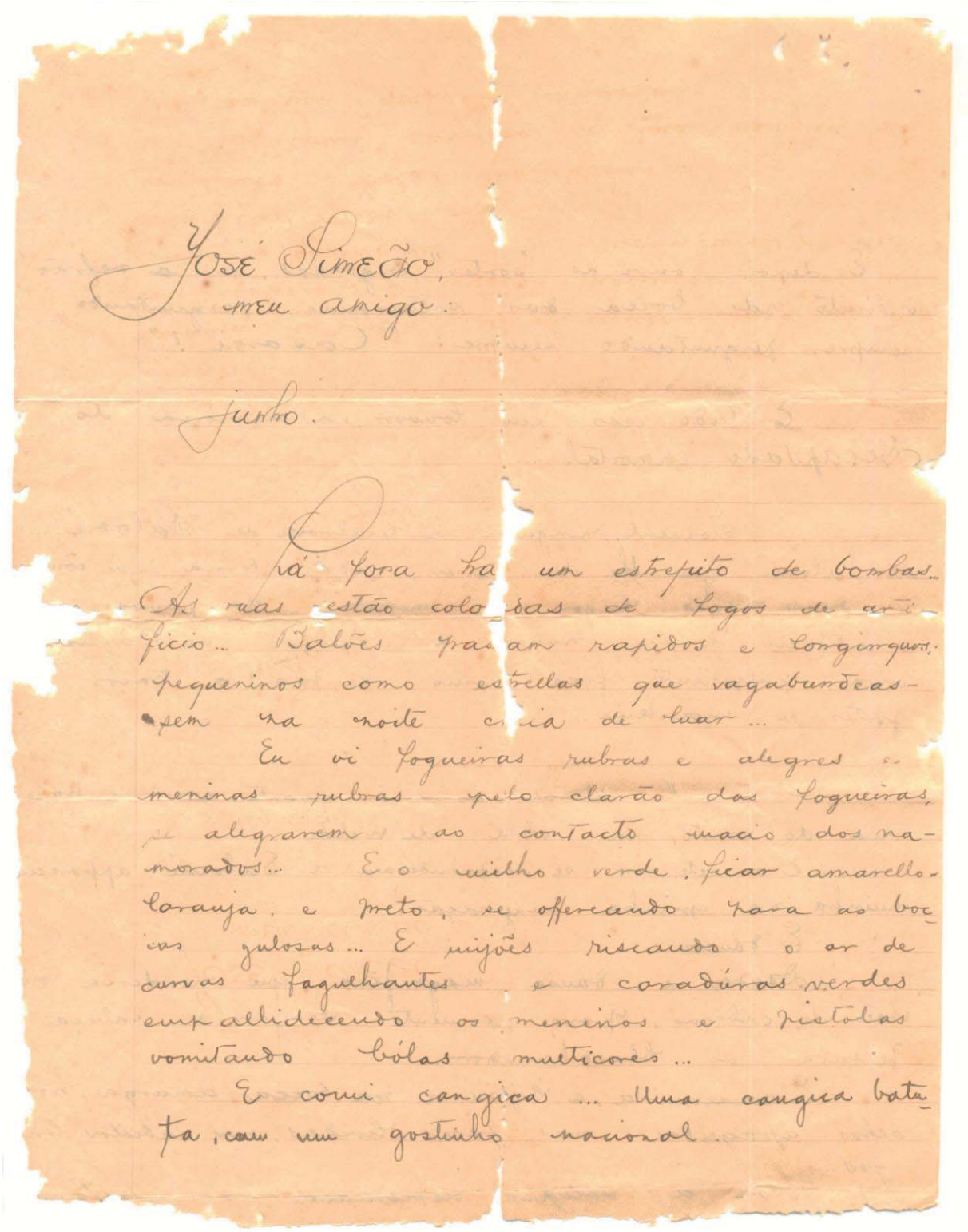
Mas, aqui sómente
cabe o abraço do
teu
Santa rosa.

Figura 40: Carta n. 15, p. 5.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Santa Rosa comenta que não vive mais a "realidade torpe da vida", mas sim, “vive-se o outro lado da vida", que ele descreve feliz, dizendo que tem seus livros, sua amada, cérebro, imaginação, tendência à arte e indiferença à vida, aguardando as melhores oportunidades para apresentar-se e até mesmo destacar-se em meio a multidão. Ávido por novidades, busca sempre por algo inédito e fala sobre como entende a emoção de conhecer e de sensibilizar com o novo através de uma curiosidade simples.

Com uma sensibilidade aguda e poética, Santa Rosa descreve com criatividade as festas juninas, momento em que cita a cultura nordestina. Elogia a forma "moderna" que Simeão Leal tem escrito para ele, e vê nisso a influência dos livros que tem lido.

> José Simeão,
> Meu amigo,
>
> Percebo na tua maneira de dizer algo de novo e sabôroso que conseguiste com felicidade.
> A tua evolução mental palpita em frases de um estylo claro e moderno, que bem mostra influencia dos livros maravilhosos da Arte Nova. (*Trecho da Carta n. 18*).



José Simeão,
meu amigo:

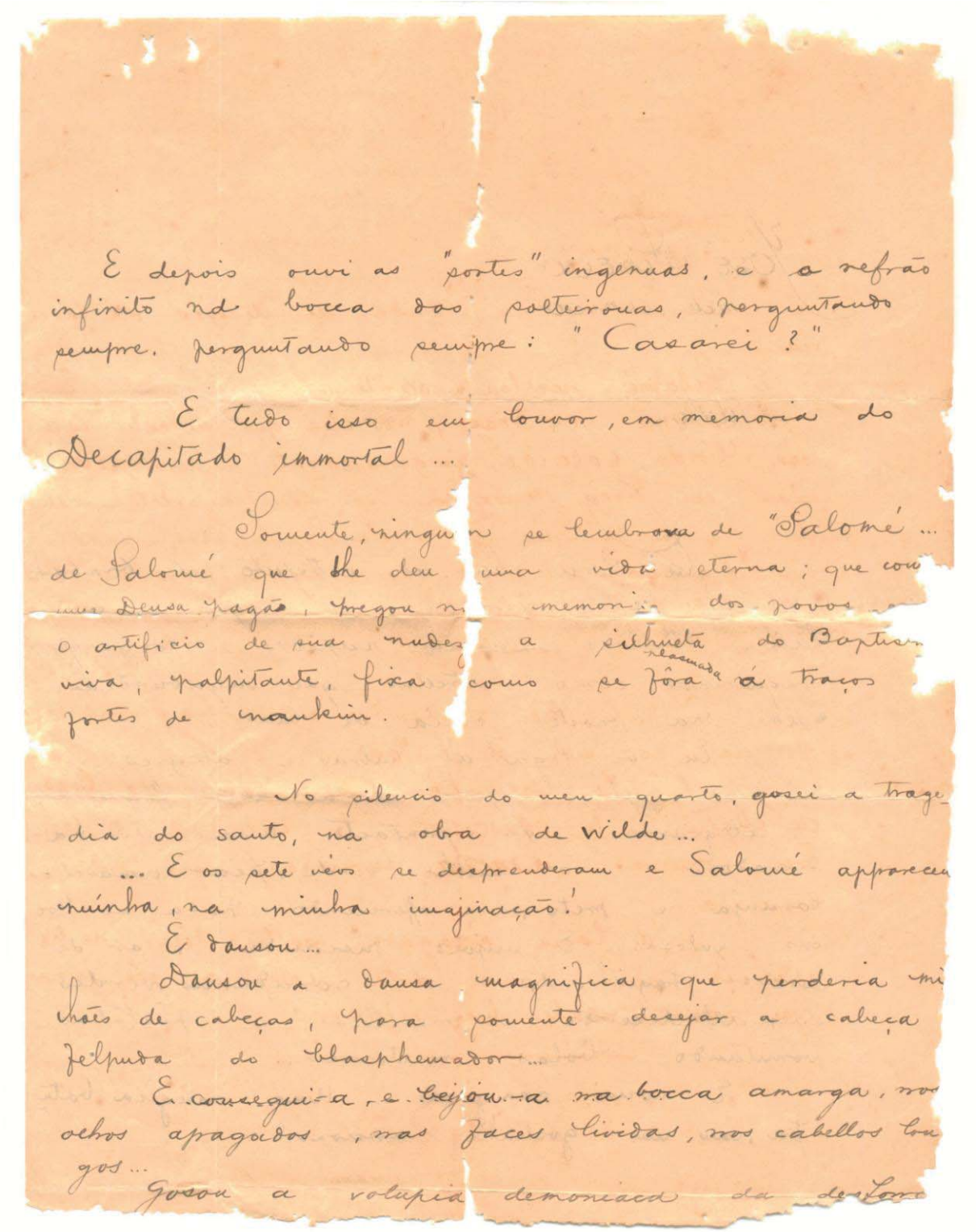
Junho.

Lá fora ha um estrepito de bombas... As ruas estão colorosas de fogos de artificio... Balões vão em rapidos e longinquos, pequeninos como estrellas que vagabundeam na noite cheia de luar...

Eu vi fogueiras rubras e alegres... meninas rubras pelo clarão das fogueiras, se alegrarem ao contacto quente dos namorados... E o milho verde, ficar amarello-laranja, e preto, se offerecendo para as bocas gulosas... E pinhões riscando o ar de curvas fagueiras e coradúras verdes empallidecendo os meninos e pistolas vomitando bólas multicores...

E comi canjica... Uma canjica batuta, com um gostinho nacional.

Figura 41: Carta n. 18, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



E depois ouvi as "sortes" ingenuas, e o refrão infinito na bocca das solteironas, perguntando sempre, perguntando sempre: "Casarei?"

E tudo isso em louvor, em memoria do Decapitado immortal ...

Somente, ninguem se lembrava de "Salomé" ... de Salomé que lhe deu uma vida eterna; que com uma Deusa Pagã, pregou na memoria dos povos o artificio de sua nudez, a silhueta do Baptista reassumida viva, palpitante, fica como se fôra á traços fortes de nanquim.

No silencio do meu quarto, gosei a tragedia do santo, na obra de Wilde ...

... E os sete véos se desprenderam e Salomé appareceu minha, na minha imaginação!

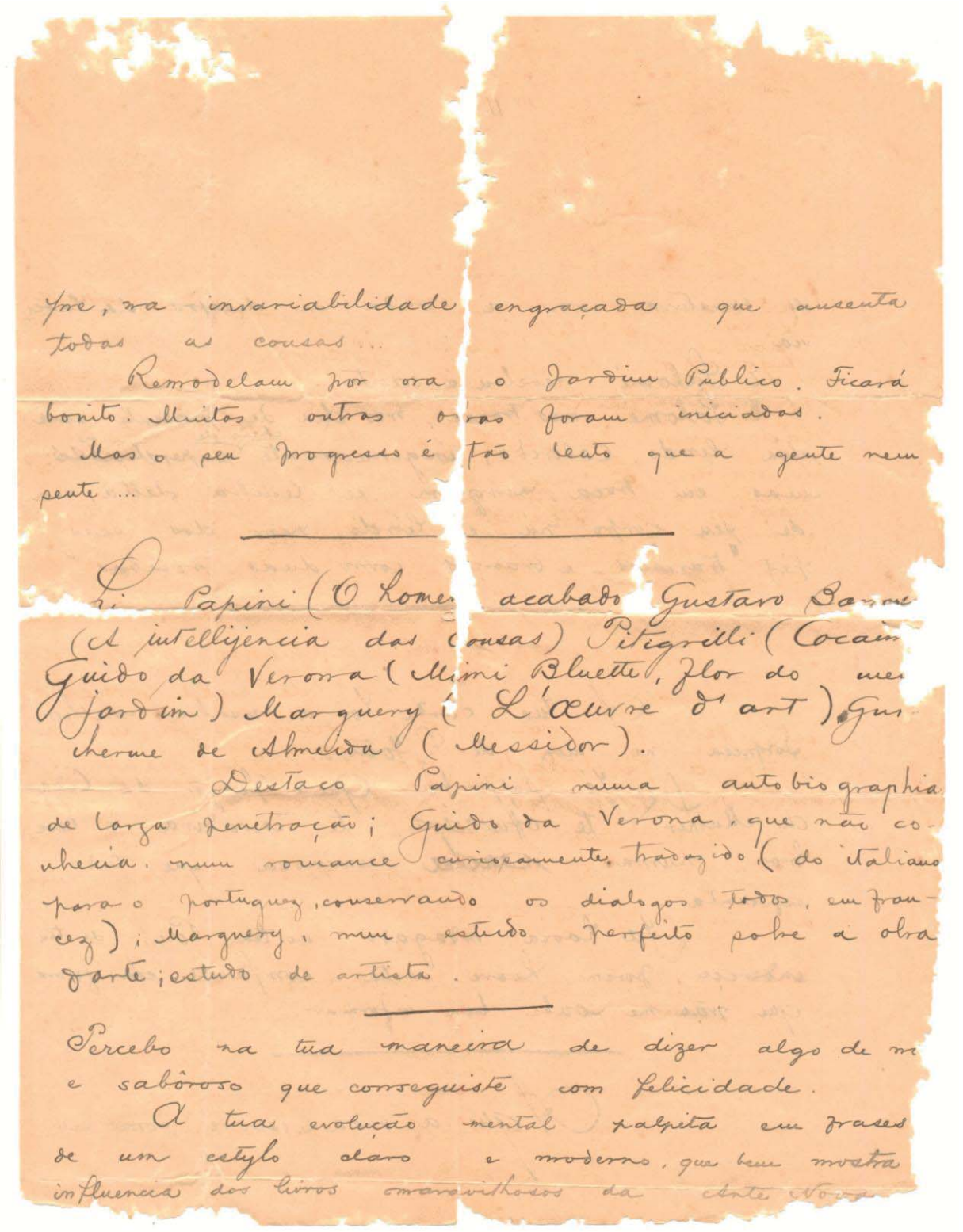
E dansou ...

Dansou a dansa magnifica que perderia milhões de cabeças, para somente desejar a cabeça felpuda do blasphemador ...

E conseguio-a, e beijou-a na bocca amarga, nos olhos apagados, nas faces lividas, nos cabellos louros ...

Gosou a volupia demoniaca da desforra

Figura 42: Carta n. 18, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



yre, na invariabilidade engraçada que ausenta todas as cousas ...

Remodelam por ora o Jardim Publico. Ficará bonito. Muitas outras obras foram iniciadas.

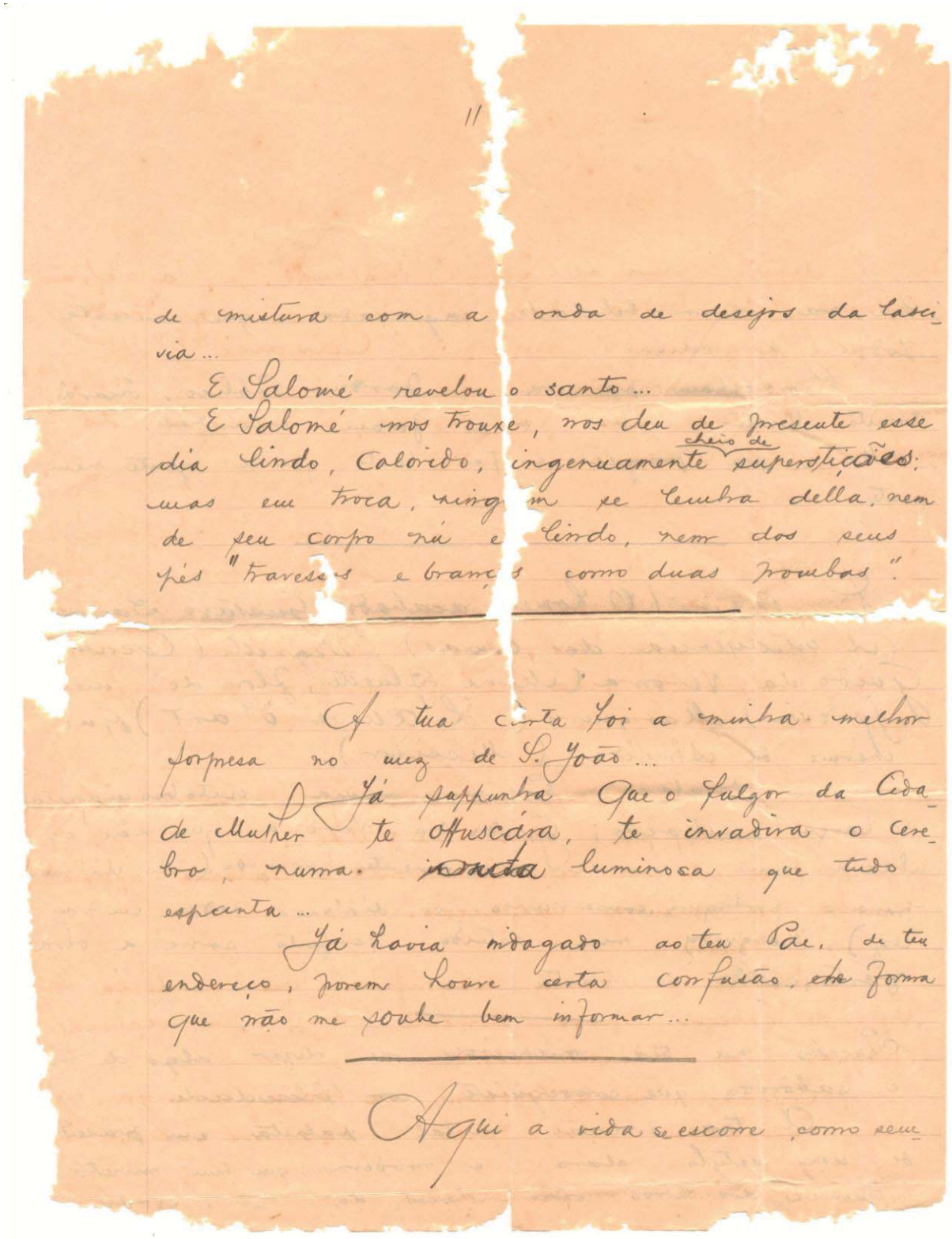
Mas o seu progresso é tão lento que a gente nem pente ...

Papini (O homem acabado) Gustavo Barroso (A intelligencia das cousas) Pitigrilli (Cocaina) Guido da Verona (Mimi Bluette, flor do meu jardim) Marguery (L'œuvre d'art) Guilherme de Almeida (Messidor).

Destaco Papini numa autobiographia de larga penetração; Guido da Verona, que não conhecia, num romance curiosamente traduzido (do italiano para o portuguez, conservando os dialogos todos, em francez); Marguery, num estudo perfeito sobre a obra d'arte; estudo de artista.

Percebo na tua maneira de dizer algo de m e saborôso que conseguiste com felicidade.

A tua evolução mental palpita em frases de um estylo claro e moderno, que bem mostra influencia dos livros maravilhosos da Ante Noite



11

de mistura com a onda de desejos da lascivia...

E Salomé revelou o santo...

E Salomé nos trouxe, nos deu de presente esse dia lindo, Calorido, ingenuamente cheio de superstições; mas em troca, ninguem se lembra della, nem de seu corpo nú e lindo, nem dos seus pés "Traveses e brancos como duas pombas".

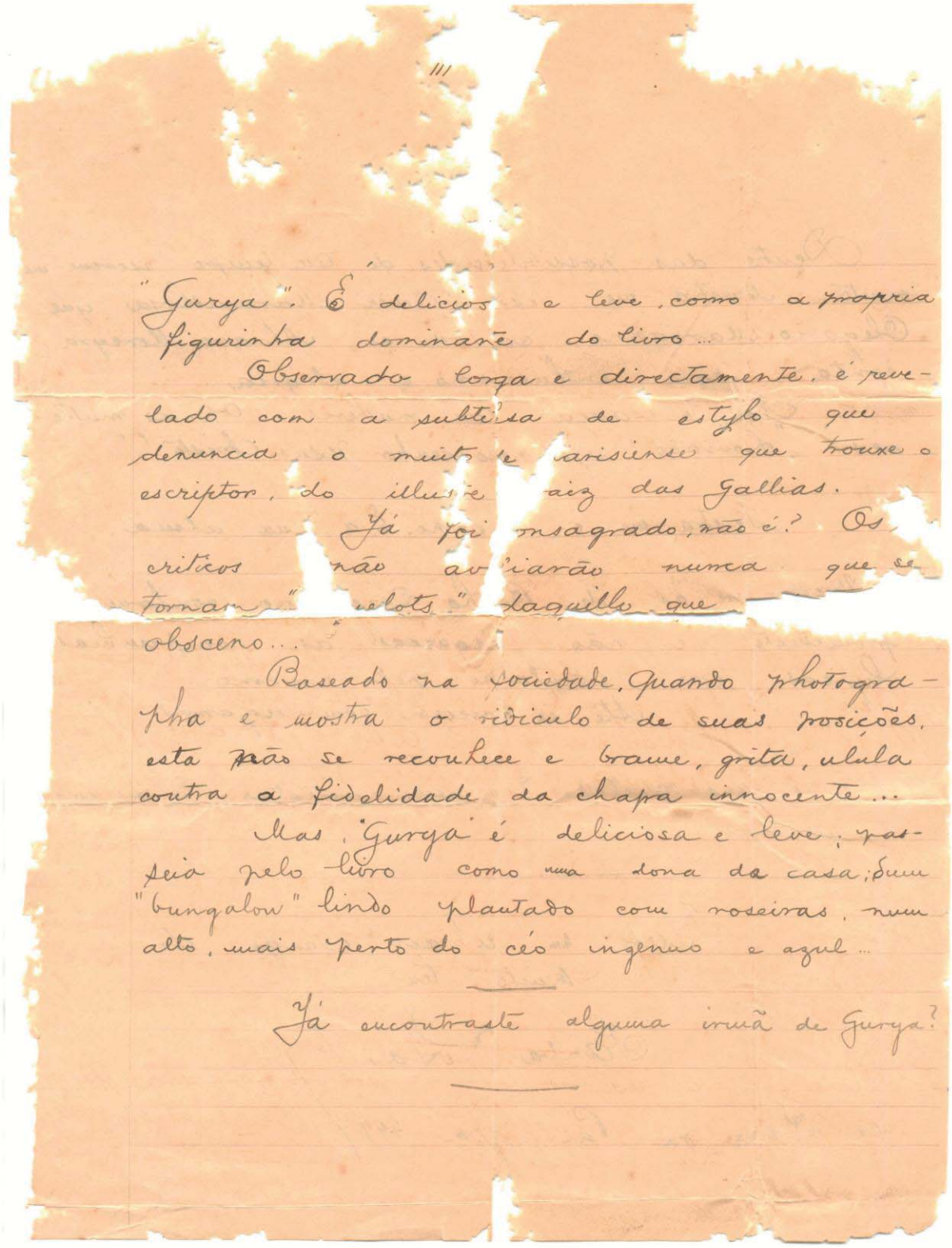
A tua carta foi a minha melhor surpresa no mez de S. João...

Já suppunha que o fulgor da Cidade Mulher te offuscára, te invadira o cerebro, numa onda luminosa que tudo espanta...

Já havia indagado ao teu Pae, de teu endereço, porem houve certa confusão, de forma que não me soube bem informar...

Aqui a vida se escoa, como seu

Figura 44: Carta n. 18, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



"Gurya". É delicioso e leve, como a propria figurinha dominante do livro...

Observado longa e directamente, é revelado com a subtileza de estylo que denuncia o muito parisiense que trouxe o escriptor, do illustre paiz das Gallias.

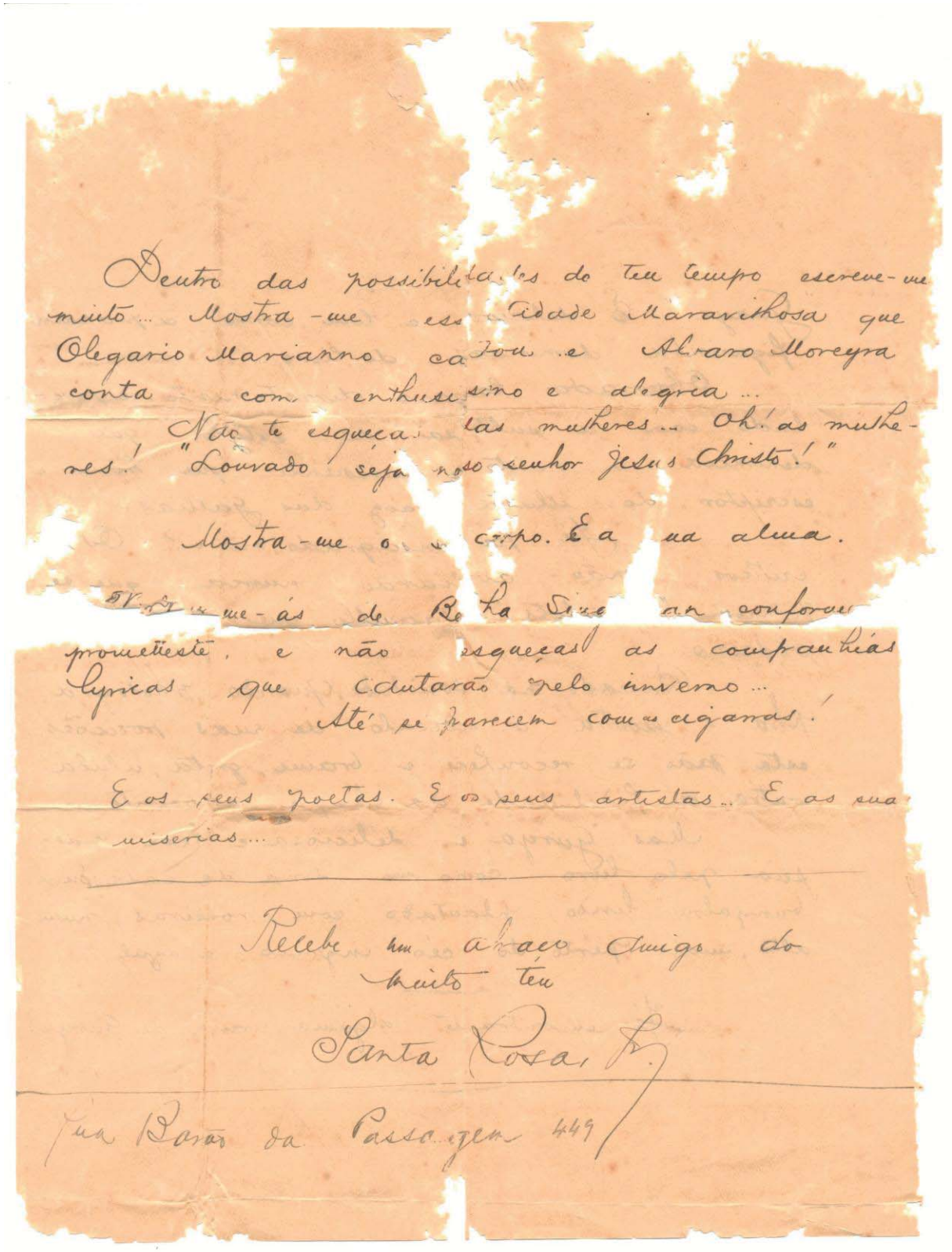
Já foi msagrado, não é? Os criticos não avaliarão nunca que se tornam "velots" aquillo que obsceno...

Baseado na sociedade, Quando photographa e mostra o ridiculo de suas posições, esta não se reconhece e brame, grita, ulula contra a fidelidade da chapa innocente...

Mas, "Gurya" é deliciosa e leve; passeia pelo livro como uma dona da casa; num "bungalow" lindo plantado com roseiras, num alto, mais perto do céo ingenuo e azul...

Já encontraste alguma irmã de Gurya?

Figura 45: Carta n. 18, p. 5.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Dentro das possibilidades do teu tempo escreve-me muito... Mostra-me essa cidade maravilhosa que Olegario Marianno cantou e Alvaro Moreyra conta com enthusiasmo e alegria...

Não te esqueças das mulheres... Oh! as mulheres! "Louvado seja nosso senhor Jesus Christo!"

Mostra-me o teu corpo. E a tua alma.

Vae-me-ás de Bella Vista ou conforme prometteste, e não esqueças as companhias lyricas que cantarão pelo inverno... Até se parecem com as cigarras!

E os teus poetas. E os seus artistas... E as suas miserias...

Recebe um abraço amigo do muito teu

Santa Rosa.

Rua Barão da Passagem 449

Figura 46: Carta n. 18, p. 6.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

O contato de Santa Rosa com os modernistas da Semana de Arte Moderna de 1922, lhe desperta grande interesse e o empolga. Simeão Leal lhe enviara Tarsila do

Amaral, provavelmente as suas primeiras obras. Santa Rosa radiografa os elementos da pintura de Tarsila como um médico identifica cada ponto, destacando o domínio do volume, a supressão do detalhe e a subordinação às formas geométricas simples. Como crítico de arte Santa Rosa vê em Tarsila, "esfregando os olhos", como ele mesmo disse, o espírito moderno "plasmado", identifica a arte moderna como um tipo de arte cerebral onde a emoção ficará a critério do observador, e o sentido da obra é completada pela inteligência de quem contempla a obra moderna. Agradece a Tarsila uma clareira de alegria que sua pintura abriu no seu espírito e diz também que ele soube esquecer o clássico, o que não seria fácil, por ser o clássico pegajoso e diz mais: "quando ele pega, ele pega". Nessa época Santa Rosa residia no bairro da Torre em João Pessoa, Paraíba, mas só percebemos isto pelo endereço constate na carta que indica a Rua Barão de Passagem, 449. (*Trecho da Carta n. 19*).

Entusiasmado com o movimento denominado Dada ou Dadaísmo[6], Santa Rosa destaca-o como um dos mais interessantes em todas as direções, como sendo um movimento artístico que se impõe acima dos conceitos pré-estabelecidos até o momento, descreve ele que uma poesia composta à maneira Dada, palavras são retiradas uma a uma em pedaços de papel de dentro de um chapéu. Para Santa Rosa a produção artística de sua época revela um panorama mental ágil, elástico e poliforme, em que cada um, pensa suas ideias, revela sua inteligência, mesmo estando à vontade, em casa e de pijama.

Para Santa Rosa, Carlos Drumond de Andrade é único e Tarsila do Amaral nada tem de Marc Chagall[7]. O modernismo trouxe liberdade, independência consciente para além do conteúdo subconsciente de Sigmund Freud e afirma que a produção brasileira não está ligada a nenhuma corrente estrangeira nesse momento.

Santa Rosa sempre cita sua paixão pela grande música, a música clássica, chegando a ouvir árias de Bach, que ele considera magníficas, e na produção nacional comenta sobre Vila Lobos. Termina a carta mais uma vez pedido a Simeão Leal que sempre mande notícias, dizendo que suas cartas o são muito caras. (*Trecho da Carta n. 24*).

---

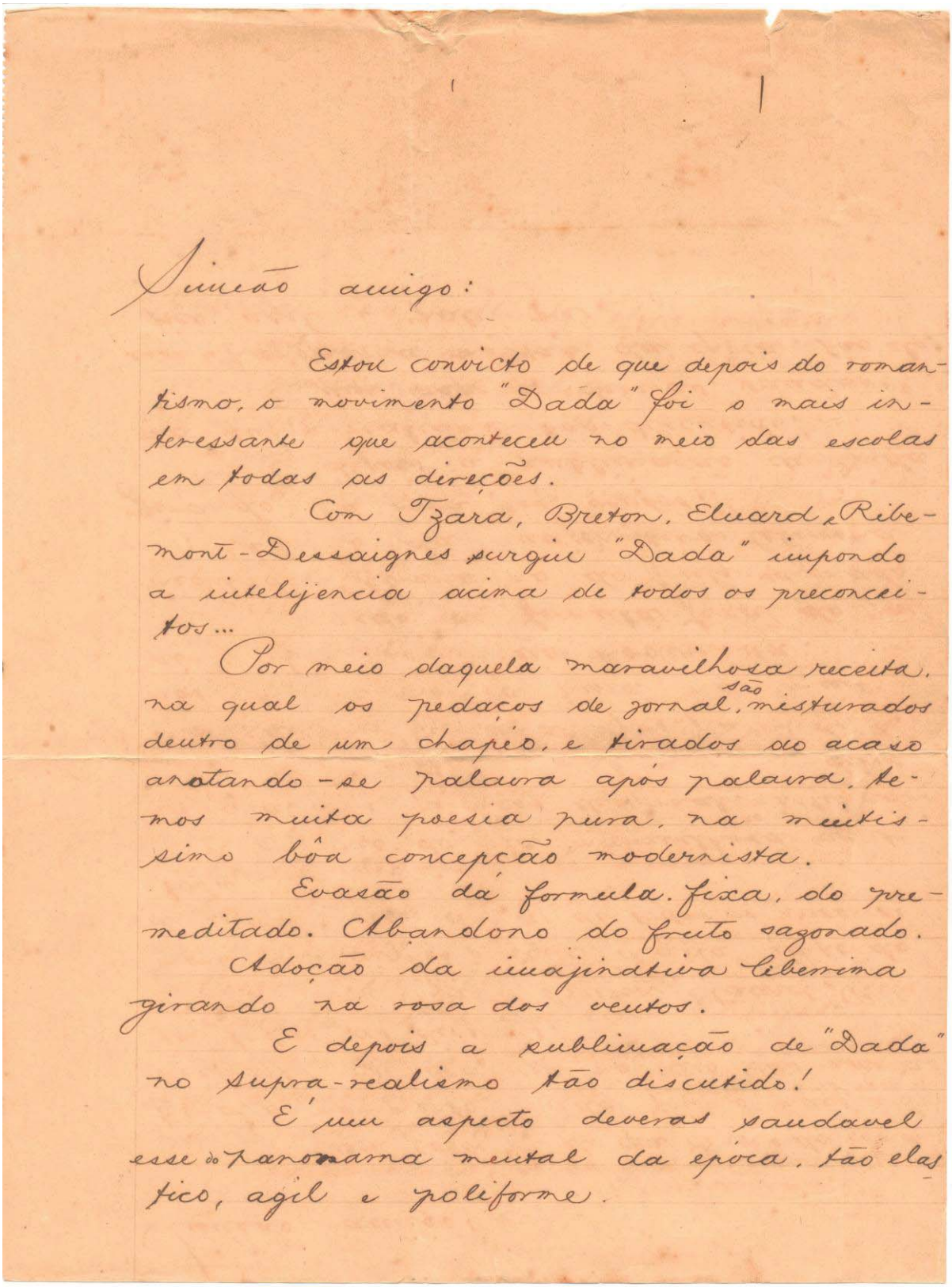
[6] O dadaísmo ou movimento dadá foi um movimento artístico da chamada vanguarda artística moderna, iniciado em Zurique, em 1916, durante a Primeira Guerra Mundial

[7] Nasceu em 1887, Marc Chagall foi um pintor, ceramista e gravurista surrealista judeu russo-francês.

Simeão amigo:

Nunca a inteligencia esteve tão á vontade tão em sua casa, de pijama, como agora, nesta época, em que cada um pensa suas idéas. (carta n. 24)

Escreve-me sempre. As tuas cartas me são de sobremodo caras. E muito mais ainda se as regras de caligrafia te tocassem, e nos revelasse sem hieroglifos o teu alto pensamento. (*Trecho da Carta n. 24*)



Sinedão amigo:

Estou convicto de que depois do romantismo, o movimento "Dadá" foi o mais interessante que aconteceu no meio das escolas em todas as direções.

Com Tzara, Breton, Eluard, Ribemont-Dessaignes surgiu "Dada" impondo a intelijencia acima de todos os preconceitos...

Por meio daquela maravilhosa receita, na qual os pedaços de jornal são misturados dentro de um chapeo, e tirados ao acaso anotando-se palavra após palavra, temos muita poesia pura, na mais tolissimo bôa concepção modernista.

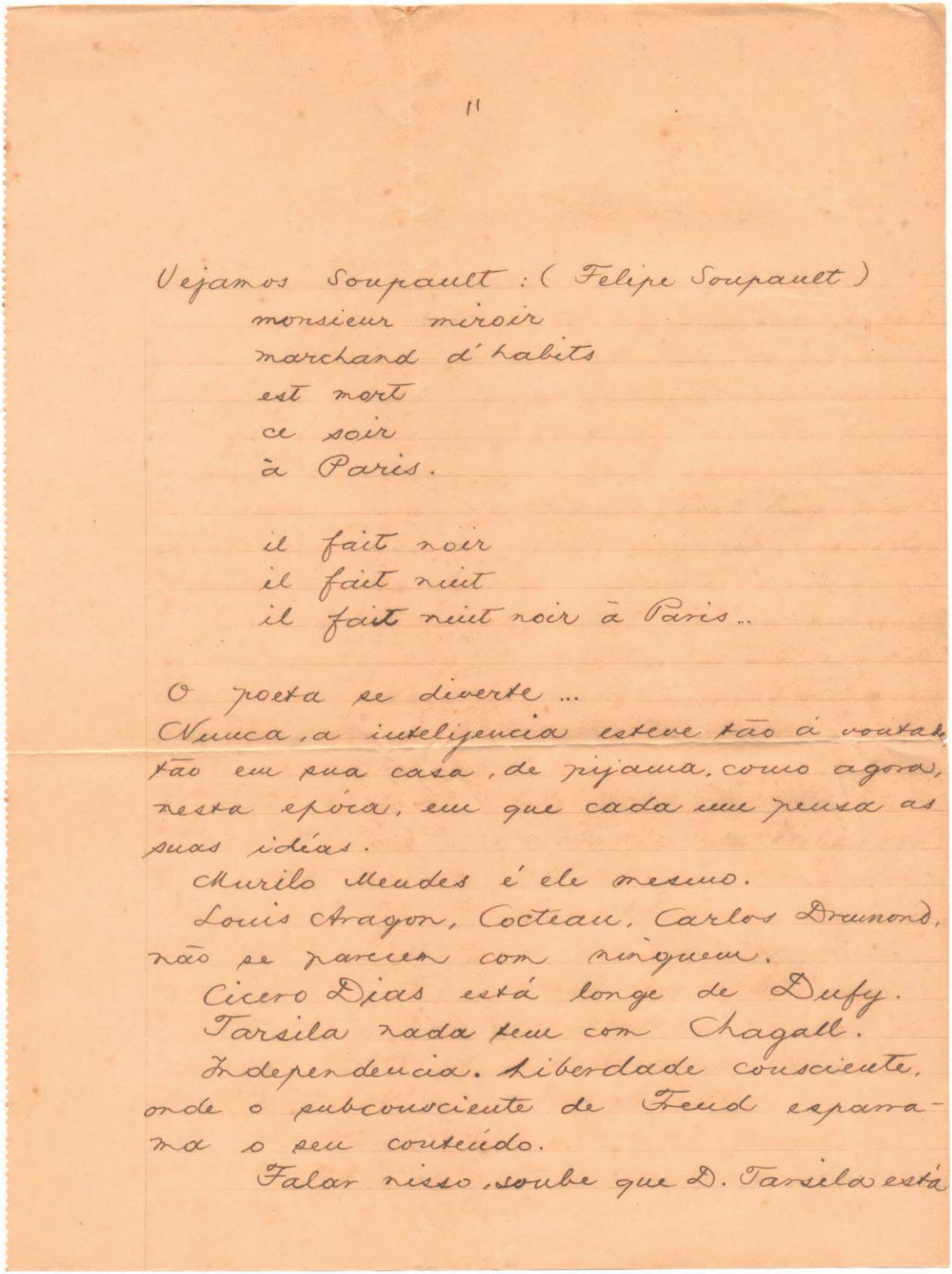
Evasão da formula fixa, do premeditado. Abandono do fruto sazonado.

Adoção da imajinativa liberina girando na rosa dos ventos.

E depois a sublimação de "Dada" no supra-realismo tão discutido!

E' um aspecto deveras saudavel esse do panorama mental da epoca, tão elastico, agil e poliforme.

Figura 47: Carta n. 24, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



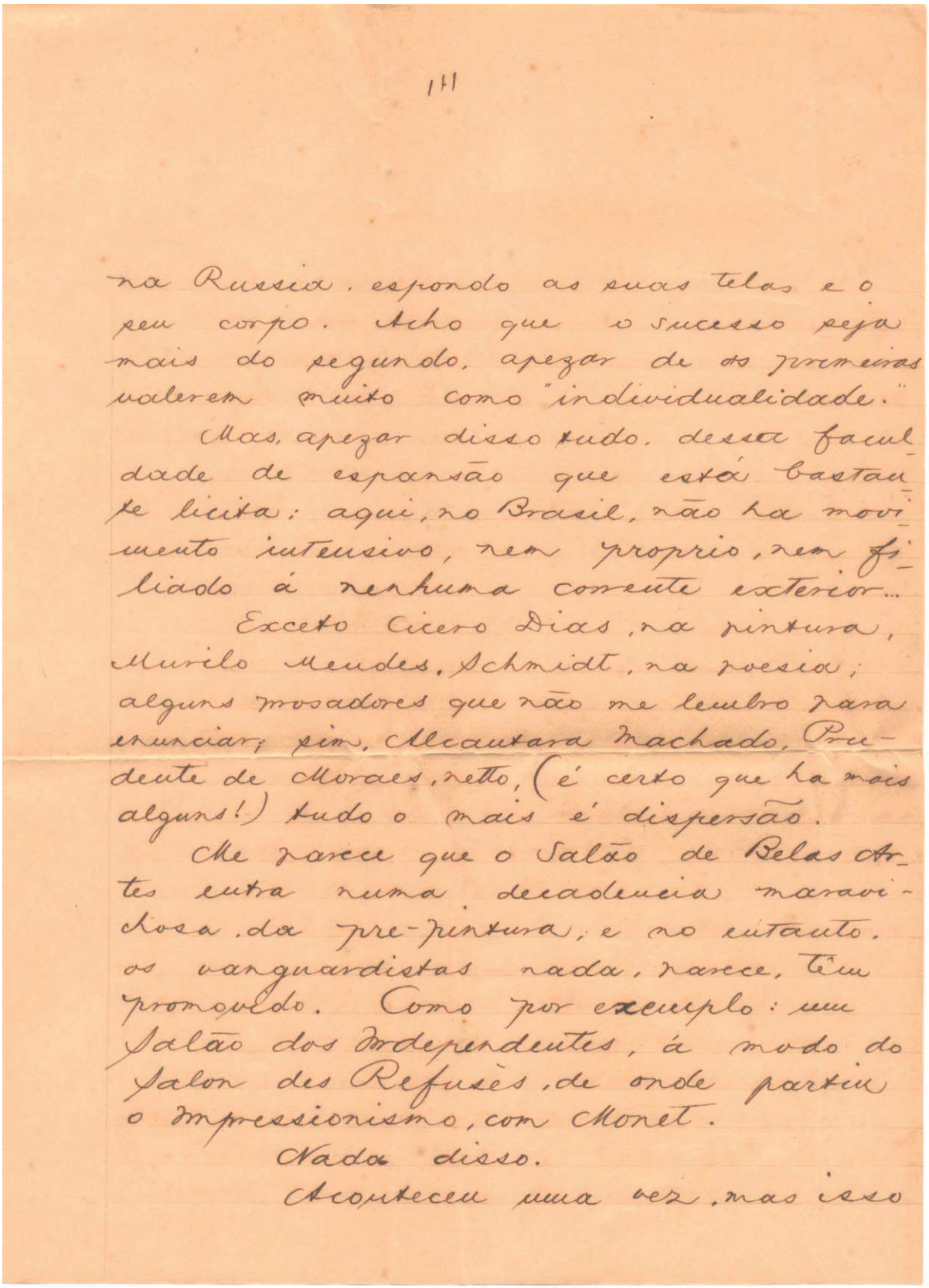
11

Vejamos Soupault : (Felipe Soupault)
monsieur miroir
marchand d'habits
est mort
ce soir
à Paris.

il fait noir
il fait nuit
il fait nuit noir à Paris...

O poeta se diverte ...
Nunca, a inteligencia esteve tão à vontade, tão em sua casa, de pijama, como agora, nesta epóca, em que cada um pensa as suas idéas.
Murilo Mendes é ele mesmo.
Louis Aragon, Cocteau, Carlos Drummond, não se parecem com ninguem.
Cicero Dias está longe de Dufy.
Tarsila nada tem com Chagall.
Independencia. Liberdade consciente, onde o subconsciente de Freud esparrama o seu conteúdo.
Falar nisso, soube que D. Tarsila está

Figura 48: Carta n. 24, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



111

na Russia, espondo as suas telas e o seu corpo. Acho que o sucesso seja mais do segundo, apezar de os primeiros valerem muito como "individualidade."

Mas, apezar disso tudo, dessa faculdade de expansão que está bastante licita: aqui, no Brasil, não ha movimento intensivo, nem proprio, nem filiado á nenhuma corrente exterior...

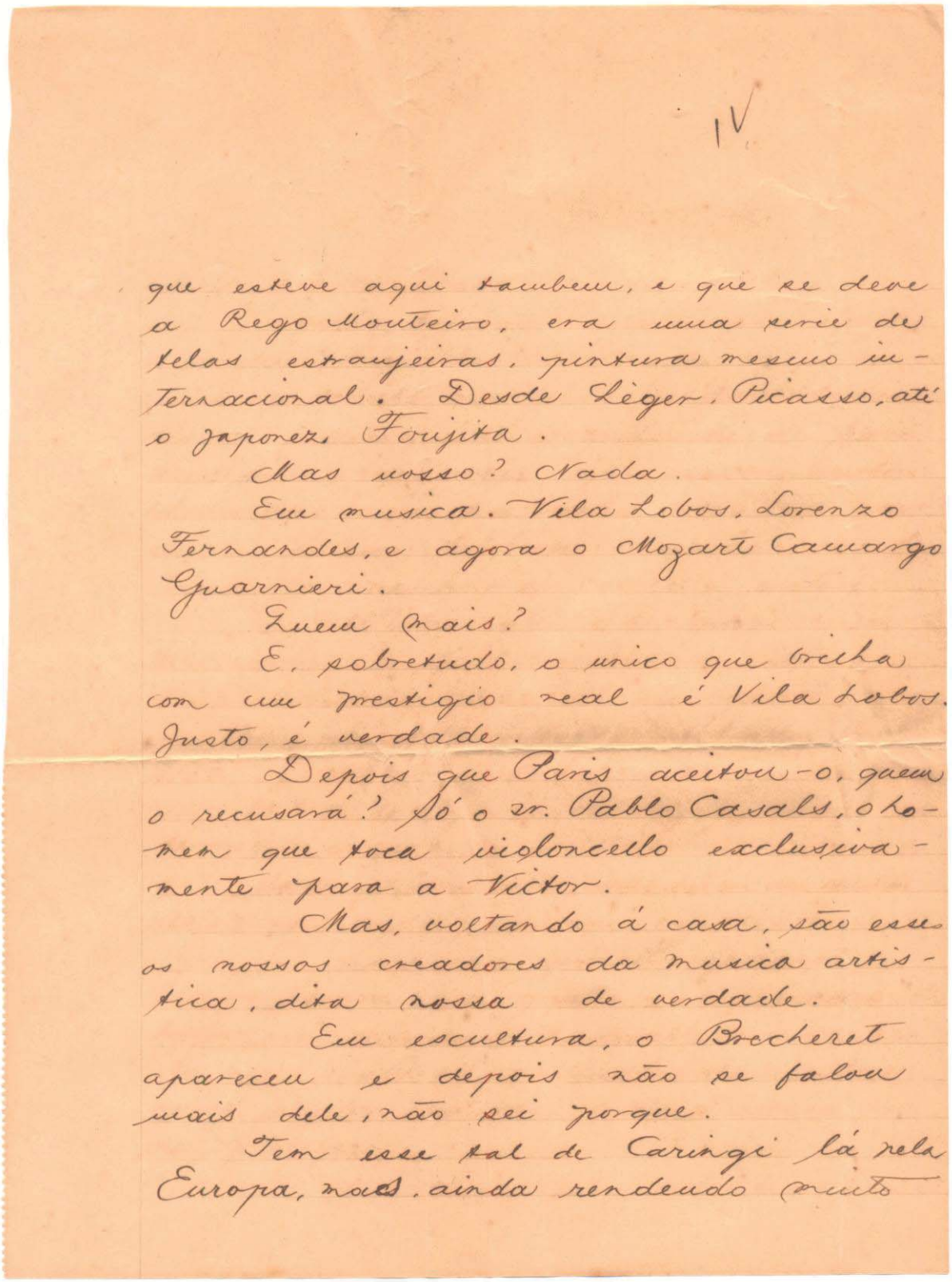
Exceto Cicero Dias, na pintura, Murilo Mendes, Schmidt, na poesia; alguns mosadores que não me lembro para enunciar; sim, Alcantara Machado, Prudente de Moraes, netto, (é certo que ha mais alguns!) tudo o mais é dispersão.

Me parece que o Salão de Belas Artes entra numa decadencia maravilhosa, da pre-pintura; e no entanto, os vanguardistas nada, nasce, têm promovido. Como por exemplo: um Salão dos Independentes, á modo do Salon des Refusés, de onde partiu o impressionismo, com Monet.

Nada disso.

Acontecem uma vez, mas isso

Figura 49: Carta n. 24, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



IV

que esteve aqui tambem, e que se deve a Rego Monteiro, era uma serie de telas estrangeiras, pintura mesmo internacional. Desde Léger, Picasso, até o japonez Foujita.

Mas nosso? Nada.

Em musica. Vila Lobos, Lorenzo Fernandes, e agora o Mozart Camargo Guarnieri.

Quem mais?

E, sobretudo, o unico que briha com um prestigio real é Vila Lobos. Justo, é verdade.

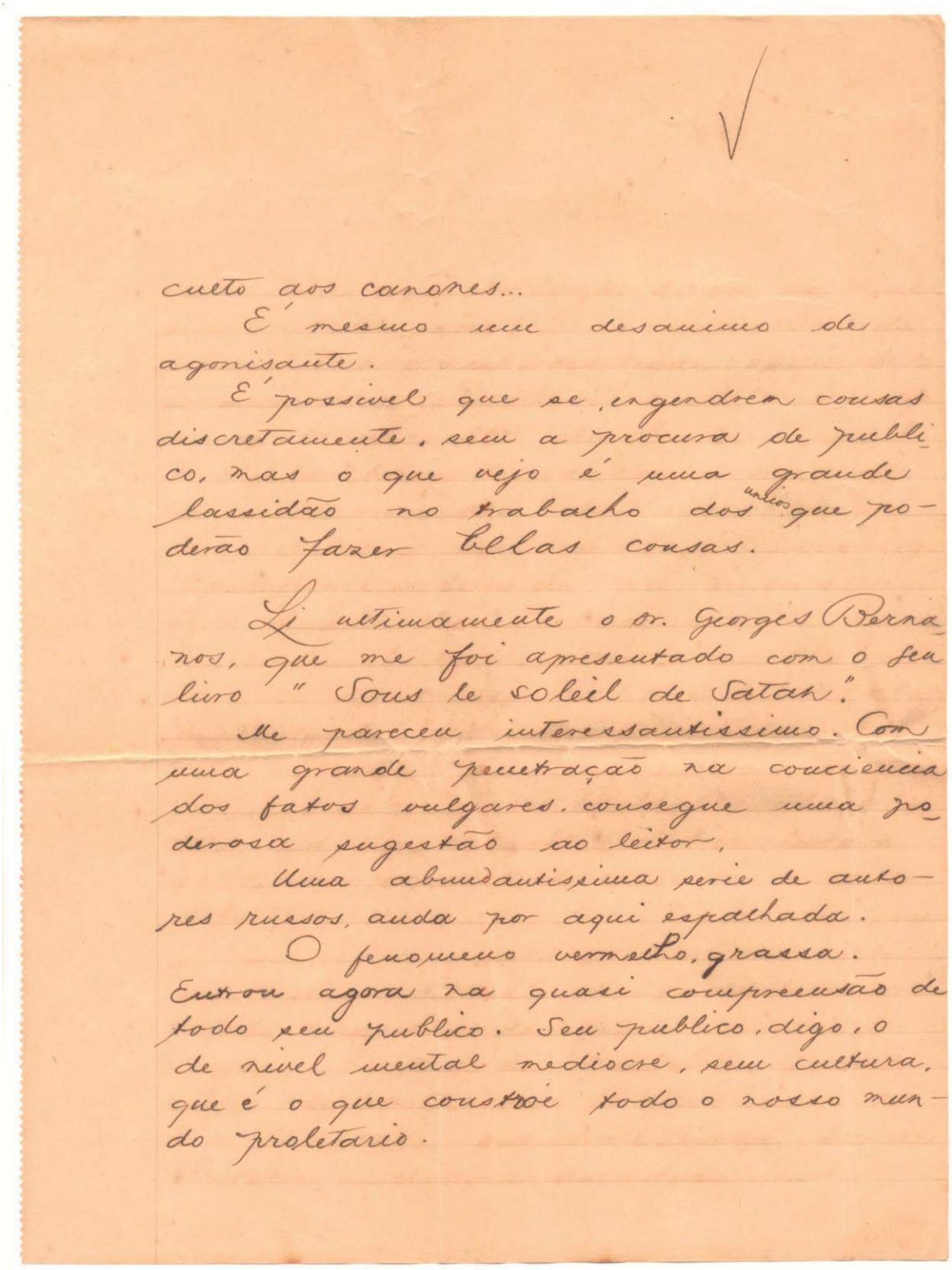
Depois que Paris acceitou-o, quem o recusará? Só o sr. Pablo Casals, o homem que toca violoncello exclusivamente para a Victor.

Mas, voltando á casa, são esses os nossos creadores da musica artistica, dita nossa de verdade.

Em escultura, o Brecheret apareceu e depois não se falou mais dele, não sei porque.

Tem esse tal de Caringi lá pela Europa, nos ainda rendendo muito

Figura 50: Carta n. 24, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



culto aos canones...

É mesmo um desanimo de agonisante.

É possivel que se engendrem cousas discretamente, sem a procura de publico, mas o que vejo é uma grande lassidão no trabalho dos unicos que poderão fazer bellas cousas.

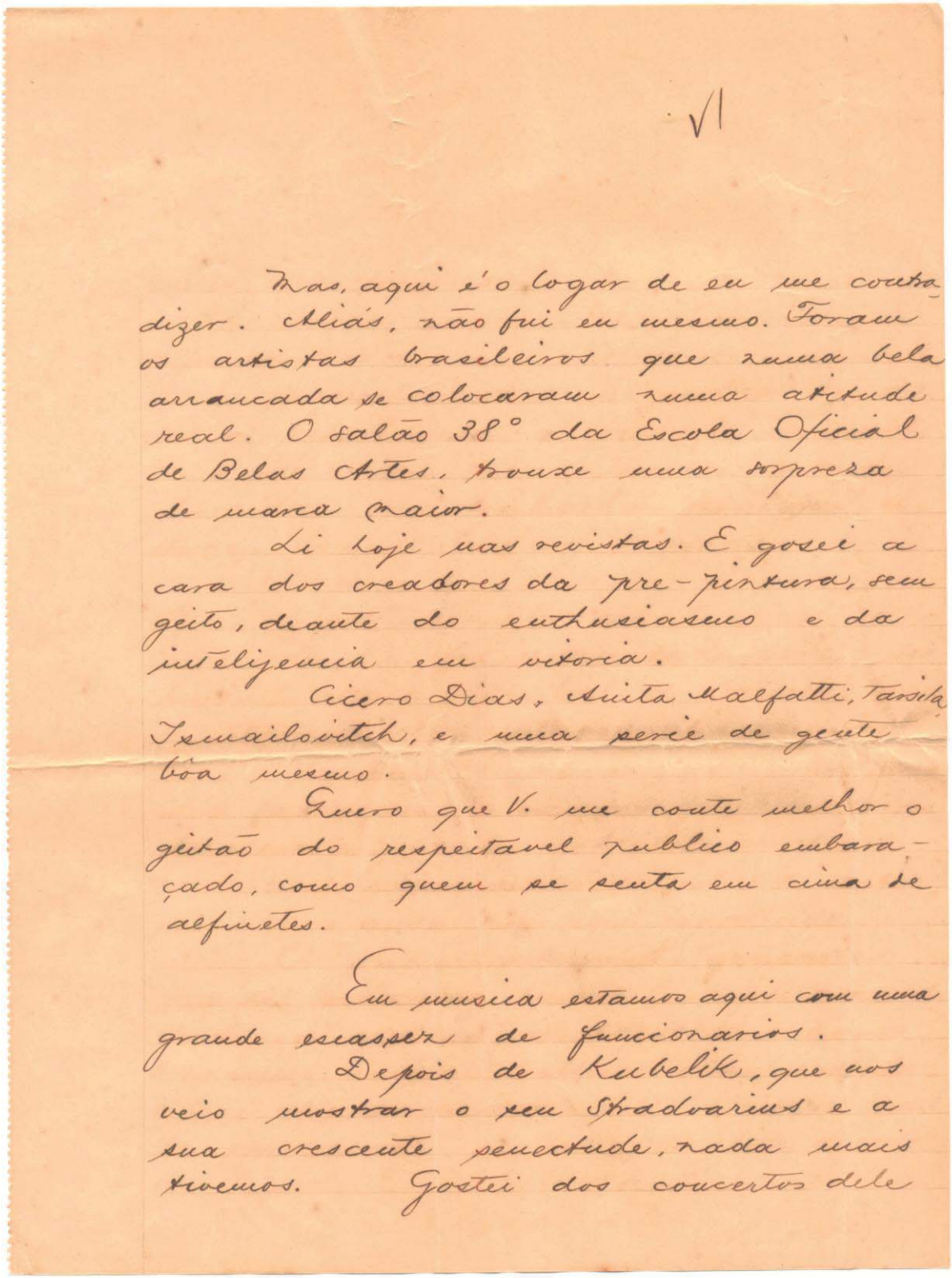
Li ultimamente o sr. Georges Bernanos, que me foi apresentado com o seu livro "Sous le soleil de Satan".

Me pareceu interessantissimo. Com uma grande penetração na conciencia dos fatos vulgares, consegue uma poderosa sugestão ao leitor.

Uma abundantissima serie de autores russos, anda por aqui espalhada.

O fenomeno vermelho, grassa. Entrou agora na quasi compreensão de todo seu publico. Seu publico, digo, o de nivel mental mediocre, sem cultura, que é o que constroe todo o nosso mundo proletario.

Figura 51: Carta n. 24, p. 5.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Mas, aqui é o logar de eu me contradizer. Aliás, não fui eu mesmo. Foram os artistas brasileiros que numa bela arrancada se colocaram numa atitude real. O salão 38° da Escola Oficial de Belas Artes, trouxe uma surpreza de marca maior.

Li hoje nas revistas. E gostei a cara dos creadores da pre-pintura, sem geito, deante do enthusiasmo e da intelijencia em victoria.

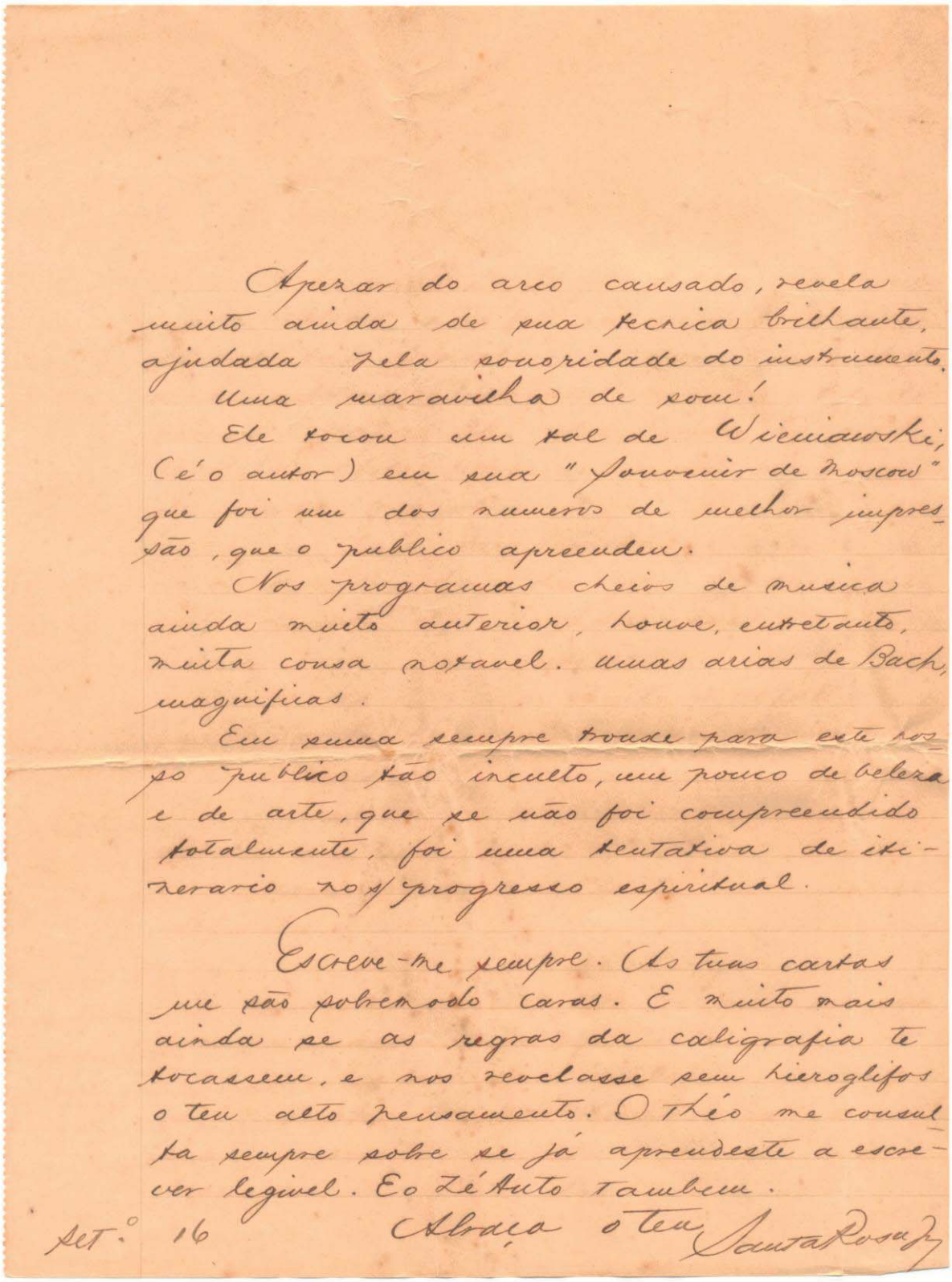
Cicero Dias, Anita Malfatti, Tarsila Ismailovitch, e uma serie de gente boa mesmo.

Quero que V. me conte melhor o getão do respeitavel publico embaraçado, como quem se senta em cima de alfinetes.

Em musica estamos aqui com uma grande escasser de funcionarios.

Depois de Kubelik, que nos veio mostrar o seu Stradivarius e a sua crescente senectude, nada mais tivemos. Gostei dos concertos dele

Figura 52: Carta n. 24, p. 6.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Apesar do arco cansado, revela muito ainda de sua técnica brilhante, ajudada pela sonoridade do instrumento. Uma maravilha de som!

Ele tocou um tal de Wieniawski, (é o autor) em sua "Souvenir de Moscou" que foi um dos números de melhor impressão, que o público apreendeu.

Nos programas cheios de música ainda muito anterior, houve, entretanto, muita cousa notavel. Umas arias de Bach, magnificas.

Em suma sempre trouxe para este nosso público tão inculto, um pouco de beleza e de arte, que se não foi compreendido totalmente, foi uma tentativa de itinerario no progresso espiritual.

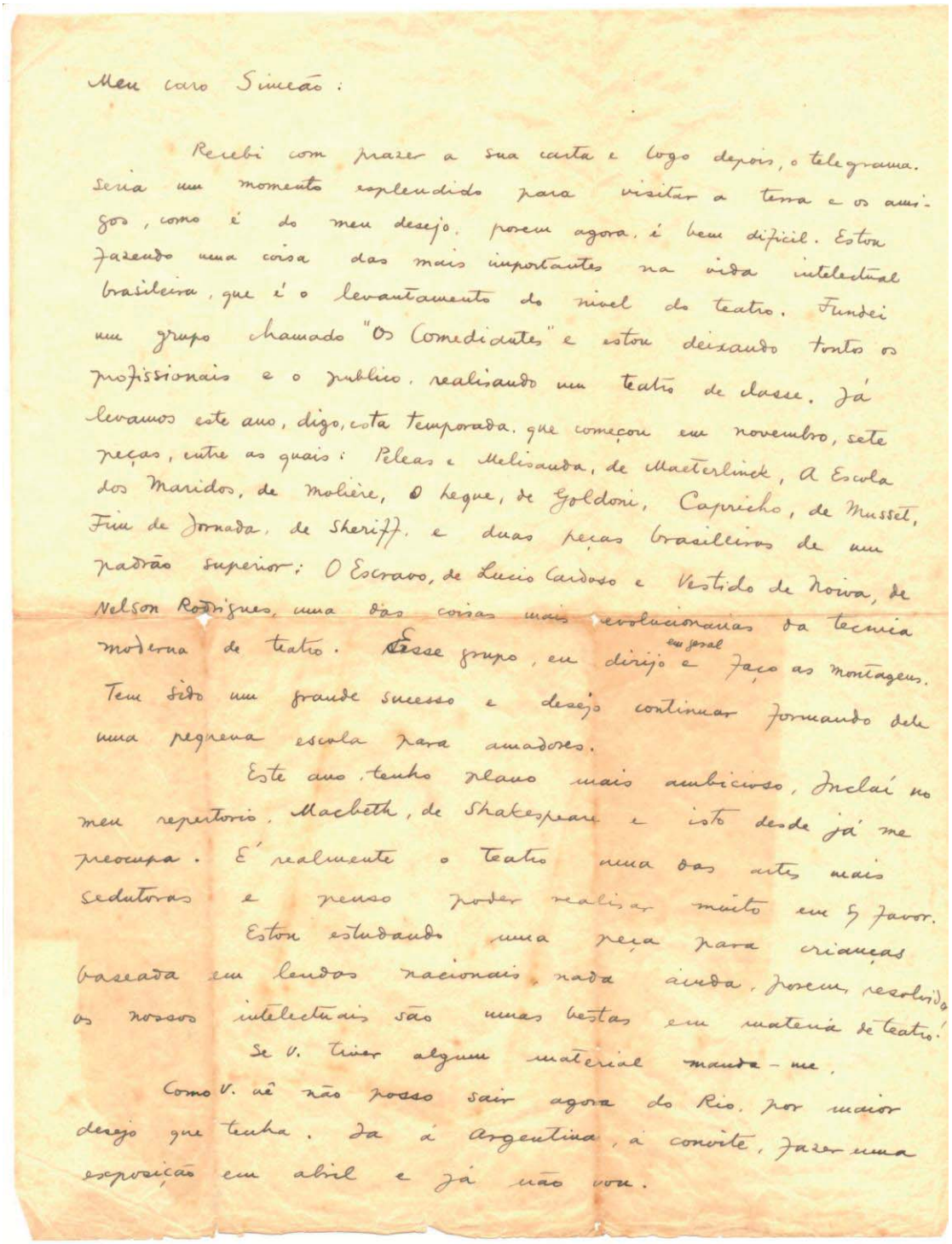
Escreve-me sempre. As tuas cartas me são sobremodo caras. E muito mais ainda se as regras da caligrafia te trocassem, e nos revelasse sem hieroglifos o teu alto pensamento. O Théo me consulta sempre sobre se já aprendeste a escrever legivel. E o Zé Auto tambem.

Set.º 16 Abraça o teu Santa Rosa

Figura 53: Carta n. 24, p. 7.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

No Rio de Janeiro, Santa Rosa realiza um levantamento do teatro brasileiro promovendo uma grande contribuição intelectual ao teatro brasileiro, pioneiro em

diversos aspectos no teatro moderno, com a fundação do seu grupo "Os Comediantes", e diz que seu teatro é um teatro de classe. Comenta que suas montagens têm sido um grande sucesso e que uma de suas intenções é formar uma escola para amadores. A pintura de Santa Rosa já tem destaque, ele recebe convites para expor na Argentina e vende também seus quadros para os americanos. Recebe convite para decorar o Teatro Municipal de Belo Horizonte, que o deixa muito interessando pela beleza arquitetônica desse teatro. (carta n. 30).



Meu caro Sinceão:

Recebi com prazer a sua carta e logo depois, o telegrama. Seria um momento esplendido para visitar a terra e os amigos, como é do meu desejo, porem agora, é bem difícil. Estou fazendo uma coisa das mais importantes na vida intelectual brasileira, que é o levantamento do nivel do teatro. Fundei um grupo chamado "Os Comediantes" e estou deixando tontos os profissionais e o publico, realisando um teatro de classe. Já levamos este ano, digo, esta temporada, que começou em novembro, sete peças, entre as quais: Peleas e Melisanda, de Maeterlinck, A Escola dos Maridos, de Molière, O Jogue, de Goldoni, Capricho, de Musset, Fim de Jornada, de Sheriff, e duas peças brasileiras de um padrão superior: O Escravo, de Lucio Cardoso e Vestido de Noiva, de Nelson Rodrigues, uma das coisas mais revolucionarias da tecnica moderna de teatro. Esse grupo, em geral dirijo e faço as montagens. Tem sido um grande sucesso e desejo continuar formando dele uma pequena escola para amadores.

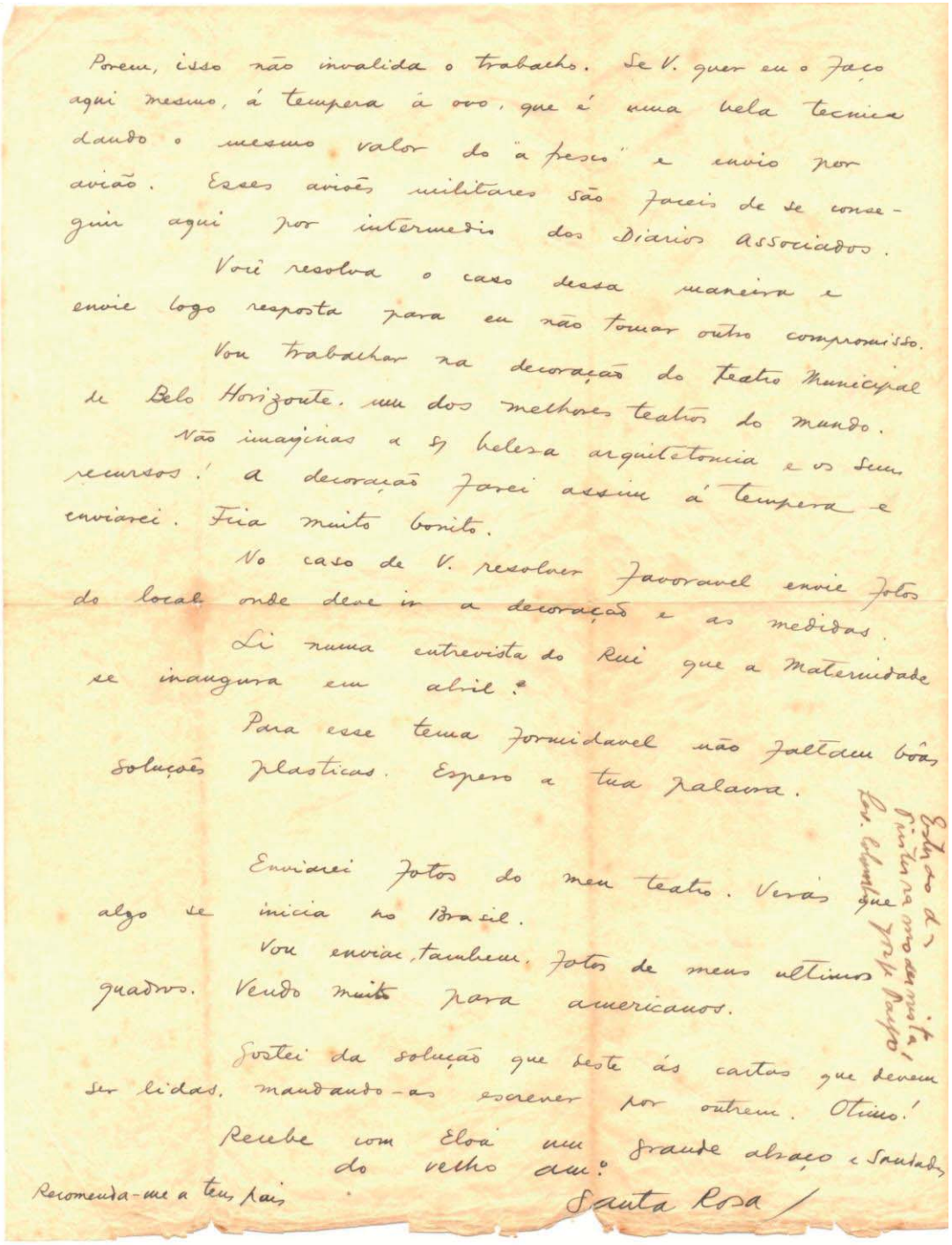
Este ano tenho planos mais ambiciosos, incluí no meu repertorio, Macbeth, de Shakespeare e isto desde já me preocupa. É realmente o teatro uma das artes mais sedutoras e penso poder realisar muito em seu favor.

Estou estudando uma peça para crianças baseada em lendas nacionais, nada ainda, porem, resolvido os nossos intelectuais são umas bestas em materia de teatro!

Se V. tiver algum material manda-me.

Como V. vê não posso sair agora do Rio, por maior desejo que tenha. Da á Argentina, á convite, fazer uma exposição em abril e já não vou.

Figura 54: Carta n. 30, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Porem, isso não invalida o trabalho. Se V. quer eu o faço aqui mesmo, á tempera á ovo, que é uma bela tecnica dando o mesmo valor do "á fresco" e envio por avião. Esses aviões militares são faceis de se conseguir aqui por intermedio dos Diarios Associados.

Voce resolva o caso dessa maneira e envie logo resposta para eu não tomar outro compromisso.

Vou trabalhar na decoração do teatro Municipal de Belo Horizonte, um dos melhores teatros do mundo.

Vão imaginas a sy beleza arquitetonica e os seus recursos! a decoração farei assim á tempera e enviarei. Fica muito bonito.

No caso de V. resolver favoravel envie fotos do local onde deve ir a decoração e as medidas.

Li numa entrevista do Rui que a Maternidade se inaugura em abril?

Para esse tema formidavel não faltam bôas soluções plasticas. Espero a tua palavra.

Enviarei fotos do meu teatro. Verás que algo se inicia no Brasil.

Vou enviar, tambem, fotos de meus ultimos quadros. Vendo muito para americanos.

Gostei da solução que deste ás cartas que devem ser lidas, mandando-as escrever por outrem. Otimo!

Recebe com Eloá um grande abraço e Saudades do velho amº

Recomenda-me a teus pais

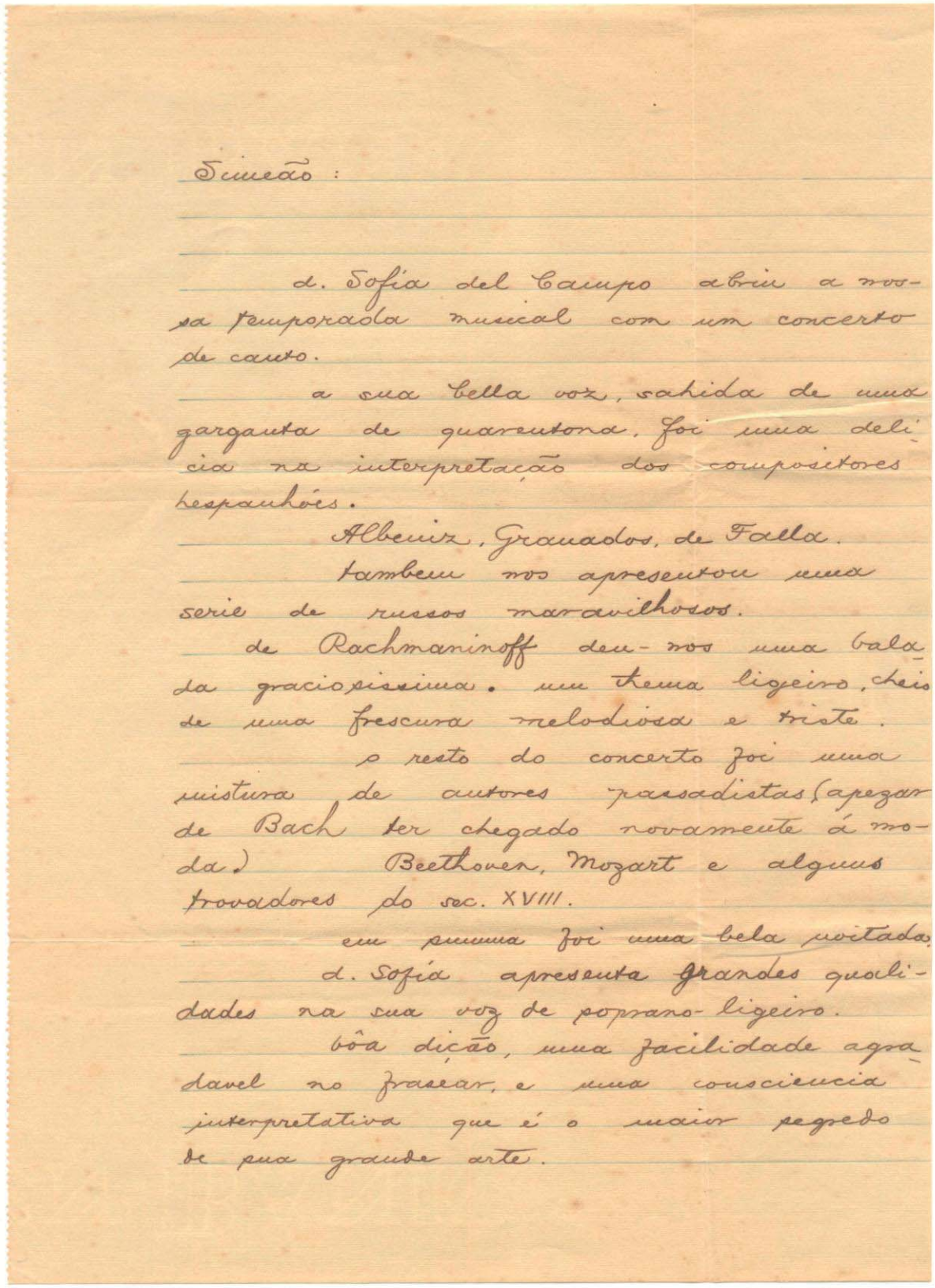
Santa Rosa /

Figura 55: Carta n. 30, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Ao avaliar a produção artística do 3° Salão de Belas Artes de Pernambuco, Santa Rosa o vê como em decadência, ou melhor, "falta de evolução de progresso". Lamenta que artistas, pintores, escultores e arquitetos estão parados, isto se verifica através de uma visão arcaica proposta por esses criadores. Santa Rosa diz que algumas obras de natureza europeia querem se passar por tropicalmente brasileiras,

uma mediocridade latente. Canta na Rádio Club, para aplacar a dores e a vida vulgar, para se distrair do trabalho fadigado do banco onde trabalha. (*Trecho da Carta n. 35*).

> Simeão:
>
> mas, é isto, meu amigo, os artistas pintores, escultores, architectos e gravadores, pararam, e isto ha alguns anos. de forma que ao espectador intelligente, ao espectador que se desdobrou no progresso de sua época, é angustiante a vista de tantas obras de espirito archaico. (carta n. 35)
>
> o Sr. Lagreca quer fazer passar paysagens puramente europeias, por paysagens tropicalmente brasileiras, onde a luz inunda tudo num avassalamento de enchente. (*Trecho da Carta n. 35*).



Sinceão:

d. Sofia del Campo abriu a nossa temporada musical com um concerto de canto.

a sua bella voz, sahida de uma garganta de quarentona. foi uma delicia na interpretação dos compositores hespanhóes.

Albeniz, Granados, de Falla.

tambem nos apresentou uma serie de russos maravilhosos.

de Rachmaninoff deu-nos uma balada graciosissima. um thema ligeiro, cheio de uma frescura melodiosa e triste.

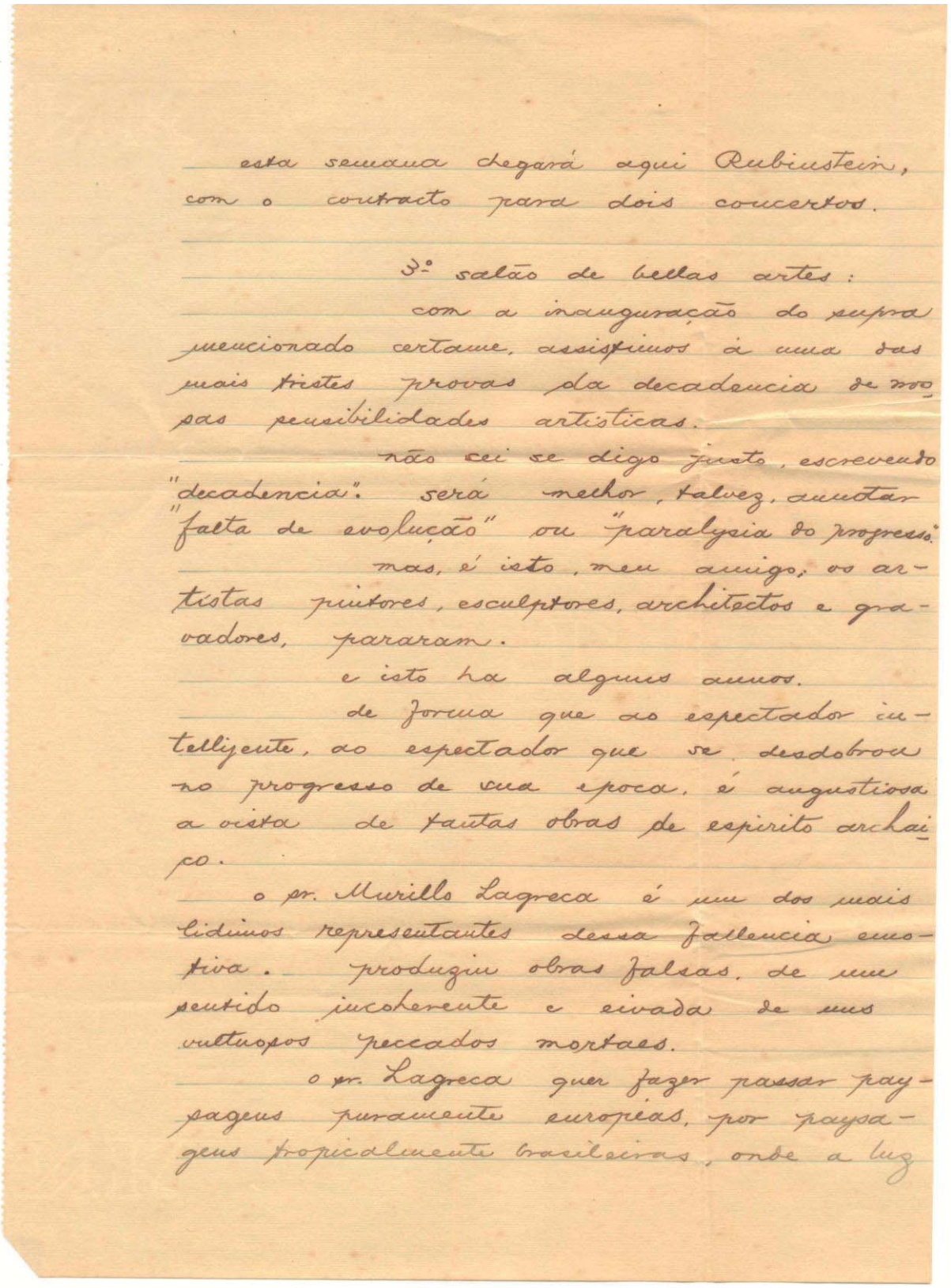
o resto do concerto foi uma mistura de autores passadistas (apezar de Bach ter chegado novamente á moda.) Beethoven, Mozart e alguns trovadores do sec. XVIII.

em summa foi uma bela noitada.

d. Sofia apresenta grandes qualidades na sua voz de soprano-ligeiro.

bôa dicção, uma facilidade agradavel no frasear, e uma consciencia interpretativa que é o maior segredo de sua grande arte.

Figura 56: Carta n. 35, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



esta semana chegará aqui Rubinstein, com o contracto para dois concertos.

3.º salão de bellas artes:

com a inauguração do supra mencionado certame, assistimos á uma das mais tristes provas da decadencia de nossas sensibilidades artisticas.

não sei se digo justo, escrevendo "decadencia". será melhor, talvez, annotar "falta de evolução" ou "paralysia do progresso".

mas, é isto, meu amigo: os artistas pintores, esculptores, architectos e gravadores, pararam.

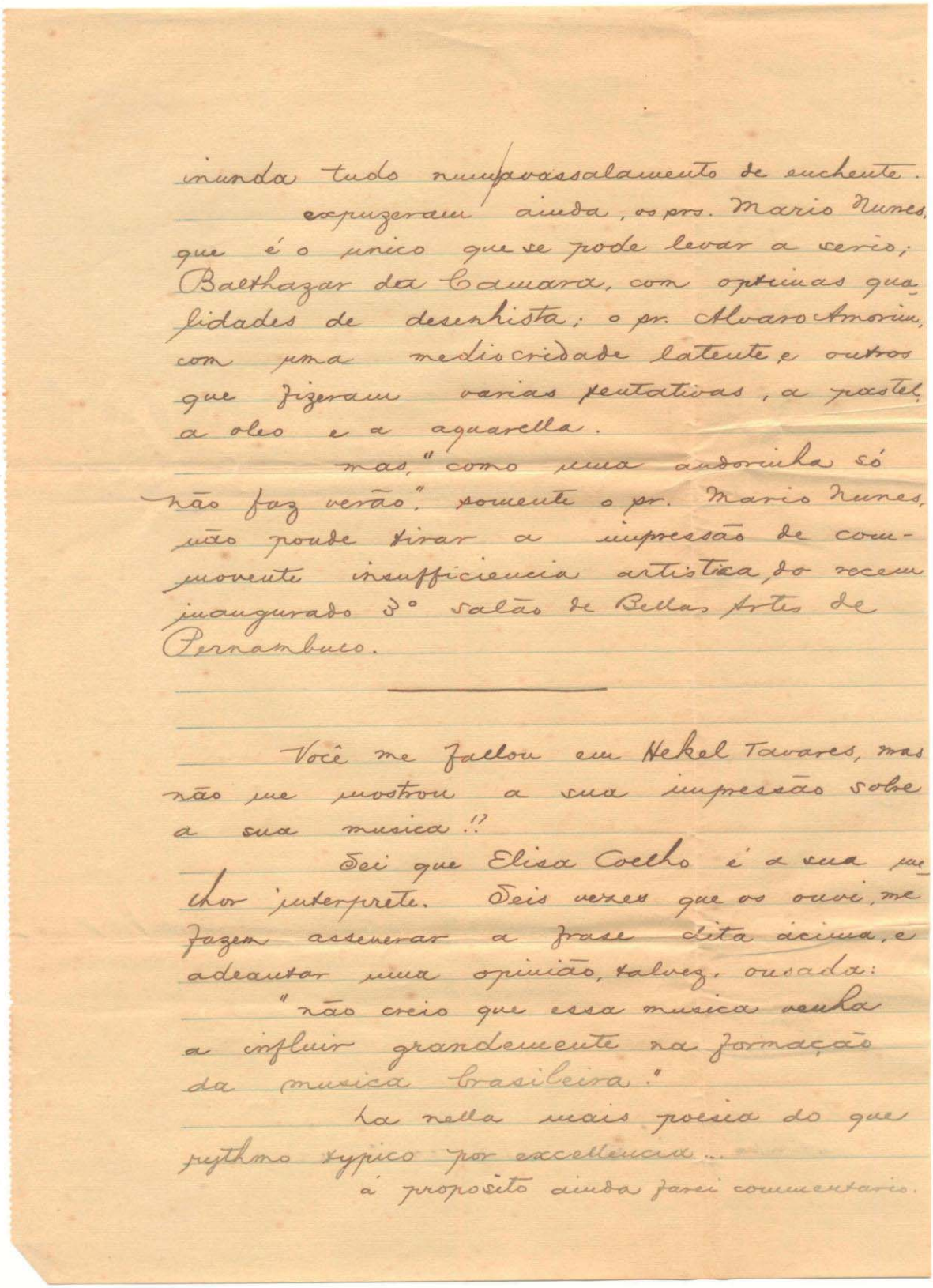
e isto ha alguns annos.

de forma que ao espectador intelligente, ao espectador que se desdobrou no progresso de sua epoca, é angustiosa a vista de tantas obras de espirito archaico.

o pr. Murillo Lagreca é um dos mais lidimos representantes dessa fallencia emotiva. produziu obras falsas, de um sentido incoherente e eivada de uns vultuosos peccados mortaes.

o sr. Lagreca quer fazer passar paysagens puramente europeas, por paysagens tropicalmente brasileiras, onde a luz

Figura 57: Carta n. 35, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



inunda tudo numa vassalamento de enchente.

Expuzeram ainda, os prs. Mario Nunes, que é o unico que se pode levar a serio; Balthazar da Camara, com optimas qualidades de desenhista; o pr. Alvaro Amorim, com uma mediocridade latente e outros que fizeram varias tentativas, a pastel, a oleo e a aguarella.

mas, "como uma andorinha só não faz verão", somente o pr. Mario Nunes, não poude tirar a impressão de commovente insufficiencia artistica, do recem inaugurado 3º salão de Bellas Artes de Pernambuco.

Você me fallou em Nekel Tavares, mas não me mostrou a sua impressão sobre a sua musica!?

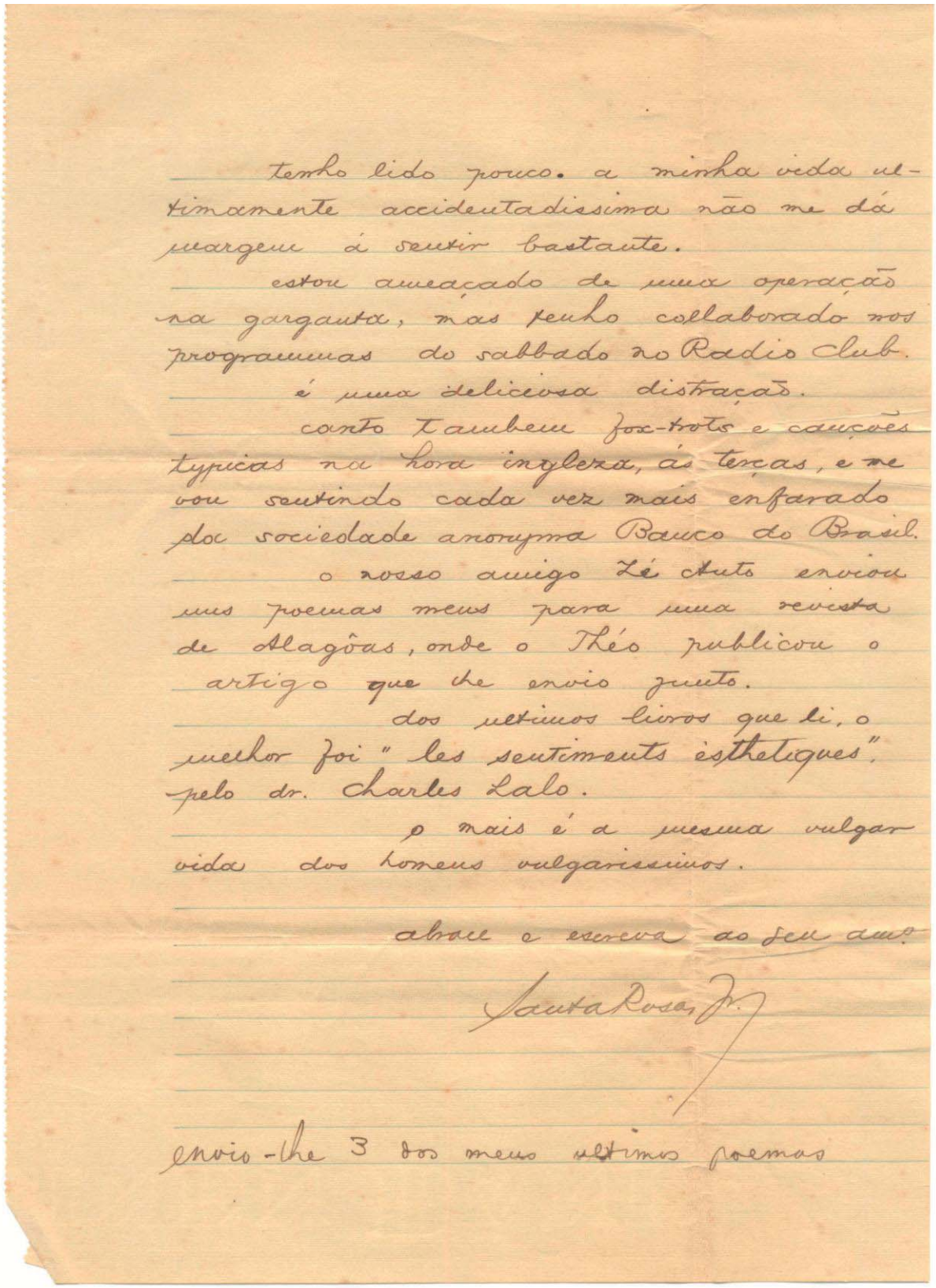
Sei que Elisa Coelho é a sua melhor interprete. Deis vezes que os ouvi, me fazem asseverar a frase dita acima, e adeantar uma opinião, talvez, ousada:

"não creio que essa musica venha a influir grandemente na formação da musica brasileira."

Ha nella mais poesia do que rythmo typico por excellencia...

á proposito ainda farei commentarios.

Figura 58: Carta n. 35, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



tenho lido pouco. a minha vida ultimamente accidentadissima não me dá margem á sentir bastante.

estou ameaçado de uma operação na garganta, mas tenho collaborado nos programmas do sabbado no Radio Club. é uma deliciosa distracção.

canto tambem fox-trots e canções typicas na hora inglesa, ás terças, e me vou sentindo cada vez mais enfarado da sociedade anonyma Banco do Brasil.

o nosso amigo Lé Auto enviou uns poemas meus para uma revista de Alagôas, onde o Théo publicou o artigo que lhe envio junto.

dos ultimos livros que li, o melhor foi "les sentiments esthetiques", pelo dr. Charles Lalo.

o mais é a mesma vulgar vida dos homens vulgarissimos.

abraç e escreva ao seu amº

Santa Rosa Jr.

envio-lhe 3 dos meus ultimos poemas

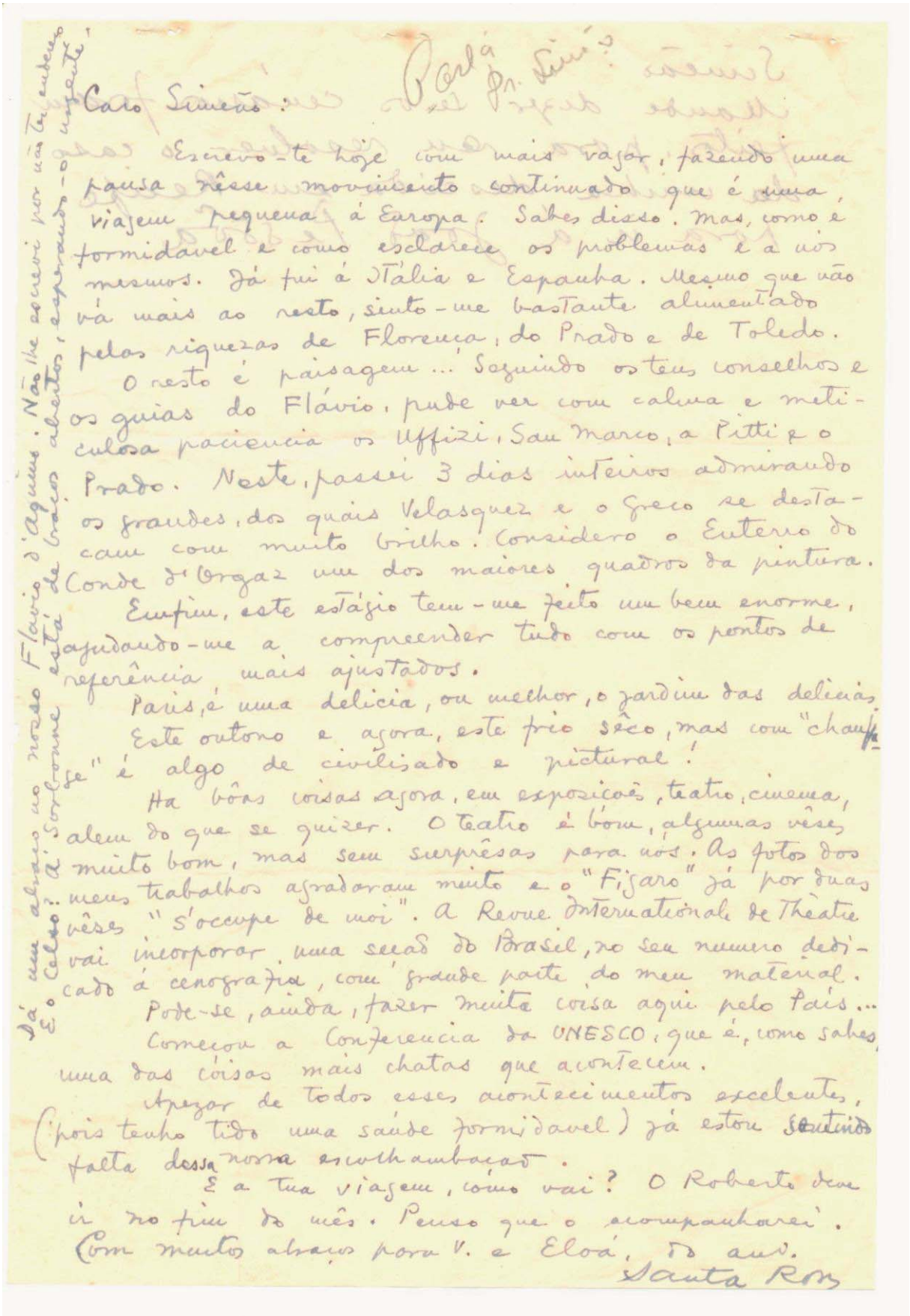
Figura 59: Carta n. 35, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Em sua viajem a Europa, Santa Rosa se encanta pelas riquezas culturais da Espanha e da Itália, especificamente com as cidades de Florença, Prado e Toledo. Dedicou três dias inteiros em visitas a museus; quanto aos mestres da pintura, destacou com grande brilho Diego Velázquez[8] e El Greco[9]. Nesse ponto de sua carreira, Santa Rosa diz poder compreender melhor a arte com os seus pontos de vista mais ajustados, revelando que a tela "O enterro do conde de Orgaz" de El Greco é uma das maiores pinturas vistas por ele. Mesmo buscando conhecer o melhor da Europa, revela já sentir saudade de sua terra natal. (*Trecho da Carta n. 37*).

> Neste, passei dias inteiros admirando os grandes, dos Velasquez e o Greco se destacam com muito brilho! Considero o Enterro do Conde d' Orgaz um dos maiores quadros de pintura. Enfim, este estágio tem me feito um bem enorme, ajudando-me a compreender tudo com os pontos de referências mais ajustados. (*Trecho da Carta n. 37*).

[8] Nasceu em Sevilha, 6 de junho de 1599 — Madrid, 6 de agosto de 1660 foi um pintor espanhol e principal artista da corte do rei Filipe IV de Espanha.

[9] Nasceu em 1541, foi um pintor, escultor e arquiteto grego que desenvolveu a maior parte da sua carreira na Espanha. Assinava suas obras com o nome original, ressaltando sua origem.



Caro Simeão:

Escrevo-te hoje com mais vagar, fazendo uma pausa nêsse movimento continuado que é uma viagem pequena à Europa. Sabes disso. Mas, como é formidável e como esclarece os problemas e a nós mesmos. Já fui à Itália e Espanha. Mesmo que não vá mais ao resto, sinto-me bastante alimentado pelas riquezas de Florença, do Prado e de Toledo.

O resto é paisagem... Seguindo os teus conselhos e os guias do Flávio, pude ver com calma e meticulosa paciência os Uffizi, San Marco, a Pitti e o Prado. Neste, passei 3 dias inteiros admirando os grandes, dos quais Velasquez e o Greco se destacam com muito brilho. Considero o Enterro do Conde d'Orgaz um dos maiores quadros da pintura.

Enfim, este estágio tem-me feito um bem enorme, ajudando-me a compreender tudo com os pontos de referência mais ajustados.

Paris, é uma delícia, ou melhor, o jardim das delícias. Este outono e agora, este frio sêco, mas com "chauffage" é algo de civilisado e pictural!

Ha bôas coisas agora, em exposições, teatro, cinema, além do que se quizer. O teatro é bom, algumas vêzes muito bom, mas sem surprêsas para nós. As fotos dos meus trabalhos agradaram muito e o "Fisaro" já por duas vêzes "s'occupe de moi". A Revue Internationale de Théatre vai incorporar uma secção do Brasil, no seu numero dedicado à cenografia, com grande parte do meu material.

Pode-se, ainda, fazer muita coisa aqui pelo País...

Começou a Conferencia da UNESCO, que é, como sabes, uma das coisas mais chatas que acontecem.

Apesar de todos esses acontecimentos excelentes, (pois tenho tido uma saúde formidável) já estou sentindo falta dessa nossa escolha.

E a tua viagem, como vai? O Roberto deve ir no fim do mês. Penso que o acompanharei.

Com muitos abraços para V. e Eloá, do amº.

Santa Rosa

Dá um abraço no nosso Flávio d'Aguiar. Não lhe escrevi por não ter espaço. Até o Calvo. Até Sorbonne está de braços abertos, esperando-o urgente.

Figura 60: Carta n. 37, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

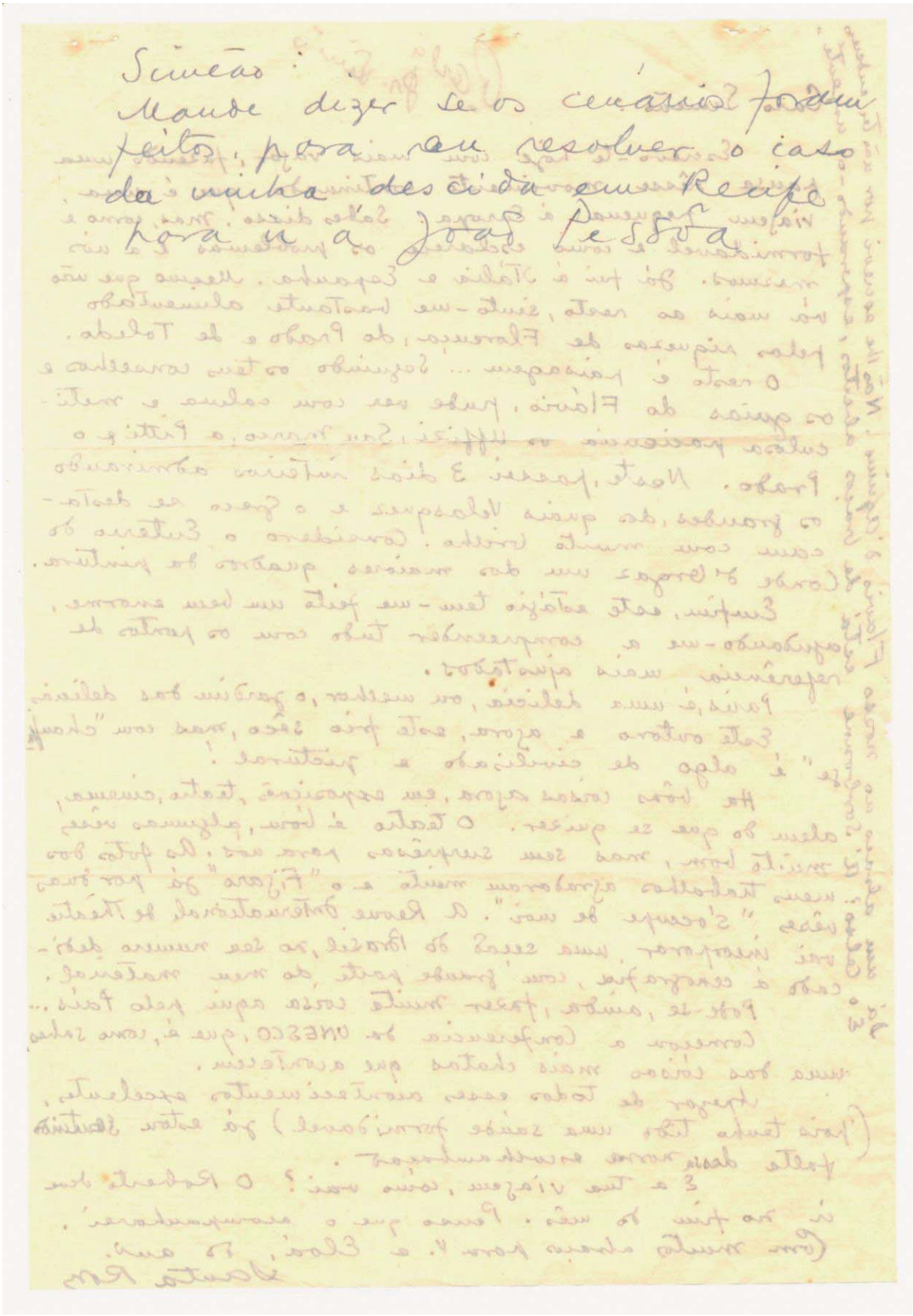
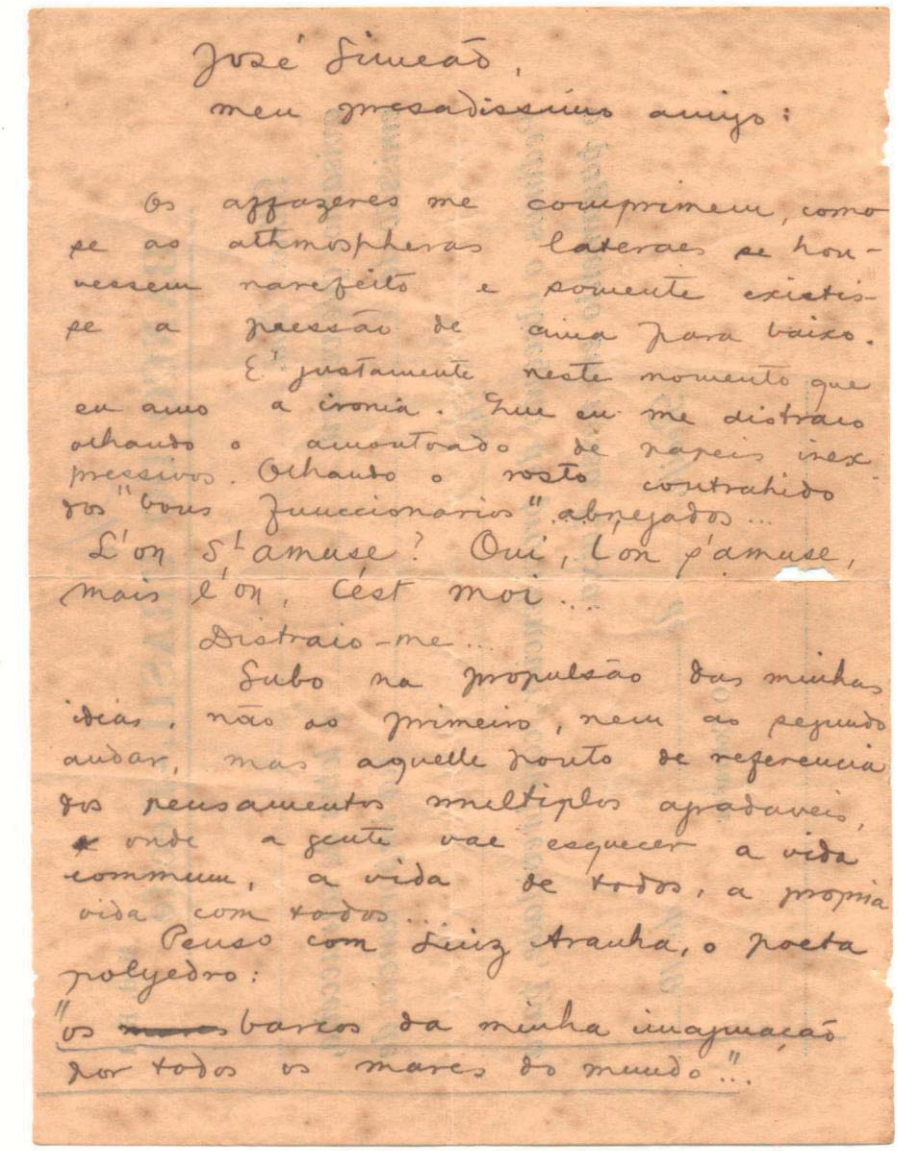


Figura 61: Carta n. 37, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Para uma mente criativa, como a de Santa Rosa, a rotina de trabalho de bancário o comprimia, mas ele descreve nessa situação uma ironia, isto porque exatamente nesses momentos ele se distrai olhando um amontoado de papeis com coisas a fazer e o rosto contraído dos colegas de trabalho, como uma mola que impulsiona suas ideias para um lugar de pensamentos múltiplos e agradáveis. E em meio ao que ele chama de sua miséria, reserva a arte sua salvação, dizendo que a arte é eterna por ser feita com coisas do espírito e que apenas a tela, o mármore e o papel são motivos para a obra de arte. (*Trecho da Carta n. 39*).

> José Simeão,
> meu presadíssimo amigo:
>
> somente a arte é eterna porque é construída com as coisas do espírito, indefinidas...
> apenas a tela, o marmore, o papel, são pretextos para a obra d'arte
> a arte... (*Trecho da Carta n. 39*).



José Lins do Rego,
meu presadissimo amigo:

Os affazeres me comprimem, como se as athmospheras lateraes se houvessem rarefeito e somente existisse a pressão de cima para baixo.

E' justamente neste momento que eu amo a ironia. Sim eu me distraio olhando o amontoado de papeis inexpressivos. Olhando o rosto contrahido dos "bons funccionarios" abrejados...

L'on s'l amuse? Oui, l'on s'amuse, mais l'on, c'est moi...

Distraio-me...

Subo na propulsão das minhas idéas, não ao primeiro, nem ao segundo andar, mas aquelle ponto de referencia dos pensamentos multiplos apraduveis, onde a gente vae esquecer a vida commum, a vida de todos, a propria vida com todos...

Penso com Luiz Aranha, o poeta polyedro:

"os ~~mares~~ bares da minha imaginação
por todos os mares do mundo"...

Figura 62: Carta n. 39, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

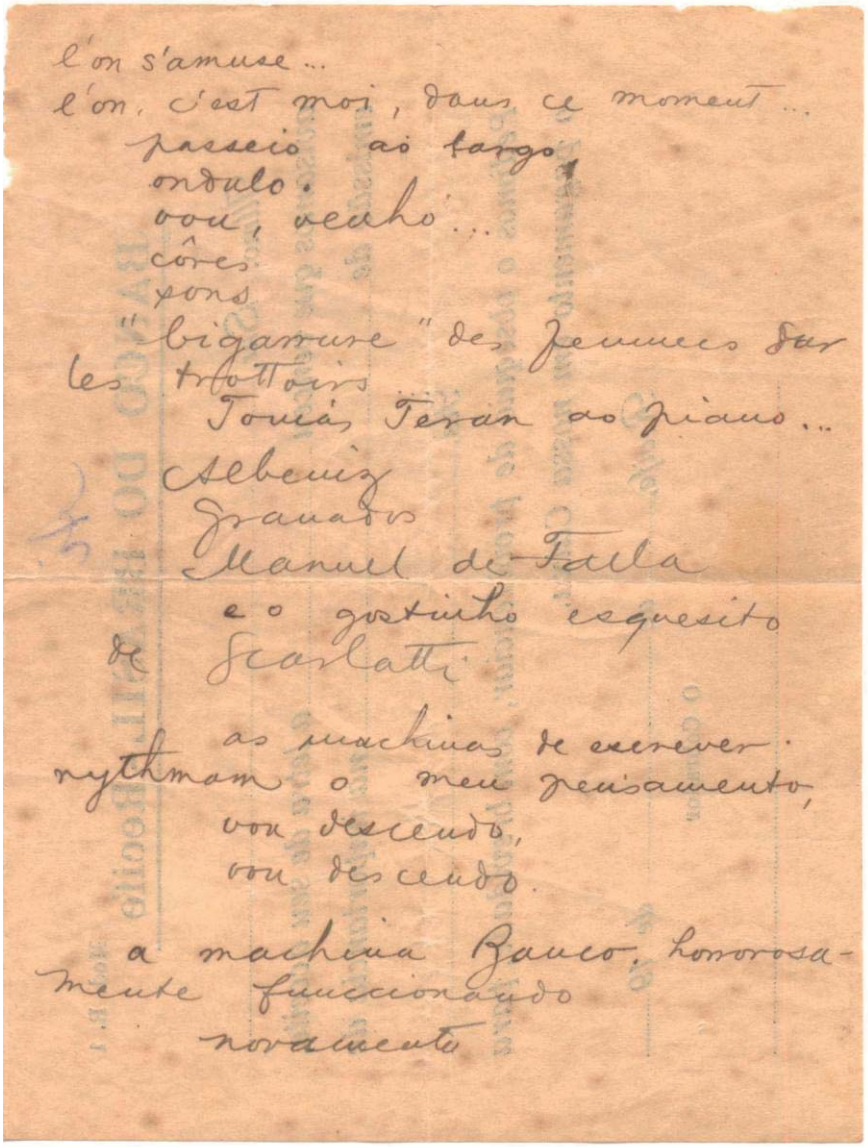
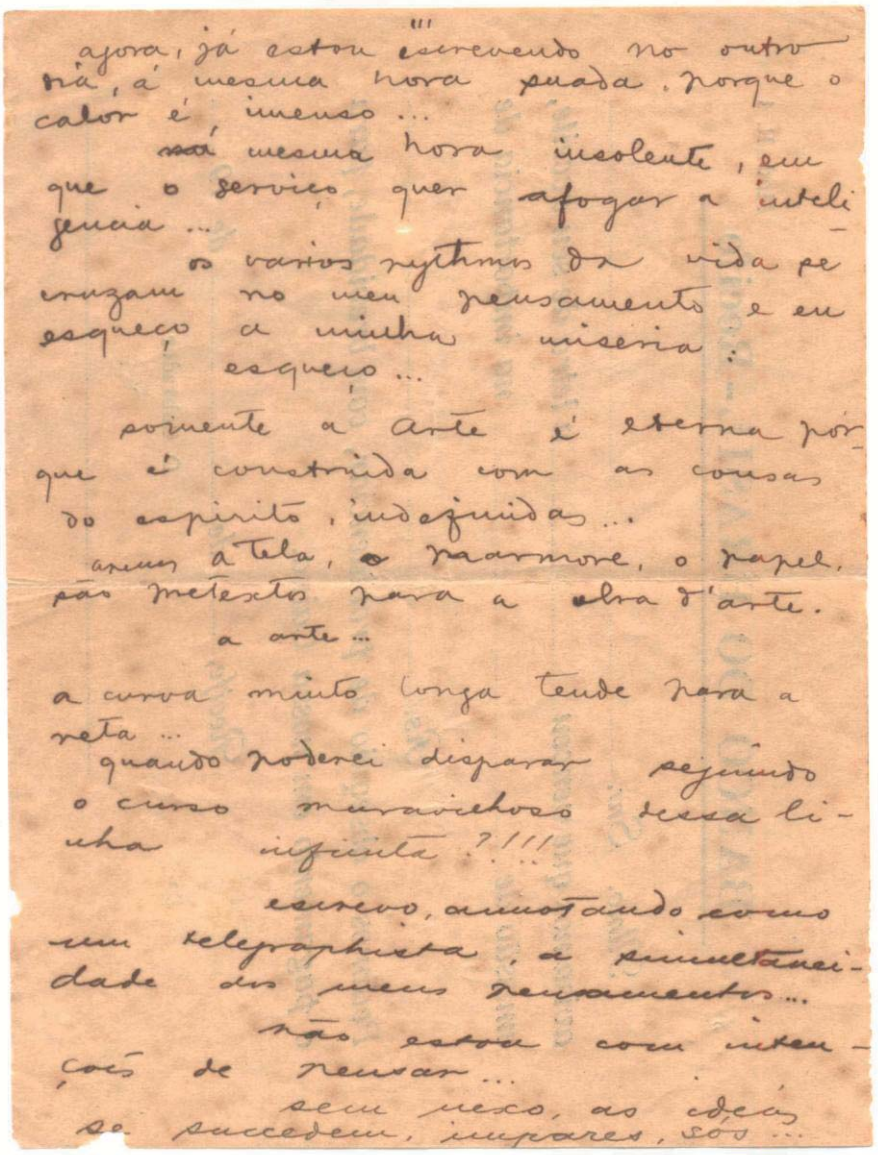

l'on s'amuse ..
l'on, c'est moi, dans ce moment ..
passeio ao largo
ondulo.
vou, vindo ...
côres
sons
"bigarure" des femmes dans
les trottoirs
Tomás Teran ao piano ..
Albeniz
Granados
Manuel de Falla
e o gostinho esquesito
de Scarlatti
as machinas de escrever
rythmam o meu pensamento,
vou descendo,
vou descendo.
a machina Rauco, honorosa-
mente funccionando
novamente

Figura 63: Carta n. 39, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.


agora, já estou escrevendo no outro dia, à mesma hora quada, porque o calor é imenso...

mesma hora insolente, em que o serviço quer afogar a inteligencia...

os varios rythmos da vida se cruzam no meu pensamento e eu esqueço a minha miseria: esqueço...

somente a arte é eterna porque é construida com as cousas do espirito, indefinidas...

areas a tela, o marmore, o papel, são meios para a obra d'arte. a arte...

a curva muito longa tende para a reta...

quando poderei disparar seguindo o curso maravilhoso dessa linha infinita?!!!

escrevo, anotando como um telegraphista, a simultaneidade dos meus pensamentos...

não estou com intenção de pensar...

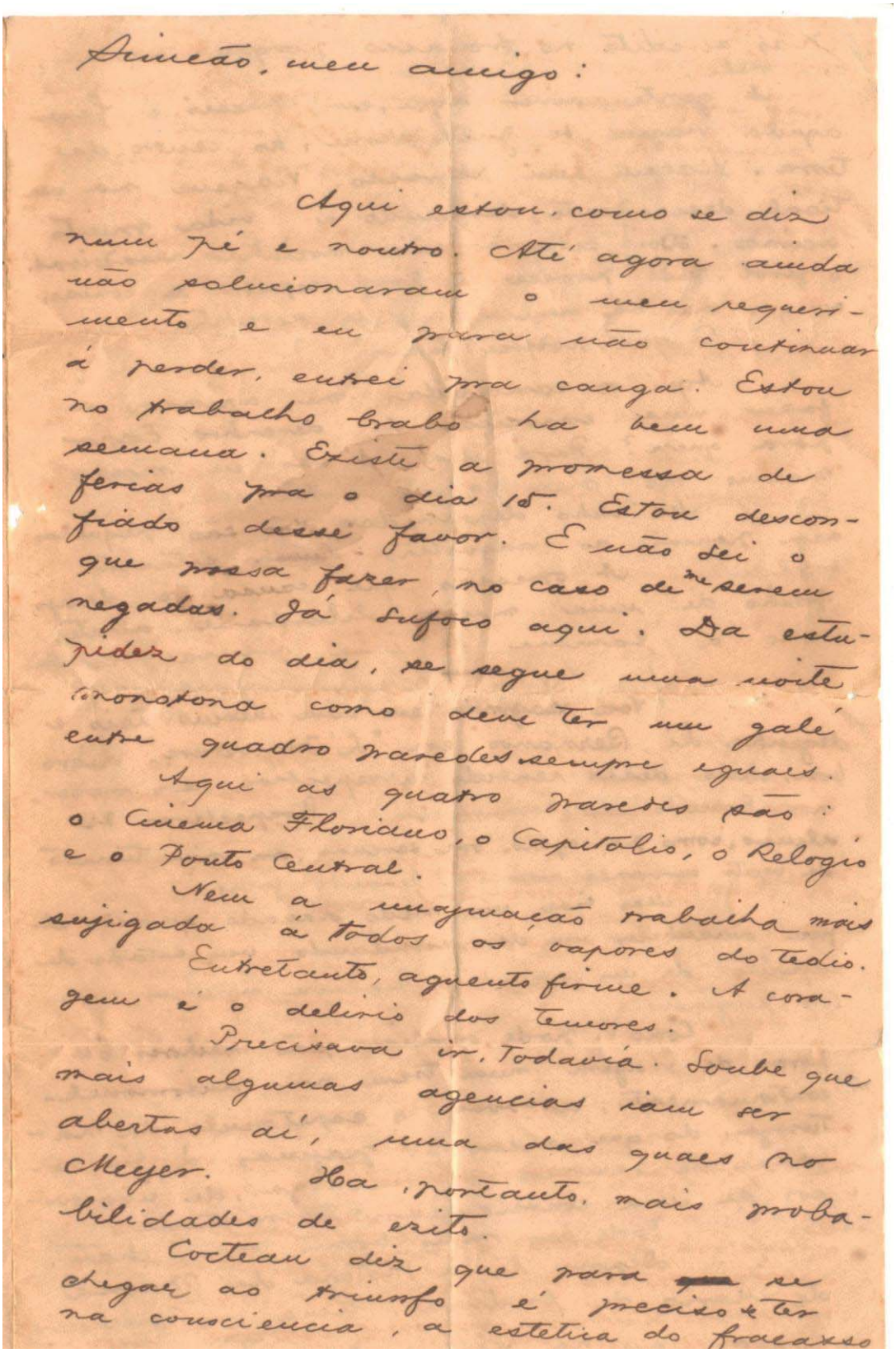
meu meio, as ideias se succedem, impares, só...

Figura 64: Carta n. 39, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

Ainda no Banco do Brasil, em Maceió - Alagoas, Santa Rosa sofre com os vapores do tédio, mas surgem novas esperanças de ser transferido para uma agência, na cidade maravilhosa, e segue com coragem a esperar, comenta que viver em Maceió é como uma viagem ao centro da terra, sempre carregado de fortes referências literárias para expressar suas emoções. Muitos de seus amigos o animam a expor seus trabalhos artísticos, mas ele alega não haver público, se seu público são seus amigos, ele então alega que prefere mostrar pessoalmente em seus quartos. E desenha e desenha, e escreve a Simeão Leal; e desenha nas mesas de café mulheres grávidas, atletas, olhos, vasos modernos, entre outras coisas. Comenta que seria

melhor trabalhar em uma revista, cenários ou reclames, qualquer lugar que a linha e cor fossem exaltadas. (carta 40).

> Simeão, meu amigo:
> Vou reagindo em mim mesmo. Leio e desenho.
> Tenho mais vontade de trabalhar numa revista, em scenarios, em reclames, em tudo que haja a exaltação da linha e da côr. (*Trecho da Carta n. 40*).



Aracy Cortes, meu amigo:

Aqui estou, como se diz num pé e noutro. Até agora ainda não solucionaram o meu requerimento e eu para não continuar à perder, entrei na canga. Estou no trabalho brabo ha bem uma semana. Existe a promessa de ferias pra o dia 15. Estou descontiado desse favor. E não sei o que vossa fazer, no caso de me serem negadas. Já sufoco aqui. Da estupidez do dia, se segue uma noite monotona como deve ter um galé entre quadro paredes sempre iguais.

Aqui as quatro paredes são: o Cinema Floriano, o Capitolio, o Relogio e o Ponto Central.

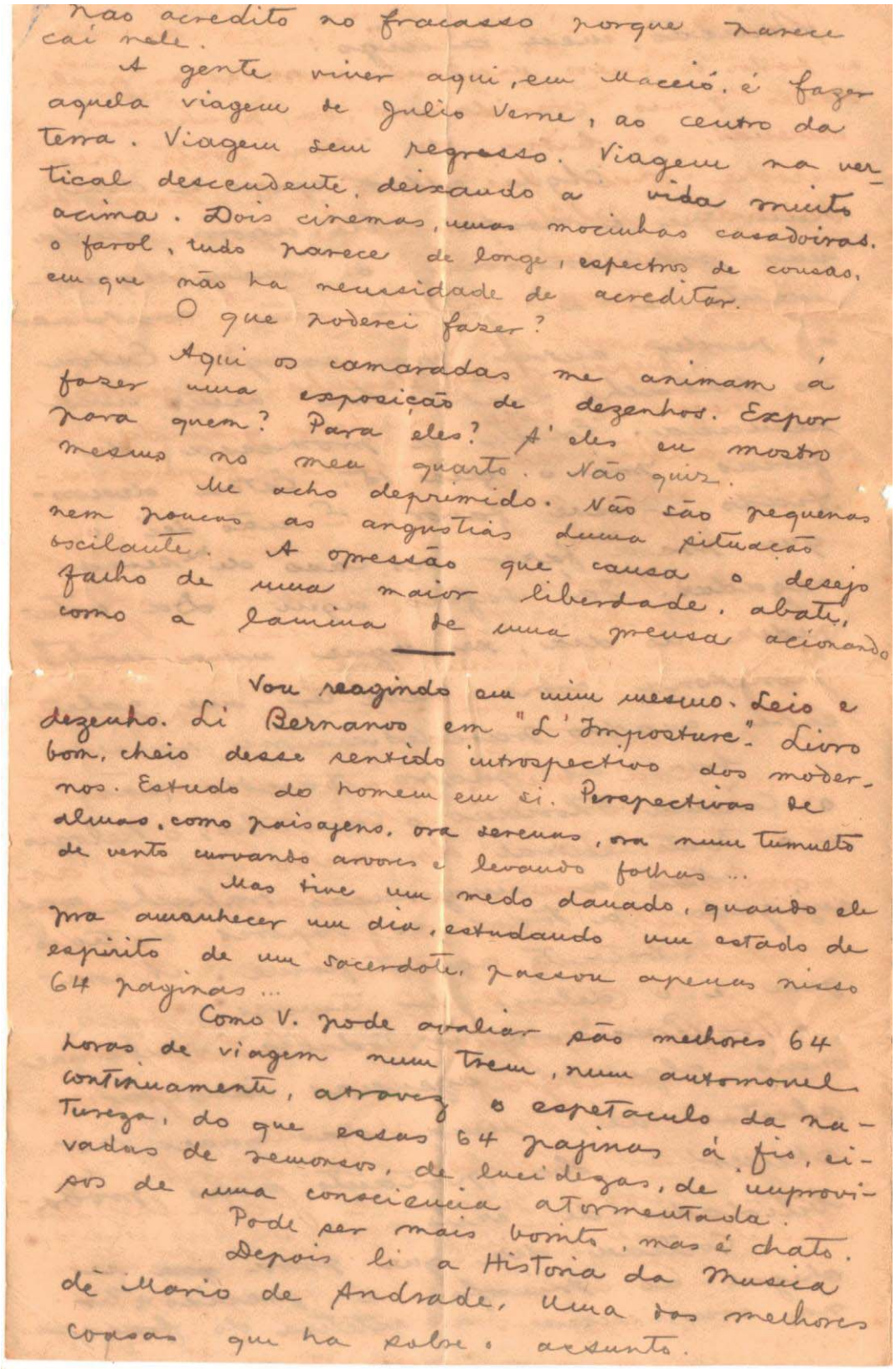
Nem a imaginação trabalha mais sujigada à todos os vapores do tedio.

Entretanto, aguento firme. A coragem é o delirio dos temores.

Precisava ir. Todavia. Soube que mais algumas agencias iam ser abertas aí, uma das quaes no Meyer. Ha, portanto, mais probabilidades de exito.

Cocteau diz que para [redacted] se chegar ao triunfo é preciso ter na consciencia, a estetica do fracasso

Figura 65: Carta n. 40, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Não acredito no fracasso porque parece cair nele.

A gente viver aqui, em Maceió, é fazer aquela viagem de Julio Verne, ao centro da terra. Viagem sem regresso. Viagem na vertical descendente, deixando a vida muito acima. Dois cinemas, umas mocinhas casadoiras, o farol, tudo parece de longe, espectros de coisas, em que não ha necessidade de acreditar.

O que poderei fazer?

Aqui os camaradas me animam á fazer uma exposição de desenhos. Expor para quem? Para eles? A' eles eu mostro mesmo no meu quarto. Não quiz.

Me acho deprimido. Não são pequenas nem poucas as angustias duma situação oscilante. A opressão que causa o desejo falho de uma maior liberdade, abate, como a lamina de uma mesa acionando

---

Vou reagindo em mim mesmo. Leio e desenho. Li Bernanos em "L'Imposture". Livro bom, cheio desse sentido introspectivo dos modernos. Estudo do homem em si. Perspectivas de almas, como paisagens, ora serenas, ora num tumulto de vento curvando arvores e levando folhas ...

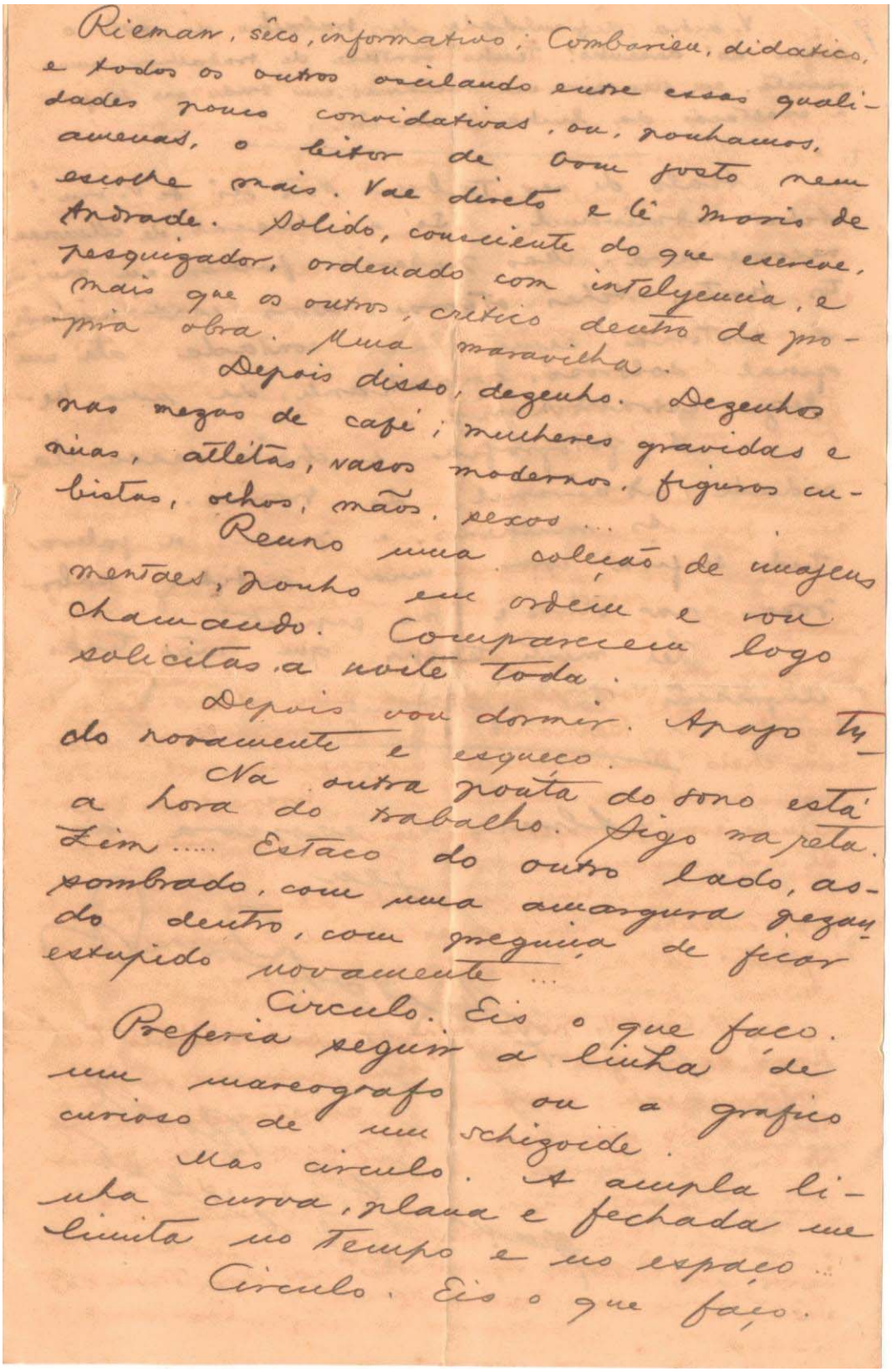
Mas tive um medo danado, quando ele ia amanhecer um dia, estudando um estado de espirito de um sacerdote, fazer apenas nisso 64 paginas ...

Como V. pode avaliar são melhores 64 horas de viagem num trem, num automovel continuamente, atravez o espetaculo da natureza, do que essas 64 paginas á fio, eivadas de temores, de lucidezas, de improvisos de uma consciencia atormentada.

Pode ser mais bonito, mas é chato.

Depois li a Historia da Musica de Mario de Andrade, uma dos melhores coisas que ha sobre o assunto.

Figura 66: Carta n. 40, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



Riemann, sêco, informativo; Combariew, didatico, e todos os outros oscilando entre essas qualidades pouco convidativas, ou, ronhamos, amenas, o leitor de bom gosto nem escolhe mais. Vae direto e lê Mario de Andrade. Solido, conciente do que escreve, pesquizador, ordenado com inteligencia, e mais que os outros, critico dentro da propria obra. Uma maravilha.

Depois disso, desenho. Desenho nas negras de café; mulheres gravidas e nuas, atletas, vasos modernos, figuras cubistas, olhos, mãos, sexos...

Reuno uma coleção de imagens mentaes, sonho em ordem e vou chamando. Comparecem logo solicitas a noite toda.

Depois vou dormir. Apago ty do ronronante e esqueço.

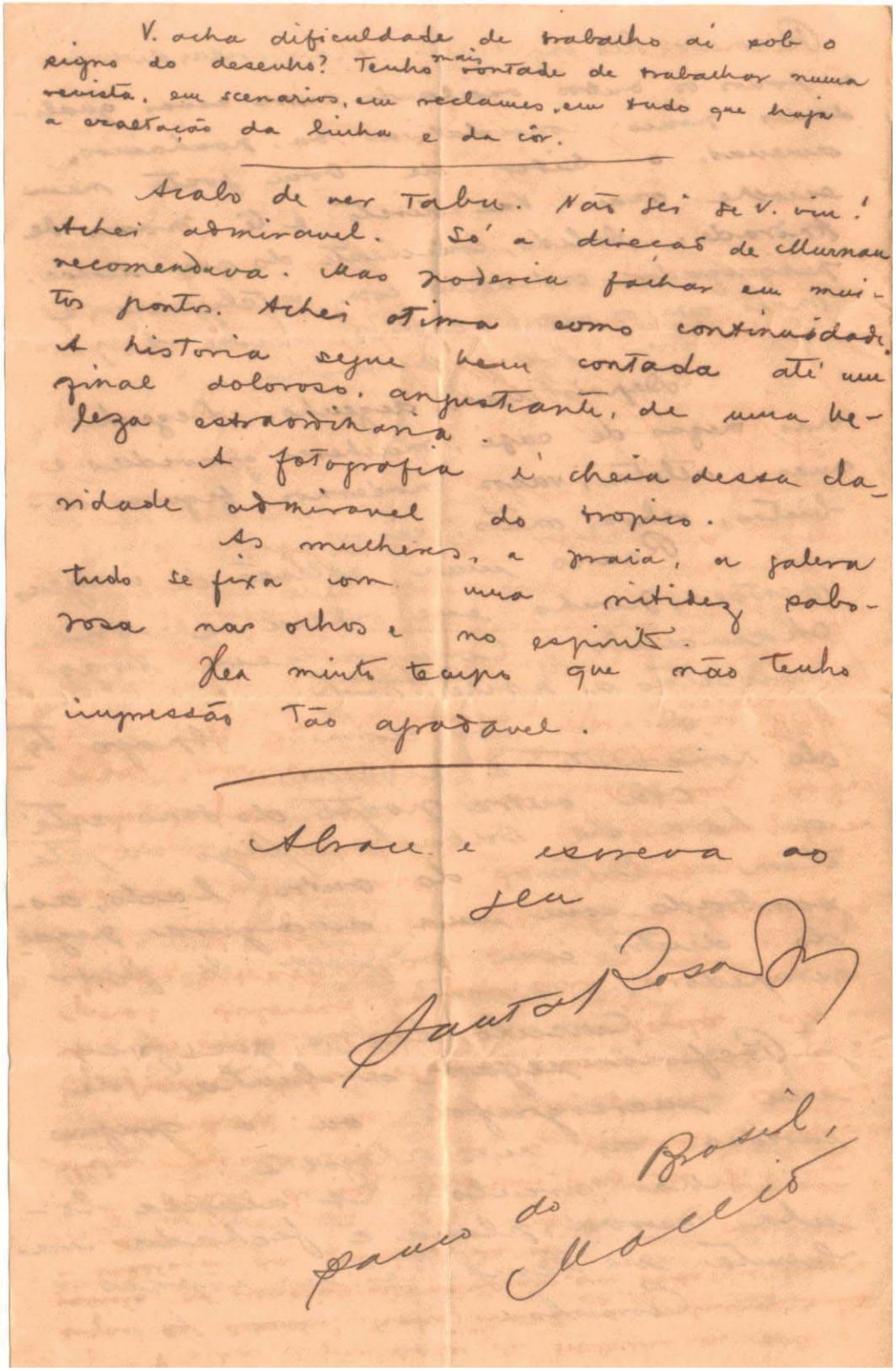
Na outra noite do sono está a hora do trabalho. Digo na pela. Lem..... Estaco do outro lado, assombrado, com uma amargura dezagu do dentro, com meguiça de ficar estupido novamente...

Circulo. Eis o que faço. Preferia seguir a linha de um mareografo ou a grafico curioso de um schizoide.

Mas circulo. A ampla linha curva, plana e fechada me limita no tempo e no espaço...

Circulo. Eis o que faço.

Figura 67: Carta n. 40, p. 3.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



V. acha dificuldade de trabalho aí sob o signo do desenho? Tenho mais vontade de trabalhar numa revista, em scenarios, em reclames, em tudo que haja a exaltação da linha e da côr.

Acabo de ver Tabu. Não sei se V. viu! Achei admiravel. Só a direcção de Murnau recomendava. Mas poderia falhar em muitos pontos. Achei otima como continuidade. A historia segue bem contada até um final doloroso, angustiante, de uma beleza extraordinaria.

A fotografia é cheia dessa dadividade admiravel do tropico.

As mulheres, a praia, a paisagem tudo se fixa com uma nitidez paborosa nos olhos e no espirito.

Faz muito tempo que não tenho impressão Tão agradavel.

Abraça e escreva ao seu

Santa Rosa

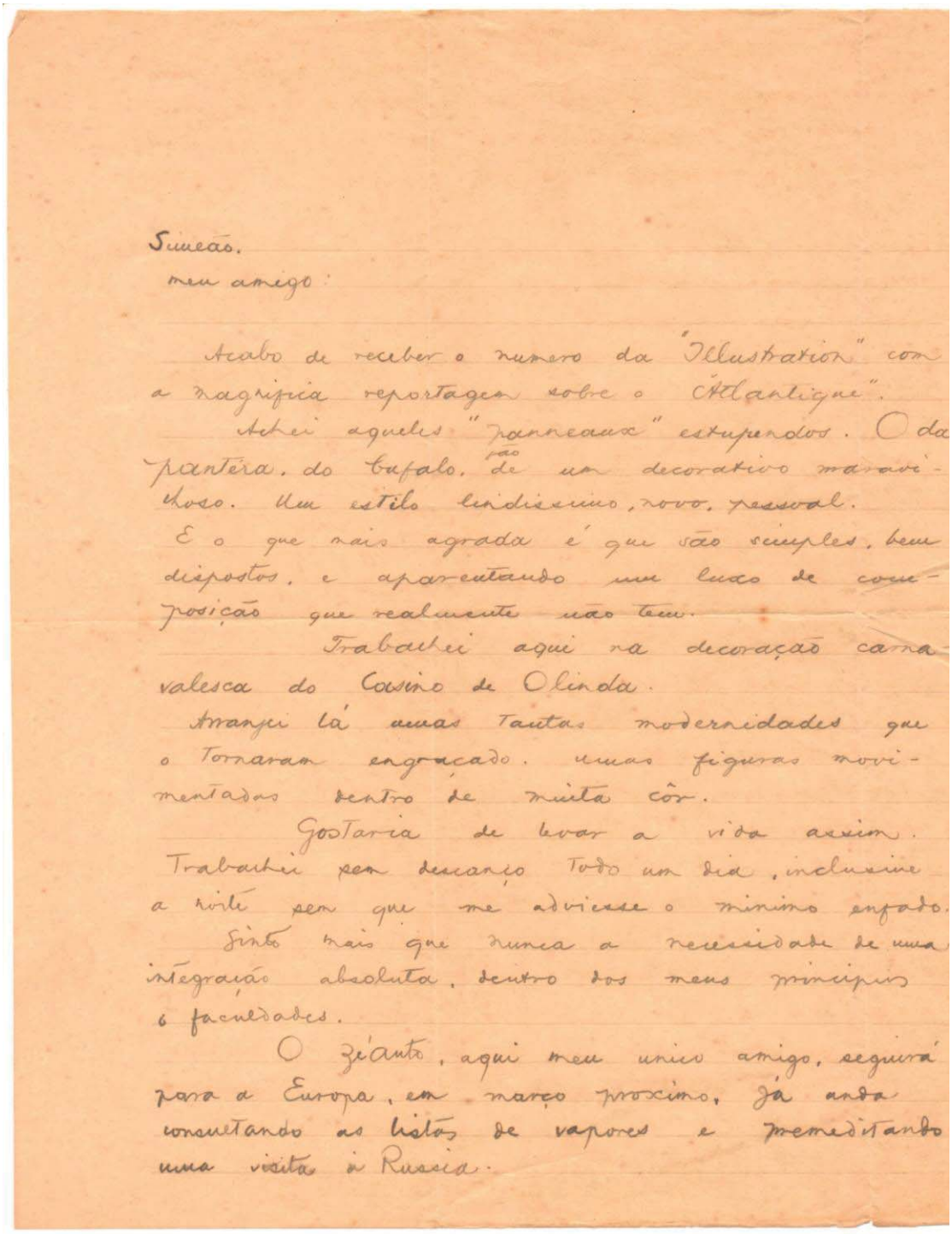
Brasil, Paço do Maracanã

Figura 68: Carta n. 40, p. 4.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

A cada revista enviada por Simeão Leal, Santa Rosa comenta suas principais impressões destacando as características de beleza, estilo e arte. A arte decorativa

sempre encantou Santa Rosa e sempre foi objeto de seus estudos. Em momento oportuno trabalhou na decoração carnavalesca do Cassino de Olinda, exaltando o movimento e a cor, tudo ao estilo moderno. Trabalhos assim faziam Santa Rosa a desejar levar sua vida, organicamente integrado ao seu fazer, não se importado se era dia ou noite, em uma completa doação de seus princípios e faculdades. Muitos colegas do banco o hostilizavam apenas porque ele admira as linhas de um quadro, o movimento de uma escultura e o espírito de uma música. (*Trecho da Carta n. 43*).

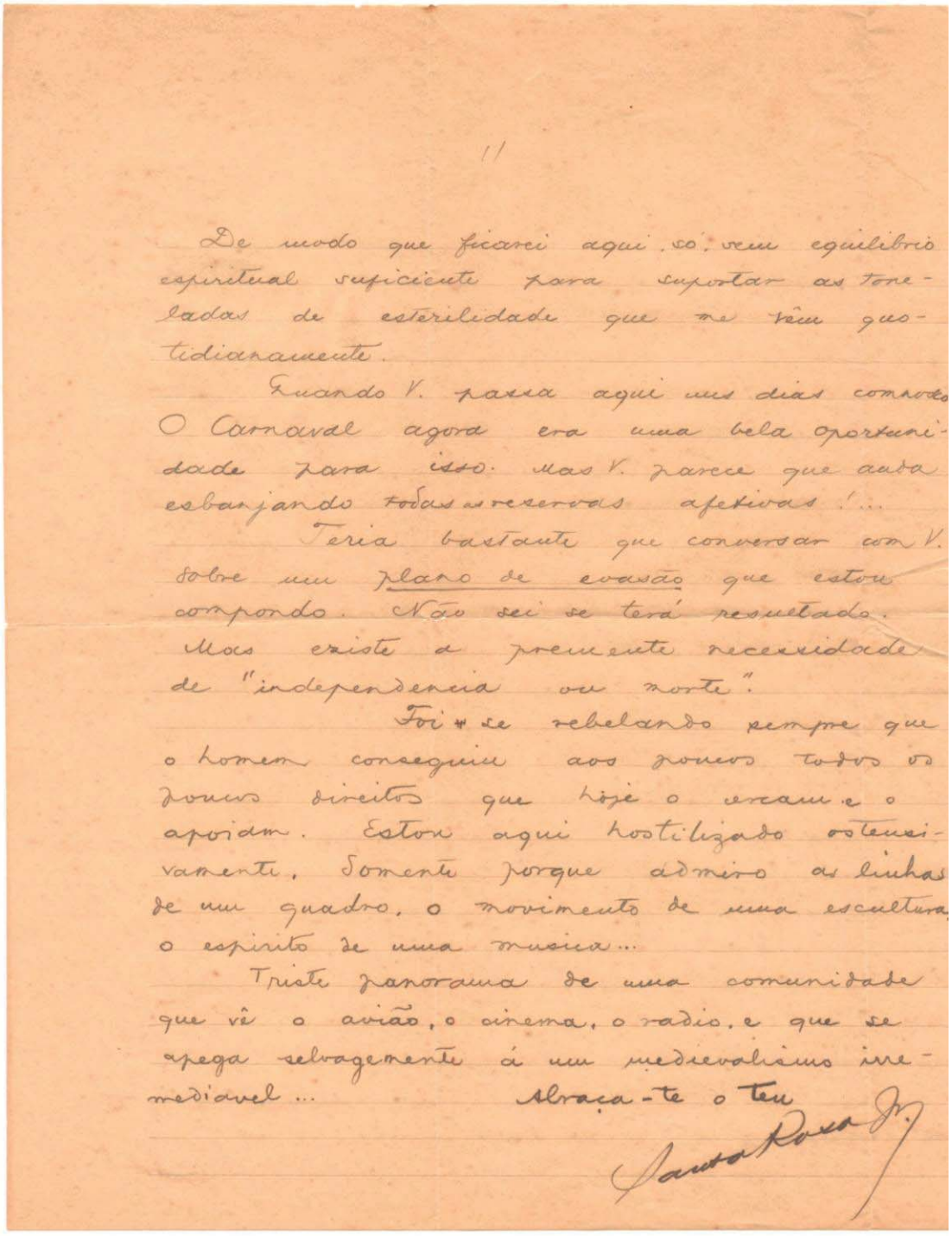
> Simeão,
> meu amigo:
>
> Trabalhei aqui no decoração carnavalesca do Cassino de Olinda. Arranjei lá umas tantas modernidades que o tornara engraçado, umas figuras movimentadas dentro de muita côr.
>
> Gostaria de levar a vida assim. Trabalhei sem descanço, todo um dia inclusive a noite sem que me advisse o minino enfado. (*Trecho da Carta n. 43).*



Sumeão.
meu amigo:

Acabo de receber o numero da "Illustration" com a magnifica reportagem sobre o "Atlantique".
Achei aquelles "panneaux" estupendos. O da pantera, do bufalo, são de um decorativo maravilhoso. Um estilo luxuosissimo, novo, pessoal.
E o que mais agrada é que são simples, bem dispostos, e aparentando um luxo de composição que realmente não tem.
Trabalhei aqui na decoração carnavalesca do Cassino de Olinda.
Arranjei lá umas tantas modernidades que o tornaram engraçado. umas figuras movimentadas dentro de muita côr.
Gostaria de levar a vida assim. Trabalhei sem descanço Todo um dia, inclusive a noite sem que me advicesse o minimo enfado.
Sinto mais que nunca a necessidade de uma integração absoluta, dentro dos meus principios e faculdades.
O Zé Auto, aqui meu unico amigo, seguirá para a Europa, em março proximo. Já anda consultando as listas de vapores e meneditando uma visita à Russia.

Figura 69: Carta n. 43, p. 1.
Fonte: NDIHR/ UFPB.



11

De modo que ficarei aqui só, sem equilíbrio espiritual suficiente para suportar as toneladas de esterilidade que me têm quotidianamente.

Quando V. passa aqui uns dias comnosco O Carnaval agora era uma bela oportunidade para isso. Mas V. parece que anda esbanjando todas as reservas afetivas!...

Teria bastante que conversar com V. sobre um plano de evasão que estou compondo. Não sei se terá resultado. Mas existe a premente necessidade de "independencia ou morte".

Foi-se rebelando sempre que o homem conseguiu aos poucos todos os poucos direitos que hoje o escamoteiam e o apoiam. Estou aqui hostilizado ostensivamente. Somente porque admiro as linhas de um quadro, o movimento de uma escultura, o espirito de uma musica...

Triste panorama de uma comunidade que vê o avião, o cinema, o radio, e que se apega selvagemente á um medievalismo irremediavel... Abraça-te o teu

Santa Rosa Jr.

Figura 70: Carta n. 43, p. 2.
Fonte: NDIHR/ UFPB.

As cartas de Santa Rosa a Simeão Leal têm em sua grande maioria um caráter revelador, de que era uma amizade verdadeira, de irmãos e confidentes. Santa Rosa sofria as agruras de uma realidade no mundo do trabalho que não se alinhava com o que ele mais amava, ou seja, a arte, e o amigo Simeão Leal era seu apoio e possibilidade de auxílio, bem como mentor em muitos assuntos de arte,

apresentando para Santa Rosa a arte moderna que nascia, crescia e se desenvolvia no Brasil do início do século XX. E assim, por esses desabafos, conhecemos mais da alma de Santa Rosa, sua paixão por literatura, música, pintura, teatro e praticamente todas as formas de arte possíveis.

Interesses e paixões eram trabalhados por Santa Rosa de forma a prepará-lo para o momento em que pudesse se expressar artisticamente e havia dentro dele um mundo de linhas, cores e formas em meio aos números. Ao contemplarmos o alcance e o legado deixado por Santa Rosa, na história das artes plásticas brasileiras, na produção gráfica editorial do livro moderno no Brasil e também com grande destaque no teatro moderno brasileiro, vemos que em toda a sua vida e a todo o momento era um artista que vivia sua vida para e pela arte, e escreveu de si na sua obra com as mais belas linhas em conjunto com as mais vividas cores.

No próximo capítulo apresentamos nosso olhar sobre a produção técnica e artística de Santa Rosa, considerando seu trabalho de capista na obra de José Lins do Rêgo, conscientes de que as capas retratam o imaginário de quem as produz diante do entendimento do texto escrito da obra.

5 A PRODUÇÃO TÉCNICA E ARTÍSTICA DE SANTA ROSA NA OBRA DE JOSÉ LINS DO RÊGO

As imagens estão mais próximas
da força impregnante da memória.
(Aleida Assmann)

Na pesquisa contemporânea sobre livros observamos sempre a presença de análises individuais dos elementos constitutivos do livro gerados por sua narrativa e conteúdo. Segundo observações de Carvalho (2008), há também outros elementos que se destacam: a capa e o capista, ou designer que a concebeu como elemento estético para cumprir desde a função de proteger o miolo do livro e outras mais simbólicas e subjetivas que acabam conferindo identidade ao livro, inicialmente gerada pela expressão do autor da capa, que a concebe plasticamente e a visão do público leitor que percebe na capa do livro sua parte mais visível tanto artística quanto comercial.

Santa Rosa é considerado o pai do livro moderno no Brasil (HALLEWELL, 1985). De sua vasta produção, a maior parte foi produzida entre as décadas de 1930 e 1950, considerada a Era de ouro do modernismo brasileiro. Nesse período ele realiza todas as suas principais obras, marcando sua carreira como artista, tanto na pintura quanto nas atividades ligadas a realização de ilustrações, desenhos, livros na Editora José Olympio, e cenários e figurinos para o Teatro Municipal do Rio de Janeiro, e ainda sua atuação como professor de arte, crítico e promotor cultural.

A obra impressa de Tomás Santa Rosa pode ser dividida em duas fases (BARSANTE, 1982; HALLEWELL, 1985), a primeira de menor período com os livros desenvolvidos para as Editoras Schmidt e Ariel, e a segunda fase, de período mais longo e expressivo, para a Editora José Olympio. As obras de José Lins, ilustradas por Santa Rosa levam as rubricas: Editora Ariel e Editora José Olympio. Conforme ponderações de Bueno (2015, p. 22).

> Quando se leem os artigos sobre arte moderna que o artista reuniu no livro Roteiro de Arte, percebe-se o quanto ele se preocupou com esse problema da criação de uma nova sensibilidade, propondo a organização de exposições acessíveis e a criação de cursos que pudessem formar um público capaz de fruir a arte moderna.

Segundo Miller (2013), o imaterial só poderia se expressar pelo material, isto torna o nosso debruçar, ainda que seja um recorte, sobre a mais expressiva representatividade, com a possibilidade de visitarmos o patrimônio imaterial de Santa Rosa, um legado sobre a história das artes no Brasil. Ao pesquisar sua trajetória técnica e artística impressa, a partir da escrita de si, evocamos não apenas a sua memória fazendo-o renascer a cada um que recebe a fruição de sua arte e profundidade de sua mensagem, mas também colaboramos na construção das identidades de nossa cultura. A memória e a identidade fazem parte de como entendemos patrimônio sendo ele uma dimensão da própria memória (CANDAU, 2012).

Por meio das capas, abordadas nesse trabalho, traçamos um olhar que nos conduziu a cada um dos ciclos concebidos por José Lins em suas obras. As capas analisadas neste estudo foram adquiridas na Biblioteca José Lins do Rego, no Espaço Cultural de João Pessoa, Paraíba, e o foco era encontrar o maior número de capas, para ilustrarmos a diversidade de interpretações do ilustrador Santa Rosa.

Adotamos, para fins desta pesquisa, o mesmo agrupamento temático em que a obra de José Lins foi concebida, uma divisão de três eixos compreendidos da seguinte forma: **1. Ciclo da cana de açúcar**. Nele estão enquadrados, seis livros: Menino de Engenho (1932), Doidinho (1933), Banguê (1934), O Moleque Ricardo (1935), Usina (1936) e Fogo Morto (1943). **2. Ciclo do misticismo e do cangaço**, com dois livros: Pedra Bonita (1938) e Cangaceiros (1953). **3. Temática livre,** três livros: Histórias da Velha Totonia (1936 - literatura infantil), Pureza (1937), Riacho Doce (1939) , Água-Mãe (1941) e Eurídice (1947). Analisamos ao todo treze títulos da obra de José Lins do Rego.

O material coletado na nossa pesquisa documental, no que se refere à obra impressa de Tomás Santa Rosa, concentra-se nesta segunda fase dos livros produzidos por ele. Nesta fase é que se encontra grande parte da obra literária de

José Lins do Rego, principalmente seus romances e literatura infantil, de livros projetados por Santa Rosa para a Editora José Olympio.

A produção técnica e artística impressa de Tomás Santa Rosa compreende o período que vai dos anos de 1930, 1940 e parte de 1950, portando cerca de duas décadas e meia de uma vasta obra na área de projetos gráficos editoriais. Santa Rosa trabalhou como capista, ilustrador e diagramador, numa soma de mais de trezentos títulos (BUENO, 2015). Repousa sobre Santa Rosa a nobre classificação e título de o maior "produtor gráfico" de livro do Brasil (LIMA, 1998).

Santa Rosa atuava desde a prancheta, desenhado os primeiros croquis e arte final das ilustrações que iriam compor as capas, bem como na escolha tipográfica e diagramação dos textos que compõem o miolo. Ele também se fazia presente nas oficinas avaliando o resultado de todos os testes de impressão até chegar ao livro pronto e aprovado em todos os seus detalhes, o que percebemos aqui uma apurada acuidade técnica no tocante a parte industrial do livro e na qualidade dos materiais por ele utilizado, traduzindo assim sua obra impressa como algo peculiar tanto artístico quanto técnico.

No início do século XX, a apresentação do projeto gráfico do livro brasileiro era de baixa qualidade em relação aos livros estrangeiros. Ainda na década de 1920, existem obras com baixo cuidado na impressão, utilização de tipografias que comprometem a leiturabilidade[10] e a legibilidade[11] dos textos e mesmo dos títulos das capas, essas que muitas vezes apenas repetiam o texto da folha de rosto tendo como acréscimo apenas a modificação na gramatura do papel e sua cor que variava entre pálidos amarelos e cinzas.

A década de 1930 traria em si ventos de mudança; a industrialização do mercado editorial crescia fortemente, bem como em outros setores do Brasil. Os ecos da Semana de 22 ganhavam força e tomavam corpo em uma nova literatura modernista, com grande receptividade pela crítica e público leitor. Este ambiente propiciou a necessidade do surgimento de um livro novo, com um projeto técnico e artístico capaz de transmitir essa nova página do livro nacional. Os principais

[10] Leiturabilidade: diz respeito à facilidade com que o olho absorve a mensagem e se move ao longo da linha.
[11] Legibilidade: diz respeito à facilidade com que uma letra pode ser distinguida de outra.

editores desta nova fase do moderno livro brasileiro foram: Gastão Cruls e Agripino Grieco, da Editora Ariel; Augusto Frederico Schmidt e, sobretudo, José Olympio, por ter sido o pioneiro a valorizar o projeto gráfico editorial para sua editora. Assim nasce o moderno livro brasileiro com alta qualidade de impressão e esteticamente admirado pelo público.

5.1 ARTE E SENSIBILIDADE REFLETIDAS NAS CAPAS: PRIMEIRO CICLO

O primeiro livro produzido por Santa Rosa, para a obra de José Lins do Rego, foi *Doidinho* (1933), para a editora Ariel. Este livro é compreendido como uma continuação de Menino de Engenho (1932), e tem no título o apelido de Carlos Melo, o Carlinhos. Nele são narradas as aventuras e experiências de vida, de um menino de doze anos, em um internato de normas rígidas, onde o sonho de "doidinho" é retornar ao querido engenho de seu avô.



Figura 71: Capa de livro - Doidinho (1933) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

No ano em que foi lançado o livro Doidinho havia se passado duas décadas do "alvoroço cubista" vivenciado na Paris de 1912, um estilo de arte que constrói imagens a partir de triângulos sobrepostos que se apresentam em diversas camadas, assemelhando-se a cortinas, cada qual apresentando uma cena como em um teatro (GOMBRICH, 1999). Da Paris dos anos 1910 até o Rio de Janeiro da década de 1930, foi o tempo suficiente para os estudos e a maturação dessa vanguarda artística ser apresentada e interpretada por Santa Rosa para capa do livro Doidinho. Desde o

título, se pode perceber as citações e utilização dos estilos artísticos contemporâneos. O nome doidinho é impresso em minúsculo, em uma tipografia sem serifa[12] com grande peso visual e tocando o topo da capa, sem o clássico uso de margens.

Na ilustração o estilo cubista evocado por Santa Rosa é empregado com grande precisão. Quanto às cores, ele utiliza o preto, o laranja e o cinza sendo que o branco é obtido a partir dos vazados na própria cor do papel. Os desenhos de um menino, uma jovem, a turma do internato, e outros elementos são inseridos ao estilo cubista, assim como queria Picasso, representando três dimensões em uma superfície plana (DEMPSEY, 2003), representando, portanto, as diversas experiências vividas pelo protagonista da história escrita por José Lins do Rego. Assinada por Santa Rosa no canto inferior esquerdo, a ilustração resume e suscita o interesse pela leitura, para tanto, ocupa uma área expressiva no todo da capa e com o nome romance na sua base. Destacamos também o nome do autor do livro com uma escrita, onde a primeira letra de cada nome recebe um negrito, conferindo uma estética de movimento bastante presente no estilo cubista. A capa encerra-se de maneira sucinta com a marca da editora.

A submissão do capista ao texto do livro é fundamental. Nesse sentido, Santa Rosa dizia que não bastava ser um exímio desenhista, era preciso ter grande sensibilidade e conhecimento artístico, para traduzir a atmosfera do livro e até mesmo intensificá-la, se possível (ROSA, 1952).

Na edição de *Banguê* (1934), o romance brasileiro tem uma importante convergência de talentos e empenhos por parte da Editora José Olympio, isso marcaria para sempre o livro moderno brasileiro e a trajetória de Santa Rosa. Na contração do escritor José Lins do Rego e do promissor produtor gráfico Tomás Santa Rosa, o livro moderno brasileiro se consolidaria na história. Em tudo o livro Banguê teve expressividade em seu lançamento. Raro para a época dois artistas serem convidados para criar capas distintas, o que permitiria ao leitor adquirir a que mais agradasse (BUENO, 2015).

[12]Traço ou barra que remata cada haste de certas letras, de um ou de ambos os lados; cerifa, filete, rabisco, remate.



Figura 72: Capa de livro - Banguê (1934) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Embora seja o primeiro livro do escritor José Lins do Rego, lançado pela Editora José Olympio, e também o produzido por Santa Rosa, Banguê é o terceiro e último da trilogia do personagem Carlos Melo, que agora já tem seus estudos concluídos em direito, embora decepcionado com sua incapacidade de exercer a profissão de advogado. Após dez anos retorna ao lugar onde cresceu - o engenho Santa Rosa -, agora com seu avô muito doente e o lugar em decadência. O clima é de melancolia até a chegada de uma mulher, Maria Alice.

A capa criada por Santa Rosa, para Banguê, marcou a estética do romance brasileiro na década de 1930 (BUENO, 2015). Com esse layout percebemos de maneira visual clara o eixo temático da obra de José Lins do Rego, o ciclo da cana de açúcar, uma vez que os elementos visuais utilizados proporcionam uma unidade.

Quando Santa Rosa iniciou sua atividade profissional no setor editorial, foi após o período de início do desenvolvimento do mercado editorial e do livro no Brasil, compreendido entre 1910 até 1920. A capa ilustrada, concebida para Monteiro Lobato no livro Urupês (1919) tornar-se-ia um marco na solução plástica adotada nos livros concebidos nesse período, bem como sua programação visual. Santa Rosa, portanto, torna-se propulsor dessa cultura projetiva brasileira, ou seja, dessa estética. Quando contemplamos especificamente sua produção, vemos que ele amplia o uso artístico de elementos compositivos da capa. Cor, linhas e tipos foram sempre meticulosamente trabalhados por ele, expressando sempre modernidade e brasilidade. Atualmente as ilustrações de capas buscam também manter a beleza das novas edições, que agora são concebidas em brochura[13], o que modifica o culto ao livro como um objeto de luxo (CARDOSO, 2005).

Em Banguê o elemento cor se destaca forte e vibrante. Um grande retângulo amarelo abriga todo o texto da capa. O nome do autor, em itálico, abre a parte superior da capa, seguindo do eixo temático da obra do autor. Em seguida, o título elegantemente é colocado em uma tipografia romana, juntamente com a indicação de romance. Contudo a ilustração do título, que se comparada com outros títulos produzidos por Santa Rosa, até o momento, recebe uma redução em sua dimensão, porém com grande expressividade, trabalhada em riqueza de detalhes, pela técnica de desenho do bico de pena, numa estética que busca uma relação com a xilogravura. A ilustração da capa mostra um momento mais romântico e marcante do livro, um passeio a cavalo dos personagens. Ela satisfez bastante José Lins do Rego, que considerava Santa Rosa o mestre dos desenhos, e dizia que ele interpretava seus livros com ilustrações que resumiam a vida inteira dos seus romances (BARSANTE, 1982). A obra de José Lins do Rego em sua maioria é compreendida como

[13] Tipo de acabamento em que o miolo do livro é coberto por uma capa mole, de papel ou cartolina, colada ao dorso.

intensamente triste, há sempre uma tristeza da sua terra, uma saudade da sua gente e do Brasil. Tudo está, de certa maneira a adoecer, a apodrecer e, por fim, a morrer (CARPEAUX, 1999).

O livro *Menino de Engenho* (1932) é base das narrativas da obra de José Lins do Rego que fazem parte do chamado ciclo da cana de açúcar, sendo ela a primeira obra.



Figura 73: Capa de livro - Menino de Engenho (1934) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Narrada em primeira pessoa pelo personagem principal, Carlos Melo, a história fala de uma criança que fica órfã de pai e mãe, aos oito anos de idade, indo então morar com o seu avô, um grande proprietário de terras. A vida do narrador-personagem se passa em um engenho de cana de açúcar, ambiente que para ele representa o mundo, local onde acontecem todas as suas primeiras vivências.

Foi apenas na segunda edição de Menino de Engenho, em 1934, que Santa Rosa produziu a capa para o romance de José Lins do Rego, e que o consagrou na literatura brasileira. A capa recebe uma solução muito próxima da realizada em Banguê (1934). Santa Rosa vislumbrava uma unidade visual das capas na obra de José Lins do Rego, uma vez que o layout se mantinha quase que inalterado, variando o elemento do retângulo de cor e a ilustração que sintetizava e transmitia alguma emoção presente na história. Para essa segunda edição de Menino de Engenho, Santa Rosa expressa através da ilustração da capa o personagem principal em um primeiro plano, o que acaba por conferir um tom de grandeza a ele, além disso, há uma atitude pensativa, até mesmo melancólica presente no desenho (BUENO, 2015).

Destacamos não apenas a primeira edição de Menino de Engenho, mas também o material coletado no Museu José Lins do Rego, correspondente à terceira edição produzida por Santa Rosa, em 1938. Para esta edição o peso visual de um elemento de cor é mantido, o retângulo, antes utilizando, com a cor azul como elemento de capa ele buscou transmitir calma, mas para a terceira edição ele buscou no marrom mais serenidade. Essa percepção das cores, em associação a emoções humanas faz parte de um sistema cromático psicológico, publicado por Goethe em 1810, com a Teoria das cores (FRASER, 2010).

Em conjunto com este marrom, que também nos remete a terra, ao chão, Santa Rosa, com fina técnica de bico de pena, desenha o personagem Carlos, em primeiro plano, com destaque para seu rosto que, cabisbaixo, segura um pássaro, arquétipo da liberdade; em segundo plano, pode-se ver uma chaminé, própria do engenho, e a vegetação abundante da região.

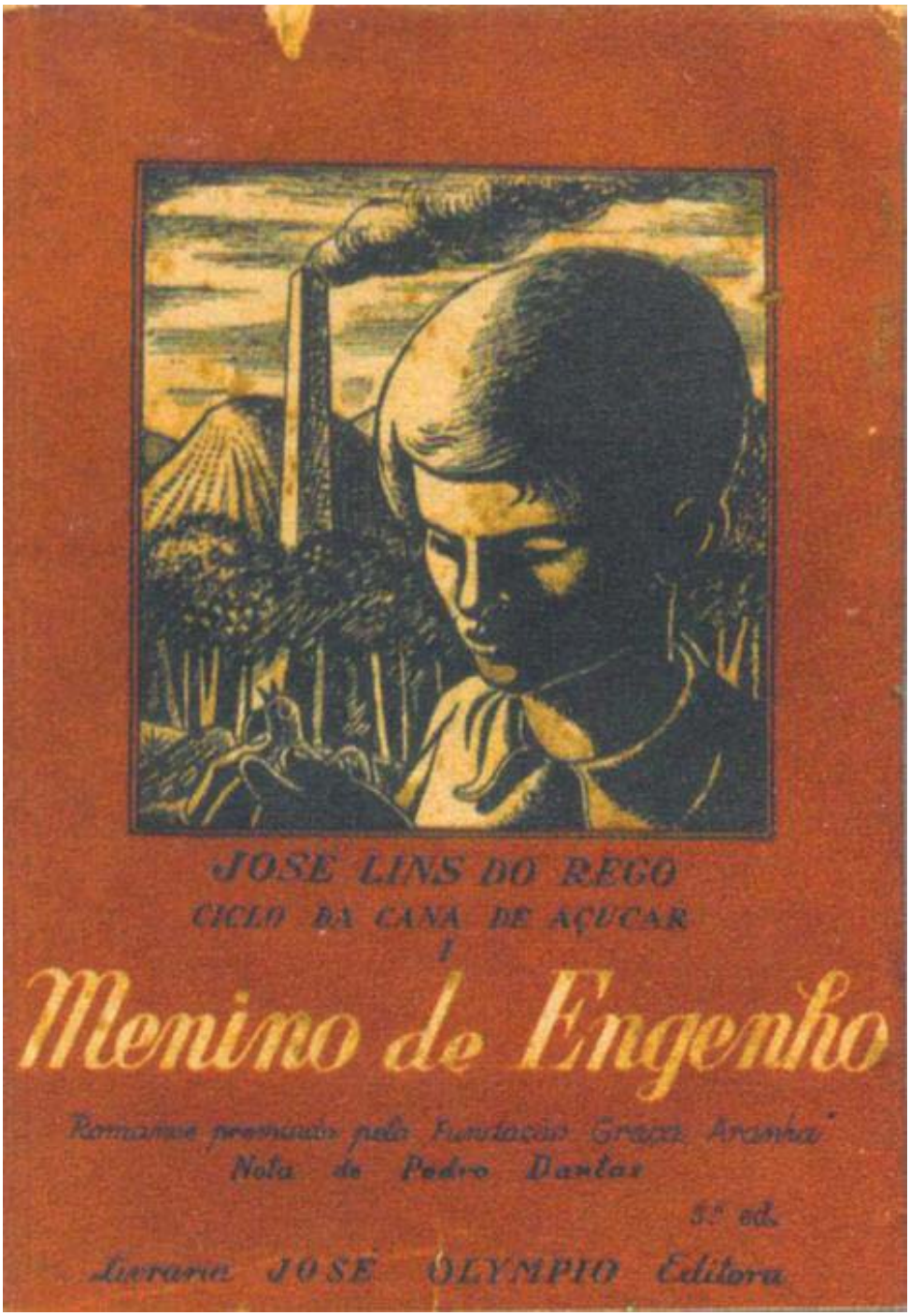


Figura 74: Capa de livro - Menino de Engenho (1935) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Nesse caso, a ilustração ganha mais peso visual, aumentando de proporção quando comparada a outros trabalhos antes realizados por Santa Rosa, contudo essa força é composta com delicadeza e técnica, proporcionando um equilíbrio agradável com os outros elementos da capa, tais como: o título, o nome do autor e, principalmente, nesse momento tornou-se a informar na capa que o livro Menino de

Engenho havia sido premiado pela fundação Graça Aranha[14], o que tornou um desafio ainda maior para a produção dessa capa na harmonização de todos esses elementos compositivos.

Quanto ao livro, *O Moleque Ricardo* (1934), é primeiro romance narrado em terceira pessoa de José Lins do Rego, e faz parte das chamadas obras independentes.

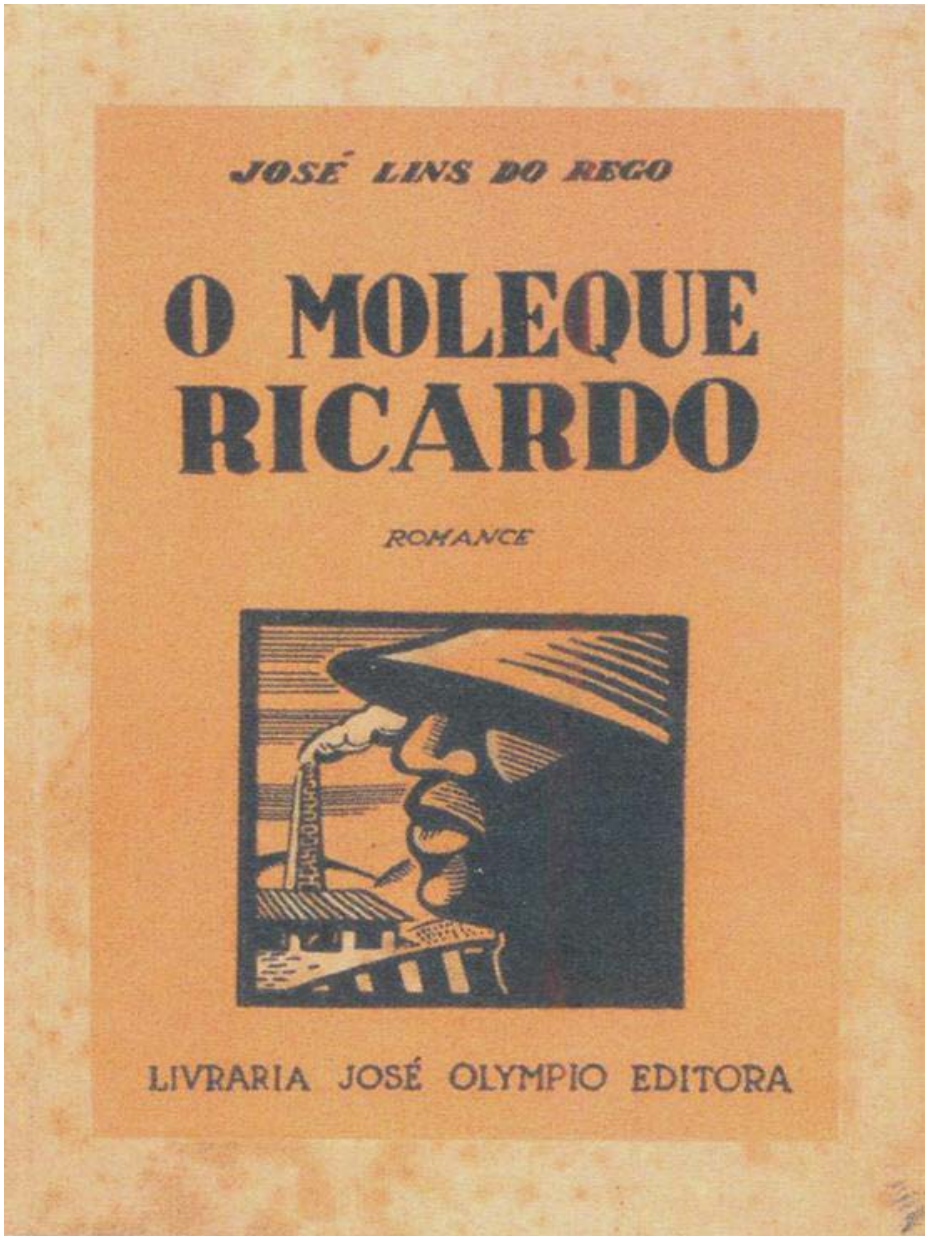


Figura 75: Capa de livro - O Moleque Ricardo (1934) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

[14] José Pereira da Graça Aranha (São Luís, 21 de junho de 1868 — Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1931) foi um escritor e diplomata brasileiro e um imortal da Academia Brasileira de Letras, considerado um autor pré-modernista no Brasil, sendo um dos organizadores da Semana de Arte Moderna de 1922.

Moleque Ricardo é uma obra de forte cunho político, e revela a trajetória do negro de engenho no Nordeste, que busca uma nova vida na cidade. Em muitos pontos o romance retrata as diferenças de práticas regionalistas vividas no espaço rural e seus contrates com as áreas urbanas, marcadas pela forte mudança e costumes, por isso mesmo essa obra é considerada por alguns críticos, a mais política da carreira de José Lins do Rego.

A capa produzida por Santa Rosa para esse livro manteve-se no mesmo layout, adotado por ele para o livro Banguê, também lançado no mesmo ano. Um retângulo de cor clara, laranja pálido, enquadra todos os textos da capa desde o nome do autor até a editora. Na ilustração da primeira edição do livro de 1934 (Fig. 75), o destaque é o engenho, caracterizado por uma chaminé em atividade. Já na segunda edição (Fig. 75), Santa Rosa dá destaque à figura do Moleque Ricardo, com seu olhar contemplativo, fixo no horizonte.

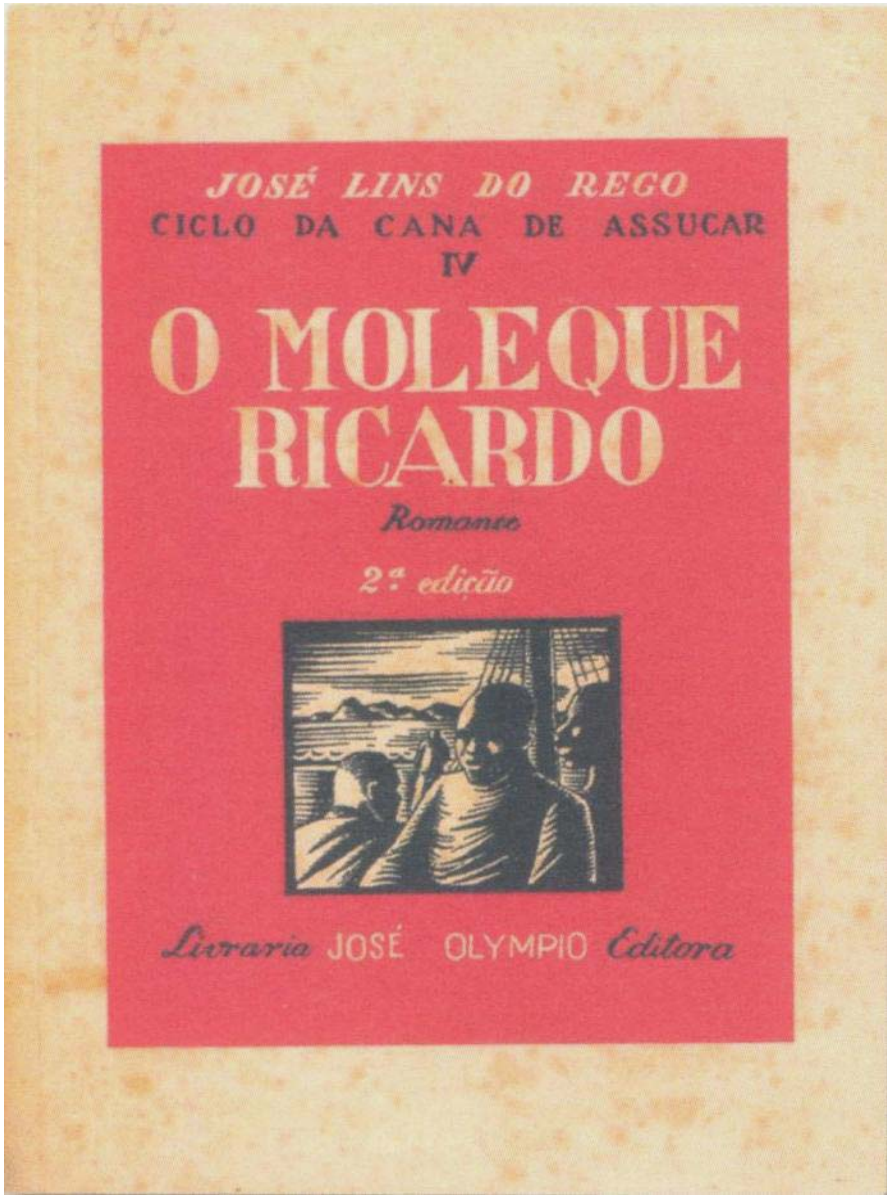


Figura 76: Capa de livro - O Moleque Ricardo (1936) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Se a função do design do livro é contribuir para a fruição da obra, Santa Rosa contribuiu para isso. Sabia manter a vontade da empresa que o contratou para trabalhar como produtor gráfico, criando a "cara" dos livros da editora, definindo as fontes, mancha de texto e as capas, ao mesmo tempo, é possuidor de uma sensibilidade para captar o que o livro queria passar para o leitor. Ainda para o livro Moleque Ricardo, numa edição revista, Santa Rosa criou a ilustração que segue (Fig. 76):

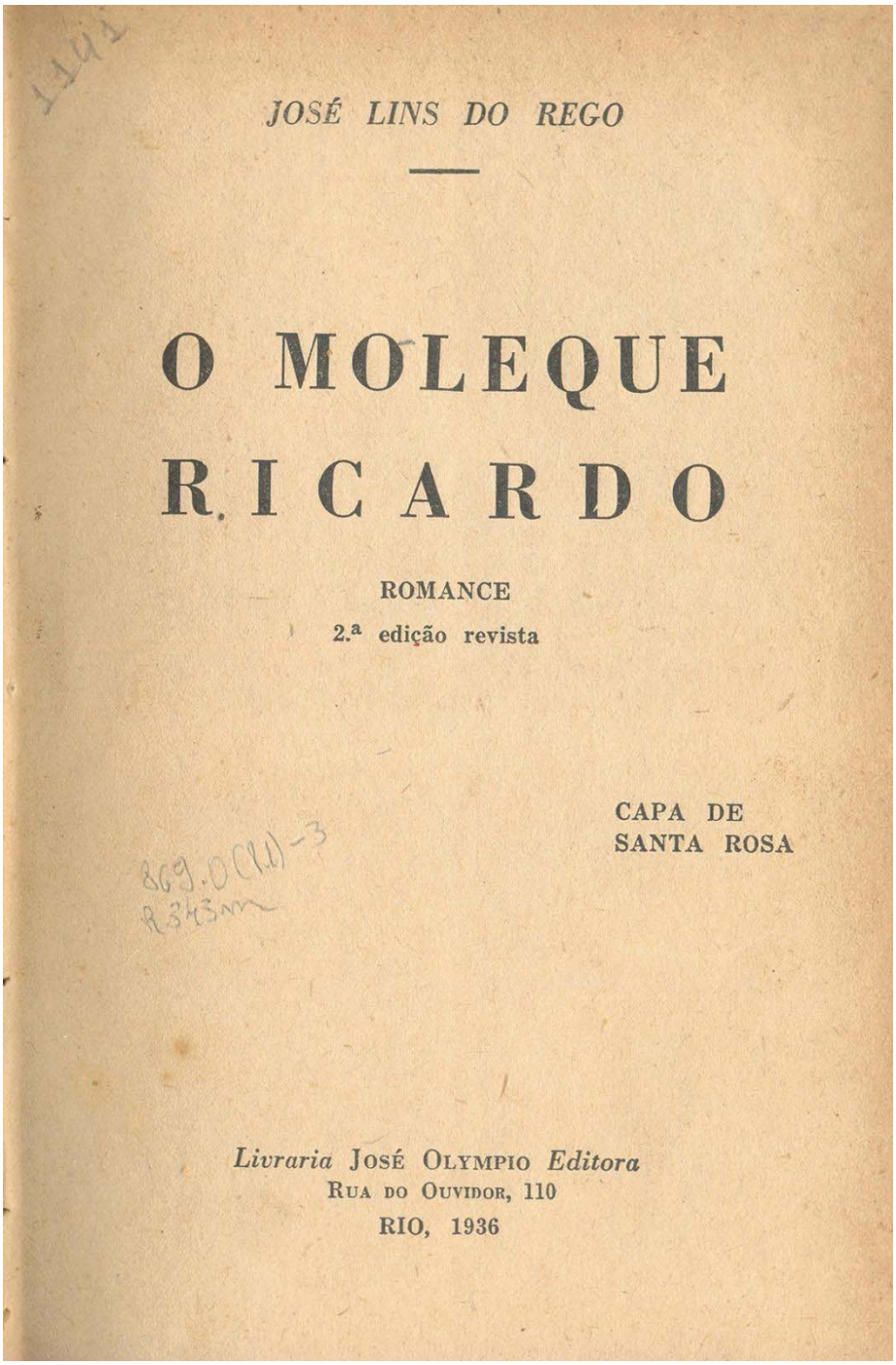


Figura 77: Folha de rosto - Moleque Ricardo (1936) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Na segunda edição do livro, *O Moleque Ricardo*, é citado o ciclo da cana de açúcar IV, e a capa do livro recebe um novo tratamento cromático, o laranja pálido empregado na primeira edição agora é substituído por um vermelho quente, que também recebe em seu interior todos os elementos textuais de capa: o autor, o título e a editora. Santa Rosa agora apresenta o personagem Ricardo em um plano mais

integrado com os outros elementos da ilustração, sugerindo um convívio com seus amigos de Recife, em uma área portuária, onde se veem algumas cordas de barcos e o trecho de um mar.

O trabalho Santa Rosa na obra de José Lins do Rego recebe grande destaque, reconhecido de uma forma que na segunda edição de O Moleque Ricardo em 1936, a autoria da capa por Santa Rosa é citada com destaque na folha de rosto do livro, posto que, muitas das ilustrações produzidas por Santa Rosa não eram assinadas ou ainda recebiam a inscrição S.R., mas a indicação do nome de Santa Rosa, como autor da capa, tornou a sua obra ainda mais associada com os livros de José Lins do Rego.

Santa Rosa foi então, criando uma identidade visual para a editora, pensando as coleções dentro de um projeto maior. O logotipo na capa como uma espécie de assinatura do editor passou a ser regra nos livros da editora e não era o padrão da época.

Outra obra de José Lins do Rego que se destaca é *Usina* (1936). Essa obra, produzida gráfica e artisticamente por Santa Rosa, tem no livro a conclusão do ciclo da cana de açúcar, descrevendo a decadência na área rural e marcando a chegada da mecanização do Nordeste brasileiro. Com um enredo repleto de detalhes sobre economia, a história começa a partir da prisão de Ricardo, em Fernando de Noronha, cena retratada por Santa Rosa na ilustração de capa do livro O Moleque Ricardo, até a chegada no engenho. Mas é na segunda parte do livro que Usina começa propriamente, com todas as transformações nas propriedades do engenho, seguida da enchente do Rio Paraíba que destrói toda a propriedade, forçando o usineiro a mudar-se com toda a sua família das suas antigas terras.

Os lançamentos dos livros de José Lins do Rego são anuais desde 1934, e as segundas edições já acompanham nesses anos a produção de Santa Rosa. Para ele, o livro Usina manteve a mesma estrutura das obras anteriores na solução adotada na capa, consolidando essa estética nas obras de José Lins do Rego: um retângulo de cor verde, que recebe em seu interior os elementos de texto da capa iniciando com o nome do autor, o ciclo da cana de açúcar V, o título da obra, o tipo de narrativa, a ilustração e a editora (Fig.78).

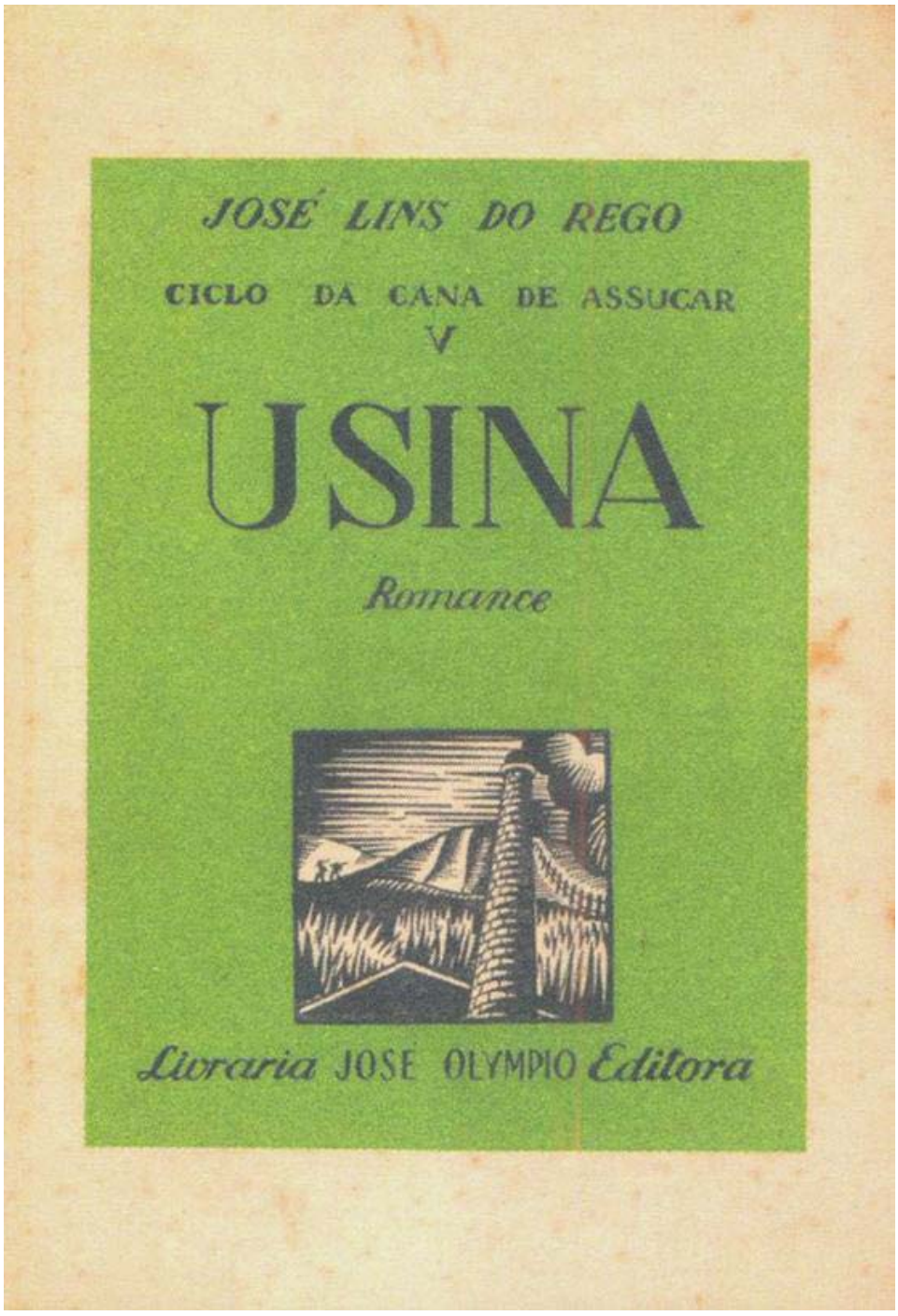


Figura 78: Capa de livro - Usina (1936) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Na ilustração, Santa Rosa harmoniza em mesmo plano, lugares da história, importantes na narrativa como a usina, representada pela chaminé em atividade; uma vegetação de cana de açúcar; caminhos com cercas e, no canto esquerdo, dois trabalhadores rurais. Há técnica do bico de pena com referências a xilogravura.

Outra capa ilustrativa de Santa Rosa para o livro Usina (Fig. 78), agora uma capa mais fluida, com menos informação, nem por isso, menos informativa.

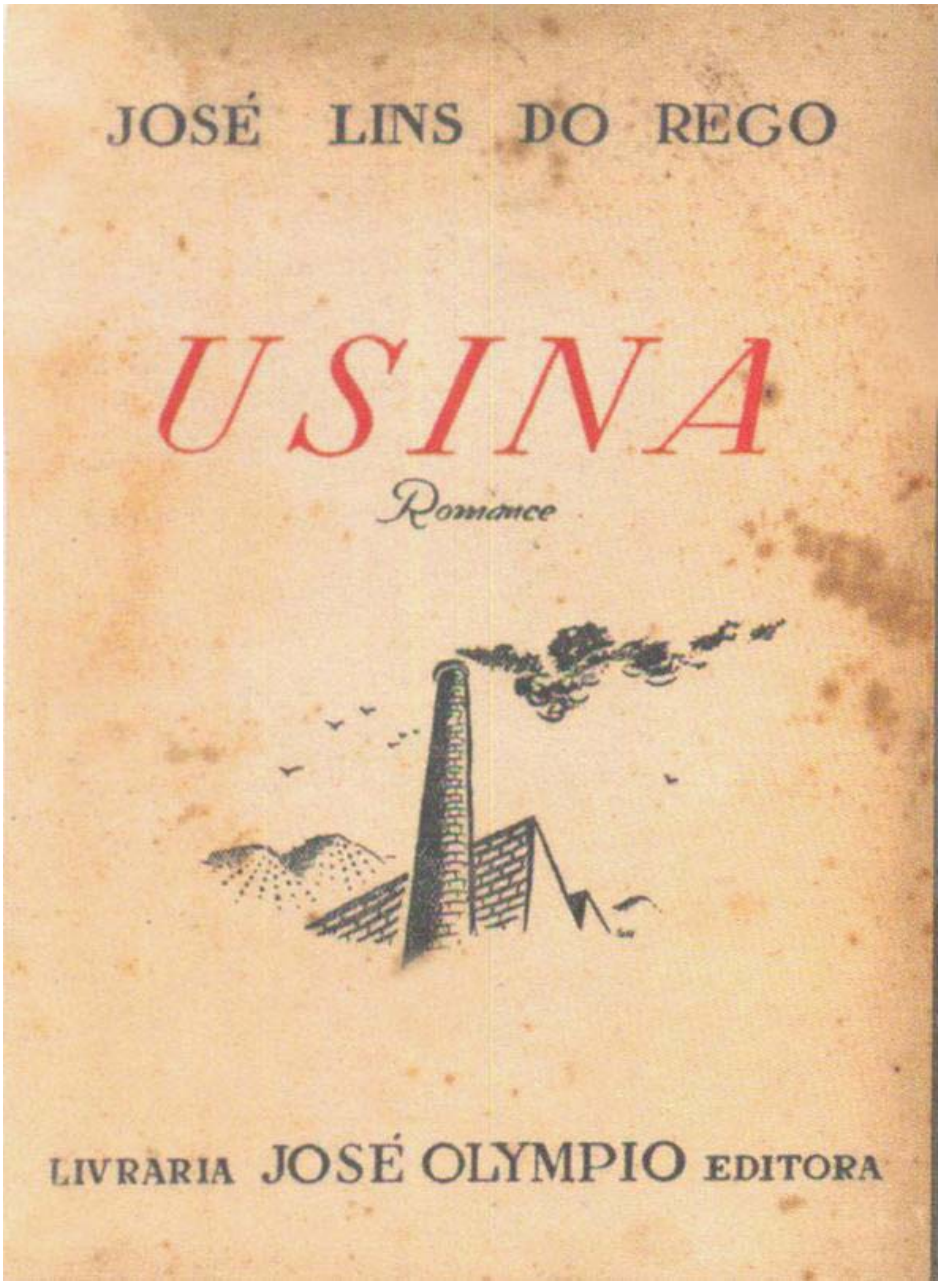


Figura 79: Capa de livro - Usina (1940) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Esta fase de Santa Rosa é marcada por uma grande elegância no uso dos recursos gráficos, o que se destaca não é tanto a ilustração que ainda permanece, mas sim a tipografia por ele empregada, tipos de letras mais alongadas e de hastes e

serifas[15] finas. Santa Rosa aplica como solução para a capa de Usina um leve itálico e também o imprime em vermelho. Ao observarmos a ilustração, verificamos que ela recebe um uso muito próximo de um frontispício[16] e o próprio layout de capa remete a folha de rosto, assim o projeto gráfico amplia ainda mais sua unidade, a capa não é mais uma ruptura quando comparada com o interior do livro, mais uma extensão do miolo. A seguir, a folha de rosto da segunda edição de Usina (Fig. 80):

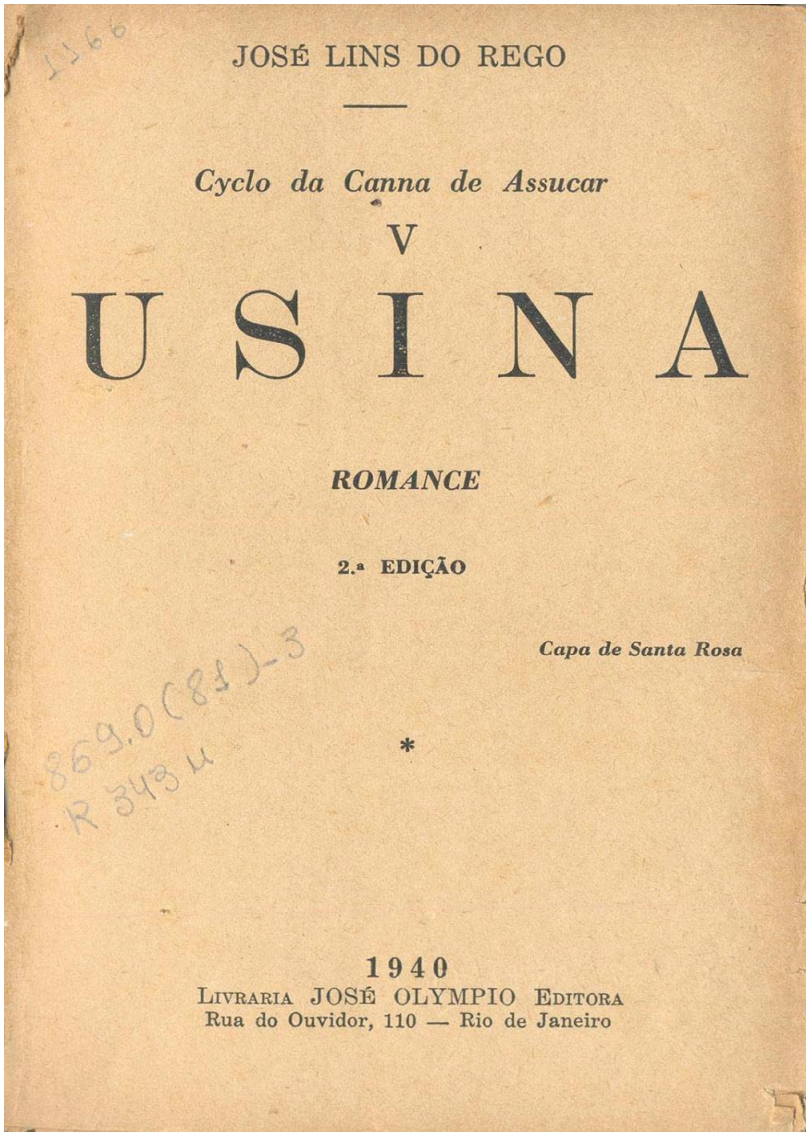


Figura 80: Folha de rosto de Usina – José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego

[15] Traço ou barra que remata cada haste de certas letras, de um ou de ambos os lados.
[16] Ilustração colocada na folha de rosto.

Na produção da segunda edição de Usina (1940), Santa Rosa, numa estética mais minimalista destaca os elementos da capa harmonizados entre si, com generosidade de espaços livres, constando em destaque seu nome como autor da capa, nesse momento já consagrado como produtor gráfico.

A Editora José Olympio era referência de época em grandes publicações. Santa Rosa, produzindo a uma década livros na Editora para o autor e amigo José Lins do Rego, trabalha mais uma vez numa obra que se tornaria uma das capas mais icônicas da literatura brasileira (BUENO, 2015), a capa de *Fogo Morto* (Fig. 81).

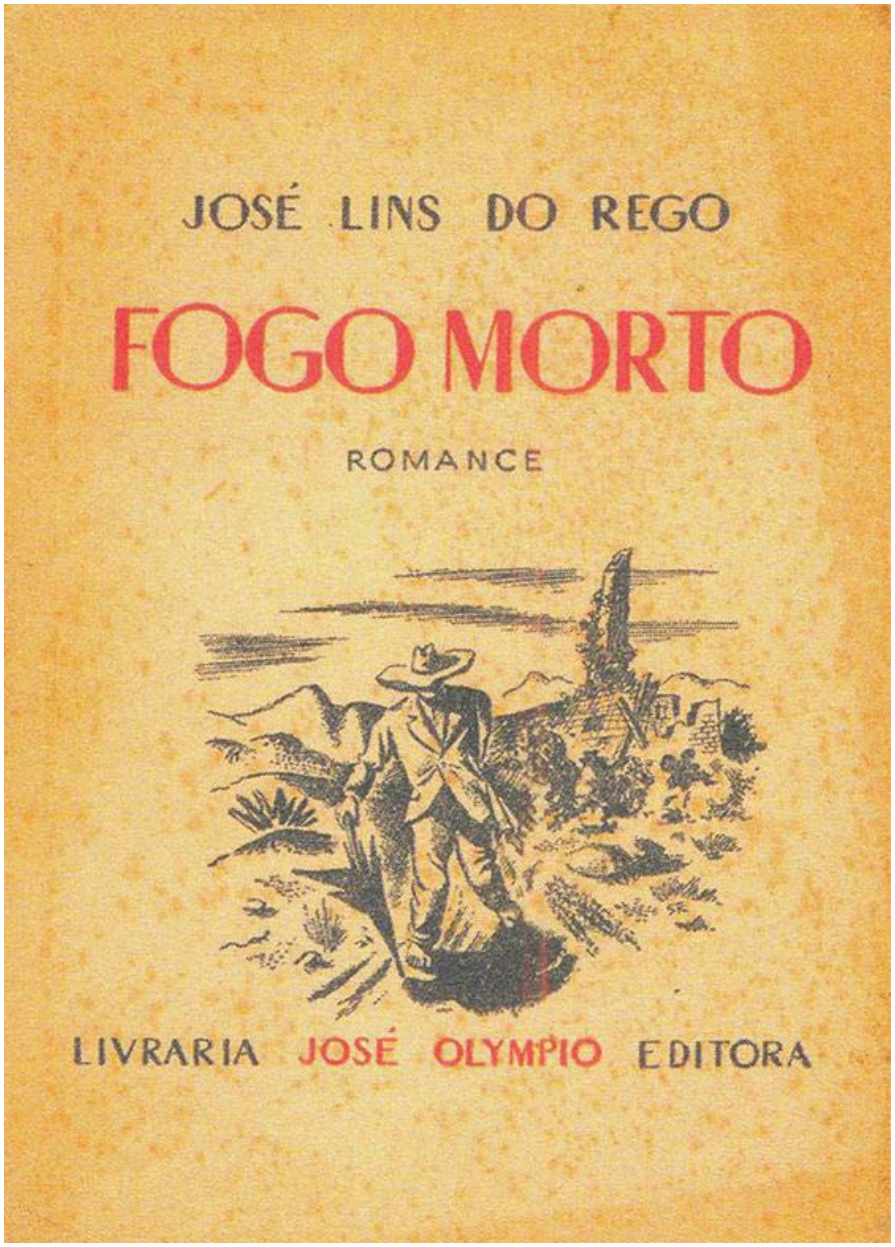


Figura 81: Capa de livro - Fogo Morto (1943) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Com um layout simplificado - estilo recorrente nessa fase de Santa Rosa -, a capa de *Fogo Morto* (1943) tem no seu topo o nome do autor, seguido do título do livro na cor vermelho, a tipografia do título é também sem serifa, característica expressiva que marca o estilo moderno de trabalhar com textos. O nome da editora também recebeu a cor vermelha.

Nesta obra, a ilustração é desenhada de forma livre, sem a utilização de molduras e sua forma tem nas linhas uma perspectiva que leva sutilmente para a representação do personagem da história. Santa Rosa optou, entre tantos grandes personagens descritos por José Lins do Rego no livro, por desenhar na ilustração de capa o mestre José Amaro, personagem que vive nas estradas e que, por isso, entra também em contato com outros que passam pelo caminho. A técnica do bico de pena é mantida, não mais com características de xilogravura, vemos agora um apuro cada vez maior nos detalhes dos desenhos, trazendo cada vez mais para uma representação da realidade.

O livro Fogo Morto recebe da crítica literária o reconhecimento de que é uma obra prima, um romance de perfil mais realista, que desde seu título já revela a realidade vivida no Nordeste brasileiro, onde a expressão fogo morto era para indicar os engenhos em decadência e inativos. A narrativa de Fogo Morto descreve as dificuldades vividas pelas pessoas a partir do declínio dos engenhos, tendo como exemplo o engenho de Santa Fé, localizado na zona da mata da Paraíba, a história desde o seu apogeu social e econômico até o apagar da última fornalha.

5.2 DO MISTICISMO AO CANGAÇO: SEGUNDO CICLO

Iniciando o chamado ciclo do cangaço em conjunto ao misticismo messiânico, é lançada mais uma importante obra de José Lins do Rego, *Pedra Bonita* (1938). Rica em personagens e com muitas histórias que são escritas em paralelo, Pedra Bonita revela até nos personagens secundários detalhes psicológicos realizados pelo autor com muita profundidade. A obra representa o próprio Nordeste com seus coronéis; santos; místicos; cantadores de viola, e conta a história do menino Antônio Bento. O

título do romance é o mesmo nome da cidade onde se passa parte da história e onde há duas grandes pedras, objeto de superstições de um povo.

As percepções são também um meio de decodificação da imagem. E para ler uma imagem, é preciso identificar cada elemento na estrutura dessa imagem, havendo assim a compreensão do conjunto como um todo. Para esse romance, Santa Rosa produziu um layout de capa correspondente à grandeza dessa obra literária (Fig. 82).

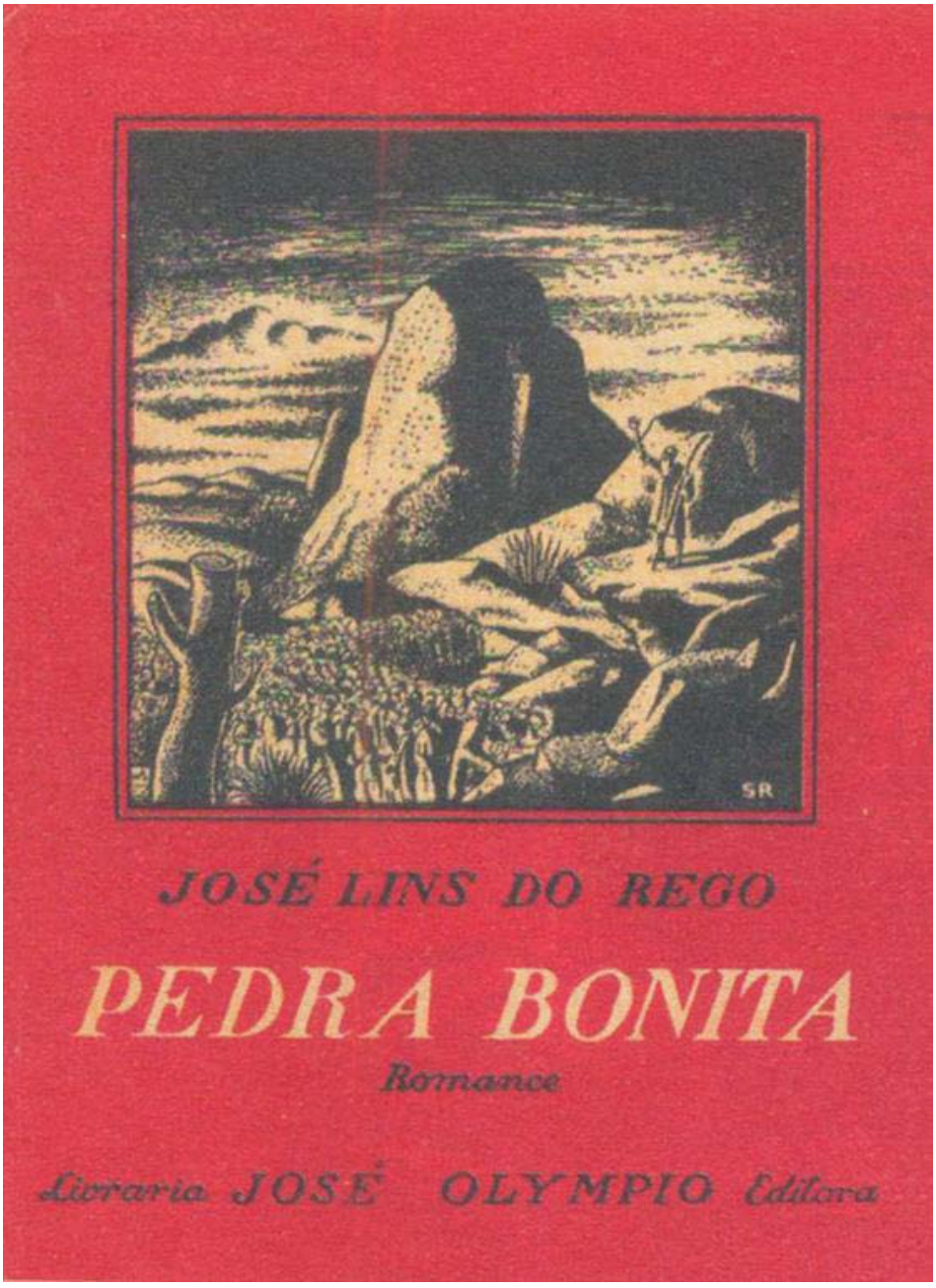


Figura 82: Capa de livro - Pedra Bonita (1938) - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

A capa se inicia com uma ilustração que retrata uma cena da história, mas desta vez Santa Rosa não faz recortes em closes, ele desenha um plano imenso com céu, o povo, o místico e as grandes pedras, correspondendo ao famoso levante ocorrido no século XIX.

Para a segunda edição de Pedra Bonita, havia se passado apenas pouco mais de um ano do seu lançamento, e a solução apresentada por Santa Rosa, para esta nova capa foi em manter muito do layout aplicado na primeira edição, conforme (Fig. 83):

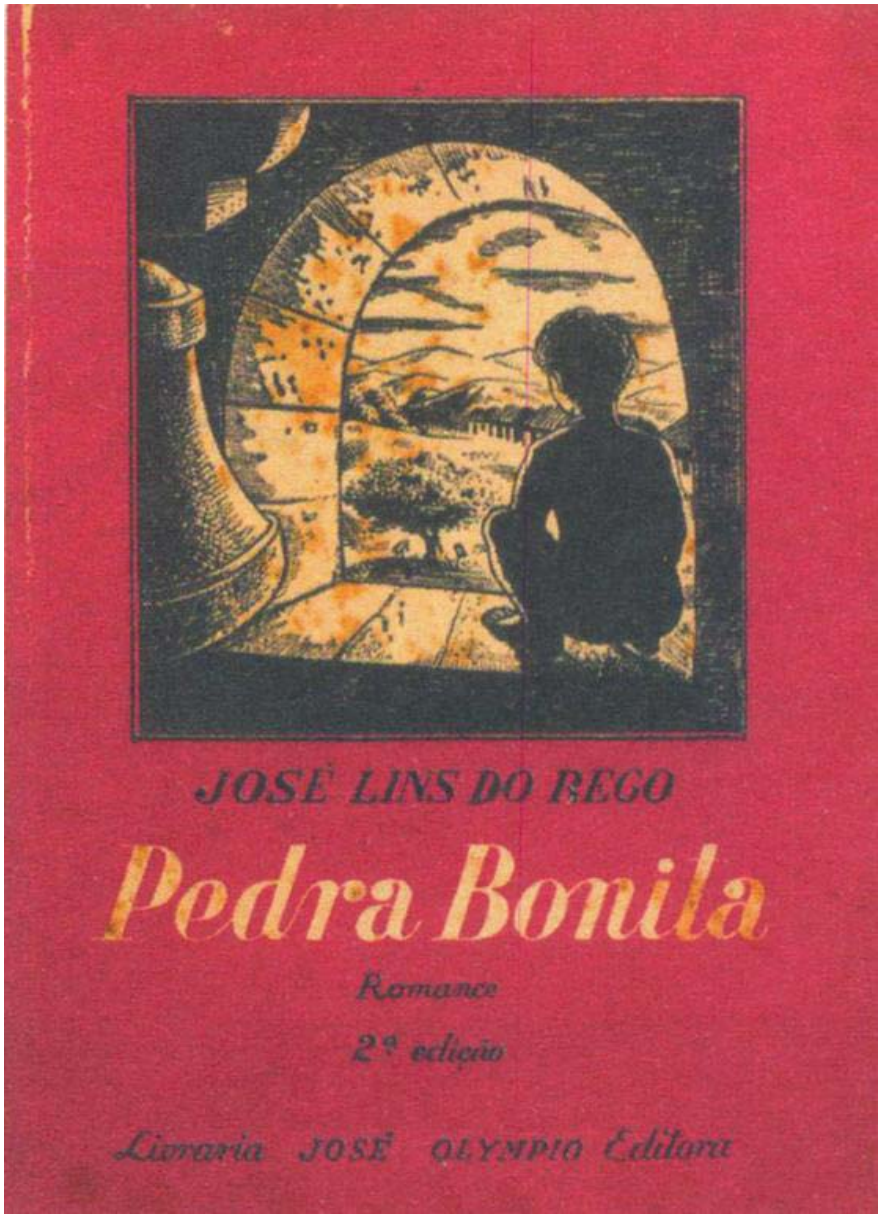


Figura 83: Capa de livro - Pedra Bonita (1939) - 2° Ed. - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

A ilustração ocupa mais da metade da área de capa, a técnica do bico de pena é mantida e o uso de pontilhados e sobras cria uma atmosfera de drama ao desenho, correspondendo ao enredo do livro. No uso da cor, segue o modelo da segunda edição de Menino de Engenho: a cor é aplicada de maneira maciça, colorindo toda a capa em um vermelho de tom quente, apenas a ilustração e o título não receberam cor, sendo mantido o branco do papel, e os demais textos de capa foram impressos em preto, com um alinhamento centralizado e agrupados na base da capa. A ilustração sugere uma leitura de cima para baixo, retratando o personagem principal, Antônio Bento, ainda menino, na torre da igreja a observar a cidade. As interpretações de Santa Rosa sempre destacam aspectos introspectivos das personagens de José Lins do Rego, em muitos momentos representando cenas de um estado de reflexão. O forte contraste de preto e branco no desenho proporciona um clima de drama que o protagonista carrega consigo. No uso dos textos, o destaque maior é para o título que em branco se sobressai sobre o vermelho, os demais elementos de texto como nome do autor, edição e editora tornaram-se mais discretos no conjunto.

Ainda no chamado Ciclo do Cangaço, José Lins do Rego escreve o livro *Cangaceiros* (1953), nele o autor continua a história de Bentinho, personagem do livro *Pedra Bonita* (1953). O enredo é desenvolvido na caatinga, no sertão nordestino, detalhadamente descrita pelo autor. A história trata da vida do personagem central em contato com seus vizinhos, as notícias de seu irmão cangaceiro, o seu relacionamento amoroso com Alice, além da esperança do capitão Custódio, que deseja vingança pela morte do seu filho pelos cangaceiros. Com a profundidade que marca o perfil psicológico de suas personagens, José Lins do Rego continua em Cangaceiros a mesma característica evidenciada nos dramas vividos por suas personagens, marcando a história do povo sertanejo.

Em Cangaceiros, a parceria na produção editorial dos livros de José Lins do Rego termina. Ao longo de mais de duas décadas Santa Rosa interpretou e sintetizou através das ilustrações, criadas para as capas, a imagem da obra de José Lins do Rego. A editorial de produção de Cangaceiros também teve um acabamento, rico em detalhes para um livro, sua encadernação foi também em capa dura com sobrecapa.

A sobrecapa é um tipo de acabamento que permite outras possibilidades de uso quanto à aplicação dos textos de capa. Santa Rosa de maneira criativa trata esse acabamento editorial como uma tela, e utiliza toda a extensão da sobrecapa com a ilustração, como podemos ver na (Fig. 84):



Figura 84: Capa de livro - Cangaceiros (1953) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Nessa obra, os textos de capa são empregados de maneira discreta no topo da capa, mesmo com o título na cor vermelha, compensado com a aplicação de uma tipografia de hastes finas, proporcionando um todo harmonioso, com outros elementos presentes na capa. A ilustração produzida para o livro Cangaceiros poderia figurar alguma tela do artista plástico Santa Rosa, o uso original da ilustração envolvendo a capa e a contracapa, apresenta três cangaceiros numa cena que lembra um momento de atenção, próximo a eles a típica vegetação da região de cactos. As cores são neutras de tons terrosos, conferindo um ar seco e quente, nos transportando imediatamente para a caatinga. O desenho é realizado com traços variando de finos a grossos, em litografia que permitiu uma detalhada e rica representação de uma cena da história criada por José Lins do Rego.

5.3 TEMÁTICA LIVRE: TERCEIRO CICLO

Santa Rosa durante sua carreira sempre demonstrou preocupação com o público, diversas atividades realizadas evidenciam isso, principalmente para o jornal *A Manhã*, no caderno Letras e Artes, em que demonstra seu interesse em formar e informar um público para as artes em geral, além disso, ministrou cursos no MAM do Rio de Janeiro. A ligação de Santa Rosa com o público infantil era visível, e o primeiro trabalho ilustrado para crianças foi um livro de Jorge Amado, *Descoberta do Mundo* (BUENO, 2015). Muitos dos livros infantis, ilustrados por Santa Rosa contribuíram para uma iniciação artística visual do público infantil, a maioria desses livros foi publicada pelas Edições Melhoramentos, Irmãos Pongeti Editore, e Livraria Francisco, mas o livro infantil que faz parte da obra de José Lins do Rego é *História da Velha Totonia* (1936), publicado pela Editora José Olympio. A infância de José Lins do Rego é revisitada nessa obra.

A descrição que o autor faz da velha Totonia, é de uma velha bem velha e magra, que vive contando histórias de Trancoso. As histórias presentes no livro revelam um ambiente de sonho, fantasia e aventura, muito ligado ao folclore e lendas da região Nordeste. É um livro destinado ao público infanto-juvenil, e cada história traz um ensinamento em seu desfecho. Um livro amplamente ilustrado por Santa

Rosa, onde cada ilustração ilumina a cena narrada pelo autor. As ilustrações variam em riqueza de detalhes e formas, levando o leitor a aprofundar-se nesse universo mágico, por meio das Histórias da Velha Totonia, como podemos conferir na ilustração a seguir:

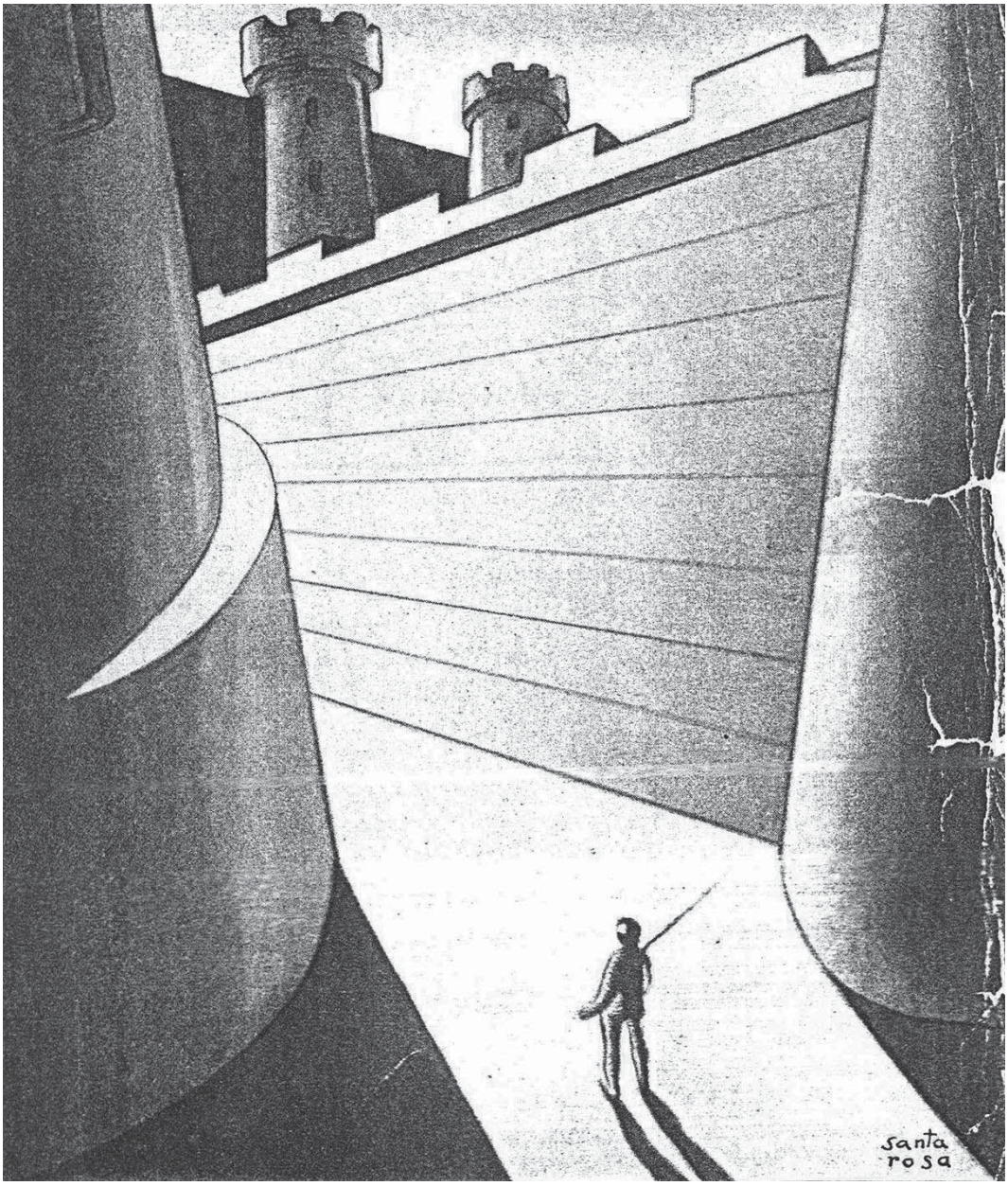


Figura 85: Ilustração de Histórias da Velha Totonia - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

A capa do livro Histórias da Velha Totonia (Fig. 86) traz algumas inovações técnicas realizadas por Santa Rosa: o formato do livro é de proporção mais quadrada, modificando a tradição mais retangular para livros. Este formato mais próximo de

um quadrado valoriza ainda mais as ilustrações presentes no interior do livro, o que demonstra uma importância maior juntamente com os textos.

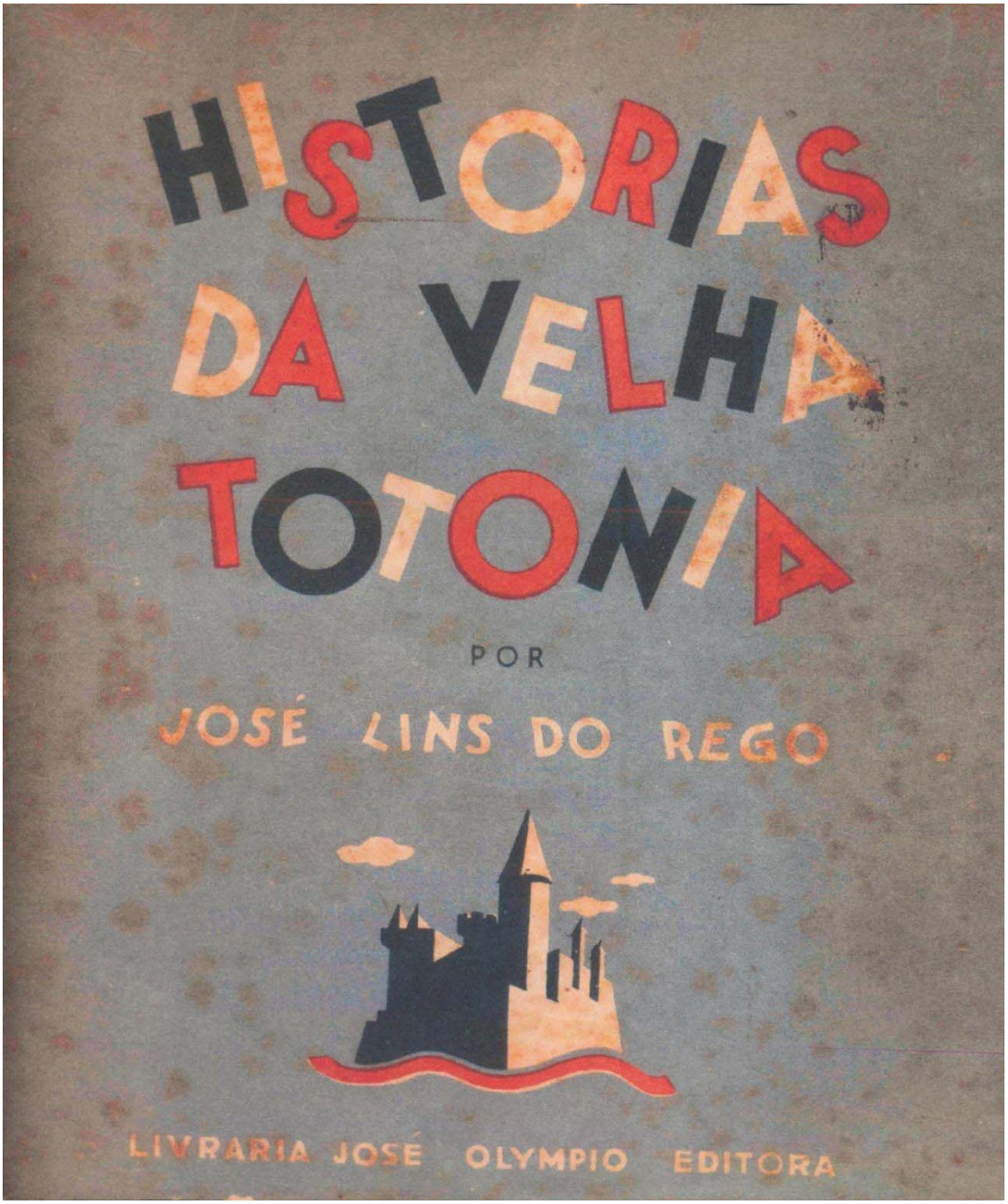


Figura 86: Capa de livro - Histórias da Velha Totonia (1936) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Nessa capa, Santa Rosa trabalhou em muito com a tipografia realizando um jogo de itálicos com movimentos para a direita e esquerda, alternando as cores em azul, vermelho e branco, sendo o branco a cor própria do papel, e o nome do autor

intercala uma ilustração antes do nome da editora. A ilustração é sutil, mas não menos expressiva, diante de um título relativamente extenso, e bem trabalhado em detalhes e formas. Nessa ilustração de capa, Santa Rosa ainda trouxe um castelo de formas simples mas com um recurso de luz e sombra que nos proporciona uma sensação de profundidade, além de pequenas nuvens ao redor do castelo.

A produção literária de José Lins do Rego seguia com o bom gosto e apurado senso gráfico de Santa Rosa. Após os seis romances do chamado Ciclo da Cana de Açúcar (Menino de Engenho, Doidinho, Banguê, O Moleque Ricardo, Usina, e Fogo Morto), e Ciclo do misticismo e do cangaço (Pedra Bonita e Cangaceiros), surge o livro *Pureza* (1937), pertencente ao Ciclo Temática Livre, abarcando uma renovação na narrativa, que passa agora a ser mais introspectiva, sendo que as transformações também se deram na paisagem onde a história é narrada.

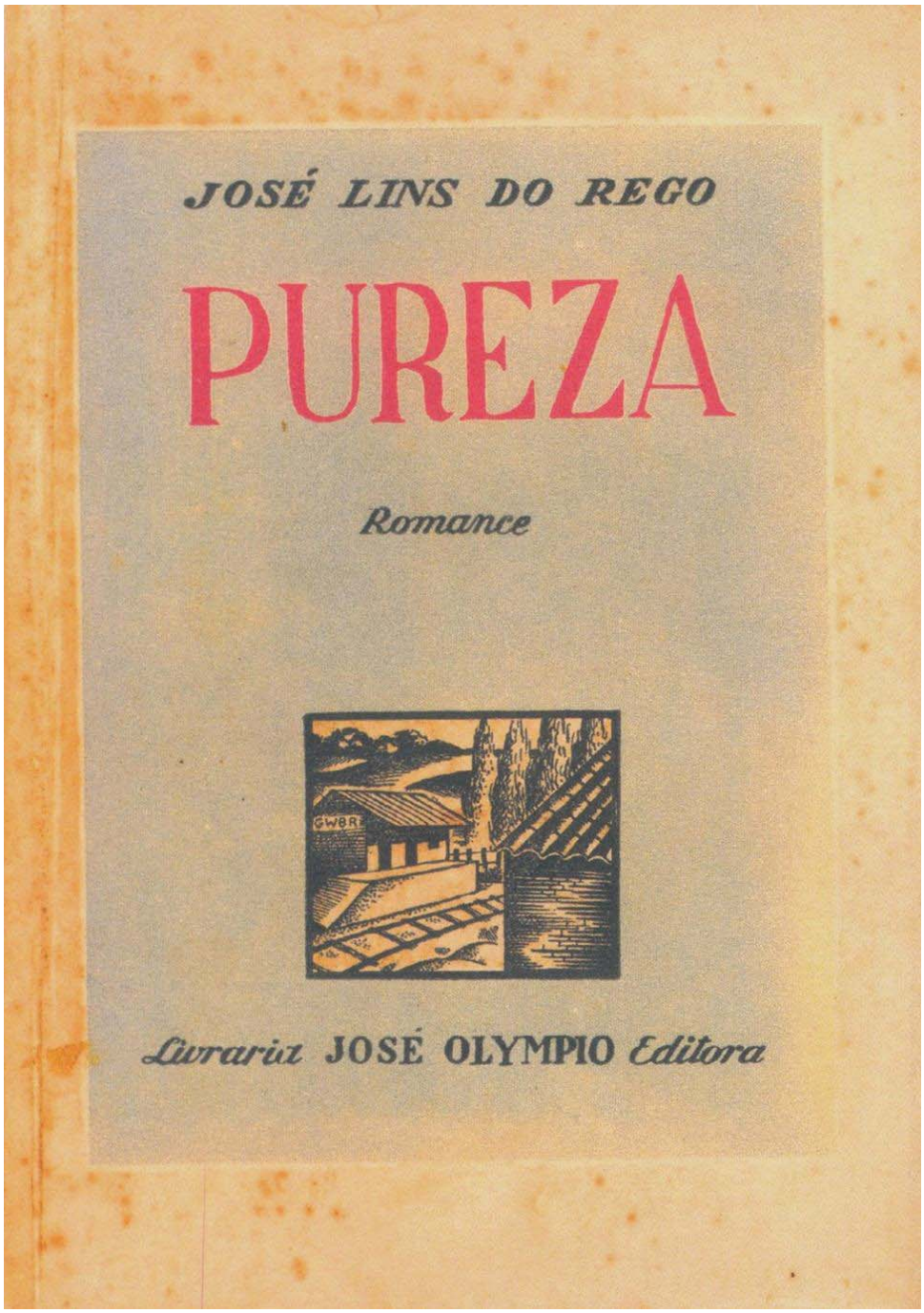


Figura 87: Capa de livro - Pureza (1937) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Na primeira edição dessa obra, o romance tem em sua capa um suave tom de azul celeste colorindo o retângulo, numa referência direta a cor dos olhos de Margarida, personagem central na trama. Em Pureza, Santa Rosa retoma o estilo proposto para os livros de José Lins do Rego, tendo como intervalo desses romances, as Histórias da Velha Totonia, uma grande produção gráfica e original para o público infanto-juvenil. O retângulo de cor aplicado na capa recebe todo o texto de capa,

desde o autor até a editora, nele é distribuído e estruturado esse texto de forma centralizada, com grande destaque o título impresso na cor vermelha e todo, em caixa alta. A ilustração em bico de pena retrata a estação de trem, cenário importante na narrativa. Segue a ilustração da segunda edição do livro Pureza (Fig. 87):

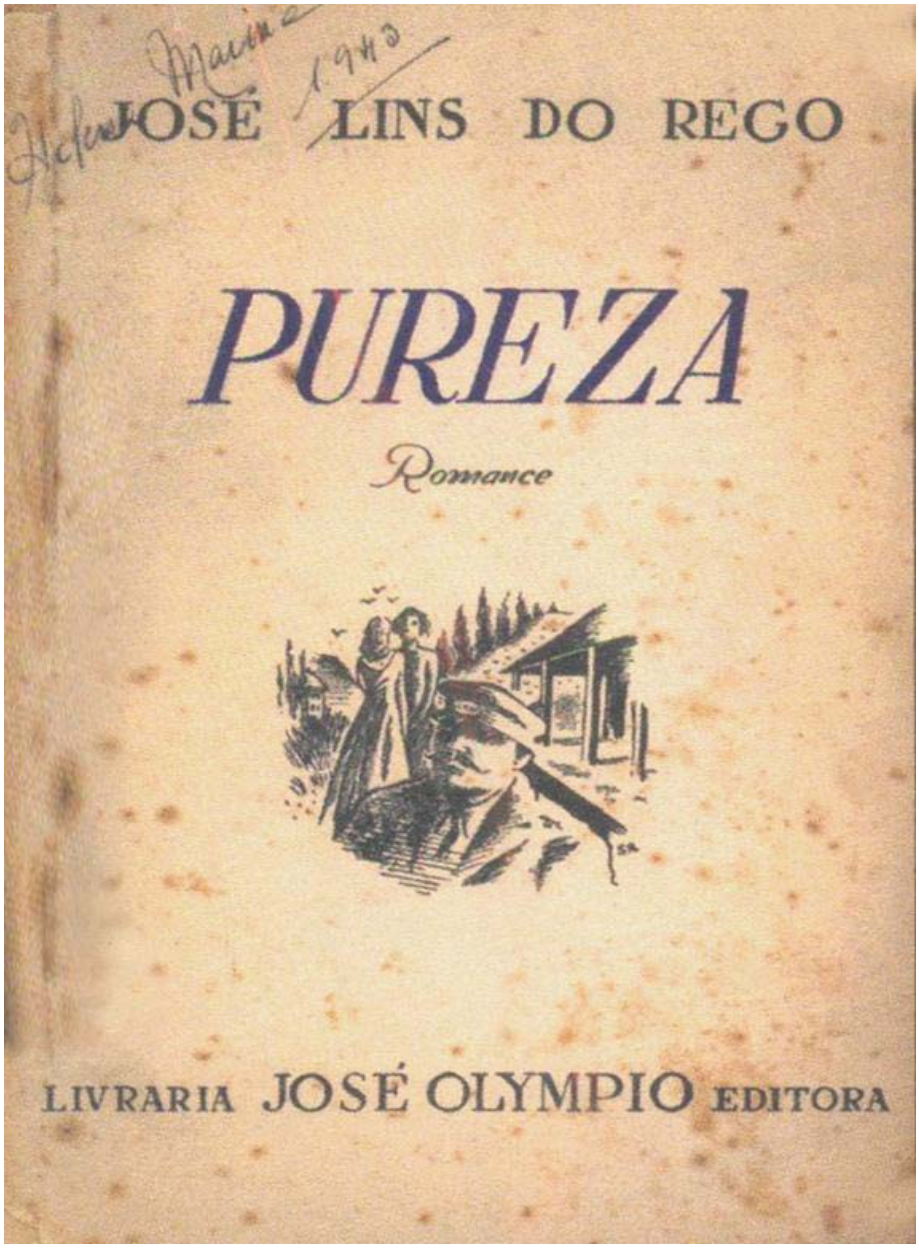


Figura 88: Capa de livro - Pureza (1940) - 2° Ed. - José Lins do Rego.
Fonte: BUENO, 2015.

Na capa da segunda edição de Pureza, Santa Rosa manteve a sua estética mais purista, utilizada pela primeira vez, na segunda edição de Usina. Assim iniciava um novo estilo de capa, sem grandes massas de cor; os textos e tons são mais

uniformes e o uso mais sutil na aplicação da ilustração, sem utilizar no desenho de enquadramento, mantendo os contornos das figuras desenhadas mais livres. Apresenta em primeiro plano uma das personagens principais, concentrando todo o drama narrado na história (BUENO, 2015): o chefe da estação de trem; à direita está a estação que se chama Pureza e dá título ao livro; e à esquerda está o casal protagonista da história, cercado de uma paisagem repleta de natureza, onde uma vasta vegetação e pássaros emolduram o casal.

Seguindo o ciclo, Temática Livre, surge o oitavo romance na obra de José Lins do Rego, *Riacho Doce* (1939), considerado pela crítica literária da época o apogeu de seu conjunto ficcional lançado até aquele momento. A narrativa começa em um cenário distante, do que era comum para o autor, a primeira parte do romance se passa na Suécia, até aportar no litoral brasileiro de Alagoas, onde se desenvolve a trama na praia de Riacho Doce que nomeia o livro. O romance entre uma mulher de origem europeia e um brasileiro marca o romance, um elogio à mestiçagem, repleto de lirismo tropical. São apresentados também os problemas sociais gerados pela exploração do petróleo, tais como o desapego das tradições, a busca pela riqueza e outros conflitos numa terra antes só de pescadores, unidos ao núcleo do caso amoroso de Edna e Nô.

Na produção gráfica de Riacho Doce, Santa Rosa utiliza a cor amarela, aplicada em toda a extensão da capa, remetendo o leitor diretamente ao sol da praia nordestina, cenário principal da história. Os textos da capa são agrupados na sua parte inferior, tendo como de maior tamanho o título, impresso em cinza, uma solução técnica necessária. Em outras produções de capa, Santa Rosa utilizou a cor branca do próprio papel, mas o branco não proporcionaria contraste para leitura do título, acertadamente, o cinza manteve o conjunto de textos mais harmônicos.

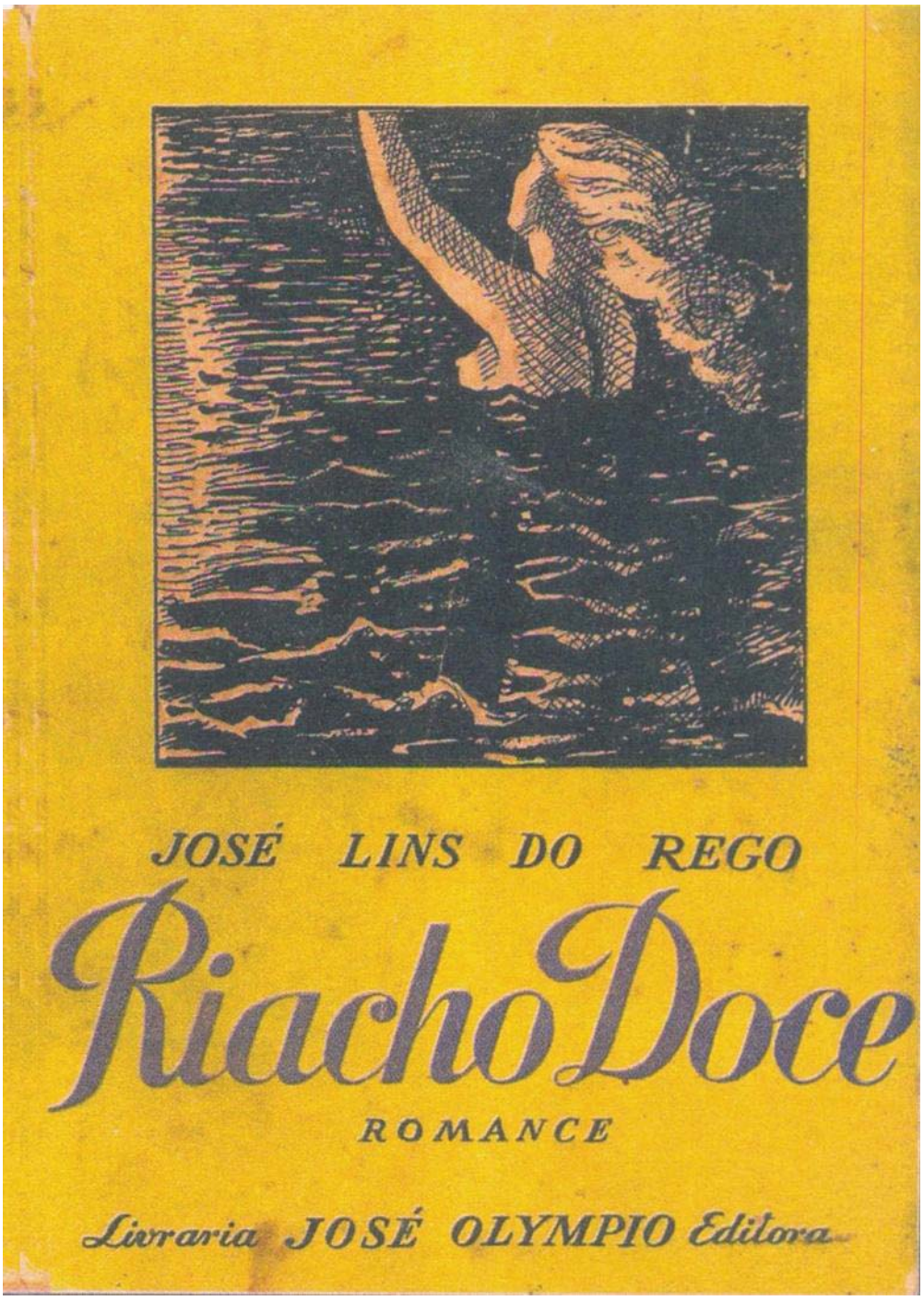


Figura 89: Capa de livro - Riacho Doce (1939) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Acima de todo o texto de capa, a ilustração da capa do livro Riacho Doce, ocupa uma grande área, nela Santa Rosa desenhou o que podemos chamar de "a sua Vênus das capas" para José Lins do Rego. A história do livro termina com um suicídio, este fim trágico foi o tema desenhado em bico de pena, mas apenas a leitura do livro revela este segredo, pois a técnica de traços cruzados cria contrastes de claro

e escuro que proporcionam leveza à cena. Ao contemplarmos a ilustração, o que vemos é apenas uma mistura da personagem: Edna com o mar, como em um banho.

O primeiro livro de José Lins do Rego, em que a história não mais se passa no nordeste brasileiro tem como título *Água-Mãe* (1941), sendo portanto do eixo de temática livre, agora a história se desenvolve no Rio de Janeiro na cidade de Cabo Frio, as margens da lagoa Araruama. Nesta obra José Lins do Rego apresenta três de forma representativa através de três famílias, as classes sociais da sociedade, sendo uma família rica, uma média e uma pobre. Na primeira parte do livro o autor se detém a apresentar todas as venturas e desventuras nas quais as famílias passam em seu cotidiano. A presença de uma casa azul assombra o imaginário dos personagens do romance, cercada de lendas, desde uma mulher de vestes brancas a um tesouro escondido no interior da casa.

No romance *Água-Mãe* (1941), Santa Rosa que nas ultimas produções para os livros do seu amigo José Lins do Rego, havia adotado um estilo mais sutil nos usos dos elementos de capa, adotou em *Água-Mãe* (1941) soluções consagradas de outras publicações. Percebemos o retorno do uso da ilustração sem o enquadramento em caixa, mas dessa vez com as margens livres em um uso amplo na área de capa, quase metade do espaço.

Em conjunto com a ilustração a tipografia aplicada no título se destaca pelo uso da cor rosa e na sua forma por ter seu corpo dividido. Os demais textos da capa seguem aplicados na cor preta, mas o nome da editora foi também utilizada a cor rosa, o que acaba criando uma curiosa relação.

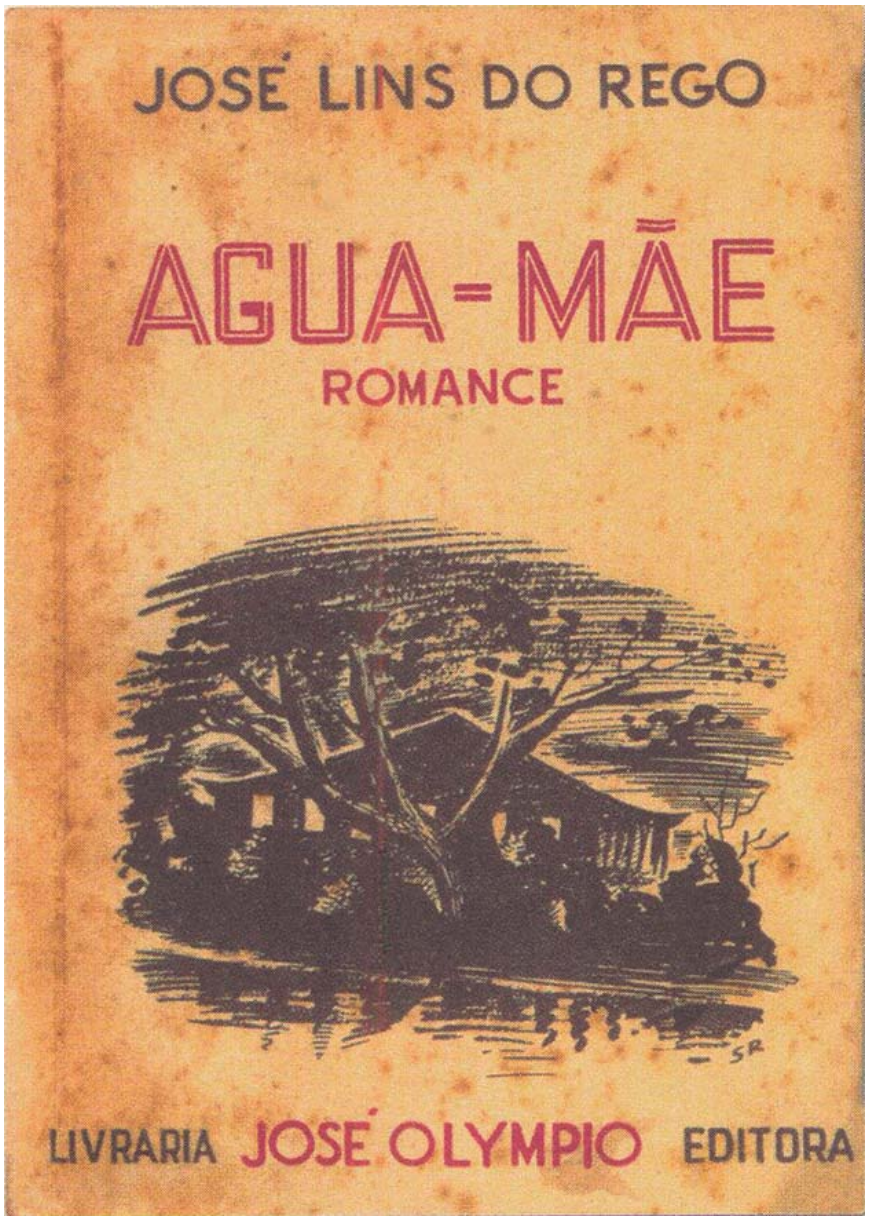


Figura 90: Capa de livro - Água-Mãe (1941) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

A ilustração desenhada por Santa Rosa, colabora com o clima de mistério que o autor descreve a visão dos personagens da casa. Uma frondosa arvore se apresenta discreta no desenho sua copa se integra e define o céu, em segundo plano a casa azul, é desenhada em seus cotornos e com grandes janelas, percebemos também que o lago Araruama é percebido pelos reflexos na base da ilustração.

Santa Rosa escolheu um dos elementos de realidade mais fantástica da história do livro para ilustrar o nono romance de José Lins do Rego, tornando cada

vez mais intensa essa característica da obra do autor, através da visualidade das ilustrações produzidas por Santa Rosa em cada capa de seus livros.

Em *Eurídice* (1947), o terceiro livro do ciclo Temática Livre, José Lins do Rego buscou inspiração na mitologia grega para nomeá-lo. Trata-se de um romance que descreve em profundidade as vivências emocionais da personagem principal, Julinho, que também é narrador. A história conta desde o seu despertar para a vida até o drama do assassinato da sua amada, Eurídice. Nessa obra, José Lins do Rego deixa de explorar as temáticas regionalistas, datando o desenvolvimento da trama, bem na segunda metade da década de 1930.

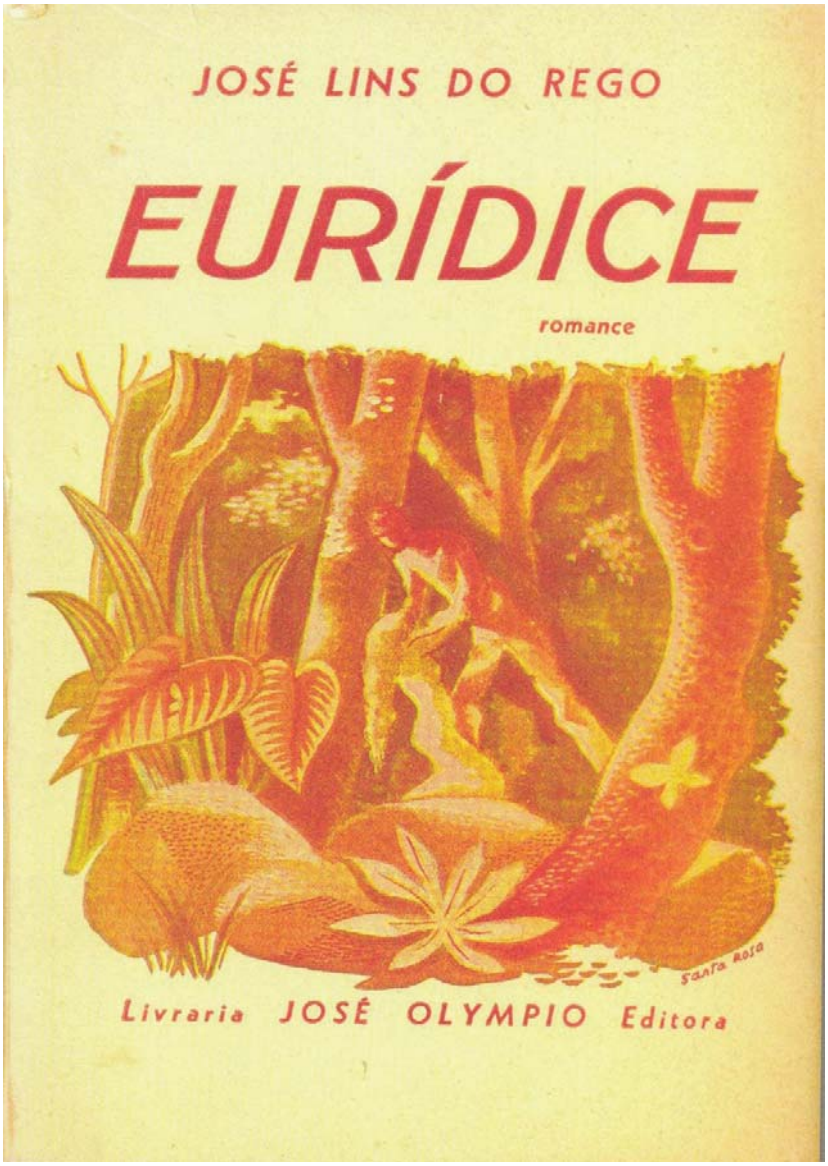


Figura 91: Capa de livro - Eurídice (1947) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego.

Antes do lançamento de Eurídice, José Lins do Rego trabalhou em outros três livros, esses de caráter mais biográfico e de crítica literária, os quais Santa Rosa não produziu, provavelmente por não pertencerem a publicações da Editora José Olympio. A primeira edição de Eurídice recebeu um acabamento superior, feito em capa dura com sobrecapa. Santa Rosa produziu uma ilustração que rompeu com sua própria tradição para os livros de José Lins do Rego, a técnica do bico de pena foi substituída por outra, que permitiu à ilustração o uso de cores e meio tons, a litografia[17], uma técnica que desde o século XVIII tem importância histórica e seu aperfeiçoamento deu origem à outra técnica, amplamente usada, o Offset[18] (OLIVEIRA, 2002).

A ilustração feita em litografia, utilizada por Santa Rosa, ocupa uma área de mais da metade da capa, desenhada em tons de vermelhos, laranjas e verdes. Sem a utilização de molduras, a ilustração tem seus lados livres, de acordo com o próprio desenho. O texto da capa é distribuído desde o topo com o nome do autor, o título em uma tipografia sem serifa e na base da capa, e após a ilustração o nome da editora, tudo em vermelho, o que criou uma unidade cromática à capa. Nela Santa Rosa desenha um dos pontos altos da história criada por José Lins do Rego, o assassinato da trama, trabalhando a cena de maneira sutil, misturando os personagens com uma rica vegetação. Na base da ilustração no canto inferior direito, a tímida inscrição SR agora segue completa com nome do artista: Santa Rosa.

A ilustração das capas foi o foco deste capítulo e pode ser considerada um dos vértices da produção de Santa Rosa, pois envolve o processo de leitura, o leitor e a imagem, trazendo o leitor para dentro do livro pelo encantamento que as imagens proporcionam.

---

[17] Processo de reprodução que consiste em imprimir sobre papel, por meio de prensa, um escrito ou um desenho executado com tinta graxenta sobre uma superfície calcária ou uma placa metálica, ger. de zinco ou alumínio.

[18] Processo planográfico cuja essência consiste em repulsão entre água e gordura (tinta gordurosa). O nome off-set - fora do lugar - vem do fato da impressão ser indireta, ou seja, a tinta passa antes por um cilindro intermediário (blanqueta).

6 ARTE FINAL: ACABAMENTOS

Santa Rosa evidencia em seus traços, e foram tantos, que figura um universo de vida, e as suas adversidades foram para ele dolorosas sim, e muito, mas também molas propulsoras, que o mantiveram em movimento constante, lendo, desenhando, pintando, escrevendo e produzindo cenários e cultura, sempre com um interesse, vivo e constante, como de uma criança que vê o mundo pela primeira vez. Suas limitações geográficas e econômicas não puderam conter sua imaginação, amplamente alimentada pela sua sensibilidade e polida como pedra que já fora lapidada muito antes, na infância, onde seu talento artístico precoce era já percebido.

Na análise da produção técnica e artística impressa de Tomás Santa Rosa percebemos de forma clara, ainda que prismada pela produção específica dos livros na obra do escritor José Lins do Rego, grande parte de sua memória autobiográfica, através de suas criações artísticas nos livro. Essas produções são expressões claras de sua mente de artista, do homem que pulsava moderno e, em parte, também diríamos pós-moderno, diante das solicitações que a ele eram feitas diante de tantas áreas criativas nas quais atuou, com tanta sensibilidade e dedicação escrevendo sua própria vida, sua escrita de si.

Santa Rosa era um homem que amava a leitura; lia não apenas para entender os livros, mas para compreender a vida. E amava tanto a literatura, que indo trabalhar na sua produção, correspondeu a criar a face do livro moderno brasileiro do início do século XX no Brasil. Era mesmo um grande leitor, sua produção editorial proposta em nossa pesquisa situada na obra do também paraibano José Lins do Rego, revelou tanto na feitura na técnica do livro, no tocante ao formato bem dimensionado, uso correto da tipografia interna, cuidado nas margens e acabamentos, como também na capa do livro que em si, sintetizava a obra literária. Dito certa vez, pelo próprio José Lins do Rego a Santa Rosa, as ilustrações nas capas de seus livros trazem a sensibilidade artística a serviço da literatura. Com os recursos dispostos em seu tempo, Santa Rosa acreditava que cada técnica artística aplicada na criação da capa transmitia uma emoção, e delas fez uso sob seu domínio das mais diversas, tais como: o burril, a água-forte, a ponta-seca, o verniz mole, a água tinta, a

gravura sobre metal, a litografia e a xilogravura, amplamente utilizada por ele nas mais diversas aplicações de cores e formas, captando com precisão na imensidão de frases e imagens da obra literária de José Lins do Rego, uma correspondência que expressasse o mesmo sentimento ou ainda mais luz nos mistérios das palavras, tal como iluminuras da idade média, agora ao modo moderno na visão do artista.

Ao mapear a produção técnica e artística de Tomás Santa Rosa na obra de literária de José Lins do Rego, percebemos um legado e uma fusão de identidades onde as imagens artísticas criadas por Santa Rosa para os livros tinham tão grande sensibilidade, equilíbrio, graça e força que mesmo o tempo, o mercado editorial e os novos leitores têm umbricados esses dois grandes mestres.

Com grande expressividade na centésima edição de Menino de Engenho, como se pode ver a seguir (Fig. 92)., uma homenagem da ilustração de Santa Rosa, dessa vez produzida pelo designer Victor Burton[19]. Além de ampliar a ilustração desenhada por Santa Rosa na segunda edição de Menino de Engenho em 1934 (Fig. 73), considerou também o uso de uma massa de cor, marca criada por Santa Rosa como elemento gráfico que unia visualmente os livros de José Lins do Rego. Revelando assim o que Santa Rosa acreditava ser o milagre do livro, onde continuidade, preservação, comunhão de ideias e sentimentos são eternizados como chamas vivas do espírito humano, sua arte em muito contribuiu para essa longevidade dos livros tocados por ele, sobretudo na obra de José Lins do Rego.

Uma característica do movimento artístico-filosófico no Romantismo é a história da arte, e está fortemente presente nas interpretações de Santa Rosa na obra de José Lins do Rego, que é marcada por personagens de profunda realidade psicológica. A característica é uma visão de mundo centrada nos sentimentos. expressada sob a forma de personagens cujo desenho se traduz em rostos pensativos, introspectivos ou em cenas de forte carga emocional.

---

[19] Nasceu no Rio de Janeiro em 1956. Iniciou sua carreira na editora Franco Maria Ricci de Milão, na Itália, país em que residiu de 1963 a 1979, e onde criou suas primeiras capas para a editora Il Formichiere, em 1977. No Brasil desde 1979, vem se dedicando ao design gráfico na área editorial e de produções culturais, destacando-se a longa colaboração com diversas editoras, entre as quais Companhia das Letras, Record, Objetiva, Ediouro e Nova Fronteira. Já criou mais de 3 mil capas e duzentos projetos de livros de luxo.

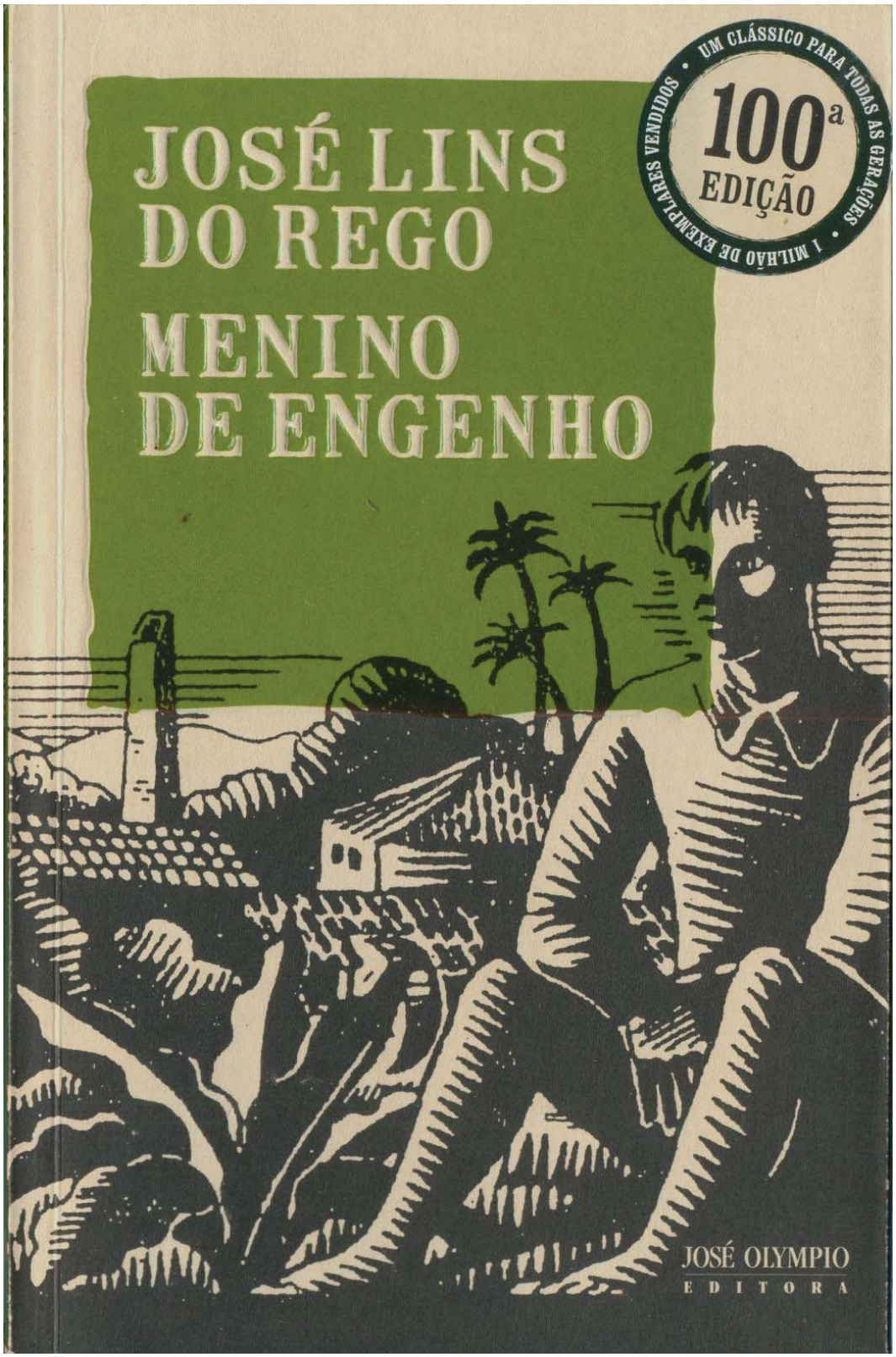


Figura 92: Capa de livro - Menino de Engenho, 100º Edição (2015) - José Lins do Rego.
Fonte: Museu José Lins do Rego

Santa Rosa era sim um romântico também ao se expressar nas cartas enviadas para José Simeão Leal. Deparamos com sua memória autobiográfica,

presente em cada linha destas cartas, escritas em um período que compreende diversos momentos de sua trajetória, desde seu "exílio" - forma como se referia ao período que morara em João Pessoa na Paraíba até sua chegada na cidade do Rio de Janeiro, local onde sua carreira profissional atingiu grande expressividade e relevância nas artes do livro, plásticas e até mesmo do teatro.

Nas missivas a José Simeão Leal conhecemos as angústias vividas por um artista que ainda não encontrou seu público, um homem que produzia arte para respirar, alguém que buscava nos livros e na música inspirações para prosseguir em um cenário, completamente desfavorável para a expressão artística, no caso de Santa Rosa o Banco do Brasil. O amigo e confidente, José Simeão Leal, e também fiel apoiador e incentivador, com quem Santa Rosa trocava suas descobertas culturais e não hesitava em solicitar auxílio nas mais diversas necessidades.

A cada nova carta, descobrimos a profundidade do conhecimento intelectual de Santa Rosa, demonstrado em muitas citações que faz desde a física até a literatura, porém é mesmo nas artes plásticas que ele mais evidencia seus interesses, revelando que o seu ecletismo é fruto de uma investigação que ainda não tinha terminado bem, como de seu estado de espírito, então para cada estado de espírito um estilo artístico poderia expressar melhor seus sentimentos.

Ainda que pudéssemos chamar de breve a trajetória de Santa Rosa, vemos claramente quando associamos o conteúdo presente nas cartas, onde vemos grande parte do seu eu desvelado. Nas cartas enviadas por ele a José Simeão Leal pudemos contemplar a origem da sua brilhante produção impressa nos livros de José Lins do Rego, já em um momento mais maduro e estável, vemos um artista completo, consciente de seus desafios, atento e sensível as transformações sociais e tecnológicas do seu tempo e sim profundamente sincero de suas convicções, suas verdades, as quais a defendia como que ama e é amado pela arte que fez.

Tomás Santa Rosa Júnior, Tomás Santa Rosa, Santa Rosa, S. R., ou simplesmente Santa, múltiplos nomes para uma personalidade tão rica em talento e tão profícuo em obras, construiu matéria prima do mais alto valor social e estético, ele que antes se queixou de em sua época não ter acesso à produção cultural, presente nos centros do nosso país. Assim, ao analisar sua vida e memórias,

percebemos que ele mesmo se fez cultura, em áreas artísticas das mais diversas, "espalhou-se", como diziam seus amigos mais chegados. Estudar sua vida e obra, sempre permitirá novas descobertas e, assim Santa vai renascendo diante dos olhos de cada pesquisador.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Brenda Alves de. **Informações epistolares: memórias em envelopes**. 2014. Dissertação – (Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa: 2014. 188f.

ARNHEIM, Rudolf**. Arte e percepção visual***:* uma psicologia da visão criadora. 12. ed. ver. e ampl. São Paulo: Pioneira, 2005.

ARGAN, Giulio C. **Arte moderna**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1992.

ARÓSTEGUI, Julio. **A pesquisa histórica**: teoria e método. Bauru: Edusc, 2006.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998.

_____. Arquivar-se: a propósito de certas práticas de autoarquivamento. Arquivos pessoais. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN. **Arquivos pessoais:** reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013. p. 45-54.

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **Informação, patrimônio e memória**: diálogos interdisciplinares, João Pessoa: Editora da UFPB, 2016.

AZEVEDO NETTO, Carlos Xavier de. **Informações e Memória**: as relações na Pesquisa. História em Reflexão**,** Dourados, v. 1, n. 2, p.1-20, jul./dez. 2007.

BARSANTE, Cássio Emmanuel. **A vida ilustrada de Santa Rosa**. Rio de Janeiro: Fundação Banco do Brasil, Bookmakers, 1993.

_____. **Santa Rosa em cena**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Artes Cênicas, Coleção Memória, v.2, 1982.

BOPP, Raul. 1998. **Poesia completa**. São Paulo: José Olympio; EDUSP.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 40.ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1994.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças dos velhos. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo. Companhia das letras, 1989.

_____. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 6.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005. p. 183- 191.

BUENO, Luís. **Capas de Santa Rosa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2015.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CARDOSO, Rafael. **O design brasileiro antes do design:** aspectos da história gráfica, 1870-1960. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

_____. **Uma introdução à história do design.** 3.ed. São Paulo: Editora Blucher, 2008.

CARPEAUX, Otto Maria. **Ensaios reunidos**: 1942-1978. Rio de Janeiro: UniverCidade Editora/ Topbooks, 1999.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da literatura ocidental.** 2. ed., Rio de Janeiro: Alhambra, 1978.

CARVALHO, Aluizio Victor de Souza. **Os projetos gráficos da revista do patrimônio**: trajetórias do design e do Iphan. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Rio de Janeiro, 2013.

CARVALHO, Ana Isabel Silva. **A capa de livro: o objeto, o contexto, o processo**. Porto: Universidade do Porto, 2008.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. **A inconstância da alma selvagem, e outros ensaios de antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

CATÁLOGOS das artes. **Obras de Santa Rosa**. Disponível em: <http://www.catalogodasartes.com.br/Lista_Obras_Biografia_Artista.asp?idArtista=309&txtArtista=Tomas%20Santa%20Rosa%20Junior%20-%20Tomas%20Santa%20Rosa>. Acesso em: 17 jun. 2017.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CELLARD, A. A análise documental. In: POUPART, J. et al. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis, Vozes, 2008.

COLI, Jorge. **O que é arte**. 8.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DEMPSEY, Amy. ***Estilos, escolas & movimentos:*** guia enciclopédico da arte moderna. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

FONTANA, Josep. **História**: análise do passado e projeto social. Bauru: Edusc, 1998.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e escritos:** ética, sexualidade e política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FRASER, Tom; BRANKS, Adam. **O guia completo da cor**. São Paulo: Senac, 2010.

_____. A escrita de si. **O que é um autor**? Lisboa: Passagens, 1992.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas, sinais**: morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. Representação: a ideia, a palavra, a coisa. In: GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 85-103.

GOMBRICH, Ernst Hans. **História da arte**. São Paulo: LTC, 1999.

GOMES, Ângela de Castro (Coord.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de janeiro: FGV, 2004.

GUEDES, Diogo. Memória. Capas e artes gráficas de Santa Rosa são resgatadas em livro. **Arquivo Tomás Santa Rosa Júnior/ Divulgação.** Publicado em 12/04/2016. Disponível em: <http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cultura/literatura/noticia/2016/04/12/capas-e-artes-graficas-de-santa-rosa-sao-resgatadas-em-livro-230576.php>

GULLAR, Ferreira. **Etapas da arte contemporânea:** do cubismo ao neoconcretismo. São Paulo: Nobel, 1985.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**. São Paulo: A. Queiroz/EDUSP, 1985.

HENDEL, Richard. **O design do livro**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

KIRSTEIN, Lincoln. **The Latin-American. Collection of the museum of modern aArt**. New York: The Museum of Modern Art, 1943.

LEITE, João de Souza (org.). **A herança do olhar**: o design de Aloísio Magalhães. Rio de Janeiro: SENAC/Rio, 2003.

LEJEUNE, Philipe. **O pacto autobiográfico***:* de Rousseau à internet. Organização: Jovita Maria Gerheim Noronha. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

_____. O guarda memória. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.10, n. 9, p. 111-119, 1997.

LIMA, Edna Lúcia Cunha; FERREIRA, Márcia Christina. **O livro brasileiro dos anos trinta,** 1998.

LOUSADA, Wilson. Breve notícia. Vida de José Lins do Rego. In: REGO, José Lins do. **Menino de Engenho**. [1932], 8. ed. RJ: José Olympio, 1965.

MILLER, Daniel. **Trecos, troços e coisas**. Rio de Janeiro. Zahar, 2013.

MACHADO, Ardevan. **Perspectiva**. São Paulo: Mcgraw Hill do Brasil, 1974.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, **Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade?** Cad. Saúde Públ., Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/sep, 1993.

MOLIÈRE. A escola dos maridos; **O marido da fidalga.** 3 ed. São Paulo: Martins Fontes., 2005. 218 p.

MORIN, Edgard. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

MORIN, Edgard. Inter-poli-transdisciplinaridade. **A cabeça bem feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. 15.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA, Bernardina Maria Juvenal Freire. de. **José Simeão:** escritos de uma trajetória**.** Tese de doutorado (Programa de Pós-graduação em Letras) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. 2v.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil.** São Paulo: Ática, 1998.

PANOFSKY, Erwin. **Significado nas artes visuais**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

PASSERINI, Luisa. **A memória entre política e emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011. (Coleção Ideias).

PESAVENTO, Sandra. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.15, n.29, 1995.

POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v.5, n.10, p. 200-212, 1992.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1932.

_____. **Doidinho**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ariel Editora, Ltda. 1933.

_____. **Bangu**ê. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1934.

_____. **O moleque Ricardo.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935.

_____. **Usina.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

_____. **Histórias da velha Totonia**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1936.

_____. **Pureza**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1937.

_____. **Pedra bonita.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938

_____. **Riacho doce.** Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1939.

_____. **Água mãe**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1941.

_____. **Fogo morto.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943.

_____. **Eurídice.** Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1947

_____. **Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1953

REGO, Jose Lins do. **Fogo morto**. [Prefácio de Otto Maria Carpeaux], Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1943, 363p.

ROSA, Tomás Santa. **Roteiro de arte**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Saúde, 1952.

SCOTT, Rober Gillan. **Fundamentos del diseño**. [S.l.]: Editorial Victor Leru. Cap. 9 - Profundidade e ilusão plástica, 1970.

SOUZA, Edinilsa Ramos et al. **Construção dos instrumentos qualitativos e quantitativos**. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; ASSIS, Simone Gonçalves; SOUZA, Edinilsa Ramos. **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005.

TINEM, Nelci; BORGES, Lúcia. Ginzburg e o paradigma indiciário. XXII ANPUH Nacional. In: **XXII Simpósio Nacional de História**, 2003, João Pessoa. História, acontecimento e narrativa. João Pessoa: ANPUH/UFPB, 2003.

VENTURELLI, Suzete. **Arte**: espaço-tempo-imagem. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

ZAGURY, Eliane. **Escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1982.

ANEXOS

ANEXO A

CATÁLOGO CORRESPONDÊNCIAS/ NDIHR

REMETENTE : TOMÁS SANTA ROSA JUNIOR

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P19.C3 0568 (carta 01)	**Tomás Santa Rosa Junior** Parahyba	Simeão, meu amigo	1931	25/02	Comenta realização de provas de concurso do Banco do Brasil; pede ajuda de Simeão para nomeação em concurso; pede que fale com MOZIUL MOREIRA LIMA sobre o assunto; avisa que recebera os livros.	CARTA; man; 02 fls; 21,5 x 25,5 cm.
A1.G1.P19.C3 0569	**Tomás Santa Rosa Junior** Banco do Brasil, Recife - PE	Meu pesadíssimo Simeão	1931	01/08	Reclama da falta de notícias; faz comentário sobre "passagens do baixo meretrício"; pergunta por MOZIUL; avisa de carta que mandará com artigo de THÉO [BRANDÃO] sobre crenças.	CARTA BILHETE; man; 01 fl; 12,8 x 19,1 cm.
A1.G1.P20.C1 0570 (carta 02)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Meu presado Simeão	1931	18/08	Pede que avise chegada da "Lyrica", que pretende ouvir em companhia de Simeão; avisa que está com seu caderno de contos; pede que resolva questão do concurso para Banco do Brasil; comenta leitura.	CARTA; man; 01 fl; 22,0 x 30,0 cm.
A1.G1.P19.C3 0571 (carta 03)	**Tomás Santa Rosa Junior** [Club Commercial]	Querido Simeão	1933	20/10	Comunica sua chegada e comenta visita a lugares de São Paulo.	CARTA; man; 01 fl; PTC; 15,5 x 21,6 cm.
A1.G1.P20.C3 0572 (carta 04)	**Tomás Santa Rosa Junior**	Dr. Simeão Leal, Departamento do Serviço Público João [illegible]	1944	24/01	Avisa recebimento de carta.	TELEGRAMA; 01 fl; bordas rasgadas; 21,5 x 12,2 cm.
A1.G1.P20.C3 0573 (carta 05)	**Tomás Santa Rosa Junior**	José Simeão Leal, diretor do DEIP. João Pessoa - PB	1944	07/ ?	Avisa que enviara carta sobre painéis que realizará e pede que responda com urgência.	TELEGRAMA; 01 fl; bordas rasgadas; 23,2 x [illegible] cm.
A1.G1.P20.C3 0574 (carta 06)	**Tomás Santa Rosa Junior**	Velho Simeão	1949	24/02	Explica-se por não ter ido despedir-se de Simeão; transcreve carta de [ROBERTO] ASSUMPÇÃO sobre sucesso de Revista Cultura e futuras colaborações; avisa que providenciara tarefas deixadas 0591 por Simeão; fala da felicidade de "ZORRO" e sobre carnaval.	CARTA; dat; 01 fl; 20,2 x 26,8 cm.

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P20.C3 0575 (carta 07)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Caro Simeão	1949	13/03	Envia recorte de artigo de MAURICIO DE MEDEIROS e que a ele mandara 2 números de Arquivos; avisa de dificuldade em conseguir fio de gravar e entrega de originais da revista.	CARTA; dat; 01 fl; 20,6 x 26,5 cm.
A1.G1.P19.C3 0576 (carta 08)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Á Comissão Organizadora da Exposição de Educação	1949	21/07	Comunica viabilidade de proposta de mostra de Educação de Base e propõem que fique sob sua responsabilidade a completa ordenação dos trabalhos	CARTA; dat; 01 fl; 21,8 x 33,0 cm.
A1.G1.P19.C3 0577 (carta 09)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Meu caro Simeão	1951	26/01	Comunica escolha de SIMÕES FILHO para o Ministério; fala sobre incêndio no Hotel Rex e perdas pessoais; comenta andamento de trabalhos e situação política.	CARTA; man; 01 f fotocópia; 19,9 x 26,9 cm.
A1.G1.P20.C1 0578 (carta 10)	**Tomas Santa Rosa Junior** [1ª Bienal de São Paulo, Museu de Arte Moderna]	Caro Simeão	1951	-	Avisa sua chegada em São Paulo; envia páginas para catálogo; comenta júri de Bienal; pede que RAMIRO consiga Catálogo de Veneza e que arrume 2.000,00 para Nelly.	CARTA; man; 01 fl; PTO; 20,8 x 27,7 cm.
A1.G1.P20.C1 0579 (carta 11)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão	-	03/01	Divaga sobre seu trabalho no banco; pergunta pelo que tem feito; avisa que ZEAUTO escreverá.	CARTA; man; 03 fls; 7,3 x 16,4 cm.
A1.G1.P20.C1 0580 (carta 12)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão	-	19/01	Reclama da falta de notícias e pede que escreva.	CARTA; dat; 01 fl; 14,5 x 14,1 cm.
A1.G1.P20.C2 0581 (carta 13)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão meu amigo	-	Jan.	Comenta carta de Simeão; lamenta vida medíocre e sufocante de funcionário público; fala sobre feitura da revista e de artigo nela publicados.	CARTA; man; 02 fl; 21,3x 26,5 cm.
A1.G1.P20.C2 0582 (carta 14)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão	-	17/02	Comunica sua transferência para Maceió; fala sobre sua angústia, decepção e desejo de não desembarcar em Maceió e seguir viagem até o Rio; pede que Simeão o ajude.	CARTA; man; 01 fl; 13,9 x 21,7 cm.
A1.G1.P20.C2 0583 (carta 15)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Meu caro Simeão	-	Fev.	Avisa que ALFREDO, pai de Simeão, perguntara por ele; fala sobre satisfação com vida; pede que procure peça de Ibsen "HEDDA GABLER"	CARTA; man; 02 fls; 10,7 x 32,8 cm.

A1.G1.P20.C2 0584 (carta 16)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão amigo João Pessoa -	-	Fev.	Escreve do correio e justifica não envio de carta prometida pela falta de tempo.	BILHETE POSTA

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P20.C2 0593 (carta 28)	**Tomas Santa**	Simeão, meu amigo	-	Out.	Divaga sobre a falta de assunto e descreve os objetos que o cercam.	CARTA; man; 01 fl; 16,0
A1.G1.P20.C2 0594	**Tomas Santa**	Nazareno, meu amigo	-	Out.	Avisa o recebimento de carta de Simeão e fala sobre as circunstâncias em que a recebeu; avisa que PERYLLO D'OLIVEIRA segue para Alagoa do Monteiro.	CARTA; man; 01 fl; 16,0
A1.G1.P20.C2 0595 (carta 20)	**Tomas Santa**	Simeão, meu amigo	-	Nov.	Pergunta se Simeão já lera e indica o livro "Cathedral da arte" de CAMILLE MAUCLAIR.	CARTA; man; 03 fls; 19,4
A1.G1.P20.C2 0596 (carta 21)	**Tomas Santa**	Meu caro Simeão	-	Nov.	Comunica prisão de colega de banco, FABIO AZEREDO COUTINHO, envolvido com movimento revolucionário, e pede para Simeão ajuda para conseguir um aumento nos rendimentos.	CARTA; dat; 01 fl; 21,2 x 27,6 cm.
A1.G1.P20.C2 0597 (carta 22)	**Tomas Santa**	Simeão, meu amigo	-	10/12	Avisa que soube de sua gripe por carta de ALUISIO; fala sobre seus desenhos e as últimas leituras; comunica viagem para o Rio de "amada"; relembra assunto de última carta; pergunta se já esteve com o FUJITA.	CARTA; dat; 01 fl; 21,9 x 27,9 cm.
A1.G1P20.C3 0598 (carta 29)	**Tomas Santa** [Maceió - AL]	Simeão amigo	-	26/12	Fala sobre filme de JOAN CRAWFORD, "Quando o mundo dança", comenta o uso da música pelo cinema e invenção dos IRMÃOS LUMIÈRE; pergunta por assunto de seu interesse.	CARTA; man; 04 fls; 21,4 x 27,9 cm.
A1.G1.P20.C2 0599 (carta 30)	**Tomas Santa** [Rio de Janeiro - RJ]	Meu caro Simeão	-	-	Comunica recebimento de carta e telegrama e fala sobre desejo de visitar terra; fala sobre fundação de grupo "Os Comediantes" e cita montagens realizadas na temporada; sobre seus planos para novas montagens; fala sobre trabalho para Simeão em tempera o ovo; pede foto de maternidade para onde será feito trabalho; avisa que enviará fotos de seus trabalhos.	CARTA; man; 02 fls; 21,4 x 38,0 cm.

A1.G1.P20.C3 0600 (carta 31)	**Tomas Santa**	Caro Simeão	-	-	Envia por ADEMAR livros; comenta falta de noticias de Simeão; comenta entusiasmo pela seleção brasileira de futebol e derrota para seleção italiana por 2 x 1; envia abraço de GLORINHA.	CARTA; dat; 01 fl; 16,3 x 22,1 cm.

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P20.C3 0601 (carta 32)	**Tomas Santa Rosa Junior** [Maceió - AL]	Meu caro Simeão	-	-	Reclama de falta de noticias; fala de seu desejo de viver no Rio de Janeiro e desencanto por trabalho em banco e Maceió; transcreve 3 poemas: Improviso nº 3, Madrigal e Recordações da Via Appia; pergunta por Moziul.	CARTA; man; 03 fls; 10,6 x 27,8 cm.
A1.G1.P20.C3 0602 (carta 33)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão meu amigo	-	-	Fala sobre seu interesse em preencher vaga e transferência para Niterói; fala de seu desânimo pela cidade e entusiasmo por uma "pequena".	CARTA; dat e man; 01 fl; frágil, apresenta perda de suporte; 21,4 x 27,3 cm.
A1.G1.P20.C3 0603 (carta 34)	**Tomas Santa Rosa Junior.**	Simeão meu amigo	-	-	Faz uma descrição poética sobre a luz matinal e uma leitura sobre FREUD; divaga sobre o tédio, sobre cidade e sobre as pessoas.	CARTA; man; 01 fl; frágil, apresenta perda de suporte; PTP; 21,2 x 27,3 cm.
A1.G1.P20.C3 0604 (carta 35)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão	-	-	Comenta apresentação musical de D. SOFIA DEL CAMPO, apresentação de artistas no 3º Salão de Bellas Artes de Pernambuco e interpretação de Elisa Coelho; fala sobre possibilidade de operação na garganta e participações em programas do Radio Club; avisa que ZÉ AUTO enviou poemas seus para publicação em Alagoas.	CARTA; man; 04 fls; 20,0 x 27,9 cm.
A1.G1.P20.C3 0605 (carta 36)	**Tomas Santa Rosa**	Simeão	-	-	Apresenta GERT MALMGREN [?] que necessita de fotografias.	CARTÃO DE VISITAS; man; 01 fl; 9,6 x 6,0
A1.G1.P20.C3 0606 (carta 37)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Caro Simeão	-	-	Fala sobre visita a Itália, Espanha e seus museus; comenta interesse dos jornais franceses por seus trabalhos; fala sobre conferência da UNESCO; pergunta por viagem de Simeão, por CELSO [CUNHA] e manda abraço para FLÁVIO de AQUINO.	CARTA; man; 01 fl; acompanhada por fotocópia; 15,9 x 23,3 cm.

A1.G1.P20.C3 0607	**Tomas Santa Rosa Junior**	Meu caro Zé de Alfredo	-	-	Envia requerimento para ser juntada a certidão.	CARTA; man; 01 fl; 16,0 x 23,1 cm.
A1.G1.P21.C1 0608 (carta 38)	**Tomas Santa Rosa Junior.** [Livraria José Olympio Editora] [Rio de Janeiro -	Meu caro Simeão	-	-	Diz ter recebido noticias suas pelo VALDEMAR; avisa que não pode sair do Rio por causa do Ministério da Agricultura; pede que verifique sua situação militar e procure certificado; dá noticias de amigos e pergunta sobre passagem de Simeão por Maceió.	CARTA; man; 01 fl; PTC; 21,2 x 27,7 cm.

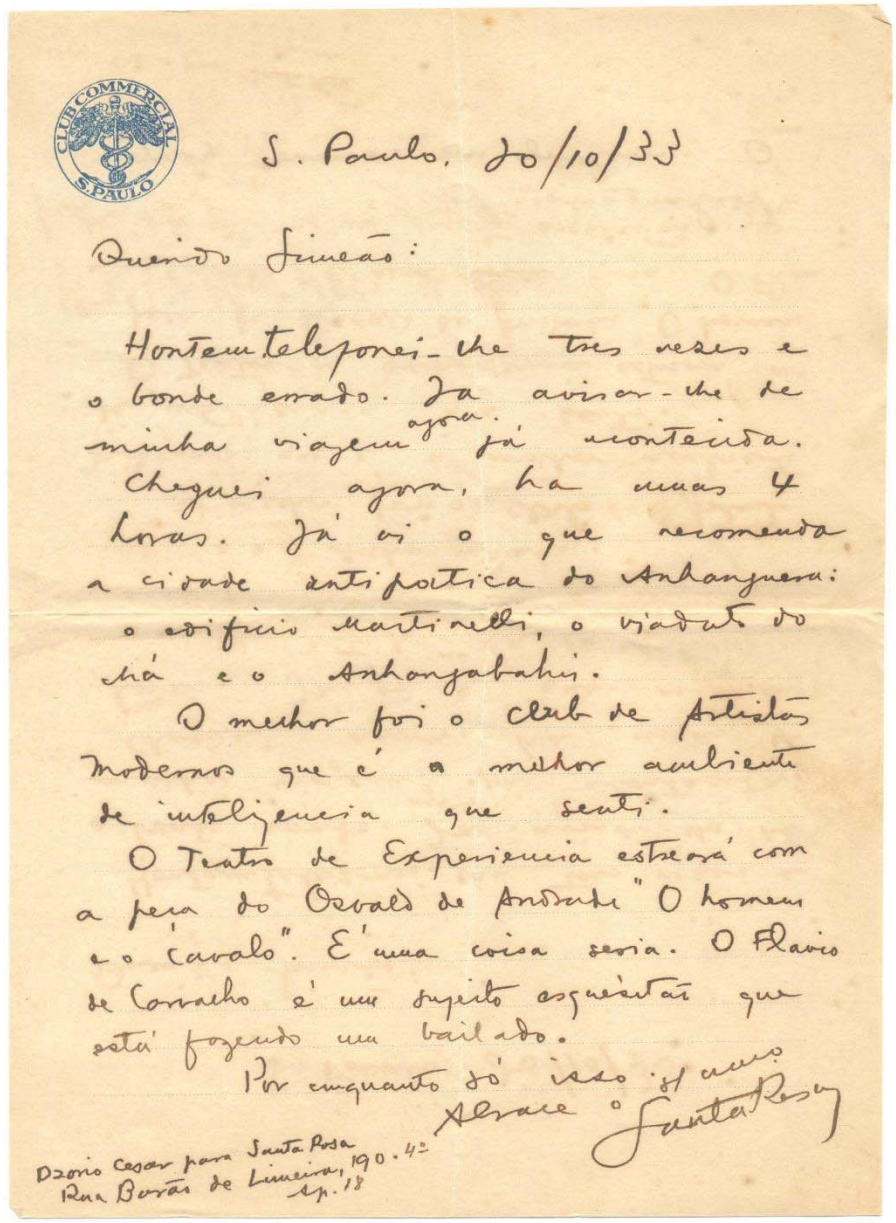
Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P21.C1 0609 (carta 39)	**Tomas Santa Rosa Junior.**	José Simeão r	-	-	Fala sobre seu trabalho no Banco; e envia-lhe alguns poemas de sua autoria para apreciação de Simeão.	CARTA; man; 03 fls; português e francês; 11,3 x 15,0 cm.
A1.G1.P21.C1 0610 (carta 40)	**Tomas Santa Rosa Junior** Banco do Brasil,	Simeão meu amigo	-	-	Fala sobre trabalho, possibilidade de férias e de transferência para Rio; comenta vida em Maceió e rotina diária; faz comentário sobre livros que tem lido e desenhos feitos; fala sobre seu desejo de trabalhar com a linha e a cor e que assistira "Tabu".	CARTA; man; 01 fl; 14,0 x 21,7 cm.
A1.G1.P21.C1 0611 (carta 41)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeão	-	-	Avisa que o procurou e comenta sobre os ingressos	CARTA; man; 01 fl; 10,0 x 16,0 cm.
A1.G1.P21.C1 0612 (carta 42)	**Tomas Santa Rosa Junior** [Serviço Aéreo Condor]	Meu caro Simeão	-	-	Fala de motivo que o impediu de despedir-se de Simeão; pede que escreva a NELSON; comenta cotidiano no Rio de Janeiro e peça "Boheme".	CARTA; man; 01 fl; 14,0 x20,5 cm.
A1.G1.P21.C1 0613 (carta 43)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Simeao, Meu amigo	-	-	Informa que recebeu o número de revista "Ilustration" e tece comentários a respeito. Comunica que trabalhou na decoração carnavalesca do Cassino de Olinda. Dá noticias do amigo ZEAUTO. Ainda, informa que está compondo um plano de evasão" e desabafa que esá sendo hostilizado ostensivamente pelos seu gostos culturais.	CARTA; man; 02 fls; 21,5 x27,7 cm.

A1.G1.P21.C1 0614 (carta 44)	**Tomas Santa Rosa Junior**	Meu caro Simeão	-	-	Comunica sua transferência para Maceió e o transtorno que sofrerá por não dispor de tempo para colocar em ordem seus negócios.	CARTA; man; 02 fls; 20,0 x 26,8 cm.
A1.G1.P21.C2 0615	**Zéauto** Recife - PE	Caro Zé Simeão	[1929-30 ?]	29/ ?	Comenta incidente com Correios local; reclama da falta de tempo e saudade.	BILHETEPOSTAL; man; 01 fl; 13,5 x 8,9 cm.

ANEXO B

CARTAS DE TOMÁS SANTA ROSA JUNIOR PARA JOSÉ SIMEÃO LEAL

Carta n. 03, p 1



CLUB COMMERCIAL S. PAULO

S. Paulo, 20/10/33

Querido Fineas:

Hontem telefonei-lhe tres vezes e o bonde errado. Ja avisar-lhe de minha viagem agora já reconhecida.

Cheguei agora, ha umas 4 horas. Já vi o que recomenda a cidade antipoetica do Anhanguera: o edificio Martinelli, o viaduto do chá e o Anhangabahu.

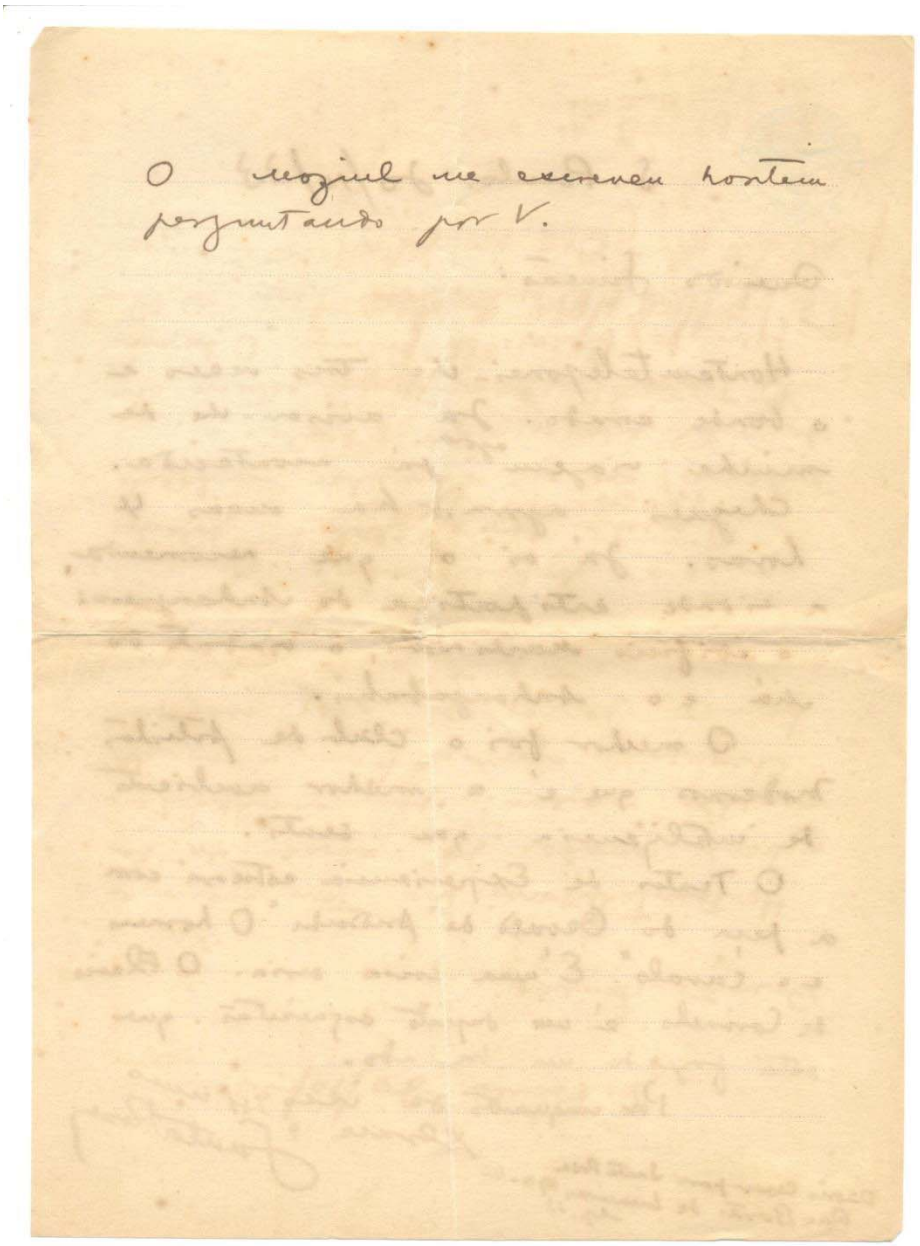
O melhor foi o clube de Artistas Modernos que é a melhor ambiente de intelijencia que senti.

O Teatro de Experiencia estreará com a peça do Oswald de Andrade "O homem e o cavalo". É uma coisa seria. O Flavio de Carvalho é um sujeito esquesitão que está fazendo um bailado.

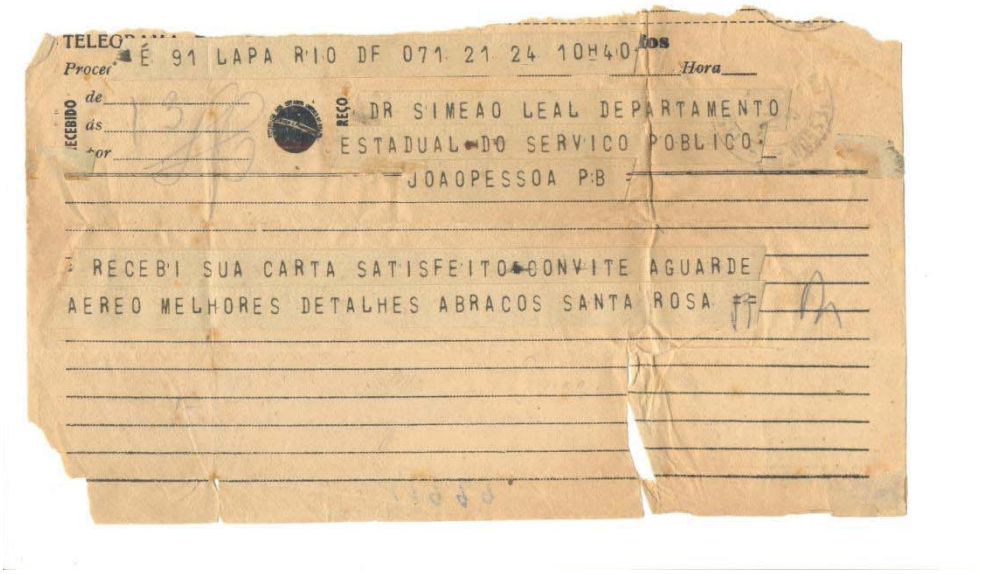
Por enquanto só isso. Um abraço do Santa Rosa

Dzonio cesar para Santa Rosa
Rua Boràs de Limeira, 190. 4º
ap. 18

Carta n. 03, p 1


O Rogini me escreveu hontem
perguntando por V.

Carta n. 04



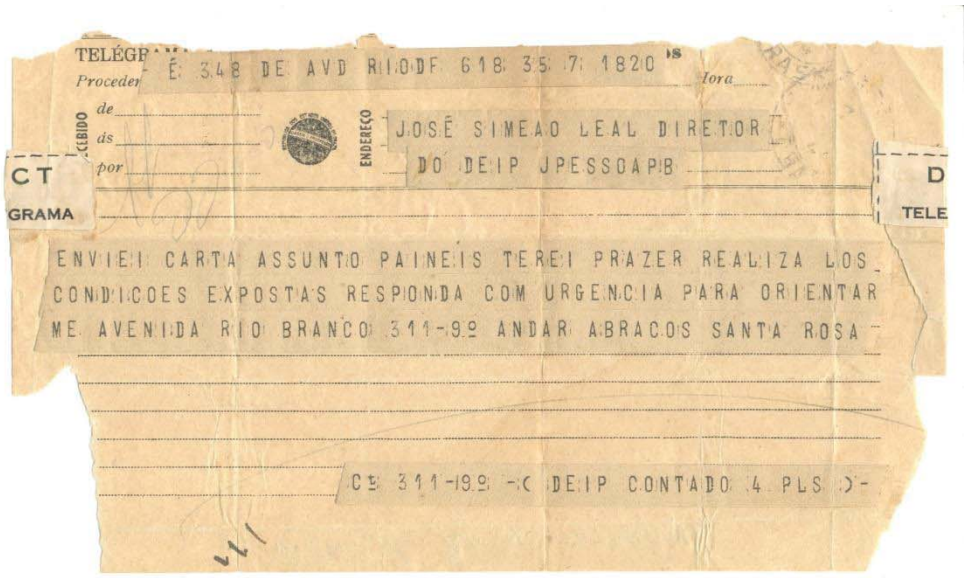
TELEGRAMA
Procedência
de
ás
por
RECEBIDO

É 91 LAPA RIO DF 071 21 24 10H40 fos
Hora

DR SIMEAO LEAL DEPARTAMENTO
ESTADUAL DO SERVICO POBLICO
JOAOPESSOA PB

RECEBI SUA CARTA SATISFEITO CONVITE AGUARDE
AEREO MELHORES DETALHES ABRACOS SANTA ROSA

Carta n. 05



TELÉGR[AMA]
Proceder É 348 DE AVD RIODF 618 35 7 1820 [S] Iora
de
ds
por
RECEBIDO
ENDEREÇO JOSÉ SIMEAO LEAL DIRETOR
DO DEIP JPESSOAPB
CT
GRAMA
D
TELE
ENVIEI CARTA ASSUNTO PAINEIS TEREI PRAZER REALIZA LOS
CONDICOES EXPOSTAS RESPONDA COM URGENCIA PARA ORIENTAR
ME AVENIDA RIO BRANCO 311-9º ANDAR ABRACOS SANTA ROSA
CE 311-9º -C DEIP CONTADO 4 PLS)-

Carta n. 06, p. 1

Rio, 24 de fevereiro de 1949

Velho Simeão:

Não pude ir ao teu embarque porque acordei já depois da hora. Passei a noite com o figado interferindo e com a fresca da manhã foi aquele deslisar no sono que foi longe.

Acabo de receber uma carta do Assumpção que pelo interesse do conteúdo venho comunicar-te. Diz:- "A revista do nosso Simeão está fazendo sucesso. Em Portugal, está tudo OK. Aqui na França, breve aparecerão as críticas, Poderia (ele) na Europa fazer um numero especial sobre Cultura do Ocidente. Colaboração de Portugal, Espanha, Inglaterra, certas. Irei, em pessôa a esses paizes e já estabeleci contato com João Cabral, em Barcelona, a quem enviei varios numeros. Dali viriam os filologos. Da Inglaterra, Elliot e um historiador. De Portugal, duas ou três coisas de substancia, e da França, o que quizerem. O nosso Simeão já está escalado como convidado da UNESCO para este ano e poderia supervisionar o assunto aqui. Acho melhor um numero especial do que pingar um ou outro artigo de europeu."

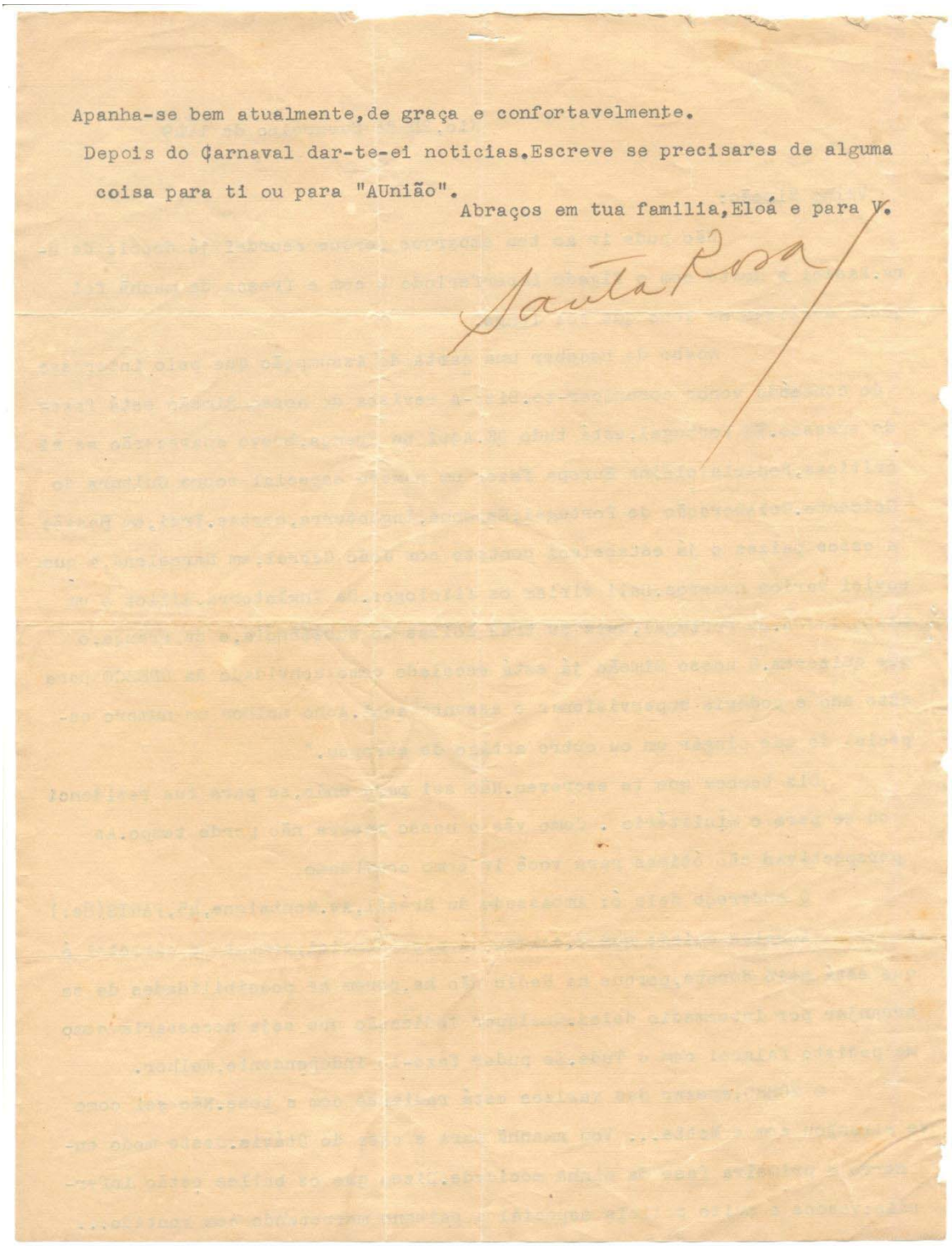
Diz tambem que te escreveu. Não sei para onde, se para tua residencia ou se para o Ministério. Como vês o nosso mestre não perde tempo. As perspectivas são ótimas para você ir como convidado.

O endereço dele é: Ambassade du Brésil, Av. Montaigne, 45, PARIS (8e.)

Aquelas coisas que V. deixou já providenciei, somente o carretel é que está meio durote, porque na Radio não ha, porem ha possibilidades de se arranjar por intermedio deles. Qualquer indicação que seja necessaria como me pediste falarei com o Tude. Se puder faze-lo independente, melhor.

O ZORRO, apezar das varizes está radiante com a tese. Não sei como se arranjou com o Motta... Vou amanhã para a casa do Otávio. Deste modo encerro a primeira fase da minha mocidade. Dizem que os bailes estão infernais: veados e muito policia especial a paisano marretando com vontade...

Carta n. 06, p. 2



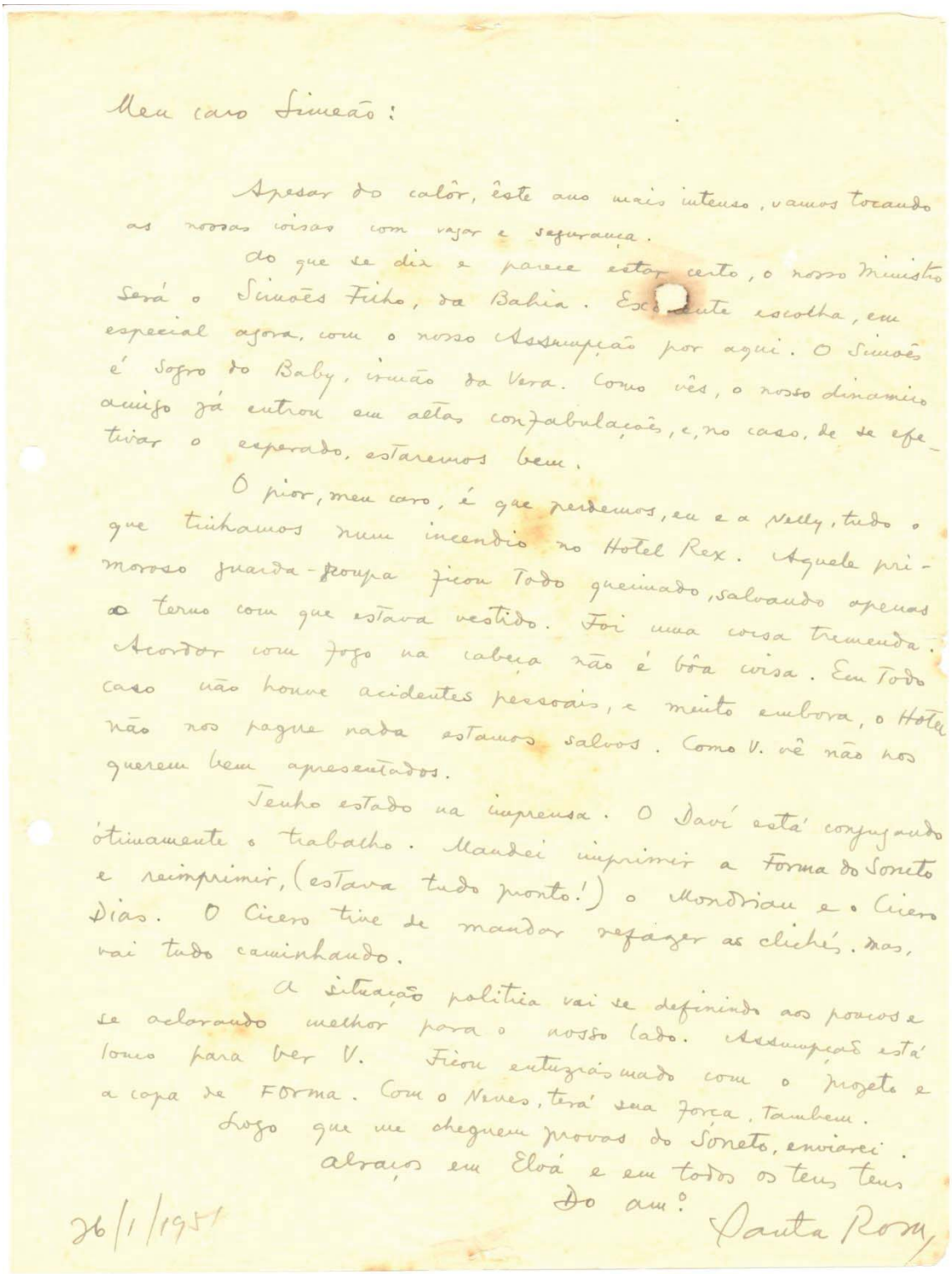
Apanha-se bem atualmente,de graça e confortavelmente.

Depois do Çarnaval dar-te-ei noticias.Escreve se precisares de alguma coisa para ti ou para "AUnião".

Abraços em tua familia,Eloá e para V.

Santa Rosa

Carta n. 09



Meu caro Simeão:

Apesar do calôr, êste ano mais intenso, vamos tocando as nossas coisas com vigor e segurança.

Do que se diz e parece estar certo, o nosso Ministro será o Simoães Filho, da Bahia. Excelente escolha, em especial agora, com o nosso Assumpção por aqui. O Simoães é sogro do Baby, irmão da Vera. Como vês, o nosso dinamico amigo já entrou em altas confabulações, e, no caso, de se efetivar o esperado, estaremos bem.

O pior, meu caro, é que perdemos, eu e a Nelly, tudo o que tinhamos num incendio no Hotel Rex. Aquele primoroso guarda-roupa ficou todo queimado, salvando apenas o terno com que estava vestido. Foi uma coisa tremenda. Acordar com fogo na cabeça não é bôa coisa. Em todo caso não houve acidentes pessoais, e muito embora, o Hotel não nos pague nada estamos salvos. Como V. vê não nos querem bem apresentados.

Tenho estado na imprensa. O Davi está conjugando ótimamente o trabalho. Mandei imprimir a Forma do Soneto e reimprimir, (estava tudo pronto!) o Mondrian e o Cicero Dias. O Cicero tive de mandar refazer as clichés. mas, vai tudo caminhando.

A situação politica vai se definindo aos poucos e se aclarando melhor para o nosso lado. Assumpção está louco para ver V. Ficou entusiasmado com o projeto e a capa de FORMA. Com o Neves, terá sua força, tambem.

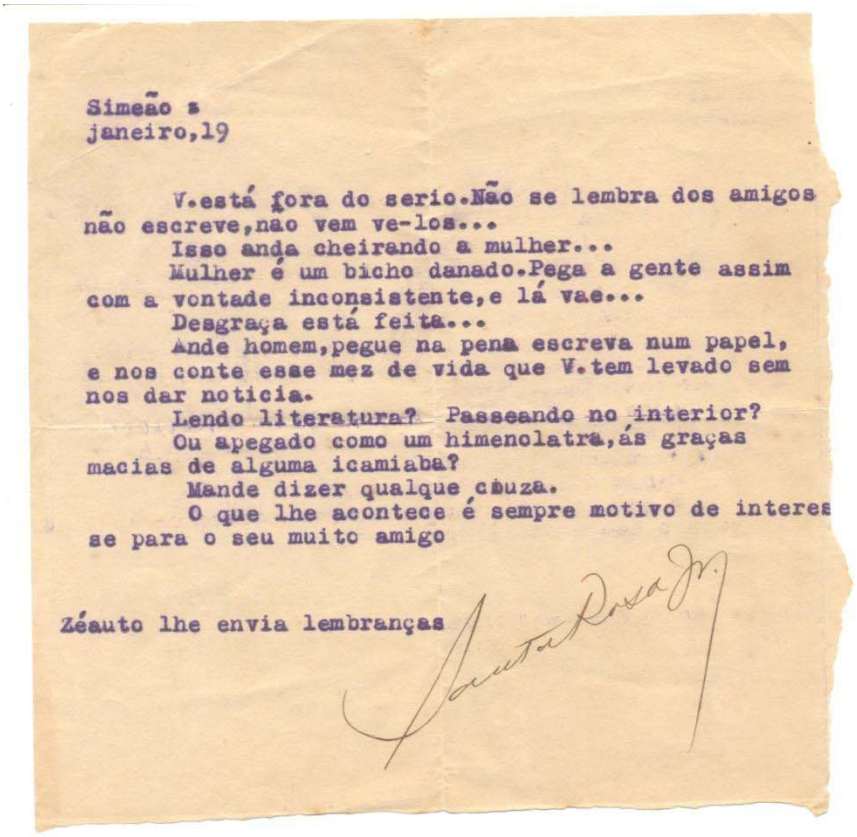
Logo que me cheguem provas do Soneto, enviarei.

abraços em Eloá e em todos os teus teus

Do am.º Santa Rosa

26/1/1951

Carta n. 12



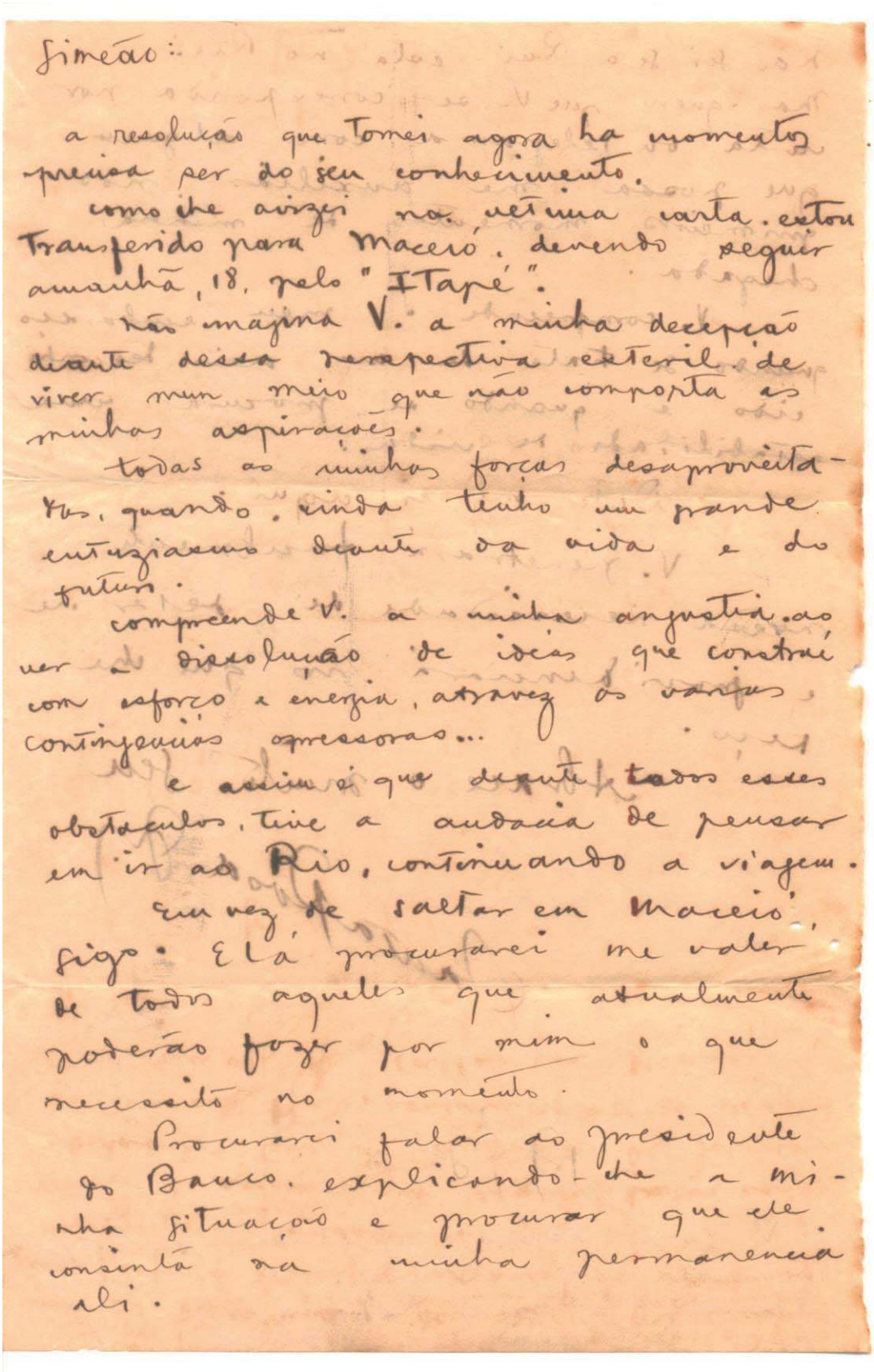
Simeão s
janeiro,19

V.está fora do serio.Não se lembra dos amigos não escreve,nao vem ve-los...
Isso anda cheirando a mulher...
Mulher é um bicho danado.Pega a gente assim com a vontade inconsistente,e lá vae...
Desgraça está feita...
Ande homem,pegue na pena escreva num papel, e nos conte esse mez de vida que V.tem levado sem nos dar noticia.
Lendo literatura? Passeando no interior?
Ou apegado como um himenolatra,ás graças macias de alguma icamiaba?
Mande dizer qualque cõuza.
O que lhe acontece é sempre motivo de interes se para o seu muito amigo

Zéauto lhe envia lembranças

Santa Rosa

Carta n. 14, p. 1



Simeão:

a resolução que tomei agora ha momentos precisa ser do seu conhecimento.

como lhe avisei na ultima carta, estou transferido para Maceió, devendo seguir amanhã, 18, pelo "Itapé".

não imagina V. a minha decepção diante dessa perspectiva estéril de viver num meio que não comporta as minhas aspirações.

todas as minhas forças desaproveitadas, quando ainda tenho um grande entusiasmo diante da vida e do futuro.

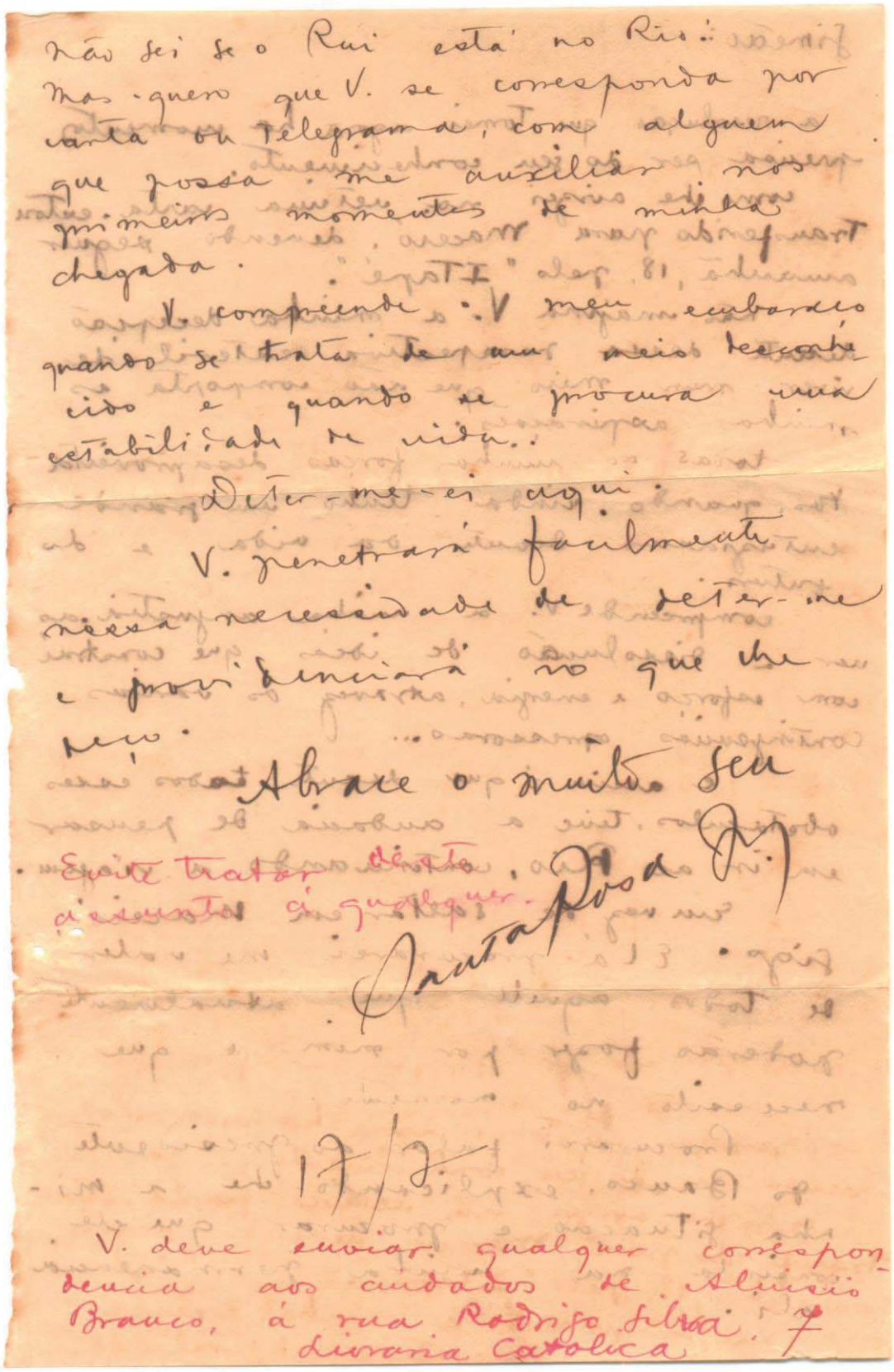
compreende V. a minha angustia ao ver a dissolução de ideias que construí com esforço e energia, através de varias contingencias opressoras...

e assim é que diante todos esses obstaculos, tive a audacia de pensar em ir ao Rio, continuando a viagem.

em vez de saltar em Maceió, sigo. Lá procurarei me valer de todos aqueles que atualmente poderão fazer por mim o que necessito no momento.

Procurarei falar ao presidente do Banco, explicando-lhe a minha situação e procurar que ele consinta na minha permanencia ali.

Carta n. 14, p. 2



Não sei se o Rui está no Rio: mas quero que V. se corresponda por carta ou telegrama, como alguem que possa me auxiliar nos primeiros momentos de minha chegada.

V. comprende o meu embaraço quando se trata de um meio desconhecido e quando se procura uma estabilidade de vida.

Deter-me-ei aqui.

V. penetrará facilmente nessa necessidade de deter-me e providenciará no que lhe pedir.

Abraça o muito seu

Jaime Prado

Evite tratar disto a estranhos ou a qualquer.

17/7

V. deve enviar qualquer correspondencia aos cuidados de Aluisio Branco, á rua Rodrigo Silva, 7 Livraria Catholica

Carta n. 19, p. 1

Simeão,
meu muito amigo:

agosto.

o meu primeiro contacto com a arte de **tarsila**, graças á tua generosidade incomparavel, foi-me uma sorpresa...

deste tamanho. pasmei. esfreguei os olhos pra ver melhor. e vi.

vi então com a intelijencia o que não podia ver com a sensibilidade.

o quadro não define. a gente se quizér (pudér fica melhor...) que adivinhe. advinhar no sentido de completar.

é uma pintura pro cerebro.

muita natureza. directa. simples. intellectual.

pode ser que a emoção aconteça. mas isso independentemente do quadro. por pura auto-suggestão do contemplador.

o quadro não tem nada a ver com isso...

Carta n. 19, p. 2

bonitas mesmo, dizendo no sentido de coisa bonita, só gostei do retrato por ella mesma...

o resto é aquillo queu disse. se o sugeito quizer (puder fica melhor...) que adivinhe. adivinhar no sentido de completar.

a gente percebe a base - assento primitivo, ou arcabouço - nessas três coisas:

dominio do volume
suppressão do detalhe
subordinação á forma geometrica simples

tudo isso um poucadinho das influencias de graça aranha...

ella realisou em plastica (plasmou) a essencia das theorias do "espirito moderno"...

(a essencia do quadro se prolonga até o espirito do observador, que o completa na intellijencia)

por causa da REACÇÃO. eu a louvo por isso.

somente o trabalho quella teve de esquecer... o classico é negajoso. quando nega, nega mesmo.

Carta n. 19, p. 3

mas ella lixou o espirito. convergiu todas as côres mas pra dentro do espirito e fez dos olhos um kaleidoscopio ...

olhou. estava outra. novinha em folha. e viu tudo assim, perfilado como uma continencia militar pra ella que dominou a intellijencia e quiz sêr moderna ...

(Se a côr não der a vida fixa, tropical, voluptuosa ás/creações ellas, serão invadidas da monotonia do geometrico ...)

---

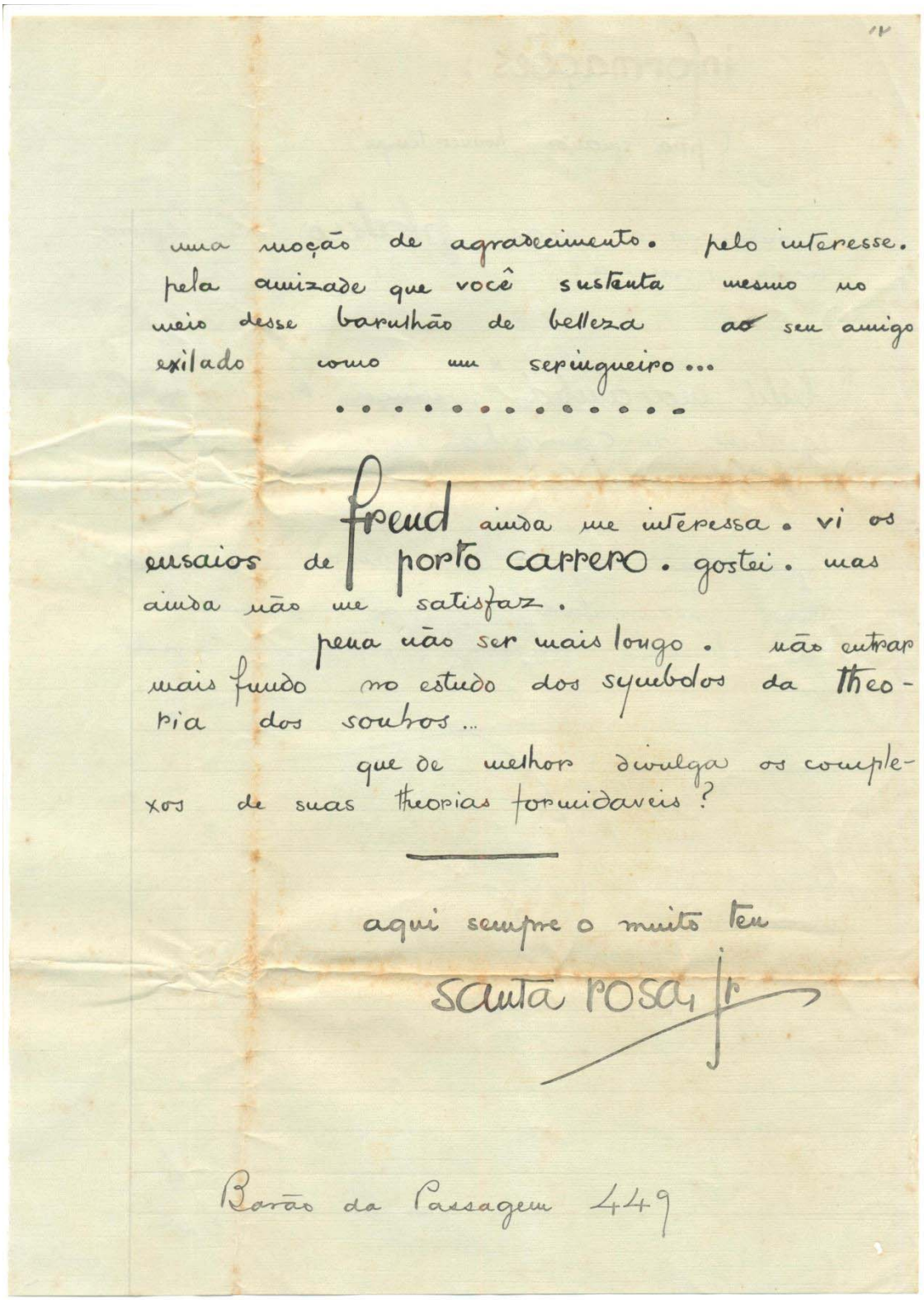
quero que você me defina a collaboração curiosa do sr **pierre legrain**.

---

mas, aqui eu deixo **tarsila** de cambalhada com **cendrars**. eto e abro uma clareira. uma clareira de alegria. no meu espirito.

me volto todinho pra dentro e vôto de accordo com todos os meus centros affectivos

Carta n. 19, p. 4



uma moção de agradecimento. pelo interesse. pela amizade que você sustenta mesmo no meio desse barulhão de belleza ao seu amigo exilado como um seringueiro...

. . . . . .

Freud ainda me interessa. vi os ensaios de porto carrero. gostei. mas ainda não me satisfaz.

pena não ser mais longo. não entrar mais fundo no estudo dos symbolos da theoria dos sonhos...

que de melhor divulga os complexos de suas theorias formidaveis?

---

aqui sempre o muito teu

santa rosa jr

Barão da Passagem 449

Carta n. 19, p. 5

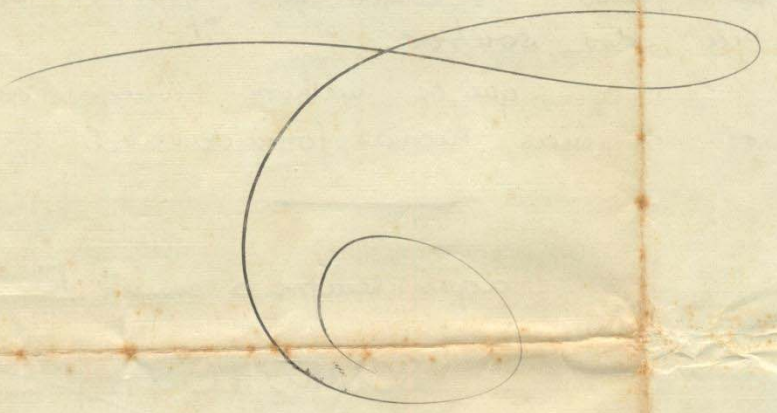
informações:

(pra quando houver tempo)

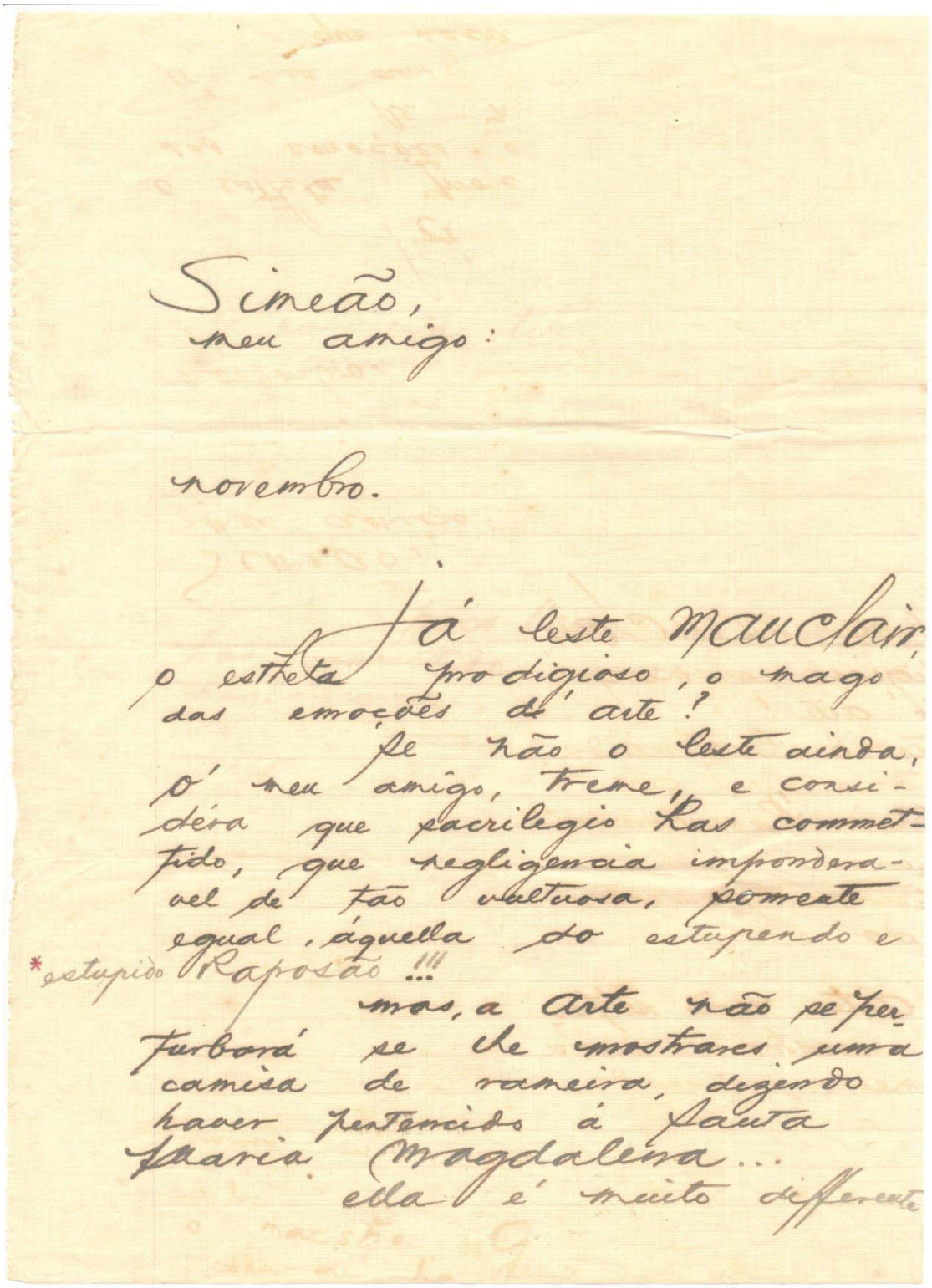
encontrar-se-á acaso platão em alguma versão franceza?

"tutú marambá", canção brasileira de joubert de carvalho, existe á venda?
e "sofro curtí"?

qual a revista extrangeira que merece uma assignatura (de quanto annuais?)?
de preferencia franceza, espanhola, argentina.



Carta n. 20, p. 1



Simeão,
meu amigo:

novembro.

Já leste Mauclair,
o esthéta prodigioso, o mago
das emoções d'arte?
Se não o leste ainda,
ó' meu amigo, trene, e considéra
que sacrilegio has commettido, que negligencia imperdoavel de tão valiosa, pomeate
egual, áquella do estupendo e
*estupido Raposão !!!
mas, a arte não se jura
furbará se de mostrares uma
camisa de rameira, dizendo
haver pertencido á Santa
Maria Magdalena...
ella é muito differente

Carta n. 20, p. 2

11

da rabujenta titi.
apenas, exige que seja bella
e de rendas finissimas...
a procedencia, pouco importa...

---

* (com restricções e asteristico rubro)

---

pois bem. commettesteis
hoje commettido uma grave
negligencia.
corre e reclama Mau
clair: Camille mauclair,
de França, "cathedral
da arte".
encontral-o-ás nas pagi-
nas maravilhos de

la religion de la musique
les Rèbus de l'orchestre
l'art en silence
la beauté des formes
robert schuman
eleusis

Carta n. 20, p. 3

111

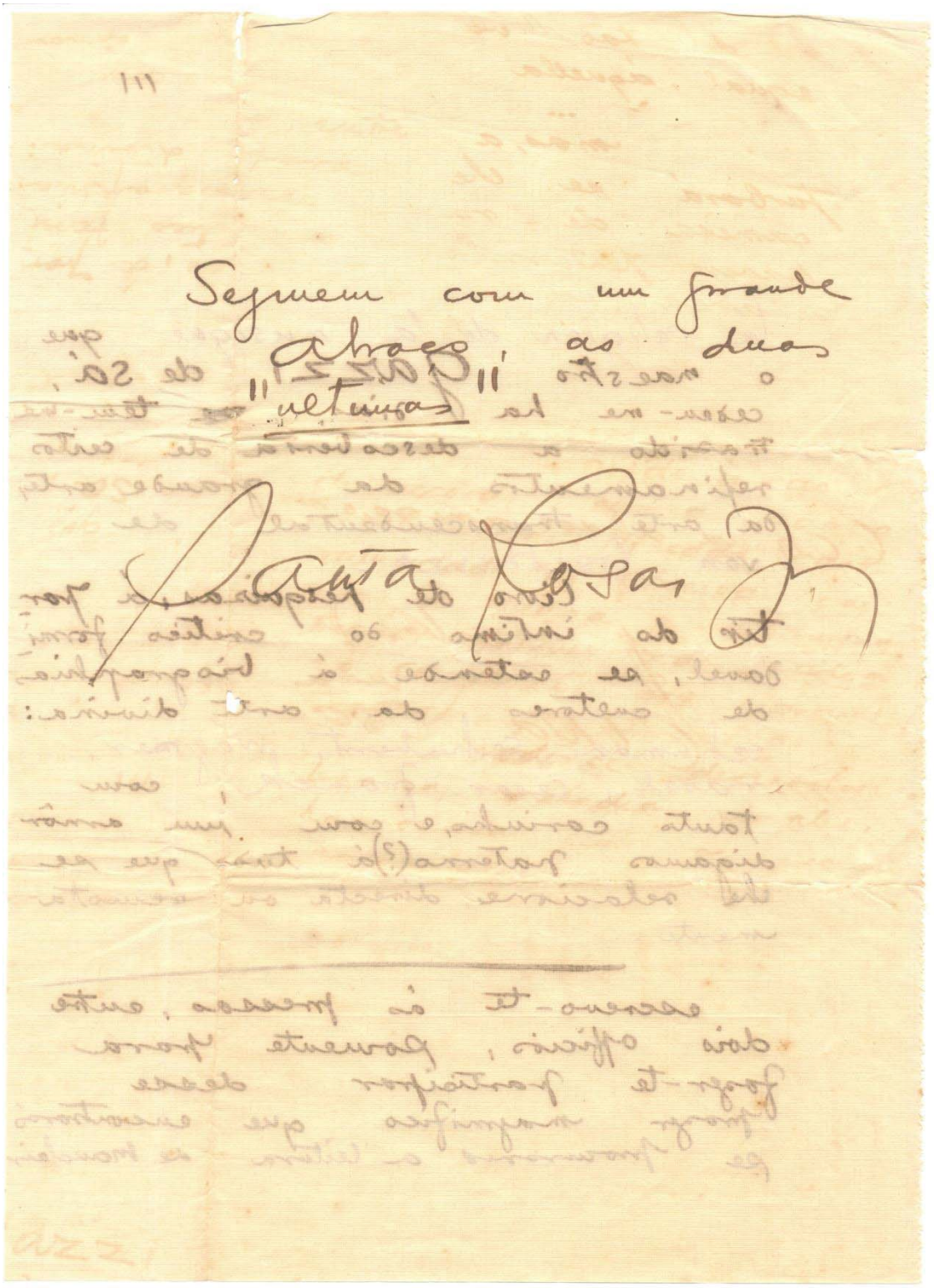
la religion de la musique que o maestro Gazzi de sá, cedeu-me ha dias, tem-me trazido a descoberta de certos refinamentos da grande arte, da arte transcendental de vom Beethoven.

Livro de pesquizas, á partir do intimo do critico formidavel, se estende á biographias de cultores da arte divina: schuman, schubert, wagner, ravel, cesar franck, com tanto carinho, e com um amôr digamos paterno(?) á tudo que se lhe relacione, directa ou remotamente ...

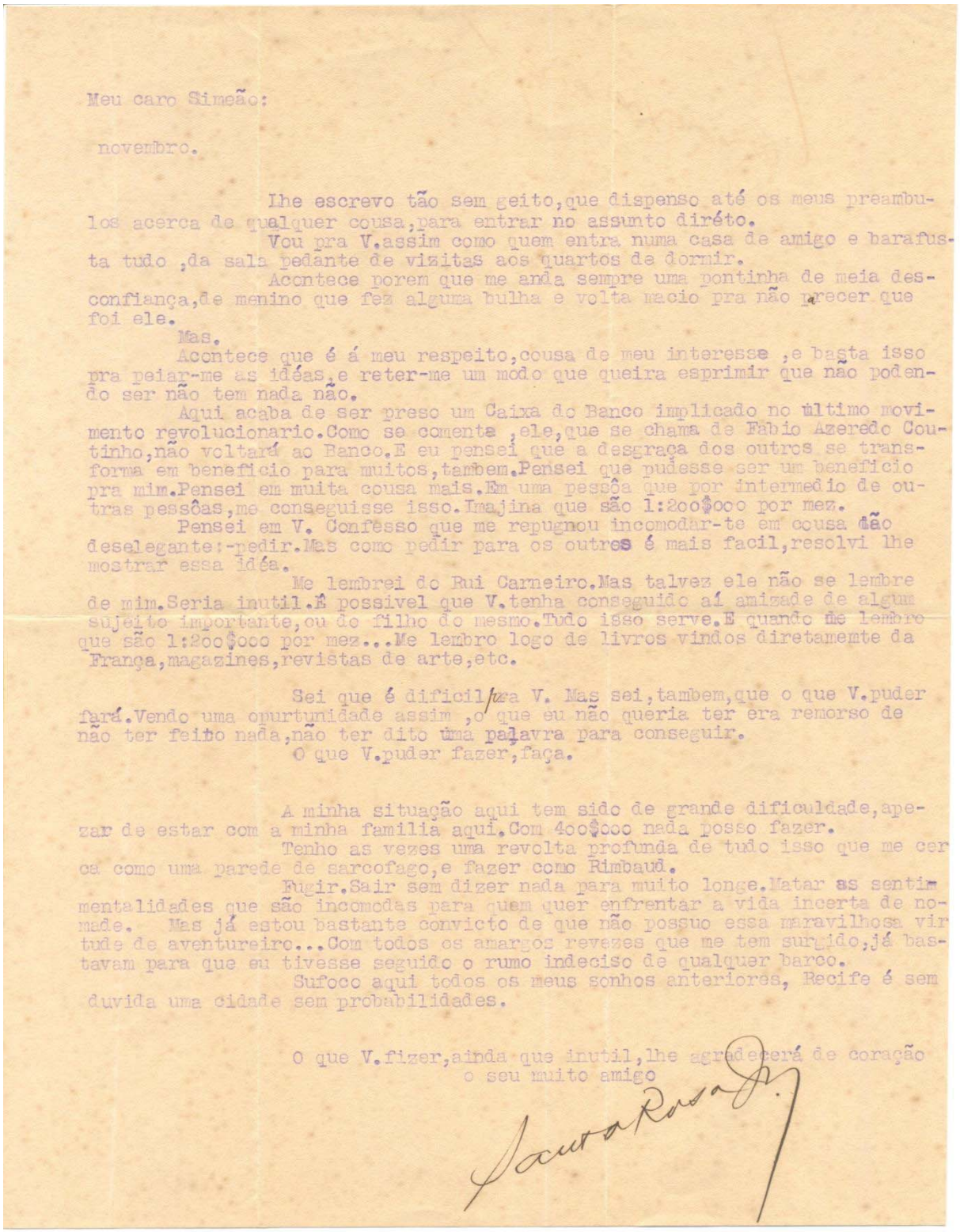
---

escrevo-te ás pressas, entre dois officios, somente para fazer-te participar desse prazer magnifico que encontrarás se procurares a leitura de Mauclair

Carta n. 20, p. 4



Carta n. 21



Meu caro Simeão:

novembro.

Ihe escrevo tão sem geito,que dispenso até os meus preambulos acerca de qualquer cousa,para entrar no assunto diréto.
Vou pra V.assim como quem entra numa casa de amigo e barafusta tudo ,da sala pedânte de vizitas aos quartos de dormir.
Acontece porem que me anda sempre uma pontinha de meia desconfiança,de menino que fez alguma bulha e volta macio pra não parecer que foi ele.
Mas.
Acontece que é á meu respeito,cousa de meu interesse ,e basta isso pra peiar-me as idéas,e reter-me um modo que queira esprimir que não podendo ser não tem nada não.
Aqui acaba de ser preso um Caixa do Banco implicado no último movimento revolucionario.Como se comenta ,ele,que se chama de Fabio Azeredo Coutinho,não voltará ao Banco.E eu pensei que a desgraça dos outros se transforma em beneficio para muitos,tambem.Pensei que pudesse ser um beneficio pra mim.Pensei em muita cousa mais.Em uma pessôa que por intermedio de outras pessôas,me conseguisse isso.Imajina que são 1:2oo$ooo por mez.
Pensei em V. Confesso que me repugnou incomodar-te em cousa tão deselegante:-pedir.Mas como pedir para os outros é mais facil,resolvi lhe mostrar essa idéa.
Me lembrei do Rui Carneiro.Mas talvez ele não se lembre de mim.Seria inutil.É possivel que V.tenha conseguido aí amizade de algum sujeito importante,ou do filho do mesmo.Tudo isso serve.E quando me lembro que são 1:2oo$ooo por mez...Me lembro logo de livros vindos diretamemte da França,magazines,revistas de arte,etc.

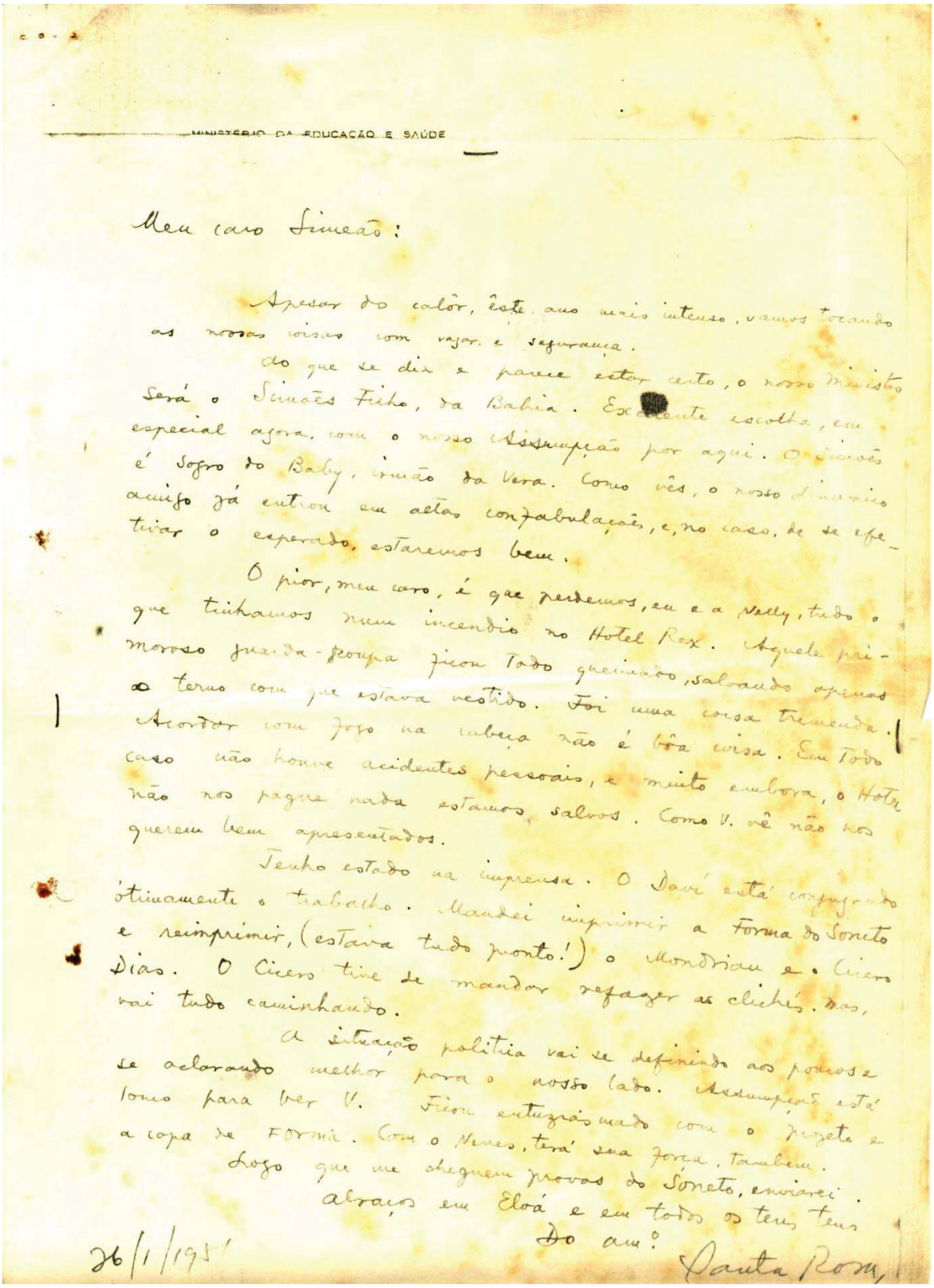
Sei que é dificil pra V. Mas sei,tambem,que o que V.puder fará.Vendo uma opurtunidade assim ,o que eu não queria ter era remorso de não ter feito nada,não ter dito uma palavra para conseguir.
O que V.puder fazer,faça.

A minha situação aqui tem sido de grande dificuldade,apezar de estar com a minha familia aqui.Com 4oo$ooo nada posso fazer.
Tenho as vezes uma revolta profunda de tudo isso que me cerca como uma parede de sarcofago,e fazer como Rimbaud.
Fugir.Sair sem dizer nada para muito longe.Matar as sentimentalidades que são incomodas para quem quer enfrentar a vida incerta de nomade. Mas já estou bastante convicto de que não possuo essa maravilhosa virtude de aventureiro...Com todos os amargos revezes que me tem surgido,já bastavam para que eu tivesse seguido o rumo indeciso de qualquer barco.
Sufoco aqui todos os meus sonhos anteriores, Recife é sem duvida uma cidade sem probabilidades.

O que V.fizer,ainda que inutil,lhe agradecerá de coração
o seu muito amigo

Jacques Rosa

Carta n. 23



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Meu caro Simeão:

Apesar do calôr, êste ano mais intenso, vamos tocando as nossas coisas com vagar e segurança.

Do que se diz e parece estar certo, o nosso Ministro será o Simões Filho, da Bahia. Excelente escolha, em especial agora, com o nosso Assumpção por aqui. O Simões é sogro do Baby, irmão da Vera. Como vês, o nosso [illegible] amigo já entrou em ações confabulações, e, no caso, de se efetuar o esperado, estaremos bem.

O pior, meu caro, é que perdemos, eu e a Nelly, tudo o que tínhamos num incendio no Hotel Rex. Aquele pára-morosso guarda-poupa ficou todo queimado, salvando apenas o terno com que estava vestido. Foi uma coisa tremenda. Acordar com fogo na cabeça não é bôa coisa. Em todo caso não houve acidentes pessoais, e muito embora, o Hotel não nos pague nada estamos salvos. Como V. vê não nos queremos bem apresentados.

Tenho estado na imprensa. O Davi está conjugando ótimamente o trabalho. Mandei imprimir a Forma do Soneto e reimprimir, (estava tudo pronto!) o Mondrian e o Cicero Dias. O Cicero tive de mandar refazer os clichés. Mas, vai tudo caminhando.

A situação politica vai se definindo aos poucos e se clareando melhor para o nosso lado. Assumpção está lomo para ver V. Ficou entusiasmado com o projeto e a capa de FORMA. Com o Nemer, terá sua força, também.

Logo que me cheguem provas do Soneto, enviarei.

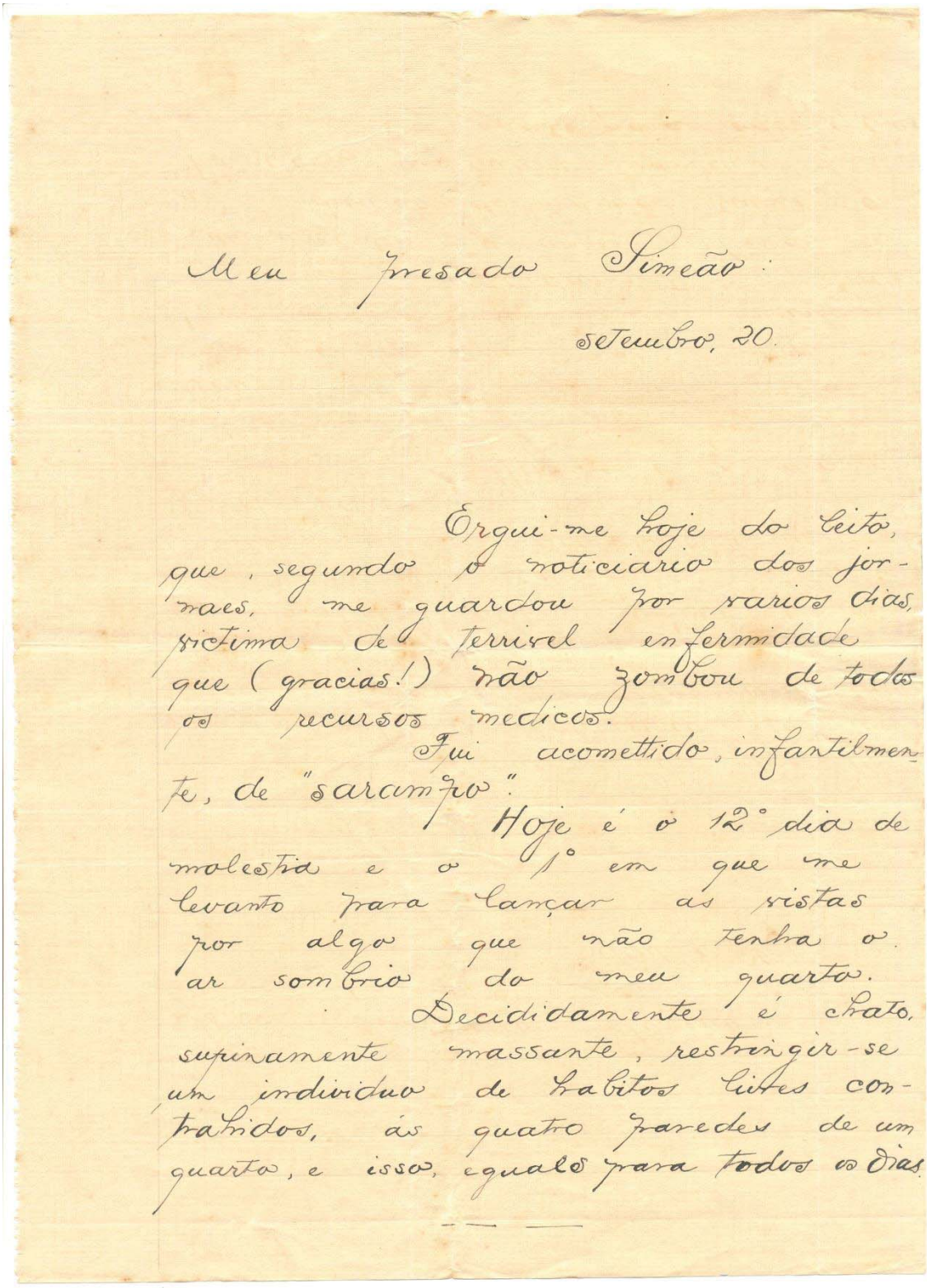
Abraços em Eloá e em todos os teus, teus

Do am.º

Santa Rosa

26/1/1951

Carta n. 25, p. 1



Meu prezado Simeão:

Setembro, 20.

Ergui-me hoje do leito, que, segundo o noticiario dos jornaes, me guardou por varios dias, victima de terrivel enfermidade que (gracias!) não zombou de todos os recursos medicos.

Fui acommettido, infantilmente, de "sarampo".

Hoje é o 12° dia de molestia e o 1° em que me levanto para lançar as vistas por algo que não tenha o ar sombrio do meu quarto.

Decididamente é chato, supinamente massante, restringir-se um individuo de habitos lites contrahidos, ás quatro paredes de um quarto, e isso, eguaes para todos os dias

Carta n. 25, p. 2

Recebi a tua carta e li-a com grande prazer.

Estava um tanto quanto atrapalhado com o teu novo endereço, cousa que nem mesmo teu Pae informara seguro.

Fiquei enfadado com a desistencia da Bilóra, assim como pasmo das exigencias de um publico "paté" como o de Recife.

É espantoso, pisonho, ridiculo...

Emquanto platéas refinadas applaudem as operas antigas, consagrando-lhes a arte perpétua, uma platéa cujos applausos não consagram nenhum artista, platéa obtusa nesse particular, á falta de observação, recusa essas mesmas obras, julgando-as empoeiradas e tresandando a bolor!

É immensamente irrisorio!...

Que diria Martinelli consagrado o real substituto de Caruso, ao cantar a "Tosca" em New-York; e Figli

Carta n. 25, p. 3

e Claudia Muzio, e Titta Ruffo, e Pareto
e Besanzoni, Stracciari, Schipa, Fleta ?...

"Bemaventurados os pobres de espirito..."

Tiveste o ensejo de ouvir um grande pianista! Ainda desconheço a emoção emittida pelo dedilhado de um "virtuose"...

Excepto em victrola - ideia imperfeita, vaga, que exige o grande esforço mental da representação da figura do executante, solicitada imperiosamente pelo subconsciente-

Entretanto, ha obras (quasi toda obra profundamente cerebral) que exigem uma larga attenção e repetida audição para se penetrar no intimo da composição, na perfeita comprehensão do sentimento. Essas obras de Lizst pelo intrincado technico entram nessa ordem transcendente. "S. Francisco sobre as ondas" é um modelo dellas.

Já ouvi os "Reflets dans l'eau"

Carta n. 25, p. 4

4

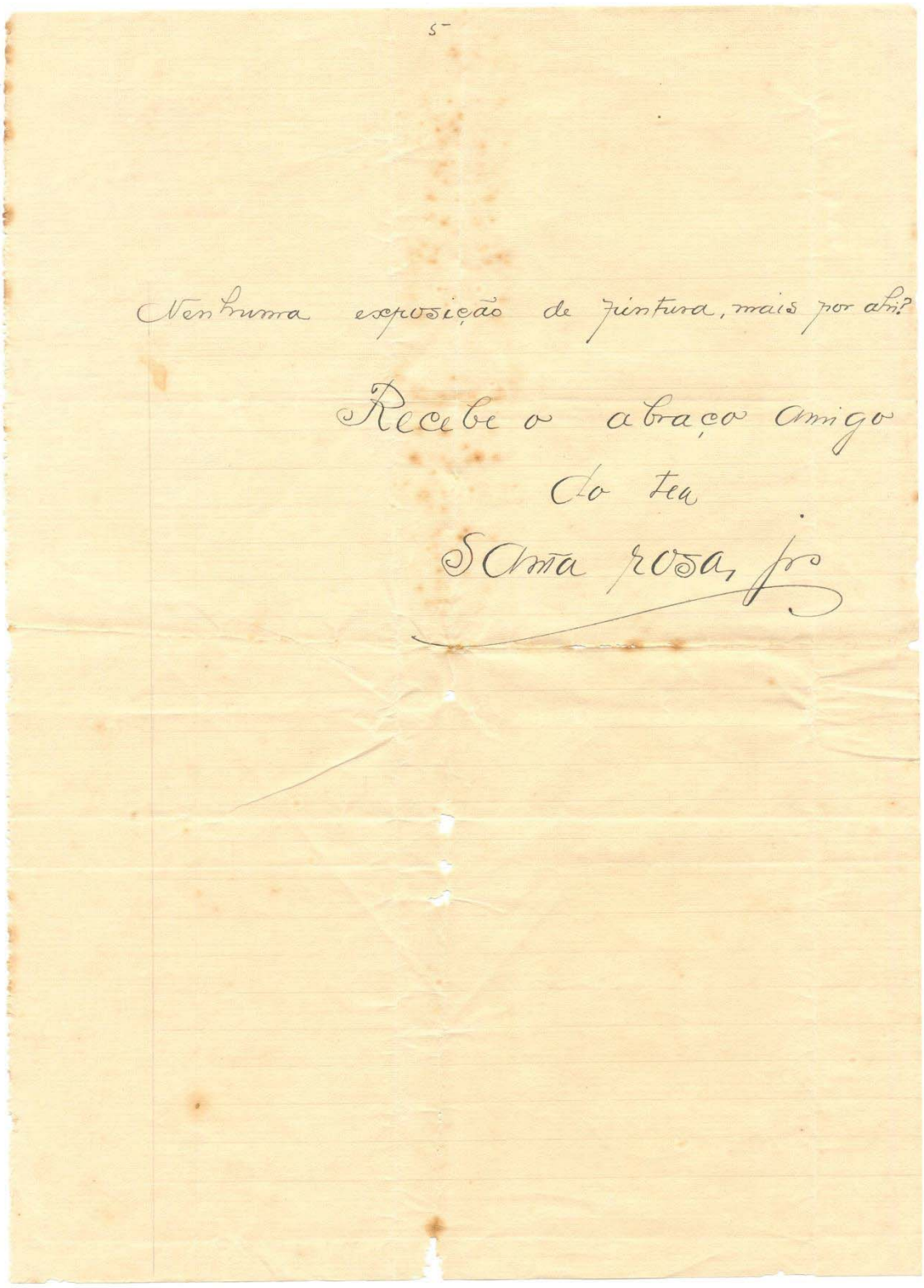
penso, de Debussy, tocado por Paderewsky
Acho-a admiravel, sobretudo umas escalas ascendentes e descendentes, que caracterisam os doces reflexos na agua pura. O final em pianissimo é quasi imperceptivel de tão brando...

Fechei ha pouco o ultimo livro de Olegario Mariano.
"Poemas de Amor e de Saudade"...
É, antes, uma collectanea de poemas esparsos em outros livros...
Banal. Mas sempre a nota clara (predominando) e sonora do espirito de um real poeta...

Nenhuma novidade mais, surgiu por aqui, onde, parece, não se lê...

Vê se encontras por ahi, (Ramiro deve ter) Pitigrilli. O nome do livro não o sei... Mas é facil...

Carta n. 25, p. 5



5ª

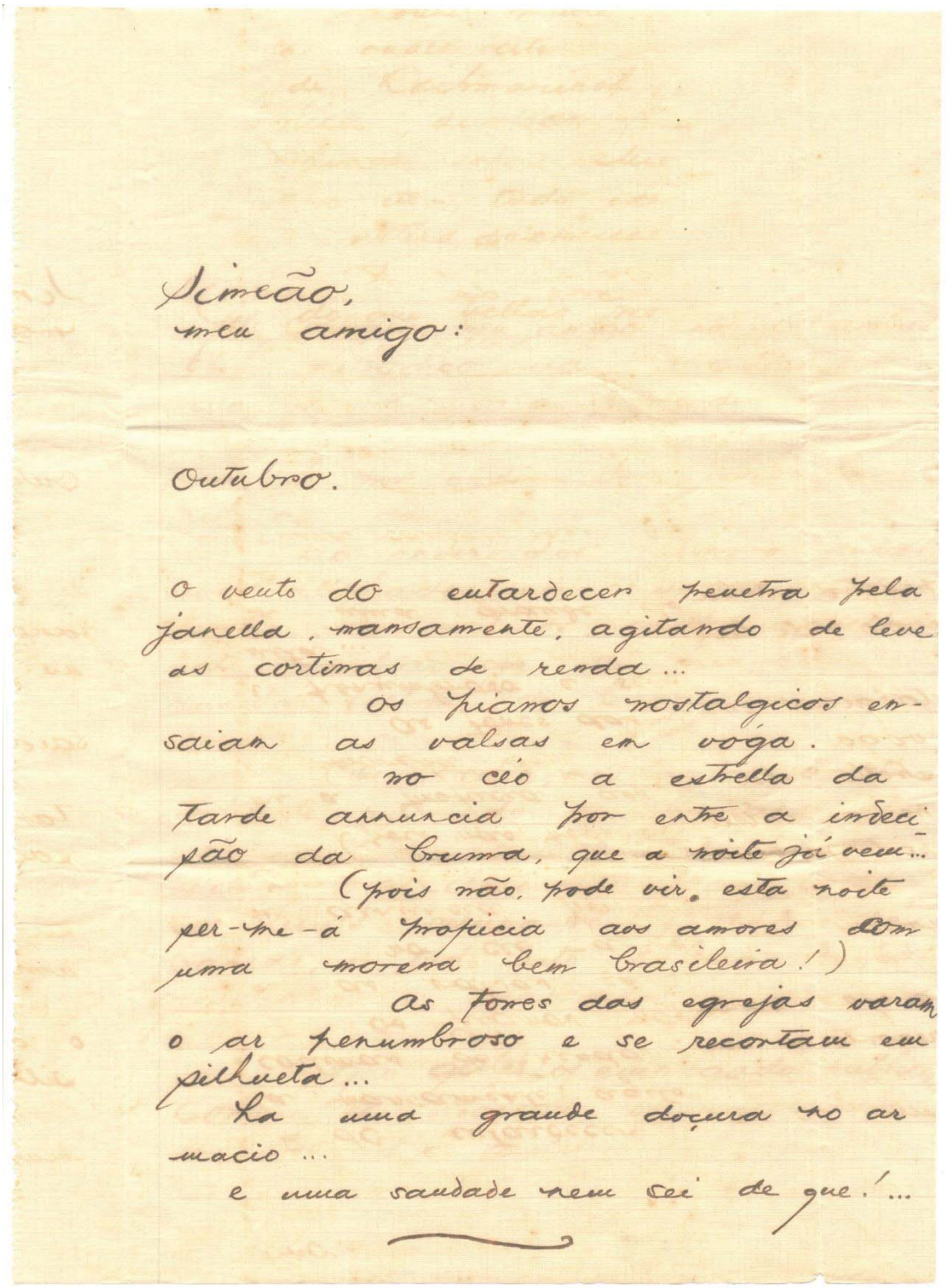
Nenhuma exposição de pintura, mais por ahi?

Recebe o abraço amigo

do teu

Sª Rosa, fº

Carta n. 26, p. 1



Simeão,
meu amigo:

Outubro.

O vento do entardecer penetra pela janella, mansamente, agitando de leve as cortinas de renda...

Os pianos nostalgicos ensaiam as valsas em voga.

No céo a estrella da tarde annuncia por entre a indecisão da bruma, que a noite já vem...

(pois não, pode vir, esta noite per-me-á propicia aos amores d'uma morena bem brasileira!)

As torres das egrejas varam o ar penumbroso e se recortam em silhueta...

Ha uma grande doçura no ar macio...

e uma saudade nem sei de que!...

Carta n. 26, p. 2

II

Que contraste, meu amigo, entre o ambiente methodico da Repartição e esta minha sala humilde, de luz quasi apagada, e com a janella escancarada, por onde eu estou vendo a belleza das cousas! ...

Ao crever dos numeros successivos, alinhados em columnas, a dispersão de motivos, desde aquelle gato familiar que está miando e aquella folha de bananeira fluctuando no ar! ...

Que exilio, meu amigo, aquelle ambiente rythmado á pancadas de machina de escrever, atulhado de pilhas de documentos, com volumosos livros occupando o plano das bancas, e tudo isto subjugando, inquisitando o pensamento para a belleza! ...

Que galés, os empregados publicos, como se fossem os unicos filhos directos da familia de Adão! ...

Carta n. 26, p. 3

III

A cidade de pacatos burgueses, se tem agitado, á brados de enthusiasmo, pela politica dos liberaes ...

É de ver e pasmar, a revelação subconsciente que estão fazendo, tal o frenesi e o arroubo das manifestações...

Passou aqui uma caravana de universitarios gaúchos e cariocas, que promoveu magnificos "meetings" e conferencias, por via das grandes qualidades mentaes de seus representantes ...

Foi um portentoso momento esse em que toda a população vibrava, fremia, vivia ... espectaculo realmente inédito á olhos nativos.

---

contrastando com essa expansão, e trazendo um forte cunho de tristeza e real desolação, occorreu lamentavelmente em um des-

Carta n. 26, p. 4

tre de automovel, a morte do dr. João da Matta.

Este facto trouxe á cidade grande desolação.

O enterramento foi a maior procissão até então vista.

Fundou-se aqui, a Sociedade Musical. Do seu destino já prevemos, entretanto, tudo que nos offerecer será amavel surpresa.

O prof. Gazzi de Sá, realisou um recital de seus alumnos. Magnifica tarde de musica.

Uma audição de alumnos, quasi nunca interessa directamente. São alumnos!... e vamos por curiosidade.

Fui e sahi maravilhado. Do interesse que o Gazzi empega

Carta n. 26, p. 5

em ministrar a sua arte, resulta o estimulo e a applicação latentes nos apresentados.

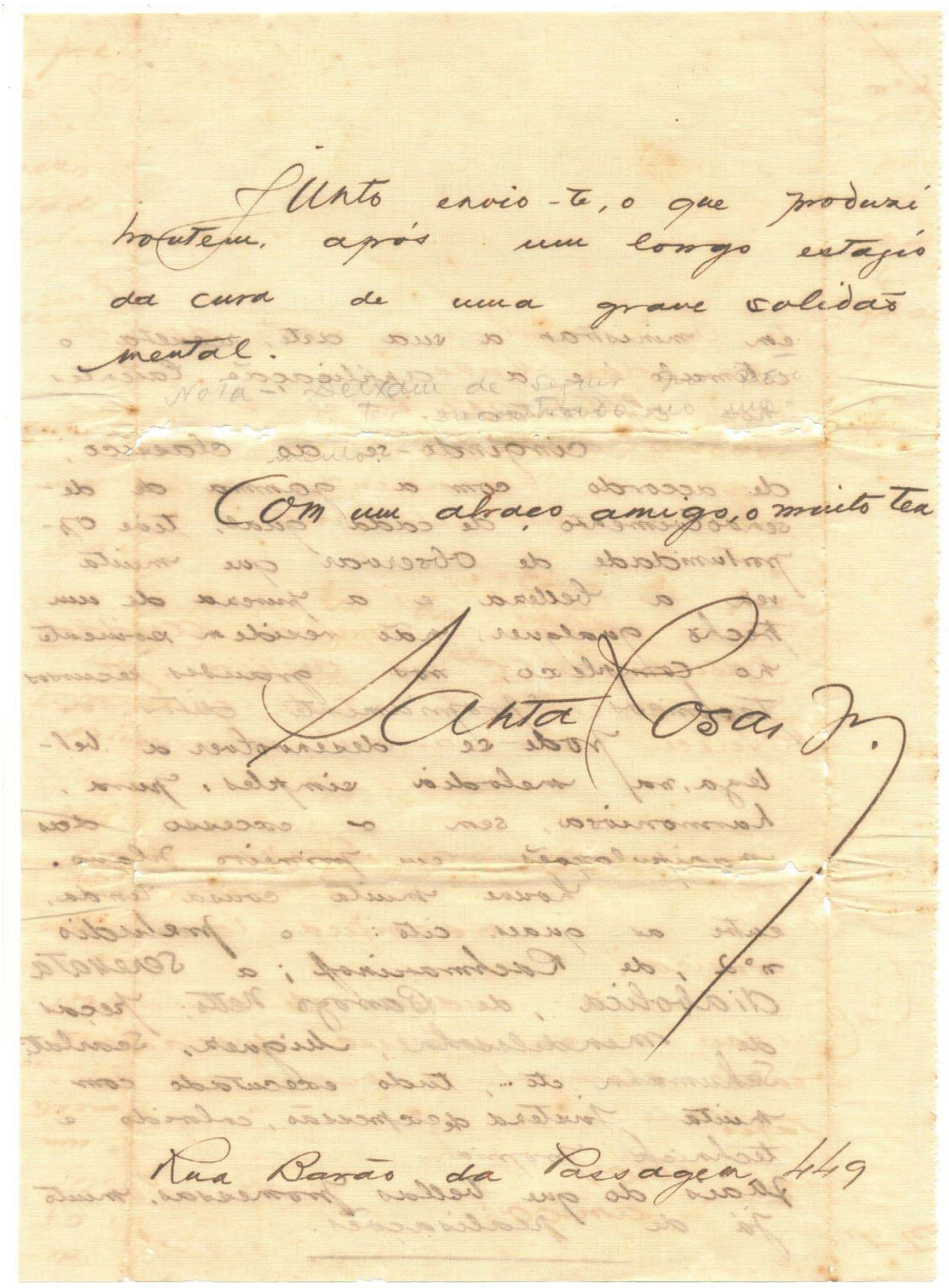
cingindo-se ao classico, de accordo com a gamma de desenvolvimento de cada qual, tive opportunidade de observar que muita vez a belleza e a pureza de um trecho qualquer, não residem somente no complexo, nos grandes recursos technicos propriamente ditos.

Pode-se desenvolver a belleza, na melodia simples, pura, harmoniosa, sem o excesso das ~~manipulações~~, em primeiro plano.

Ouvi muita cousa linda, entre as quaes, cito: o Preludio nº 2, de Rachmaninoff; a Serenata diabolica, de Barroso Netto; peças de Mendelssohn, Miguez, Scarlatti, Schumann, etc..., tudo executado com muita pureza de expressão, colorido e technica propria...

Mais do que bellas promessas, muito já de realisações.

Carta n. 26, p. 6



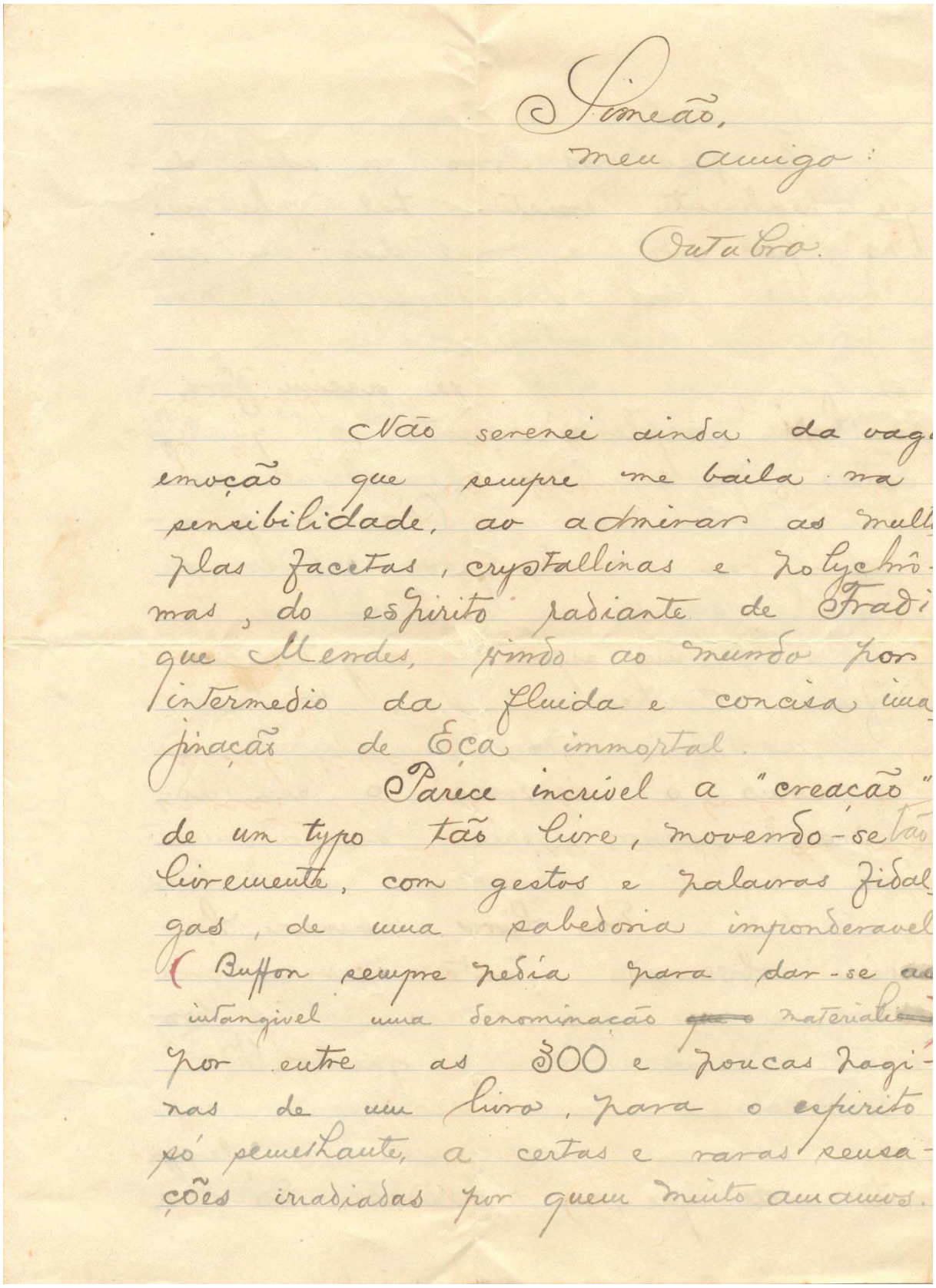
Junto envio-te, o que produzi hontem, após um longo estagio da cura de uma grave colidão mental.

Com um abraço amigo, o muito teu

Lima Barreto Jr.

Rua Barão da Passagem 449

Carta n. 27, p 1.



Simeão,
meu amigo:

Outubro.

Não serenei ainda da vaga
emoção que sempre me baila na
sensibilidade, ao admirar as multi
plas facetas, crystallinas e polychrô-
mas, do espirito radiante de Fradi
que Mendes, pondo ao mundo por
intermedio da fluida e concisa ima
ginação de Eça immortal.

Parece incrivel a "creação"
de um typo tão livre, movendo-se tão
livremente, com gestos e palavras fidal
gas, de uma sabedoria imponderavel
(Buffon sempre pedia para dar-se ao
intangivel uma denominação ~~que~~ materiali
por entre as 300 e poucas pagi-
nas de um livro, para o espirito
só permittante, a certas e raras sensa-
ções irradiadas por quem muito amamos.

Carta n. 27, p.2

É pena-nos logo a idéa de que realmente existiu e viveu tal "phenomeno", por entre a multidão de semelhantes, tão desinteressantes na perversão da intellectualidade.

Com effeito, se assim fôra cabia esplendidamente o qualificativo, porque na desordem mental Contemporanea (contemporanea vae mal; mas quero referir-me áquella epocha em que elle poderia ter vivido) um espirito arguto, profundo Conhecedor do mundo e da humanidade, analysta agudo, como o descreve o seu admiravel creador, seria acertadamente um esplendido "phenomeno intellectual".

Em livro nunca havia observado tanta pureza creadora, eivada dos mais subtis processos de Construcção, erguendo á Vida docemente, uma existencia semi-divina, com toda a Continuidade elegante de que, em realidade, só ha

Carta n. 27, p. 3

Noticia e affinidade a Oscar Wilde, que falhou, apenas, para a Morte.

Vida puramente intellectual; tudo era curiosidade de espirito, desejo de saber. Paixão até o paroxismo pelo mysterio do desconhecido.

Morte serena, suavemente, como um perfume que se desata da flôr; abstracção da Dôr physica — monstro dilacerante perturbador da attitude esthetica...

Mas, eu me perco em divagações que se devem julgar inuteis... A creação do typo deu origem á sua propria critica.

Se o teus á mão, lê depressa e o admira...

"A Correspondencia de Fradique Mendes" é a minha ultima emoção esthetica.

Reli-o, tre-li-o e parece que

Carta n. 27, p. 4

já poderia applicar Sonata; mas, isto só ha- via acontecido, vagamente, em trechos es- parsos, mas cartas admiraveis. Agora, porem, parece, o Comprehendi !!!!!.

Li-o devagar, com o cuidado do virtuose que desilha o teclado e em certo momento pára, repete a frase sonóra e desco- bre a Belleza fugidia, que se occultava (a espessa) por sob a complicada renda da tech- nica...

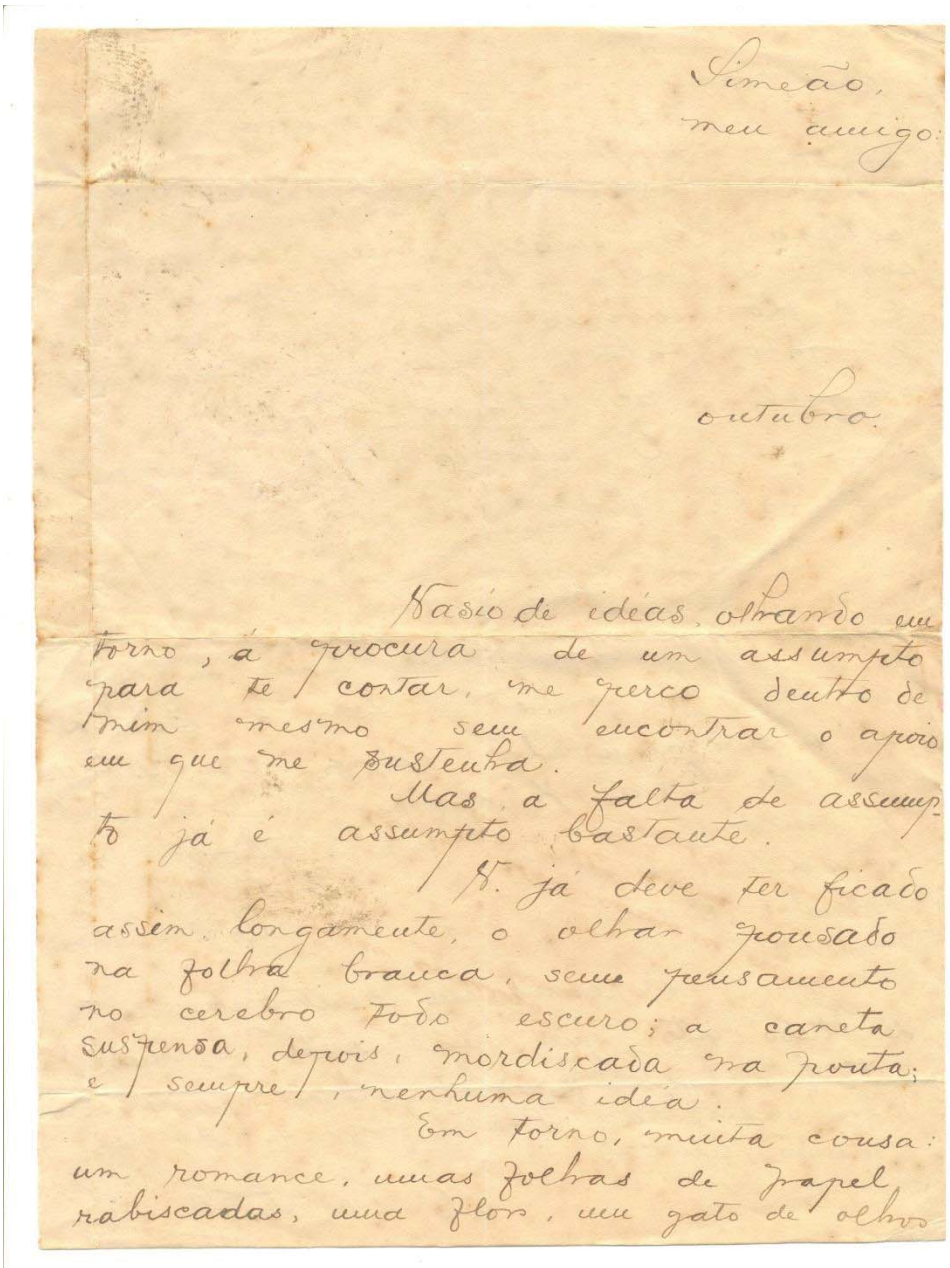
Creio ter-lhe apprehendido a essencia, perturbadora e fina vagando na linguagem deliciosa de imperfeições grammaticaes...

Ai favas a grammatica e todo o complicado scientifico! Nunca um compendio de Economia Politica ou uma taboa de log- rithmos trouxe ao espirito do homem a concepção de uma imagem que se traduzisse pela linha, pel- Som...

Do teu amigo.

Santa Rosa, p.

Carta n. 28, p. 1



Simeão,
meu amigo:

outubro.

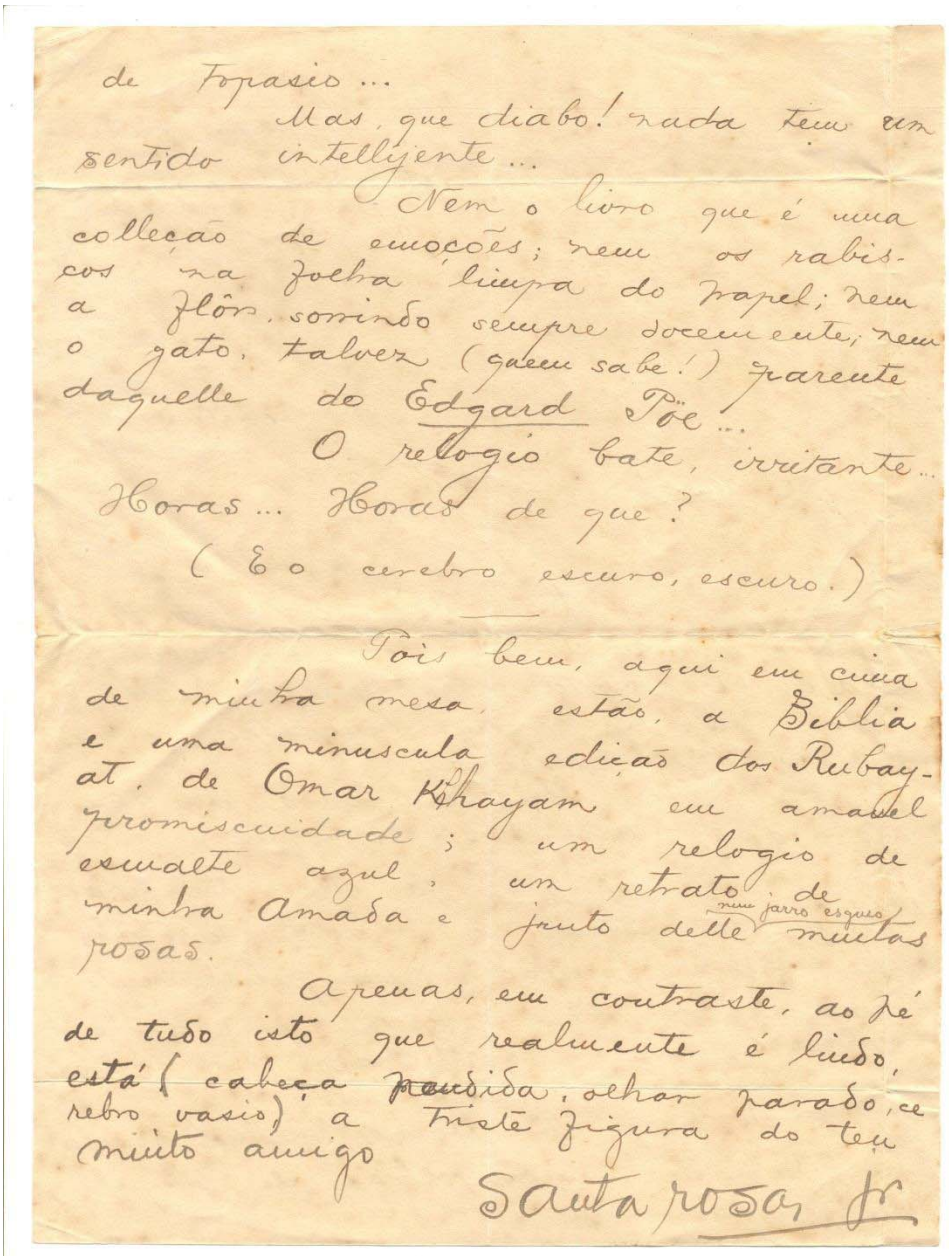
Nasio de idéas, olhando em torno, á procura de um assumpto para te contar, me perco dentro de mim mesmo sem encontrar o apoio em que me sustenha.

Mas a falta de assumpto já é assumpto bastante.

V. já deve ter ficado assim longamente, o olhar pousado na folha branca, sem pensamento no cerebro todo escuro; a caneta suspensa, depois, mordiscada na ponta; e sempre, nenhuma idéa.

Em torno, muita cousa: um romance, umas folhas de papel rabiscadas, uma flor, um gato de olhos

Carta n. 28, p. 2



de Topasio ...

Mas, que diabo! nada tem um sentido intelligente ...

Nem o livro que é uma collecção de emoções; nem os rabiscos na folha limpa do papel; nem a flôr, sorrindo sempre docemente; nem o gato, talvez (quem sabe!) parente daquelle do Edgard Poë ...

O relogio bate, irritante ...

Horas ... Horas de que?

(E o cerebro escuro, escuro.)

Pois bem, aqui em cima de minha mesa, estão, a Biblia e uma minuscula edição dos Rubayat, de Omar Khayam em amavel promiscuidade; um relogio de esmalte azul, um retrato de minha Amada e junto delle (meu jarro esguio) muitas rosas.

Apenas, em contraste, ao pé de tudo isto que realmente é lindo, está (cabeça ~~pendida~~, olhar parado, cerebro vasio) a triste figura do teu muito amigo

Santa Rosa Jr.

Carta n. 29, p. 1

Simeão amigo: Dez.º 36

Ainda ressabiado da vigília espontanea desses dois dias, me sento e me proponho escrever-te. O pensamento, porem, se transvia; passo a flutuar por sobre mutilações de lembranças, - cabeças, seios, rolicos braços, - sem encontrar um ponto de amarração.

Se tivesse praticado a filosofia dos yogis talvez conseguisse agora esse sobre propósito de ficar em mim mesmo.

Mas, estou assim, dissipado por varias cousas que me agradam, me desagradam, me equilibram, mas não me concentram.

Penso assim mesmo fazendo esse "bout de promenade" em torno do que for surgindo.

Aquela noite para nós terminou ali naquele desmembramento. Léauto foi pra casa e eu, idem.

Hontem, almoçamos juntos e lemos alguns capítulos de Macunaima, o herói sopadissimo.

A' noite fui ver e ouvir Joan Crawford, em "Quando o mundo dansa", filme mediocre, sem aplicação de Tecnica moderna, cheio de uma musicasinha misturada de canções napolitanas e tangos argentinos.

Não Tenho gostado de certas partituras de muitos

Carta n. 29, p. 2

11

filmes interessantes. Ha uma certa dissociação de valores. O som não se alia ao elemento essencial - a imajem. Em vez de haver uma partitura especial de tal filme, não, misturam um pedaço do Lohengrin (pelo menos já ouvi a marcha nupcial do Lohengrin em mais de 10 cenas de casamento) com a Rêverie, de Schumann, com o batidissimo Torna a Surriento, para depois rematar com ótimos fox-trots.

Não me parece coerente esse modo de musicar um filme. Devera haver a correlação intencional entre o som e a imajem. Uma integração mais ampla, mais absoluta.

Sobre isto Honegger, esse modernissimo compositor da "Pacific 234", nos dá em "Plans", revista interessante, cheia de atualidades, uma bela pagina, apenas, massante pelo exagero de technica a interpretação pelo musico de temperamento affin.

Cada genero de filme, se adaptasse

Milhaud musicaria, por exemplo, "Metropolis". Varèse, "Santa Joana d'Arc".

O cinema foi das artes a que mais progrediu na passão do Tempo.

É admiravel. Ou não. Talvez seja natural. Como fruto de uma civilisação velocissima,

Carta n. 29, p. 3

111

– escalando o espaço na ousadia dos arranha céos estaveis e dos aviões mobilissimos, apanhando radiograficamente as imajens que se desenvolvem à milhões de kilometros, teria necessariamente de modugir uma arte assim de um aperfeiçoamento crescente no menor tempo.

Desde a pistola de Marey áos aparelhos da Western Electric, ha uma maravilhosa historia da intelijencia moderna desdobrando um mundo parecido bastante com o nosso, porem, novissimo, mais novo mesmo que a America.

Os irmãos Lumière botaram Colombo no papato.

"A saida dos operarios do atelier Lumière"
"O almoço de Bébé"
"A chegada do Trem á estação de Lyon"
"Lumière e Trewey jogando cartas", trouxeram ao mundo maior encantamento que o golfo do Mexico, ou a cordilheira dos Andes.

Eisenstein, Pudovkin, Dziga-Vertoff, o creador do "cinema-olho", Dreyer, Chaplin, são os magicos da nova arte. De uma cartola vazia, saem pombos, bandeiras, guirlandas...

Carta n. 29, p. 4

IV

Já falei muito de cinema. Não sei porque. Ademais eu não entendo de cinema. Nunca li substancia sobre cinema. Mas, é o diabo. a gente nega um assunto, descasca o bruto no que pode.

Bem. Quero que V. me informe melhor sobre aquele ~~nosso~~ intento. Mais meu. Seu tambem porque V. entrou na dansa. Naquele dia estavamos um tanto aventados com aquela mastarbação de acertar a viagem, e não pudemos falar mais claro.

V. manda dizer quando se aborrecerá de estar aí e vem passar uns dias aqui comnosco.

Desta vez ainda não vão os desenhos por estarem na casa do Zé'auto.

Francamente, se não fosse esse calor danado, eu chegaria à lhe escrever muito mais.

Por enquanto abraço o seu

Santa Rosa Jr.

Carta n. 31, p. 1

Caro Simeão:

Aproveito agora o nosso Ademar, para enviar-te esses livros que o teu cunhado já havia trazido ha dias.

Afinal, por aqui, pouco ou quasi nada se sabe de ti; senão, que foste nomeado professor de H.Natural, do Liceu. O ar da provincia, parece, te comunicou uma imensa preguiça, e por isso não dás uma linha de noticia aos amigos. O Portinari tem perguntado sempre por vocês.

Atualmente, aqui, domina o futeból. O campeonato que se disputa na Europa, se comunica ao Rio, com um frenesi de extrema entuziasmo. Todos torcem. O Presidente da Republica ouve pelo radio as peripecias do jogo "malicioso" de Leonidas, o "diamante negro", os tiros vigorosos de Peracio, as defezas espetaculares de Walter. A literatura em pezo, a burocracia, especialmente, os magistrados, o alto comercio, os trabalhadores em construção civil, etc. todos esses brasileiros vivem debaixo dos alto-falantes, acompanhando emocionados, o desenrolar das rudes pelejas. Felizmente, para abrandar esse furor patriotico e esportivo, a Italia venceu o team brasileiro por 2x1. Parece, que agora vamos voltar á vida propriamente dita, isto é, o balanço das economias, o enfrentar

Carta n. 31, p. 2

dos credores,o duro batente carioca.

Ha mais de 20 dias que o noticiario dos jornais se ~~xxix~~ dedica inteiramente aó brilho do nosso "scratch".

As "manchettes" têm caprichado e a imprensa é tambem altamente esportiva.

De modo que pouco,tambem,te posso dizer.

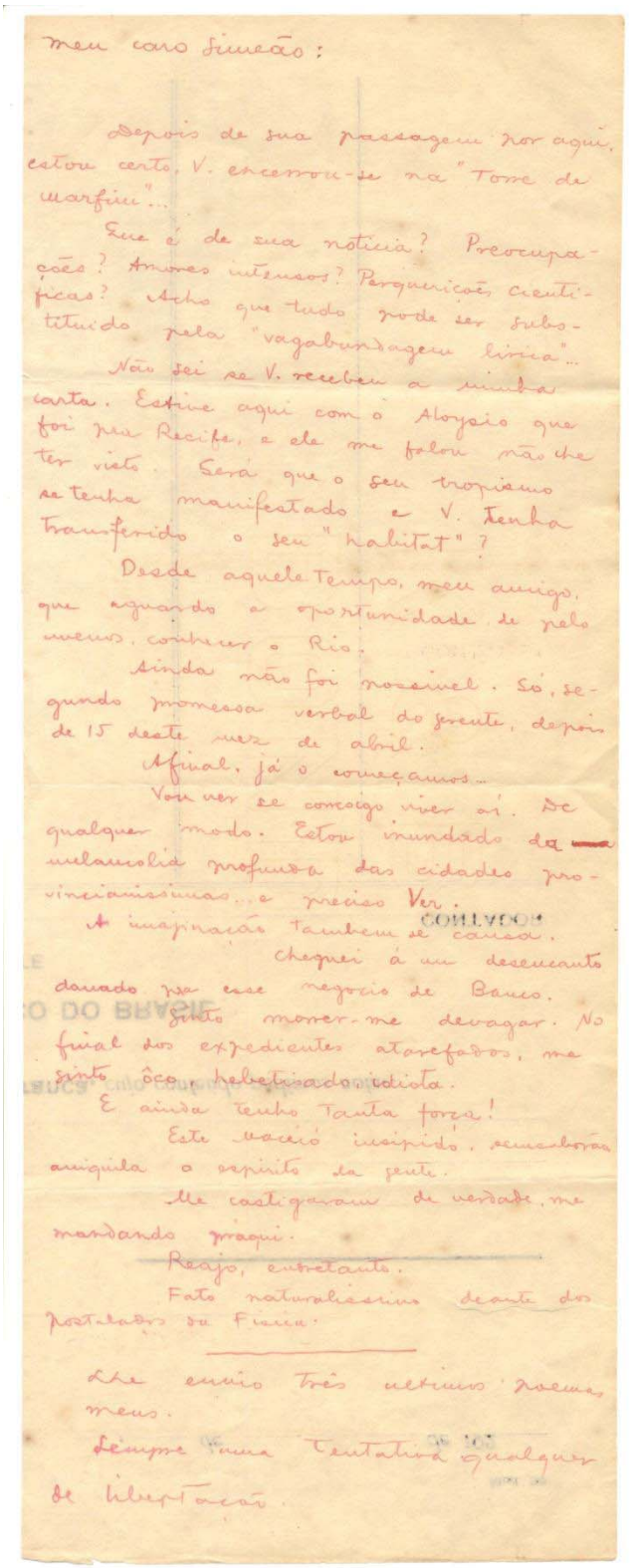
Esperamos noticia s tuas e de Eloá.

Muitos abraços da Glorinha e do teu

Santa Rosa

Recomenda-me a teus pais e aos nossos velhos amigos.

Carta n. 32, p. 1



Meu caro Simeão:

Depois de sua passagem por aqui, estou certo, V. encerrou-se na "Torre de Marfim"...

Que é de sua notícia? Preocupações? Amores intensos? Pesquisas científicas? Acho que tudo pode ser substituído pela "vagabundagem lírica"...

Não sei se V. recebeu a minha carta. Estive aqui com o Aloysio que foi pra Recife, e ele me falou não ter visto. Será que o seu tropicismo se tenha manifestado e V. tenha transferido o seu "habitat"?

Desde aquele tempo, meu amigo, que aguardo a oportunidade de pelo menos conhecer o Rio.

Ainda não foi possível. Só, segundo promessa verbal do gerente, depois de 15 deste mez de abril.

Afinal, já o começamos...

Vou ver se consigo viver aí. De qualquer modo. Estou inundado da melancolia profunda das cidades provincianíssimas... é preciso Ver.

A imaginação também se cansa.

Cheguei à um desencanto danado pra esse negócio de Banco.

Gosto mesmo-me devagar. No final dos expedientes atarefados, me sinto ôco, helvetizado, idiota.

E ainda tenho tanta força!

Este trabalho insípido, semelhante aniquila o espírito da gente.

Me castigaram de verdade, me mandando praqui.

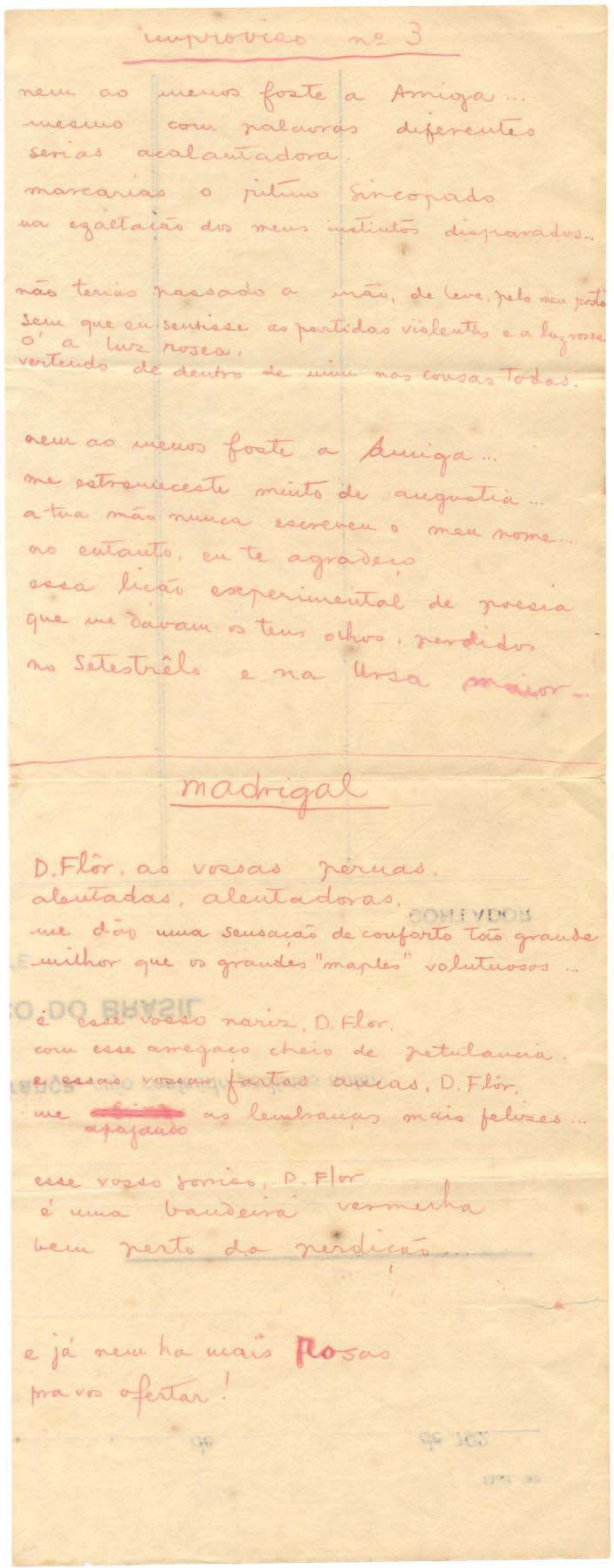
Reajo, entretanto.

Fato naturalíssimo diante dos postulados da Física.

Lhe envio três últimos poemas meus.

Sempre uma tentativa qualquer de libertação.

Carta n. 32, p. 2



improviso nº 3

nem ao menos foste a Amiga ...
mesmo com palavras diferentes
serias acalantadora.
marcarias o ritmo sincopado
na exaltação dos meus instintos disparados...

não terias passado a mão, de leve, pelo meu rosto
sem que eu sentisse as partidas violentas e a luz rosea
o' a luz rosea,
vertendo de dentro de mim nas coisas todas.

nem ao menos foste a Amiga ...
me estremeceste muito de angustia ...
a tua mão nunca escreveu o meu nome...
ao entanto, eu te agradeço
essa lição experimental de poesia
que me davam os teus olhos, perdidos
na Setestrêlo e na Ursa maior...

madrigal

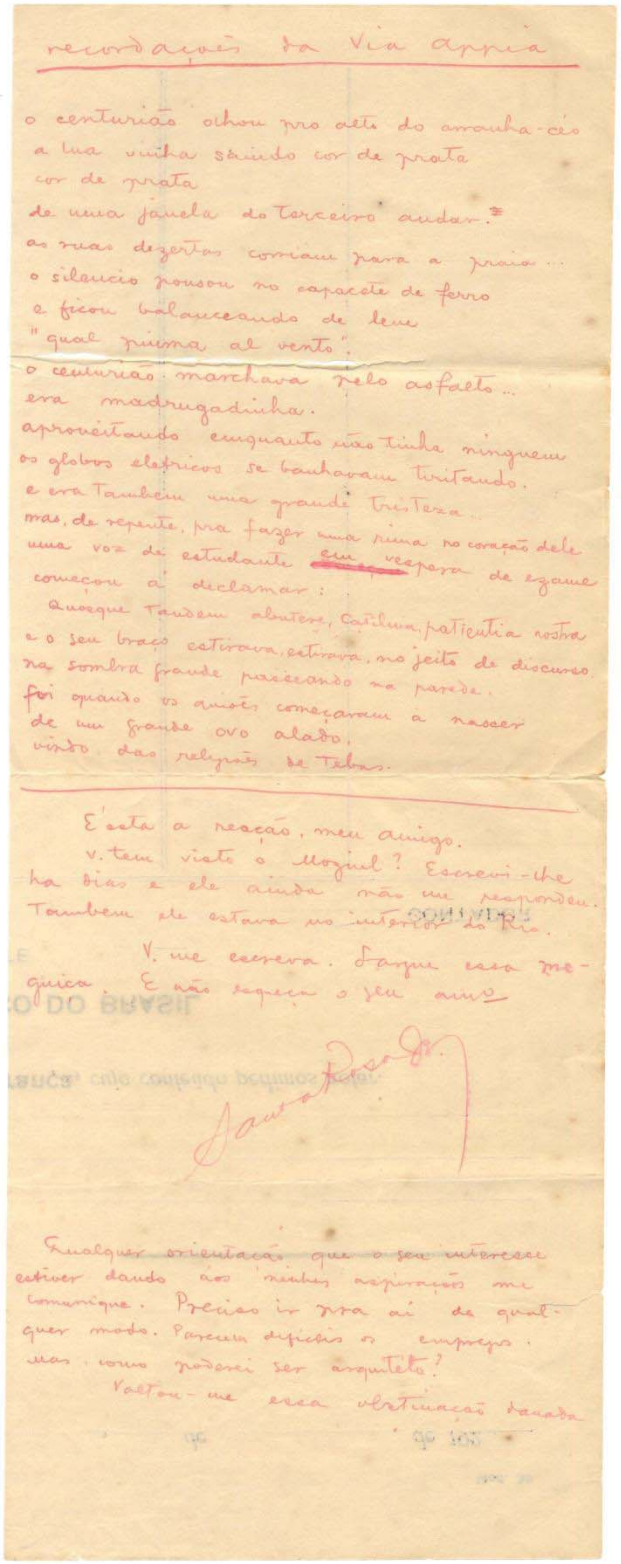
D. Flôr, as vossas pernas,
alentadas, alentadoras,
me dão uma sensação de conforto todo grande
E melhor que os grandes "maples" voluptuosos ...

é esse vosso nariz, D. Flor,
com esse arregaço cheio de petulancia,
e as vossas vossas fantasias anticas, D. Flôr,
me apagando as lembranças mais felizes ...

esse vosso sorriso, D. Flor
é uma bandeira vermelha
bem perto do perdição...

e já nem ha mais Rosas
pra vos ofertar!

Carta n. 32, p. 3



recordações da Via Appia

o centurião olhou pro alto do arranha-céo
a lua vinha saindo cor de prata
cor de prata
de uma janela do terceiro andar.
as ruas dezertas corriam para a praia...
o silencio pousou no capacete de ferro
e ficou balanceando de leve
"qual pluma al vento".
o centurião marchava pelo asfalto...
era madrugadinha.
aproveitando enquanto não tinha ninguem
os globos elétricos se banhavam tiritando.
e era Tambem uma grande tristeza
mas, de repente, pra fazer uma ruma no coração dele
uma voz de estudante em vespera de exame
começou a declamar:
Quoeque Tandem abutere, Catilina, paticntia nostra
e o seu braço estirava, estirava, no jeito de discurso
na sombra grande parecendo na parede.
foi quando os anões começaram a nascer
de um grande ovo alado,
vindo das religiões de Tebas.

E'esta a reação, meu amigo.
V. tem visto o Mogiul? Escrevi-lhe
ha dias e ele ainda não me respondeu.
Tambem ele estava no interior do Rio.
V. me escreva. Faça essa me-
guica. E não esqueça o seu amº

Qualquer orientação que o seu interesse
estiver dando aos meus aspirações me
comunique. Preciso ir pra aí de qual-
quer modo. Parecem difeis os empregos.
mas como poderei ser arquiteto?
Valeu-me essa alternativa tenaba

Carta n. 34, p. 1

Santa Rosa, rj

Simeão,
meu amigo:

abro a janella para escrever. a luz aggressiva, entra impetuosa, espantando uns restos da sombra noturna, ainda flutuantes no meu quarto.

Sobre a parede, um vidro lançou um pedaço do arco-iris.

e parece, dali sahiram as arvores verdes, os telhados vermelhos, sob o céo azul, muito azul..

a chuva matinal lavou tudo, poliu tudo. a natureza é um esmalte lindo...

Tolheio do acaso um volume a "doutrina de Freud", explicada por Franco da Rocha, dr.

Carta n. 34, p. 2

11

espero, entretanto, que assim não tenha acontecido.
percebo a tua attribulação neste ultimo periodo, motivada pelos exames, sob os quaes interpreto a escassez da tua correspondencia.

---

o tedio se infiltra, se dissipa, celerrimente, no meu ser, sem animo, desprovido de estimulo, insulado, sob uma athmosphera asphyxiante e saturada...

os dias se escôam numa successão lenta, como uma porção de óleo que desse sobre um plano horisontal.

a banalidade me assalta de todos os lados, cynica, ironica, alvar.

os homens (em geral) esses titeres pretenciosos q.e se agitam, num desengonço de polichinello, passam enfatuados, numa louvação reciproca e despudorada...

beati pauperes spiritu...

o espetaculo da cidade parada, alagadinha de monotonia e povoada de sêres mechanicos, ôcos, com os mesmos gestos, e as mesmas palavras, para cada cousa...

—— + ——

Carta n. 34, p. 3

a minha incapacidade se dilata. imagina tu que desde aquelles ultimos poemas que te enviei tenho sido obrigado á nada escrever. a sensibilidade embotada pela invasão do vulgar circumjacente.

só existem seres virtuosos. e, para mim, a virtude (á não ser como attitude) é bem pouco pittoresca!

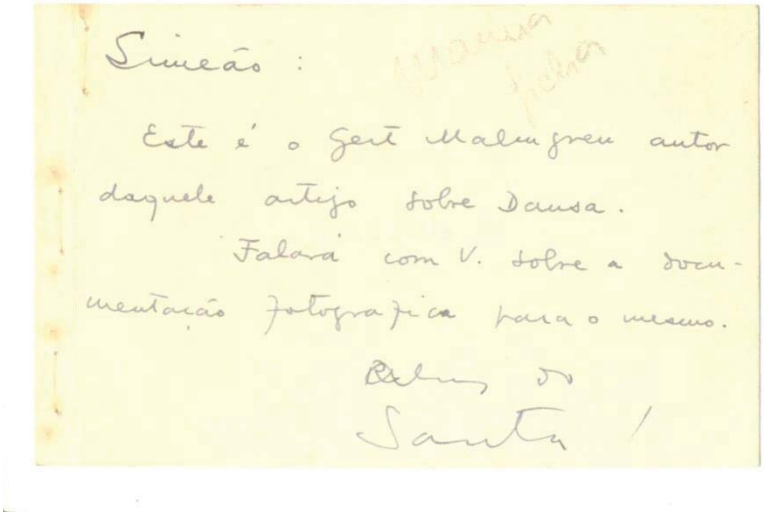
por aqui não existem daquelles seres de que nos fala Grieco, quando andou caçando symbolos: aquelles seres canalhas, espalhafatosos pura ralé, mas que nos podem offerecer um espectaculo maravilhoso, quando por uma analyse curiosa, penetramos-lhes na alma, varamos-lhes a vida cheia de controversias e passes arriscadissimos...

sêres que superficialmente enjoam a vida. mas que, de improviso (e isto o mais bello) apresentam uma alma linda, como uma paysagem variada, sob uma luz forte, chocante...

escreve logo ao muito teu

Santa Rosa

Carta n. 36, p. 1



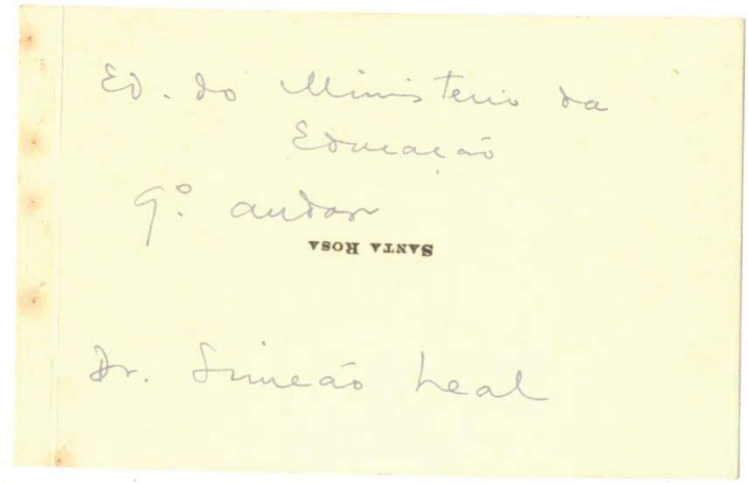
Simeão:

Este é o Gert Malungren autor daquele artigo sobre Dansa.

Falará com V. sobre a documentação fotografica para o mesmo.

Santa

Carta n. 36, p. 2



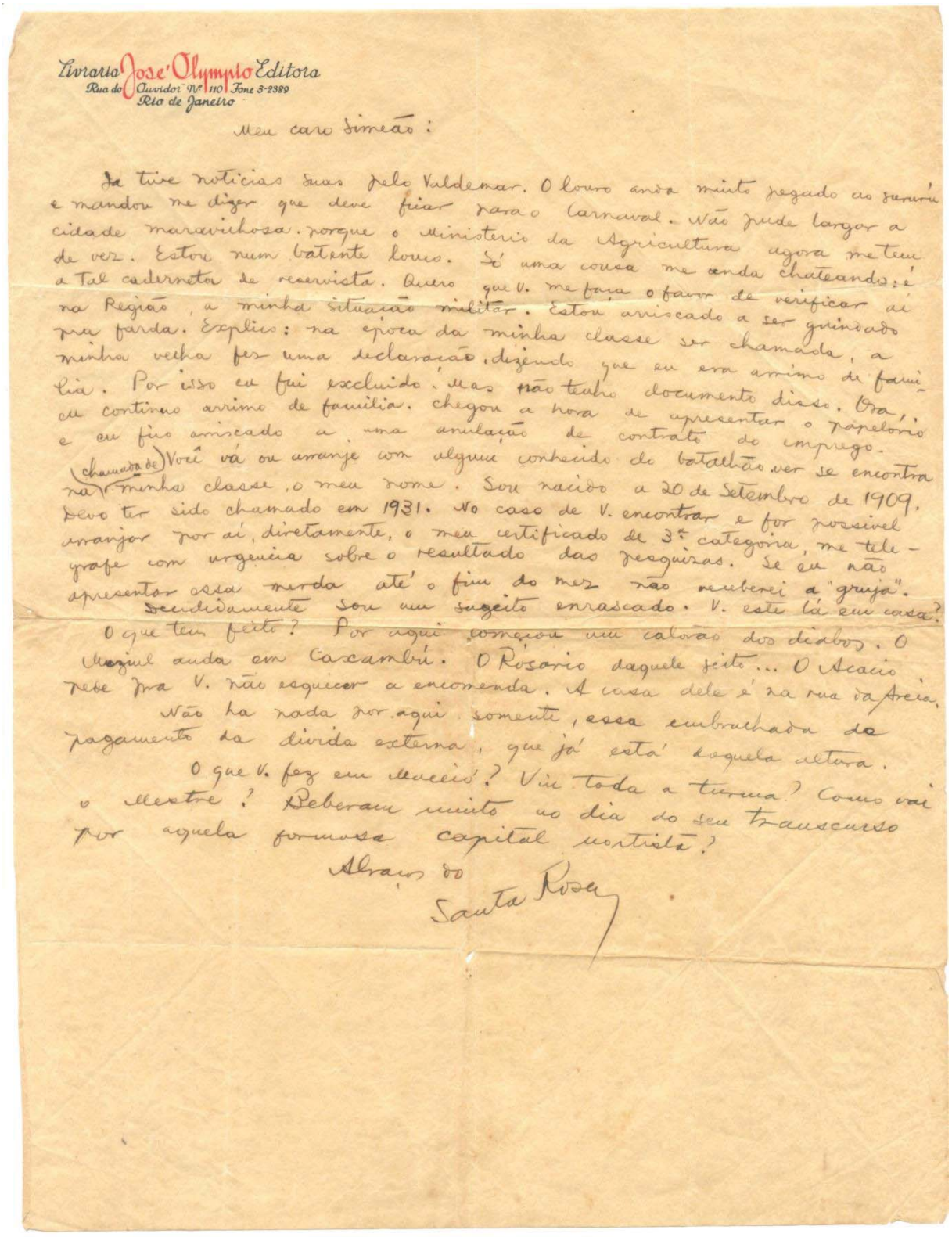
Ed. do Ministerio da Educação

9º andar

SANTA ROSA

Dr. Simeão Leal

Carta n. 38



Livraria José Olympio Editora
Rua do Ouvidor Nº 110 Fone 3-2389
Rio de Janeiro

Meu caro Simeão:

Já tive notícias suas pelo Valdemar. O louro anda muito pegado ao serviço e mandou me dizer que deve ficar para o Carnaval. Não pode largar a cidade maravilhosa, porque o Ministério da Agricultura agora me tem de vez. Estou num batente louco. Só uma coisa me anda chateando: é a Tal caderneta de reservista. Quero que V. me faça o favor de verificar aí na Região, a minha situação militar. Estou arriscado a ser grinsado pra farda. Explico: na época da minha classe ser chamada, a minha velha fez uma declaração, dizendo que eu era arrimo de família. Por isso eu fui excluído, mas não tenho documento disso. Bra, e continuo arrimo de família, chegou a hora de apresentar o papelório e eu fico arriscado a uma anulação de contrato do emprego. Você vá ou arranje com alguma conhecido do batalhão ver se encontra (chamado de) na minha classe, o meu nome. Sou nascido a 20 de Setembro de 1909. Devo ter sido chamado em 1931. No caso de V. encontrar e for possível arranjar por aí, diretamente, o meu certificado de 3ª categoria, me telegrafe com urgência sobre o resultado das pesquisas. Se eu não apresentar essa merda até o fim do mez não receberei a "grija".

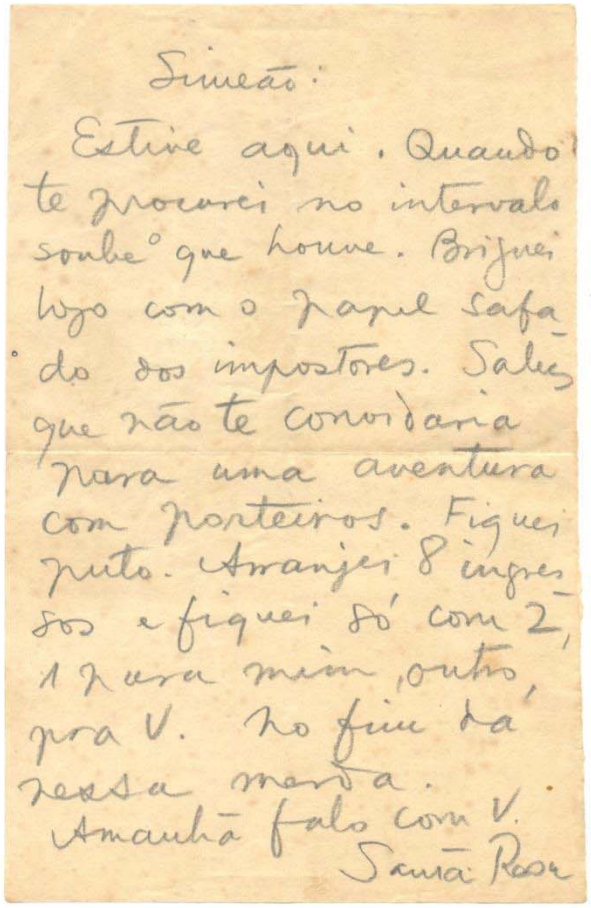
Decididamente sou um sugeito enrascado. V. está lá em casa? O que tem feito? Por aqui começou um calorão dos diabos. O Mogiul anda em Cascambú. O Rosário daquele jeito... O Acácio pede pra V. não esquecer a encomenda. A casa dele é na rua da Areia.

Não ha nada por aqui somente, essa embrulhada do pagamento da dívida externa, que já está daquela altura.

O que V. fez em Macaé? Viu toda a turma? Como vai o Mestre? Beberam muito no dia do seu transcurso por aquela formosa capital montista?

Abraços do
Santa Rosa

Carta n. 41



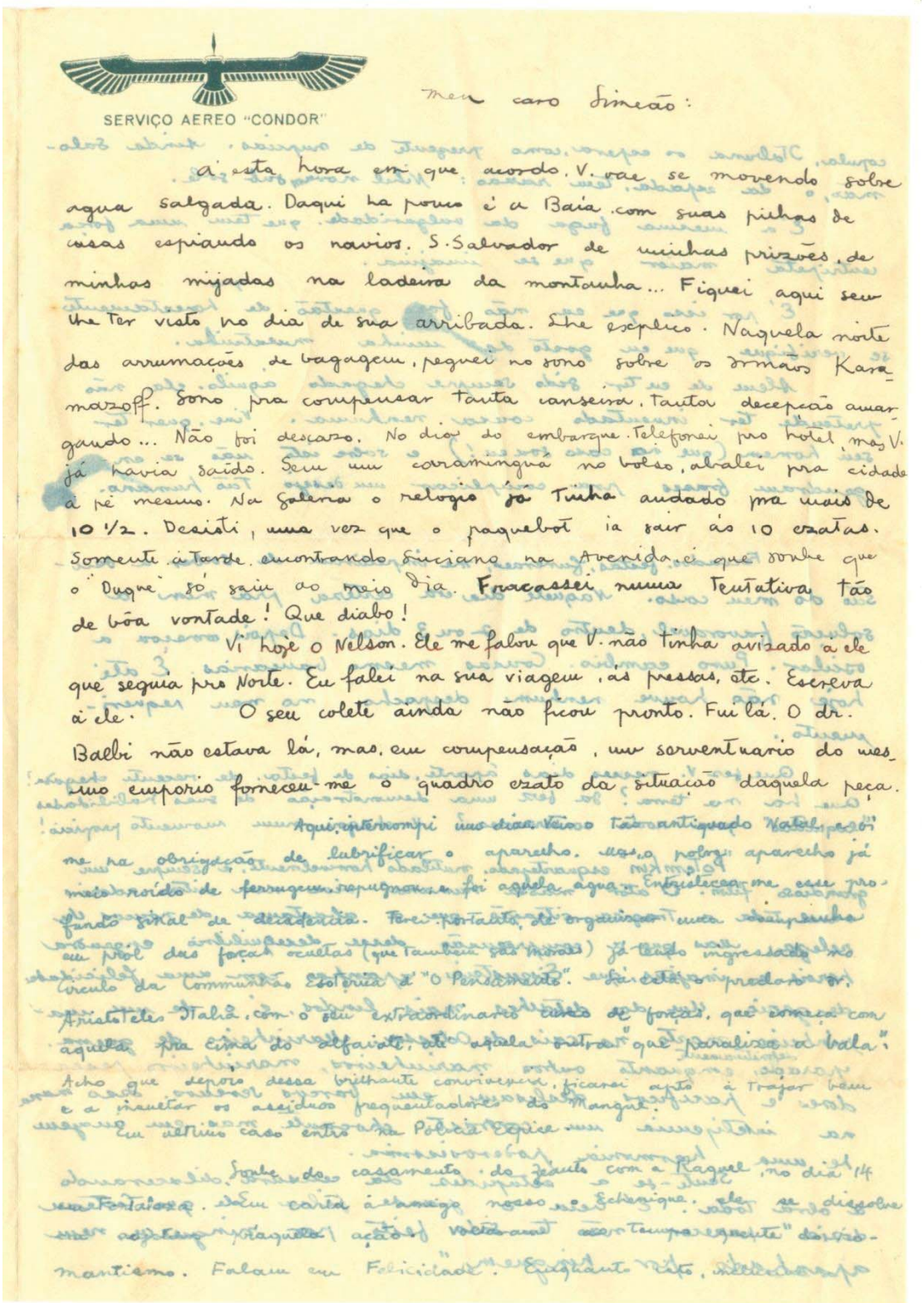
Simeão:

Estive aqui. Quando te procurei no intervalo soube que houve. Brigueiro com o papel safado dos impostores. Sabes que não te convidaria para uma aventura com porteiros. Fiquei puto. Arranjei 8 ingressos e fiquei só com 2, 1 para mim, outro, pra V. No fim da festa merda.

Amanhã falo com V.

Saúde Rosa

Carta n. 42, p. 1


SERVIÇO AEREO "CONDOR"

Meu caro Simeão:

A esta hora em que acordo, V. vae se movendo sobre agua salgada. Daqui ha pouco é a Baia com suas pilhas de casas espiando os navios. S. Salvador de minhas prizões, de minhas mijadas na ladeira da montanha... Fiquei aqui sem lhe ter visto no dia de sua arribada. Lhe esplico. Naquela noite das arrumações de bagagem, peguei no sono sobre os irmãos Karamazoff. Sono pra compensar tanta canseira. Tanto decepção amargando... Não foi descaso. No dia do embarque. Telefonei pro hotel, mas V. já havia saído. Sem um coraminguá no bolso, abalei pra cidade à pé mesmo. Na galeria o relogio já tinha andado pra mais de 10 1/2. Desisti, uma vez que o paquebot ia sair ás 10 exatas. Somente á tarde, encontrando Luciano na Avenida, é que sondei que o Duque só sairia ao meio dia. Fracassei numa tentativa tão de bôa vontade! Que diabo!

Vi hoje o Nelson. Ele me falou que V. não tinha avizado a ele que seguia pro Norte. Eu falei na sua viagem, ás pressas, etc. Escreva á ele.

O seu colete ainda não ficou pronto. Fui lá. O dr. Balbi não estava lá, mas, em compensação, um serventuario do mesmo emporio forneceu-me o quadro exato da situação daquela peça. Aqui interrompi uma carta. Veio o tão antiquado Natal, pondo-me na obrigação de lubrificar o aparelho, mas o velho aparelho já meio roído de ferrugem, repugnou-se foi aquela agua. Entristeceu-me esse profundo sinal de decadencia. Fiz portanto, de organisar uma campanha em prol das forças ocultas (que tambem são morais) já tendo ingressado no circulo da Communhão Esoterica á "O Pensamento". Sei que o predador Dr. Aristoteles Italia, com o seu extraordinario circo de forças, que começa com aquela pra cima do elefante, até aquela outra que paralisa o bala". Acho que depois dessa brilhante convivencia, ficarei apto á trajar bem e a iludir os assiduos frequentadores do Mangue.

Em ultimo caso entro na Policia Especial.

Sobre o casamento do Zezito com a Raquel, no dia 14 vae Fortaleza. Em carta á Eduardo nosso. Eduardo. ele se dissolve naquela ação. Voltaire "Cem tempos agente" dentro-mantismo. Falam em Felicidade. Engraçado isto.

Carta n. 42, p. 2

Pela primeira vez fui ontem, decepcionar-me assistindo o teatro de opera. Vi e ouvi a "Boheme". Em musica, é sempre agradavel a robusta melodia puccininana. Mas, como conjunto cenico, aquela barbardia de vozes, a incoerencia dess situações, o proprio ato de cantar, foge tudo à um equilibrio racional estabelecido para o Teatro. E' comovente, bonita mesmo, aquela boemia de moços artistas, os Ternos amores de Mimi e Rodolfo, o altruismo do ultimo ato, no amparo à Mimi Tuberculosa e moribunda.

O ultimo ato é de um sentimentalismo muito docentis. E' vagoavel pois a pobre heroina vai morrer. a musica é doce. o duetto pra Soprano e Tenor, a cavatina do baixo "vecchia zimarra". são deliciosos. E' sentimental como o diabo! Infelizmente, ainda não nos podemos libertar, por mais racionais e praticos, à essa Terrivel herança, de negros e latinos...

O baritono Asdrubal Lima é completo. O baixo João Athos possue uma voz poderosa. O registro grave é riquissimo, [redacted] e melodioso. Abigail Pereira uma Soprano em condições. O Tenor Paoli mediocre. Mas, o conjunto foi agradavel, apezar de se precisar muito do Tenor.

Apanhei uma gripe, seu Simeão, que quasi me lasca. Tossia prodigiosamente. Com um accento Tão baritonal, que o publico Todo procurava o sentido daqueles sons. Não encontrando-os, porem, opinavam pela tuberculose. O diabo! Perdi 7 Kilos na crata. Ainda vou me arrastando com um rabinho da fera, mas, graças ao dr. Metchnikoff, ainda Terei germens pra reagir.

V. viu o meu pessoal, em Recife? Houve Tempo? Escreva. Queira bem ao seu muito am.º

Santa Rosa

Se V. quizer algo daqui. já sabe.

Dá um abraço no teu velho. A' familia, recomendações.

Duarte de Macedo 59
Flamengo

ANEXO C

CATÁLOGO CORRESPONDÊNCIAS/ NDIHR

REMETENTE : JOSÉ SIMEAL LEAL

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P6.C3 0167	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Fala sobre a amizade entre eles; comenta convite que recebera e sobre a viagem do conservatório de Música.	CARTA; man; 01 fl; 13,9 x 20,5 cm.
A1.G1.P6.C3 0168	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Meu preguiçosíssimo amigo]	-	-	Fala sobre saudades da terra natal e do amigo; comenta sobre entusiasmo do povo pela política e sobre descalabro da imprensa paraibana.	CARTA; man; 01 fl; 11,5 x 32,8 cm.
A1.G1.P6.C3 0169	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Meu amigo]	-	-	Comenta leitura do livro "A idade do jazz", de ANTONIO FERRO; divaga sobre seus sentimentos em relação à música dos pianistas alemães.	CARTA; man; 01 fl; 17,6 x 23,0 cm.
A1.G1.P5.C3 0170	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Analisa obras a arte de ANTONIO CARNEIRO; comenta sobre dois espetáculos da ópera assistidos.	CARTA; man; 01 fl; 20,8 x
A1.G1.P6.C3 0171	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Comunica a nomeação de SANTA ROSA como desenhista pala Comissão de Estradas; avisa que esteve com o DAUTO e entregara livro que havia emprestado.	CARTA; man; 01 fl; 21,4 x 26,5 cm.
A1.G1.P6.C3 0172	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Comenta trecho sobre solidão de livro de HALL CAINE; admira-se com a metamorfose do amigo e de si; lamenta-se por não ter recebido carta; pede que envie escritos; avisa que procurou mas não encontrou livro solicitado pelo amigo nas livrarias; HIGINO BRITO envia abraço.	CARTA; man; 05 fls; 15,8 x 22,4 cm.
A1.G1.P6.C3 0173	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa meu bom amigo]	-	-	Desabafa sobre os eventos cariocas e suas longas e difíceis noites de insônia.	CARTA; man; 01 fl; 20,0 x 28,0 cm.
A1.G1.P6.C3 0174	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Meu amigo]	-	-	Comunica-o sobre o envio da tão solicitada obra de Platão e de escritores franceses;	CARTA; man; 01 fl; 20,4 x
A1.G1.P6.C3 0175	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa [Santa Rosa meu bom amigo]	-	-	Reafirma o envio do livro de PLATÃO e de dois outros autores franceses, acrescidos de uma lista de novos autores e obras sugeridas por EMÍLIO DE MAYER.	CARTA; man; 01 fl; 20,5 x 27,6 cm.

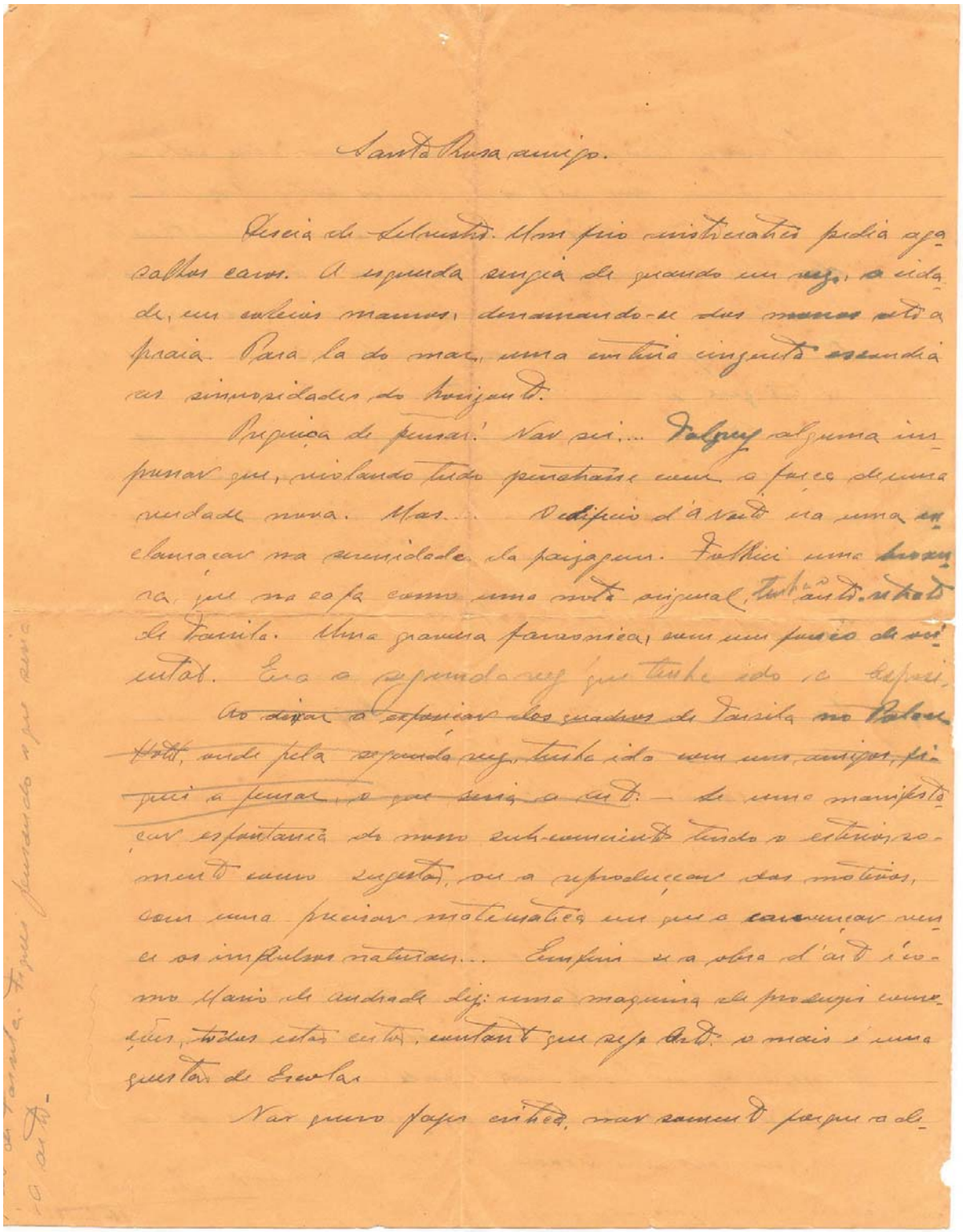
A1.G1.P6.C3 0176	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa meu bom amigo]	-	-	Comenta as realizações e feitos do maestro VILLA- LOBOS no exterior e o desconhecimento do povo brasileiro em relação a sua obra.	CARTA; man; 01 fl; 20,3 x 27,6 cm.

Notação/ Número	Remetente/ Localidade	Destinatário/ Localidade	Ano	Dia/ Mês	Resumo	Descrição física
A1.G1.P7.C1 0177	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa meu amigo]	-	-	Fala sobre a obra de VILLA-LOBOS; lamenta a indiferença popular por ele; comenta cenários de espetáculo.	CARTA; man; 02 fls; 20,3 x 27,6 cm.
A1.G1.P7.C1 0178	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Fala sobre aspectos culturais de procissão popular; comenta possível fracasso de congresso feminino e a invasão das salas da Escola de Belas Artes pelas mulheres.	CARTA; man; 03 fls; 16,2 x 23,1 cm.
A1.G1.P7.C1 0179	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior	-	-	Comenta sua intenção em escrever uma carta longa.	CARTA; man; 02 fls; 16,4 x 23,0 cm
A1.G1.P7.C1 0180	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Caro Santa Rosa]	-	-	Reclama da falta de notícias; comenta mudança nos escritos de Santa Rosa; analisa obras do pintor MARIO TULLIO.	CARTA; man; 04 fls; 15,1 x 21,6 cm.
A1.G1.P7.C1 0181	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa meu amigo]	-	-	Fala sobre as tardes quente do Rio [de Janeiro] e da paisagem que vislumbra da janela de seu quarto solitário.	CARTA; man; 01 fl; 20,4 x 27,6 cm.
A1.G1.P7.C1 0182	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa amigo]	-	-	Analisa a obra de VILLA-LOBOS E DE ANTONIO CARNEIRO; comenta espetáculo de ópera de autores moscovitas que assistira e sobre a atuação de AMÉLIA RUY COLAÇO.	CARTA; man; 06 fls; 20,8 x 26,6 cm.
A1.G1.P7.C1 0183	**José Simeão Leal**	Tomas Santa Rosa Junior [Santa Rosa amigo]	-	-	Comenta efeito de uma carta de Santa Rosa.	CARTA; man; 06 fls; 11,2 x 15,5 cm.

ANEXO D

CARTAS DE JOSÉ SIMEÃO LEAL PARA TOMÁS SANTA ROSA JUNIOR

Carta n. 123, p. 1



Santa Rosa, amigo.

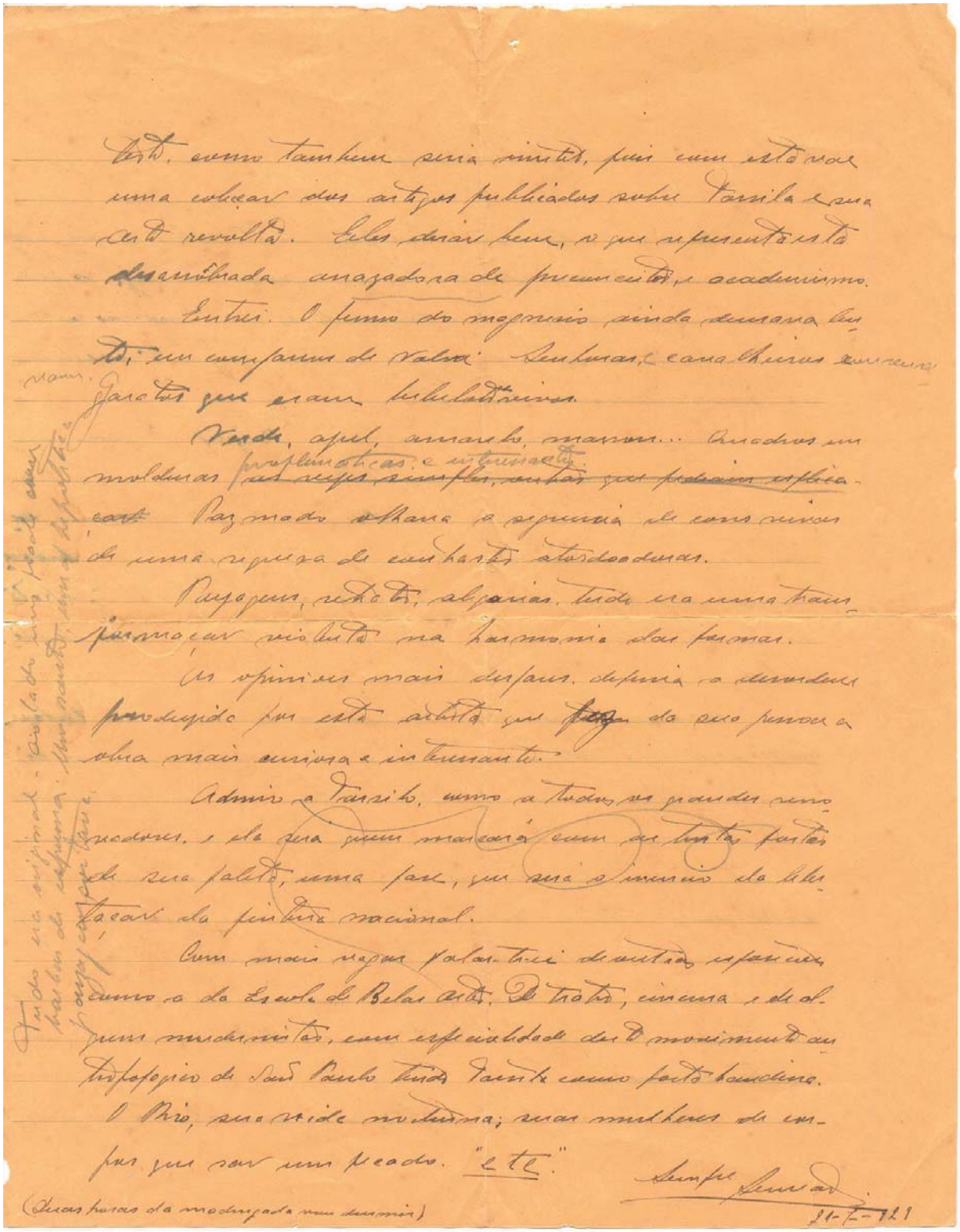
Recebi do Edmundo. Um pio misterioso pedia aos
ventos ecos. A esposa amiga de pranto em meus olhos a vida
de, em soluços mansos, demandando-me dos mares até a
praia. Para lá do mar, uma em turia cinzenta escondia
as simpatias do horizonte.

Preguiça de pensar. Nas asas... Saltou alguma im-
pensar que, violando tudo pensativa em a face de uma
saudade nua. Mas... Debruçou-se na amurada
debruçar na amizade da paisagem. Fatídica uma lem-
bra que me cola como uma mota angular, tudo auto-retrato
de Tarsila. Uma gaivota panorâmica, em um pouco de sen-
timental. Era a esposa que tenho ido e depois,

~~Ao deixar a explicar dos quadros de Tarsila no Palace~~
~~Hotel, onde pela esposa meu, tenho ido com um amigo, pi-~~
~~diu a pensar, e que sinto a ele.~~ — De um manifesto
em espontaneidade de mundo sub-consciente tendo o exterioriza-
mento como sujeito, ou a reprodução das motivos,
com uma precisão matemática em que a consciência me
es os impulsos naturais... Em pleno se na obra d'arte é co-
mo Mário de Andrade diz: uma máquina de produzir emo-
ções, todas estão certas, contanto que seja arte. O mais é uma
questão de Escolas.

Nas puras poesias críticas, mas somente porque o de-

Carta n. 123, p. 2



Tarsila, como também sua amiga, pois com ela estou uma coleção dos artigos publicados sobre Tarsila e sua arte revelada. Eles dizem bem, o que representa a consagradora de precursora, e acadêmismo.

Entre. O fumo do mogno ainda demora lá di, em cumprimento de valsa. Sentimos, e cana. Nunca em nenhum. Garotos que eram bebedores.

Verde, azul, amarelo, marrom... Cruzadas em molduras ~~pneumáticas~~ pneumáticas e intimistas. ~~Que vejo, sempre, sempre, sempre~~ que pedem explicação. Paz modo de dizer a opinião de cem vozes de uma orquestra de cem bastos atordoadoras.

Paisagens, retratos, alegorias. Tudo na mesma tranquilidade violenta na harmonia das formas.

As opiniões mais desencontradas despertou a derradeira produção por este artista que fez da sua pintura a obra mais sincera e interessante.

Admiro a Tarsila, como a todos, os grandes como modernos, e ela pela maneira com as tintas fortes de sua paleta, uma paz, que é o encanto de toda pintura nacional.

Com mais vagar falarei de outras exposições como a da Escola de Belas Artes. O teatro, cinema e demais modernistas, com especialidade do movimento antropofágico de São Paulo tudo farei como prometido.

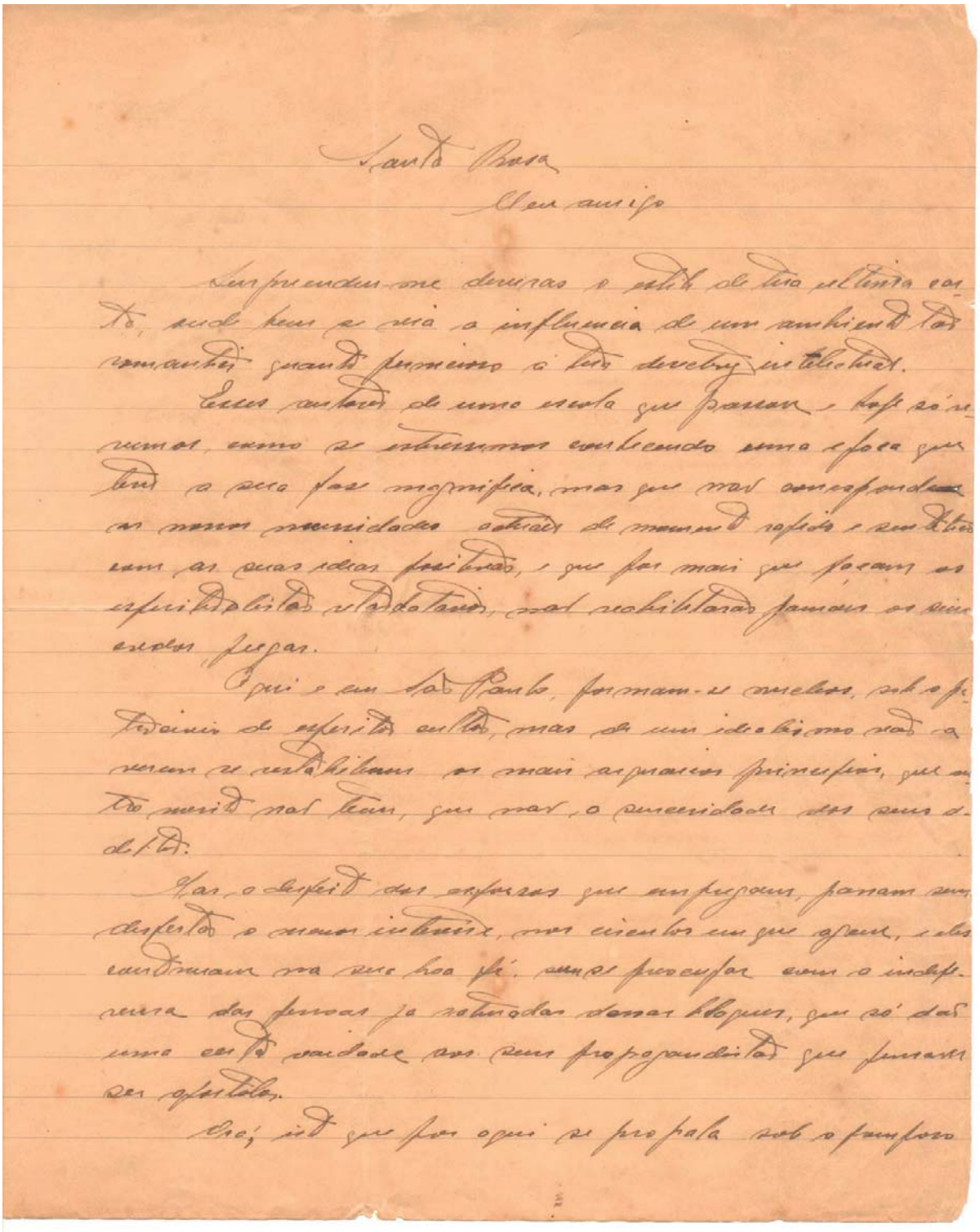
O Rio, sua vida noturna; suas mulheres de empregos que são uma piada. "etc."

Sempre Lembrado

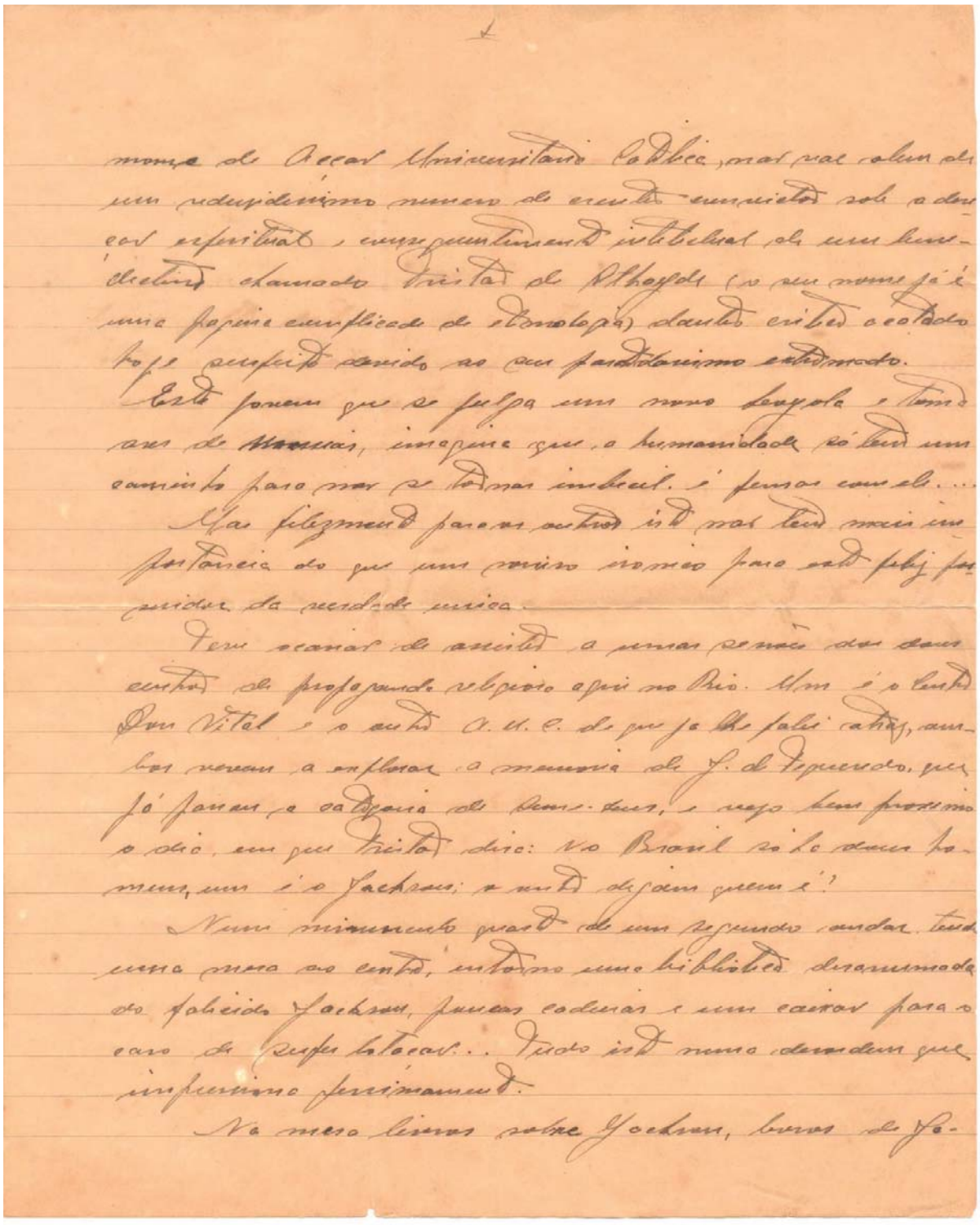
31-I-929

(Duas horas da madrugada num domingo)

Carta n. 161, n. 1



Carta n. 161, n. 2



nome de Oscar Wilmerding Caldeira, mas que alem de um vulgarissimo numero de escrita summarios sob o dever esperitual, um pensamento intellectual de um homem chamado Sherlock Holmes (o seu nome já é uma loucura complicada de etymologia) dando entrada ao seu pandemonismo estabelecido.

Este jovem que se julga um novo Loyola e tem o ares de Napoleão, imagina que a humanidade só tem um caminho para nos tornar immortal. é pensar como ele. ...

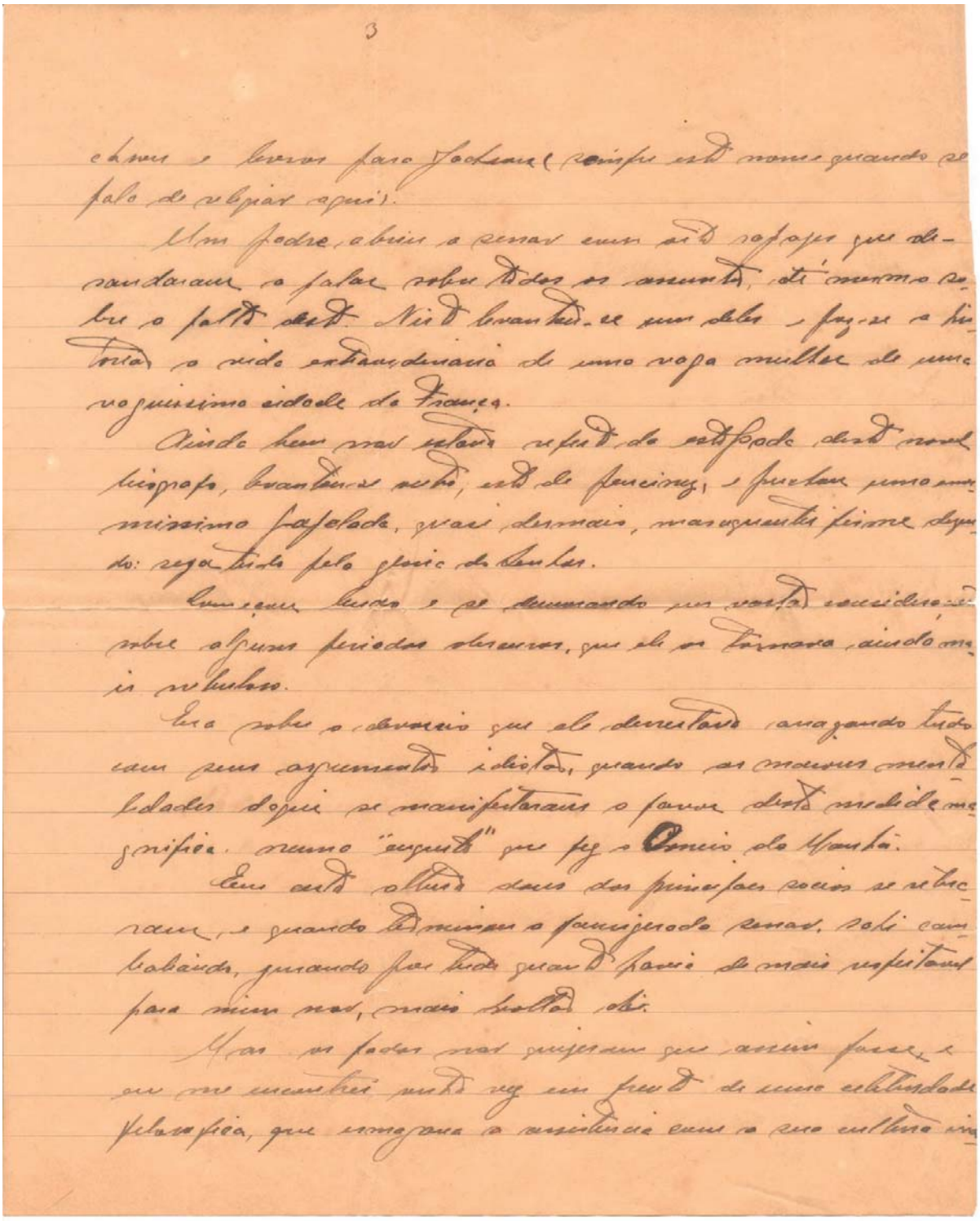
Que felizmente para os outros ainda nos tem mais importancia do que um vulgar homem para este feliz fim vinder da verdade unica.

Tem escapar de ouvir a uma reunião dos dous centros de propaganda espirita aqui no Rio. Um é o Centro Dom Vital e o outro A. M. C. de que já lhe falei outro, ambos vieram a explorar a memoria de J. de Deus Pereira, que já passou a cathegoria de Deus-Deus, e vejo bem proximo o dia, em que Christo dirá: No Brasil só ha dous homens, um é o Jackson; e outro deixem quem é?

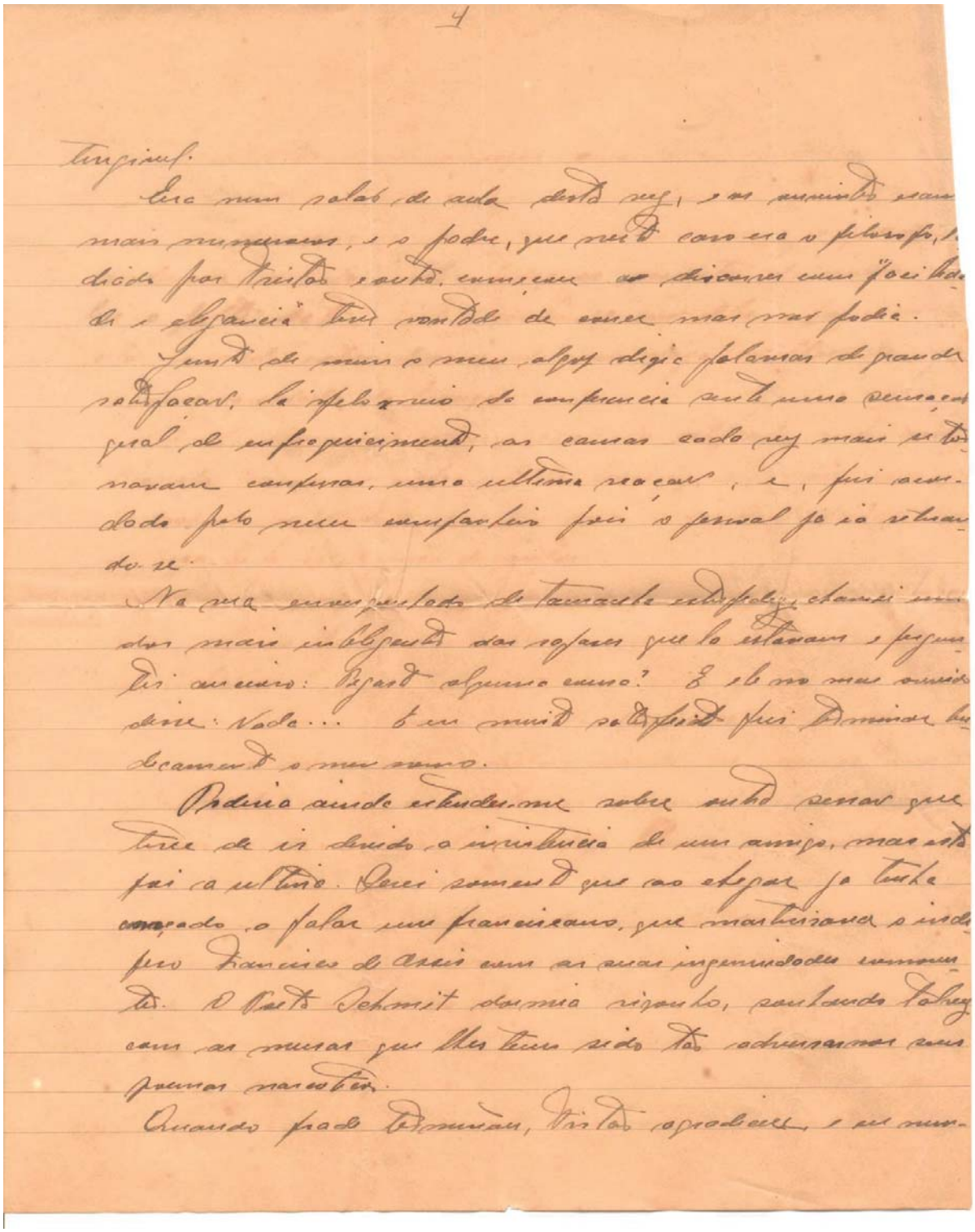
Numa miuuscula praia de um segundo andar tem uma mesa ao centro, entorno uma bibliotheca dynamisada do falecido Jackson, poucas cadeiras e um cantor para o caso de resuscitar... Tudo isto numa demonstração que impressiona fortemente.

Vá mesa lêmos sobre Jackson, livros de Jo-

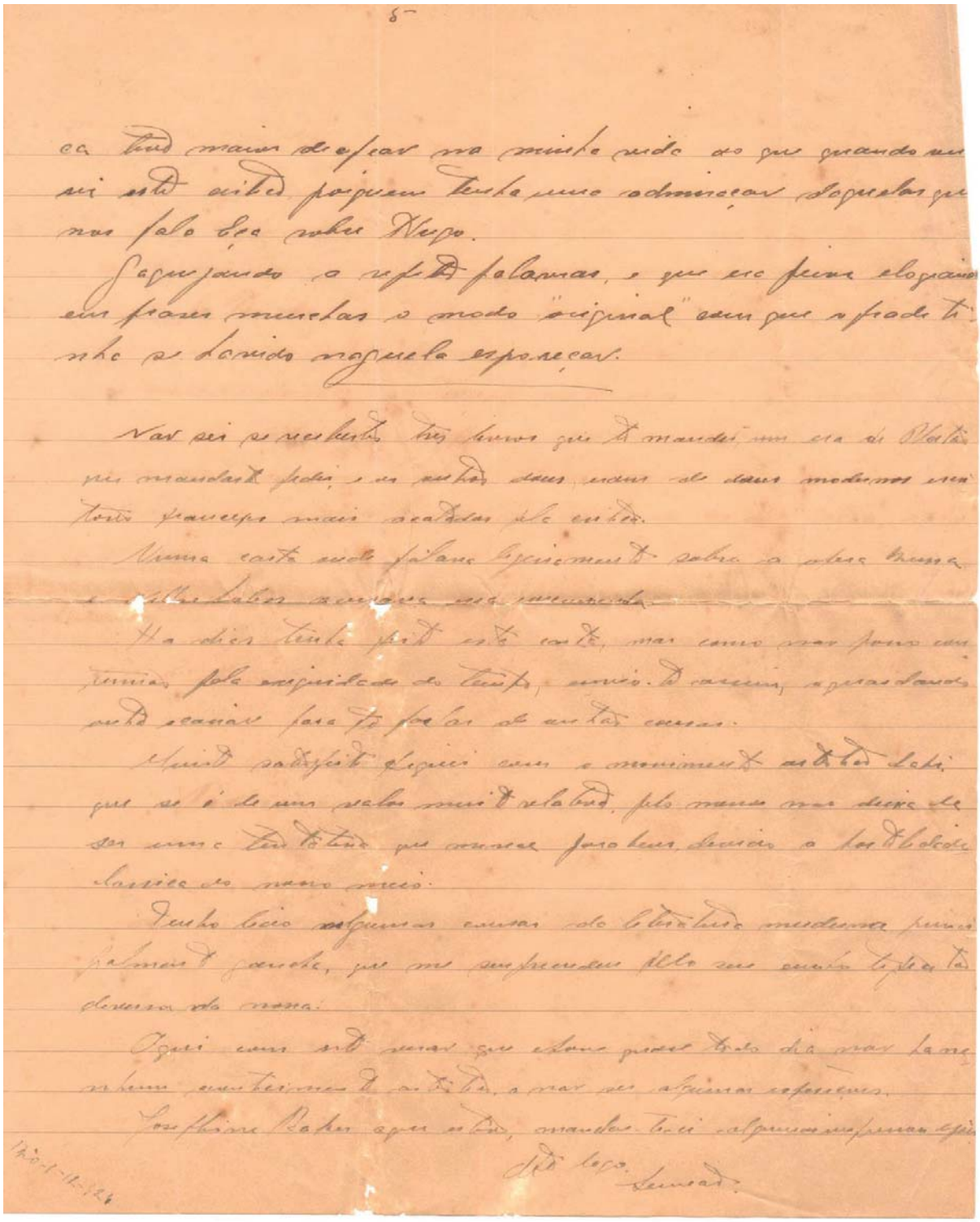
Carta n. 161, n. 3



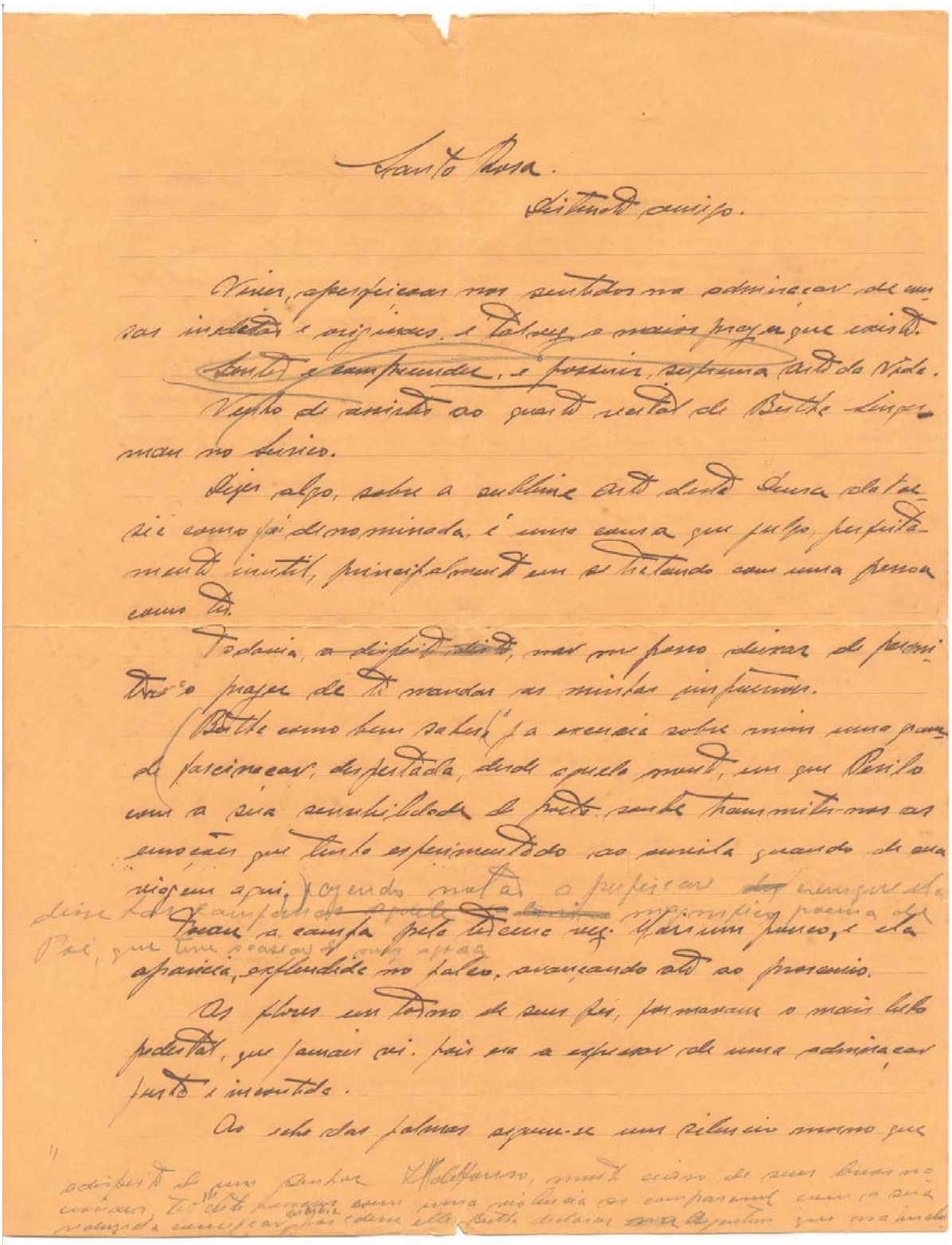
Carta n. 161, n. 4



Carta n. 161, n. 5



Carta n. 162, n. 1



Santa Rosa.

Sexta-feira, cedo.

Vinicius, apaixonadíssimo, me telefonou na madrugada de um dos insultos e orgulhos. E falou, o maior prazer que sinto. Sentir e compreender, a poesia, suprema arte da Vida.

Vejo-o de amizade ao quarto vulto de Beethoven no Lírico.

Deixe-me algo, sobre a sublime arte desta Musa platônica como já denominada, é uma causa que julgo, perfeitamente inútil, principalmente se tratando com uma pessoa como eu.

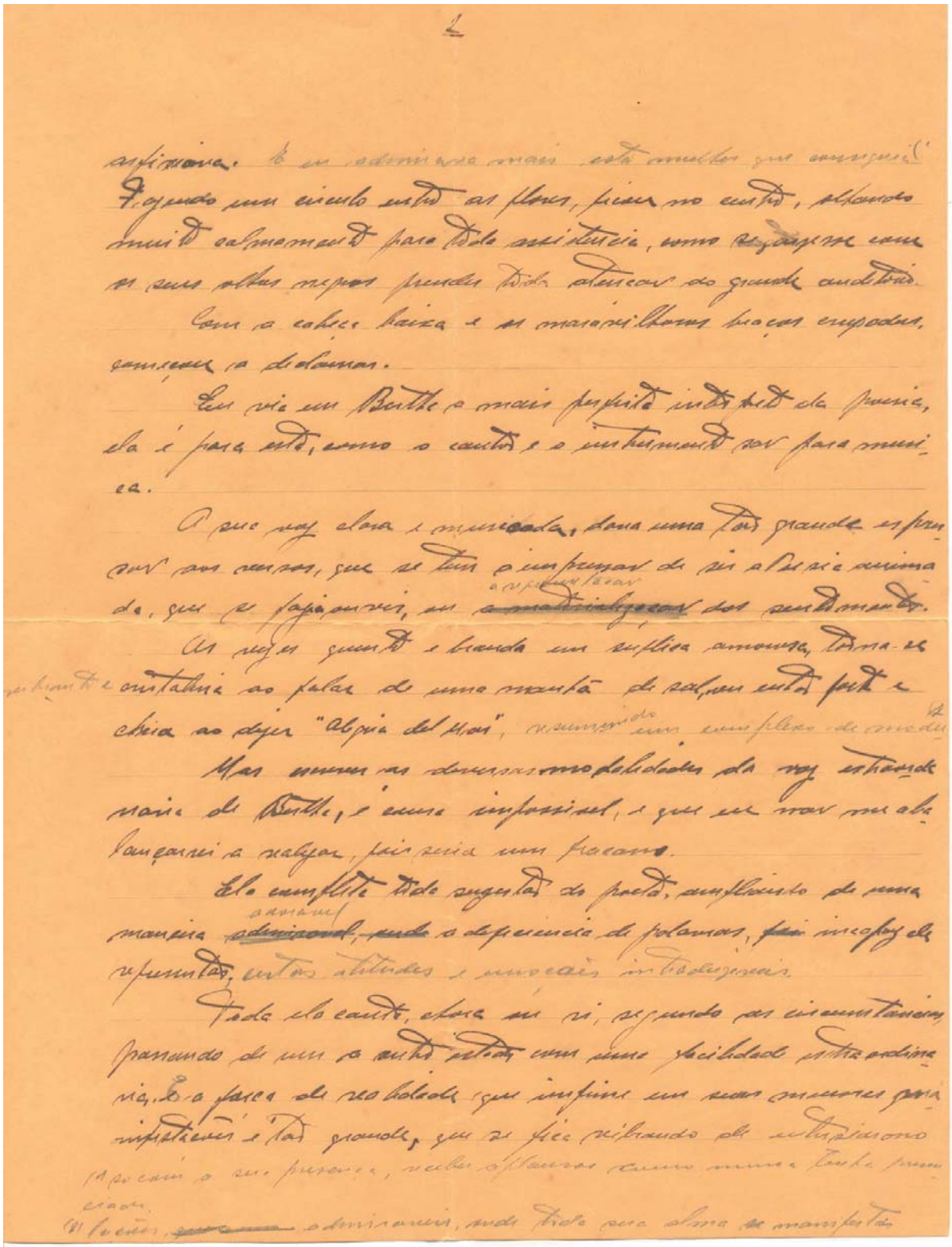
Todavia, a despeito disto, não me posso eximir de permitir-lhe o prazer de lhe mandar as minhas impressões.

Beethoven bem sabeis já exerceu sobre mim uma grande fascinação, despertada, desde aquele quarto, em que Renato com a sua sensibilidade de poeta sempre transmitia-nos as emoções que tinha experimentado ao ouvi-la quando de uma viagem aqui, logo nesta a apreciar [illegible] impressionou-me a causa pelo Beethoven. Ouvi um pouco, e ela apareceu, esplendida no palco, avançando até ao proscênio.

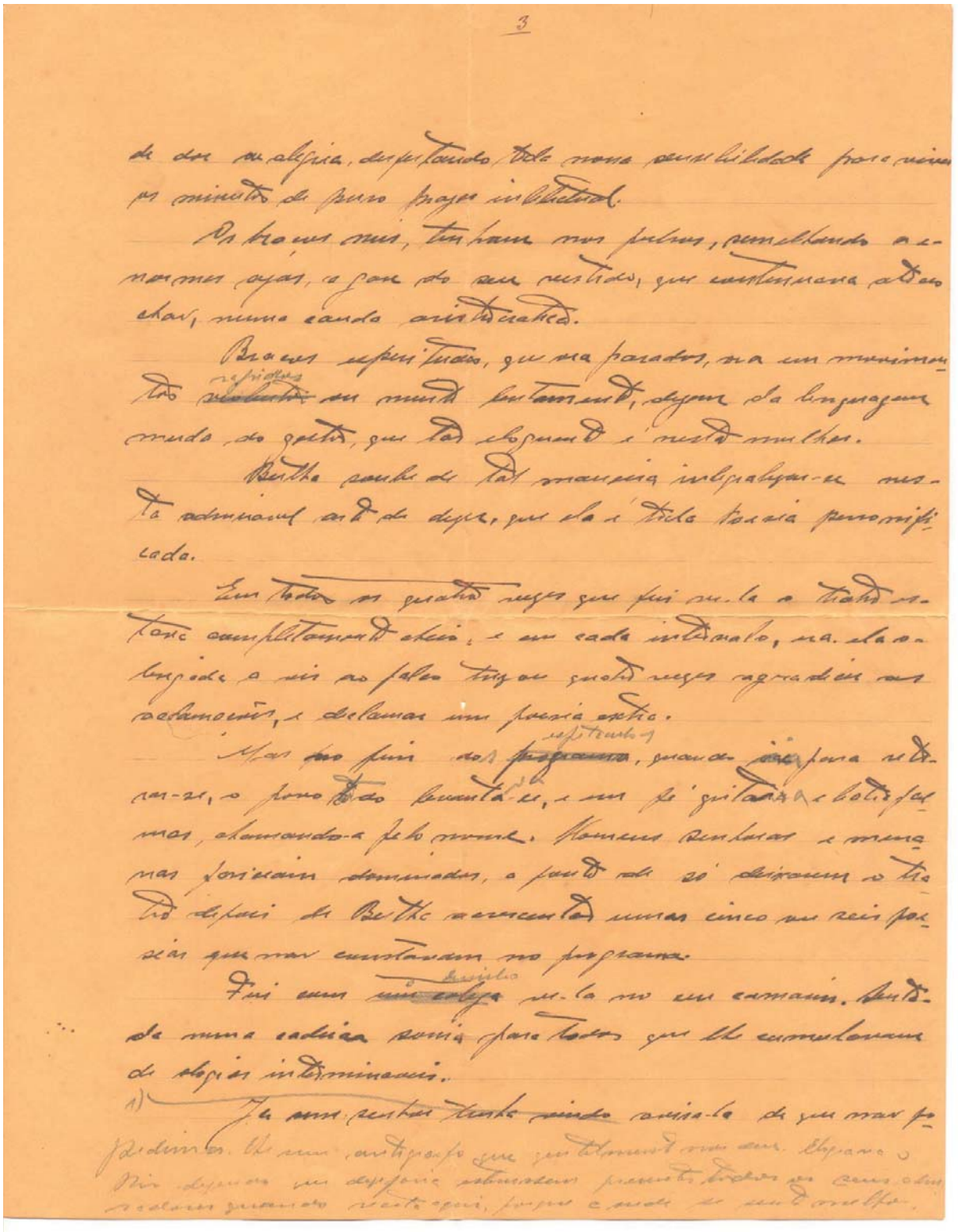
Os olhos em fogo de seus pés, permaneceu o mais belo poderia, que jamais vi. Pois eu a esperar de uma admiração justa e merecida.

Ao soar das palmas ergueu-se uma reflexão mesmo que [illegible]

Carta n. 162, n. 2



Carta n. 162, n. 3



3

de dor ou alegria, despertando dela mesma sensibilidade para nenhum
momento de puro prazer intelectual.

Os homens meus, tinham nos pobres, semelhando a enormes
ogres, o gosto do seu sustento, que continuava a devorar,
numa sanha arrebatada.

Braves espíritos, que nas paradas, na sua minima
dos regimentos em muda lastimação, alguns da linguagem
muda do gesto, que tão eloquente é muito mulher.

Bertha soube de tal maneira interpretar-se nesta
admiravel arte de dizer, que ela é dela tornava permissível
cada.

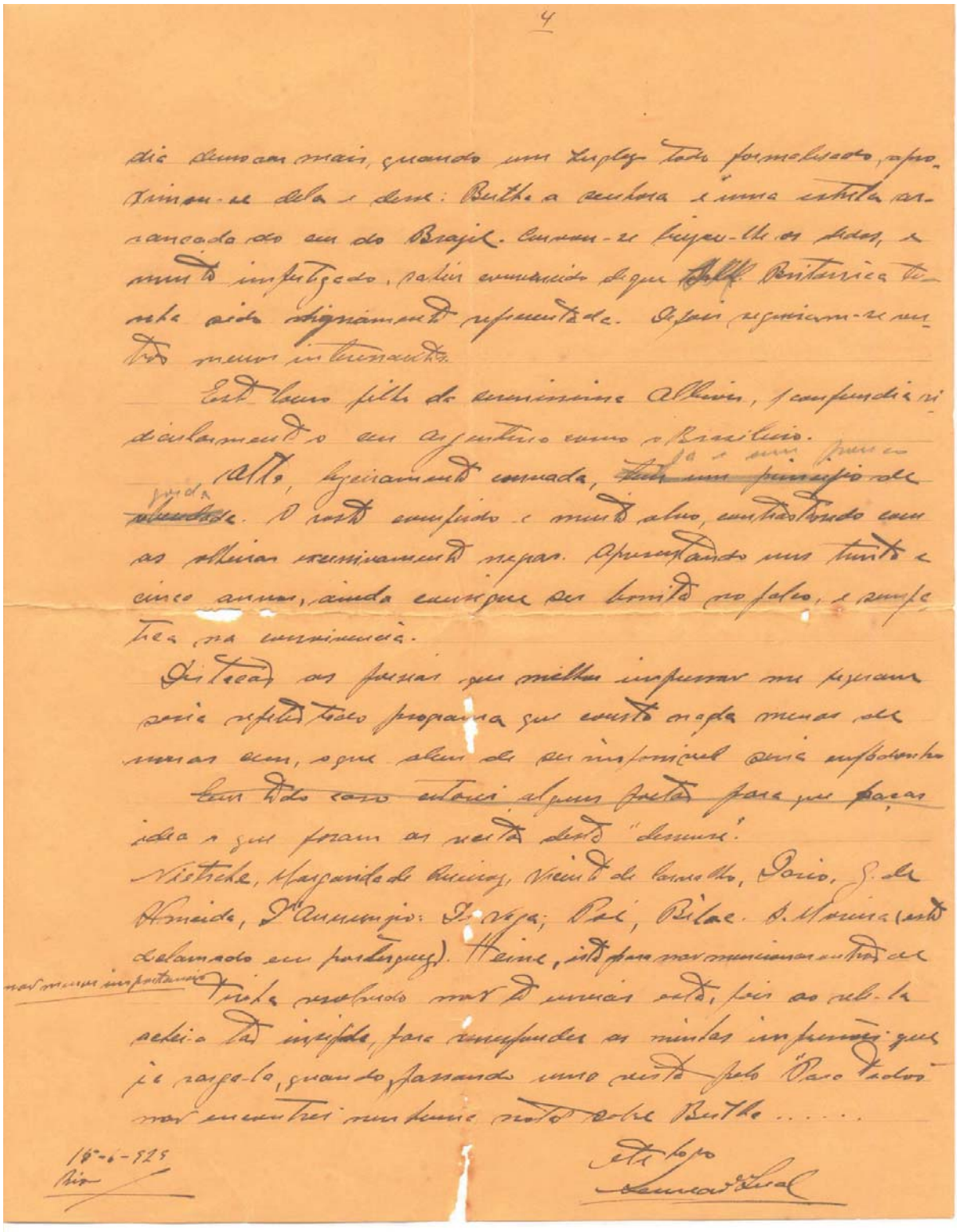
Em todas as quatro vezes que fui ver a Bertha es-
tive completamente cheio, e em cada intervalo, na sala
respeitosa e viu no palco trinta quatro vezes agradecer aos
aclamações, e declamar uma poesia extra.

Mas ao fim dos espetáculos, quando ia para reti-
rar-se, o povo do levanta-se, e em pé gritava e batia pal-
mas, clamando-a pela manhã. Homens rudes e mesmo
mas foram dominados, e pouco ou só deixaram o tea-
tro depois de Bertha agradecer umas cinco ou seis po-
sias que não constavam no programa.

Fui eu um dia ver-la no seu camarim. Antes
de minha entrada serviu para todos que lhe cumulavam
de elogios interminaveis.

1) Fui aos poucos tendo coragem de ir-lhe de que não po-
dia ver. Ele um antipatico que eu detestava com todas
as forças do meu ódio. Depois de despedir os importunos
ficamos sós. Ela estava [illegible]

Carta n. 162, n. 4



4

dic demoram mais, quando um Lupley todo formalizado, apro-
ximou-se della e disse: Bertha a senhora é uma estrella ar-
rancada do ceu do Brazil. Cumprimentou-se, trocaram-se duas, e
muito impressionado, pelos comentarios de que Bertha Britannica de-
veria ser dignamente representada. Depois separaram-se mui-
to mais intimados.

Este bacco filho de americanos Allemães, comprehendia ni-
damente o seu papelsinho como o Brasileiro.

Alto, bem arranjado, [illegible] um principio de
vaidade. O resto comprido e muito alto, contrastando com
os allemães geralmente magros. Apresentando uns trinta e
cinco annos, ainda conserva os bonitos cabellos, e simpa-
tica na conversação.

Distrahi os poucos que melhor impressionou me pareceu
pois reflectia o proprio que sentia em cada menos de
nossos olhos, o que alem de ser interessante pois emboranho
bem dado como entorei alguns poetas para me fazer
idéa e que foram os versos desta "dessuna".
Nietzsche, Marquise de Rienzy, Vicente de Carvalho, Dorio, J. de
Almeida, D'Annunzio, Guerra Rui, Bilac, G. Moreira (este
declamado em portuguez). Heine, (este foi mesmo muito
mal recitado mas de nossos este foi o que lhe
pareceu de interesse para compor os meus impressões que
já rasgo-lo, quando passando nesse resto pelo Parc Fabert
mas encontrei um bonito resto sobre Bertha .....

16-6-925
Rio

Affectuoso
Manoel Bandeira

NAPOLEÃO DE ALENCASTRO GUIMARÃES
DEPOSITARIO JUDICIAL
DA FROTA DO LLOYD NACIONAL S. A
RUA CANDELARIA, 80 - TEL 3-3268
Rio de Janeiro

SERVIÇO RAPIDO DE PASSAGEIROS

Bordo M/V "Ara..... de 193..3.

Ao meio dia saltei em Santa
Cruz, andando completamente
distraido, pois uma interrogação.
Mas depois tudo se esclareceu
fornecido com o que pode
contribuir. Quando olhei para
uma placa de um carro
que acabava de entrar, le
tava o nome de J. P.

Ah Santa nunca tinha olhado
mas para você acontecer en-
contrar uma placa dessa mais
mais uma placa.

Santa Cruz, a impressão que
uma criança branca de
bonequinha brasileira.

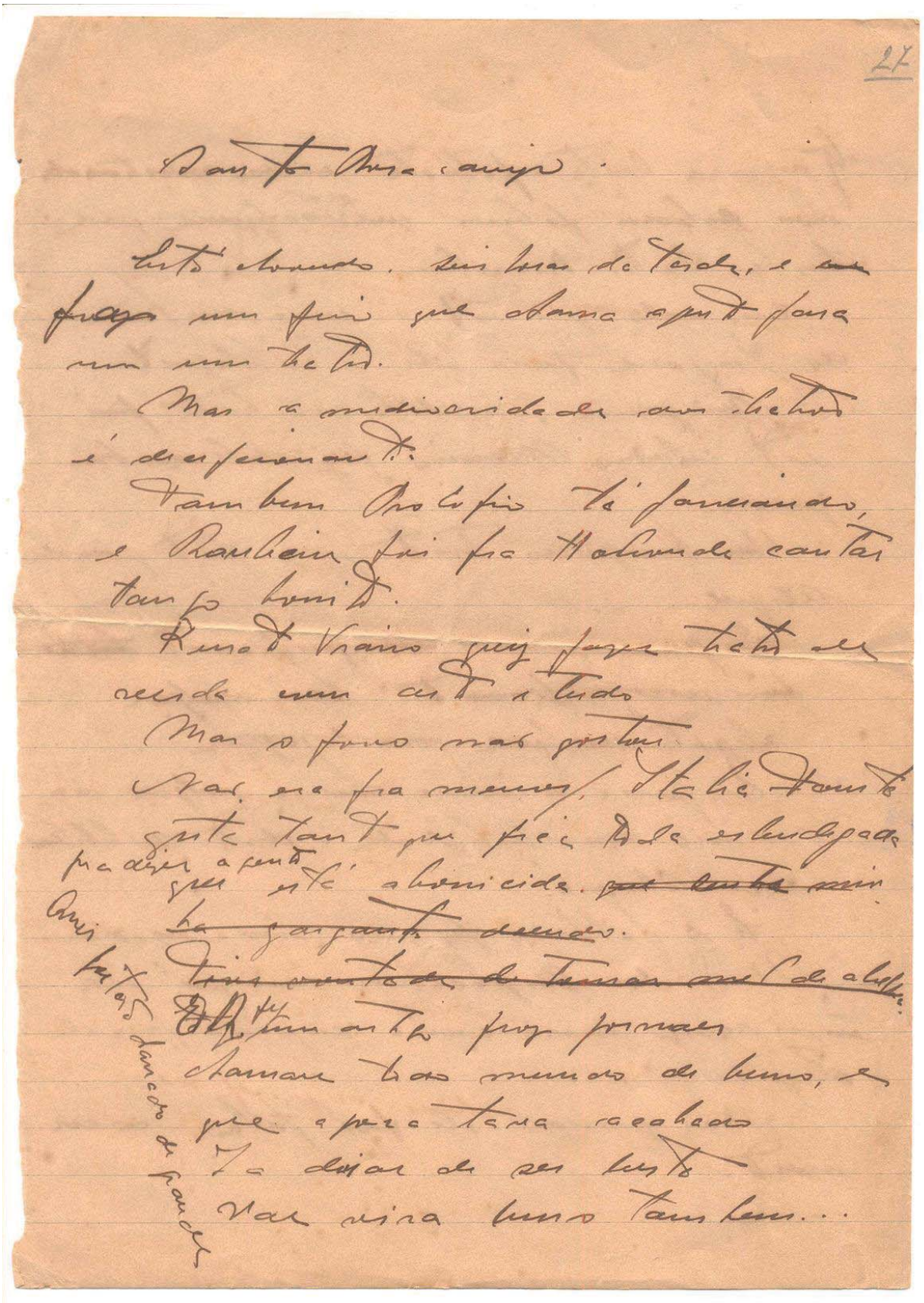
Nada existe que mereça para
as praias onde existe uma

Santa Cruz amigo

A praia que encontrei
ia ficando reminiscencia
memoria nos momentos
que surgiam.
Quantas fotografias!
Nunca me interessei saber
como se chamavam

arquitetura primeira
porque para o centro é
profundamente urbano.
No entanto há um ponto mais
ou menos que pode completamente
afastado do movimento da cidade
as grandes lojas e hotéis

Carta n. 166, p. 1



21

Santa Anna, amigo.

Tudo abundo. Sei bem de tudo, e em
fraga um fio que abana a gente para
um ou outro lado.

Mas a ondinha de ouro [illegible]
é de esperar.

Também Aristóteles [illegible] janeiro,
e Rambeau foi pra Holanda cantar
tango bonito.

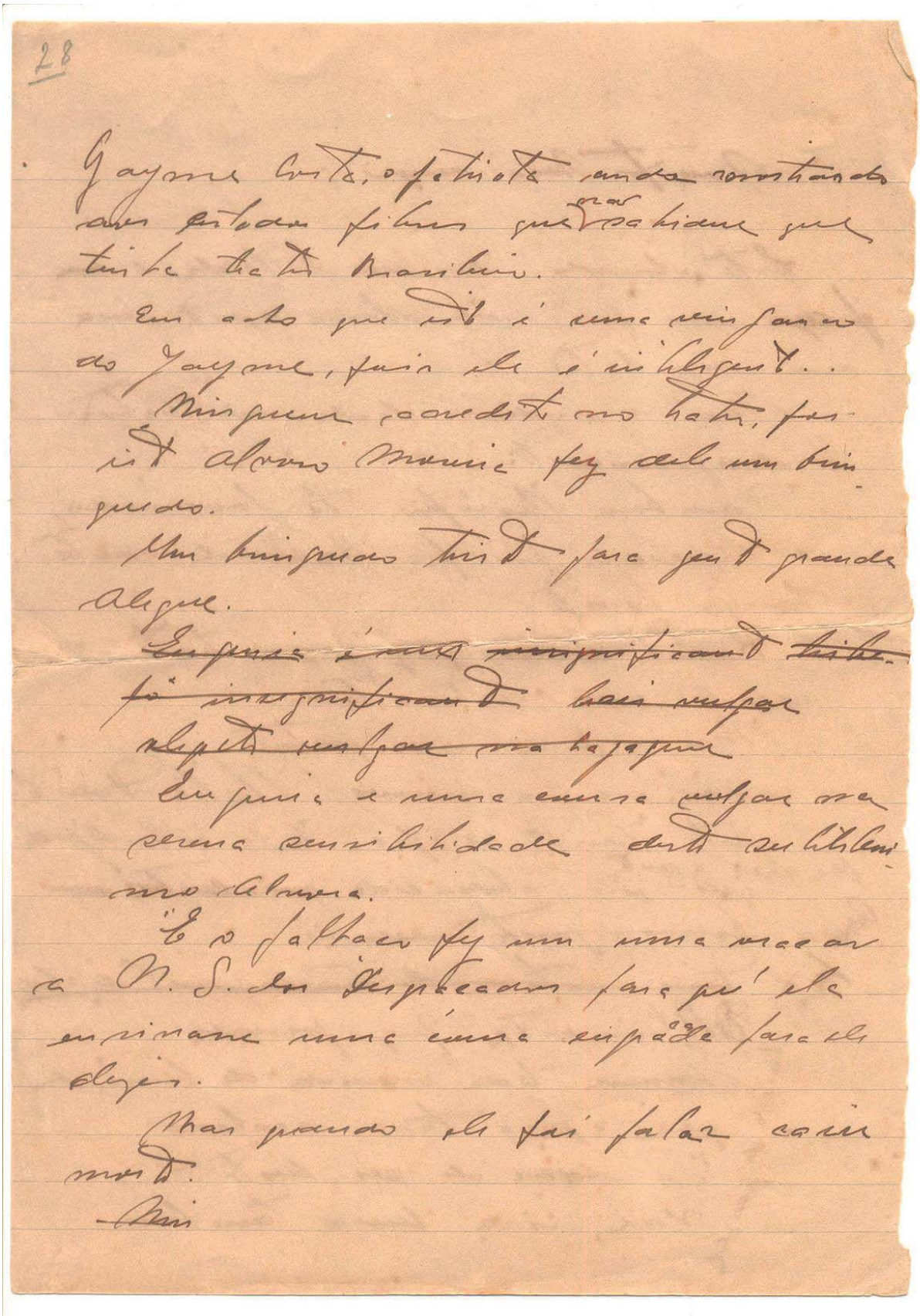
Rua do Viana quis fazer tudo ao
mesmo tempo e não fez nada.

Mas o fino mais portuga
Vai ser pra menos. Italia Fausta
gente tanto pra fiar. Dele se [illegible]
para dizer a pento
que este é abenicida. ~~por conta~~ ~~sua~~
~~garganta demais.~~

Aqui ~~tudo~~ ~~tinha~~ ~~de tomar~~ ~~café~~ ~~alfa~~
Ele tem ante pra primas
dançar bem mundo de bem, e
que a pera tenha recebido
[illegible] de ser tudo
Vai vira bem também...

dançar de [illegible]

Carta n. 166, p. 2



28

Jayme Costa, o fetiche anda roubando
aos pobres filhos pequeninos que
tinha tanta bonitinha.

Eu acho que até é uma vingança
do Jayme, pois ele é ingênuo...

Ninguem acredita no ladrão, pois
até Alvaro Moreira foi dele um bom
gurdo.

Um bom gurdo tirou para guardar
alguma.

~~Enfim é uma insignificante tirada~~
~~foi insignificante boa vingança~~
~~depois vingança vira tragédia~~

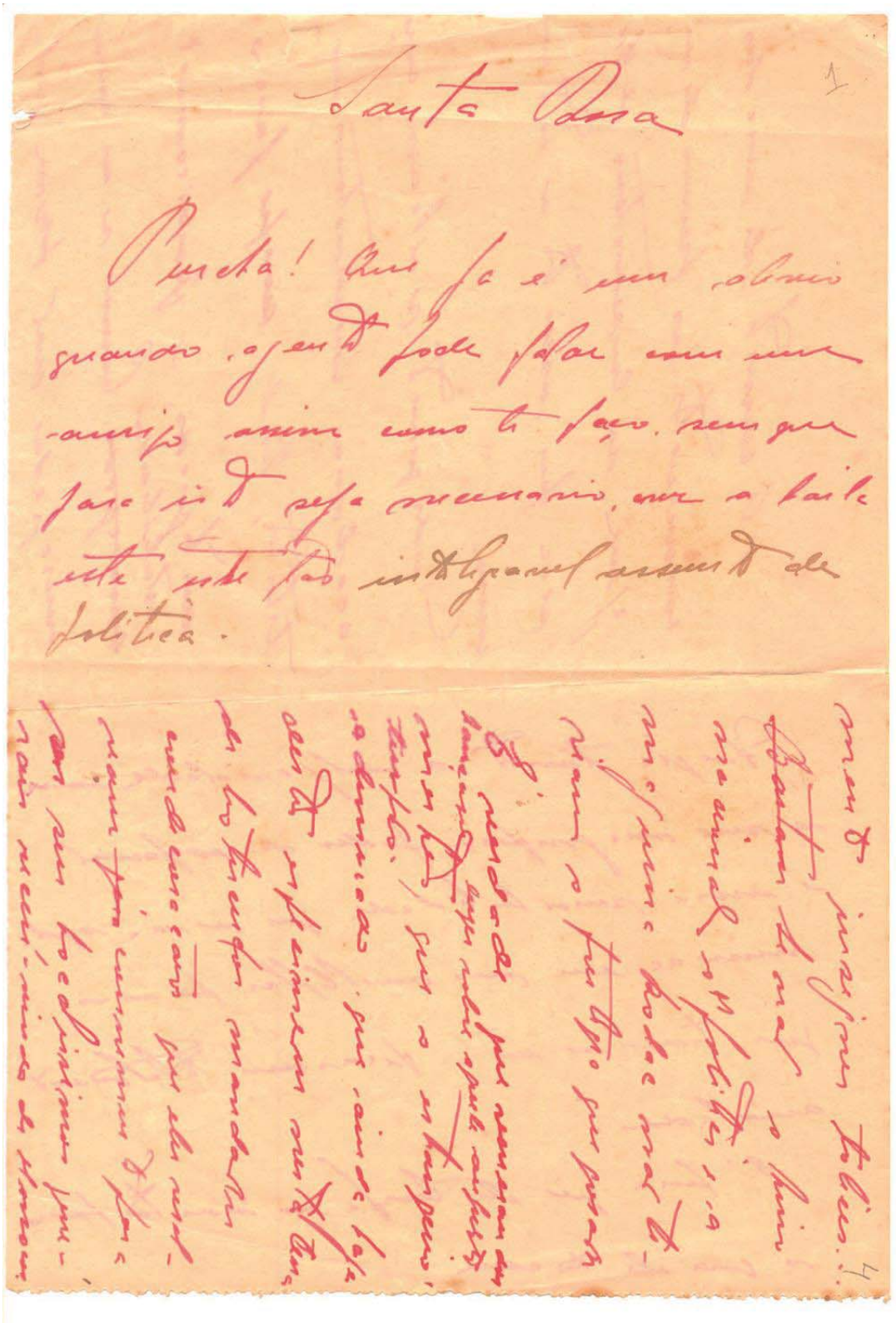
Enfim é uma coisa vulgar ora
uma sensibilidade dum sublime
no Alvaro.

"E o Jaime foi um anjo mesmo
a N. S. das Desgraças para pôr ele
enxergar uma coisa impossível para ele
alegre.

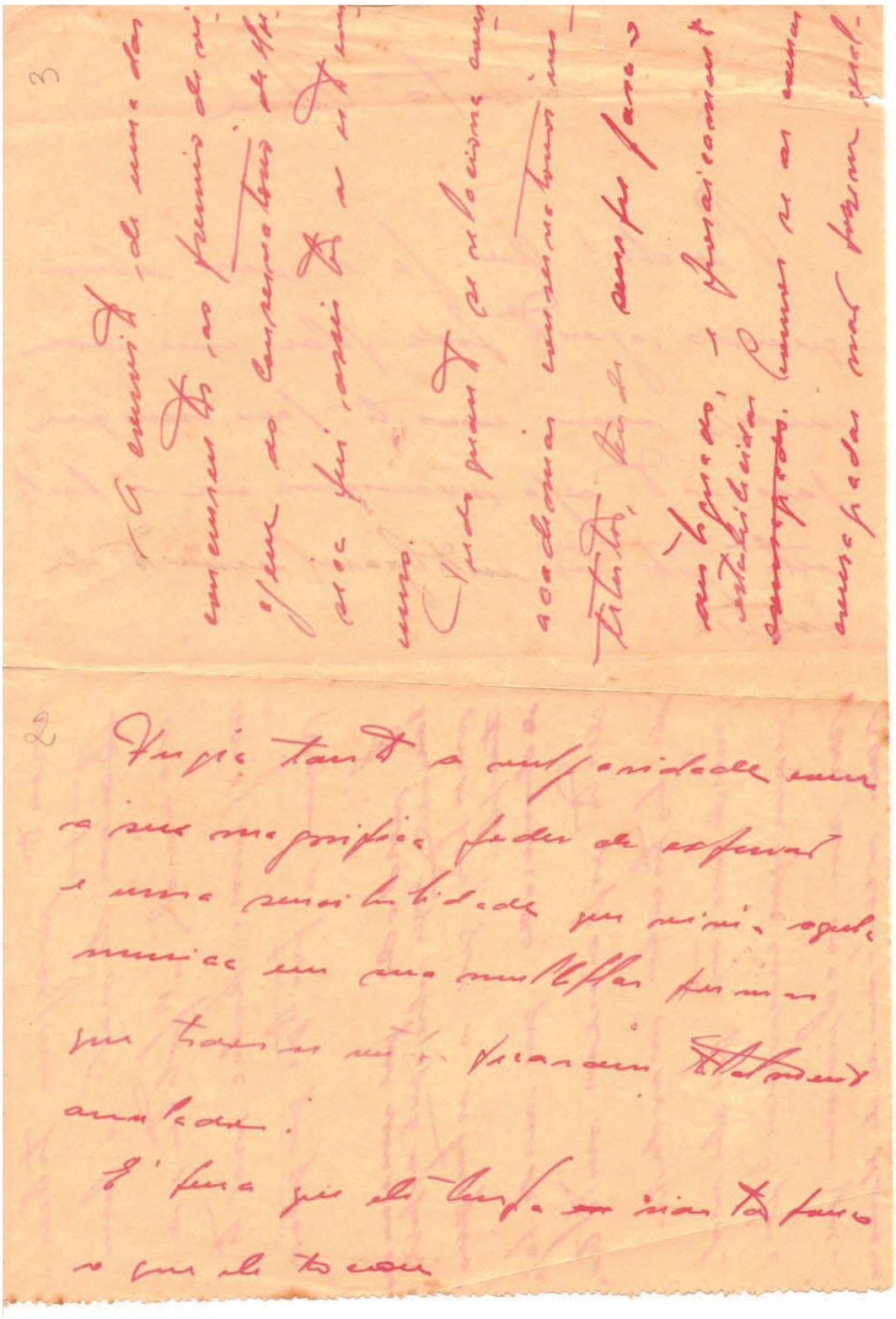
Mas quando ele foi falar com
você.

Beijos

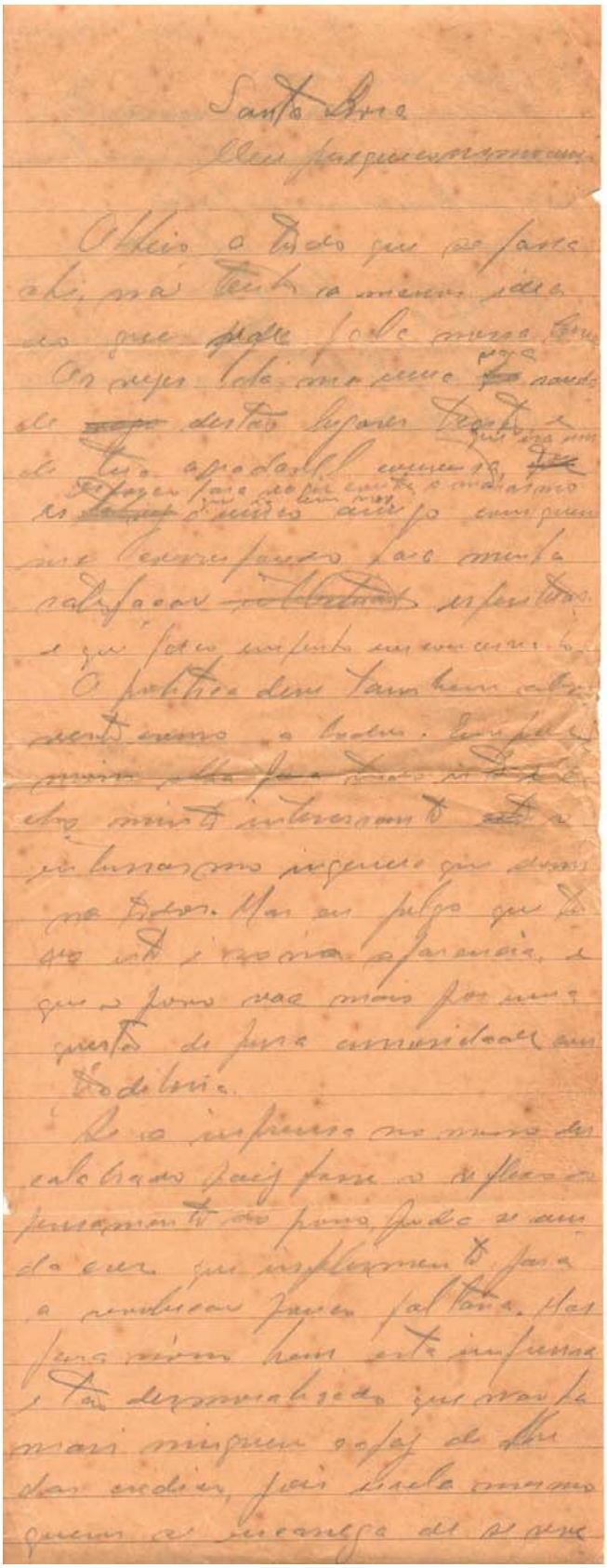
Carta n. 167, p. 1



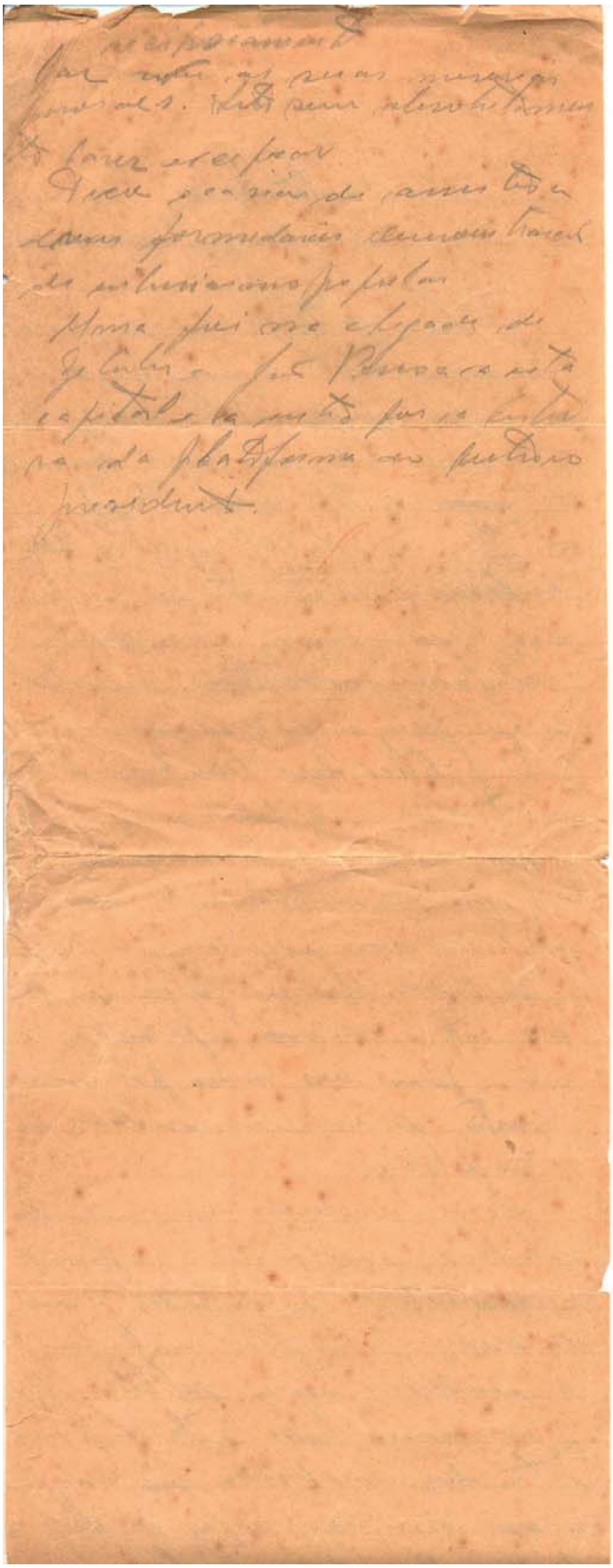
Carta n. 167, p. 2



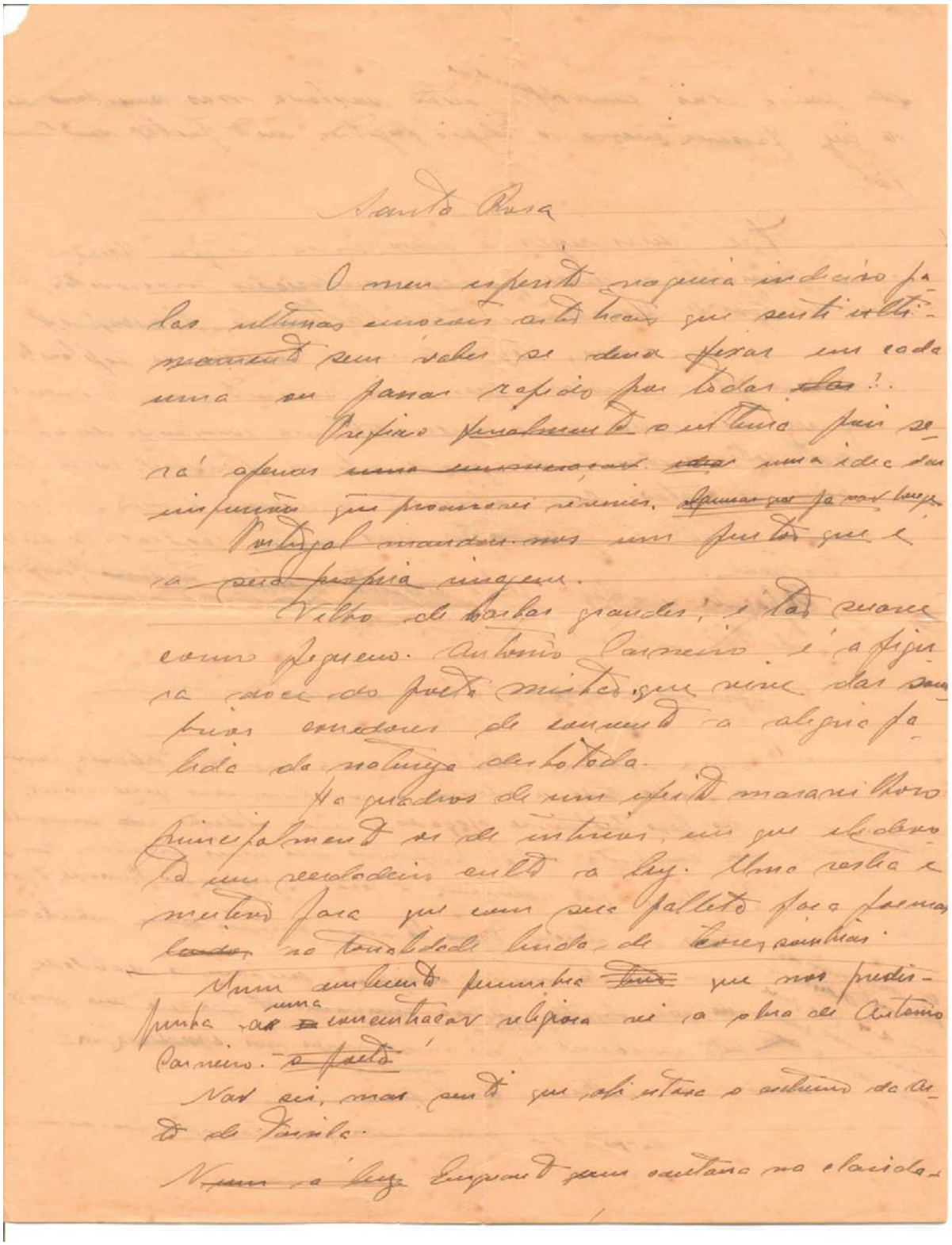
Carta n. 168, p. 1



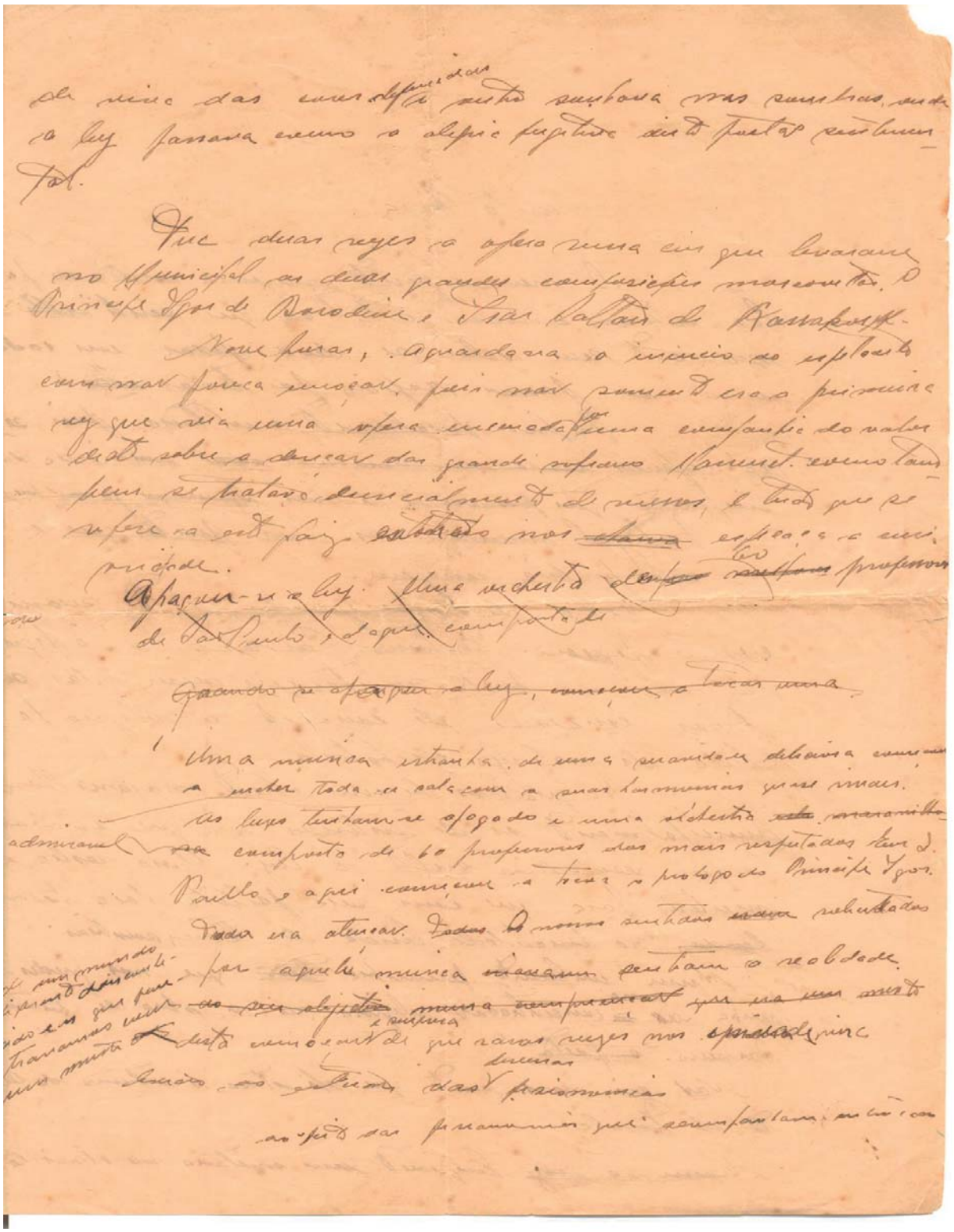
Carta n. 168, p. 2



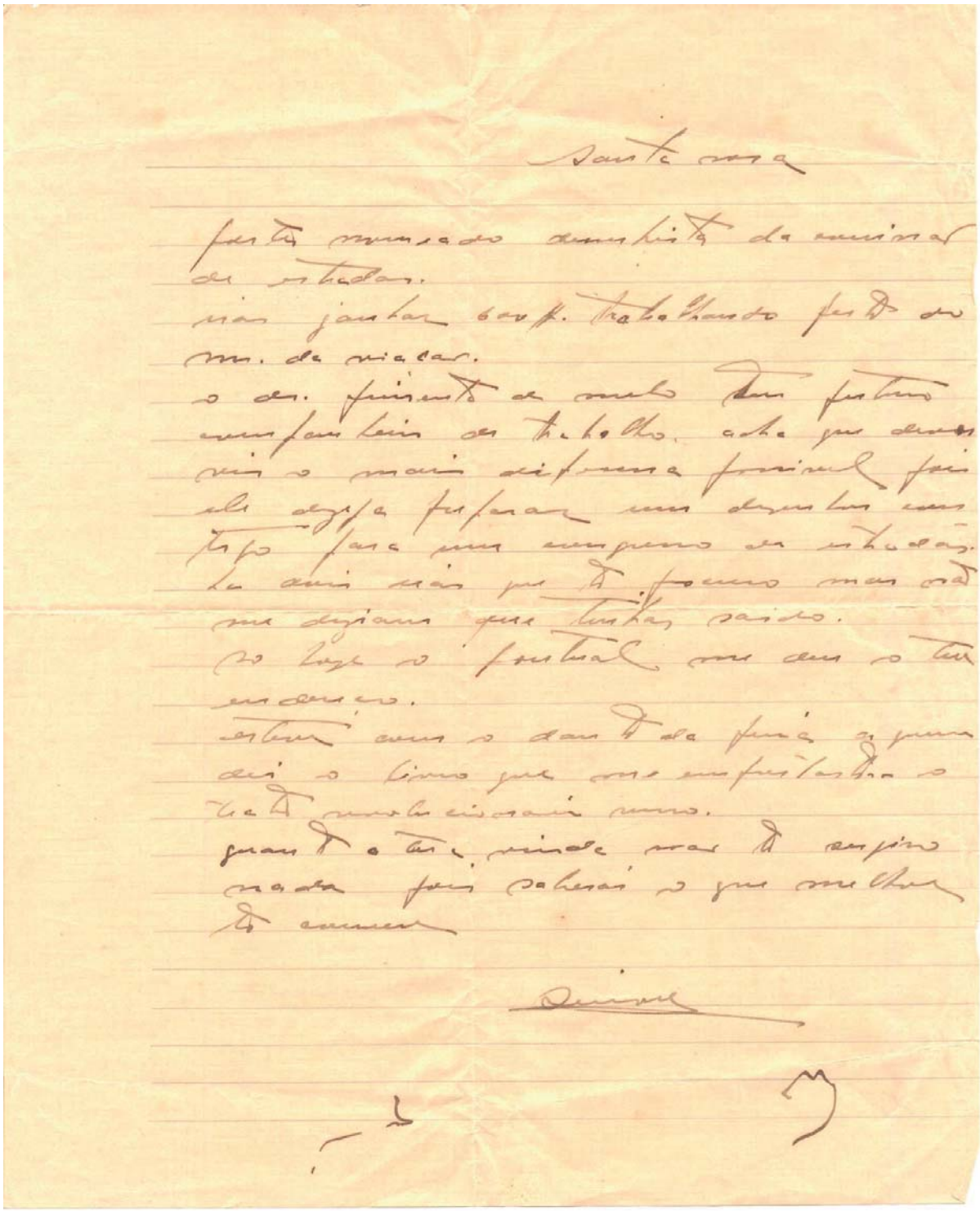
Carta n. 170, p. 1



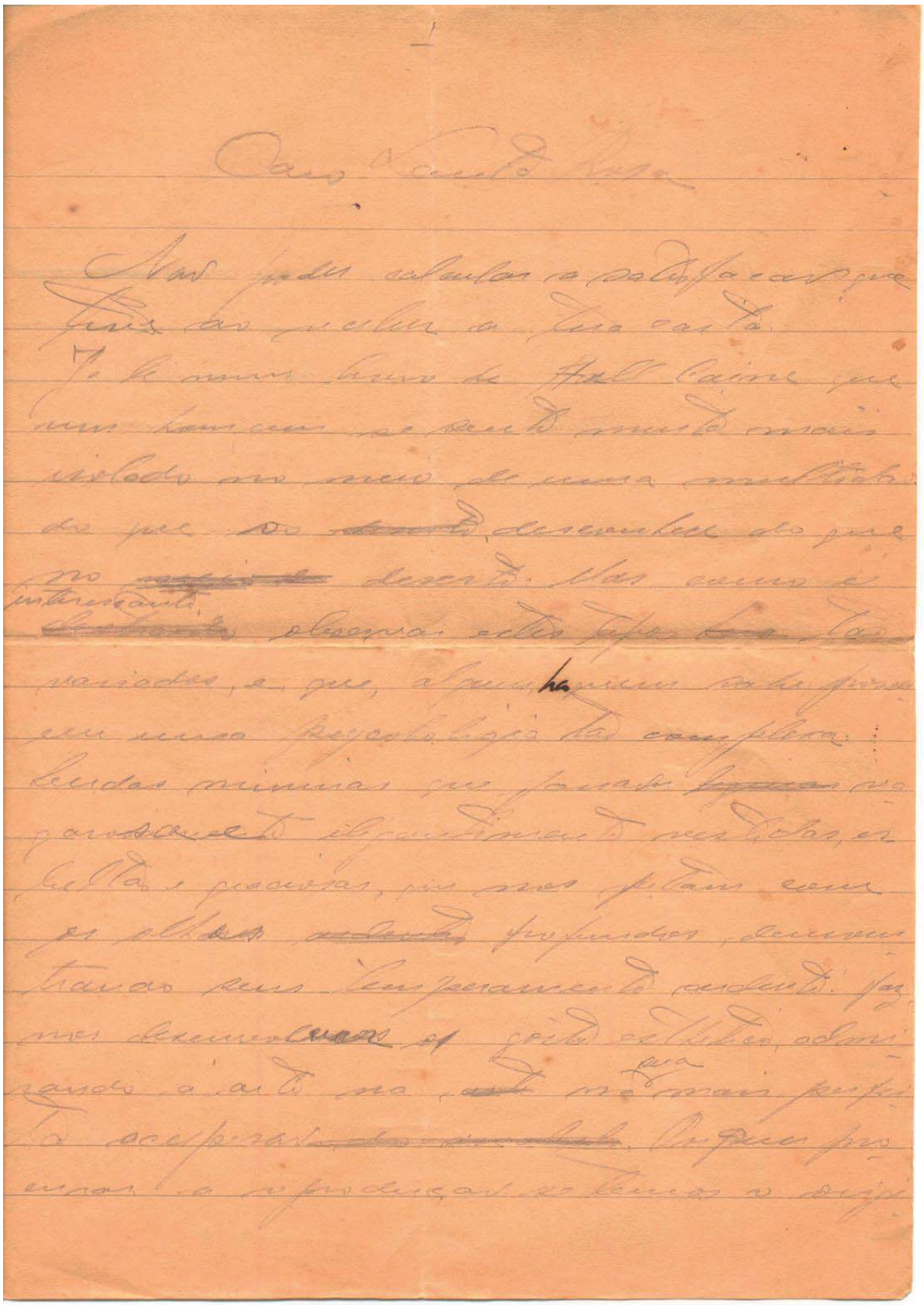
Carta n. 170, p. 2



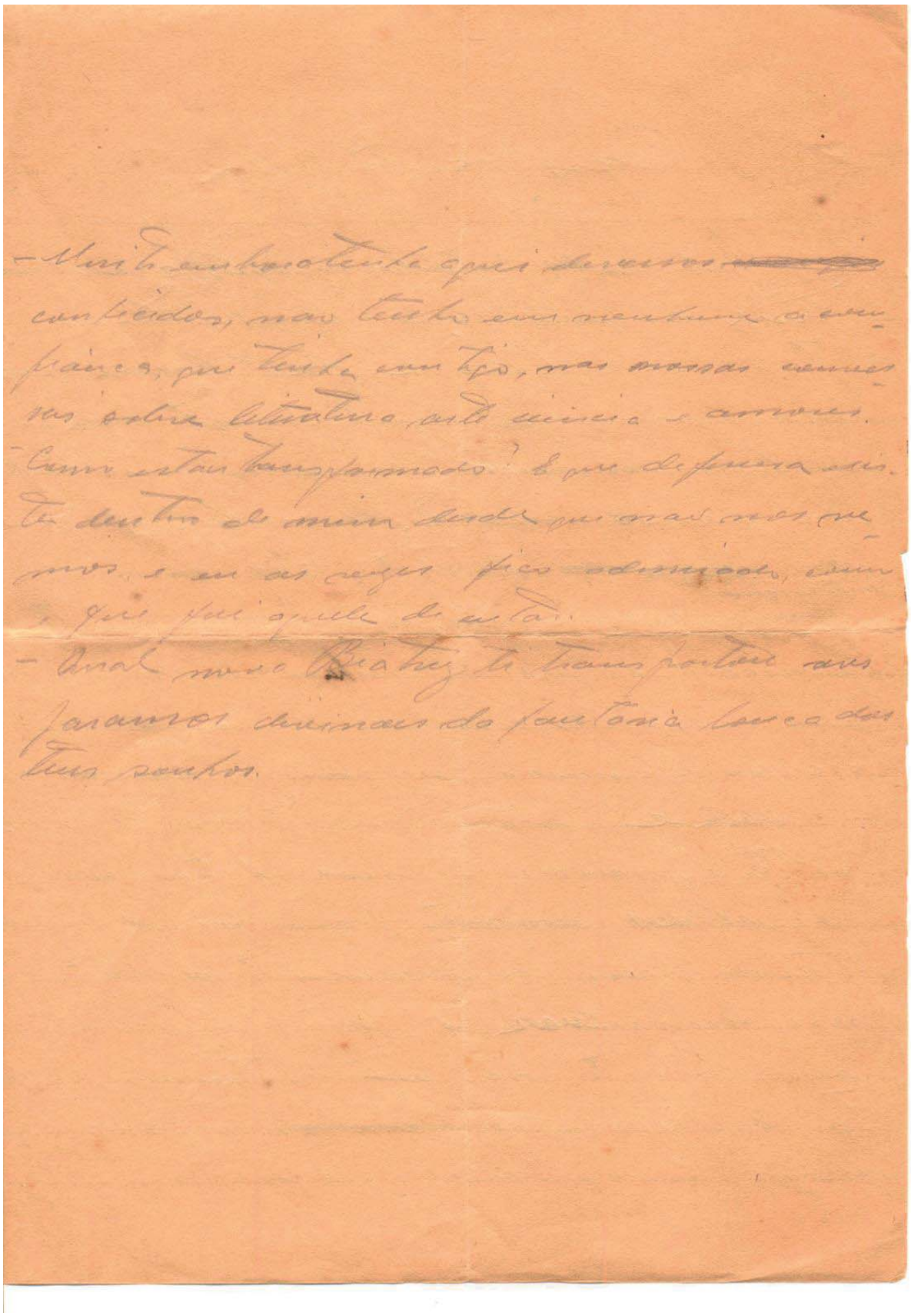
Carta n. 171



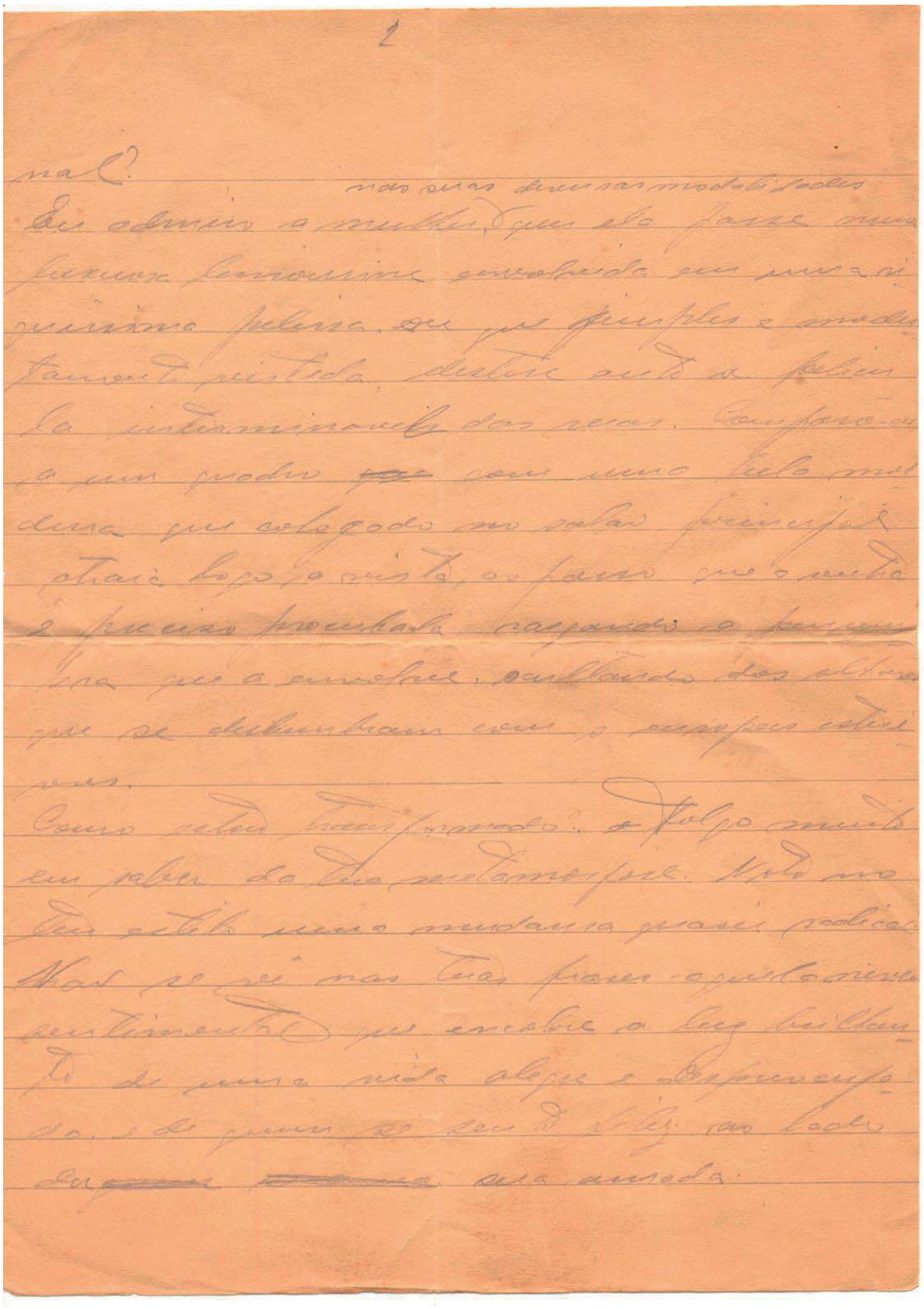
Carta n. 172, p. 1



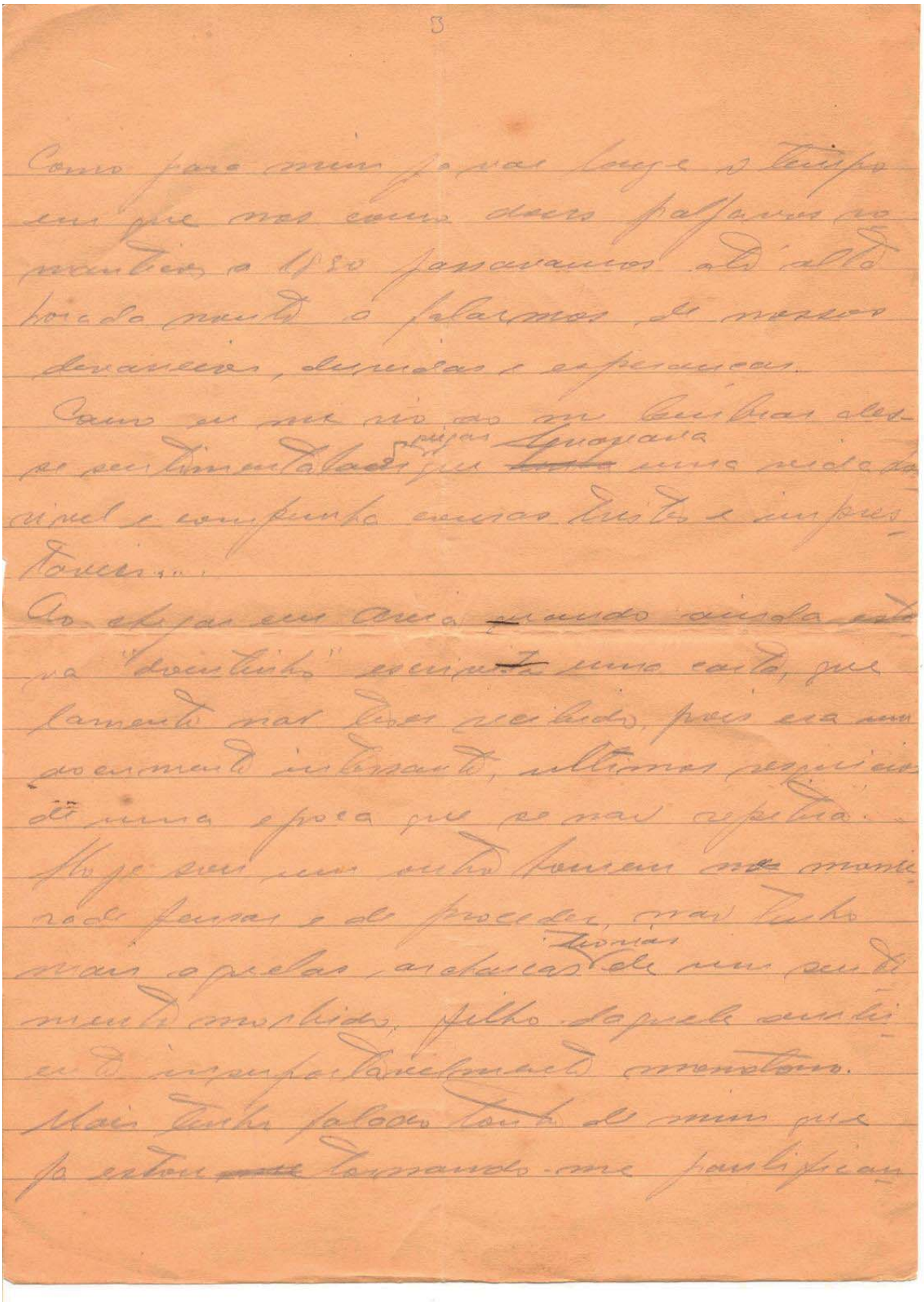
Carta n. 172, p. 2



Carta n. 172, p. 3



Carta n. 172, p. 4



3

Como para mim já vai longe o tempo em que nos com dous passavamos ao pranto, a 1ª vez passavamos ali alto hora da meia noite a falarmos de nossos desvaneios, duvidas e esperanças.

Como se me não ao ar Curibas ales se recordam Saudades que [illegible] Guayana uma noite da vida e com punha muitas duvidas e imposs-

Tocou...

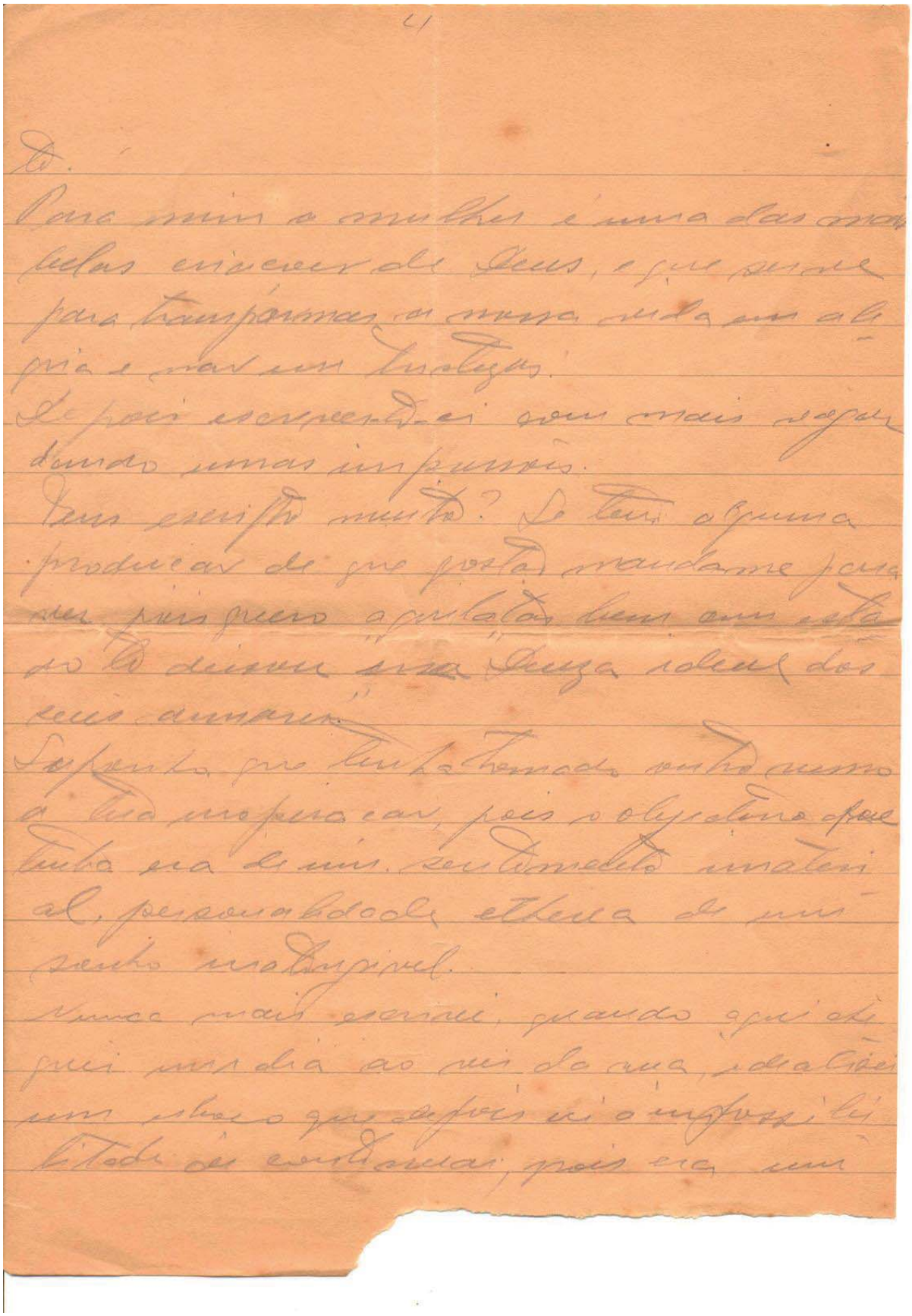
Ao chegar em Area quando ainda estava na "Doutrina" escrevi uma carta, que lamento não haver recebido, pois era um documento interessante, ultimas reminiscencias de uma epoca que se vai apagando...

Hoje vou um outro homem nos mandados de fazer e de proceder, cheio de muitas apegos, as duvidas de meu entendimento combidas, filho da pureza sua-

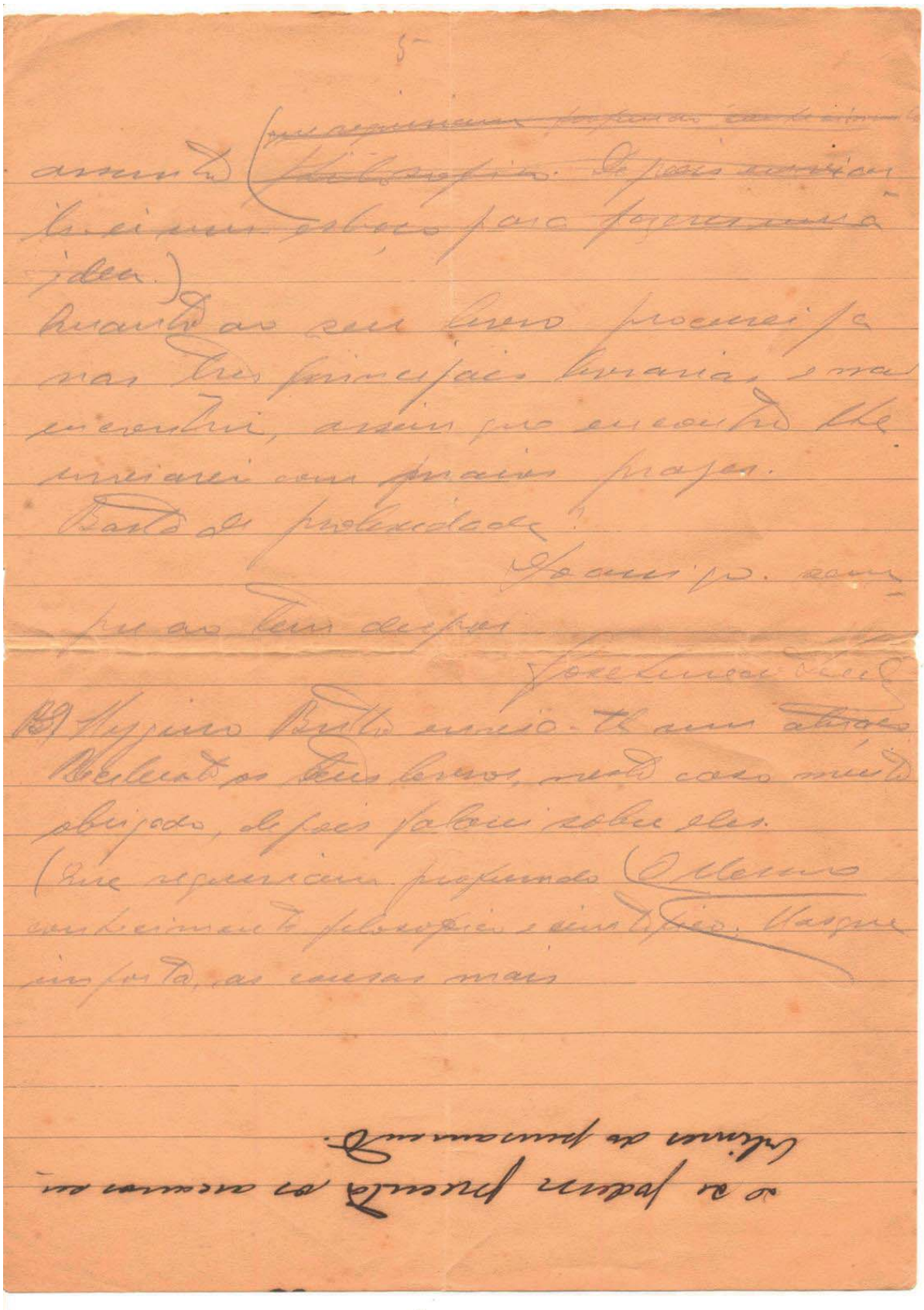
ve e inquebrantavelmente monotono.

Mais tarde falarei tudo de mim que já entrou a tornando-me participe

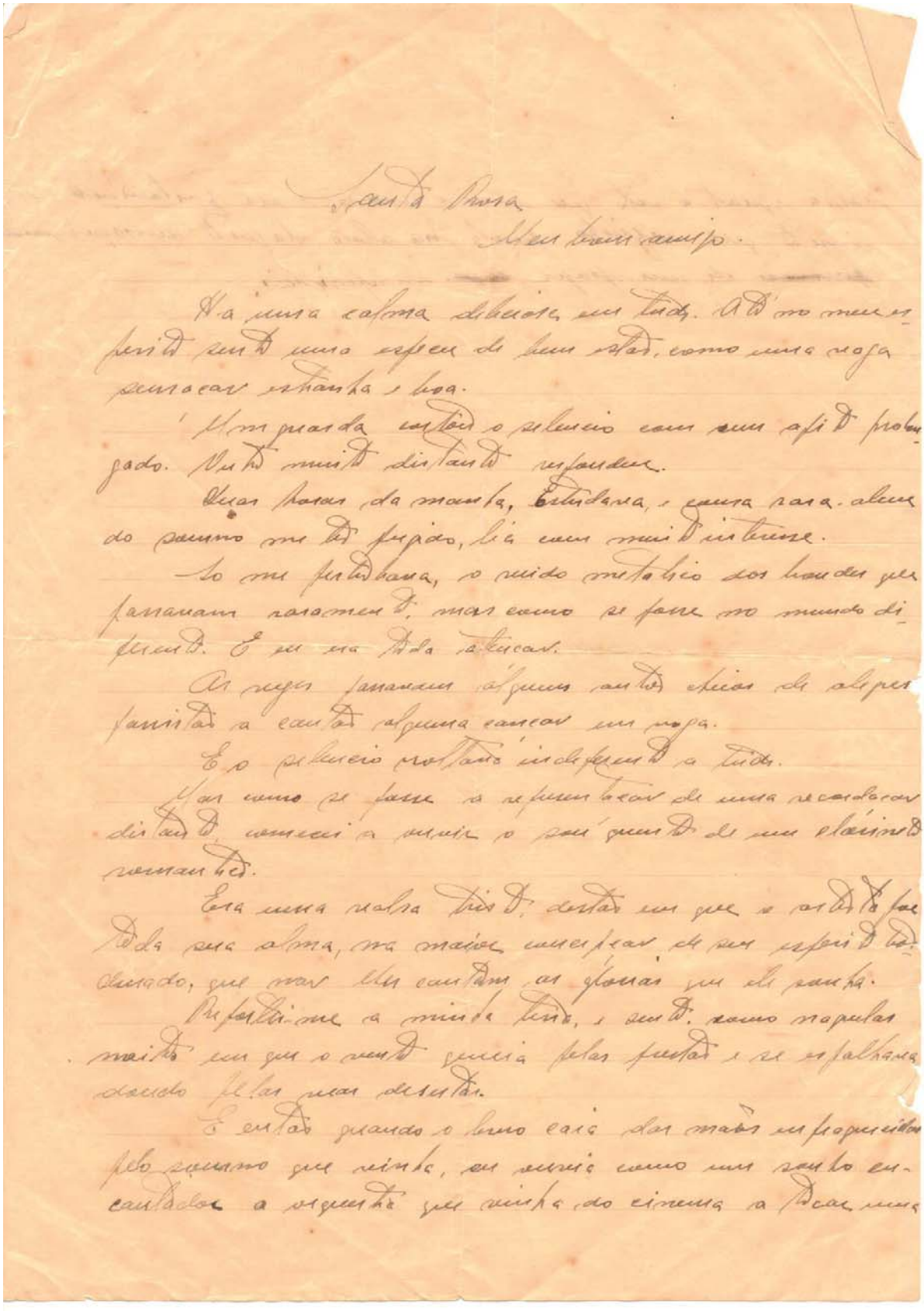
Carta n. 172, p. 5



Carta n. 172, p. 6



Carta n. 173, p. 1



Santa Rosa

Meu bom amigo.

Dá uma calma absoluta em tudo. Dá-me mesmo
pena até uma espécie de bem estar, como uma coisa
pouco vulgar e boa.

Uma quarta contém o silêncio com um ar de proi-
bido. Muito muito distante rebentou.

Duas horas da manhã, trovejava, e outra vez. Além
do campo ouve-se pipilar, há um muito distante.

Só me perturbava, o ruído metálico dos bondes que
passavam raramente, mas como se fosse no mundo di-
ferente. É se era dia a fingir.

As vozes passavam alguns anos-luz distantes de alguém
perguntar a outro alguma coisa ou uma.

E o silêncio voltando independente a tudo.

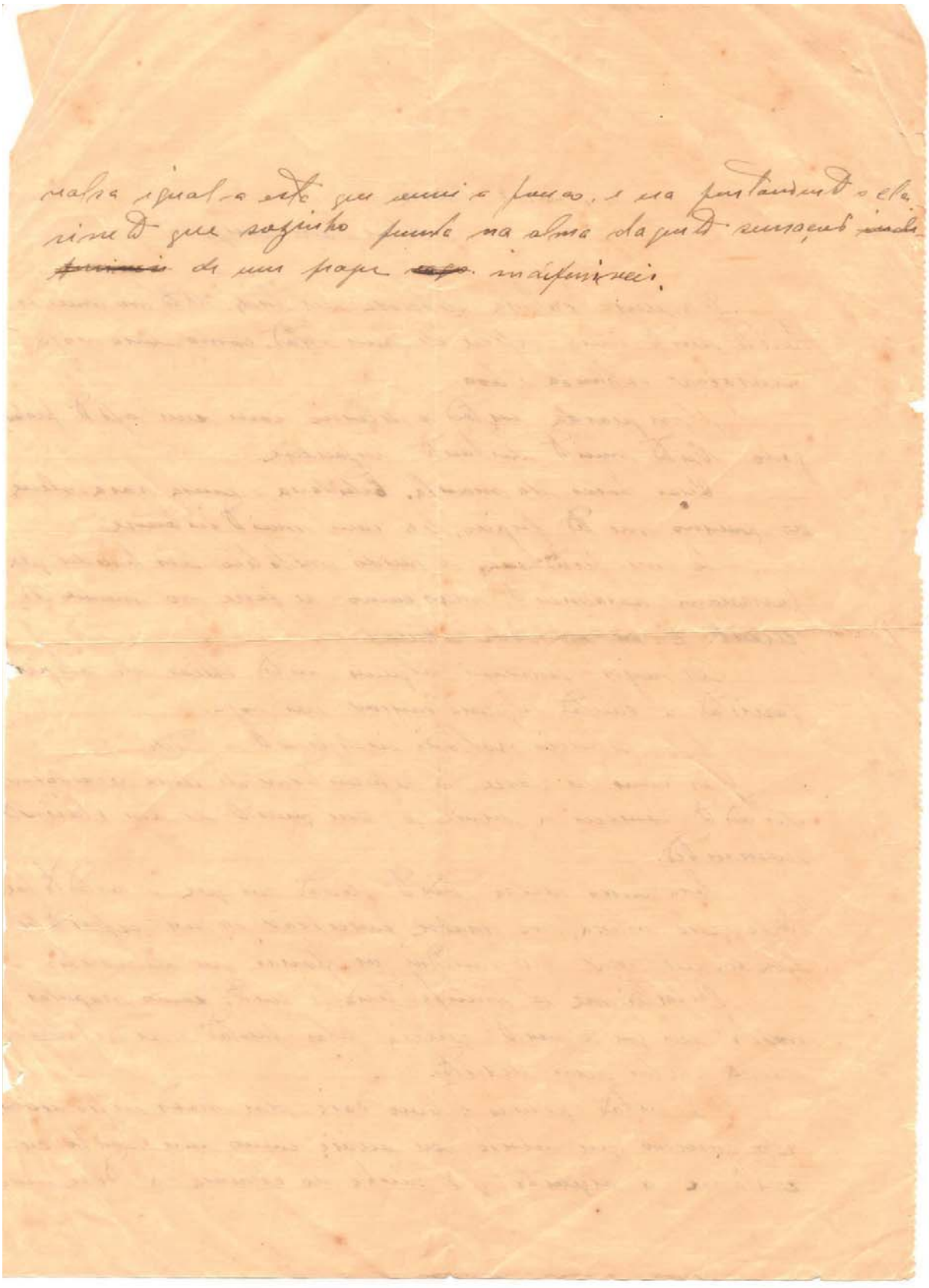
Foi como se fosse a repercussão de uma recordação
distante, comecei a ouvir o pensamento de um distante
romântico.

Era uma noite tão certa em que o artista pode
dar sua alma, na maior concentração de um espírito bal-
sâmico, que nos dão cantam as flores ou as plantas.

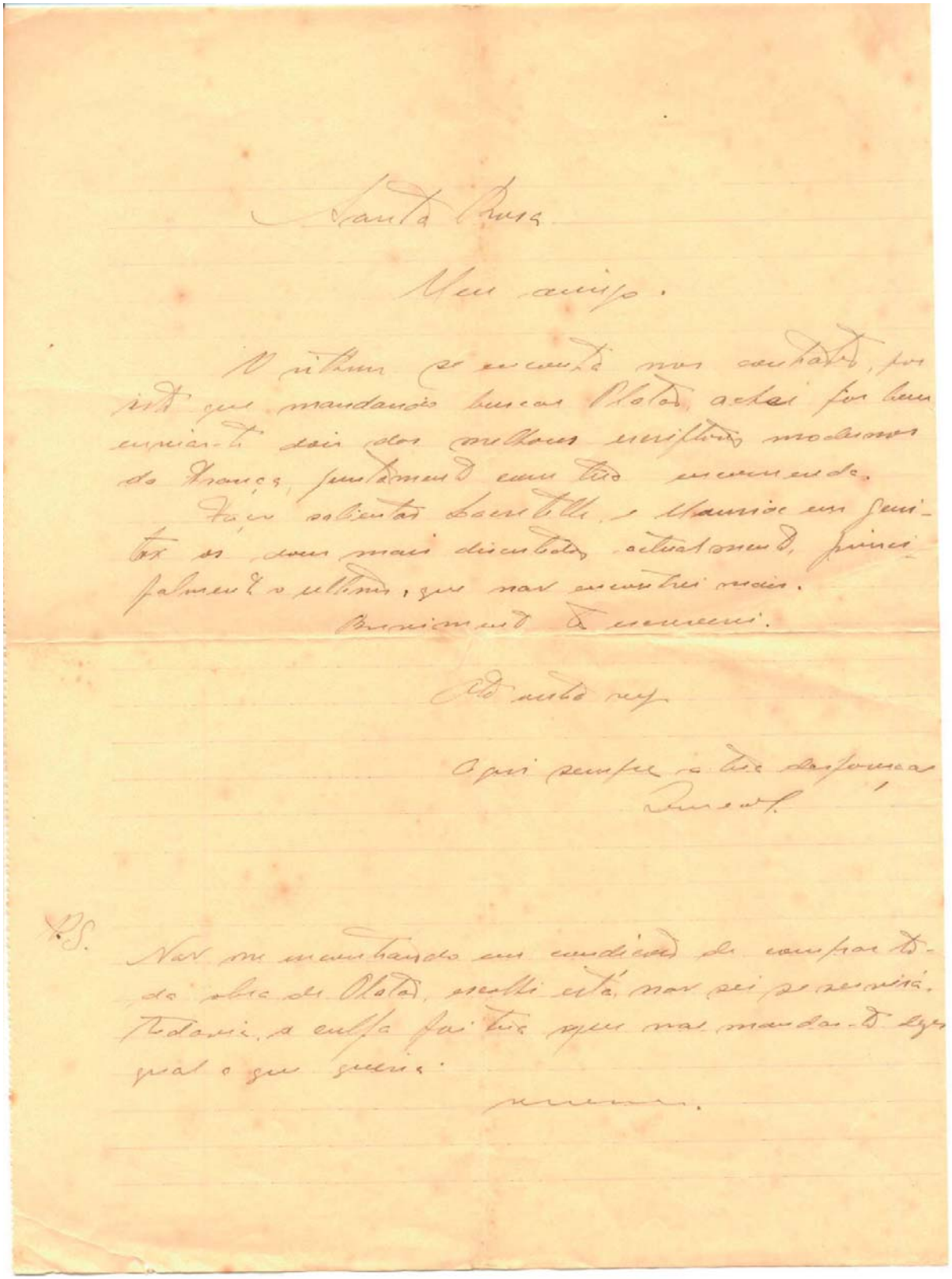
Refletia-me a minha vida, e então como naquela
noite em que o mundo gemia pelas ruas e se espalhava
dando pelas suas desertas.

E então quando o leve calor das mãos me proporcionou
pelo pensamento, eu ouvia como um canto en-
cantador a orquestra que minha alma do cinema a fazer uma

Carta n. 173, p. 2



Carta n. 174



Santa Rosa

Meu amigo.

O tinhum se encontrá nos cartaes, por isso que mandando buscar Plotas achei por bem enviar-te dois dos melhores ministros modernos do Francez, juntamente com tres encommendas.

Faço acientar Lacerda, e Mauricio em primeiro e dous mais discretos actualmente, principalmente o ultimo, que nas encontrei mais.

Brevemente te encommendo.

Do muito teu

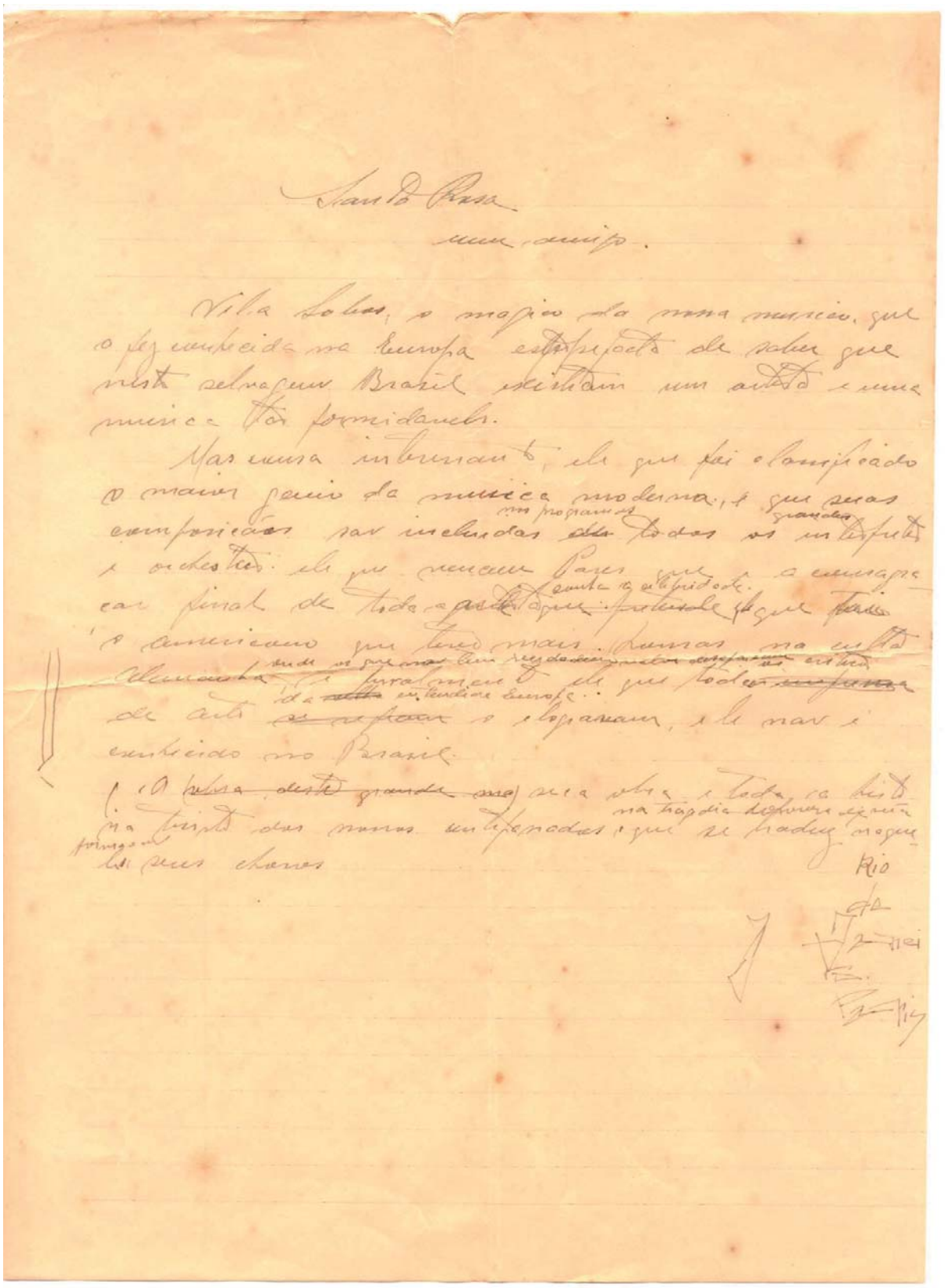
O pai sempre a tua disposição

Ernesto.

P.S. Nas me encarregado em cidade de comprar todos obras de Plotas, mettis até nas pei pe reunião. Todavia, a culpa foi tua que nas mandou-me logo qual o que queria.

Ernesto.

Carta n. 175



Santa Rosa

meu amigo.

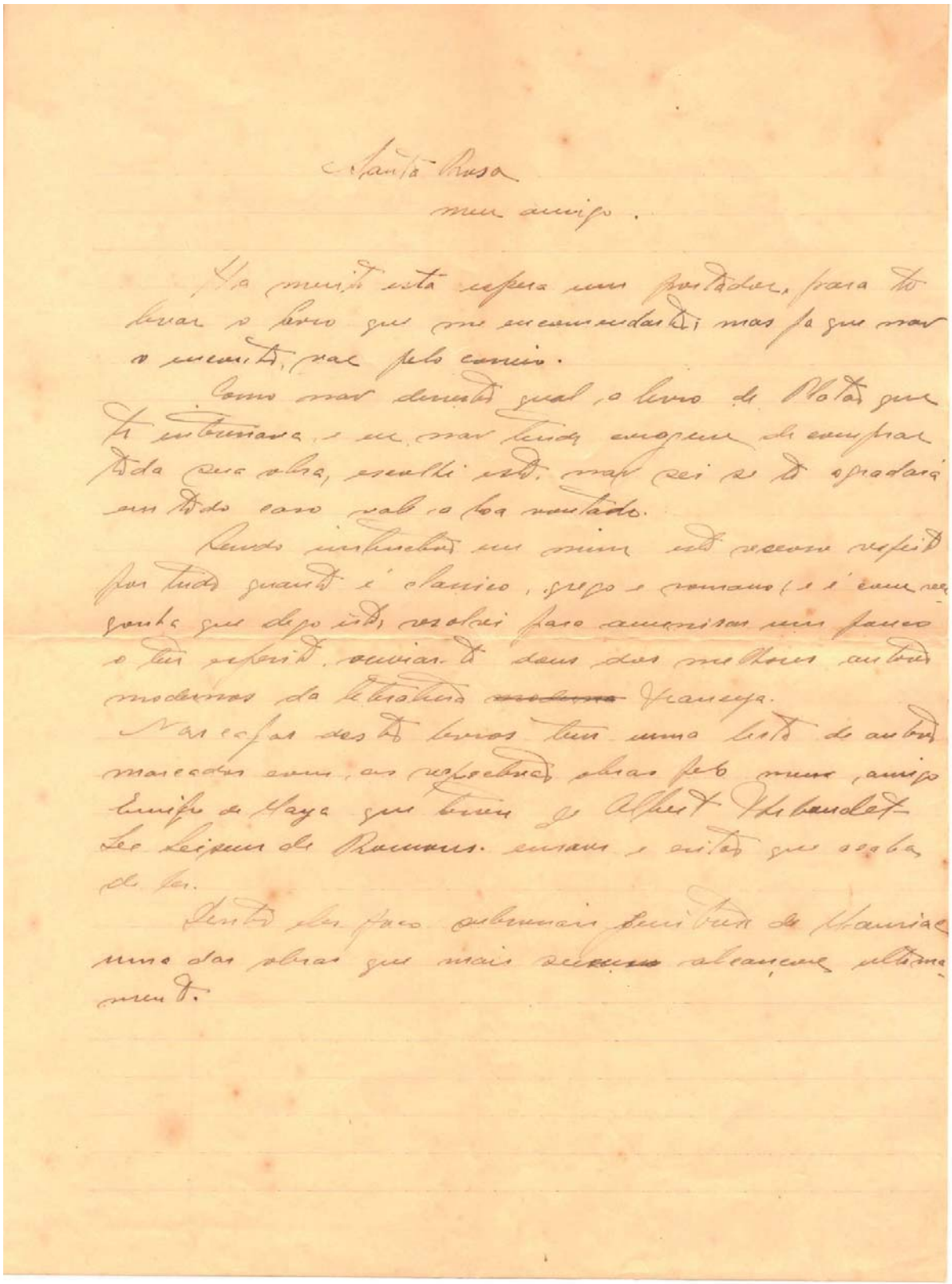
Vila Lobos, o maior da nossa música, que é conhecido na Europa estupefacta de saber que nesta selvagem Brasil existiam um artista e uma música tão formidáveis.

Mas uma infelicidade, ele que foi classificado o maior gênio da música moderna, e que suas composições são incluídas em programas de todas as grandes orquestras. ele me mandou dizer que a campanha em prol de Rodrigo, que você iniciou, que todos os americanos que lêem jornais, [illegible] e que ele [illegible] de arte [illegible] e [illegible], ele não é conhecido no Brasil.

(O livro deste grande músico é uma obra e toda a história na tripla das suas composições, que se poderá imaginar pelos seus chefes

Rio

Carta n. 176



Santa Rosa

meu amigo.

Ha muito está esperando um portador, para lhe levar o livro que me encommendou, mas já que não o encontro, vae pelo correio.

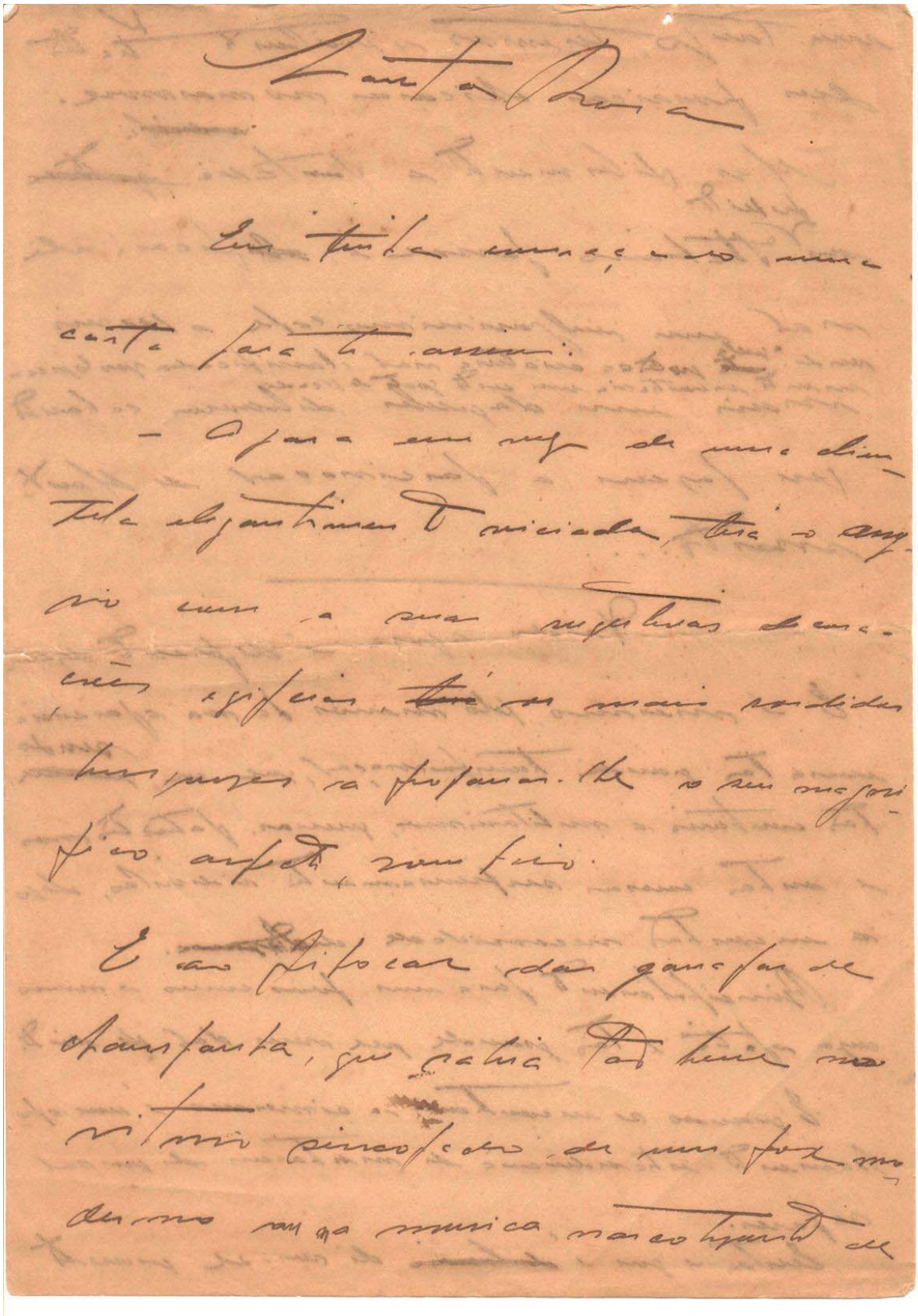
Como não domina qual o livro de Notas que lhe interessava, e eu não tenho empenho de empregar toda esta obra, escolhi este, mas creio que aproveitará em todo caso pelo contrario.

Tendo interrompido um pouco este trabalho por tudo quanto é classico, grego e romano, e começado pela gente que depois irá, resolvi fazer amenisar um pouco o seu espirito, ouvindo-o dos dous melhores autores modernos da literatura ~~moderna~~ franceza.

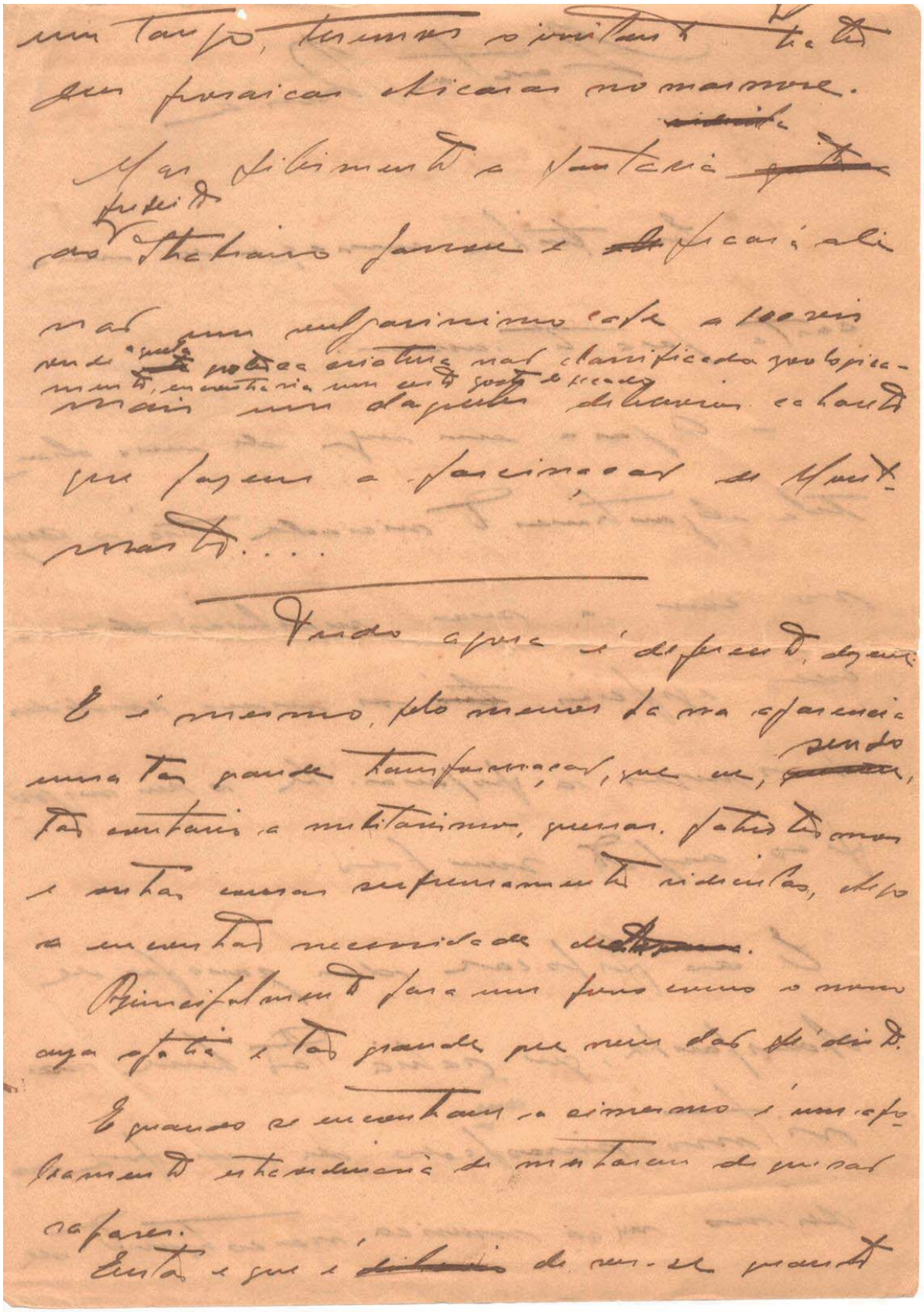
Nas casas destes livros tem uma lista de outros marcados com os respectivos preços pelo meu amigo Emilio de Faya que tenho o Albert Malet Lee Leipsen de Romains. Estimo e evito que o seja de ler.

Tenho dez para onze mil francos de Hamiaca uma das obras que mais acerca alcançou ultimamente.

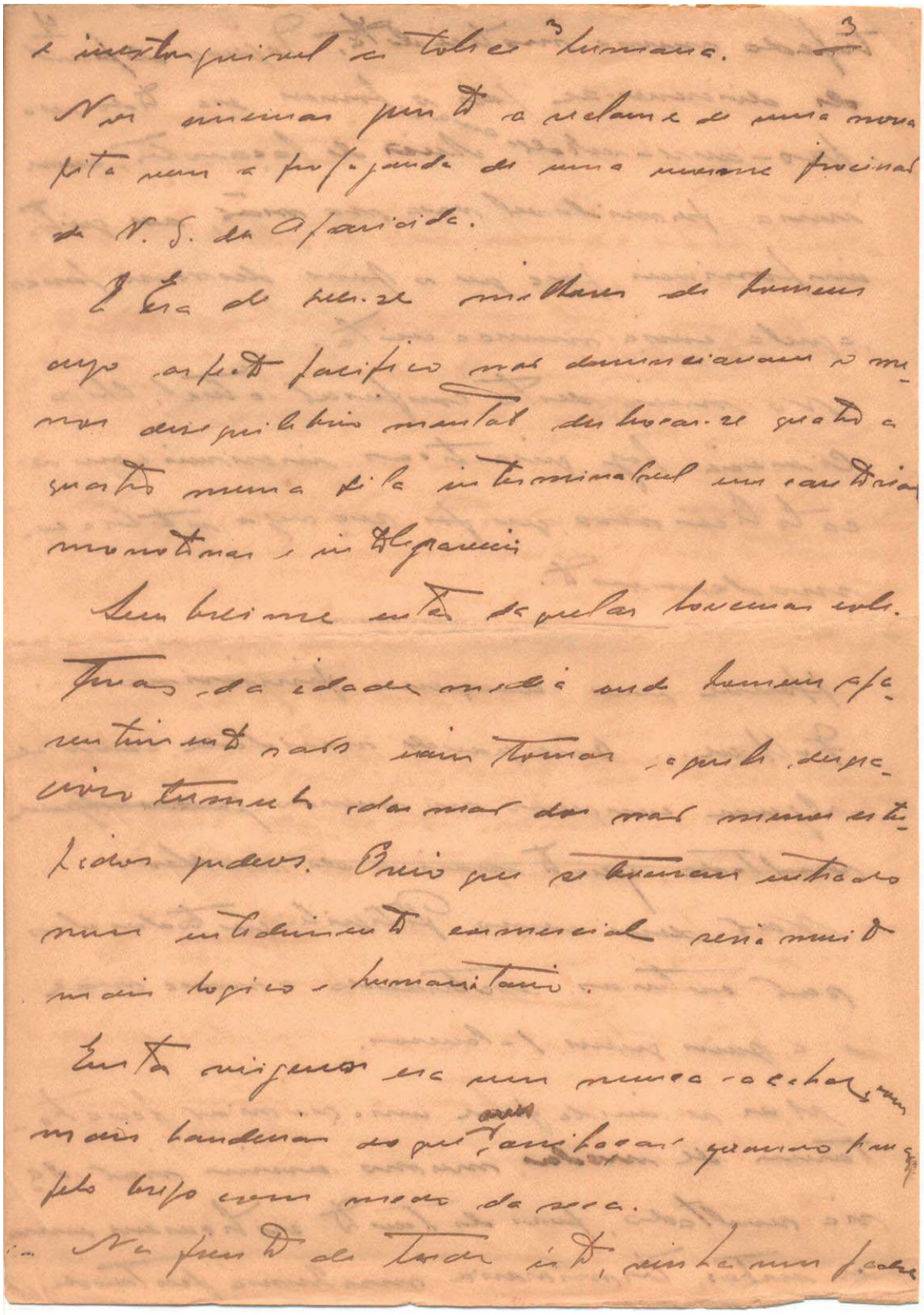
Carta n. 178, p. 1



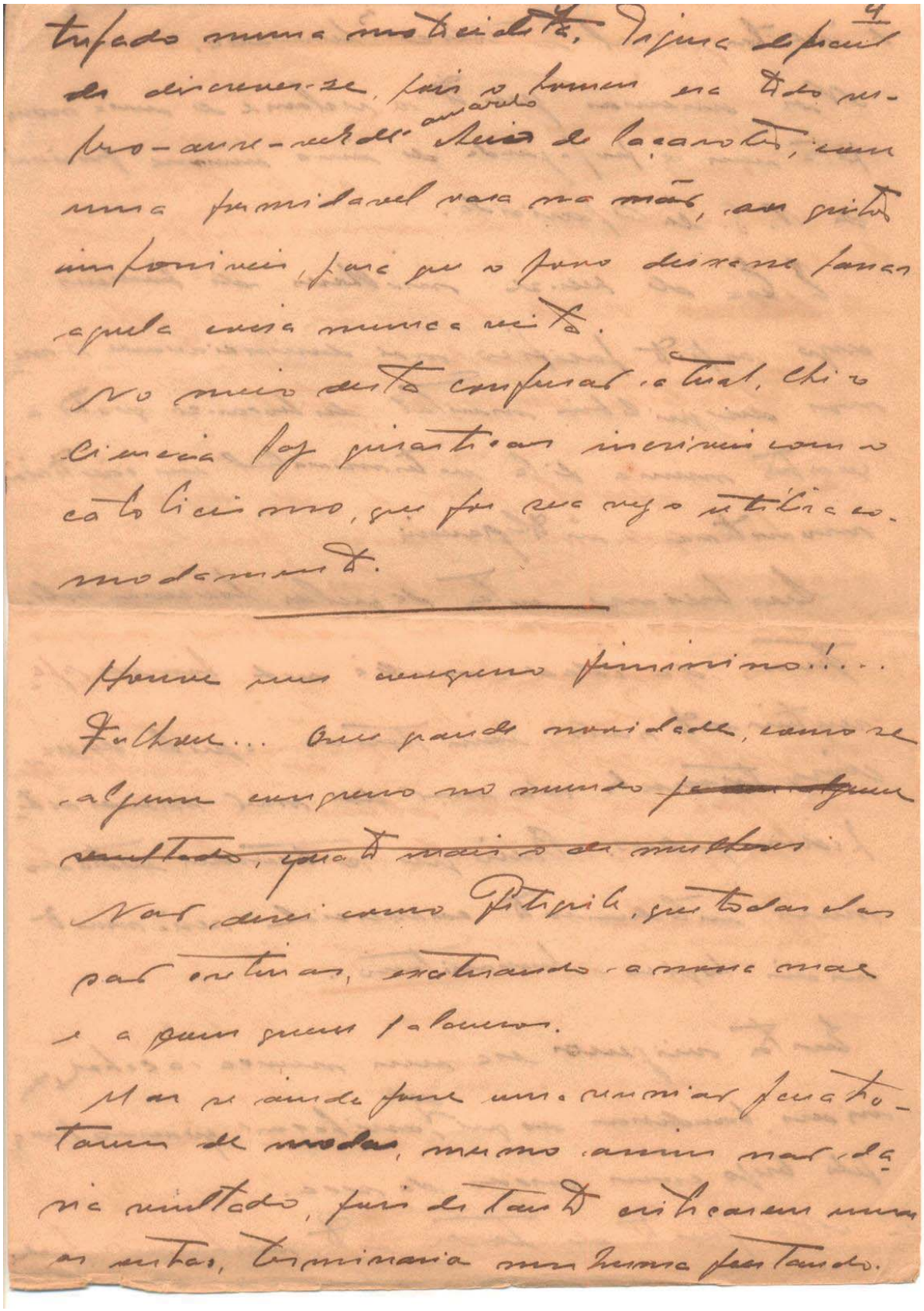
Carta n. 178, p. 2



Carta n. 178, p. 3



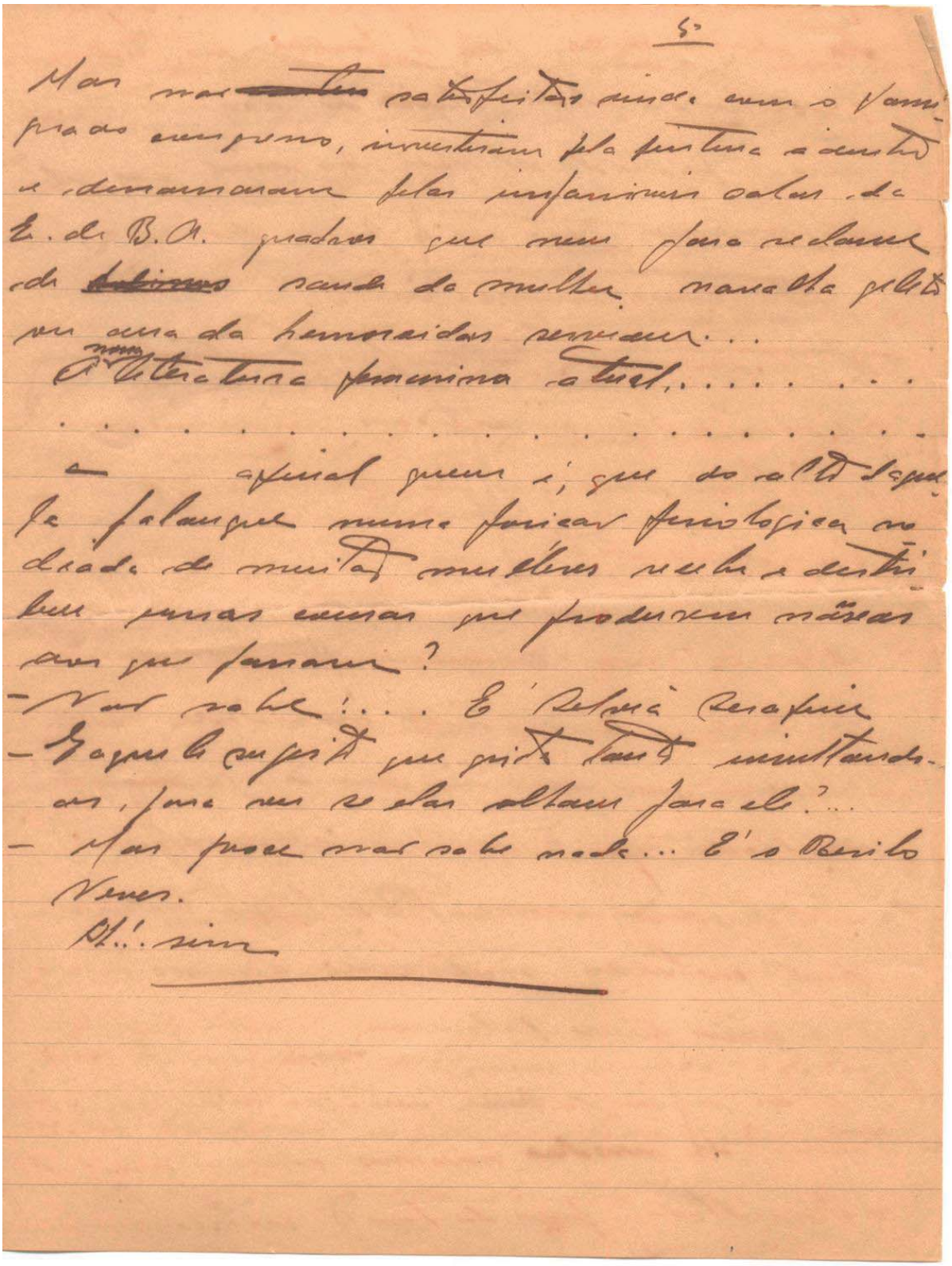
Carta n. 178, p. 4



tufado numa mostrada. Depois [illegible] 4
de discorrer-se, foi o homem ao [illegible]
pro-ano-nobre [illegible] de Lazaro, com
uma formidavel vara na mão, em pleno
inverno, para que o povo deixasse passar
aquela enorme procissão.
No meio desta confusão atual, chio
Ciencia foi pisar-se inesperadamente com o
catolicismo, que foi recuperá-la utilisa-
mo-la.

Houve um empreno finissimo!...
Felizes... Um pouco mais tarde, como se
algum empreno no mundo ~~[illegible]~~
~~resultado, que é mais o de mulheres~~
Vou dizer como Pitagoras, que todas as
par entias, exclusão a mesa mãe
e a pura quem falamos.
Mas se ainda fosse uma simples fenecto-
tomia de moda, mesmo assim não dá
pra resultado, pois de tanto enfeitarem uma
as outras, terminaria uma humana pertando.

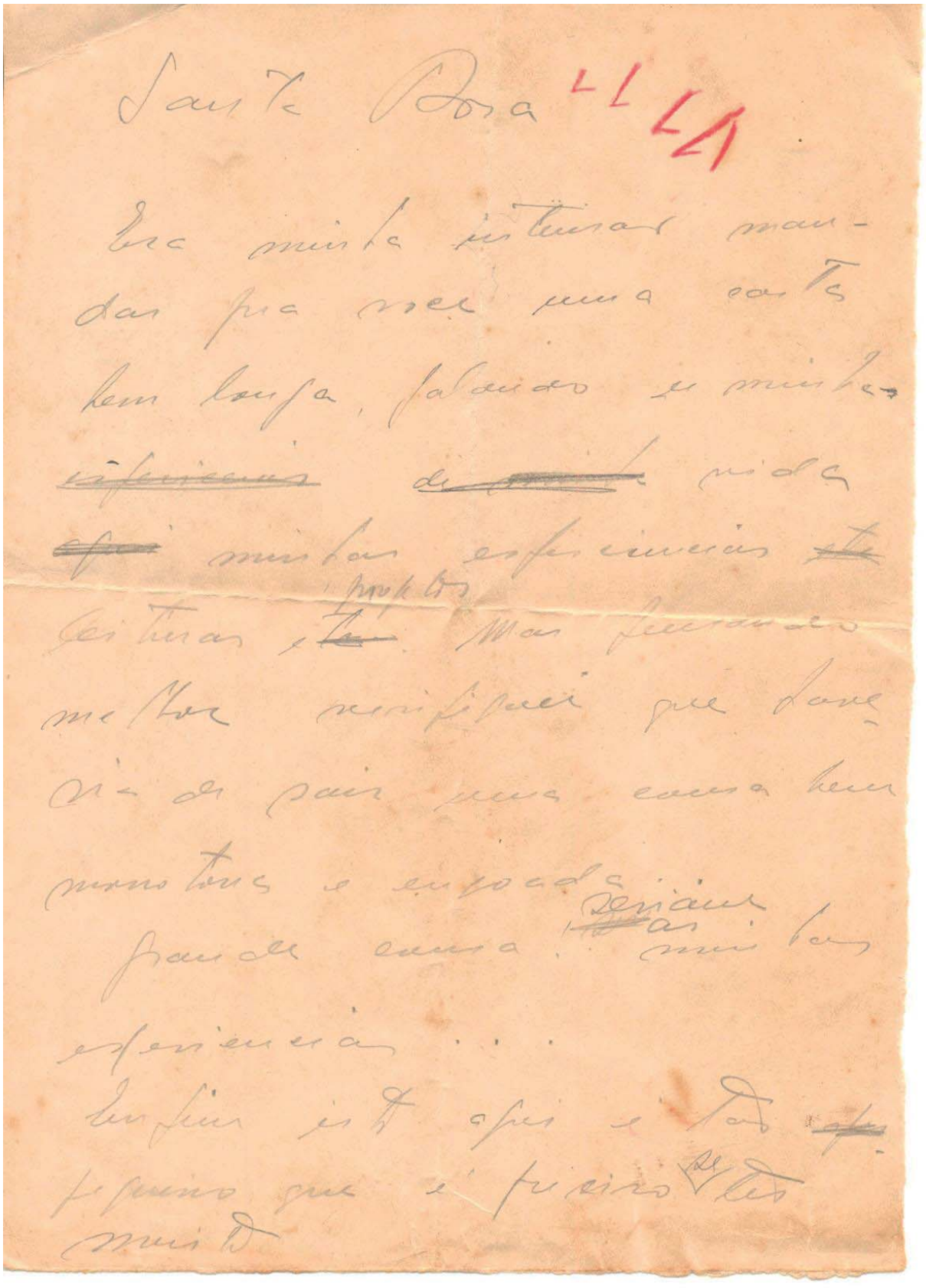
Carta n. 178, p. 5



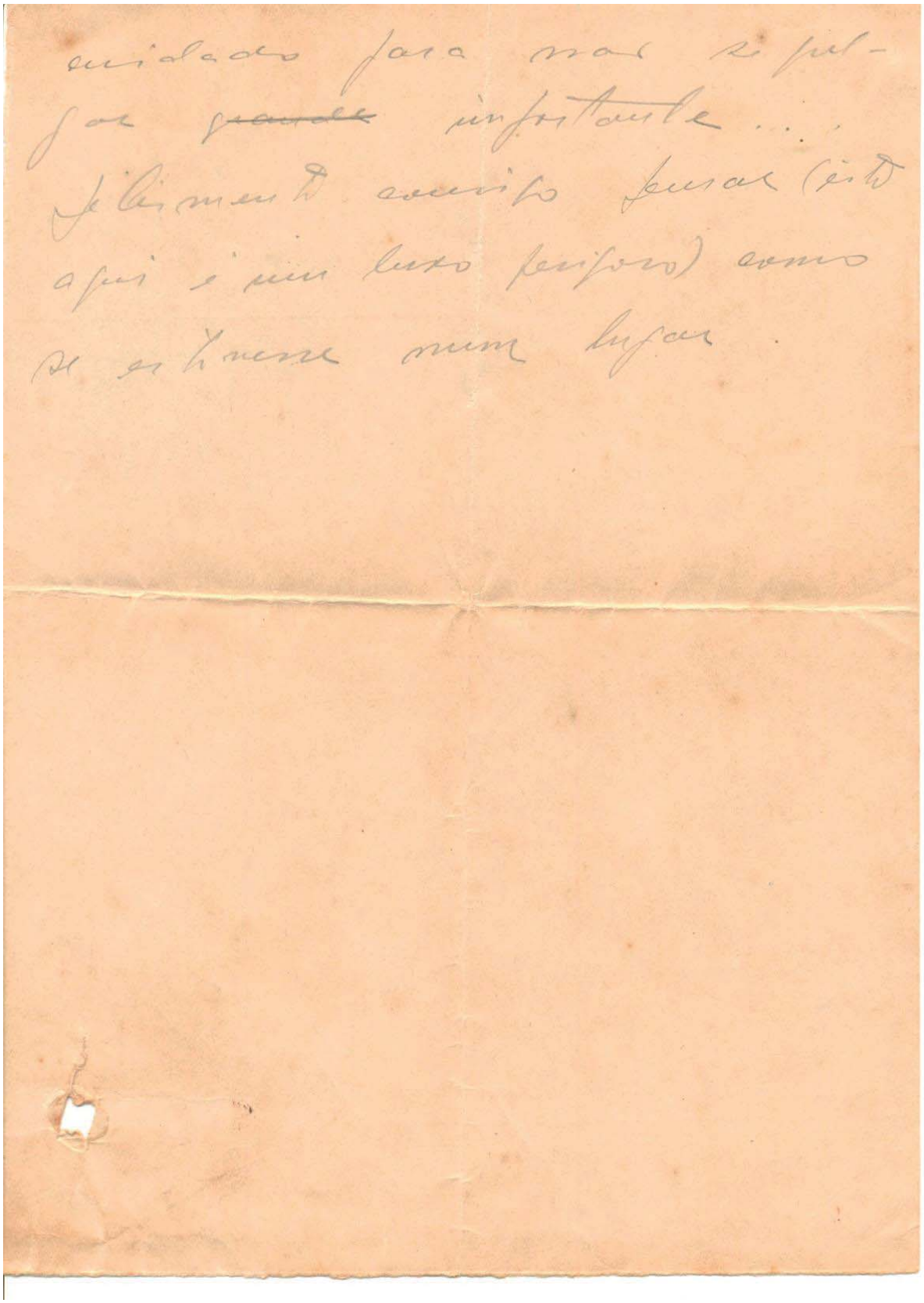
5º

Mas mas ~~mas~~ satisfeitas ainda com o vam-
piro do emprego, investiram pela janela a dentro
e demandaram pelas imediações da
E. de B. A. gritando que nem para reclame
da ~~Lubrizol~~ saude da mulher nada de pilulas
nem cura da hemorroidas servem...
A literatura feminina atual.....
.....
- afinal quem é, que do alto de seu
se falaque numa fabrica psicologica no
dizer de muitas mulheres neste e destes
tempos cheios de problemas sérios
que se passam?
- Vou saber!... É Rebeca Reaphie
- Sapeca cupido que pirata tanto mistificador,
que me vai dizer logo de ele?...
- Mas pode crer que sabe mesmo... É o Recibo
Vences.
Pl.: sim

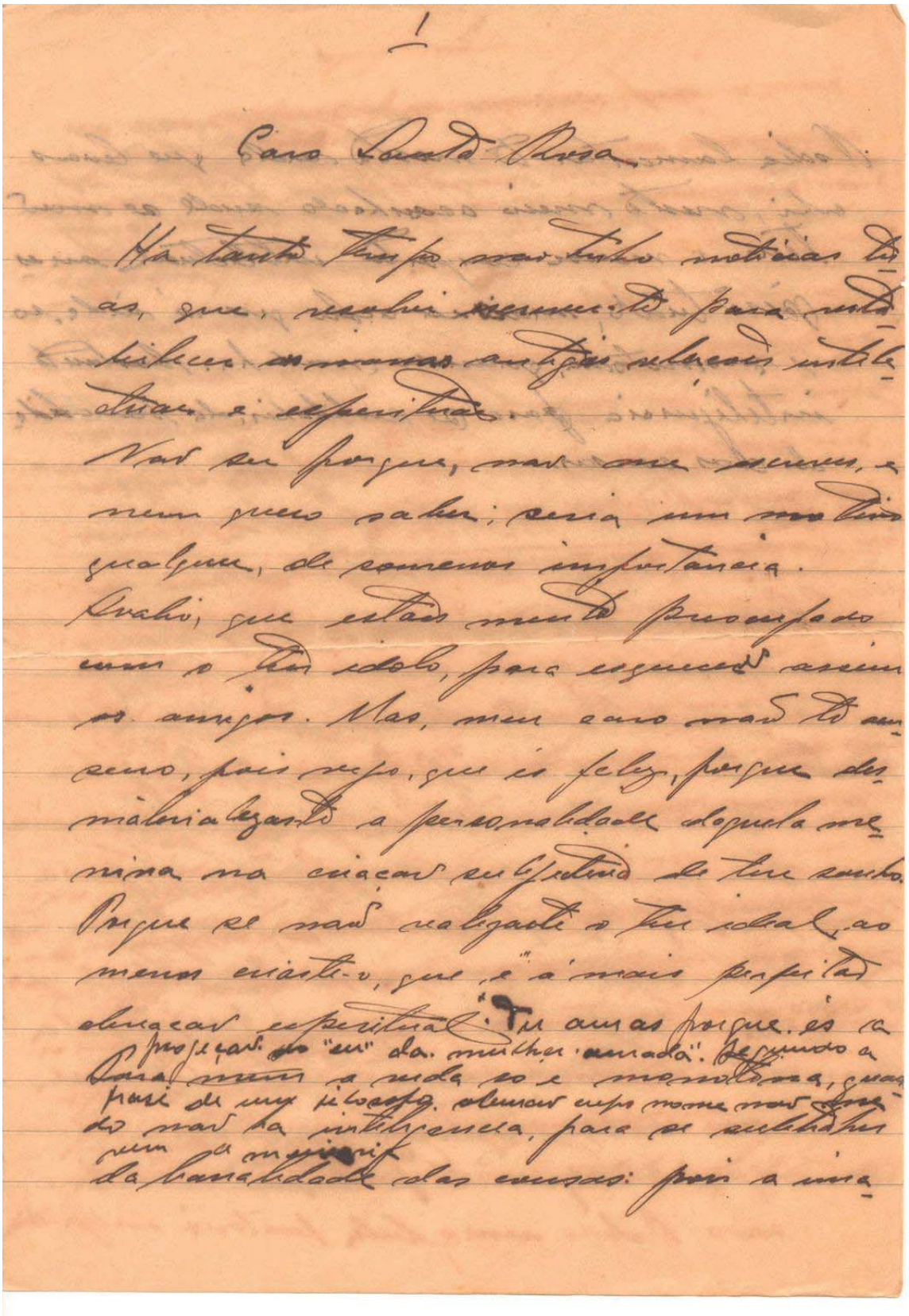
Carta n. 179, p. 1



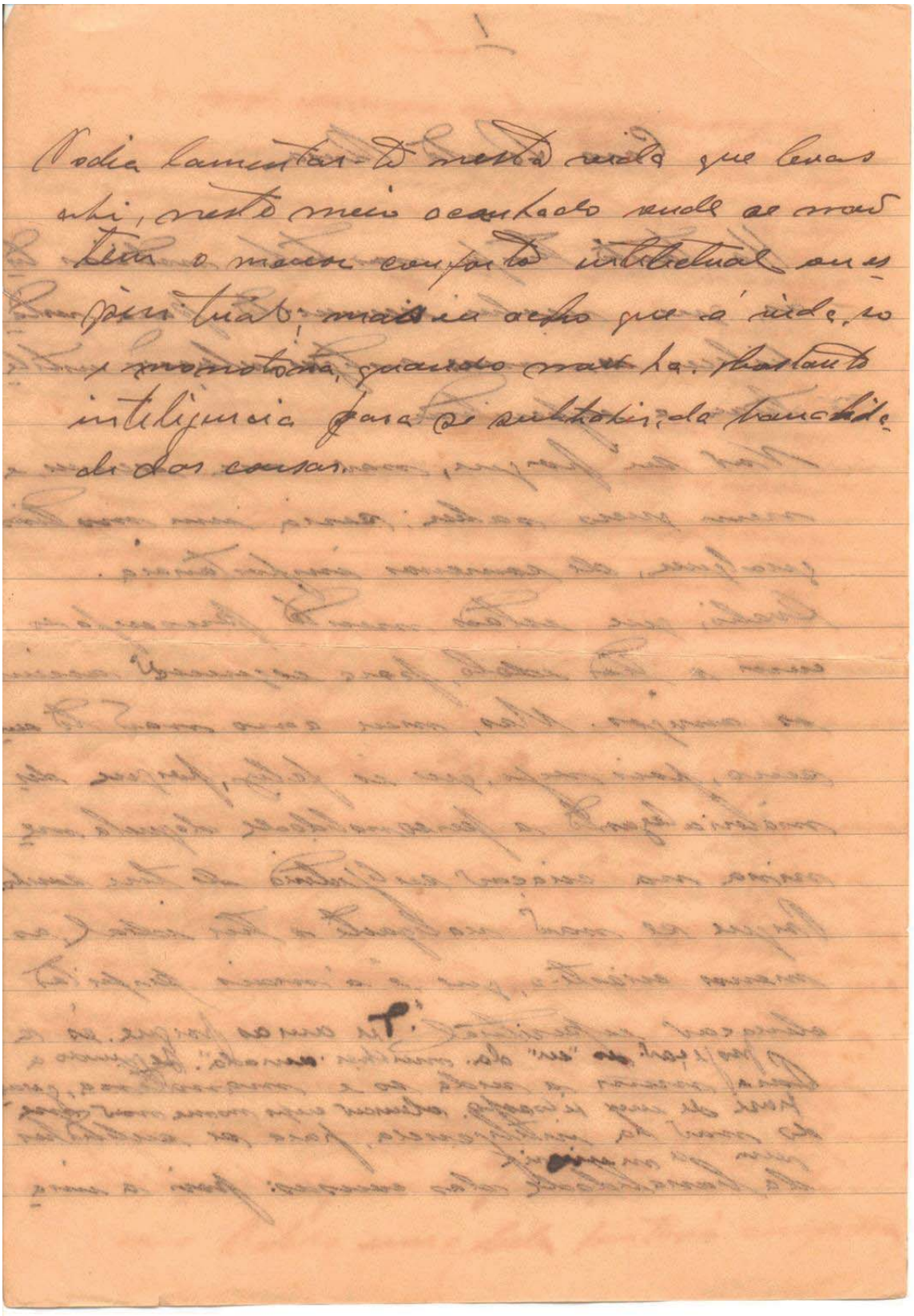
Carta n. 179, p. 2



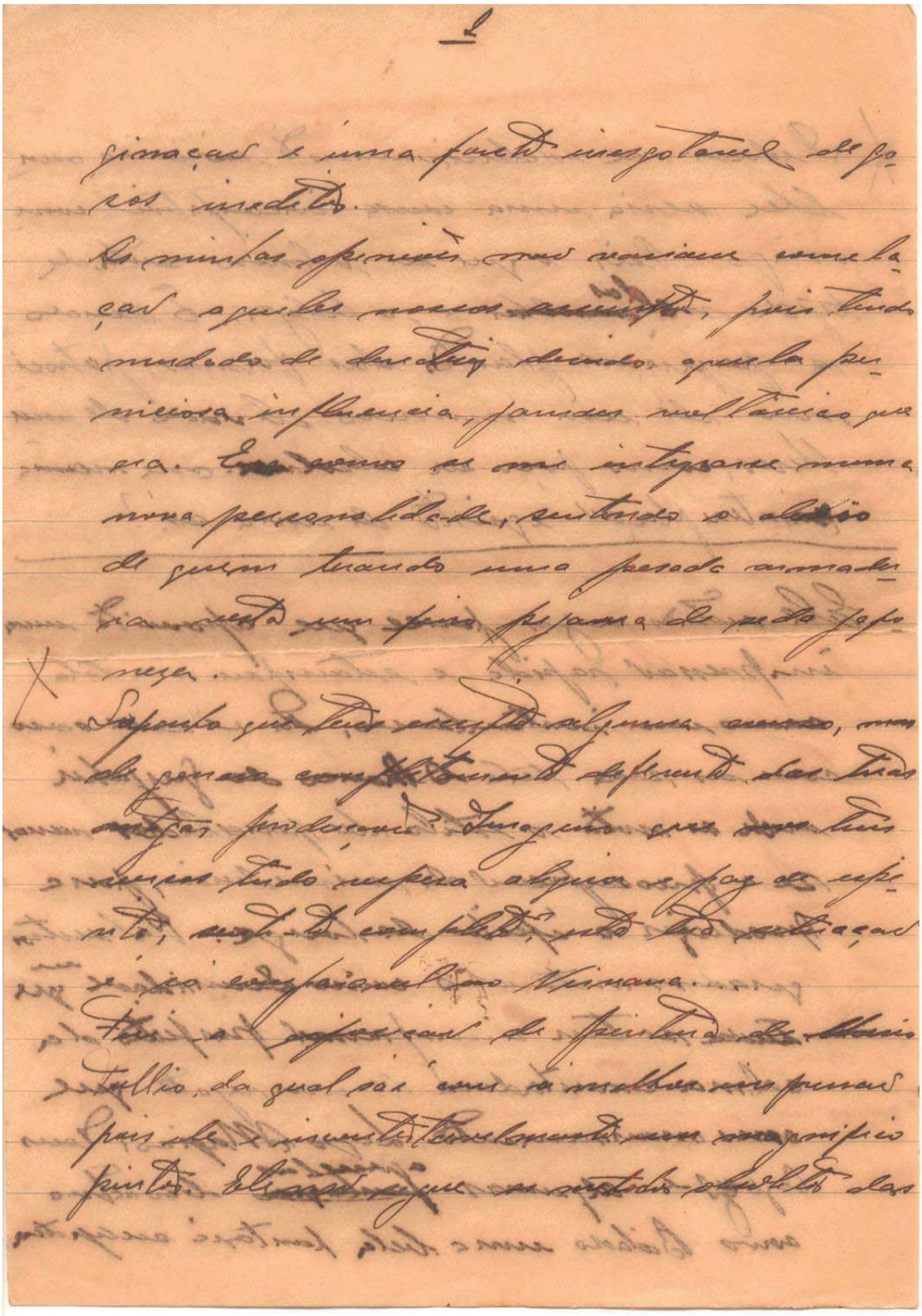
Carta n. 180, p. 1



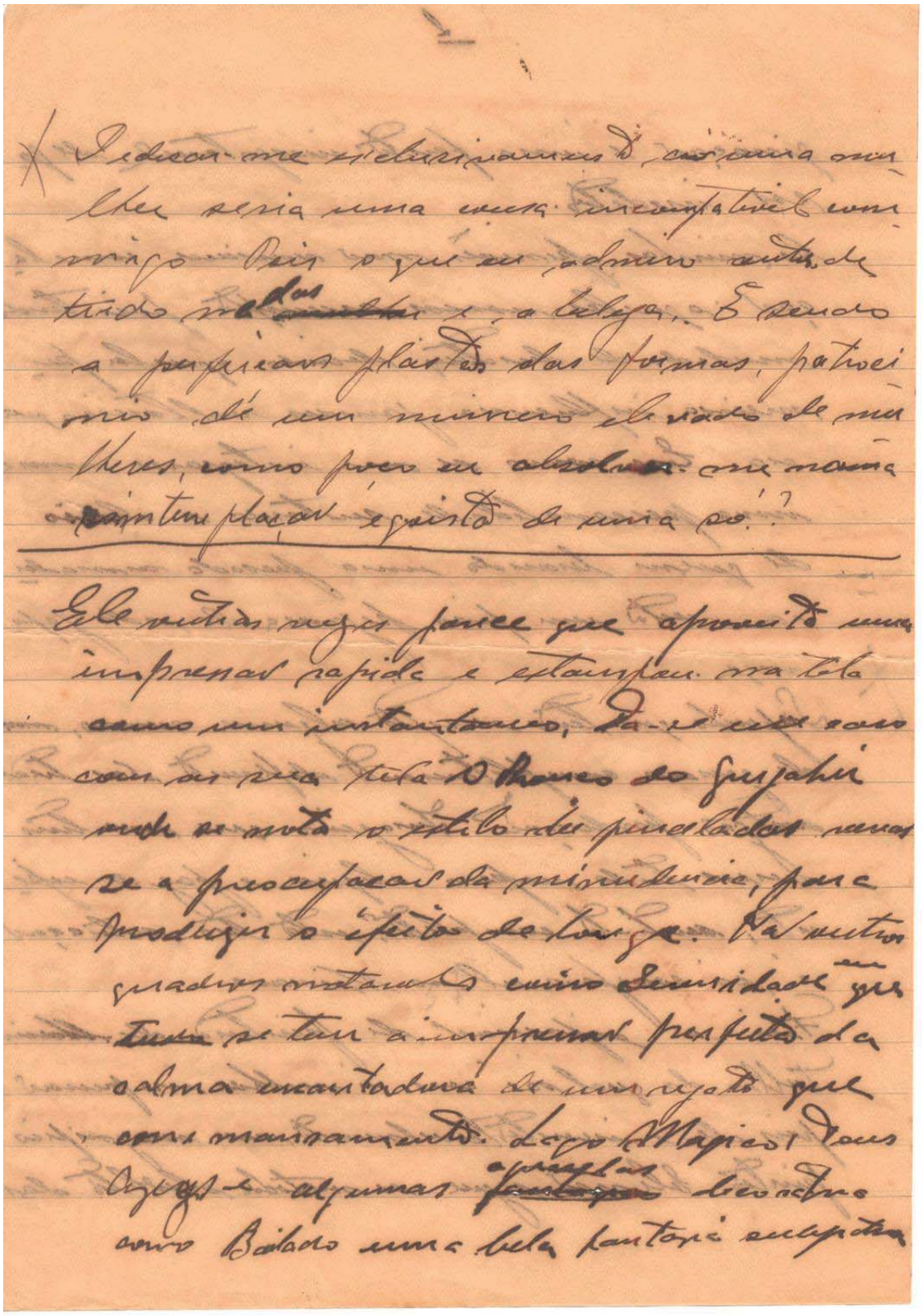
Carta n. 180, p. 2



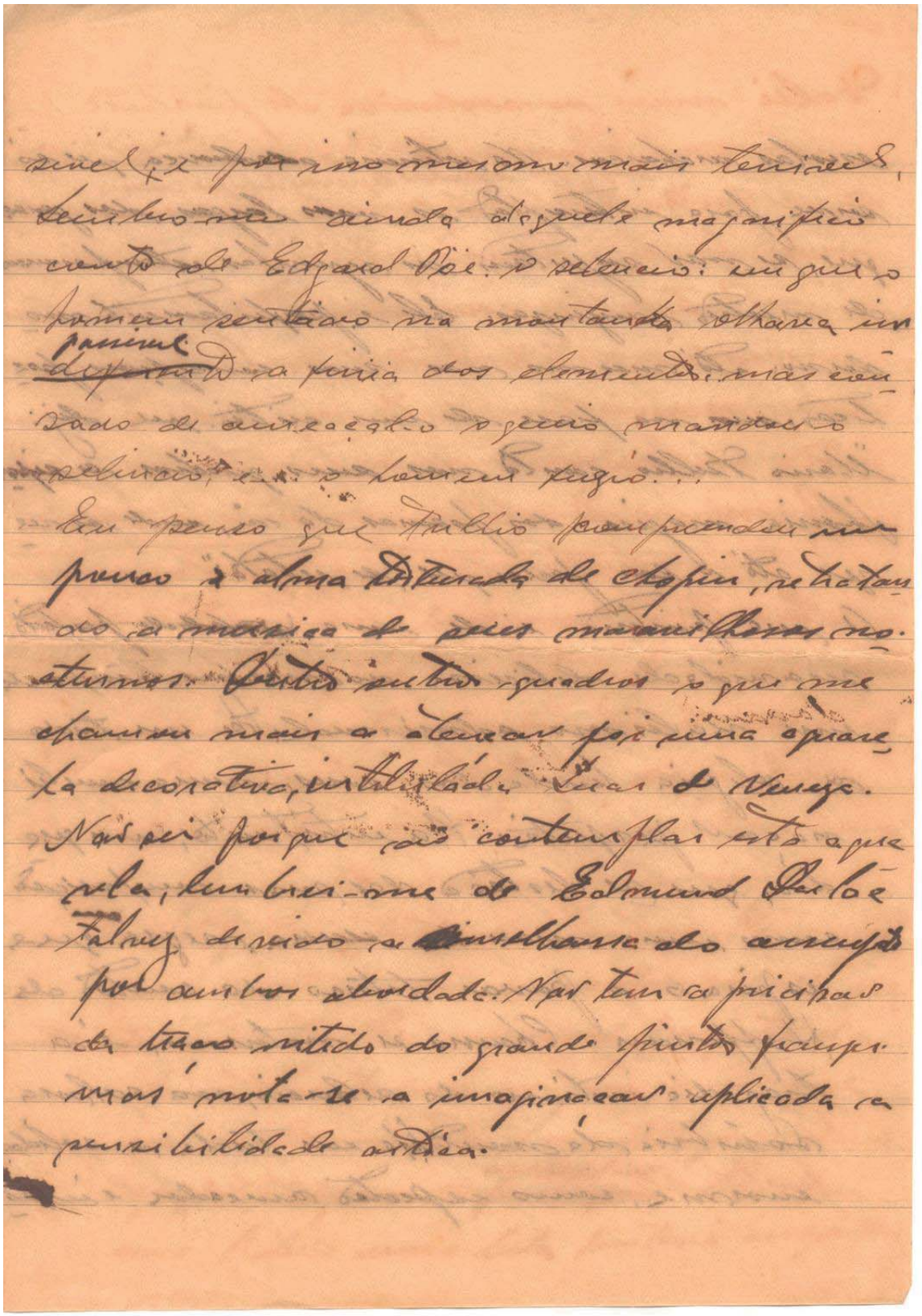
Carta n. 180, p. 3



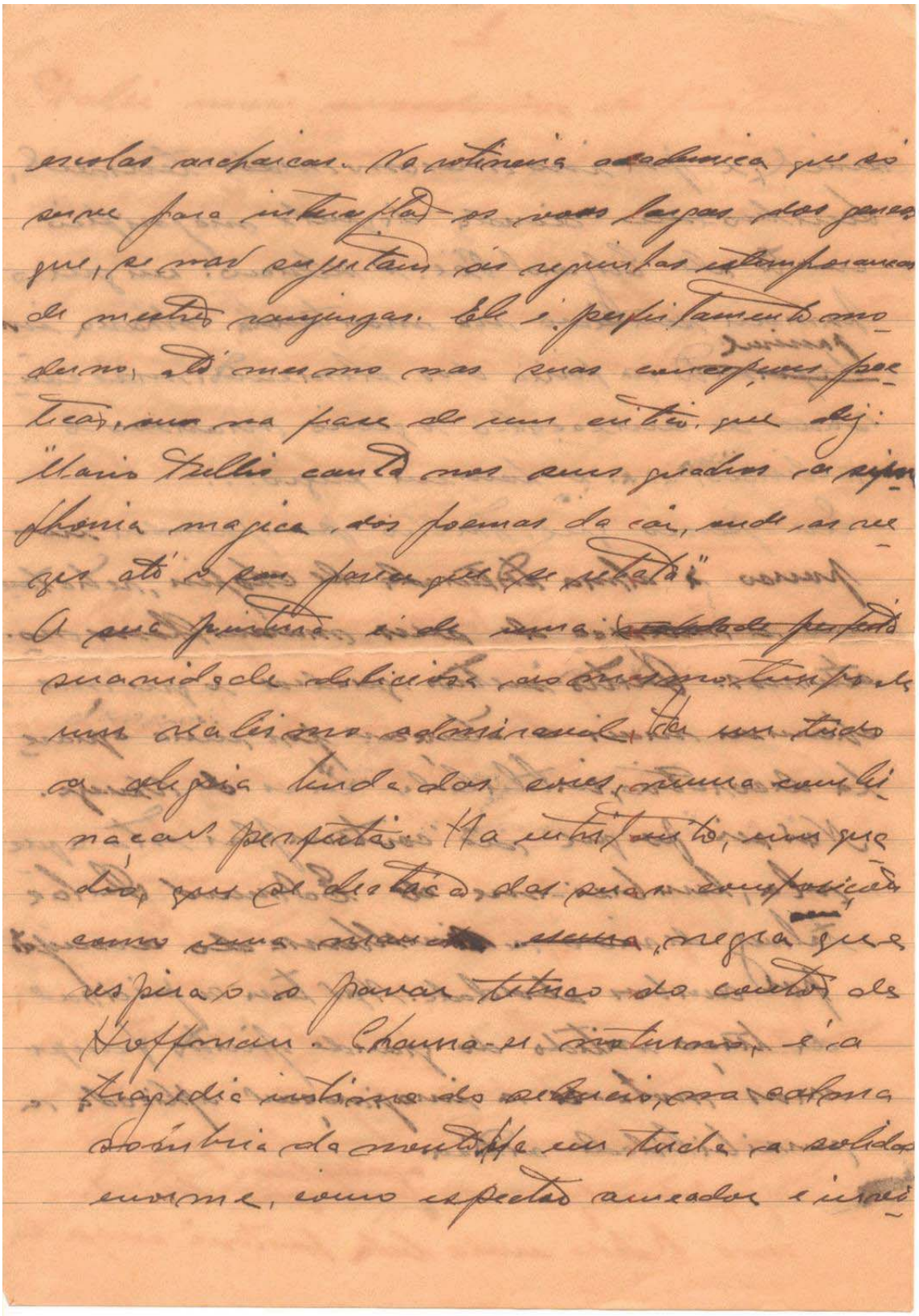
Carta n. 180, p. 4



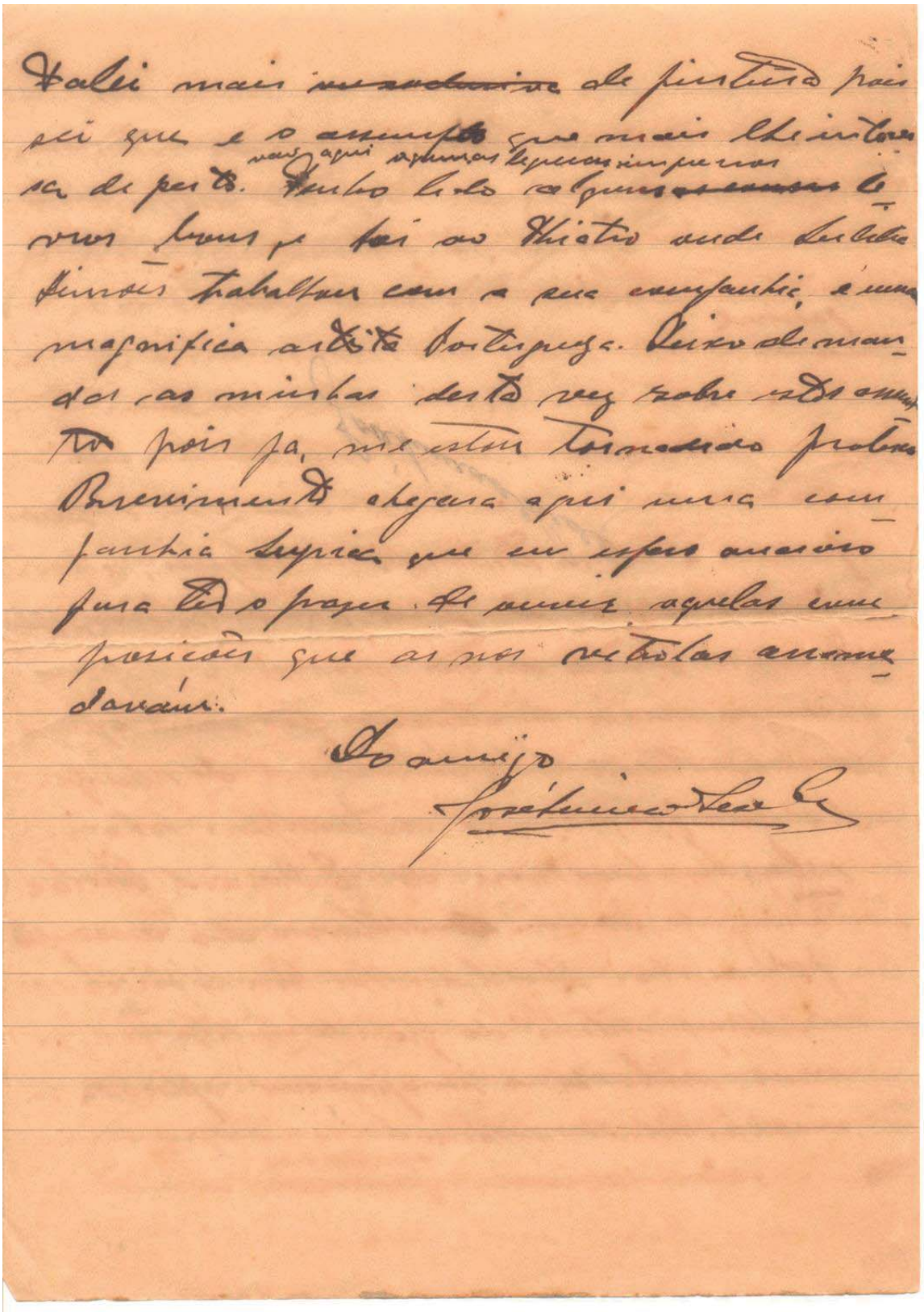
Carta n. 180, p. 5



Carta n. 180, p. 6



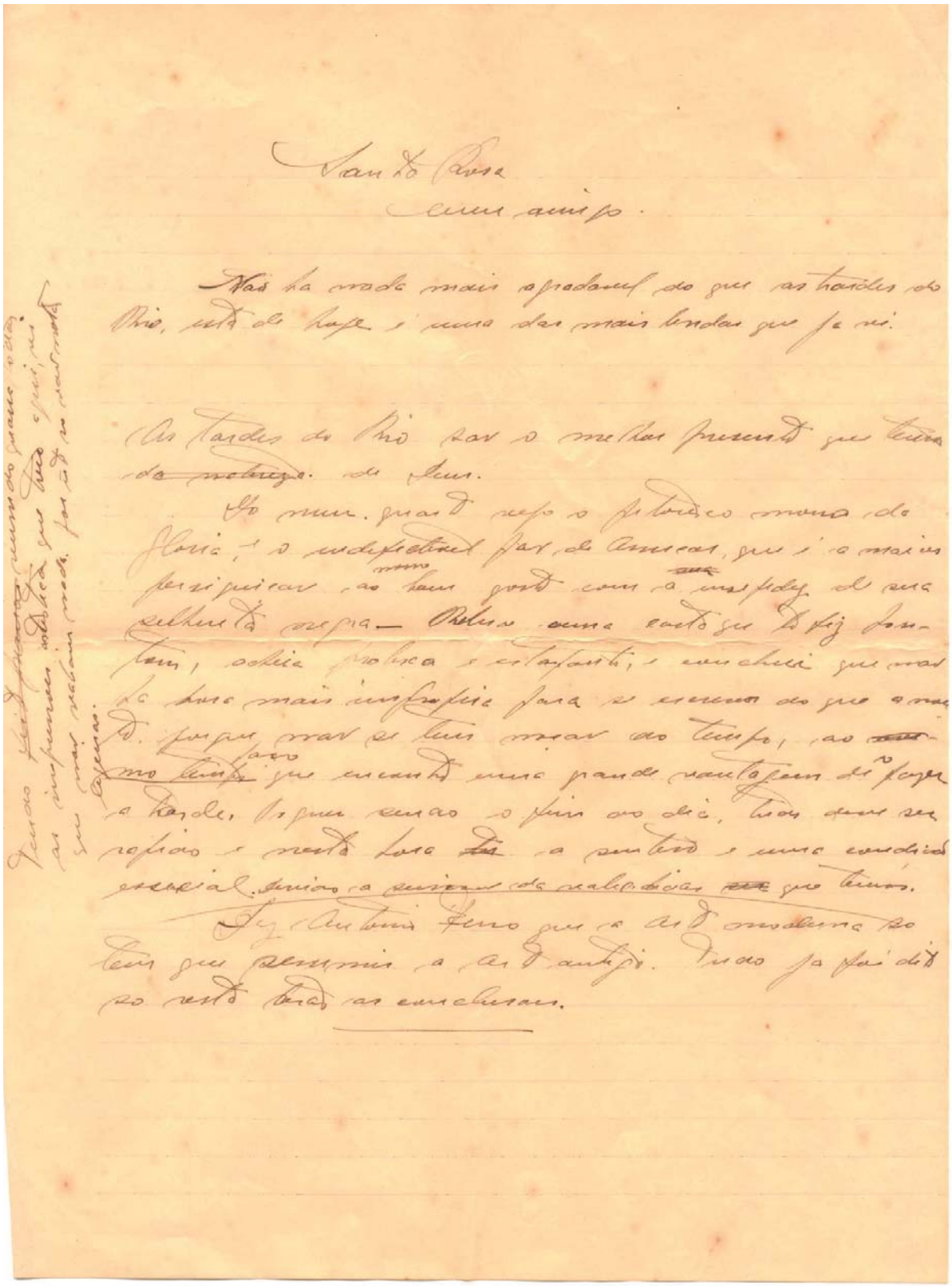
Carta n. 180, p. 7



Falei mais uma vez de Justino pois sei que é o assunto que mais lhe interessa de per Ti. Vamos aqui algumas expressões impuras
vou pois e foi ao Hotel onde devia
dormir trabalhar com a sua companhia é uma
magnífica artista portuguesa. Peço desculpa
das minhas letras desta vez sobre este assunto
pois já me estou tornando pobre
Brevemente chegará aqui uma com-
panhia lyrica que eu espero ansioso
para ter o prazer de ouvir aquelas com-
posições que as nossas velhas amas
cantavam.

Do amigo
Joaquim Leitão

Carta n. 181



Santa Rosa

Meu amigo.

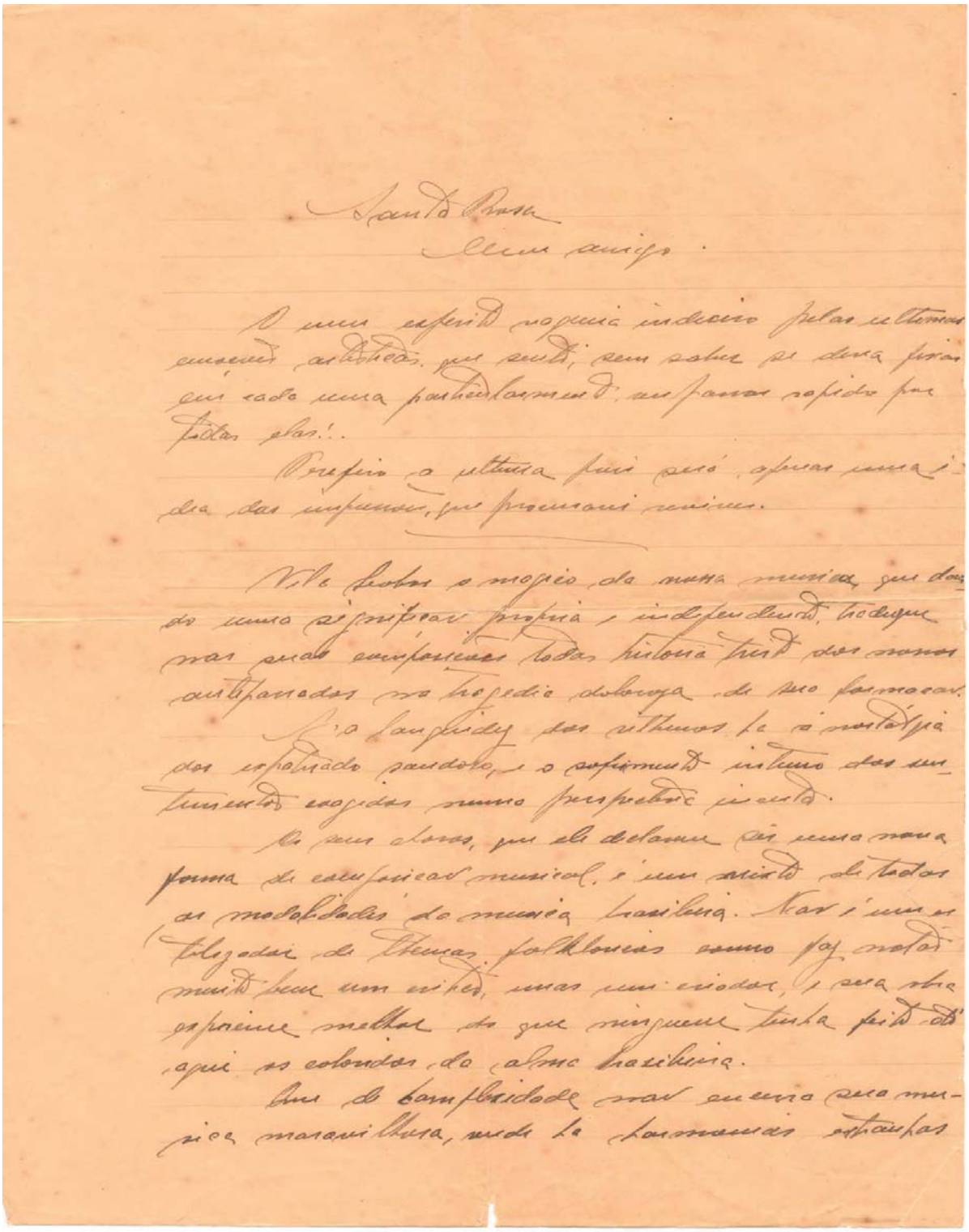
Vai ha onde mais agradavel do que as tardes do Rio, este de hoje é uma das mais lindas que já vi.

As tardes do Rio são o melhor presente que tem da natureza. de lá.

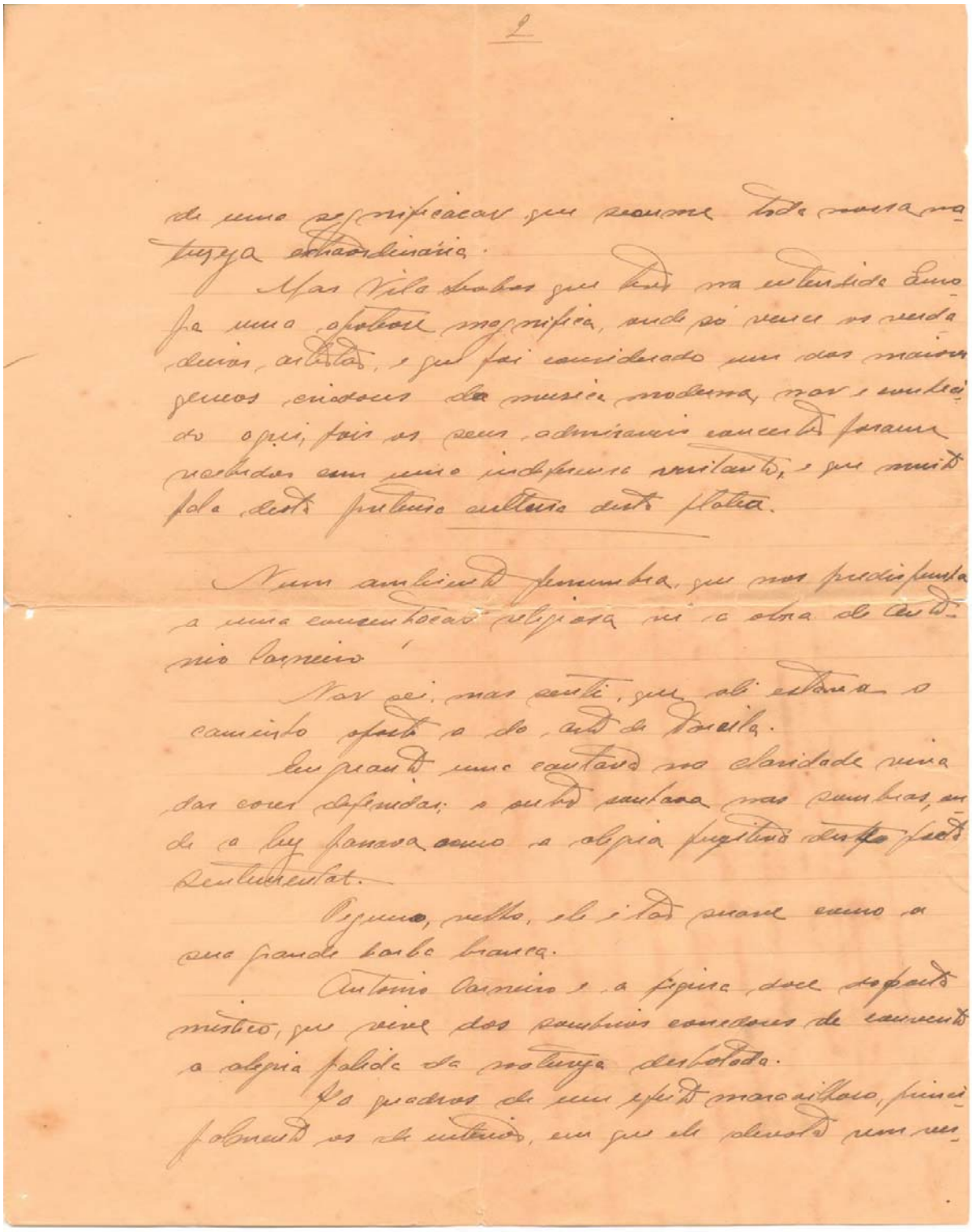
Eu muito gostei rego o pitoresco morro do Flores, e o indefinivel par, de Amoreas, que é o mais perfeito encontrar ao bem perto com a mesquita de sua silhueta esperta — Ontem uma carta de Otilia dentro, achei graciosa e estranha, e encheu-me de uma mais confusão para a ternura do que o mau. Jurupe mas se tem mudado do tempo, ao mesmo tempo que encanta uma grande vantagem de poder a tarde. Depois almoço o fim do dia, tem dois ou noites e muito bom de a pintura e uma comodidade especial. Juntos a quinta de realidades que temos.

Eu Antonio Fernando que o Ad modernos tem que pensamos a Ad antiga. Mas ja vai dito o resto fica as conversas.

Carta n. 182, p. 1



Carta n. 182, p. 2



2

de uma especificação que resume toda nossa música extraordinária.

Mas Villa-Lobos que tem na atualidade musical uma posição magnífica, onde só vence os verdadeiros artistas, e que foi considerado um dos maiores gênios criadores da música moderna, por unanimidade de opiniões, pois os seus admiradores cariocas foram recebidos com uma indiferença irritante, e que muito pode dizer pretensa cultura dum platéia.

Numa ambiência de penumbra, que nos predispunha a uma concentração religiosa ouvi-se a alma de Antônio Carneiro.

Não sei, mas sentia, que ali estava o caminho aberto para o Além da Vida.

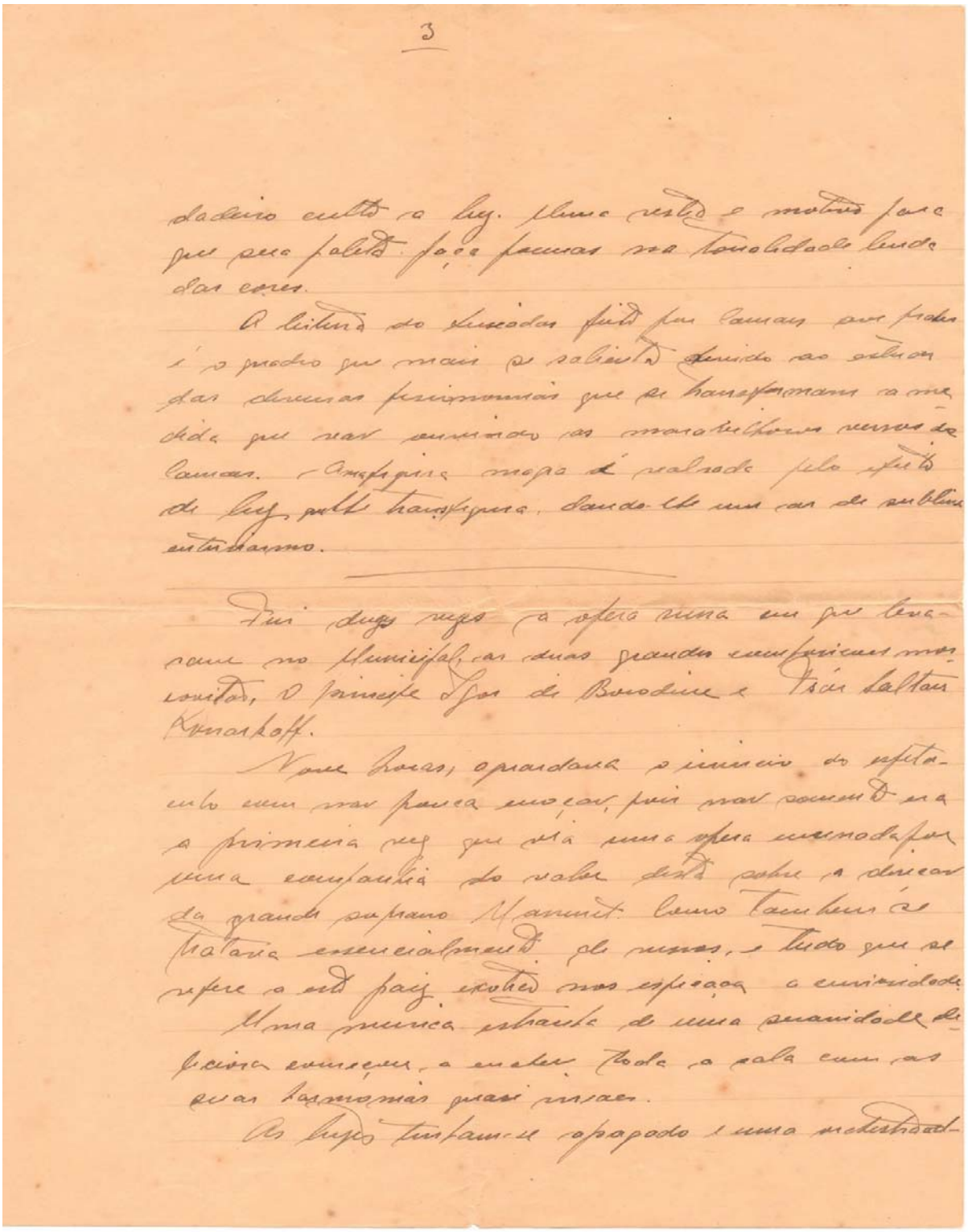
Eu pensava numa cantata na claridade viva das cores defendas; e ouvia cantatas nas penumbras, em que a luz parava como a alegria fugitiva dum riso sentimental.

Depois, então, eis-lo ali parado como o seu grande barbo branco.

Antônio Carneiro é a figura dos sonhos místicos, que vive dos pensamentos comovidos de saudade e alegria pálida da natureza desbotada.

É o pedroso de uma epopéia maravilhosa, principalmente os de outrora, em que os pensados viam um

Carta n. 182, p. 3



3

dadeiro culto ao bey. Plus reste é motivo para
que seu palete faça fracos na tonalidade linda
das cores.

A leitura do Lenadas fiz-me ver que Prado
é o pintor que mais se sobressai dentre os artistas
das diversas procedências que se transformam a mes-
dida que vão surgindo as maravilhosas cenas de
Camões. Compõe mapa é realmente pelo efeito
de luz, pelo transparente, dando-lhe uma cor de sublime
entusiasmo.

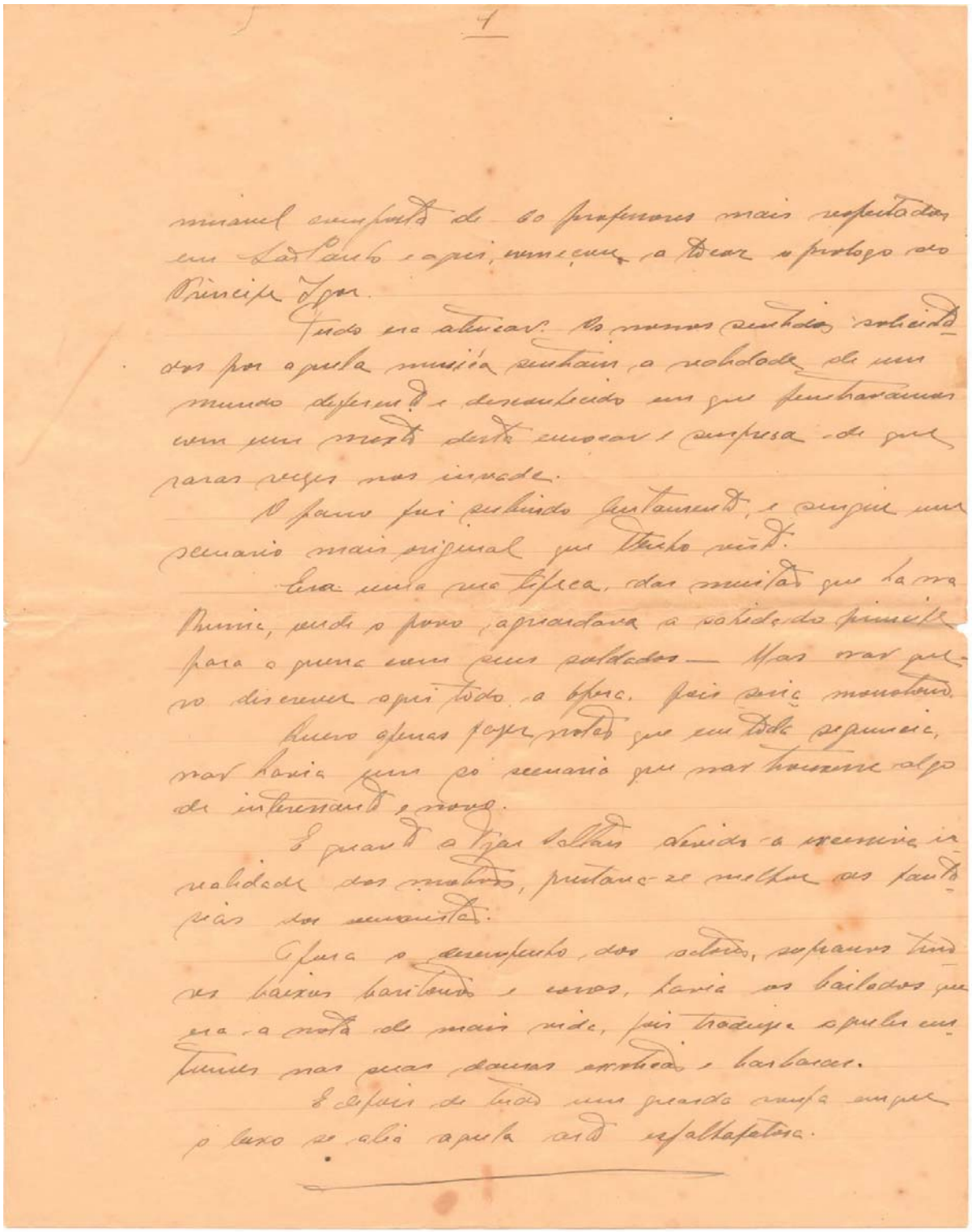
Fui duas vezes à ópera nova em que tem-
sem-se inaugurado duas grandes emprezarias mas
coitado, o príncipe Igor de Borodine e Ivan Saltan
Korsakoff.

Nem boas, apesar da pressa do espetá-
culo vem ser para encher, pois vão sempre de ma
a primeira vez que via uma ópera executada por
uma companhia do valor desta pelo a direção
da grande soprano Mazzucato. Como também é
tratava essencialmente de russos, e tudo que se
refere a este país excita-me especialmente a curiosidade.

Uma música estranha de uma suavidade de
doçura extrema, a meter todo o palco com as
suas harmonias grandiosas.

As luzes tinham-se apagado e uma melodiosa

Carta n. 182, p. 4



4

musical composta de 60 professores mais reputados em Lisboa e que, unicamente, a fim de honrar o prólogo do Príncipe Igor.

Tudo me atraiu: os mesmos cenários, soberbos por aquela música sublime, a nobreza de um mundo defunto e desaparecido em que penetravamos com uma mistura dessa emoção e surpresa de que paras vezes nos invade.

O pano foi subindo lentamente, e surgiu um cenário mais original que tenho visto.

Era uma rua típica, das muitas que há na Rússia, onde o povo, aproximava a solidão principesca para o quem com seus soldados — Mas era preciso discernir aquilo tudo a bordo. Foi coisa monstruosa.

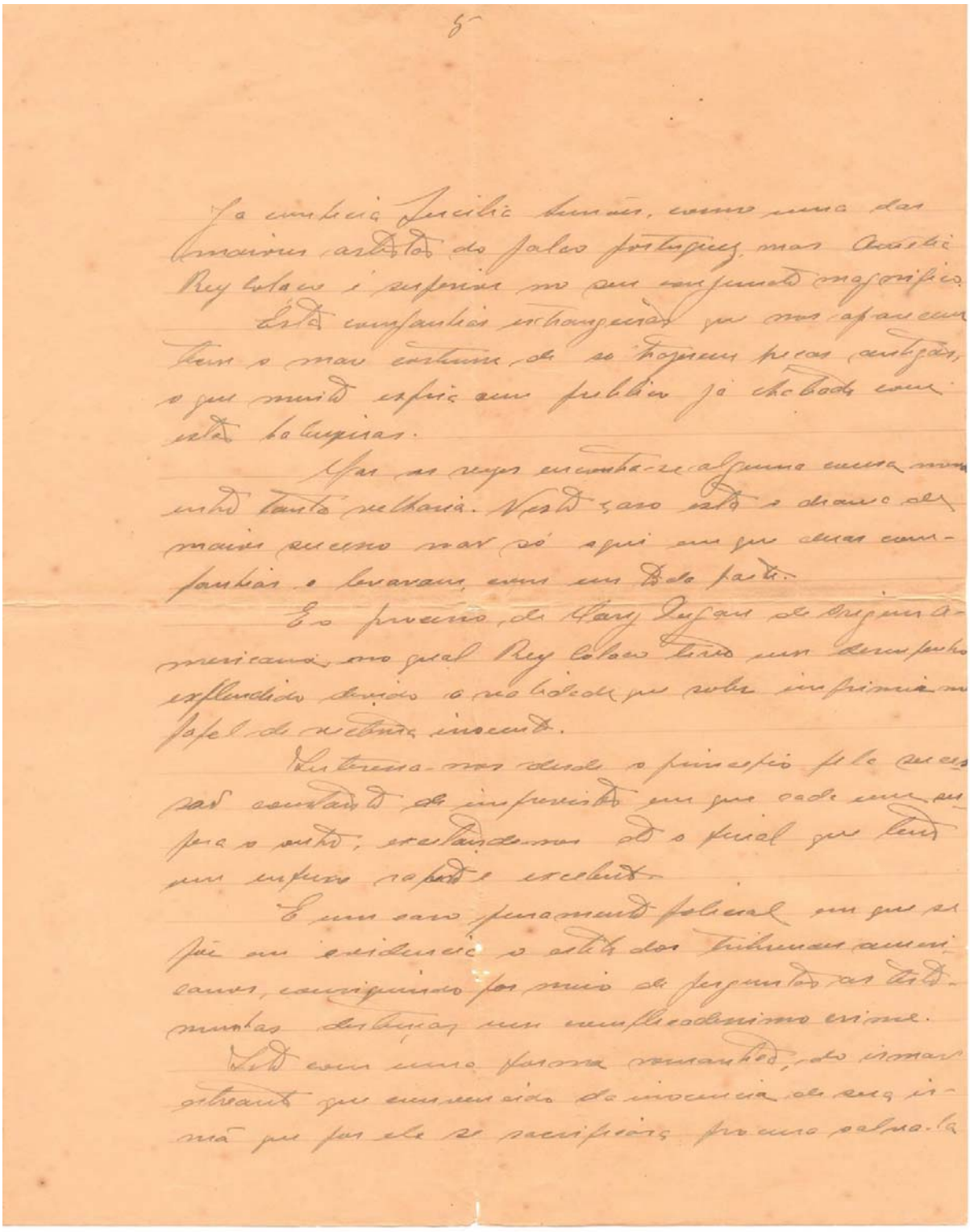
Quero apenas pegar notas que em todo espetáculo, não havia um só cenário que não tivesse algo de interessante e novo.

E quando a Igor volta vencido a cena é de realidade dos mortos, prostram-se muitos aos pés do vencedor.

Quanto o desempenho dos atores, soprano tinha as baixas baritonos e tenores, havia os bailados que era a nota de mais vida, foi tradução aquela em tempos não quer dizer exótica e barbaras.

E depois de tudo uma grande surpresa surpreendeu o luxo de alia aquela arte esplendorosa.

Carta n. 182, p. 5



5

Já conheci Jericho Brown, como uma das
maiores artistas do palco português, mas Amélia
Rey Colaço é superior no seu conjunto majestoso.

Esta companhia inteligente já nos apresen-
tou o mau costume de se fazerem peças antigas,
o que muito espírito em público já choca com
este belo espírito.

Mas as regras encontra-se alguma coisa mo-
rno tanto melhoria. Vestido caro até o drama de
mais puro amor só aqui em que duas com-
panhias o levaram, uma em cada parte.

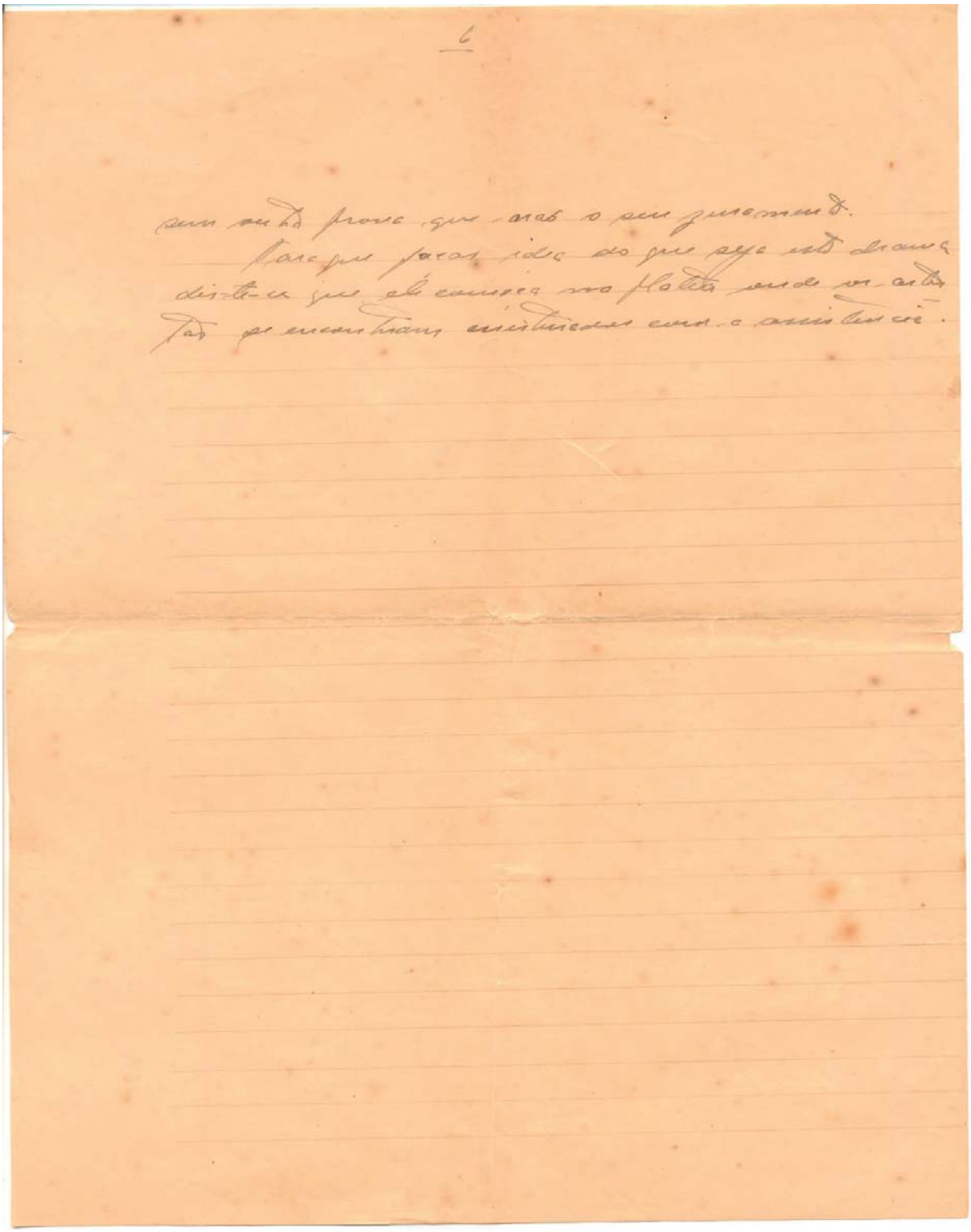
É o primeiro de Gary Inglaterra americana, no qual Rey Colaço tinha um desempenho
esplendido durão o no bocado que sobe imprimia no
papel de mulher inocente.

Lastimo-nos desde o princípio pelo que es-
sas cenas de imprensa em que cada um ap-
pela o outro, exclamando do final que tem
um espírito rapaz e excelente.

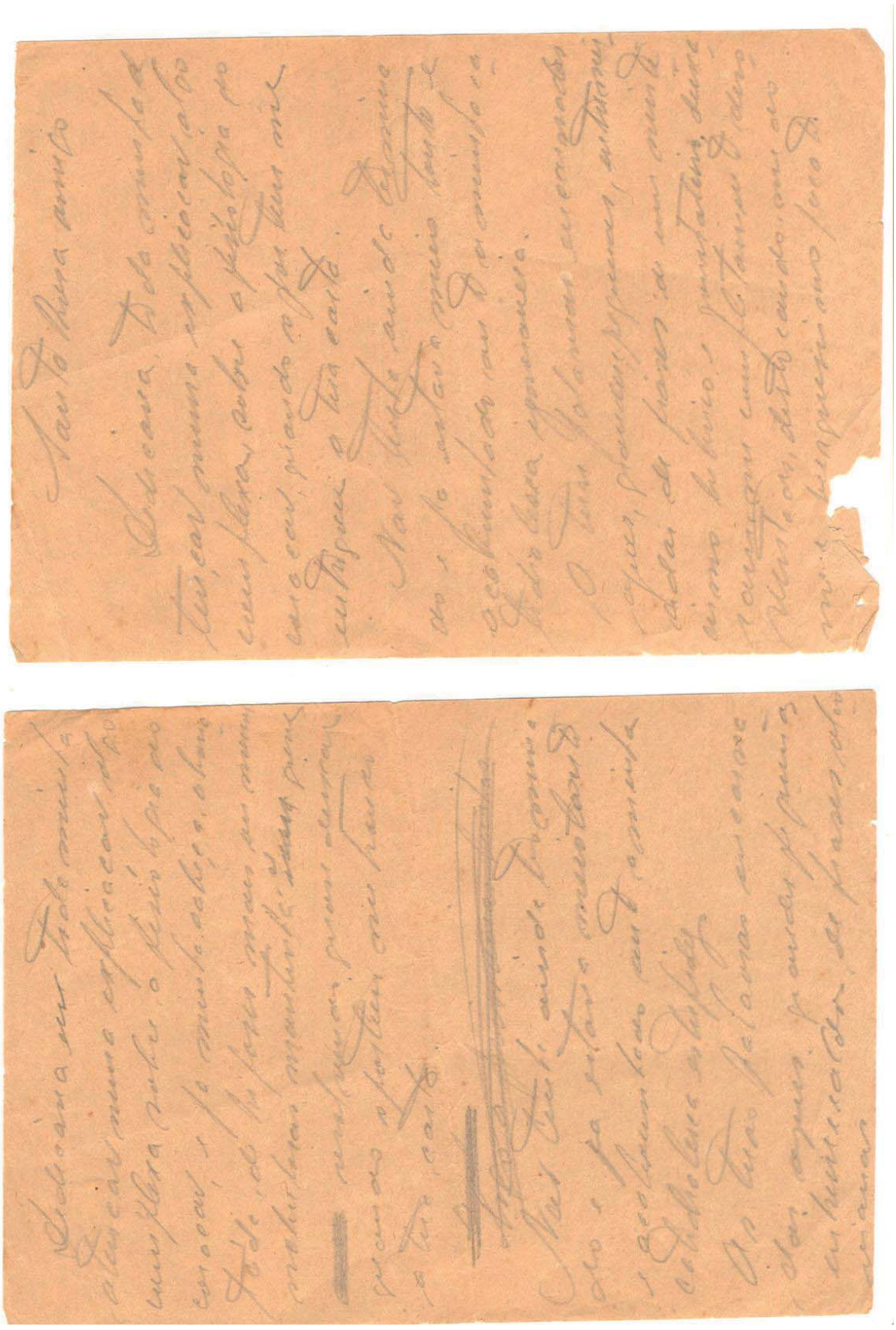
É uma cena juramento policial em que se
põe em evidência o estado dos tribunais ameri-
canos, caminhando por meio de perguntas as testa-
munhas de chegar num verdadeiro crime.

Vê com uma pena romântica, do inocente
atirante que encontra-se da inocência de sua ir-
mã que por ele se sacrifica pra não salvá-la

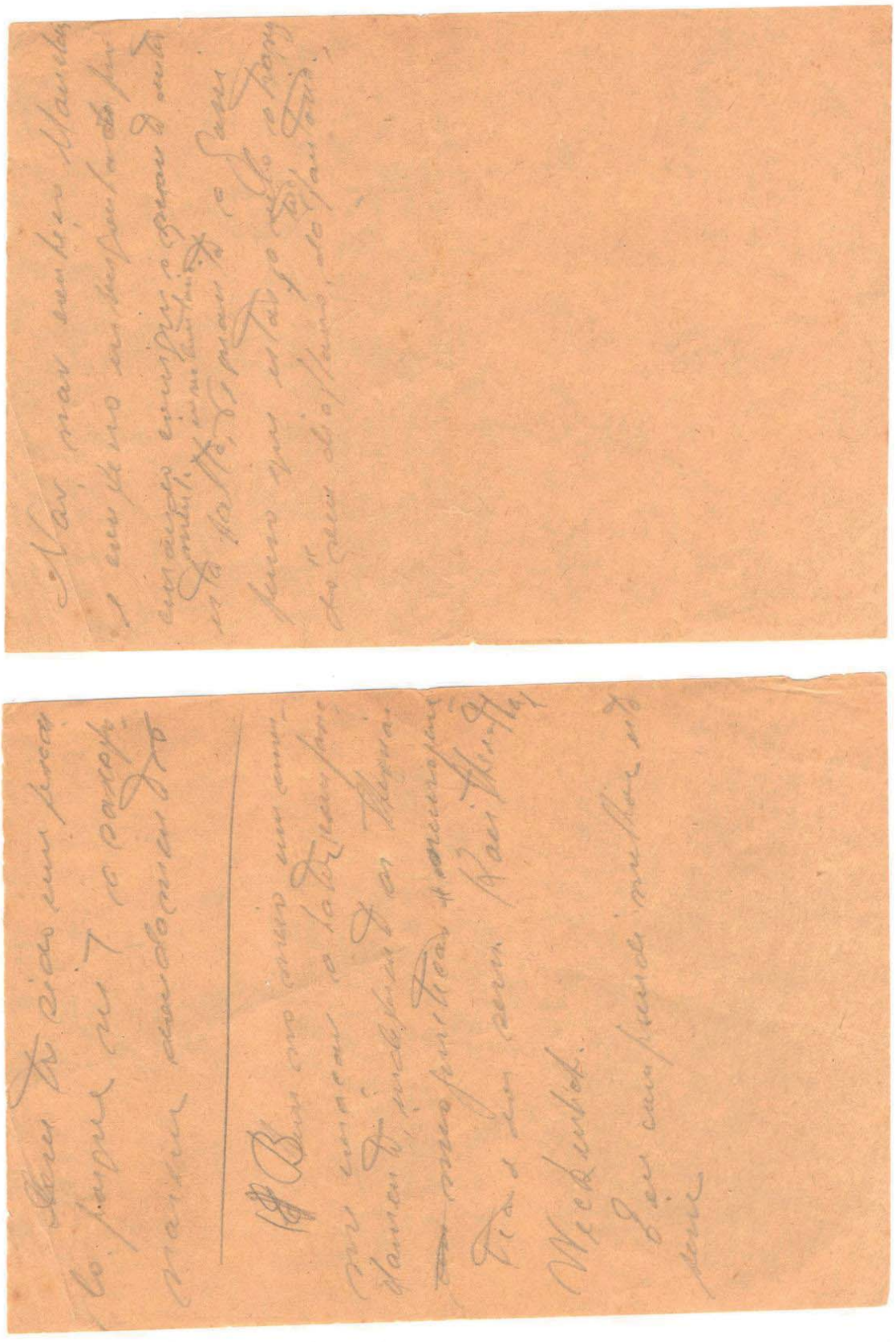
Carta n. 182, p. 6



Carta n. 183, p. 1 e p. 2



Carta n. 183, p. 3 e p. 4



Carta n. 183, p. 5 e p. 6

